CURSO DE
TUPI ANTIGO

DO MESMO AUTOR

Pequeno Vocabulário Tupi-Português. Livraria São José. Rio. 1951.

O Auto de São Lourenço. Uma peça teatral de Anchieta em tupi, castelhano e português. Rio. 1950.

O "Vocabulário na Língua Brasílica". Ministério de Educação e Saúde. Serviço de Documentação. Rio. 1948.

Estudos de Tupi. O "Diálogo de Léry" na restauração de Plínio Ayrosa. Rio. 1944.

Catecismo na Língua Brasílica do *P. Antônio de Araújo S. J.* Reprodução fac-similar da 1.ª ed. (1618). Rio. 1952.

Em preparação

Pequeno Vocabulário Português-Tupi.

P.e A. LEMOS BARBOSA

CURSO DE TUPI ANTIGO

GRAMÁTICA
EXERCÍCIOS
TEXTOS

★

4470

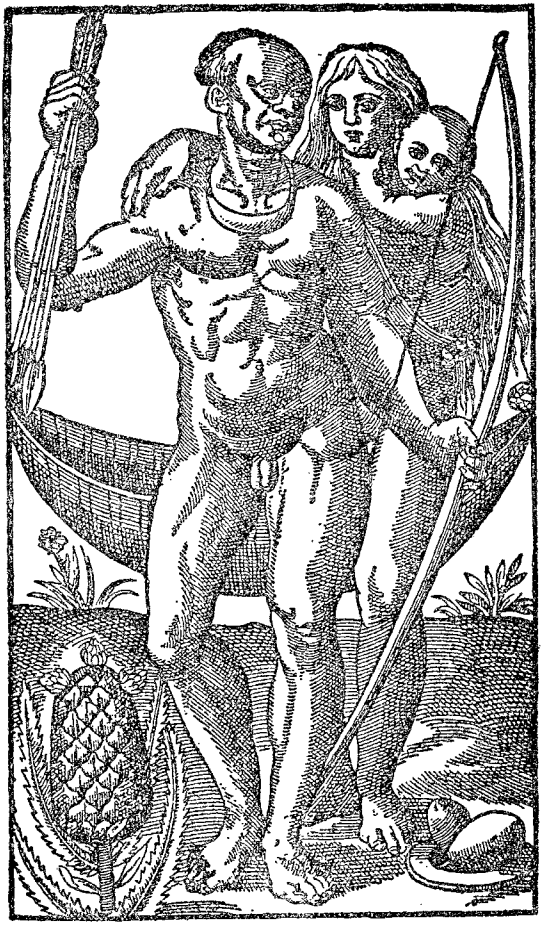
LIVRARIA SÃO JOSÉ
RIO

Correspondência sôbre esta obra:

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
Rua Marquês de S. Vicente (Gávea) 263 — Rio

A

BASÍLIO DE MAGALHÃES



Família tupi (LÉRY)

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

PREFÁCIO

Êste CURSO DE TUPI ANTIGO pretende facilitar o conhecimento do idioma falado pelo grupo mais importante de índios do Brasil. Língua vulgar prevalente nos primeiros tempos da Colônia, falada na catequese e nas bandeiras, instrumento das conquistas espirituais e territoriais da nossa história, o seu conhecimento, sequer superficial, faz parte da cultura nacional. Adotada como língua "geral" ou "comum" por índios de outros grupos étnicos e lingüísticos, pelos próprios portuguêses e, ao que parece, até por muitos negros, tornou-se laço de união entre os vários povos que formaram o Brasil, e destarte contribuiu para fortalecer, na América Portuguêsa, aquela unidade política que faltou à América Espanhola. De sua antiga preponderância são vestígios os nomes geográficos que semeiam o território nacional e os milhares de palavras incorporadas ao léxico brasileiro.

Fazia-se notada a falta de um compêndio moderno desta língua. Os até aqui publicados ou foram escritos ao tempo em que o tupi era ainda vivo, e não são, portanto, apropriados para as atuais circunstâncias (ANCHIETA, FIGUEIRA), ou se referem mais de perto ao dialeto guarani, seja o antigo (MONTOYA, RESTIVO, BATISTA CAETANO), seja o moderno (MONREALE, BOTTIGNOLI, GUASCH, etc.), ou ao nheengatu (CCUTO DE MAGALHÃES, SYMPSON, PARISSIER, STRADELLI, TASTEVIN, etc.), ou, enfim, são demasiado superficiais, quando não mal informados.

Esta obra, denominamo-la CURSO: um misto de gramática, vocabulários, exercícios e textos, desenvolvidos não pela clássica ordem gramatical, mas em pequenos ciclos, com a preocupação de possibilitar ao estudioso o assenhoreamento prático da língua, pela imediata formação de frases, gradativamente mais complexas. Lições a princípio mais simples, relegadas para o fim do volume as maiores dificuldades. Nos exemplos gramaticais, houve o cuidado de evitar grande variedade de vocábulos, para não distrair a atenção do fito principal: a aprendizagem do mecanismo da língua. Essa pobreza e monotonia

do texto é compensada pelo rico vocabulário manejado nos exercícios. Nestes, deu-se preferência aos têrmos relacionados com a cultura indígena, e às vozes irregulares. Pouca margem deixamos aos zoônimos e fitônimos: regulares, parco é o seu interêsse gramatical. Por outro lado, são de fácil consulta nos vocabulários e obras congêneres.

Fizemos uma gramática *expositiva,* e não um estudo histórico ou comparativo. Quisemos expor os fatos da língua, não explicá-los. Não vemos por que imprimir, logo de início, ao ensino do tupi, um cunho erudito, que não se dá ao estudo clássico das outras línguas, como o francês, o inglês, o latim, o próprio português. Ao comum dos leitores, letrados, porém não necessàriamente lingüistas nem americanistas, interessa conhecer o tupi, mas talvez não a sua história, nem as suas relações com outras línguas ou dialetos. Um estudo dessa natureza, ideal para os especialistas, poderia afastar grande número de iniciantes. Se a língua tupi interessa particularmente à cultura nacional, deve-se isso ao papel que o idioma desempenhou na história do país, assim como à contribuição que trouxe para o português falado no Brasil. Não são razões de caráter glotológico. Sob êste prisma, o tupi teria o mesmo interêsse que qualquer outro idioma indígena do Brasil ou da América. Pela mesma razão, o seu lugar no Curso Superior não é ao lado da etnografia nem da lingüística nem da antropologia, mas sim na seção de letras (conceito que no Brasil será mister alargar, pois que temos um passado próprio, com resultantes lingüísticas e culturais próprias). A isso acresce ponderar que o tupi não foi apenas uma língua *primitiva,* senão também língua de civilização ou "comum". Seu estudo, se quiser ser objetivo e real, não pode ser equiparado simplesmente ao dos idiomas de outros índios que nunca tiveram prolongado contacto lingüístico com os brancos.

Entenda-se, assim, por que conservamos a nomenclatura gramatical indo-européia, embora sabendo que em tupi não há gêneros, números, casos, etc. Procuramos destarte satisfazer à natural exigência do espírito civilizado de saber *como* se exprime na outra língua aquela categoria gramatical, sem a qual não se está acostumado a falar, talvez nem sequer a pensar. A nomenclatura, desde que a tempo reduzida ao seu verdadeiro lugar, não traz prejuízo real, e serve até de ponte entre os dois mundos: a língua civilizada e a língua primitiva.

Particularmente, afastamo-nos da nomenclatura e mesmo da técnica gramatical em uso entre os indigenistas norte-americanos. Conquanto admirável pela precisão e objetividade, tornou-se de tal forma especializada, que requereria um prévio estudo, não menos árduo que o próprio estudo da língua tupi. Desserviria, assim, ao objetivo de divulgação desta obra, destinada não a lingüistas mas ao grande público brasileiro, que dedica ao assunto um interesse crescente mas sem preocupação de cunho científico.

Na escrita obedecemos ao mesmo critério: um alfabeto simples, evitados, quanto possível, os caracteres exóticos. Fique o rigor fonético para as obras técnicas, de caráter lingüístico. Nenhum gramático português, espanhol, inglês, nenhum latinista se lembrou de usar o alfabeto fonético internacional nas suas obras de divulgação. Só abrimos uma exceção para as semivogais, que foram gravadas sempre *î, û, ŷ*. Dada a absoluta necessidade de distinguir entre ditongos e hiatos, após madura reflexão pareceu-nos essa a melhor alternativa.

O embaraçoso problema da divisão das palavras compostas, dos elementos incorporados, principalmente das partículas átonas, procuramos resolvê-lo eclèticamente. Fugindo tanto das palavras incomensuráveis dos antigos gramáticos, quanto da fragmentação em pequenas partículas átonas ou integrantes silábicas de outros morfemas. O hífen (de que alguém pensará que abusamos), pareceu-nos solucionar suficientemente o duplo problema: da decomposição semântica (importante para quem começa a estudar), sem prejuízo do feitio incorporativo da língua e sem quebra da unidade fonológica das palavras. Por outro lado, visto o caráter prevalentemente didático do hífen, não cause espécie se acaso, neste CURSO, uma mesma palavra figure ora com, ora sem êle.

Estuda-se aqui o *tupi antigo*, não o guarani nem os dialetos modernos, cujo contacto com o português se circunscreveu a regiões relativamente pequenas do território nacional.

Nosso estudo versa sôbre a língua documentada nos dois séculos que medeiam entre 1550 e 1750. Nessa época já o tupi se distinguia sensìvelmente do guarani, embora as divergências não fôssem profundas. Mas mesmo no domínio do tupi havia ligeiros matizes regionais, sobretudo no campo da fonologia (v. n. 26, 39).

Nesta obra, salvo indicação em contrário, trata-se do dialeto falado na Costa, desde o Rio de Janeiro até o Maranhão. Respeitamos o tradicional apelativo "tupi", que, entretanto, de início só cabia à tribo e à língua dos "tupis" (de São Vicente), tendo-se estendido

posteriormente às tribos e subdialetos costeiros e setentrionais. Por um contrassenso histórico, o dialeto dos legítimos "tupis" era o que mais se distanciava entre as tribos irmãs, aproximando-se bastante do guarani. Portanto, a língua *tupi* que se estuda neste CURSO, é mais exatamente a dos *tupinambás, tupiniquins,* etc. do que a dos legítimos "tupis". Apesar disso, conservou-se o nome "tupi", já consagrado como genérico por uma tradição de vários séculos. Os próprios autores que recentemente o substituíram por "tupinambá", vez por outra voltam ao velho etnônimo.

Pelo demais, êste CURSO não é senão a sistematização de quanto nos legaram os antigos gramáticos, ANCHIETA e FIGUEIRA, aproveitadas, quando compatíveis com o tupi, as observações de MONTOYA e RESTIVO sôbre o guarani. Há, sim, por vêzes, uma nova concepção gramatical, à luz dos exemplos dos mesmos mestres e de outros documentos preciosos, como o *Vocabulário na Língua Brasílica,* as obras de ARAÚJO, VALENTE, BETTENDORFF, etc., e, principalmente à luz da lingüística moderna, mas de uma lingüística modesta, mais de conclusões do que de citações. Aliás em geral citamos quase só exemplos, raramente opiniões de gramáticos. Dispomos dos elementos para defender cada uma de nossas afirmações, mas no caso de ser *provado* êrro nosso, prazeirosamente será corrigido. Como compensação pela escassez de citações, terá o leitor, no fim de cada Lição, a respectiva bibliografia.

Desde o título da obra excluiu-se a expressão "língua tupi-guarani", que nos parece inexata. Conhecemos sim as *línguas* tupi *e* guarani, ou, melhor, os *dialetos* tupi *e* guarani, estreitamente aparentados, mas com caracteres diferenciais bem nítidos. Conhecemos também o *grupo* (de línguas ou, melhor, dialetos) tupi-guarani. Mas dizer "língua tupi-guarani", só pelo fato de serem irmãos e parecidos os dois dialetos, é tão inaceitável como o seriam as expressões "língua luso-espanhola" ou "luso-galega".

Nos exercícios, demos preferência às pequeninas orações, sôbre assuntos vários, às vêzes até desconexos. Mediante elas, o estudioso estará em condições de formar outras.

A citação dos exemplos e textos em tupi é sempre feita na ortografia dêste CURSO. Dada a extrema variedade de sistemas gráficos e a finalidade didática dêste compêndio, seria contra-indicada qualquer outra orientação. Quando, por motivo didático, ou na citação de

textos guaranis, fôr necessária alguma adaptação que não atinja apenas a ortografia, logo depois do número da página citada irá a abreviatura "ad.", p. ex. (REST. 120 ad.). — Fique esta advertência bem *clara,* para conhecimento da crítica honesta.

Pareceu-nos de utilidade juntar à obra um índice remissivo dos prefixos, sufixos, palavras gramaticais e de todos os outros têrmos que a qualquer título tenham sido particularmente estudados neste CURSO.

Complemento necessário da obra, estão vindo a lume os *Pequenos Vocabulários Tupi-português* e *Português-Tupi,* enquanto se prepara um mais completo *Dicionário da Língua Tupi.*

Para outra oportunidade reservamos uma investigação de caráter mais especializado sôbre a índole da língua tupi. Estamos que trabalho dessa natureza, estritamente lingüístico, será mais fácil de realizar do que um curso de divulgação, como a presente obra.

Êste CURSO *encontra-se concluído há quase dez anos, e nesse intervalo não sofreu retoques de monta. Porventura, se o fôssemos redigir de novo, dar-lhe-íamos outro feitio, mais técnico. Tal como está, porém, quer-nos parecer que será mais accessível ao grande público.*

Muito raras altcrações fizemos ao texto durante a impressão, que levou mais de três anos. Acrescentou-se apenas a Lição 60a. e tudo o que se lhe segue. Também a bibliografia após cada Lição. Mas as obras mais recentes, inclusive nossa reprodução do Catecismo *de* ARAÚJO *(1.ª ed.), não interferiram em nada no corpo da obra, excetuados dois ou três passos.*

Nesse ínterim, têm-se acentuado alguns mal-entendidos, entre filólogos brasileiros, a respeito de estudos de tupi. Tratando-se de nomes conceituados, é justo que nos detenhamos um pouco num exame sereno de suas posições.

Comecemos pelo prefácio do recente tomo II do *Dicionário Etimológico da Língua Portuguêsa* de ANTENOR NASCENTES (Rio, 1952), p. X:

> "Tupi não se faz no asfalto. Faz-se na selva, em contacto com o índio, com o desconforto, com o mosquito, com as cobras e outros animais perigosos, numa verdadeira vida

de missionário. Precisamos fazer tábua rasa de tudo que se tem produzido em matéria de tupi e mandar aos Estados Unidos meia dúzia de rapazes, ou mesmo algum professor, que tenham gôsto por êstes estudos, para com os discípulos de Boas aprenderem os processos de estudarem línguas de selvagens, processos estes tão ligados à filologia quanto à antropologia".

O ilustre professor mostra-se não bem informado do assunto, laborando em alguns equívocos.

"Tupi não se faz no asfalto" — diz NASCENTES — mas no mato. Ora, o tupi da costa (precisamente o dialeto que contribuiu para o vocabulário comum e para a toponomástica geral do Brasil, de que NASCENTES faz os seus estudos etimológicos) é *lingua morta* e, como tal, já não se fala em mato algum. Seu estudo tem de ser histórico e filológico, documental, e em hipótese nenhuma será estudo de campo[1]. Os co-dialetos vivos podem trazer luz a algumas questões, mas indiretamente, como o galego atual talvez esclarecesse algo do português do século XVI.

Certo lingüista americano estranha que os investigadores brasileiros se dediquem tanto ao tupi antigo, língua morta, e não se voltem para as línguas indígenas ainda vivas. Reparo compreensivel, êste

---

(1) A simples idéia de "trabalho de campo" parece fascinar alguns espíritos, a ponto de menoscabarem os estudos "de gabinete". É óbvio que qualquer estudo sôbre índios ou suas línguas deve basear-se em observações diretas do índio ou de sua língua. Mas estas podem ser tanto as do próprio teorista como as de outro informante fidedigno. Negar isto seria admitir a experiência pessoal como fonte única de conhecimento certo, deitando por terra todo o edifício da ciência. Verdade isto da etnologia, muito mais o é da lingüística. Pois se não é possível trazer uma tribo para a cidade, é fácil ter à mão informantes nativos e mesmo textos autênticos gravados. Veja-se, p. ex., o que diz FLOYD G. LOUNSBURY (Universidade de Yale) no seu artigo *Field Methods and Tecniques in Linguistics*, na recente e mais que autorizada publicação *Anthropology Today, An Encyclopedic Inventory prepared under the Chairmanship of* A. L. Kroeber. The University of Chicago Press (Chicago, 1953), p. 406:

"A complete grammatical analysis need not be carried out while in the field. In fact, if a large enough collection of texts is available, this can be done without access to a native informant".

Por onde se conclui que a convivência pessoal com o povo indígena não é de tão absoluta importância como pretende A. NASCENTES, e que o seu rigor quanto à técnica de trabalhos lingüísticos não está atualizado nem mesmo para o estudo das línguas vivas.

sim. Êle não exige que se vá à selva estudar uma língua morta; pelo contrário, porque a sabe morta, pede que se dê atenção também às vivas... Talvez um lingüista americano não alcance o que significa o tupi antigo para os estudos históricos, filológicos e etimológicos brasilianos, pois nada de semelhante se deu com as línguas norte-americanas. Entretanto, seguindo a mesma linha de pensamento, um americanista europeu, que não tem oportunidade de vir à América, poderia lamentar que os lingüistas do Novo Mundo não consagrem ao trabalho de campo todo o tempo que dedicam ao latim... ou à crítica. Surpreende, porém, que um renomado etimologista brasileiro, que há anos vem prometendo um dicionário etimológico de brasileirismos, lamente a falta de estudos dos dialetos vivos, que pouca ou nenhuma atuação tiveram na língua do Brasil, e por essa falta explique as deficiências de seu dicionário.

Não há o que opor ao alvitre de mandar estudiosos para o... asfalto americano, a estudar com os "discípulos de BOAS"[2] — muito embora não nos conste que para estudar línguas de "selvagens" haja algum método diferente do das outras línguas vivas. Mas quem conheça por dentro as obras dos discípulos de BOAS, sabe que nem tôdas foram preparadas no mato e que algumas foram redigidas com índios residentes na cidade. Tanto mais que para esclarecer as dúvidas etimológicas de NASCENTES, de nada serve estudar os dialetos atuais dos Tapirapés ou dos Tembés, nem o guarani platino ou o nheengatu amazônico. O que importa é conhecer o tupi antigo, língua que subsiste apenas na documentação histórica. A vida inteira entre os Apiacás ou entre os Parintintins, com cobras e lagartos, não explicaria uma letra das palavras *Niterói, Macaé, Bertioga, Araruama,* nem de *tacape, carioca, inúbia, pindaíba* ou *peró.*

Diante de tudo isso, fica-se a imaginar o que poderá ser o *Dicionário Etimológico de Brasileirismos,* que NASCENTES nos vem

(2) Para alguns filólogos brasileiros, BOAS continua a ser a última palavra em matéria de lingüística indígena. É incontestável a influência que exerceu o grande cientista na direção dêsses estudos, sobretudo pelo seu "descobrimento" de que as categorias lingüísticas não são universais nem têm correlação com os diferentes tipos de cultura. Os modernos lingüistas continuam a nortear-se pelo princípio de BOAS de que cada língua deva ser estudada em si mesma e não pela comparação com a estrutura de outras. Mas o "método" de BOAS para o trabalho lingüístico é hoje antiquado e insuficiente. Cfr. FLOYD G. LOUNSBURY, op. cit., p. 408. Quem fôr à América aprender com os discípulos de BOAS os processos de estudar línguas de índios (ou "selvagens" — como diz NASCENTES), verificará que exatamente nisso êles são menos discípulos do mestre.

prometendo há tantos anos. Grande contingente de brasileirismos são de origem tupi. NASCENTES condena o estudo citadino do tupi. Acha que se deve fazer tábua rasa de tudo o que já se escreveu até hoje sôbre o assunto. Por outro lado, nunca foi estudá-lo no mato. De que fonte serão as origens tupis que nos oferecerá, e para as quais "já estão devidamente ordenadas as respectivas fichas"?

Podemos fazer ideia por algumas amostras. Assistimos a uma defesa de tese de concurso para livre docência de português na Faculdade Nacional de Filosofia, em que A. NASCENTES, na argüição, afirmou que a palavra "inúbia", tirada da *ianybia* de JEAN de LERY e vulgarizada pelos romanticos, provém de uma transcrição defeituosa da palavra *mimby* "flauta" (o *m* inicial teria sido tomado por *in*) [3]. Ora não se faz mister ir ao Xingu para ver que os tupis não podiam chamar com o mesmo nome (*mimby*) dois instrumentos nativos tão diferentes como a flauta e a trombeta. Basta ir a p. 66 do *Dicionário Português e Brasiliano,* onde vem *jombyá* na accepção de "buzina". Cfr. ainda p. 246 e ARRONCHES 86 (*jumiá*), STRADELLI 134 (*iumiá*). O problema se resolve não no mato mas na bibliotéca.

Clara compreensão do assunto demonstra o prof. ARION DALL' IGNA RODRIGUES (Universidade de Curitiba), em seu recente artigo *Analise morfologica de um texto tupi,* Logos, VII, n.º 15 (Curitiba, 1952):

> "Sendo o Tupi antigo (sécs. XVI-XVII) uma língua morta, apenas atestada documentalmente, todo o estudo que dela se faz há de ser baseado em documentos: gramáticas, vocabulários e textos; êsse estudo é, pois, de um cunho nitidamente filológico".

Não estranhe o leitor se nos estendemos nesses esclarecimentos. Ao lado de arremetidas francas, como a de A. NASCENTES, sente-se uma guerra fria aos estudos de língua tupi, por parte de alguns filólogos brasileiros. Como essa oposição se diz feita ora em nome da lingüística ora em nome da filologia portuguêsa, é tempo de colocar as cousas nos seus lugares.

---

(3) Em publicações, NASCENTES já veiculara essa explicação, que vem de BATISTA CAETANO, *Apontamentos sôbre o Abanheenga,* 2.º opúsculo, p. 4.

Do equívoco primário de supor o tupi colonial uma língua viva, que possa ser estudada pelo método etnológico-lingüístico, surge outro mal-entendido, evidenciado na assertiva de NASCENTES de que "a transcrição só com Tastevin tomou algum jeito. É esta a transcrição que sigo...".

Dir-se-ia que a língua documentada por TASTEVIN é o mesmo tupi antigo. Ora, o nheengatu amazônico das obras de TASTEVIN é um dialeto civilizado ou "crioulo", falado por descendentes de arauaques, e que do tupi mal conserva o vocabulário, muito alterado e reduzido, tendo simplificado inteiramente a morfologia e a sintaxe, tornando-se uma língua analítica ao extremo. NASCENTES navega na esteira de TASTEVIN, que cuidou estar tratando com o mesmo tupi colonial, apenas mal apreendido pelos antigos gramáticos.

Prossegue NASCENTES:

> "numa época em que se dispõe de aparelhos de gravação, palatos artificiais, olivas nasais, quimógrafos, etc., não nos podemos contentar mais com informações teóricas".

Consigne-se aqui êsse paradoxo de exigir para o estudo do tupi um rigor "científico" que não se aplica ao estudo da língua portuguêsa. Em valiosa obra, ainda há pouco reimpressa, sôbre língua viva (o linguajar carioca), o sr. A. NASCENTES não se serviu de nenhum dêsses aparelhos que declara indispensáveis para observação do tupi, língua morta. O linguajar carioca, e mesmo a fala brasileira em geral, tão nìtidamente diferenciados da fala portuguêsa, já foram objeto de observações através de palatos, olivas ou quimógrafos? A filologia brasileira, tão erudita e rigorosa com os indigenistas, contenta-se, para uso interno, com informações "teóricas"? Será a técnica moderna menos útil ou accessível para a caracterização fonológica dos dialetos românicos?

Sejamos sinceros. Certa filologia brasileira está mais bem informada sôbre a dialetologia portuguêsa (continental e colonial) do que sôbre a língua que se fala no Brasil. Mais voltada para o português arcaico e clássico do que para a realidade lingüística nacional. Trata mais das construções de GIL VICENTE e do *Palmeirim da Inglaterra* do que do vocabulário brasileiro. Condena indistintamente tudo o que se tem escrito sôbre tupi, tachando de antiquados, líricos, artificiais os métodos seguidos, mas não dá exem-

plo de objetividade científica enquanto persiste nas velhas preocupações de ética lingüística, do que é ou não "correto", tomando como ponto de referência não os fatos atuais mas o uso dos "bons autores", portuguêses e clássicos de preferência [4].

Outro ponto para o qual se volta o zêlo lingüístico de alguns críticos: a "artificialidade" dos antigos documentos tupis. Diz-se que os textos dos jesuítas são fictícios, versam assuntos estranhos à cultura indgena (p. ex. nos catecismos, sermões, poesias, etc.), aceitam neologismos inventados pelos Padres, não se sabe se com real penetração na língua, etc.

Longe de nós contestarmos o que há de verdade nessas observações[5]. Os antigos missionários pagaram tributo à mentalidade dominante na época. Considerando a cultura européia e as línguas clássicas o tipo ideal de cultura e de linguagem humanas, não lograram compreender o interêsse de registrar produções espontâneas de uma língua de índios. Deixaram-nos inúmeras traduções de livros europeus, de composições ocidentais; não nos legaram uma só lenda ou narração autêntica no idioma nativo. Dessa natureza restam-nos apenas frases esparsas. Segue-se que aqueles textos não têm interêsse para a etnologia, por isso que não traduzem o pensamen-

(4) Compreende-se que a gramática normativa da língua literária — "o que se pode ou se deve ou não dizer" — procure conservar seu lugar ao sol, tanto quanto os códigos de etiqueta social ou das modas de verão. Mas que não se considere menos artificiosa do que um texto de catecismo indígena, mil vêzes burilado sob o controle da língua viva. Nem mais digna de ser objeto da ciência lingüística. Cfr. LEONARD BLOOMFIELD, *Language* (N. York, 1945), p. 3-4; 496 s; J. MAROUZEAU, *La Linguistique* (Paris, 1950), p. 51 ss; 112; 120-121.

(5) Façamos, porém, uma ressalva. Não é justo que se aplique indiscriminadamente êsse juízo crítico. Na literatura indígena dos antigos missionários (gramáticas, vocabuiários, sermões, poesias, etc.), cabem também as variedades e as graduações. Houve observadores mais e menos cultos, mais e menos perspicazes. E houve línguas mais favorecidas que outras. A literatura em língua tupi (e o mesmo vale da guarani) ocupa uma posição singular entre tôdas. Durante dois séculos, uma série ininterrupta de cultos jesuítas, oriundos de várias nações, consagraram-se ao estudo dos dialetos tupi e guarani, chegando a encetar um movimento literário, filológico e editorial em plena selva, sem paralelo mesmo nos Andes e no México. A ortografia, através de sucessivos aperfeiçoamentos, chegou a uma exatidão prática em nada inferior à portuguêsa e à castelhana do tempo, — para não falar da inglesa e francesa atuais.

to nem a cultura do índio[6]. Mas daí a recusar-lhes qualquer valor como documentos filológicos e lingüísticos só seria justo se a Lingüística fôsse mera disciplina auxiliar da Etnologia, destinada tão só a desvendar aos olhos do etnólogo o pensamento e a cultura dos primitivos. Ora o objeto da Lingüística não é o pensamento nem a cultura, mas a expressão simbólica e vocal do pensamento ou emoção[7]. — Um catecismo em língua indígena não é mais artificial do que uma lenda indígena escrita em português. Nem do que uma tragédia de Sófocles, representada em inglês.

O que é artificial na literatura missionária é o pensamento ou quiçá a cultura que se põe na língua do índio, não necessàriamente a língua em que se expressa aquêle pensamento. As palavras, o material sonoro empregado, os conceitos gramaticais expressos, os processos que os exprimem, os prefixos, os sufixos, a ordem das palavras, enfim tudo o que é material estritamente lingüístico (e não apenas cultural) tudo ali é autêntico e legítimo — excetuado algum ou outro neologismo ou êrro acidental — e não um artifício lingüístico, como seria, p. ex., um discurso em esperanto ou uma poesia em volapuque.

Para maior clareza, suponhamos que um índio narre a lenda de Sumé em tupi, em português e em esperanto. Nos três casos, o conteúdo etnológico é o mesmo, genuíno e autêntico. O modo (lingüístico) de expressar êsse conteúdo é também genuíno nos dois primeiros casos, artificial apenas no caso do esperanto. Por quê? Porque no esperanto, tanto o material sonoro sistematizado quanto o convencionalismo do sinal semântico não vêm de uma

(6) Já tivemos ocasião de estudar textos tupis que não só registram cenas autênticas da vida indígena, mas conservam o próprio torneio do diálogo nativo, com o seu sabor agreste. Cfr. A. LEMOS BARBOSA, *O Auto de São Lourenço* (Verbum, t. VII, Rio, junho 1950). O Pe. GUILLERMO FURLONG S. J. acaba de reimprimir em fac-símile a primeira parte dos *Sermones y Exemplos en lengua guarani*, obra de um índio das Reduções, NICOLAS YAPUGUAY (San Francisco Xavier, 1727). No prefácio, prova que YAPUGUAY foi o verdadeiro autor, redigindo por própria conta o que ouvia na igreja. "Nenhum jesuíta escreveu cousa mais elegante" atestou o Pe. José PERAMÁS. Êsse mesmo YAPUGUAY servia constantemente de intérprete a RESTIVO tôda vez que êste tratava de se explicar com mais elegância em guarani.

(7) A lingua é parte integrante da cultura (entre os contemporâneos, apenas VOEGELIN considerou discutível êsse princípio). Entretanto, um fenômeno lingüístico nem sempre atinge os outros setores da cultura. E vice-versa.

herança social, mas de uma iniciativa de criação consciente e artificial.

Quase tudo o que se sabe da língua gótica é o que contêm os fragmentos da tradução da Bíblia, feita pelo bispo WULFILA no século IV. Mera versão de um texto hebreu-greco-latino, que nada representa da cultura gótica, texto "artificial", ninguém entretanto lhe recusará o máximo interêsse lingüístico: lá está eternizado o mecanismo gramatical, o material sonoro e grande acervo vocabular de um idioma extinto.

Também nos documentos missionários, a artificialidade não atinge a medula da língua. Confina-se dentro do vocabulário, e isto mesmo só em casos excecionais. Tendo sido indispensável aos Padres fazerem-se entender, em assunto inteiramente novo para os índios, não é crível que se dessem ao trabalho de compor, corrigir, limar por anos fio, e afinal imprimir, com tantos sacrifícios, cousas que não tivessem sentido para os destinatários. Convimos apenas que, não a organização interna das orações, mas sim a seqüência dos períodos, a trama ou técnica do discurso obedecem às tradições literárias ocidentais.

A distinção entre vocabulário e material gramatical é familiar aos filólogos patrícios e por êles invocada quando querem contestar influência tupi no português do Brasil. É o que diz, p. ex., o prof. ERNESTO DE FARIA neste parecer típico:

> "Quanto à pretensa influência lingüística do Tupi no Português é também, pelo menos até hoje, lirismo lingüístico, pois tal estudo ainda não foi feito objetivamente. Aliás, influência lingüística pode afirmar-se não ter havido, por não se ter ela manifestado nos processos gramaticais, isto é, na fonética, morfologia e sintaxe. Algumas dessas inculcadas influências fonéticas, morfológicas e sintáticas têm sido, uma por uma, desmascaradas pelo estudo da dialetologia portuguêsa, que aponta os mesmos fenômenos em regiões de Portugal, onde suas populações não tiveram o menor contacto com o indígena".

Observem-se as seguintes confusões: 1.º) chama-se à fonética, morfologia e sintaxe "processos gramaticais"; 2.º) considera-se o vocabulário algo estranho à lingua e à lingüística: portanto uma penetração de dez mil vocábulos de uma língua em outra língua

não seria influência lingüística; 3.º) nega-se influência lingüística (entenda-se "gramatical"), depois de reconhecer que o assunto ainda não foi estudado objetivamente; 4.º) admite-se que o simples fato da existência de um mesmo fenômeno num dialeto português é bastante para "desmascarar" a influência tupi no caso do português do Brasil; 5.º) o que implica uma premissa de que dois fenômenos lingüísticos idênticos só possam provir de uma mesma causa[8]. Não se sente necessidade "científica" de provar "objetivamente" que houve atuação histórica daquele dialeto na língua do Brasil. Reconhecemos a precipitação de alguns brasileiristas. Mas não são menos patentes os sintomas de lirismo lingüístico em certo reacionarismo lusófilo.

É importante sublinhar que os documentos missionários, se não satisfazem pelo método seguido e pelos objetivos procurados, têm a seu favor a experiência de vidas inteiras no convívio das aldeias. Neste sentido superam a quase totalidade dos trabalhos realizados por especialistas modernos com tôda a técnica e recursos atuais. Vale das línguas o que diz LOWIE da religião e da vida de familia:

> "No tocante a temas como êstes, os missionários, os mercadores de peles e outros, cuja profissão exige longa permanência num determinado lugar, tornam-se amiúde superiores aos próprios especialistas modernos. A religião dos aborígines do Brasil se depreende com maior clareza das crônicas dos primeiros portuguêses, franceses e alemães, que visitaram aquelas regiões, do que dos trabalhos de etnógrafos tão prestigiosos como Karl von den Steinen e Fritz Krause..."[9].

Eis por que, apesar do progresso dos métodos lingüísticos, as informações que temos sôbre a língua dos antigos tupis e guaranis não foram superadas pelas de nenhuma outra língua indígena atual do país.

---

(8) Os mesmos fenômenos se repetem monòtonamente nas mais distantes línguas do globo. Sobretudo ao campo da fonologia, as variedades não são muito numerosas.

(9) ROBERT H. LOWIE, *História de la Etnologia* (México, 1946), p. 16.

Biblioteca Nacional
Municipal de
Ponta Grossa

Alega-se que nas gramáticas houve a preocupação de nivelar os dialetos e de subordinar a língua à gramática latina.

A primeira asserção é inteiramente inexata, e precisa ser desmentida de uma vez por tôdas. Tanto ANCHIETA como o *Vocabulário na Língua Brasílica* e os dicionaristas guaranis registram as variantes locais e chamam para elas a atenção dos leitores. O PE. PAULO RESTIVO na sua obra inédita *Frases selectas y modos de hablar* tem um apêndice de 5 páginas em duas colunas para consignar "Varios vocabulos, y modos de hablar no vsados en San Xauier, ni en Santa Maria; pero por si acaso fueren vsados en alguma parte destas Reduciones...".

Já a segunda afirmativa é verdadeira. Os velhos gramáticos, defrontando-se com idiomas de índole totalmente estranha, não souberam caracterizá-los senão em relação com as línguas e gramáticas clássicas. Não há por que admirar, se as gramáticas portuguêsas da época eram moldadas na latina, da qual, aliás, até hoje não se libertaram inteiramente, como ainda não se libertaram da escolástica [10] e de outros defeitos tradicionais [11].

Acrescente-se que os gramáticos e missionários, desde ANCHIETA até RESTIVO, mostraram clarividência e intuição de muitos fenômenos específicos da língua, e neste ponto superam a maioria dos modernos gramáticos do tupi amazônico e do guaraní do

(10) Veja-se, p. ex., a divisão entre substantivos abstratos e concretos em quase todos os compêndios. Ao lado dessas distinções filosóficas (nem sempre bem conceituadas) de pouco ou nenhum interesse lingüístico, nem uma palavra se lê sôbre realidades lingüísticas, como a diferença de tom, ascendente e descendente, nos dois tipos de interrogação: a *alternativa*, que pede uma resposta sim-ou-não (o navio chegou?) e a *especificativa* (quem chegou?, quando chegou?, como chegou?, quantos chegaram?). Feitura fonêmica de nossas línguas ocidentais, mas que merece apontada, pois que não é universal na linguagem humana.

(11) A gramática francesa, p. ex., continua a dizer que o feminino de *haut, chaud, sourd, froid* se obtém pelo acréscimo de um *e*. Ora, na língua viva, não desfigurada por uma escrita obsoleta, o que caracteriza o feminino daqueles nomes não é um *e* — que não existe (pois não se pronuncia) — mas o acréscimo de uma consoante: masc. *ô, xô, sur, frwá, tu;* fem. *ôt, xôd, surd, frwad*. A gramática ensina que o plural do artigo *le* se faz com o simples acréscimo de um *s*. Ora, na realidade há duas formas de plural, nenhuma com *s*, ambas com mudança da vogal para *e* aberto; *a* primeira (*lé-*) pré-consonantal, a segunda (*léz-*) pré-vocálica: *les jours* [*léjur*], *les êtres* [*lézétr*].

Prata. Atente-se, p. ex., nestas observações de RESTIVO sôbre a falta do conceito gramatical de número no nome:

> "Todo nome é indeclinável na língua... O plural não se distingue do singular; das circunstâncias se há de concluir quando é singular e plural. Sendo necessário distinguir o plural do singular, pospõe-se-lhe a particula *hetá* que significa muitos... Disse: sendo necessário, porque quando não há necessidade, deixam-na..." [12].

Por onde se vê que a subordinação à gramática latina é apenas externa e aparente, não forçando em nada o conteúdo da língua. Conserva-se o quadro formal latino, e comparam-se a êle, sem violência, os fatos indígenas.

Confiava-me, com algum humor, famoso etnólogo francês, de passagem pelo Rio, que, embora admirando a sabedoria dos lingüistas indígenas americanos, quando buscava noções acessíveis sôbre a língua de determinada tribo, não recorria a êles mas às artes dos missionários. É que certas análises tomaram caráter técnico tal e são vasadas em linguagem tão esotérica que se diriam destinadas a serem lidas só pelos seus próprios autores. Algumas valiosas monográfias nem puderam ser impressas, tão restrito é o número de pessoas capazes de aproveitá-las ou interessadas nisso. E mesmo um bom lingüista, com aquelas análises espectroscópicas à mão, não traduziria uma linha de um texto indígena. Esperar aprender por elas uma língua seria como querer ter uma idéia do corpo humano pela sua análise química. É bom que se diga isso àqueles que batem caixa à lingüística indígena americana e menosprezam todo estudo que não venha acompanhado de quimógrafos, olivas nasais, etc., ou que não siga os moldes técnicos da análise descritiva —

(12) PAULO RESTIVO, *Arte de la lengua guarani* (Stuttgard, 1892) p. 11. Cfr. também, a pp. 30-31, como a seu modo sabe dizer que não existe a categoria de tempo no verbo guarani. No Suplemento da *Breve Notícia de la Lengua Guarani* (Stuttgard, 1890), p. 65, do mesmo autor, vem um paradigma de conjugação verbal guarani, paralelo ao latino, precedido desta justificativa que diz tudo:

> *"Porque los principiantes no se consuelan, no teniendo la conjugación del verbo por todos sus modos y tiempos, va la siguiente..."*.

muito embora ninguém até hoje tenha tentado a análise estrutural da lingua portuguêsa [13].

Sina essa dos estudos lingüísticos indígenas: dêles só se pode tratar com todo o rigor técnico. Sôbre inglês, sôbre latim, sôbre biologia, geografia e até sôbre física nuclear, um sábio pode escrever artigos leves ou livros de divulgação. Quem fizer isso com idiomas indígenas, é tachado de ufanismo, diletantismo, lirismo, falta de critério lingüístico. Como a filologia brasileira ignora tanto as línguas que se falaram como as que ainda se falam entre os índios do país, o único critério de que dispõe para julgar os trabalhos do gênero é o aparato externo com que êles se apresentam: citações, nomenclatura, maquinário, etc.

(13) Os verdadeiros lingüístas sabem distinguir objetivos e métodos. Anote-se, por ex., o que diz um dos mais conceituados autores contemporâneos:

"Whether one employs one or another type of terminology is dependent very largely upon the prospective readers of any grammar. If one is writing for a scientific journal read by professional linguists, then the terminology may be as technical as the subject matter warrants. On the other hand, if one's description of the language is intended for people who have had only the traditional orientation to grammar, then it is essential that the technical vocabulary be reduced to a minimum. Furthermore, for such readers it is impossible to rely entirely upon the concise descriptions of morpheme distribution by classes. One must cite numerous paradigms. Despite the fact that traditional grammars have many uneconomical ways of describing features, there are certain pedagogical features which must not be overlooked... The type of scientific description which we have been studying in this book is not designed to be applied to constructing a textbook to be used by people learning a language. It is the type of organization of data which should underlie the construction of a good pedagogical grammar, but it is no substitute for one". EUGENE A. NIDA, *Morphology, the descriptive analysis of words.* Ann Arbor. University of Michigan Press (Michigan, 1953), p. 240.

Justifica-se, pois, a norma tradicional, que preferimos, de descrever a língua tupi não em si mesma e para lingüistas, mas comparando-a com os idiomas familiares à maioria dos leitores. Pela mesma razão, evitaram-se as grandes sínteses, que difeririam por demais dos esquemas de nossas linguas ocidentais.

ABREVIATURAS

ad.	adaptado
	adaptação
adj.	adjetivo
afet.	afetivo
ag.	agente
an.	animal
apóc.	apócope
árv.	árvore
at.	ativo
c.	cousa
cfr.	confere
cl.	classe
comp.	composto
compl.	complemento
condic.	condicional
conjug.	conjugação
cont.	continuação
contr.	contração
corr.	corrigido
	corruptela
cpr.	compara
d.	direto
def.	defectivo
dem.	demonstrativo
determ.	determinação
	determinativo
dim.	diminutivo
dir.	direto
dubit.	dubitativo
dur(at.)	durativo
e.	exclusivo
exc.	exceção
explet.	expletivo
f.	futuro
f.-p.	futuro-passado
freq.	freqüentativo
fut.	futuro
g.	gente
ger.	gerúndio
guar.	guarani
h.	homem
i.	inclusivo
i. é	isto é
ib.	ibidem
id.	idem
imperat.	imperativo
ind.	indireto
índ.	índice
indet.	indeterminado
indic.	indicativo
inf.	inferior
	infinito
infin.	infinito
intj.	interjeição
intr.	intransitivo
invis.	invisível
irr.	irregular
iter.	iterativo
lit.	literalmente
locat.	locativo
m.	mulher
n.	nome
n.	número
neg.	negativo
ns.	nomes
obs.	observação
obj.	objeto
	objetivo

opt(at.)	optativo	*s.*	seguinte
p.	pessoa		semelhante
	paralelo		singular
	passado	*sb.*	substantivo
pac.	paciente	*sing.*	singular
permiss.	permissivo	*ss.*	seguintes
p.-f.	passado-futuro	*sub.*	subordinado
pl.	plural	*subent.*	subentende-se
port.	português	*subjet.*	subjetivo
poss.	possessivo	*suf.*	sufixo
pp.	pessoas	*suj.*	sujeito
pr.	próprio	*sup.*	superior
pred.	predicativo	*tr.*	transitivo
pref.	prefixo	*trad.*	traduzir
prep.	preposição	*v.*	vide
pron.	pronome		verbo
	pronunciar	*var.*	variante
ptc.	partícula	*vb.*	verbo
q. v.	quod vide	*vd.*	vide
rec.	recíproco	*vis.*	visível
redpl.	reduplicação	*voc.*	vocativo
refl.	reflexivo	†	portuguesismo
reg.	regido	+	mais
rel.	relativo	←	forma que provém de
retr.	retransitivado	→	forma de que provém

ABREVIATURAS DE NOMES PRÓPRIOS

ANCH.	ANCHIETA
AR.	ARAÚJO
BETT.	BETTENDORFF
Conq. Esp.	*Conquista Espiritual* (MONTOYA)
Crest.	*Crestomatia* (FERREIRA FRANÇA)
FIG.	FIGUEIRA
MONT.	MONTOYA
NIC.	NICOLÁS (YAPUGUAY)
S. Lour.	*Auto de S. Lourenço* (ANCHIETA)
REST.	RESTIVO
Tes.	*Tesoro de la lengua guarani* (MONTOYA)
VLE	*Vocabulário na Língua Brasílica* (ANÔNIMO)

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

LIÇÃO 1.ª

LEITURA

1. O tupi não tinha escrita. Cada gramático ou observador europeu procurou transcrevê-lo no alfabeto de sua língua nativa, com adaptações.

Nosso alfabeto aqui será o seguinte:

a, b, (d), e, (g), h, i, î, k, m, n, nh, o, p, r, s, t, u, û, x, y, ŷ

Segue-se uma exposição sumária e didática da pronunciação tupi, tomando como referência o alfabeto. No fim do volume encontrar-se-á uma análise fonológica.

CONSOANTES

2. O *s* soa como o nosso *ç*, não como *z*:

a-só (pron. *açó*): eu fui

O *r* é sempre brando, mesmo no princípio da palavra:

roy: frio

O *x* é como o de "xadrez".

O *h* é aspirado, como em inglês. Só aparece em três ou quatro palavras.

O *g* nunca se pronuncia como *j*, mesmo antes de *e*, *i* ou *y*:

mo-ingé (pron. *moingué*, não *moinjé*): introduzir

O *b* intervocálico é débil, próximo de *v*. Como no espanhol "caber".

Exceto se precedido de nasal: *pysyrõ-byra*: salvo

O *m* e o *n* nasalizam as vogais vizinhas, mas devem ser articulados claramente, embora no fim da palavra: *a-sem, py-teem*

GRUPOS DE CONSOANTES

3. Além de *nh* (que é som simples, como em português), só há *mb, nd, ng*. No princípio da palavra, seria êrro fazê-los acompanhar de alguma vogal:

nd' o-ú-î: não o comem; *mbaé:* cousa (pronuúncias errôneas: *indoúi, undoúi, embaé, umbaé*)

Dispensa-se o *m* ou *n* quando, em palavra composta, precede vogal ou ditongo nasal: *pysyrõ-byra* = *pysyrõ-mbyra*: salvo; *nhũ-bûera* = *nhũ-mbûera*: o que foi campo; *takûar-eẽ-ndyba*: canavial

O *d* no princípio da palavra é sempre precedido de *n*, ainda que acaso, nos antigos documentos, esta letra não venha escrita; mas pode-se pronunciar só o *n* sem o *d:*

de ou *nde* (pronunciar *nde* ou *ne*, nunca *de*): tu

Em seguida a pausa (ponto, vírgula, etc.), *b* é sempre precedido de *m*, ainda que esta letra não figure:

baé (leia-se *mbaé*): cousa

Também *g* sempre pressupõe *n:*

gatu (pron. *ngatu*): bom, bem

Só se abre exceção quando vem seguido da semivogal *û*: *gûasu.*

O *g* aí se introduziu por falsa percepção dos portuguêses e espanhóis: *gûasu* corresponde a *wasu* (dando ao *w* o som que tem em inglês).

Encontra-se *g* medial em escassas palavras como *ygapema* "clava", *ygapenunga* "onda", *ygapó* "pântano", *ygapukuî* "remar", *ygara* "canoa", *ygé* "ventre", e seus compostos. Como nem todos os documentos registram o *g* (v. variantes *yapema, yapó, yapukuî, yé,* etc.), e como vem amiúde depois de

y, mais parece vestígio da representação do *y*, que algum tempo se grafava *ig* ou *yg* para precisar que não era *i* ou *y* comum senão o *i* ou *y* "gutural" ou "grosso". Cpr. as grafias *Ararigboia, Iperoig,* em que o *g* se passou a pronunciar. — De qualquer forma, o *g* intervocálico não é oclusivo mas fricativo, variante do hiato ou oclusão glotal.

VOGAIS

4. *Y* tem som peculiar.

Obtém-se, aproximadamente, o som do *y*, dispondo os lábios para pronunciar *i*, mas "tentando" pronunciar *u*. (O contrário do *u* francês: lábios para *u* e língua em posição de *i*).

As outras vogais, como em português do Brasil, na pronúncia padrão.

Não se distinguem *e* e *o* fechados de *e* e *o* abertos: *e* e *o* são um meio têrmo entre aquêles timbres.

Tôdas as vogais podem ser nasais:
ã, ẽ, ĩ, õ, ũ, ỹ

SEMIVOGAIS

5. Há três: *î, û, ŷ*. Fonèticamente, assemelham-se e correspondem às vogais *i, u, y*, mas formam ditongo com a vogal que antecede ou que se segue:

aû, eû, iû, aî, eî, îî, etc. (pron. *áu, éu, íu, ái, éi, íi*)
îa, îe, îa, îe, ŷa, ŷe, etc. (pron. *uá, ué, iá, ié, yá, yé*)

ou tritongo, quando precedidas e seguidas de vogal:

aîa, eîa, iîa, oîa, uîa, yîa; aûa, eûa, etc.

Nos ditongos crescentes e nos tritongos, *î* se pronuncia como o *y* espanhol (em "ayer", "yo") ou inglês (em "yes", "beyond"), p. ex.:

îasy: lua; *kaîa:* arder; *kaîá:* cajá

Alguns autores, nesses casos, escrevem *j*: *jasy, kajá.*

Nos ditongos decrescentes, *î* se pronuncia como *i* português:

kaî (pron. *kái*): pegar fogo

Quanto a *û*, nos ditongos crescentes e nos tritongos, equivale a *w* inglês (em "toward"). Quase sempre vem precedido de um *g;* mas essa não era a primitiva pronúncia. Nos ditongos decrescentes, *û* se profere como *u* português:

eû (pron. *éu*): arrotar

O *ŷ* só entra em ditongos crescentes:

apŷaba: macho; *kapŷaba:* herdade, quinta

As semivogais podem ser nasais. Mas dispensa-se indicá-lo na escrita: subentende-se que o sejam tôda vez que (e só quando) formam ditongo com vogal nasal:

aûana (pron. *aũãna*): bracelete de penas

DITONGOS

6. Crescentes: a vogal vem antes da semivogal.

Orais: *aî, eî, îî, oî, uî, yî; aû, eû, iû, oû, uû, yû*

Nasais: *ãî, ẽî, ĩî, õî, ũî, ỹî, ãû, ẽû, ĩû, õû, ũû, ỹû*

Muitas vêzes êsses ditongos são compostos de dois elementos semânticamente distintos — e por isso se escrevem separados por hífen (*ú-û, é-û*). Mas pronunciam-se numa só emissão de voz.

Decrescentes: a vogal vem depois da semivogal.

Orais: *îa, îe, îi, îo, îu, îy; ûa, ûe, ûi, ûo, ûu, ûy; ŷa, ŷe,* etc.

Nasais: *îã, îẽ, îĩ, îõ, îũ, îỹ; ûã, ûẽ, ûĩ, ûõ, ûũ, ûy; ŷã, ŷẽ,* etc.

HIATO

7. Quando se encontram duas vogais (não se fala das semivogais), dá-se entre as duas um *hiato*. Deve-se separá-las na pronúncia, o que não se faz como em português,

"suavizando a pronúncia da segunda vogal, mas, ao contrário, cortando em sêco a pronúncia da primeira, deixando tensas as cordas vocais durante um breve instante, para acomodá-las, assim tensas, à pronúncia da segunda" (MARTÍNEZ 129).

Reatando-se a emissão do ar, forçada a sua passagem pela glótis, há uma explosão, verdadeira consoante oclusiva, entre as duas vogais. Cpr.

PORT.	TUPI
faraó	*aoba* (*a* ↔ *oba*)
caí	*paí* (*pa* ↔ *í*)
Macaé	*mbaé* (*mba* ↔ *é*)

8. O hiato se distingue, na escrita, dos ditongos e tritongos, porque êstes incluem sempre uma semivogal *î, û* ou *ŷ:*

ûá, ûé, ûí (monossílabos, ditongos); *uá, ué, uí* (dissílabos, hiatos); *kuîa* (tritongo) cuia, *a-y-ú* (trissílabo) bebo água

OBS.: Parece que em algumas palavras não havia verdadeira oclusão glotal, mas simples hiato tipo português. No presente trabalho, pode-se descurar essa distinção.

A vogal final, quando átona, não forma hiato com a inicial seguinte. Embora se escreva, na conversa viva a final se elide.

E' nítido o hiato, ou oclusão glotal, quando a vogal inicial é tônica: *nde aba*: teu cabelo; *xe á*: meu fruto; *i á*: o seu fruto; *i ú*: comê-lo; *i é*: seu dizer; *i ó*: tapá-lo.

9. O sinal ' indica a queda de um ou mais sons.

10. O hífen separa os elementos da palavra. Mas na leitura não se faz caso dêle:

eym-i, nd' o-ú-î (leia-se: *eỳmi, ndoúi*)

EXERCÍCIO

11.

a-é: digo
e-í: diz
akang-ûera: caveira
potiá: peito
kûara: buraco
moema: mentira
r-esé: por
apŷaba: macho
koema. manhã
tapiá: mano (vocat.)
piá: filho (vocat.)
mo-pû-á-bo: tocando
mo-pû-ara: o que toca
pyá: entranhas
gû-á-bo: comendo
gû-ara: o que come
mo-nguí: moer
i ú-û: êle o comeu
o-îo-pûaî: êle o mandou
nd' o-kaî: não pegou fogo
puam: erguer-se
uú: tossir
akué: abalado
uí: farinha
uí-atã: farinha de guerra
gûyrá: passarinho
roy: frio
mo-ngué: abalar
kapŷaba: quinta
îagûara: onça
îundiá: esp. de peixe
k̃áá-ysá: cêrca de defesa
ikó aib: viver mal
pŷ-aba: instrumento de sôpro
gû-aba: modo de comer
kuí: farelo
s-upiá: ôvo
i é-û: (êle) o disse
karãî: arranhar
karaíba: homem branco

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 1-6v; FIGUEIRA 1-2; ARAÚJO*-**iij; ID. 1.ª ed. 1-2v; ECKART 3; MONTOYA 1-2; 98-100; RESTIVO 7-10; UPSON CLARK 122-123; CAETANO 1-4; ID. *Apontamentos* I, 43-60; ADAM 4-16; MARTÍNEZ 127-136; CABALLERO 138-162; MORÍNIGO 31-39; DALL'IGNA, *Diferenças* 336-348; EDELWEISS 75-83; 87-93, 105-109; 119-120; 128-140; TOVAR 115-118; L. BARBOSA 175.

PONTA PÚBLICA MUNICIPAL

LIÇÃO 2.ª

ACENTO (*)

12. *Regras para conhecer o acento tônico:*

São oxítonas tôdas as palavras terminadas 1) em consoante, 2) na vogal *y*, 3) em vogal nasal, 4) em ditongo decrescente, 5) em *e, i, o, u* (exceto algumas partículas átonas).

As palavras acabadas em *a* podem ser oxítonas ou paraxítonas. Mas o *a* das paroxítonas é sufixo.

13. Há algumas partículas e sufixos enclíticos terminados em *a, e, i, o* ou *u*. Fonèticamente, formam uma só palavra com o vocábulo anterior. Em nosso sistema gráfico, conhecem-se essas partículas por serem precedidas do sinal -. As principais são:

-a, -e, -i, -u, -pe, -me, -be, -te, -ne, -mo, -bo, -no, -(r)eme, -(r)amo

Exceto *reme, -ramo, -bae,* tôdas as mais são monossilábicas.

Por vêzes, juntam-se duas ou mais, formando proparoxítonos, préproparoxítonos, etc.:

morubixaba-pe	pronunciar	*morubixábape*
îuká-reme	"	*îukáreme*
sy-ramo-te-pe-ne?	"	*sýramotepene?*

Obs.: A atonicidade parece ter sido menos pronunciada nas partículas *-pe, -me, -be, -te, -ne, -mo, -no, -reme, -ramo, -bae*: em certos autores ocorrem às vêzes acentuadas na vogal final.

(*) O iniciante pode contentar-se com uma rápida leitura desta lição, bem como da seguinte, voltando a elas quando necessário.

As partículas podem-se unir numa só sílaba, e até num só ditongo, com o vocábulo anterior:

nd' o-s-epîak-i	pronunciar	*ndosepîáki*
îuká eym-e	"	*îuká eýme*
îuká-û	"	*îukáu*

Tôda palavra terminada em *e, i, o* ou *u* átonos contém algum sufixo. Mas em nosso sistema ortográfico tais partículas ou sufixos vêm separados por hífen.

14. *Regras para usar o acento agudo*:

Usa-se o acento agudo:

a) nos oxítonos terminados em *a, e, o*: *gûatá, bebé, r-ekó*
b) em todos os monossílabos tônicos, terminados em vogal: *ká, ó, pú*
c) na vogal tônica final, quando o oxítono termina em mais de uma vogal ou em ditongo crescente: *uú, paí, mbaé, kaá, kuí*
— exceto se a vogal final é *y*: *roy, ay*

Não se usa o acento:

1) nos oxítonos terminados em *y*: *yby, roy*
2) nos oxítonos terminados em *i* ou *u*: *api, ypu*
— exceto no caso b): *pú, ú, pí*
— e no caso c): *uú, paí*
3) nos oxítonos terminados em consoante: *o-pab, a-î-mo-mbak, o-ur*
4) nos pronomes monossilábicos: *xe, nde, i*
5) nos prefixos proclíticos: *a-, ere-, o-, îa-, gûi-*, etc.
6) nos paroxítonos terminados em *a*: *peba, kaîa, uuba, iyra*
7) nas palavras átonas: *-reme, -ramo, -pe, -te*, etc.
8) quando o acento tônico coincide com o til: *pabẽ, mokõîa, t-etã'-me*
9) nos oxítonos terminados em ditongo decrescente: *o-kaî, îa-syî*

Obs.: As partículas enclíticas em nada alteram a acentuação que compete à palavra principal: *ó-bo* leva acento no *o*, porque *ó* é monossílabo.

BIBLIOGRAFIA

Anchieta 7-9; Figueira 167; Araújo **ij; Montoya 99-100.

METAPLASMOS (*)

15. Os sons da língua, ao entrarem em contacto íntimo — na composição, derivação, incorporação, próclise, ênclise, etc. (v. n. 1105 ss.) — podem sofrer alterações ou metaplasmos.

Conforme a ligação seja menos ou mais profunda, os elementos se escrerão *separados, ligados* por hífen ou simplesmente *juntos.*

16. Nos casos de composição, incorporação e derivação, o primeiro elemento, sendo paroxítono, diante de consoante, perde a última sílaba; diante de vogal, perde a última vogal:

ybaka: céu	*ybak-una*: céu negro; *ybá'-piranga*: céu vermelho
îagûara: onça	*îagûá'-gûyrá*: onça-pássaro
epîak: ver	*epîá'-katu*: ver bem
nheenga: voz	*a-î-nheeng-endub*: ouvi a voz dêle
pindoba: palmeira	*pindob-y*: rio da palmeira; *pindó'-taba*: aldeia da palmeira

Podem cair os grupos *mb, nd, ng;* mas a vogal anterior continua nasal:

nheenga: voz	*poranga*: bonito	*nheẽ'-poranga*: voz bonita
akanga: cabeça	*îuba*: amarela	*akã'-îuba*: cabeça amarela

OBS.: O *a* átono que termina inúmeros substantivos (ex. *ybaka*), adjetivos (ex. *una*) e pronomes (ex. *akûeîa*) é um verdadeiro índice nominal. Sufixa-se aos temas terminados em consoante, pois o nome (substantivo, adjetivo, pronome) deve acabar sempre em sílaba aberta (vogal) — e o mesmo se diga do infinitivo, que é um verdadeiro nome. Em composição, *-a* sufixa-se apenas ao tema final (quando êste é acabado em consoante). — Para efeitos descritivos, porém, neste curso de divulgação, trata-se o *-a* como se fizesse parte integrante do tema.

(*) O iniciante pode contentar-se com uma rápida leitura desta lição, voltando a ela quando necessário.

17. Fenômeno semelhante se dá, mas raramente, quando se encontram duas vogais iguais, uma, tônica, no fim da primeira palavra, a outra, átona, no princípio da segunda:

obá: rosto *asab*: cruzar *obá-'sab*: abençoar
akã: galho *apyra*: ponta *akã-'pyra*: ponta de galho

OBS.: 1. Quando as vogais são diferentes, é possível (embora não normal) a elisão de uma, em geral a átona:
îe- (reflexivo): se *ab*: abrir *î'-ab*: abrir-se, desabrochar

2. Mas sendo a segunda vogal *i* ou *u*, fora de sílaba tônica, costuma haver ditongação: *xe api* + *u* = *xe api-û*: atirou-me pedra
Afora êsses casos de elisão e ditongação, há sempre hiato (n. 7).

18. *Î* e *nh* às vêzes se permutam. Junto de nasal é preferido *nh*:

îara: senhor, *îu*: espinho, *nhan*: correr, *îuba*: amarelo, *îandé* ou *nhandé*: nós, nosso, *îakumã* ou *nhakumã*: estaca de canoa, *îundiá* ou *nhundiá*: espécie de peixe

19. *S* antecedido de *i* muda-se em *x*:

i+*supé* = *i xupé*; *i*+*sy* = *i xy*; *i*+*suban* = *i xuban*. Mas v. n. 28 d).

20. Entre a consoante final de uma palavra e a inicial da outra (sobretudo se há ênclise), ouve-se uma vogal dúbia, entre *i* e *u* (ANCHIETA ouviu *y*):

a-pab-ne = *a-páb(i)-ne*; *ok-pe* = *ók(i)-pe* ou *ók(u)-pe*; *pytun-me* = *pytún(i)-me* ou *pytún(u)-me*; *i xok-pyra* = *i xok(i)-pyra*
Dada a natureza incerta dessa vogal, deixamos de anotá-la na escrita.

21. *P*, *m* e *mb* se permutam. Às vêzes também *b*:

a) *P* inicial, não antecedido de genitivo nem de complemento, torna-se *mb*:

abá pyá: entranhas de homem; *mbyá*: entranhas (de gente); *xe pó*: minha mão; *mbó*: mão (v., porém, n. 862).

b) *Mb* inicial = *m*: às vêzes só se escreve *b* (n. 3).

c) *M* final, seguido de vogal tônica, muda-se facultativamente em *mb* (e é o mais comum):

tym+*ara* = *tymb-ara* ou *tym-ara*: o que enterra; *tym*+*aba* = *tymb-aba* ou *tym-aba*: o modo de enterrar; *sem*+*é* = *semb-é* ou *sem-é*: sair à parte; *nhauuma*: barro+*oka*: casa = *nhauumb-oka*: casa de barro; *kama*: seio+*y*: líquido = *kamb-y* leite

d) *B* final esporàdicamente se converte em *p*:

xe r-ub! ou *xe r-up!*: ó meu pai!

e) *B* de sílaba final átona passa a *p* no gerúndio e nos verbais *(s)ara* e *(s)aba:*

ausub: amar, *ausup-a*: amando, *ausup-ara*: o que ama, *ausup-aba*: lugar, tempo, modo, etc. de amar

22. *D, n* e *nd* têm entre si as mesmas alternâncias que há entre *p, m,* e *mb,* exceto as de a), d) e e):

b) v. n. 3.

nhan+*ara* = *nhand-ara* ou *nhan-ara*: o que corre; *nhan*+*aba* = *nhand-aba* ou *nhan-aba*: o modo de correr; *nhan*+*é* = *nhand-é* ou *nhan-é*: correr à parte; *amana*+*y* = *amand-y* ou *aman-y*: água da chuva

23. *P* e *m* iniciais podem converter-se em *b,* quando se encontram com o *b* final da sílaba anterior, com que se compõem:

s-oba+*peba* = *s-ó'-beba*: folha larga ou chata; *kabureyba* + *potyra* = *kaburey-botyra*: flor de cabreúva; *aba* + *puku* = *a-buku*: cabelo comprido; *kuab*+*meeng* = *kuá'-meeng* ou *kuá'-beeng*: mostrar

24. Mas, em geral, justapondo-se duas consoantes homorgânicas, a primeira cai:

epîak+*katu* = *epîá'-katu*: ver bem; *ausub*+*bé-nhé* = *ausu'-bé-nhé*: tornar a ver

25. A apócope é menos taxativa, se as duas consonantes são heterogânicas:

epîak+pab = *epîak-pab* ou *epîá'-pab*: ver tudo; *nheeng+porang* = *nheeng-porang* ou *nheẽ'-porang*: falar bonito

26. No tupi meridional (i. é, o de S. Vicente), e muito mais no guarani, a tendência é para a queda de tôda consoante que não se encontre apoiada em vogal seguinte da mesma palavra ou da imediata (quando não há pausa):

TUPI SETENTR.	TUPI MERID.	GUARANI
a-s-ausub abá	*a-s-ausub abá*	*a-h-ayhu abá*
a-s-ausub xe sy	*a-s-ausu xe sy*	*a-h-ayhu xe sy*
a-s-ausub xe r-ayra	*a-s-ausu xe r-ayra*	*a-h-ayhu xe r-ay*
a-s-ausub xe r-ayr-etá	*a-s-ausu xe r-ayr-etá*	*a-h-ayhu xe r-ayr-etá*
	amo o índio	
	amo minha mãe	
	amo meu filho	
	amo meus filhos	

Como se vê, o guarani tende a eliminar a consoante (e a vogal átona) até dos nomes paroxítonos, exceto quando seguida de outra vogal.

Excecionalmente, em tupi, as consoantes velares *k* e *(n)g* podem resistir na incorporação: *a-î-pysyk-potar* eu o quero apanhar.

Obs.: Em pausa, costumam cair todas as consoantes finais, exceto as velares.

27. As sílabas átonas finais *-ma* e *-na,* ao se comporem com uma vogal tônica, podem transformar-se em *-mb-* e *-nd-:*

kama + *y* = *kamb-y*: líquido do seio = leite; *kama* + *ú* = *kamb-ú*: beber (d)o seio = mamar; *amana* + *y* = *amand-y*: água da chuva; *mena* + *uba* = *mend-uba*: pai do marido = sogro

28. Um som nasal no fim da palavra, ou mesmo na penúltima sílaba, pode alterar a sílaba inicial da palavra ou partícula seguinte, com que se compõe:

a) *B* e *p* mudam-se em *m* ou *mb:*

gerúndio: *nupã* + *bo* = *nupã-mo*: açoutando
part. passivo adj.: *nupã* + *pyra* = *nupã-byra*: açoutado
part. passivo subst.: *mi* + *pûaîa* = *mi-mbûaîa*: mandado
verbais (se perdem o *s*): *nupã* + *(s)aba* = *nupã-ma*: açoute

passado: *nhũ* + *pûera* = *nhũ-bûera*: o que foi campo
prepos. *-pe*: *paranã* + *-pe* = *paranã-me*: no mar
pref. causativo: *mo* + *pab* = *mo-mbab*: acabar, destruir
compostos: *mina* + *puku* = *mi'-mbuku* ou *mi'-muku*: lança

b) *K* muda-se em *g* ou *ng:*

part. passivo subst.: *mi* + *kaú* = *mi-ngaú*: feito papas; mingau
pref. causativo: *mo* + *ker* = *mo-nger*: despertar
compostos: *akanga* + *ká* = *akan'-gá*: quebrar a cabeça
poranga + *katu* = *poran'-gatu*: muito bonito

c) *T* muda-se em *d* ou *nd:*

part. passivo subst.: *mi* + *typyrõ* = *mi-ndypyrõ*: ensopado, pirão
pref. causativo: *mo* + *tykyr* = *mo-ndykyr*: distilar
compostos: *takûar-eẽ* + *tyba* = *takûar-eẽ-dyba*: canavial

exceções: *marã-t-ekó* batalha, *amã-tiri* raio; mas tendem a perder a nasal: *mará-t-ekó, amá-tiri.*

d) *S* e *x* mudam-se em *nd:*

pref. causativo: *mo* + *syk* = *mo-ndyk*: fazer chegar; *mo* + *syryk* = *mo-ndyryk*: fazer deslisar
part. passivo subst.: *mi* + (*suú* ->) *xuú* = *mi-nduú*: mordido
compostos: *mena* + *sy* = *mendy*: sogra (da mulher)

exceção: *Tupã-sy* Mãe de Deus (neologismo colonial).

e) *R* muda-se em *n:*

partícula *-reme*: *nupã-neme*: quando açoutar
partícula *-ramo*: *irũ-namo*: como companheiro
verbal (*s*)*ara*: *arõ-ana;* fut. *arõ-an-ama*: futuro salvador

Obs.: 1) *Mo-* e *mi-* não soem alterar as sílabas que já são nasais: *mo-sem, mo-pym, mo-sam, mo-sãi, mo-sym, mo-ting, mo-kong, mi-tyma, mi-pana.*

2) *Mbo-* e *mbi-*, variantes de *mo-* e *mi-*, não ocasionam metaplasmos. Como nos autores antigos havia certo descuido quanto ao grupo *mb*, que às vêzes se escrevia só *b* ou só *m* (como *n* ou *d*, em lugar de *nd*), fica incerto em que casos *mo-* se deva pronunciar *mo-* e em que outros se deva pronunciar *mbo-*.

3) Não se usa *mbi-* e *mbo-* antes de nasal: *mi-mbo-é* "discípulo" (nunca *mbi-mbo-é*), *mi-tyma* "enterrado, plantado" (não *mbi-tyma*); *mo-kuí,*

mbo-kuí ou *mo-nguí* "moer", "pulverizar" (nunca *mbo-nguí*). Fenômeno semelhante se dá com *nd* em sílaba que preceda nasal. Cpr. *nda xe maenduar-i* "não me lembro"; *na nde maenduar-i* "não te lembras", etc. Caso de nasalação regressiva encontra-se nos metaplasmos *ro* = *no* (n. 501) e *î* = *nh* (n. 18): *îa-* = *nha-* (n. 112); *îe-* = *nhe-* (n. 294); *îo-* = *nho-* (n. 295); *î* = *nh* (n. 299).

29. O pronome *pe* parece ter sido nasal, pois, em guarani, modifica o *r* inicial seguinte para *nd:*

pe r-esá = *pe nd-esá* vossos olhos; *pe r-esé* = *pe nd-esé* por vós; *pe r-oby* = *pe nd-oby* vós sois azuis

Mas a alteração, comum no guarani, é desconhecida no tupi.

30. Um fonema nasal nasaliza levemente as sílabas vizinhas:

kurumĩ ou *kunumĩ*: menino (pron. *kũrũmĩ* ou *kũnũmĩ*)

O prefixo *ro-* torna-se *no-*, seguido de nasal:

ro-tĩ ou *no-tĩ; ro-sem* ou *no-sem*

Seguido de nasal, o *r* chega mesmo a diluir-se num som confuso entre *r* e *n* (Cfr. guarani moderno):

põranga ou *põnanga; pĩranga* ou *pĩnanga*

31. Por vêzes *r* e *n* se permutam, sem mais:

ybá nema (às vêzes *ybá rema*): fruta fedorenta
karagûatá nema (às vêzes *karagûatá rema*): erva-babosa

32. Dão-se também raros casos de desnasalação:

mo-sa-sãî ← *mo-sã-sãî*: espalhar; *mo-su-sung* ← *mo-sũ-sung*: sacudir; *umá?* ← *umã?*: onde?; *mará-t-ekó* ← *marã-t-ekó*: trabalho; *mará-é-tenhéa* ← *marã-é-tenhéa*: fábula, patranha; *a-pysyka* ← *an(ga)-pysyka* (cfr. guarani): consolado; *hé gûé* ← *hẽ gûé*: olá; *pysá-pema* ← *pysã-pema*: unha do pé; *amá-tiri* ← *amã-tiri*: raio; *Tupã* ← *Tũpã*: † Deus

33. Já no tupi pré-colonial parece que o *y* tendia a converter-se em *u*. Na era histórica, era facultativo *u* em lugar de *y* em muitas vozes, particularmente quando vizinho de labiais:

pytuẽ, putuẽ; pytuura, putuura; pytuna, putuna; ymûã, umûã

34. Unindo-se duas palavras, das quais a primeira acabe e a segunda comece por *i* ou *y*, aparece não raro entre as duas um *î* eufônico:

compostos: *syry* + *y* = *syry-î-y*: rio do siri
abati + *y* = *abati-î-y*: rio do milho
possessivo: *i* + *itá* = *i-î itá*: a pedra dêle
i + *ypy* = *i-î ypy*: o princípio dêle
pron. objetivo: *i* + *ybõ* = *i-î ybõ*: frechá-lo

35. O *î* eufônico pode aparecer, mesmo que seja outra a vogal seguinte:

i + *aeté* = *i-î aeté*: êle é finíssimo
i + *apó* = *i-î apó*: fazê-lo

36. Acontece de dar-se a assimilação do *i* pelo *î:*

**a-i-îuká* = *a-îuká*: eu o matei

Na proximidade de um som nasal, pode o *î* eufônico ser substituído por *nh* (n. 18):

a-î-ybõ ou *a-nh-ybõ*: eu o frecho
a-î-amẽ ou *a-nh-amẽ*: eu o espremo

37. *R* final se permuta por *t* (pron. comum dos tamoios; entre as outras tribos, elegante mas rara):

mosapyr = *mosapyt*: três
a-îur = *a-îut*: vim
xe r-ayr! = *xe r-ayt!*: ó meu filho!
a-s̈-ekar = *a-s-ekat*: procurei-o

38. São freqüentes as apócopes. Na vogal tônica só excecionalmente. As mais comuns são:

-pe	*p' akó*	*p' aé*	*p' ikó*	*p' ipó*	*p' iã*
rá	*r' akó*	*r' aé*			
-te	*t' akó*	*t' aé*	*t' ikó*	*t' ipó*	
-ne	*n' akó*	*n' aé*	*n' ikó*	*n' ipó*	*n' iã*
akó		*ak' aé*			
r' akó		*r' ak' aé*			

39. A consoante final das palavras é um tanto indecisa, sobretudo (não exclusivamente) quando seguida de partículas iniciadas por consoante. Do Norte para o Sul até os tamoios (E. do Rio), a tendência é para a conservação. Dos tupis (E. S. Paulo) para o Sul, prevalece a apócope. Entre os carijós ou guaranis, regra geral é a apócope. Excetue-se a final *k* (em guarani *g*), que normalmente se conserva. O mesmo se diga de *ng*. Em composição com elemento de vogal inicial, a norma é persistir a consoante final, mesmo em guarani.

Quando cai a última consoante de sílaba nasal, continua nasal a vogal precedente: *amana* + *pytuna* = *amã-pytuna* "nuvem carregada", *pinim(a)* + *pinima* = *pinĩ-pinima* "pintadinho"; *akanga* + *îuba* = *akã-îuba* "cabeça amarela".

40. Há casos de metátese:

kupy-îurar = *pyku-îurar*: laçar a perna a
ykeyra = *ekyyra*: irmão mais moço (de h.)
kysyîé = *sykyîé*: temer

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 1-6; 8v-9; FIGUEIRA 92; MONTOYA 93-98; CAETANO, *Apontamentos* I, 60-68; ADAM 5-19; TOVAR 115-118; L. BARBOSA 192-199.

SUBSTANTIVOS

41. O substantivo tupi pode ser monossilábico ou polissilábico. Termina sempre em vogal tônica ou em *-a* átono. Pode ser simples, composto, derivado:

y: água, rio	*kamby*: leite
oka: casa	*atuasaba*: compadre
nhandu: ema	*morubixaba*: cacique
akanga: cabeça	*py*: pé
potyra: flor	*pysã*: dedo do pé
aîó: bolsa	*pysapema*: unha (do dedo) do, pé

O substantivo não sofre alterações de número, gênero e caso. Recebe, porém, sufixos de tempo, de negação, prefixos de referência pessoal (possessivos, etc.), além das partículas pospositivas.

OBS.: Em tupi não há artigo definido nem indefinido.

GÊNEROS

42. Não há gênero gramatical.

Apenas alguns nomes de parentesco, e semelhantes, divergem para cada sexo:

t-uba: pai	*sy*: mãe
mena: marido	*t-e-mi-r-ekó*: mulher
abá: índio, homem	*kunhã*: índia, mulher
apŷaba: macho	*kunhã*: fêmea

Os nomes de animais servem para os dois sexos. Sendo estritamente necessário esclarecer, podem servir *apŷaba* e

kunhã (para sêres humanos), *s-akûãî-bae* e *kunhã* (para animais):

tapiïra: anta	*tapiïra s-akûãî-bae*: anta macho; — *kunhã*: anta fêmea
marakaîá: gato-do-mato	*marakaîá kunhã*: gata; — *s-akûãî-bae*: gato
mboîa: cobra	*mboîa s-akûãî-bae*: cobra macho; — *kunhã*: cobra fêmea

membyra: filho, filha (de mulher); *xe membyr' apŷaba*: meu filho; *xe memby' kunhã*: minha filha

As línguas dos povos pastôres e criadores costumam dispor, quando não de masculino e feminino, de nomes diferentes para cada sexo, naquelas espécies em que o macho apresenta utilidade diversa da fêmea. Assim, boi, vaca; cavalo, égua; galo, galinha, etc. Chega a haver nome especial para o filhote, e até para as suas várias idades, quando têm utilidade específica: bezerro, tourinho, bezerra, novilha, pinto, frango, leitão, marrão, etc. Os tupis não eram criadores, e as poucas espécies de animais que domesticavam (patos, pombos, papagaios, canindés, macacos) não ofereciam interêsse diverso segundo o sexo ou idade. Não houve, pois, diferenciação lingüística. Os torneios *gûaká apŷaba* ou *gûaká kunhã*, tanto quanto em português "gaivota macho" ou "gaivota fêmea", não implicam *gênero gramatical;* exprimem o *sexo real* por meio de adjetivo ou apôsto, como poderiam exprimir uma qualidade: "gaivota gorda", "gaivota magra", "boi preto", "boi branco". Só se devem usar êsses circunlóquios quando há necessidade de precisar o sexo. — Esporàdicamente tinham nomes diferentes macho e fêmea, quando pela forma, tamanho ou côr aparentavam diversidade de espécies: *usá* (macho), *kunduru* (fêmea).

43. Alguns nomes de parentesco diferem segundo o sexo da pessoa a que se *referem:*

"filho", com referência ao *pai,* é *t-ayra;* com referência à *mãe,* é *membyra;* para o homem, "sogro" é *t-atuuba,* "sogra" é *t-aîxó;* para a mulher, respectivamente: *menduba* e *mendy.*

Leva-se em conta ainda o sexo do parente intermediário:

"tio", irmão do pai, é o mesmo que "pai": *(t)uba;* "tio", irmão da mãe, já é *tutyra.*

Aliás tôda a nomenclatura do parentesco obedece, em tupi, a um esquema diverso do nosso.

As regras e os nomes são os mesmos para o parentesco de animais.

44. Certas partículas são de uso exclusivo ou preponderante de um sexo:

sim: *pá* (só de homens); *eẽ* (sobretudo de mulheres)
não: *aan* ou *aan-i* (comum); *aan-i reĩ* (h.); *aan-i reá* (m.)

45. Algumas raras palavras só se usam de homem para homem:

hẽ! (posposto): olá
ahẽ: êle, aquêle, fulano (homem referindo-se a homem)

NÚMEROS

46. Não há número gramatical. As palavras correspondem igualmente ao nosso singular e ao plural:

t-esá-y lágrima, lágrimas; *ypeka* pato, patos; *ygapenunga* onda, ondas

O sentido se colherá do contexto.

47. No tupi colonial, passou-se a empregar *etá* "muitos", para realçar a pluralidade (com apócope do *a* final dos paroxítonos):

pirá: peixe	*pirá etá*: peixes
syry: siri	*syry etá*: siris
paka: paca	*pak' etá*: pacas
gûyratinga: garça-branca	*gûyrating' etá*: garças-brancas

Não era êsse, porém, o primitivo sentido, e seria errôneo abusar daquele indefinido, principalmente se o plural já se subentende:

mokõî pirá: dois peixes (nunca *mokõî pirá etá*)

A reduplicação pode oferecer uma modalidade de plural; v. Lição 50.ª.

SUBSTANTIVOS ABSTRATOS

48. Não há nomes abstratos de qualidades e semelhantes, como beleza, bondade, côr, tamanho, etc.

Na versão, deve-se dar às frases tupis uma forma concreta. P. ex., "A paciência ganha da aflição" se verterá "O homem paciente ganha do homem aflito", ou cousa equivalente.

Há, porém, a tendência para substantivar tanto os adjetivos como os infinitivos:

poranga: belo = beleza
osanga (*t*): paciente = paciência
angaturama: bondoso = bondade
îo-ausuba: amarem-se (uns aos outros) = amor
nhe-mo-yrõ: irar-se = ira

V. também, sôbre *saba*, n. 826.

Aliás, a distinção substantivo-adjetivo-verbo é ainda menos pronunciada que nas línguas européias.

BIBLIOGRAFIA

Gêneros — Restivo 16-17; Caetano 7-8; Adam 20; L. Barbosa 168.
Números — Anchieta 8v-9v; Figueira 3-4; Montoya 2; Restivo 11-12; Adam 20-21; L. Barbosa 168-169.

QUALIFICATIVOS

49. São invariáveis. Pospõem-se ao substantivo. Êste, se é oxítono, não sofre alteração:

itá: pedra	*tinga*: branco	*itá tinga*: pedra branca
y: rio	*puku*: comprido	*y puku*: rio comprido

Se é paroxítono, — antes de vogal, perde a última vogal; antes de consoante ou semivogal, perde a última sílaba:

taba: aldeia	*ybaté*: alto	*tab' ybaté*: aldeia alta
ybaka: céu	*piranga*: vermelho	*ybá' piranga*: céu vermelho
aoba: veste	*tinga*: branco	*aó' tinga*: veste branca

Mas v. n. 16 OBS.

Mas nos paroxítonos dissilábicos, é rara a elisão da sílaba:

ara: dia	*panema*: aziago	*ara panema*: dia aziago
aba: cabelo	*tinga*: branco	*aba* ou *á' tinga*: cabelo branco

OBS.: Pode também deixar de dar-se a apócope, quando não há incorporação mas apenas a justaposição transitória de um substantivo com um adjetivo, o que aliás é insólito em tupi.

50. Costumam os gramáticos dar como exceções os adjetivos que perdem o *t* ou *s* iniciais:

y: rio	*toby*: verde, azul	*y oby*: rio verde
abá: homem	*setá*: muitos	*abá etá*: muitos homens
ybaka: céu	*tuna*: negro	*ybak' una*: céu negro
t-esá: olhos	*toby*: verde, azul	*t-esá oby*: olhos azuis

Mas *t* e *s* são meros prefixos de classe (v. n. 852).

Neste CURSO figuram entre parênteses, após o adjetivo:

etá (s), una (t)

51. Note-se que há adjetivos que têm *t* ou *s* fixos, como parte do tema:

tinga: branco, *tinga:* enjoativo, *tininga:* sêco, *tuî-bae* ou *tuîá(-bae)* ou *tunhá(-bae)*: velho, *tekó-kuaba*: ponderado, *taigaiba*: ardoroso, *syma*: liso

52. Tais são também certos adjetivos formados do infinitivo de verbos intransitivos: *sununga*: barulhento, *tytyka* ou *tutuka*: palpitante, *tataka*: tiritante, *tyarõ*: amadurecido. Em todos, *t* e *s* fazem parte da palavra.

EXERCÍCIOS

53.

kururu: sapo	*kaá*: mato
pira: pele	*oka*: casa
akanga: cabeça	*atã (t)*: duro
nambi: orelha	*una (t)*: preto
îuru: bôca	*aîa (t)*: ácido, azêdo
apekũ: língua	*peba*: chato
pereba: ferida	*puku*: comprido
paranã: mar	*panema*: aziago, inútil

54. **Panema**: infeliz, sem sorte, imprestável, inútil: *kaá panema*: mato sem caça; *y panema*: rio sem pesca; *abá panema*: homem inútil, caipora, imprestável para a guerra; *ara panema*: dia aziago, perdido.

55. *Îuru una. Nambi peba. Kaá panema. Oka puku. Ygá' peba. Mboî una. Akang usu. Akang atã. Pir' una. Paranã puku. Paranã oby. Y panema. T-atá piranga. Yby atã. Kururu peba. Tatu peba. Pirá una. Paranã tinga. Paranã sununga. Îuru aîa. Pirá tininga.*

56.

azeite: *nhandy*
resina: *ysyka*
flauta: *mimby*
serra: *ybytyra*
vento: *ybytu*
prato: *nhaẽ*
menino: *kunumĩ*
estéril: *panema*
brilhante: *beraba*
árvore; madeira: *ybyrá*
flôr; *ybotyra*
amarelo: *îuba*
viscoso: *pomonga*
sêco: *tininga*
frio: *roy, roy-sanga*
cheio: *ynysema* (*t*)
pintado: *pinima*
bonito: *poranga*

57. A flauta comprida. A orelha chata. As ondas verdes. Casas brancas. Muitas casas brancas. Azeite amarelo. Resina viscosa. Menino bonito. Vento frio. Lágrima brilhante. Flor sêca. Flor amarela. Mato branco. Peixe sêco. Rio vermelho. O rio bonito. Rio grande. Prato cheio. Rio estéril (*sem peixe*). Rio brilhante. Árvore vermelha. Madeira sêca. A serra negra. Madeira pintada. Peixe pintado. Peixe amarelo. Azeite branco. Azeite azêdo.

BIBLIOGRAFIA

ANÇHIETA 8v-9; FIGUEIRA 69; MONTOYA 2-3.

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

POSSESSIVOS

58. Precedem sempre o substantivo. Não há os chamados pronomes possessivos:

xe: meu, minha, meus, minhas
nde: teu, tua, teus, tuas
i (relativo): seu, sua, seus, suas; dêle, dela, dêles, delas
o (reflexivo): seu, sua, seus, suas; dêle, dela, dêles, delas
îandé (incl.): nosso, nossa, nossos, nossas
oré (excl.): nosso, nossa, nossos, nossas
pe: vosso, vossa, vossos, vossas
asé: da gente

59. *Oré* é empregado nos casos em que "nosso" não inclui a pessoa ou as pessoas com quem se fala. Nos outros casos, *îandé:*

îandé = { "meu" / ou / "nosso" } mais { "teu" / ou / "vosso" } *oré* = "nosso" menos { "teu" / e / "vosso" }

îandé ygara: nossa canoa (dizem entre si os donos da canoa).
oré ygara: nossa canoa (diz um ou vários donos da canoa a um ou vários que não o são).
îandé r-uba: nosso pai (dizem entre si os filhos do mesmo pai).
oré r-uba: nosso pai (diz o filho ou os filhos a quem não é seu irmão).

îandé se permuta com *nhandé*, sobretudo antes de nasal (n. 18).

60. Quando "seu", "sua", "seus", "suas" se referem ao sujeito, usa-se *o:*

Pindobuçu quebrou o *seu anzol* (de Pindobuçu mesmo): *o pindá*
Pindobuçu quebrou o *seu anzol* (de Itajibá): *i pindá*
Pindobuçu quer que Itajibá quebre o *seu anzol* (de Itajibá): *o pindá*
Pindobuçu quer que Itajibá quebre o *seu anzol* (de Japi): *i pindá*

I é possessivo relativo. *O,* possessivo reflexivo ou recorrente.

61. "Seu" referente ao sujeito da oração principal se verte por *o,* ainda que esteja em oração subordinada de sujeito diferente:

Japi quebrou o arco de Itajibá, porque (Japi) quebrou o *seu anzol* (de Japi mesmo): *o pindá* (*sujeito idêntico*)
Japi quebrou o arco de Itajibá, porque Itajibá quebrou o *seu anzol* (de Japi): *o pindá* (*sujeito diverso*)
Japi se zangou, porque Itajibá quebrou o *seu anzol* (de Japi): *o pindá*
Japi se zangou, porque Itajibá quebrou o *seu anzol* (de Itajibá): *o pindá*

Como se vê, há casos de ambigüidade, como em português.
Sôbre *pe,* v. n. *29.*

62. *I,* antes de outro *i* ou de *y,* recebe um *î* eufônico (n. 34):

i-î ygara: a sua canoa
i-î inĩ: a sua rêde

Mas *irũ* "companheiro" não admite o possessivo *i*: *xe irũ* meu companheiro, *nde irũ* teu companheiro, *irũ* o companheiro dêle, *o irũ,* etc.

O *s* que se segue ao *i,* passa para *x* (n. 19):

sy: mãe — *i xy*: a sua mãe
sama: corda — *i xama*: a sua corda

63. *I* e *o* servem para o singular e para o plural tanto do possuidor como da cousa possuída:

i py, o py: seu pé (dêle, dela, dêles, delas)
seus pés (dêle, dela, dêles, delas)

64. *Asé* "da gente", como em português, pode equivaler à 1.ª p. pl.:

asé anga: a sombra da gente; a nossa sombra
asé nambi: a orelha da gente; a nossa orelha

EXERCÍCIOS

65.

pó: mão
py: pé
îybá: braço
py-sã: dedo do pé
po-ã: dedo da mão
aîura: pescoço
tĩ: nariz, focinho, bico
aba: cabelo
nhyã: entranhas, coração
t-atá: fogo
yby: terra
nhũ: campo
ybá: fruto
oîepé: um
mokõî: dois
mosapyr: três

66. *Xe pó. Xe py. Xe py-sã. I-î yby. Oré yboty' piranga. O tĩ piranga. Pirá o-gûe-ra-só* (levou) *oré pindá. T-atá o-s-apy* (queimou) *îandé po-ã. Pe nhũ. O-gûe-r-ur* (trouxe) *irũ. Asé aba. Nde kó. I-î ygara. Nde aîura. Oré aîura. Xe aîura. Pe aîura. I aîura. O aîura. Îandé aîura. Asé aîura. I îybá. I-î ybá. Pe nhyã. Pe mokõî pó. Mosapyr pindá. Oîepé ybotyra.*

67.

guerreiro: *gûarinĩ*
chefe: *morubixaba*
senhor, dono: *îara*
arco: *gûyrapara, ybyrapara*
machado: *îy*
faca: *kysé*
mato, planta: *kaá*
fava: *kumandá*
feijão: *kumandá-ĩ*
leite: *kamby*

grande: *gûasu* (n. 99)

68. Verter apenas o que está grifado:

A *vossa roça.* O *nosso parente* (meu e teu). João cortou o *seu* (próprio) *pé.* Caiu na *cabeça da gente.* Os *nossos campos* (não teus). P. roubou a *canoa dêle* (de J.). Traze o *meu machado grande.* Olha as *nossas belas flores* (nossas e vossas). Os *teus cabelos vermelhos.* A *vossa faca amarela.* O *nosso* (meu e teu) *céu azul.* Os chefes chamaram os *seus dois guerreiros* e mandaram que êles trouxessem os *seus arcos* (dêles dois). Os meninos tiraram com *suas mãos o leite dela* (da cabra). O *nosso senhor* pediu aos *seus guerreiros* que nos dessem o *seu feijão* (dêle). J. comeu as *suas favas* e os *seus frutos.* O guerreiro tomou o *seu machado* e cortou o *braço dêle* (de *J.*). *Meu senhor,* com *seus machados,* cortou os *braços dela.* O *companheiro dêle* me deu os *seus três arcos verdes.*

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 10v-12v; FIGUEIRA 66, 69, 80, 83-84; MONTOYA 4-5; 40-42; RESTIVO 23-24; 115-116; 118; CAETANO 10-11; ADAM 21-26; L. BARBOSA 170.

DEMONSTRATIVOS

69. Distinguem-se conforme a *proximidade* e a *visibilidade*:

êste, esta, êstes, estas, isto; eis aqui, eis que já:
kó ou *ikó* (cousa ou ação que se esteja vendo)
ã, anga, ang; iã, ianga, iang (cousa que se veja ou não)

êsse, -a, -es, -as, -o; aquêle, -a, -es, -as, -o; eis aí *ou* lá:

kûeîa, kûeî, kûé
ebo-kûeîa, ebo-kûeî, ebo-kûé
ebo-uinga, ebo-uĩ, eb-uĩ, e-guĩ, e-uĩ, uĩ
} = que se está vendo

a-îpó
a-é
a-kó
a-kûeîa, a-kûeî, a-kûé
} = que não se está vendo

70. Note-se a evidência de dois prefixos, *a-* para as cousas que não estão à vista, e *ebo-* para o que está próximo do interlocutor, correspondente a "êsse", etc. O mesmo prefixo *ebo-* figura em *eb-apó* "aí", *eb-anõî* "da banda daí" e, nasalizado, em *emo-nã* "dessa maneira" (cpr. *nã* "desta maneira").

71. As formas terminadas em *a* átono são preferidas como "pronomes". Nesta função, a tôdas as demais formas se pode sufixar *-bae*, que apenas lhes reforça o sentido:

kó-bae, ikó-bae, ã-bae, etc.

72. Há ainda *aé, ahẽ, aõa* e *erika* "êsse mesmo, aquêle mesmo, -a, etc.". Valem para ambos os gêneros e números. Excetua-se *ahẽ*, masculino e singular (só de h.); também significa "êste".

73. A todos os demonstrativos se pode seguir *aé* "mesmo":

kó aé: êste mesmo, *akó aé* ou *ak' aé*: aquêle mesmo, etc.

74. O substantivo, quando expresso, vem depois do demonstrativo:

kó abá o-só, aîpó-bae o-ur: êste homem foi, aquêle veio

75. Os demonstrativos podem ter função adverbial: *a-îur ikó*: eis que vou (lit. eis que venho: modo de se despedir); *a-só ã aé*: eis que vou; *a-só iã, a-só ikó, a-só-n' iã, a-só-n' ikó*: eis que vou; *pe-só uĩ*: eis que vos ides; *a-só ã-ne*: eis que irei.

PRONOMES PESSOAIS

76.

eu: *xe* (*ixé*)
tu: *nde* (*endé*)
êle, ela: *i*

nós: *îandé* (incl.), *oré* (excl.)
vós: *pe* (*peẽ*)
êles, elas: *i*

a gente: *asé*

As formas entre parênteses se usam quando o pronome não está seguido imediatamente de verbo predicativo.

Não há, pròpriamente, pronome pessoal da 3.ª p. *I* é prefixo pessoal. *Aé, erika, aõa* e *ahẽ* são demonstrativos.

Ahẽ é masculino singular (só de h.); *aõa* é mais comum no plural:

abá i marangatu; karaiba i angaipab: os índios são bons; os brancos são maus; *aé i marangatu; aõa i angaipab*: êle (aquêle) é bom; aquêles (êles) são maus

77. *é* ou *aé:* mesmo

ixé é, ixé aé, xe é, xe aé: eu mesmo, eu mesma
endé é, endé aé, nde é, nde aé: tu mesmo, tu mesma
aé aé: êle (aquêle) mesmo, -a, -os, -as
îandé é, îandé aé: nós mesmos, nós mesmas (incl.)
oré é, oré aé: nós mesmos, nós mesmas (excl.)
peẽ é, peẽ aé, pe é, pe aé: vós mesmos, vós mesmas

BIBLIOGRAFIA

Demonstrativos — VLB passim; FIGUEIRA 5, 85; MONTOYA 5; RESTIVO 26-28; CAETANO 70; ADAM 32-34; L. BARBOSA, *Nova Categoria* 67-74.

Pronomes pessoais — ANCHIETA 10v-12v; FIGUEIRA 66; 69; 80-84; MONTOYA 4-5; RESTIVO 23-25; 115-116; CAETANO 10-12; 70-71; ADAM 21-26; L. BARBOSA 170.

É ou aé — ANCHIETA 53v-54; FIGUEIRA 140; MONTOYA, *Tesoro* 17; RESTIVO 117-120.

VERBOS PREDICATIVOS

78. Os verbos *ser* e *estar,* como verbos de ligação, não têm correspondentes em tupi. Junta-se simplesmente o pronome sujeito ao predicado. Êste pode ser substantivo, adjetivo, pronome ou advérbio:

xe marangatu: eu (sou) bom	*îandé* ou *oré marangatu*: nós (somos) bons
nde marangatu: tu (és) bom	*pe marangatu*: vós (sois) bons
i marangatu: êle (é) bom	*i marangatu*: êles (são) bons

Chamaremos "verbos predicativos" às palavras assim conjugadas.

79. Quando o predicado é um *adjetivo:* 1) vem depois do sujeito; 2) e se é paraxítono, perde a última vogal:

piranga: vermelho	*xe pirang*: sou (ou estou) vermelho
angaipaba: ruim	*i angaipab*: é ruim
kagû-ara: bebedor	*oré kagû-ar*: somos bebedores

80. Mas se o sujeito é um substantivo ou pronome da 3.ª p., é mais comum pospor-se ao predicado:

i aysó aé: êle (aquêle) é bonito
i pirang ahẽ: êle é vermelho

81. Quando o complemento predicativo é um substantivo ou advérbio, 1) pode vir antes ou depois, preferìvelmente antes; 2) não perde nunca a vogal átona:

Ypiranga aîpó-bae y-ekó-aba: é o Ipiranga aquêle riacho

82. Se o predicado vem antes do sujeito, o pronome toma as formas *ixé, endé, peé* (n. 76). Nas outras pessoas, nenhuma diferença:

abá ixé: sou índio; *kunhã endé*: és mulher; *morubixaba peẽ*: sois chefes; *kunhã îandé*: somos mulheres

83. Se o predicado vem depois do sujeito, as formas *ixé, endé, peẽ* são facultativas:

xe kurumĩ ou *ixé kurumĩ*: sou menino

84. O prefixo pessoal da 3.ª p. é imprescindível antes do predicado, embora o sujeito seja substantivo ou pronome expresso:

y i pirang: o rio é vermelho; *y piranga i puku*: o rio vermelho é comprido; *i pirang Ypiranga*: o Ipiranga é vermelho

85. Mas nunca se usa quando o predicado é substantivo ou advérbio:

abá: (êle) é índio; *soó*: são bichos; *emonã*: é assim, dessa maneira; *kunhã ebokûeîa*: essas são mulheres; *paka soó* ou melhor *soó paka*: a paca é bicho; *Tatamirĩ abá* ou melhor *abá Tatamirĩ*: Tatamirim é índio

86. Os verbais formados com o sufixo *(s)ara* e os nomes de profissões portam-se indiferentemente como substantivos ou como adjetivos:

és chefe: *morubixaba endé* ou *endé morubixab* ou *nde morubixab* ou *endé morubixaba* ou *nde morubixaba;* êles são comedores de ostras: *reri-gû-ara* ou *reri-gû-ar* ou *i reri-gû-ar aé*

87. Os verbais que começam pelo prefixo *poro-* (n. 380) mudam-no para *moro-* ou *mboro-:*

poro-mbo-é-sara: mestre; *moro-mbo-é-sara ixé, xe moro-mbo-é--sar*, etc.: eu sou mestre

88. Dão-se vários metaplasmos (n. 19 e 35):

i-î aeté: êle é finíssimo; *i xym*: é liso

Sôbre uma locução sucedânea do verbo "ser", v. n. 888.

Irregularidades

89. Os mesmos adjetivos de *t-* ou *s-* móveis (n. 50): 1) têm *s-* como prefixo da 3.ª p.; 2) levam *r-* nas outras pessoas, após o pronome:

oby: azul, verde

xe r-oby: sou azul
nde r-oby: és azul
s-oby: é azul
t-oby: azul (gente)
îandé ou *oré r-oby*: somos azuis
pe r-oby: sois azuis
s-oby: são azuis
s-oby: azul (cousa)

asé r-oby: a gente é azul
s-oby ybaka ou *ybaka s-oby*: o céu é azul
s-aî ybá ou *ybá s-aî*: a fruta está azêda

90. Nos qualificativos *tinga, tininga, tuî-bae, tunhá-bae, tekó-kuaba, taigaiba, syma,* o *t* e o *s* fazem parte do tema (n. 51). Seguem *marangatu* (n. 78). Também os adjetivos tirados do infinito de verbos intransitivos (n. 52).

91. *T-ynysema* "cheio" segue *t-oby,* mas na 3.ª p., em lugar de *s,* leva *t:*

xe, nde, îandé, oré, asé r-ynysem: sou, és, somos, a gente é cheio -a, etc.
pe r-ynysem: sois cheios, -as
t-ynysem: é cheio, -a; são cheios, -as
y t-ynysem: o rio está cheio

Sôbre *t-urusu,* v. n. 99.

EXERCÍCIOS

92.

inĩ: rêde (de dormir) *roba*: amargo

akaîu: caju
marakuîá: maracujá
kyrá: gordo
angaibara: magro
kyá: sujo
asy (*s*) (*xe*): doer
maraá'-bora: doente
aiba: ruim; intransitável
poxy: nojento
poxy-aiba: feio
abaité: medonho
eẽ (*s*): sápido (doce ou salgado)
aruru: tristonho
por-ausub-ara: compassivo
nhe-ran-eyma: cordato
osanga (*t*): paciente
angaipaba: mau, ruim
katu: bom
angaturama, marangatu: bom
aysó: formoso
aeté: ótimo
matueté: ótimo

93. Por afinidade, **aiba** "ruim (fìsicamente), estragado, impraticável" e **poxy** "nojento" tomam o sentido de "mau (moralmente)". **Poxy** também o de "feio".

94. **Eẽ** (*s*) "que tem sabor", seja doce ou salgado (contrário de "insípido"): *y eẽ* água salgada (do mar); *ybá eẽ* fruta doce; *pirá eẽ* peixe salgado.

95. Certos verbos, transitivos ou relativos em português, são predicativos em tupi. Assim *xe maenduar, nde maenduar, i maenduar,* etc. eu me lembro, tu te lembras, etc. (Cfr. latim "memor sum"); *xe r-asy, nde r-asy, s-asy,* etc.: dói-me, dói-te, dói-lhe (lit. sou dolorido, és dolorido, etc.).

96. *Aîpó abá i kyrá, kó-bae i angaibar. Nde porang, ahẽ i poxy. Oré marangatu; pe angaipab. Marakuîá s-eẽ; akaîu i rob. Aîpó kunhã angaibara i angaturam. I-î aeté ikó nde îy puku. I kyá kó inĩ. Maraá'-bora i aruru. S-asy i akanga. Ebokûeî y i aib. Xe por-ausub-ar. Nde r-osang. I nhe-ran-eym. Oré katu. Pe matueté. I aysó aîpó yboty' îuba. Paîé i abaité. I poxy-aib ikó kunumĩ.*

97.

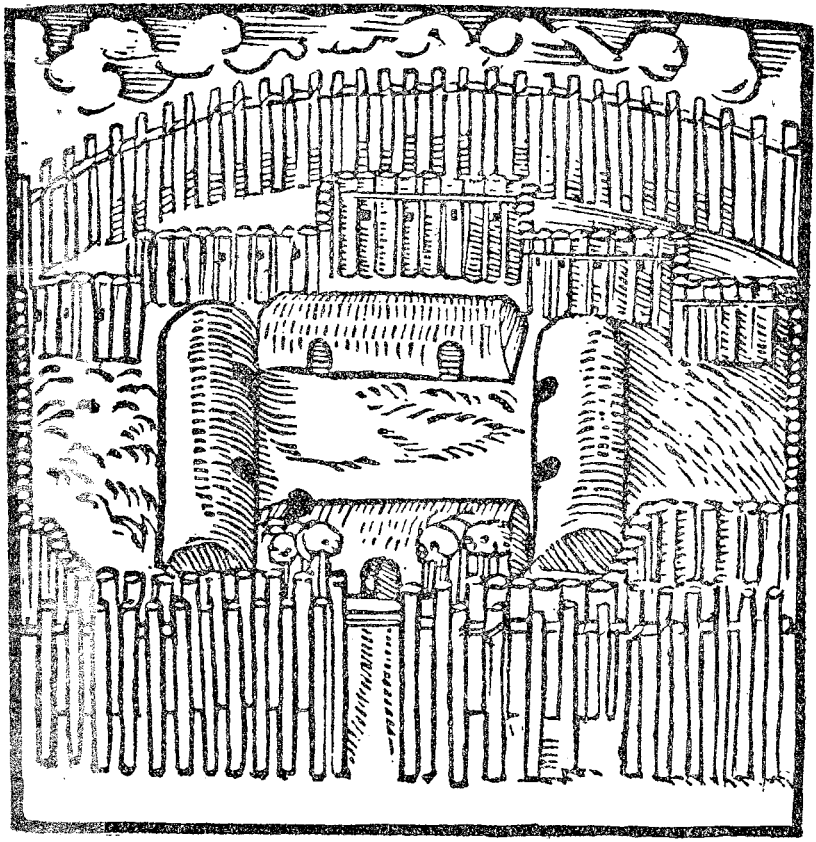
cachoeira: *ytu*
lua: *îasy*
carne: *oó* (*s*)
barata: *arabé*
quente: *akuba* (*t*)
redondo: *apûã*
forte, duro, firme: *atã* (*t*)
rijo: *îyka*

98. Eu sou índio. Ela é mulher. Tu és pajé. Êle é bebedor. Eu sou chefe. Nós somos guerreiros. Vós sois bonitos. Êle é vermelho. Nosso chefe é bom. A pedra é alta. Vossa canoa é comprida. Eu sou bom chefe. Güiraguaçu é um chefe forte. Os nossos guerreiros são imprestáveis. A lua é redonda. A cachoeira é redonda. A

cachoeira é branca. Os montes são altos. A barata é chata. O céu é azul. A árvore é firme. A carne (*s-oó*) está rija. O fogo é quente. Esta fruta amarela é amarga. Aquela fruta vermelha é doce. Aquela minha fruta preta está azêda. Aquela cachoeira alta é bonita. Esta minha flor é bonita. Aquela é feia.

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 20-21; 38; 46-47v.; FIGUEIRA 36-53; 65-68; VLB 390; MONTOYA 46-50; RESTIVO 42-44; 46-47; CAETANO 10-11; ADAM 38-39; 78-81; L. BARBOSA 170.



Aldeia tupi (THEVET)

GRAUS DO SUBSTANTIVO

AUMENTATIVO

99. "Grande" traduz-se por *t-urusu,* que só é usado quando se trata da 3.ª p. A 1.ª e a 2.ª se servem de *s-eburusu*. que é comum também à 3.ª. *S-eburusu* segue *t-oby* (n. 89):

xe r-eburusu: sou grande
nde r-eburusu: és grande
s-eburusu: é grande
îandé ou *oré r-eburusu*: somos grandes
pe r-eburusu: sois grandes
s-eburusu: são grandes

100. Mas o *sufixo* aumentativo é *gûasu* para os nomes acabados em vogal tônica, e *usu* para os outros. Os paroxítonos perdem a última vogal:

kurumĩ: menino
paranã: rio volumoso, mar
y: rio
mboîa: cobra
îararaka: jararaca
kurumĩ-gûasu: moço
paranã-gûasu: oceano
y-gûasu: rio grande
mboî'-usu: cobra grande
îararak'-usu: jararaca grande

101. *S-eburusu* e *gûasu* incluem a idéia de "grande e grosso". Com adjetivos e verbos, *gûasu* (ou *usu*) significa "muito"; com os verbos transitivos, faz de objeto; com os intransitivos, de sujeito:

a-r-ur-usu: trouxe muitos
a-peb-usu: achatadão
a-sang-usu: rechonchudão
o-ur-usu: vieram muitos
ran-usu: grosseirão
o-îabab-usu: fugiram muitos

Ocorrem formas como estas: *a-peb-usu-gûasu* achatadão, *a-sang-usu-gûasu* rechonchudão.

O aumentativo entra em numerosas alcunhas.

DIMINUTIVO

102. "Pequeno" é *mirĩ, ĩ* ou *í*. *Í* e *ĩ* são sufixos. *Mirĩ* é também adjetivo:

pirá: peixe
aîura: pescoço
pitanga: criança
kumandá: fava

pirá mirĩ, pirá-í: peixinho
aîur-ĩ, anhur-ĩ: pescocinho, colo
pitang-ĩ: criancinha
kumandá-í: feijão

O sufixo modifica também adjetivos:

a-sang-ĩ: rechonchudinho
a-peb-ĩ: achatadinho

Significam também "pequeno, miúdo": *ayrĩ* (*t*), *isiũ* (*t*). Seguem *oby* (*t*).

PARTÍCULAS EXPLETIVAS

103. Há duas principais: *-ne* e *rá*, esta de raro uso em separado:

kó-ne aé xe r-embi-ekara: é isto o que procuro
mbaé-pe? Kó-ne: o que? Isto

104. Unem-se com os demonstrativos *akó, aé, iã, ikó, ak' aé*, com o advérbio *ipó*, etc.:

n' akó, n' aé, n' iã, n' ikó, n' ipó, n' ip' aé, r' akó, r' aé, r' ak' aé, que também são partículas demonstrativas de realce (exceto *n' ipó* e *n' ip' aé*)

105. A partícula se pospõe ao membro da oração que se quer fazer sobressair:

ahẽ-n' akó i angaturam bé-ĩ (VLB 285): aquêle em todo caso é um pouquinho melhor; *ikó aoba-n' iã aûî-é katu tenhé* (VLB 339): êste vestido é muito bom; *iké-ndûara-n' ikó* (VLB 339): êste é daqui;

anhé-n' akó (VLB 116): assim é; *yby anhó-n' ipó asé r-oó?* (AR. 47): é acaso só terra a nossa carne?; *ixé r' akó* ou *ixé r' ak' aé* (VLB 214): eu era (aquêle)

EXERCÍCIOS

106.

ybyty-gûaîa: vale	*tapiti*: coelho
yby-peba: vargem	*peyba*: trilhado
kûara: toca, cova	*kûá-gûasu*: grosso e roliço
mundé: armadilha	*ubixaba* (*t*): enorme

107. Há alguma confusão entre "rio" e "mar". No guarani "mar" é *pará*, "rio" *y* ou, quando volumoso, *paranã*. No tupi, "mar" é *paranã* e "rio" *y* ou *y-gûasu*. Os vocabulários não mencionam *pará* no tupi, mas pelos nomes geográficos vê-se que tanto *paranã* como *pará* foram empregados para designar o mar e os rios mais caudalosos.

108. *I a-peb-usu n' akó kururu. S-ubixab n' akó ybyty-gûaîa. Yby--peb-usu n'ikó. I peyb n' akó tapiti kûara* (VLB 388). *S-ubixab-usu n' ikó ybyrá. I a-sang-usu-gûasu n' ikó pe irũ. I a-sang-ĩ kó pitang-ĩ. I aib-ne y-gûasu. S-eburusu r' akó nde mundé. I aib xe mundé-gûasu. I kuá-gûasu-ne aîpó ybyrá una. Nde r-ubixab; ixé, xe mirĩ. I katu n' akó nde îy mirĩ. Nde îy-gûasu i aib.*

109.

regato: *y-ekó-aba*	tacape: *ybyrá-pema*
espigão: *api-pema*	ladeira: *yby-ama*

110. O mar é grande. O regato é pequeno. Teu nariz é pequeno. Orelha grande. Tua orelha é grande; a minha é pequena. Teu irmão é "orelha grande". Passarinho. Teus pés são pequenos. Eu sou pequeno; tu és grande. Aquêle pau é achatado. Meu tacape é grosseirão. Êste homem é rechonchudo. Aquela criança é achatadinha. Aquêle teu machadinho está ruim. É enorme êsse homem. É uma ladeira enorme aquela. É achatadão aquêle espigão.

BIBLIOGRAFIA

Aumentativo — ANCHIETA 13-13v; FIGUEIRA 80; RESTIVO 19-20.

Diminutivo — ANCHIETA 54; FIGUEIRA 140; MONTOYA 7; RESTIVO 21; ECKART 8.

Partículas de realce — ANCHIETA 57v; VLB passim; MONTOYA 19; RESTIVO 113-114; 202-214.

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

VERBOS

111. Há duas conjugações: 1.ª) verbos de pronomes pacientes *xe, nde, i,* etc.; 2.ª) de prefixos ou pronomes agentes *a-, ere-, o-,* etc.

Correspondem aos dois tipos de frases: equacionais e narrativas.

112. Já conhecida a primeira (n. 78), eis o paradigma da segunda:

bebé: voar

(*xe, ixé*)	*a-bebé*:	voei, vôo
(*nde, endé*)	*ere-bebé*:	voaste, voas
	o-bebé:	voou, voa
(*îandé*)	*îa-bebé*:	voamos, voamos (incl.)
(*oré*)	*oro-bebé*:	voamos, voamos (excl.)
(*peẽ*)	*pe-bebé*:	voastes, voais
	o-bebé:	voaram, voam

Os pronomes entre parênteses só aparecem quando se quer dar maior realce ao sujeito. Os prefixos *a-, ere-, o-,* etc. são, em geral, imprescindíveis.

OBS.: 1. *îa-* é inclusivo, *oro-* exclusivo (n. 59). Antes de sílaba nasal, *îa-* se torna *nha-* (n. 18).

2. Quando o tema do verbo começa por *i* ou *u* pré-tônicos, estas vogais podem semivocalizar-se, formando ditongo com a vogal do prefixo pessoal (n. 17 OBS. 2). Não sendo fenômeno claro nem constante, não se indica na escrita.

TEMPOS DO VERBO

113. O verbo tupi não conhece a noção de tempo: exprime apenas um processo ou ação (ou uma equação, se o verbo é predicativo). Na sua forma geral, o indicativo aplica-se a qualquer tempo. É mais comum traduzir pelo passado. O nosso presente gramatical supõe sempre algo de passado. O futuro, como em nossa linguagem familiar ("eu vou e trago-o"), pode ser expresso pela forma geral. Quando o futuro implica *resolução* ou *desejo* de quem fala, confunde-se com o modo deliberativo ou permissivo. É usada também a partícula *-ne,* quando há uma *expectativa* de quem fala:

FUTURO

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

xe maenduar-ne:	eu me lembrarei
nde maenduar-ne:	tu te lembrarás
i maenduar-ne:	êle se lembrará
îandé maenduar-ne:	nós nos lembraremos (incl.)
oré maenduar-ne:	nós nos lembraremos (excl.)
pe maenduar-ne:	vós vos lembrareis
i maenduar-ne:	êles se lembrarão

SEGUNDA CONJUGAÇÃO

a-bebé-ne:	voarei
ere-bebé-ne:	voarás
o-bebé-ne:	êle voará
îa-bebé-ne:	voaremos (incl.)
oro-bebé-ne:	voaremos (excl.)
pe-bebé-ne:	voareis
o-bebé-ne:	voarão

i marangatu-ne: êle será bom; *emonã-ne*: será assim; *xe r-osang--ne*: serei paciente; *ixé-ne*: serei eu

Alguns autores costumam registrar o *i* eufônico (n. 20) entre o tema terminado em consoante e a partícula *-ne*: *xe maenduar-i-ne.*

A partícula *-ne* ocupa sempre o fim do período:

kori ere-ikó xe r-oryp-á'-pe xe pyr-i-ne (Ar. 91): hoje estarás junto de mim no meu lugar de felicidade

Não há outros tempos. Em vez da categoria de "tempo", desenvolveu-se mais em tupi a de "aspecto", que exprime as modalidades do processo verbal, e não o momento em que se verifica o processo (v. n. 1021).

EXERCÍCIOS

114. Conjugar no *futuro*:

îuká: matar
ker: dormir
manó: morrer
nheeng: falar
pab: acabar-se
pak: acordar
pytá: ficar
kaî: pegar fogo
pirang: ser vermelho
s-eîar: deixar
sem: sair
s-endub: ouvir
s-enõî: chamar
s-epîak: ver
só: ir
ytab: nadar
nhan: correr
rem: ser fedorento

ORDEM DAS ORAÇÕES SIMPLES

115. O sujeito pode vir antes ou depois do predicado, mas o prefixo agente precede sempre o verbo. O objeto direto, se é substantivo, vem depois do verbo, mas são possíveis outras colocações, desde que não se prejudique a clareza:

Pindobuçu viu o mar: *Pindobusu o-s-epîak paranã* ou *Pindobusu paranã o-s-epîak* ou *paranã Pindobusu o-s-epîak* ou *o-s-epîak paranã Pindobusu*

116. O objeto pode-se colocar entre o prefixo agente e o verbo:

matei uma môsca: *a-mberu-îuká;* matou uma môsca: *o-mberu-îuká*

117. Neste caso, se é substantivo paroxítono, diante de consoante ou semivogal perde a última sílaba; diante de vogal perde a última vogal (n. 16):

matou uma onça: *o-îagûá'-îuká* (*îagûara*, onça); arrancou cabelos: *o-ab'-ok* (*aba*: cabelo; *ok*: arrancar)

118. O objeto indireto e os outros complementos têm a mesma variedade de colocação do português. Evita-se, porém, colocá-lo entre o verbo e o objeto direto.

PRONOMES OBJETIVOS

119. Sempre que o substantivo que é objeto direto não está entre o prefixo agente e o verbo, nesse lugar deve ficar o pronome objetivo da 3.ª p.

120. Êste é quase sempre *i* (ou *î* após vogal):

apanhou um machado: *o-îy-pysyk* ou *o-î-pysyk îy* ou *îy o-î-pysyk*
quero pedras: *a-î-potar itá* ou *itá a-î-potar* ou *a-itá-potar*

121. Antes de muitos verbos começados por vogal, é *s* em vez de *i*:

viste o mar: *ere-paranã-epîak* ou *ere-s-epîak paranã* ou *paranã ere-s-epîak*
ouvi uma voz: *a-nheeng-endub* ou *a-s-endub nheenga* ou *nheenga a-s-endub*

122. Com os verbos monossilábicos, é *îo-* (*nho-*, antes de nasal):

escondemos frutas: *oro-ybá-mim* ou *oro-nho-mim ybá*, etc.
arrancaram as flechas: *o-uub-ok* ou *o-îo-ok uuba*, etc.
enterrastes as cabeças: *pe-akã'-tym* ou *pe-nho-tym akanga*

123. Nas 3as. pp. o *îo-* não é de rigor:

enterrou a mulher: *o-nho-tym kunhã* ou *o-tym kunhã*
pilou o milho: *o-îo-sok abati* ou *o-sok abati*

124. Os verbos que começam por *r(o)-* ou *no-* não levam pronome objetivo da 3a. p.; na 1a. excl. pl. e nas 3as. pp. inserem *gûe-*:

r-ekó: ter	**no-sem**: retirar
a-r-ekó: eu o tenho	*a-no-sem*: eu o retiro
ere-r-ekó: tu o tens	*ere-no-sem*: tu o retiras

o-gûe-r-ekó: êle o tem
îa-r-ekó: nós o temos
oro-gûe-r-ekó: nós o temos
pe-r-ekó: vós o tendes
o-gûe-r-ekó: êles o têm

o-gûe-no-sem: êle o retira
îa-no-sem: nós o retiramos
oro-gûe-no-sem: nós o retiramos
pe-no-sem: vós o retirais
o-gûe-no-sem: êles o retiram

125. Êsses verbos, quando o objeto está depois do pronome agente, levam mais um *e-*:

a-uub-e-r-ekó, ere-uub-e-r-ekó, o-uub-e-r-ekó: tenho frechas, tens frechas, etc.

126. Raríssimos verbos transitivos irregulares não usam o pronome objetivo da 3.ª p., embora levem prefixo agente: *a-é* "digo" (*é* "dizer"), *a-ú* "como" (*ú* "comer"). V. Lição 48.ª.

127. O verbo *îuká* "matar" e outros começados por *î* perdem o pronome objetivo da 3a. p., quando precedidos de prefixos agentes:

a-îuká, ere-îuká, o-îuká, etc.: eu o mato, tu o matas, êle o mata, etc.

128. Em alguns vocabulários e gramáticas, os verbos transitivos aparecem com o pronome objetivo, como se êste fizesse parte do tema verbal. — Desta lição em diante, indicaremos entre parênteses o pronome objetivo, quando fôr *s* ou *îo,* dispensando-nos de fazê-lo quando fôr *i.*

EXERCÍCIOS

129.

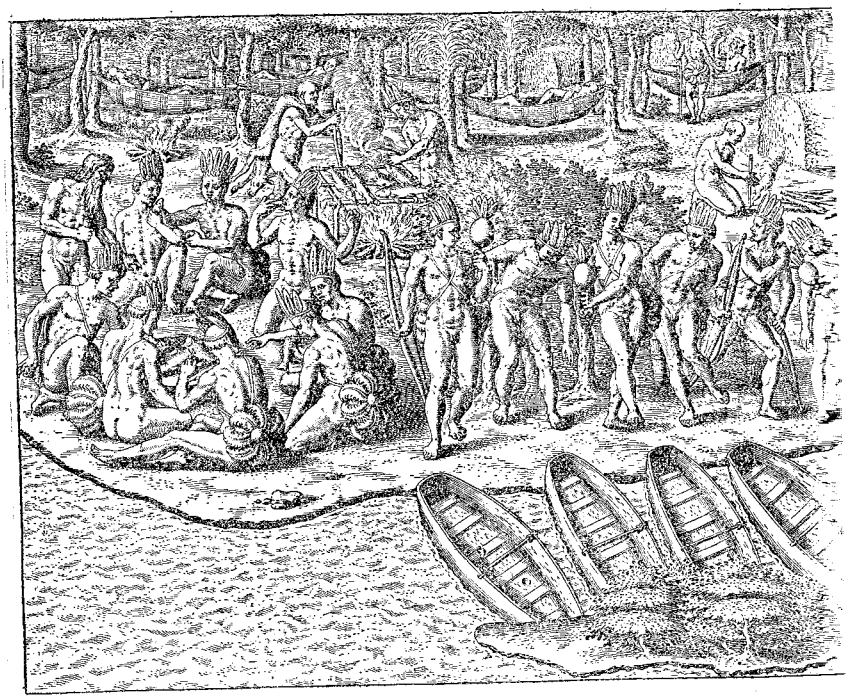
t-obaîara: inimigo (subst.)
kybyra: irmão (de m.)
tutyra: tio materno
akuti: cutia
îepeaba: lenha
amana: chuva
kanhem: sumir
mo-akuí: enxugar (o úmido)
mo-kang: enxugar (o molhado)
mo-akym: molhar

ygá-pema: tacape
kûarasy: sol
py-banga: torto dos pés
areá: aleijado (sola para cima)
py-teema: id. (que pisa com a ponta do pé)
anama: parente
r-ur: trazer
ar: apanhar
ú: comer, beber
mim (nho): esconder

mo-nguî: derrubar
ra-só: levar
mo-nhang: fazer

amó... amó...: um... outro...
gûá: ptc suj. indet. 3.ª p. pl.
pytá: ficar

130. *Abá o-î-monhang o taba. Kurumî o-y-e-ra-só. Kunhã o-îepeab--ar. Îepeaba i tining. Amana o-î-mo-akym îepeaba. Kûarasy o-î-mo--akuí îepeaba. Kûarasy o-îepeá-mo-akuí. Ybytu o-î-mo-nguî ybá. T-atá o-î-mo-kang aoba. T-obaîara xe anama o-îuká. Irî* (n. 62) *o-gûe-r-ekó uub-etá. Xe kybyra amó i py-teem, xe kybyra amó i py-bang. Xe tutyra i arcá. .O-kanhem xe îy. O-mim gûá nd ygapema-ne. O-gûe-r-ur gûá nde sy. Akuti o-ú akaîu. Ypek o-y-ú. Gûyratinga o-pirá-ú. O-pytá gûá-ne.*



Cenas de um acampamento de índios em expedição guerreira (De Br

131.

entrevado: *apara*
coxo: *par-ĩ*
coxear: *par-ĩ (xe)*
mudo: *nheeng-ú, nheeng-eyma*
comida: *mbi-ú*
surdo: *apysá-eyma*
veado: *sûasu*
mais para cá: *kybõ, kybõ ngoty*
mais para lá: *amõ, amõ ngoty*
também: *abé*

132. A mulher apanha lenha sêca, faz a comida. Os passarinhos comem a comida. Minha mãe escondeu o machado dela. Tu trouxeste o seu tacape. O veado comeu as frutas. Nós trouxemos o vosso companheiro. Eu vi muita lenha sêca. A chuva molhou a lenha. Esconderam os nossos machados. Perdi (sumiu) o meu machado. Traze mais para cá êsse entrevado. Leva mais para lá êsse coxo. Êle é surdo. É mudo também.

BIBLIOGRAFIA

Verbos — ANCHIETA 17v-22; FIGUEIRA 149-153; MONTOYA 13-18; RESTIVO 28-33; CAETANO 14-16; ADAM 40-42; 52-54; DALL'IGNA, passim; L. BARBOSA 171-173.

Ordem das orações simples — ANCHIETA 36-37; FIGUEIRA 87-89; MONTOYA 34-35; RESTIVO 74-75; CAETANO 86-87.

Pronomes objetivos — ANCHIETA 37v-40; FIGUEIRA 87-89; MONTOYA 38-40; RESTIVO 74-78; CAETANO 39-40; ADAM 40; L. BARBOSA, *Jukú* 74-77.

PREPOSIÇÕES

133. Colocam-se depois da palavra que regem. São posposições.

134. **suí**

1) "de" (proveniência e separação): *a-sem taba suí* (ANCH. 43): saí da aldeia; *a-î-peá i xuí*: apartei-o de sua mãe
2) "fora de": *oro-ikó taba suí*: estamos fora da aldeia
3) "sem" (neg. de companhia), "e não": *t' a-só nde suí-ne*: irei sem ti (e tu não); *ere-s-enõî xe r-uba xe sy suí*: chamaste a meu pai sem minha mãe
4) "para não": *a-só nde r-epîak-a suí*: vou para não te ver
5) "(por causa) de": *xe r-un t-atá-tinga suí* (VLB 177): estou negro de fumaça; *t-oryba suí a-popor* (VLB 385): salto de alegria
6) comparativo; v. n. 173 s.
7) "a" (raro): *o-kanhem ygara xe suí* (VLB 337): desapareceu-me a canoa; *s-asy xe akanga xe suí* (VLB 194): dói-me a cabeça

135. **r-upi**

1) "por" (lugar): *oro-nhan yby r-upi*: corremos pelas terras
2) "conforme, segundo": *pe-gûatá xe sy r-upi*: andais como minha mãe; *a-ikó-bé nde r-ekó r-upi*: vivo segundo a tua norma
3) "à medida que", "enquanto": *xe nheenga r-upi* (VLB 199): em eu falando
4) "com" (raro): *a-ikó kunhã r-upi* (ANCH 43v.): casei-me com a mulher

136. supé

1) "a, para" (dativo): *a-î-meeng nde r-uba supé*: dei-o a teu pai
2) "em busca de, buscar": *e-îor nde r-uuba supé*: vem buscar tuas flechas
3) "contra": *tapyyîa o-î'-ereb i xumarã supé*: os tapuias se voltaram contra os inimigos dêle; *a-nheeng nde r-uba supé* (Fig. 122): pelejei contra teu pai

137. koty (após nasal *ngoty*)

1) "para o lado de" (com v. de movimento): *îagûara o-só oka koty*: a onça foi para o lado da casa; *ebouĩ nde r-esá por-ausub--ara e-ro-bak oré koty* (Ar. 2): êsses teus olhos misericordiosos volve para o nosso lado
2) "para o lado de", "ao *ou* do lado de" (v. de repouso). Menos usado: *okara koty*: do lado da rua; *Tupã T-uba... é-katu-aba koty s-en-i* (Ar. 3): está assentado à direita de Deus Pai

138. pupé

1) "em": *ikó yby pupé* (Ar. 24): nesta terra; *oré taba pupé*: em nossa aldeia; *ara mosapyra pupé* (Ar. 3): no terceiro dia; *T-uba r-era pupé* (Ar. 1): em nome do Pai
2) "dentro": *maraká pupé*: dentro do maracá; *a-ar nde ygara pupé* (Anch. 40v.): embarco em (dentro de) tua canoa
3) "com" (dentro de alguma cousa): *o-ur ixé pupé*: veio comigo (p. ex. na canoa); *a-ar nde pupé* (Anch. 40v.): embarco contigo; caio em teus costumes
4) "com" (instrumento): *o-îuká ygapema pupé*: matou-o com o tacape; *t-esãîa pupé* (Ar. 137): com alegria
5) "entre, juntamente com": *o-gûe-ra-só xe r-uuba o mbaé pupé*: levou minhas flechas entre seus objetos

Obs.: *i pupé* "junto com isso, com tudo isso, além disso": *o-îuká o-ú i pupé*: mataram-no e ainda o comeram; *i pupé nd' ere-îabab-i--pe?*: e ainda não fugiste?, *abá byk-ag-ûer-eym-amo s-ekó pupé memé* (Ar. 4): juntamente com ser ela também virgem

139. r-esé ou rí

1) "por (causa de)": *xe sy r-esé a-por-abyky*: trabalho por causa de minha mãe; *xe r-ory'-katu nde r-ura rí* (LÉRY 262): alegro-me muito por teres vindo; *nde xe r-ayra r-ausuba r-esé, ixé abé oro-ausub*: por amares a meus filhos, eu também te amo

2) "com" (companhia), v. n. 144 s.

3) prep. que rege muitos verbos e adjetivos relativos: *xe maenduar xe r-etama r-esé*: lembrei-me de minha terra; *o-mendar xe r-ykera r-esé*: casou-se com minha irmã; *e-Tupã-mo-ngetá oré i angaipá'-bae r-esé* (AR. 2): roga a Deus por nós, pecadores; *o nheenga o-ityk xe r-esé*: falou contra mim; *o-î'-epyk xe rí*: vingaram-se de mim; *a-pó-ar ndê r-esé-ne* (FIG. 124): hei de te espancar; *a-ro-bîar nde r-esé*: creio em ti; *nda xe ray'-potar-i nde r-esé* (FIG. 124): não te quero ter por filho

140. -pe (após nasal *-me*)

1) "em" (lugar): *o-manó xe kó-pe*: morreu na minha roça; *oro-pytá Itá-pe*: ficamos em Itá

2) "a, para" (direção), "até": *o-só Itá-pe*: foi a Itá; *pe-só oré kó-pe*: fostes a nossa roça; *t' îa-só xe irũ-mo Nhoesembé-pe nhó-te* (VLB 117): vai comigo só até Ilhéus

3) "a, para" (dativo): *a-î-meeng itá nde r-uba-pe*: dei a pedra a teu pai

4) "por, em busca de": *a-só nde r-uba-pe*: vou em busca de teu pai, trazê-lo

5) "por, porque": *xe r-enõî-dag-ûé'-pe, a-îur*: venho por me terem chamado

141. Após nasal, a preposição é *-me:*
nhũ-me: no *ou* ao campo; *paranã-me*: no mar

142. Regidos de *-pe,* os paroxítonos perdem a última vogal. Tenha-se presente, entretanto, a eufonia (n. 20):

oka: casa, *ok-pe*: na casa; *anga*: abrigo, *ang-me*: ao abrigo; *nhãîa*: fonte, *nhãî-me*: na fonte

Se a sílaba final átona é *ba,* cai. Se é *ma,* cai e há nasalização. Se é *na,* cai só a vogal:

taba: aldeia, *tá'-pe*: na aldeia; *t-etama*: região, *t-etã'-me*: na região; *koema*: manhã, *koẽ'-me*: de manhã; *pytuna*: noite, *pytun-me*: de noite

143. Nas acepções 3) e 4), *-pe* não causa alteração aos paroxítonos. Mas pode nasalizar-se após oxítonos nasais:

morubixaba-pe: ao chefe *sumarã-me*: ao inimigo

CONECTIVOS

144. A preposição "com" de (de companhia) se pode traduzir por *pabẽ, ndí, ndí-bé, r-esé, r-esé-bé, irũ-namo* ou *irũ-mo.*

No sujeito, estas preposições levam o verbo para o plural. Mas *irũ-namo* ou *irũ-mo* prefere o singular:

pe-îur-pe xe sy ndí?: viestes com minha mãe?; *oro-marã-monhang Taubysy r-esé* ou *ndí* (VLB 335): lutei com Taubici; *oro-îe-byr nde r-esé-bé*: voltei contigo; *xe-r-uba pabẽ oro-só* (VLB 269): fui com meu pai; *t' îa-só xe irũ-namo Nhoesembé-pe nhó-te* (VLB 117): vai comigo só até Ilhéus; *a-îe-byr nde sy irũ-namo*: voltei com tua mãe

145. Não há a conjunção "e". Os substantivos e pronomes, quando estritamente necessário, se unem pelas preposições *pabẽ, ndí,* etc.:

oro-só nde r-aîyra ndí: fomos eu e tua filha; *a-s-epîak nde r-aîyra nde tutyra r-esé-bé*: vi tua filha e (com) teu tio

146. Substituem igualmente a conjunção os advérbios *bé, abé, -no, bé-no, abé-no* "também", "mais":

o-sem kunhã kunumĩ abé: saiu a mulher (e) o menino também

Êsses advérbios em geral se pospõem. Mas *-no* pode-se colocar no fim da frase (antes de *-ne,* no futuro):

t' a-r-ur amó t-e-mbi-ara, amó akang-ûera bé, muam-baba su-
-no-ne: trarei, do combate, uns prisioneiros e umas cabeças

147. Os verbos e orações ligadas pela conjunção "e" ou 1 se justapõem simplesmente, ou 2) se servem de *bé, ab-* etc., ou 3) do gerúndio (n. 425):

vi-o e matei-o: *a-s-epîak, a-îuká* (lit. vi-o, matei-o); *a-s-epîak a-îuká bé* (lit. vi-o, matei-o também); *a-s-epîak, i îuká-bo* (lit. vi-o matando-o)

Mas v. n. 1060.

EXERCÍCIOS

148.

membyra: filho, filha (de m.)
upaba: lago
andyrá: morcego
mandioka: mandioca
koema: manhã
karuka: tarde
pytuna: noite

gûasem [*supé*]: achar, chegar a
ar: cair
kûab: passar
asab (*s*): atravessar
meeng: dar
karu: comer (intr.)
ybaté: alto (subst. e adj.)

149. *Y-ekó-aba o-ar y-gûasu-pe; y-gûasu o-ar paranã-me. Akuti o-î-pysyk akaîu o pó-pe. Îa-pytá kaá-pe. Nde sy ixé a-îuká. I nheenga a-s-endub maraká pupé. O-gûe-ra-só mboîa paîé supé. A-nheeng-endub. Akuti o-manó koẽ'-me. Oro-ytab upá'-pe; peẽ pe-ytab paranã-me. Gûyrá o-bebé ybaté koty. Kunhambeba o-ker pytun-me xe inĩ-me-ne. Xe membyra o-mendar ko gûarinĩ r-esé-ne. Andyrá xe py o-î-pyter ko pytun-me. O-sem kûarasy. A-î-meeng xe gûyrapara nde membyra-pe. Koẽ'-me oro-sem, nde membyra r-esé-bé, taba suí, oro-só upaba koty, oro-nhan nhũ r-upi, ybytyra r-upi-bé, oro-ytab, oro-s-asab abé y-gûasu-no. Oro-só paîé r-esé xe membyra suí-ne. O-kanhem xe inĩ. A-gûasem nde inĩ supé, a-î-meeng nde sy-pe. Ypeka o-ú pirá, mandioka abé. Gûyrá o-ker ybyrá ybaté-pe.*

150.

canastra: *karamẽ(m)ûã*
gambá: *sarigûé*
subir: *îe-upir*
atirar-se: *nhe-mo-mbor*

bolsa do gambá: *sabé-aîó*	hoje: *îeí, oîeí* (pass.), *kori* (fut.)
quati: *kuati*	ontem: *kûesé*
sombra: *anga*	amanhã: *oirã, oirandé*
brincar: *nhe-mo-saraî*	aqui: *iké*
descer: *gûeîyb*	alguém: *amó abá*

151. [Perdi] (Sumiu) o meu tacape e o meu machado. Eu encontrei teu machado dentro da nossa canastra. Nós saímos da taba ontem de tarde; atravessamos o lago; chegamos ao mar de noite, e voltamos hoje de manhã para a taba. Nossos companheiros saíram hoje e voltarão hoje mesmo (*kori-é*). Cunhambeba foi ontem de noite à minha taba, escondeu minha rêde dentro da canastra dêle e atirou-a (*o-îtyk*) ao mar. Por vossa causa passei por esta taba. Os meninos embarcaram comigo; as meninas embarcarão com Cunhambeba. Os passarinhos voam no céu; os peixes nadam no lago; o veado corre pelos campos. O gambá leva os seus filhos numa bolsa. O quati desceu da árvore, subiu na pedra [e] atirou-se à água. Os meninos brincam à sombra das árvores.

BIBLIOGRAFIA

Preposições — ANCHIETA 40-46; FIGUEIRA 120-126; MONTOYA 70-76; RESTIVO 11-16; CAETANO 64-69; ADAM 29-32.

Conectivos — ANCHIETA 41-46; FIGUEIRA 123-148; MONTOYA 74-81; CAETANO 68.

Fabricação do fogo (STADEN)

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

GENITIVO

152. Para verter em tupi a idéia de posse, expressa em português pela preposição "de", basta juntar os dois substantivos em ordem inversa à do português:

gûyrá: ave	*pepó*: asa	*gûyrá pepó*: asa da ave
tyé: canário	*tĩ*: bico	*tyé tĩ*: bico do canário

Como não há artigo, *gûyrá pepó* tanto significa "asa de ave", como "a asa da ave", etc.

153. Como em português, o processo serve para a posse pròpriamente dita: *paîé kysé* "a faca do pajé"; para a posse integrante (partes do sujeito): *paîé pó* "a mão do pajé"; para a posse de relação (parentesco, etc.): *paîé sy* "a mãe do pajé"; para a posse de subjetividade: *paîé sema* "a saída do pajé".

Neste CURSO diremos que o 1.º nome ou pronome está no "genitivo".

Os possessivos (n. 58) não são mais do que pronomes em genitivo: *xe kysé* "minha faca" (*lit.* a faca de mim); *nde pó* "tua mão" (*lit.* a mão de ti); *i xy* "a mãe dêle"; *o sema* "a saída dêle" (refl.).

154. Segue-se o mesmo processo para exprimir o complemento restritivo ou determinativo:

abati uí: farinha (*feita ou tirada*) de milho
itá y: água (*tirada*) da pedra
(*te*)-*sá-y*: água (*que sai*) dos olhos
itá nhaẽ: prato (*feito*) de pedra

155. Dão-se vários metaplasmos (n. 15 s.) e as mesmas alterações dos qualificativos:

marana: guerra	*irũ*: companheiro	*maran-irũ*: companheiro de guerra
kama: seio	*y*: líquido	*kamb-y*: leite
îagûara: onça	*akanga*: cabeça	*îagûar-akanga*: cabeça de onça
	pó: mão	*îagûá'-pó*: mão de onça

Isto, porém, só quando da junção dos dois substantivos surge uma terceira palavra, composta.

156. O adjetivo fica depois do substantivo correspondente:

asa preta de passarinho: *gûyrá pepó una*
asa de passarinho preto: *gûyrá ũ' pepó*

Não é fácil estabelecer com precisão em que casos os dois elementos se devam escrever separados ou juntos. V. n. 15. Muitos substantivos aparentemente simples são compostos de genitivo.

INTERROGATIVOS

157. Às perguntas junta-se uma partícula de interrogação; quase sempre *-pe:*

a-só-pe?: eu fui?; *ere-îuká-pe?*: tu o mataste?; *o-manó-pe-ne?*: morrerá?; *o-bebé-pe gûyrá?*: voou o passarinho?

A partícula se pospõe ao têrmo sôbre o qual recai a pergunta:

xe inĩ-me ere-ker-pe?: dormiste em minha rêde?; *xe inĩ-me-pe ere-ker?*: [foi] em minha rêde [que] dormiste?; *xe inĩ-me endé-pe ere-ker?*: [foste] tu [que] dormiste em minha rêde?

Se êsse têrmo for inseparável do seguinte, deixa-se a partícula para depois, ou, possìvelmente, repete-se o têrmo:

xe só-reme-pe?: quando eu fôr?; *ixé-pe xe îuká?*: mata-me a mim?; *nde-pe nde îuká?*: mataram-te a ti?

158. A partícula *-te* dá à interrogação um tom dubitativo, e mesmo negativo:

ere-s-enõî-te-pe?: pois o chamaste?; *pe-s-epîak-te-pe-ne?*: porventura o vereis?; *mbaé-te-pé?*: que cousa pois?

Ocorre amiúde nas respostas interrogativas, comuns no idioma:

a-só-te-pe ixé? (ANCH. 36): eu fui? (= não fui)
abá-é-te-mo-p' aé?: quem outro seria êle?

A consoante final da palavra anterior a *-pe* ou *-te* pode cair. Sem ser uma norma absoluta, é freqüente a queda de *b*, facultativa a de *r*, *m* e *n*, muito rara a de *k* e *(n)g*. Quando a consoante não cai, aparece um *i* ou *y* eufônico, ainda que não se escreva (n. 20).

159. Emprega-se também, mais rara que *-pe*, a interrogativa *hẽ*:

marã-pe?, marã hẽ?: como?; *mbaé-pe?, mbaé hẽ?*: que?

160. O advérbio *serã* "talvez, duvidosamente, acaso" serve também de interrogativa dubitativa:

asé sy-ramo bé serã Tupã o sy mo-ingó-û? (AR. 37): acaso Deus constituiu sua mãe como mãe nossa também?; *marã serã t-ur-eym-i?* (VLB 260): por que será que não vem?

Raramente, o próprio tom da voz dispensa a partícula.

OBS. Em numerosas línguas, tanto civilizadas como primitivas, há diferença de tom ou de estrutura entre dois tipos de interrogações: 1.º) a pergunta de afirmação-negação, alternativa (*sim* ou *não?*), 2.º) a pergunta de especificação (*quem?, quando?, como?*). Em português, p. ex., a pergunta do 1.º tipo pede elevação final de tom. A do 2.º tipo, queda de tom.

Cpr. 1.º) *O viajante já chegou?*
2.º) *Quem é que chegou?*

Alguns autores, para o 2.º tipo, usam o sinal reverso de interrogação (¿).

Em tupi, há ligeira diferença entre os dois tipos. Para ambos pode-se usar a partícula interrogativa *-pe*. Já as partículas *hẽ* e *serã* são mais comuns no 2.º tipo. — Ignora-se se havia diferença de tom.

161.

abá?: quem?
mbaé?: que? qual? que cousa?
abá mbaé?: de quem?
marã?: que? como? quais? por que?
marã-namo?: por que?
marã ngatu?: como? de que maneira?
marã ngoty?: aonde? para onde?
marã-bae?: qual? de que espécie?
umã-bae?: qual?
mbaé r-esé?: por que?
mbaé-reme?: em que hora?

mamó?: onde? aonde?
ebapó: lá, aí
karuk-eme: de tarde
kunhã-taĩ: menina
piraîuba: dourado (peixe)
pé: escama
okara: praça
gûaîbĩ: velha
por-anduba: novidades
pé-ok: escamar
marã-neme?: em que hora?

162. **Marã**, com ou sem *-pe*, diz quem não entendeu bem: "que (disseste)? como?"

163. **Umã-bae**, em geral, vem sem substantivo. **Mbaé**, com ou sem *-pe*, ora modifica substantivos, ora não: *mbaé oka?* qual casa?, *mbaé?* que?, *umã-bae?* qual dêles?

164. *Abá-pe kó kunhã-taĩ? Aîpó kunhã membyra n'ikó kunhã-taĩ. Umã-bae? Aîpó kunhã angaibara. Mbaé kunhã angaibara? Marã--namo-pe ere-porandub? — Mamó-pe kûesé ere-ikó? Kûesé ebapó a-ikó. Mamó r-upi-pe ere-kûab? Iké r-upi. Mbaé-reme-pe? Pytun-me. Marã? Pytun-me. — Abá sy-p' ikó gûaîbĩ? Nde membyr' irũ sy n'ikó gûaîbĩ. — Marã-bae pirá ere-s-epîak? Piraîuba. Mbaé? Piraîuba. Marã-bae pé-p' ikó? Piraîu' pé. Abá-pe o-î-pé-ok piraîuba? Ixé a-î-pé-ok. Marã-neme-pe? Kûesé, karuk-eme. Mamó--pe? Okar-pe. Abá ndi-bé-pe ere-î-pé-ok? Xe irũ ndi-bé. Mbaé pupé-pe? Kysé pupé. Abá kysé pupé-pe? Xe kysé pupé. Marã ngatu-pe? — Abá mbaé-pe kó ygapema? Aîpó gûaîbĩ membyra mendy mbaé; o-s-eîar iké, karamẽûã pupé. O-s-eîar serã, ko-ipó o-kanhem? Marã ngoty-pe i xó-û* (foi)*? — Abá mbaé kó îepeaba? Xe mbaé. Mbaé r-esé-pe ere-s-eîar iké, okar-pe? A-s-eîar-te-pe? Abá--é-te-pe o-s-eîar? — Marã-pe moranduba? Ixé-te-pe a-î-kuab?!*

165.

fruto, grão, semente: *á*
árvore, pé: *yba*
fruto, fruta: *ybá*

gostoso: *é* (*s*)
pintado (quase maduro): *aûîé--paraba, ũ'-baraba*

ananás: *naná*
ibiraigara: *ybyraygara* (árv.)
casca (de árv.): *pé, ypé*
maduro: *aûîé*
verde: *kyra*
de vez: *tyarõ*
fétido, fedor: *nema*
cheiroso: *yapûana* (*t*)
feder: *nem* (*xe*)
cheirar, sentir [cheiro de] tr. *etun* (*s*)
dar flôr, intr.: *potyr* (*xe*)
dar fruto, intr.: *á* (*xe*)
descascar: *pé-ok*
não: *aan*
sim: *pá* (h.)
já: *ym*(*û*)*ã, um*(*û*)*ã*

166. **Yba** e **á** mais se usam em composição. Fora dela, *ybyrá* e *ybá*.

167. **Ybotyra** é composto de *yba* "pé" e *potyra* "flor". Não se usa, pois quando o nome da árvore já é composto de *yba* ou *ybyrá*: *kaburey' botyra* "flor de cabreúva". O mesmo se diga de *ypé*, composto de *yba* e *pé* "casca". *Ybá* compõe-se de *yba* e *á* "fruto, grão", mas pode figurar ao lado de *á*.

168. **Aûîé** pròpriamente significa "bom, no ponto (de comer)". "Maduro" também se traduz pela côr ou feição que toma cada fruta:

îaboticaba i á un: a jaboticaba está [com a] fruta preta; *i á îú'-potá ybá* (MONT. 198v): está querendo ficar amarela a fruta; *i á pub un marakuîá*: já está mole o maracujá

169. **Umã, ymã**, etc. depois do verbo equivale a "já"; antes, a "há tempos".

170. Vistes já uma flor? Sim. Vimos hoje no mato uma linda flor. Que flor vistes? Vimos uma linda flor de maracujá. Já cheiraste uma flor de maracujá? Sim. Há tempos cherei. É cheirosa? Não. — O cajueiro (*akaîu yba*) deu flores e frutos. Os seus frutos estão verdes. — O ananás é cheiroso, bonito e gostoso. — Esta fruta é cheirosa; aquela fede. Já sentiste o fedor daquela fruta? Qual? Aquela fruta preta. Como? Aquela fruta preta. — A flor do cajueiro é branca. Onde viste o cajueiro? Lá mesmo. — A flor do cajueiro caiu no poço. — Que flores vistes no mato? — Que casca é esta? É casca de ibiraigara. Quem descascou a ibiraigara? Eu [é que] a descasquei. Em que hora? Hoje, de manhã. Onde? Fora da praça. Com quem? Com um companheiro. Com que? Com o machado. Com o machado de quem? — Quais são as novidades?

BIBLIOGRAFIA

Genitivo — ANCHIETA 9-9v; FIGUEIRA 6; MONTOYA 3; RESTIVO 12; ADAM 22-23; L. BARBOSA 179.

Interrogativos — ANCHIETA 24; 35v-36; FIGUEIRA 144; 127-133; 166; MONTOYA 69; RESTIVO 109-111: CAETANO 17; ADAM 36-37.

GRAUS DO ADJETIVO

SUPERLATIVO

171. Pospõe-se, ao adjetivo, *eté* ou *katu* "muito":

marangatu-eté: muito bom; *porang-eté*: muito bonito; *katu-eté*: muito bom; *porã'-ngatu*: muito bonito

Eté e seus compostos *eté-eté, eté-katu, 'té-katu-nhé* "muitíssimo", modificam também substantivos, advérbios e verbos:

o-mbaé-kuab-eté: êle sabe muito; *apûé-katu-eté*: muito longe; *o-ú-eté-eté ahẽ-bae*: fulano come demais; *ybotyr' yapûan-aib-eté*: flor muito fedorenta

Aos substantivos *eté* dá o sentido de valor, preciosidade, genuinidade, grandeza:

abá-eté: homem de valor, honrado; *îagûar-eté*: onça legítima, grande; *kaá-eté*: mata virgem; *yby-eté*: terra firme; *y-eté*: água boa (oposto de "salgada") = água comum

Sôbre a evolução de *eté* na epóca colonial, v. n. 1091.

172. *Rana,* oposto de *eté,* significa "semelhante, parecido, o que parece mas não é igual, pseudo", e daí "mal feito, tosco, grosseiro":

abá rana: cousa que parece (mas não é) homem; *Pindobusu rana Akangusu*: Akanguçu é parecido (apenas) com Pindobuçu; *xe*

rana endé: és parecido comigo; *uuba rana*: flecha mal feita, tôsca, que (mal) parece flecha; *gûyrapá'-ran-usu*: arco grosseirão

COMPARATIVO

173. O conceito gramatical de comparativo era pouco conhecido. Desenvolveu-se mais sob a pressão das línguas européias.

174. Superioridade: O segundo têrmo da comparação é regido da preposição *suí* ou *sosé* "acima de". Ao primeiro têrmo pode-se juntar *eté* "muito", *bé* "mais", *bé-ĩ* ou *pyryb* "um pouco mais", *pyryb-ĩ* ou *pyryb-îõ-te* "um pouquinho mais":

xe katu-eté nde suí ou *xe katu nde suí* ou *nde sosé*: sou melhor que tu; *nde sosé ixé* (VLB 119): sou mais (alto, valente, etc.) do que tu; *nde r-aîyra marangatu-eté xe r-aîyra suí*: tua filha é melhor que a minha; *i xosé-mo n' ak' ixé r-eõ* (VLB 296): melhor seria morrer eu; *i mo-mbeú-katu-pyr-amo ere-ikó kunhã suí* (AR. 2): bendita és mais do que as mulheres

175. Inferioridade: Não há. Supre-se, quando estritamente necessário, convertendo para superioridade:

minha filha é menos boa do que a tua: *nde r-aîyra i marangatu-eté xe r-aîyra suí* (*lit.*: tua filha é melhor que a minha)

176. Igualdade: Ao têrmo de comparação pospõe-se *îá-bé* ou também *îá, îá-bé-nhé, îá-katu, îá-katu-nhé* "como, quanto, da mesma maneira que":

xe îá-bé s-eburusu: é tão grande quanto eu; *nde r-aîyra i marangatu-eté xe r-aîyra îá-bé*: tua filha é tão boa quanto a minha

177. OBSERVAÇÕES. — Não há superlativo relativo. Supre-se com o comparativo de superioridade ou com o superlativo absoluto:

tapiira sûasu ábé s-eburusu-eté opá-katu soó sosé: a anta e o veado são os maiores de todos os animais; *i porang-eté n' ikó ybyrá*: esta árvore é muito bonita *ou* a mais bonita

Da mesma forma, comparam-se as orações:

o-mbaé-kuab-eté ixé suí: êle sabe mais do que eu; *o-mbaé-kuab ixé îá-bé*: êle sabe tanto como eu

Sôbre *gûasu* e *î* modificando adjetivos, v. nn. 101-102.

178. Com a locução *gûyr-i* "abaixo de", formam-se vários comparativos correspondentes a "menor", "menos":

xe gûyr-i bé "menor do que eu, mais abaixo de mim"; *xe gûyr-i nhó-te*, id.; *xe gûyr-i pyryb-î* "um pouquinho menor do que eu".

"Menor em idade, mais moço" diz-se *gûyr-i-gûana* "o que está abaixo de" ou *aky-pûer-i-gûana* (*t*) "o que está atrás de". "Maior em idade, mais velho" diz-se *enotar-ûera* (*t*) "o da frente, o dianteiro".

EXERCÍCIOS

179.

mboyra: conta
kõîa: gêmeo, gêmeos
apûã (*s*), *atyra*: montão, monte
opá, opá-katu: todos, tôdas
mo-atyr, mo-apûã: amontoar
kanga; akuí: enxuto
r-endyra: irmã
pyryb: um pouco mais

180. *Ndc gûyr-i-gûana-pe kó nde r-endyra? Aan. Xe gûyr-i pyryb-î nhote. Nde rana. Kõîa oré. I angaturam-eté opá-katu xe r-endyra sosé. Umã-bae o-î-kuab-eté i xuí? Abá-pe o-î-mo-atyr iké kó mboyra? Mamó-pe s-apûã? S-etá-pe mboyra? S-etá mboy' rana; oîepé mboyr-eté nhó-te. O-gûe-r-ur-pe bé amó-ne? O-gûe-r-ur bé amó mboyr-eté-ne? I-î aeté-pe? I matueté 'té-katu-nhé. Umã-bae-pe i-î aeté: nde uí, kó-ipó xe uí? Nde uí i akuí pyryb-î. Umã-bae s-é-eté-eté?*

181.

Mantiqueira: *Amandykyra* Tinharé: *Tinharé*

182. São altas as montanhas da tua terra (*r-etama*)? São muito altas. São muito mais altas do que as nossas, ou são pouco mais altas? São menos altas. As nossas são as mais altas de tôdas as montanhas? Não. A Mantiqueira é tão alta como as vossas mais altas serras. Qual é mais alto: o Tinharé ou a Mantiqueira? Qual flor é a mais bonita? A flor do maracujá é a mais bonita de tôdas as flores. É muito bonita a flor do maracujá. As flores do cajueiro são muito bonitas e cheirosas. A flor do cajueiro é a mais cheirosa das flores. O caju é muito gostoso; é mais gostoso que o maracujá. A flor do maracujá é mais bonita que a flor do cajueiro. A flor do cajueiro é mais cheirosa que a do maracujá. O ananás é mais gostoso que o caju e que o maracujá. O ananás é a mais gostosa de tôdas as frutas.

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 43-43v; FIGUEIRA 79-80; 122; 123; ECKART 12; 15-16; MONTOYA 6-7; RESTIVO 20-21.

CONJUGAÇÃO NEGATIVA

183. A conjugação negativa forma-se da afirmativa, juntando, antes do verbo, o prefixo *nda*, e, depois do verbo, o sufixo átono *-i* (depois de vogal, *î*).

Nda perde o *a* antes de vogal e de *î*, e perde o *d* antes de *nd:*

bebé: voar

nd' a-bebé-î: não voei
nd' ere-bebé-î: não voaste
nd' o-bebé-î: não voou
nd' îa-bebé-î: não voamos
nd' oro-bebé-î: não voamos
nda pe-bebé-î: não voastes
nd' o-bebé-î: não voaram

maenduar: lembrar-se

nda xe maenduar-i: não me lembrei
na nde maenduar-i: não te lembraste
nd' i maenduar-i: não se lembrou
nd' îandé maenduar-i: não nos lembramos
nd' oré maenduar-i: não nos lembramos
nda pe maenduar-i: não vos lembrastes
nd' i maenduar-i: não se lembraram

oby (*t*): (ser) azul

nda xe r-oby-î: não sou azul
na nde r-oby-î: não és azul
nda s-oby-î: não é azul
nd' îandé ou *nd' oré r-oby-î*: não somos azuis
nda pe r-oby-î: não sois azuis
nda s-oby-î: não são azuis

Nda reduz-se a *n'* quando há *mb* na sílaba seguinte: *n'a-mbo-é-î* "não o ensino"; *n' îa-mbo-é-i* "não o ensinamos"; *n' o-mbo-é-î* "não o ensinou".

N' aparece também em outros casos, como ***n'a-î-kuab-i, n' o-pyk-i,*** etc.

Se o verbo acaba em ditongo decrescente, dispensa-se o sufixo *-i:*

o-kaî: pegou fogo — *nd' o-kaî*: não pegou fogo

Se acaba em *b,* esta consoante pode desaparecer:

a-s-endub: eu o ouvi — *nd' a-s-endub-i* ou *nd' a-s-endu-î*: não o ouvi

184. Quando o verbo é predicativo e o complemento é um substantivo, pronome, particípio ou advérbio, em vez de *-i* coloca-se *ruã* entre o sujeito e o complemento:

nda itá ruã ixé: não sou pedra; *nda soó ruã endé*: tu não és bicho; *nda paîé ruã ahẽ*: êle não é pajé; *nda ixé ruã*: não fui eu; *nda emonã ruã*: não foi (é) assim; *nda peẽ ruã pe-îuká*: não fostes vós que o matastes

Cfr., porém, n. 352.

185. Os nomes de profissões e os verbais (n. 86) admitem ou *-i* ou *ruã:*

não somos pajés: *nd' oré ruã paîé* ou *nd' oré paîé-î* ou *nda paîé ruã oré*

não sou bebedor: *nda ixé ruã kagû-ara* ou *nda xe kagû-ar-i* ou *nda kagû-ar-i ixé* ou *nda kagû-ara ruã ixé*

FUTURO

186. Acrescente-se *xó-ne* ou *xó-é-ne*:

nd' a-bebé-î xó-é-ne: não voarei — *nda xe maenduar-i xó-é-ne*: não me lembrarei

nd' ere-bebé-î xó-é-ne: não voarás — *na nde maenduar-i xó-é-ne*: não te lembrarás

nda xe r-oby-î xó-é-ne: não serei azul
na nde r-oby-î xó-é-ne: não serás azul

o decrescente, dispensa-se

kaî: não pegou fogo

te pode desaparecer:

-endub-i ou *nd' a-s-endu-î*: não ouvi

ivo e o complemento é um ou advérbio, em vez de *-i* complemento:

nda soó ruã endé: tu não és ajé; *nda ixé ruã*: não fui eu; *da peẽ ruã pe-îuká*: não fostes

os verbais (n. 86) admitem

paîé ou *nd' oré paîé-î* ou *nda*

agû-ara ou *nda xe kagû-ar-i* ou *agû-ara ruã ixé*

O

ó-é-ne:

nda xe maenduar-i xó-é-ne: não me lembrarei
na nde maenduar-i xó-é-ne: não te lembrarás

e: não serei azul
: não serás azul

nd' i porang-i xó-ne: não será bo aquêle não será pajé; *nda ixé ruã-î nda paîé-î xó oré-ne*: não seremos p não será assim; *nda ixé ruã-î xó-ne*:

187. Aos advérbios negativos *-é-ne* ou *-i xó-ne:*

aan: nunca: *aan-i xó-é-ne*: nunc nunca mais

EXERCÍC

188.

apûé-katu: longe
aé-pe: lá mesmo
mbegûé: de vagar
eẽ: sim (de m., em geral)
sé!: interj. sei lá!
ypeka: pato

189. *Ere-s-endub-pe gûyraponga sap ere-s-endub? Sé! Nd' ere-s-endub-i-p Nd' o-nheeng-i ikó gûyrá. Marã-nam Mbaé r-esé-pe nd' ere-ker-i xe ygara r-esé-pe nd' ere-î-potar-i? Nde yg Nd' ere-s-epîak-pe kó ypeka? Nda yp Mbaé r-esé-pe nd' ere-îuká-î xó îag pe-karu-î xó-é-pe-ne? A-karu umã. amó. Gûyratinga o-ikó-bé ypá' r-em*

190

jaboticaba: *îabotikaba*
só: *nhó, nhó-te*
assim, sim: *aîé, anhé*

não: *eama, eamaẽ* (de m.)

191. **Aan-i** vem muitas vêzes reforçado *aan-i r' akó, aan-i reá* (h.), *aan-i reĩ* (m

nd' i porang-i xó-ne: não será bonito; *nda paîé ruã-î xó-é aé-ne*: aquêle não será pajé; *nda ixé ruã-î xó-é paîé-ne*: não serei o pajé; *nda paîé-î xó oré-ne*: não seremos pajés; *nda emonã ruã-î xó-é-ne*: não será assim; *nda ixé ruã-î xó-ne*: não serei eu

187. Aos advérbios negativos acrescenta-se apenas *-i xõ--é-ne* ou *-i xó-ne:*

aan: nunca: *aan-i xó-é-ne*: nunca há de ser; *aan-i xó koy-te-ne*: nunca mais

EXERCÍCIOS

188.

apûé-katu: longe
aé-pe: lá mesmo
mbegûé: de vagar
eẽ: sim (de m., em geral)
sé!: interj. sei lá!
ypeka: pato
s-upi, s-upi-katu: na verdade
-te: senão, mas sim, mas
gûyraponga: araponga
sapukaîa: grito
ikó-bé: viver
gûatá: andar

189. *Ere-s-endub-pe gûyraponga sapukaîa? Pá. A-s-endub. Endé-pe ere-s-endub? Sé! Nd' ere-s-endub-i-pe? Nda gûyraponga ruã, abá-te. Nd' o-nheeng-i ikó gûyrá. Marã-namo-pe? Nda gûyrá ruã, andyrá-te. Mbaé r-esé-pe nd' ere-ker-i xe ygara pupé? Nd' a-î-potar-i. Mbaé r-esé-pe nd' ere-î-potar-i? Nde ygara pupé nd' oro-ker-i xó-é-ne. Nd' ere-s-epîak-pe kó ypeka? Nda ypeka ruã kó gûyrá, gûyratinga-te. Mbaé r-esé-pe nd' ere-îuká-î xó îagûara-ne? O-îabab umã. Nda pe-karu-î xó-é-pe-ne? A-karu umã. Mbaé hẽ pe-ú? A-ú ybá eẽ amó. Gûyratinga o-ikó-bé ypá' r-embé-y-pe* (às margens dos lagos).

190

jaboticaba: *îabotikaba*
só: *nhó, nhó-te*
assim, sim: *aîé, anhé*
não: *eama, eamaẽ* (de m.)
absolutamente não: *erimã*
ou: *kó-ipó, kó-n'-ipó*
nada, não: *aan-i*
de maneira nenhuma: *aan angá-î*

191. **Aan-i** vem muitas vêzes reforçado por outras partículas: *aan-i nhé, aan-i r' akó, aan-i reá* (h.), *aan-i reî* (m.).

192. Aîé ou **anhé** pode vir acompanhado de outras partículas como *r-aîé, katu, r' akó, ipó, r'akó reé, reĩ, r'akó reĩ.* Ocorrem também os compostos *anhé-'té, anhé-'té-katu, anhé-'té-katu-nhé, anhé-'té-'té-katu-nhé.*

Não viste minha mãe aqui? Sim. Eu a vi. Por onde fostes ao rio dos jacarés? Nós não fomos ao rio dos jacarés. Quem foi, pois? Não o sabeis? Não é amarga a fruta desta árvore? Sim: é amarga. Por que não comeste o caju? O caju é muito amargo. Que vistes dentro do maracá? Vimos umas pedrinhas apenas. Que ouvistes dentro dêle? Minha mãe ouviu uma voz. Tu que ouviste? Nada. De vagar não chegareis à taba dos vossos parentes. Que fruta é mais gostosa: a jaboticaba ou o ananás? A jaboticaba. Não é a jaboticaba, mas sim o ananás a mais gostosa de tôdas as frutas. Que fruta é maior: o maracujá ou o caju? Não é o maracujá?

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 17v-20; 34-35; 46-47; FIGUEIRA 23-35; 36-40; MONTOYA 13-14: 46-47; 49-50; RESTIVO 45-47; CAETANO 15-16; ADAM 51; TOVAR 125-126.

IMPERATIVO

AFIRMATIVO	NEGATIVO

bebé: voar (*intransitivo*)

193.

e-bebé: voa	*e-bebé umé*: não voes
pe-bebé: voai	*pe-bebé umé*: não voeis

pysyk: apanhar (*transitivo*)

e-î-pysyk: apanha-o	*e-î-pysyk umé*: não o apanhes
pe-î-pysyk: apanhai-o	*pe-î-pysyk umé*: não o apanheis

maenduar: lembrar-se (*predicativo*)

nde maenduar: lembra-te	*nde maenduar umé*: não te lembres
pe maenduar: lembrai-vos	*pe maenduar umé*: não vos lembreis

Acrescentando *-ne*, forma-se um *futuro:*

e-bebé-ne: voa	*e-bebé umé-ne*: não voes. Etc.

Umé pode-se distanciar do verbo:

nde nhó e-îuká umé: não o mates tu sòzinho

194. Para aconselhar, advertir, não se usa o imperativo, mas o indicativo: (aconselho que) não o apanhes: *nd' ere-î-pysyk* (não *e-î-pysyk umé*)

A 1.ª e a 3.ª pp. se tomam do permissivo.

Em vez de *umé* se diz também *ymé* (forma primitiva).

195. Há dois imperativos irregulares: de *só* "ir" e de *îur* "vir":

só: "ir"; *e-kûãî* ou *e-kûá*: vai; *pe-kûáî* ou *pe-kûá*: ide

A 2.ª forma é mais forte: *e-kûá!*: vai-te embora!

îur: "vir"; *e-îor, e-îor-í* ou *îor-í*: vem; *pe-îor* ou *pe-îor-í*: vinde

O comp. *r-ur* "trazer" faz: *e-r-ur* ou *e-r-ur-í; pe-r-ur* ou *pe-r-ur-í.*

E-nhã-bé só tem imperativo, e vale para o singular e o plural: "espera ou esperai um pouco".

PERMISSIVO

196.

bebé (intr.)

t' a-bebé	
t' ere-bebé	
t' o-bebé	*-ne*
t' îa-bebé	*umé*
t' oro-bebé	*umé-ne*
ta pe-bebé	
t' o-bebé	

pysyk (tr.)

t' a-î-pysyk	
t' ere-î-pysyk	
t' o-î-pysyk	*-ne*
t' îa-î-pysyk	*umé*
t' oro-î-pysyk	*umé-ne*
ta pe-î-pysyk	
t' o-î-pysyk	

maenduar (predicat.)

ta xe maenduar	
ta nde maenduar	
t' i maenduar	*-ne*
t' îandé maenduar	*umé*
t' oré maenduar	*umé-ne*
ta pe maenduar	
t' i maenduar	

Forma-se do indicativo, juntando-lhe *ta,* que perde o *a* antes de vogal e de *î*. No futuro, acrescentar *-ne;* negativo: *umé;* futuro negativo: *umé-ne.*

t' îandé maenduar-ne: que venhamos a lembrar-nos; *t' i maenduar umé-ne*: que êle não se venha a lembrar

Os substantivos, pronomes e advérbios, quando complementos predicativos, seguem *maenduar:*

ta xe paîé ou *ta xe paîé-ne*: que eu seja pajé; *ta xe paîé umé* ou *ta xe paîé umé-ne*: não seja eu pajé; *ta ixé* ou *ixé-ne*: seja eu; *ta emonã* ou *ta emonã-ne*: assim seja; *ta ixé umé* ou *ta ixé umé-ne*: *ta emonã umé* ou *ta emonã umé-ne*: não seja assim

197. O permissivo designa uma deliberação da pessoa que fala: pedindo, convidando, mandando, permitindo ou decidindo. Por isso, corresponde, às vêzes, ao nosso futuro (não absoluto, mas resultante de deliberação):

t' a-î-pysyk: apanhe-o eu; apanhá-lo-ei; *t' ere-î-pysyk*: apanhe-lo tu; apanhá-lo-ás; *t' o-î-pysyk*: apanhe-o êle; apanhá-lo-á

198. Também equivale a "para que"; e pode-se juntar *-te,* se o verbo é afirmativo:

e-r-ur pirá t' a-ú-ne: traze peixe, comê-lo-ei (para que o coma); *a-î-apó pab, t' o-putuú-te*: faço tudo, para que êle descanse

Nesta accepção, *-ne* é comum nas 1as. pp., excecional nas outras:

t' a-îuká-ne: matá-lo-ei, pois; *t' oro-îuká umé-ne*: não o mataremos

199. Largamente empregada é a partícula de determinação *ká* (a mulher diz *ky;* plural: *pá).* O verbo pode levar *-ne* ou *-pe.* Mas *ká, ky* e *pá* só se aplicam aos casos em que o sujeito fala consigo mesmo. Vêm sempre depois do verbo e mesmo de *-ne.* Pode-se omitir *ta:*

t' a-só ká, t' a-só-ne ká, t' a-só-pe ká, a-só-ne ká, a-só-pe ká: irei; *t' a-î-pysyk(-ne) ká*: trá-lo-ei; *t' a-r-ur-ne ky*: trá-lo-ei (diz a mulher)

As outras pessoas raramente são acompanhadas de partículas:

ta pe-îuká rõ ou *ta pe-îuká-ne rõ*: matá-lo-eis; *t' o-î-pysyk rõ* ou *t' o-î-pysyk-ne rõ*: segure-o, segurá-lo-á pois

200. A 1a. incl. pl. dos transitivos perde amiúde o *a* e até o *t*; *î* se vocaliza:

t' îa-î-pysyk = t' i-pysyk = i-pysyk
t' îa-ra-só = t' i-ra-só = i-ra-só

Se o pronome é *s-*, muda-se em *x* (n. 19):

t' îa-s-ausub = t' i-x-ausub = i-x-ausub

201. *T' îá*, que também se pronuncia *x' îá*, pode ser usado à parte no sentido de "vai tu, ide vós antes":

neĩ, t' îá: eia, vai tu primeiro; *peĩ, t' îá*: eia, ide vós primeiro, na frente

202. Quando se convida uma pessoa a participar de uma ação, serve a 1a. incl. pl., não a 2a.:

t' îa-karu xe irũ-namo: come *ou* comei comigo (*lit.* comamos comigo); *t' îa-só îandé irũ-mo*: vai *ou* ide comigo (*lit.* vamos conosco)

PRONOMES OBLÍQUOS INDIRETOS

203. Os pronomes pessoais, regidos das preposições de dativo *-pe* e *supé*, assumem estas formas equivalentes:

ixé-be, ixé-bo, xe-bo, xe-bo: a mim
endé-be, endé-bo, nde-be, nde-bo: a ti
i xupé: a êle, a ela, a êles, a elas
îandé-be, îandé-bo, nhandé-be, nhandé-bo: a nós (incl.)
oré-be, oré-bo: a nós (excl.)
peẽ-me, peẽ-mo: a vós
asé-be, asé-bo: à gente

É OU AÉ

204. A partícula *é*, posposta a qualquer palavra, realça-lhe o sentido. Corresponde a "é que", "só", "mesmo", etc.

Junto de substantivo, assume a forma *aé;* junto de pronome, *e* ou *aé* (n. 77):

iké-é: aqui mesmo, é aqui que; *aé-reme-é*: então é que; *Kunhambeba aé*: Cunhambeba mesmo; *îeí-é*: hoje mesmo, hoje é que; *kori-é, kori-î-é*: hoje é que (*fut.*); *a-îur-é*: eu é que vim (não que me chamem); *a-îub-é*: estou é deitado (sem dormir nem fazer outra cousa); *xe só riré-é*: depois que eu fui é que; *xe kó-é*: tenho roça própria (sem parceria de outro); *xe é, xe aé, nde é, nde aé, aé aé*: eu mesmo, tu mesmo, etc.; *amó aé*: outro mesmo, outro é que

Assim: *sem, semb-é; nhan, nhand-é; kaî, kaîî-é,* etc.

NHÉ E Ĩ

205. Estas partículas, sufixadas a verbos, indicam fazer-se a ação sem finalidade, só por fazer, à toa, sem intenção, sem compromisso, etc.:

a-îur-ĩ ou *a-îur-nhé* ou *a-îur-ĩ-nhé*: vim à toa, porque vim, porque quis; *a-î-meeng-ĩ*: dei-o à toa, por dar, de graça; *a-î-mo-nhang-ĩ*: fiz à toa, por fazer, por distração; *nde r-uba nd' o-î-potar-i. A-î-mo-nhang-ĩ*: teu pai não o quer. Faço-o assim mesmo; *o-s-epîak-ĩ*: êle (apenas) o vê (e nada faz): consente-o

EXERCÍCIOS

206.

potiá: peito
mimbó: fio
uuba: flecha
piá-ĩ: filhinho (vocat.)
mo-mbeú: contar
kyrirĩ: silencioso; (*xe*) calar-se
asoî-ab-ok: destampar
mo-in: apontar
puam: intr. levantar-se
gûapyk: sentar-se

pepó: asa, pena da asa
marã-é-tenhéa: bravata
pó apytera: palma da mão
Nhoesembé: n. pr. Ilhéus
ekar (*s*): procurar

r-ekó: ter, segurar
a-é: disse, digo
eneĩ: eia, sus (2a. p. s.)
peneĩ, peĩ: eia, sus (2a. p. pl.)
kuriteĩ: depressa

207. **Angaba** ou *muru angaba*, com v. afirmativo, é expressão de louvor, afeto, carinho, compaixão, nem sempre traduzível: *o-manó angaba* "morreu, coitado"; *a-só angab' ikó* ou *xe angab' ikó a-só* "estou indo, querido"; *o-só ipó, a-é angá'-n' iã ixé* "foi-se, de certo, pensei eu inocentemente"; *pe angaturam, e-i xe r-uba muru angaba* "sêde bons — disse o bom do meu pai". — Com imperat. e permiss., corresponde a um pedido: *e-ker angab* "dorme, — peço-te"; *ta pe-só angab* "ide, por favor". — Com v. negat., equivale a "absolutamente": *nd' a-î-potar angab-i* ou *angá-î* "absolutamente não o quero". Idem com *aan-i* e com *katu-'té-nhé*: *nd' a-î-potar-i katu-'té-nhé* ou *nd' a-î-potar-i angá-î katu-'té-nhé*. *Aan angá'-î* "absolutamente não".

208. Para aconselhar, etc. (n. 194), serve também o imperat., seguido de *ké*: "olha que...": *e-ra-só ké rá* (h.) *raré* (m.): "olha que o leves"; *e-ra-só r-aú ké rá* (h.): "olha que o leves, vamos ver"; *e-ra-só ('té) ké nhandu*: "olha já que o leves"; *e-ra-só ('té) ké nhandu ruã*: "olha que não o leves": *e-ra-só 'té ké hẽ*: "olá, olha que o leves"; *e-ra-só 'té ké nhandu mũ hẽ!*: olá, olha já que não o leves...!"

209. *E-puam, piá-ĩ, e-r-ekó kó inimbó nde pó apyter-pe. T'ere-î--meeng rõ ixé-be, t' a-r-ekó-ne. E-nhã-bé! nde-bo-é a-î-meeng-ne. O-kanhem xe ygapema. I-x-ekar rõ. Neĩ t'îá. "E-y-e-ra-só, e-î-meeng raraá-bora supé-ne" — a-é muru angaba i xupé. Abá supé-pe? "Maraá-bora supé" — a-é. Pe-îor-i, pe-gûapyk iké. Peneĩ, t'îa-só xe irũ--mo. Neĩ, t' îá. E-îor angaba! Ixé a-só-ne. Nde irũ r-esé-be umẽ e-kûãî! Mbaé r-esé-pe? Xe irũ aé r-esé-bé t' a-só-ne. E-îor, e-ra-só kó gûyrá pepó piranga paîé supé t' o-s-epîak-te. Kuriteĩ! E-nhã-bé ranhé. E-kûá! E-ra-só umé ké raré!* (m.). *E-nheeng mbegûé. Pe-kyrirĩ! Mará-é-tenhéa umé nd' ere-î-mo-mbeú-î xó-é ixé-bo-ne... E-î-asoî-ab-ok nde karamẽûã t' a-s-epîak ne mbaé* (LÉRY). *E-î-mo--in uuba xe potiá supé. T' îa-só xe irũ-namo Nhoesembé-pe nhó-ã* (VLB 117).

210.

roupa: *aoba*
osso: *kanga*
osso (fora do corpo): *kang-ûera*
grande e grosso: *t-urusu* (n. 99)
grosso e chato: *anama*
vigiar (espiando): *mainan* [*esé*]
olhar: *maẽ* [*esé*]
mostrar: *kuá-meeng*
gritar: *asem* (*t*) (*xe*)
dizer o nome de: *enõî* (*s*), tr.
eia, outra vez!: *neĩ bé!*
basta: *aûîé!*
basta assim: *nã nhó* (*ranhé*)
toma, tomai: *kó*
logo mais: *koromó*
outras cousas: *amó*

Mulheres colhem e transportam a mandioca (STADEN)

211. Olha êste osso de peixe. Que peixe é êsse? Mostra-mo para que eu o veja. Grita para que ouçam a tua voz. Que é isto? Sei lá! Que trazes em tua canastra? Roupa. [De] que espécie? Roupa vermelha. Que outras cousas? Machados. São muitos? Sim, são muitos. Isso só? Absolutamente não. Dize o nome de outras cousas. Logo mais. Eia, depressa! dize! Espera um pouco! Dá-me êsse osso. Toma. Destampa a tua canastra para que vejamos as tuas cousas. Basta! Basta assim! Vigiai a cutia para que ela não fuja.

Vigiá-la-emos, pois. Olha aquêle homem gordo. Absolutamente: êle não é gordo. Os ossos dêle é que são grossos. Não. É a roupa dêle que é grossa.

BIBLIOGRAFIA

Imperativo — ANCHIETA 18; 22; FIGUEIRA 15; 26; 34; 40; MONTOYA 14; 21; RESTIVO 34; 44; CAETANO 18-19; ADAM 55-56.

Permissivo — ANCHIETA 18-19; 22v-23v; FIGUEIRA 15-19; 26; 29; 30; 34; 40; 44-47; MONTOYA 15; 23-24; RESTIVO 35-38; 44; CAETANO 17-19; ADAM 54-55.

Pronomes oblíquos indiretos — ANCHIETA 10v-11; FIGUEIRA 6; MONTOYA 4; RESTIVO 23-24; CAETANO 11; ADAM 29; 31.

É ou **aé** — ANCHIETA 23; 53v-54; FIGUEIRA 140; MONTOYA, *Tesoro* 17; RESTIVO 66-68; 117-120.

Nhé e **ĩ** — ANCHIETA 54; FIGUEIRA 140-141; 144.

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

NUMERAIS

212. Cardinais

um: *oîepé, moîepé*
dois: *mokõî*
três: *mosapyr, mosapyt*
quatro: *irundyk*

Não há exata tradução para "quatro". *Irundyk* e suas variantes *o-îo-irundyk, o-îe-irundyk, mo-nhe-'rundyk,* etc. são pouco usados.

"Cinco" e números maiores não há. No caso em que seja necessário exprimir números maiores de quatro, faz-se um circunlóquio:

cinco: *ã-mbó* ou melhor *mbó* "mão da gente"; *xe pó* "minha mão"
dez: *opá kó mbó* "tôdas estas mãos"
vinte: *xe pó xe py* "minhas mãos e meus pés"

Pode-se dizer ainda *nã* "tantos, assim" e mostrar tantos dedos (ou outras cousas) quantas forem as unidades.

Os cardinais em geral precedem, mas podem igualmente seguir o nome:

uma rêde: *oîepé pysá* ou *pysá oîepé*
duas pombas: *mokõî pykasu* ou *pykasu mokõî*

213. Ordinais

ypy: primeiro
mokõîa: segundo
mosapyra: terceiro
irundyka: quarto

Exigem, anteposto, o complemento:

i mokõîa: segundo (dêles)
xe mosapyra: o terceiro (des)de mim
abá mokõîa: o segundo homem (dos homens)
i-î ypy: o primeiro dêles

Os numerais *mokõîa, mosapyra, irundyka* significam também "dois, três, quatro juntos". Neste caso o paroxítono perde a sílaba final:

abá mokõîa: dois homens juntos, num só; o dois-homens
akã' mosapyra: três cabeças juntas; o três-cabeças
V. também n. 827.

214. Distributivos

oîepé-îepé: um a um
mokõ'-mokõî: dois a dois
mosapy'-sapyr: três a três
irundy'-rundyk: quatro a quatro

215. Advérbios numerais

Os numerais e palavras afins, antepostos ao verbo, se adverbializam:

mokõî o-kanhem: desapareceu duas vêzes
s-etá o-î-api: relou nêle muitas vêzes
mobyr-pe ere-no-nhen?: quantas vêzes o corrigiste?
nã: tantas vêzes
Oîepé significa também "todos juntos, à uma".

Obs.: A falta dos respectivos *nomes* não significa que os tupis não tivessem a *idéia* de números superiores a quatro. Numa economia e comércio primitivos, pouca utilidade havia de maior precisão matemática. Quando fôsse o caso, entendiam-se por sinais ou circunlóquios. — Assim, às nossas línguas falta às vêzes o *nome* exato de uma côr, que entretanto distinguimos de qualquer outra.

TEMPOS DO SUBSTANTIVO

216. Os substantivos têm futuro e passado. Formam-se com *rama* e *pûera:*

ybá: fruta — f. *ybá-rama*, a que será fruta, futura fruta; p. *ybá-pûera*, a que foi fruta, ex-fruta

uru: vasilha — f. *uru-rama*, a que será vasilha, futura vasilha; p. *uru-pûera*, a que foi vasilha, ex-vasilha

OBS. — O *a* final é sufixo nominal. Os sufixos temporais, a rigor, são *ram* e *pûer*.

O infinitivo e os particípios formam os seus tempos como o substantivo.

217. Os oxítonos nasais servem-se de *nama* e *bûera:*

t-eõ: morto — f. *t-eõ-nama;* p. *t-eõ-bûera*

nhũ: campo — f. *nhũ-nama;* p. *nhũ-bûera*

218. Os paroxítonos perdem a última vogal e juntam *ûama* ou *ûera:*

oka: casa — f. *ok-ûama;* p. *ok-ûera*

219. Mas se o paroxítono tem *b* na sílaba final, muda-o para *g:*

morubixaba: chefe — f. *morubixag-ûama;* p. *morubixag-ûera*

220. Se tem *m,* no futuro perde-o e junta-se *gûama;* no passado não o perde e junta-se *bûera:*

tyma: enterrar — f. *tỹ-gûama; p. tym-bûera*

221. Se tem *n* ou *r,* no futuro junta *ama;* no passado, os que têm *r,* juntam *era* (às vêzes *ûera*); os que têm *n,* juntam *dera* (às vêzes *dûera*):

mena: marido — f. *men-ama;* p. *men-dera* ou *men-dûera*

îara: senhor — f. *îar-ama*; p. *îar-era* ou *îar-ûera*

pira: pele — f. *pir-ama*; p. *pir-era* ou *pir-ûera*

i îuká-pyra: morto, matado — f. *kõî-gûama;* p. *kõî-gûera*; p. *i îuká-pyr-ûera*: o que foi morto

222. Os paroxítonos terminados em tritongo nasal perdem o *a* final e acrescentam *gûama* e *gûera:*

kõîa: gêmeo — f. *i îuká-pyr-ama*: o que será morto

223. Há dois tempos compostos: *ram-bûera* (passado-futuro) e *pûer-ama* (futuro-passado):

t-atá: fogo

p. f. *t-atá-ram-bûera,* o que foi futuro fogo; ex-futuro fogo; o que ia ser fogo (mas não foi)
f. p. *t-atá-pûer-ama,* o que será ex-fogo; o futuro ex-fogo; o que deixará de ser fogo

xe r-e-mbi-ú: minha comida

p. f. *xe r-e-mbi-ú-ram-bûera,* a que ia ser minha comida (mas não o foi)
f. p. *xe r-e-mbi-ú-pûer-ama,* a que deixará de ser, terá sido minha comida

224. O fut.-pass. é insólito. O pass.-fut. só aparece sob duas formas: depois de oxítonos: *ram-bûera;* de paroxítonos (com apócope): *am-bûera:*

xe kysé-ram-bûera: a que ia ser minha faca; *nde r-e-mi-r-eẽ-ram-bûera*: a que ia ser tua mulher; *oré r-etam-am-bûera*: a que ia ser nossa terra; *pe tab-am-bûera*: a que ia ser vossa taba; *ok-am-bûera*: a que ia ser casa

225. Há as formas negativas, com o sufixo *eym(a)* que se coloca após a partícula de tempo, ou, excecionalmente, antes destas:

xe r-eymbaba: minha criação

f. *xe r-eymbag-ûam-eyma* ou *xe r-eymbab-eỹ-gûama,* a que não será nossa criação
p. *xe r-eymbag-ûer-eyma* ou *xe r-eymbab-eym-bûera,* a que não foi minha criação
pf. *xe r-eymbab-am-bûer-eyma* ou *xe r-eymbab-eym-am-bûera,* que não ia ser minha criação

226. O passado é de muito uso quando se fala de órgãos e partes do corpo já separados:

pir-era couro, pele, *akang-ûera* caveira, *mbaé kang-ûera* ossada de animais

227. Empregam o futuro sempre que falam de uma cousa da qual se fará outra.

Mostrando, p. ex., um galho, podem dizer *xé gûyrapar-ama* meu arco (futuro); falando de um menino, *xe men-ama* meu futuro marido, etc.

Uso semelhante cabe a *ram-bûera*. De um prisioneiro fugido diz-se:

o-îabab xe r-e-mbi-ú-ram-bûera: fugiu o que ia ser minha comida

228. Com verbos no passado, *rama* equivale, em português, a "havia de ser". Pois não se considera o futuro com relação ao tempo em que se fala mas ao tempo do verbo:

Acanguçu, o meu senhor, me deu um anzol

1) *Akangusu, xe îara, o-î-meeng pindá ixé-be*
2) *Akangusu, xe îar-ama, o-î-meeng pindá ixé-be*

Cabe a 2.ª tradução (futuro), se Acanguçu ainda não era meu senhor quando me deu o anzol, mas o foi depois (lit.: Acanguçu, que havia de ser meu senhor, me deu um anzol). Só se usa a 1.ª tradução, se já era meu senhor e ainda o é. Cfr. mais êstes exemplos:

nde r-uba, xe îar-ama, kó gûyrapara o-s-eîar ixé-be: teu pai, que havia de ser meu senhor (e o foi), deixou-me êste arco; *abá suí-pe Cristãos aîpó o é-rama r-ar-i? Îandé Îara Jesus Cristo suí* (Ar. 16 ad.): de quem tomaram os cristãos êsse que havia de ser (e foi) o seu nome? De N. S. J. Cristo

229. Igualmente, com verbos no futuro, *pûera* equivale, às vêzes, ao passado do futuro:

i ú-pyr-am muam-bá'-pe t-obaîara gûarinĩ-me o-manó-bae-pûera: serão (hão de ser) devorados no campo de batalha os guerreiros que morrerem (lit.: que morreram) na guerra

Na tradução, a noção de tempo pode ligar-se não ao substantivo, mas ao possessivo:

i aog-ûera-pe marã s-e-r-ekó-û? (AR. 89): as roupas que foram suas, que fizeram delas?

Por vêzes *rama* equivale a "para ser":

e-î-meeng ixé-be kó ybyrá xe gûyrapar-ama: dá-me êsse pau para ser meu arco; *a-îur ixé pe r-e-mbi-ú-rama* (STADEN 67 ad.): cheguei eu (para ser) vossa (futura) comida

Ocorrem algumas combinações intrincadas:

aîpó xe r-eõ-nama ram-bûera abaí'-me, t' o-nhe-monhang umé xe r-e-mi-motara (AR. 72 ad.): se fôr difícil frustrar-se minha (futura) morte, não se faça a minha vontade

230. *Rama, pûera* e *ram-bûera* podem-se conjugar como v. predicativos:

xe ram, nde ram, i ram, etc.
xe pûer, nde pûer, i pûer, etc.
xe ram-bûer, nde ram-bûer, i ram-bûer, etc.:

i pûer umã roy: já passou o frio; *i pûer paîé*: está velho o pajé; *abá-pe paîé rama? Xe ram*: quem será o pajé? Eu; *nde ram-bûer*: tu devias ser (mas não foste); *nd' i ram-bûer-i xe r-e-mi-motar-ûera*: não falhou o que eu quis; *i ram-bûer-pe oré gûarinĩ-ne?*: falhará a nossa guerra?; *t'i ram-bûer ã xe r-e-mi-porará-rama, xe r-ub gûé!* (AR. 72 ad.): não se realize êsse meu futuro sofrimento, ó meu pai!

231. Dessas partículas se formam também verbos transitivos: *mo-mbûer* "tornar velho, conservar velho, conservar, habituar, deter", *mo-ram-bûer* "frustrar, impedir, estorvar, desfazer, inutilizar".

EXERCÍCIOS

232.

araberi: lambari
pirá-akamuku, îaú: peixes (esp.)
îundiá, mandií: " "
taraira, pîaba: " "
e-mbi-ara (t): prisioneiro de guerra
tuîuka: atoleiro
moraseîa: dança
akyma: molhado
py-kûab (xe): atolar-se
ekyî (s): pescar (com anzol)
ityk: atirar fora
mobyr?: quantos?
tiruã: sequer, ao menos
mbaé rama r-esé?: para que? por que? (fut.)

233. *Abá-pe t-e-mbi-ara îuká-sar-ama* (o que matará)*? Xe ram. Na nde ram ruã: nde pûer umã. Aan-angá-î: nda xe pûer-i. A-î-meeng xe membyr-ama nde r-uba-pe-ne. Mbaé rama r-esé-pe? Mamó-pe moraseî-pûera? I ram-bûer moraseîa. Marã-namo-pe? Amana o-î-mo--ram-bûer: okara i akym-eté: oré py-kûab tuîuk-pe. Mobyr soó-pe pe-î-nh-ybõ* (frechastes)*? Mokõî akuti, mosapyr paka, oîepé sûasu. Mobyr pirá-pe pe-s-ekyî? S-etá-katu. Mbaé pirá? Araberi, pîab-etá, pirá-akamuku-etá-etá abé. Mobyr pirá-pe pe-î-nh-ybõ? Piraîuba oîepé, nhundiá mosapyr, taraira irundyk. Mobyr-pe îaú? Oîepé tiruã nd' a-î-nh-ybõ-î. Mobyr-pe mandií? Nã. Mobyr-pe pirá-akamuku? Xe pó xe py. Opab* (tôdas) *xe ramyî mbaé-* (cousas dos meus avós) *-pûera a-ityk* (LÉRY 265 ad.).

234.

inimigo: *amotar-eymb-ara*	picar: *pí (îo)*
mel: *eira*	queimar: *apy (s)*
abelha: *eir-uba*	quem: *abá*
colmeia: *eir-etama*	para cá: *kó koty*
morder: *suú*	levar: *ra-só*

235. Mataste a araponga? Não. Mata-a. Matá-la-ei, pois. (Olha) não a mates... Não a matarei, pois. Por que não a matarás? Quantas abelhas vivem naquela colmeia? Sei lá! São muitíssimas. Onde estais vós? Morrestes? Não. Não morremos. Estamos vivos. Quantos são êles? Dois só. Vós quantos sois? Somos muitos. Quantos índios trouxeste? Só um. Os outros fugiram para o lado do mato. Quais? Quantos? Por que? Chamai-os para cá. Quem queimou minha roça (pass.)? A tua segunda mulher. Quantas abelhas picaram teus dedos (da mão)? Muitíssimas. Quantos lambaris trouxeste do rio? Nem ao menos um [trouxe]. Meu primeiro marido (pass.) matou a que ia ser a sua mulher. Acanguçu, que ia ser [e é] meu companheiro, deixou os seus antigos companheiros. Quem comeu a que ia ser a nossa comida? Levaram-na aos que eram nossos companheiros [e] que agora são nossos inimigos. Também nós, pois, sejamos seus inimigos (fut.). É êste o que não ia ser chefe [e foi]. Por que não ia ser chefe? Ia ser pajé. Por que ia ser pajé

[e não foi]? Quem é que deixará de ser chefe? De que é êsse osso? É osso de anta.

BIBLIOGRAFIA

Numerais — ANCHIETA 9v-10v; FIGUEIRA 4-5; MONTOYA 7-9, RESTIVO 21-23; ECKART 4-5; CAETANO 7.

Tempos do substantivo — ANCHIETA 33-34; MONTOYA 29-30; RESTIVO 48-50; CAETANO 19-20; 46-50; ADAM 68-72; L. BARBOSA 189-190.

Guerreiros, adornados e armados (STADEN)

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

GENITIVOS E POSSESSIVOS IRREGULARES

236. O *t-* e o *s-* móveis, que vêm no início de muitos substantivos (e também de adjetivos, verbos e preposições), não fazem parte do tema. São prefixos, índices da classe a que as palavras se referem: *t-* é o índice quase geral da classe superior (gente); *s-* o é da classe inferior (animais, vegetais, sêres inferiores).

237. Com substantivo, *t-* e *s-* funcionam como possessivos, não individuais (como "meu", "teu", "seu", etc.) mas de c l a s s e : gente ou cousas:

t-eté: corpo (de gente) *s-eté*: corpo (de outro ser)

Êsses substantivos (de *t-* ou *s-*), quando não precedidos de genitivo nem de possessivo, devem trazer sempre o índice da classe a que se referem. — Maiores esclarecimentos, v. n. 852.

Primeira Classe

238. **eté**: corpo

cl. sup.: *t-etë*: corpo (de gente) cl. inf.: *s-eté*: corpo (de cousa)

gûará r-eté: corpo de garça

xe r-eté: meu corpo
nde r-eté: teu corpo
s-eté: seu corpo (dêle, -a)
o eté: seu corpo (refl.)

îandé ou *oré r-eté*: nosso corpo
pe r-eté: vosso corpo
s-eté: seu corpo (dêles, -as)
o eté: seu corpo (refl.)

Se o genitivo é um pronome da 1.ª ou 2.ª pp. ou um substantivo, o *t-* é substituído por *r-*. O possessivo da 3.ª p. não é *i*, mas *s-*. O refl. é regular: *o* ou *og* (antes de *u*: sempre *og*; antes de *o*: *og* ou *o*; nos demais casos: *o*).

Em alguns autores se encontra *gû, go, ogû, ogo*: *gûeté, go-eté, ogû-eté, ogo-eté*; e *g* antes de *u*: *g-uba*.

Obs.: E' obscura a origem dêsse prefixo *r-*, que tem na língua histórica a função de subordinativo ou relativo. Não é improvável fôsse a principio uma preposição, tal como *ri* (n. 620).

239. Não se conhece, em tupi, nenhum exemplo de nasalização do *r-* pelo prefixo pessoal *pe-*, fenômeno comum no guarani (n. 29).

Exceção I

240. **ayra**: filho

cl. sup.: *t-ayra*: filho (de gente) cl. inf.: *t-ayra*: filho (de animal)

abá r-ayra: filho do índio

xe r-ayra: meu filho	*îandé* ou *orê rayra*: nosso filho
nde r-ayra: teu filho	*pe r-ayra*: vosso filho
t-ayra: seu filho (rel.)	*t-ayra*: seu filho (rel.)
o ayra: seu filho (refl.)	*o ayra*: seu filho (refl.)

A única diferença do paradigma *eté* é que o possessivo da 3.ª p. e o índice da cl. infer. é o próprio *t-*.

241. Seguem esta exceção:

aîyra: filha (de h.)	*ybyra*: irmão mais moço (de h.
amyîa ou *amuîa*: avô	*ykera*: irmã mais velha (de m.)
ayra: filho (de h.)	*ykeyra*: irmão mais velho (de h.
uba: pai	*yku*: líquido, cousa liqüefeita ou derretida
y: líquido, sumo, caldo, água, rio	*ypy*: fundura

Obs. 1 — Há também as formas *amŷia* e *amûia*. 2. — *Yku* e *ypy* são compostos de *y*. 3. — *Y*, no sentido de "água" ou "rio", raramente leva prefixos. Alguns compostos, como *y-aiba* "tempestade marítima", *y-katu* "bonança", *y(g)-apenunga* "onda", só admitem o prefixo *r-*. 4. — *Ybytyra* "montanha" segue êstes últimos.

Exceção II

242. **atuuba**: sogro (de h.)

cl. sup.: *t-atuuba* cl. inf.: *t-atuuba* ou *s-atuuba*

abá r-atuuba: sogro de índio

xe, nde r-atuuba	*îandé* ou *oré, pe r-atuuba*
s-atuuba ou *t-atuuba*	*s-atuuba* ou *t-atuuba*
o atuuba	*o atuuba*

243. Só três substantivos seguem esta exceção:

atuuba: sogro (de h.) *aîxó*: sogra (de h.)

ubixaba: chefe, maioral

Aîxó e *atuuba* preferem *s-* na 3.ª p. e na cl. inferior.

Exceção III

244. **yapira**: mel

cl. sup.: *t-yapira* cl. inf.: *t-yapira*

eí'-r-uba r-yapira: mel de abelha

xe, nde r-yapira	*îandé* ou *oré, pe r-yapira*
i t-yapira	*i t-yapira*
o yapira	*o yapira*

Segunda Classe

245. **apó**: raiz

cl. inf.: *s-apó*: raiz

ybyrá r-apó: raiz de árvore

xe, nde r-apó	*îandé* ou *oré, pe r-apó*
s-apó	*s-apó*
o apó	*o apó*

Gramaticalmente não diferem da 1.ª cl. Se não têm o *t-* da cl. sup., é que, por sua própria natureza (raiz, rabo, etc.), só podem referir-se a sêres inferiores. É possível, entretanto, encontrá-los com *t-* em sentido figurado. Assim, em Montoya *t-ugûaî(a)* "cauda" no sentido de "acompanhamento" (de filhos).

Terceira Classe

246. **mi-ngaú**: mingau

cl. sup.: *mi-ngaú* cl. inf.: *s-e-mi-ngaú*

abá r-e-mi-ngaú: mingau do índio

xe, nde r-e-mi-ngaú	*îandé* ou *oré, pe r-e-mi-ngaú*
s-e-mi-ngaú	*s-e-mi-ngaú*
o e-mi-ngaú	*o e-mi-ngaú*

Seguem *eté*, mas não têm índice da cl. sup.: serve o tema nu.

247. Os principais são:

kuîa: cuia	*mi-apé, myîapé*: pão
kuîá: canteiro	*moema*: mentira
m(b)i-ara: pescado, caçado	*mbetara*: tembetá
mi-ausuba: escravo, -a	*m(b)i-ú*: comida
mi-mõîa: cozido	*nimbó, inimbó*: fio
mi-mbûaîa: servo	*nhaẽ* (e comp.): prato
mi-ndypyrõ: papas, pirão	*nhauuma*: barro
mi-ngaú: mingau	*panakũ*: cesto (esp.)
mi-tyma: plantação, horta	*tymã*: perna

mi-xyra ou *mi-xira*: assado

248. Há também, facultativas, as formas para a cl. sup.: *t-e-mbetara, t-e-mbi-ara, t-e-mbi-ú, t-e-mi-ausuba, t-e-moema, t-e-tymã* (mais uso que *tymã*).

249. Não é raro aparecerem sob forma regular essas palavras, mormente quando indicam a "matéria" de que é feito o objeto: *itá mimby* (VLB 320), *itá nhaẽ* (VLB 123).

Quarta Classe

Têm formas especiais:

250. **oka**: casa (de gente)

s-oka: casa (de animais)	*abá r-oka*: casa do índio
xe, nde r-oka, s-oka, o oka	*îandé, oré, pe r-oka, s-oka, o oka*

Seguem *oka* as palavras *okena* "entrada", *okendaba* "porta, madeira que tampa a entrada".

251. uyba, uuba: flecha (de gente)

s-uuba, s-uyba: flecha (de inf.)
xe, nde r-uuba, s-uuba, og-uuba

abá r-uuba: flecha de índio
îandé, oré, pe r-uuba, s-uuba, og-uuba

252. pé: caminho (de gente)

s-apé: caminho (de animais)
xe, nde r-apé, s-apé, o apé

tapiï' r-apé: caminho da anta
îandé, oré, pe r-apé, s-apé, o apé

Pé é "caminho" em relação ao que *passa* (do índio, da anta, do inimigo, da chuva, etc.). Em relação ao *têrmo*, usa-se *pîara*, regular: *kó pîara* "caminho da roça", *ybá' pîara* "caminho do céu".

Segue *pé* o composto *pé-ypy* "entrada da aldeia, antes das primeiras casas".

253. iyra: sobrinho

abá r-iyra: sobrinho do índio

xe, nde r-iyra, iyra, o iyra
îandé, oré, pe r-iyra, iyra, o iyra

Obs. — Não tem índices de classes.

254. mimbaba: criação, animal doméstico (de gente)

s-e-imbaba: criação (cl. inf.)
xe, nde r-e-imbaba
s-e-imbaba, o e-imbaba

abá r-e-imbaba: criação do índio
îandé ou *oré, pe r-e-imbaba*
s-e-imbaba, o e-imbaba

Há também a forma *mymbaba*.

255. uru: vasilha, receptáculo

1. com relação a quem carrega a vasilha

cl. sup.: *uru*
cl. inf.: *s-epuru*

abá r-epuru: vasilha do índio

xe, nde r-epuru
s-epuru, o epuru
îandé, oré, pe r-epuru
s-epuru, o epuru

263. O *t* e o *s* iniciais dos substantivos formados de v. intransitivos (de pref. agente) são sempre fixos:

sem: sair	*sem-a*: saída
syk: chegar	*syk-a* ou *syk-ab-a*: chegada
tykyr: gotejar	*tykyr-a*: gota, goteira
tatak: palpitar	*tatak-a*: palpitação

264. Em alguns substantivos, o *s* inicial faz parte da palavra. São regulares. Só na 3.ª p., ao contacto com *i*, há mudança de *s* em *x*:

sy: mãe

xe sy, nde sy, i xy, o sy — *îandé sy, oré sy, pe sy, i xy o sy*

265. Eis os principais:

sama: corda	*susuá*: inchaço
sé-bae: condimento	*sy*: mãe
sugûaraîv: meretriz	*sybá*: testa
sumarã: inimigo	*svra*: enxada

syyra: tia materna

Sama só se usa em composição: *pindá-sama* "corda de anzol", *urapá'-sama* "corda do arco".

EXERCÍCIOS

266.

embeyba (*t*): margem	*aba* (*s*): pena
etama (*t*): terra	*e-mbi-ú* (*t*): comida
asema (*t*): grito	*pepu*: corda para carga, a ombro
eõ-bûera (*t*): cadáver	*panakũ-sama*: corda de carga (pela testa)
e-mi-r-ekó (*t*): espôsa	*kytĩ*: cortar
endyra (*t*): irmã (de h.)	*no-sem*: tirar
era (*t*): nome	*auîé-bé!*: muito bem!
endy (*t*): chama	
embyra (*t*): sobra	

267. Não se usa possessivo nem genitivo imediatamente antes de nomes de criações nem de animais apanhados em caça ou pesca. Antes dos primeiros deve-se juntar *mi-mbaba* (n. 254), e dos segundos *mbi-ara* (n. 247):

meu porco: *xe r-e-imbaba taîasu* (não *xe taîasu*)
meu papagaio: *xe r-e-mbi-ara aîuru* (não *xe aîuru*)

ere-î-á-pe soó nde r-apixara r-eymbaba îagûara r-e-mi-îuká-pûera? (AR. 239): apanhaste caça morta pelo cachorro de [propriedade de] teu proximo?

268. *Nd' ere-s-endub-i-pe xe r-uba? A-s-epîak nde r-e-mi-r-ekó-rama. Nd' o-s-ausub-i og-uba ıkó kunumĩ. Mbaé-pe ere-r-ur? Xe r-atá--rama a-r-ur. Xe r-amyîa r-uba o-mendar nde r-amyîa rendyra r-esé. Xe r-aîxó nde r-e-mi-r-ekó nd' o-gûe-ra-só-î. Marã-pe nde r-era? Akangusu. Aûîé-bé! T-era poranga! Marã-pe nde r-etama r-era? Akaray. I porang-pe nde r-etama? Pá. I poran'-gatu. T-urusu-pe? T-urusu-katu. Tagûaiba-pe kó-ipó t-eõ-bûera taper-pe ere-s-epîak? Abá r-eõ-bûera. Nd' ere-s-endub-i-pe xe r-asema? Nde r-aîyra xe tybytaba o-s-apy t-atá r-endy-pe. Xe r-e-imbaba gûyrá o-ú nde r-e--mbi-ú r-embyr-ûera. Abá-pe o-gûe-no-sem xe r-e-panakĩ sama xe r-oka suí? Nda ixé ruã. Ixé a-ra-só nde pepu. S-oby aîpó gûyrá pepó r-aba. Xe tutyra o e-mbi-ara pirá o-îuká ybyrá pupé. Nde r-ayra nde r-embi-ú-ram-bûera o-gûe-ra-só o epuru pupé. Ere-îur-pe xe r-oka pîara r-upi? Manó-pe ere-s-eîar abá r-uuba? A-s-eîar xe r-ok-pe. O-manó paranã r-embey'-pe xe r-e-mbi-ar-ûera pirá. Pe--s-ausub pe sy! Nd' oro-s-ausub-i-te-pe oré sy? Abá-pe nd' o-s-ausub-i o sy? T'îa-s-ekar nde r-e-kuîa xe irũ-mo-ne. O-manó xe r-e-imbaba tapiira. Xe tutyra nd' o-ú-î t-oó. T-uba i xy abé i ú-û* (comem-na). *Ta pe-kytĩ umé xe r-e-imbaba gûyrá r-aba-ne. Nde r-atuuba o e-mbi-ú-rama o-gûe-no-sem xe r-e-mi-uru suí.*

269.

lábios: *embé* (*t*)
dente: *ãîa* (*t*)
veia: *aîyka* (*t*)
unhas da mão: *pó-apẽ*
moço: *kunumĩ-gûasu*
ter mêdo de: *sykyîé* [*suí*]
arrancar: *ok* (*îo*)
morar: *ikó-bé*
mudar-se: *îe-akasó*, intr.
agredir: *epenhan* (*s*)
furar: *kutuk*
reluzir: *endy-puk* (*s*) (*xe*)
partir-se: *sok, pen*, intr.
rachar-se: *bok*, intr.
chamuscar: *apek* (*s*)
experimentar: *aang* (*s*)

bolir: *mĩyî*, intr.
dilacerar: *mo-ndorok*
antigamente: *erimbaé*
margem (do rio ou mar): *(r-)embeyba*
agora de pouco: *koyr-é*

270. Os tapuias antigamente moravam à beira do mar. Mudaram-se agora de pouco. A onça com as suas unhas e com os seus dentes dilacerou o corpo do moço. Ouvistes os gritos dêle? Meu tio agrediu o seu (próprio) pai com um pau. Tua filha veio com a sua irmã (mais velha) e voltou com a sua sogra. Os espinhos furaram minha veia. Tenho mêdo dos olhos da onça. Êles reluzem de noite. Quem arrancou os olhos dêste cadáver? Boliu a perna do cadáver. Teus filhos cortaram as raízes destas árvores. A onça, com os seus filhotes (filhos), cortou, com os (seus) dentes, as raízes destas árvores. Partiu-se a corda do vosso arco? De (*r-esé*) que está cheio o vosso cesto? Está cheio de couve. De que é êsse cesto? É cesto de frutas. De quem? É o cesto do índio. Verão o sair do sol os prisioneiros? Teu filho matou os seus avós nas suas casas. Partiu-se a minha corda. As chamas do fogo chamuscaram os meus lábios. Rachou-se a tua casa de barro. Experimenta a sobra da comida da vasilha de teu sobrinho. Experimentei já. Não é gostosa.

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 12-17; FIGUEIRA 71-79; 84; MONTOYA 9-12; RESTIVO 17-20; CAETANO 43; 45; passim; ADAM 22-29; TOVAR 118-119; L. BARBOSA 173-174; ID., *Os Índices;* DALL'IGNA 62-64.

PRONOMES PESSOAIS
(Síntese)

271. Os pronomes e prefixos pessoais incluem-se no seguinte quadro:

I	II	III	IV	V	
a-	*gûi-*	*xe*	*ixé*		eu
ere-	*e-*	*nde*	*endé*		tu
o-	*o-*	*i, s-, o,* etc.		*aé,* etc.	êle, ela
îa-	*îa-*	*îandé*	*îandé*		nós (incl.)
oro-	*oro-*	*oré*	*oré*		nós (excl.)
pe-	*pe-*	*pe*	*peẽ*		vós
o-	*o-*	*i, s-, o,* etc.		*aé,* etc.	êles, elas

Sôbre os pronomes objetivos, v. Lições 20.ª e 21.ª.

272. As formas da 1.ª COLUNA: Prefixam-se aos verbos, indicando o sujeito. São de rigor no indicativo, permissivo, optativo e condicional. Exceto quando os verbos levam pronomes objetivos da 1.ª ou 2.ª pp.

273. As formas da 2.ª COLUNA só se empregam como prefixos de gerúndio de verbos intransitivos.

274. As formas da 3.ª COLUNA:

a) Juntam-se ao complemento predicativo, dispensando os verbos "ser" e "ter" (n. 78 e 350).
b) São de rigor em alguns modos do verbo (n. 336).
c) São as únicas formas que recebem preposições tônicas:

xe suí: de mim — *nde suí*: de ti
xe r-upi: por mim — *nde r-upi*: por ti

Se a preposição é átona, servem também as formas da 4.ª coluna:

xe-be, xe-bo; ixé-be, ixé-bo: a mim
nde-be, nde-bo; endé-be, endé-bo: a ti

Pe não recebe preposição átona.

d) Servem de possessivos (n. 58). Os possesivos não passam de pronomes pessoais em função de genitivo:

xe py: meu pé (o pé de mim)

e) Servem de objeto direto. V. Lições 20.ª e 21.ª.

275. As formas da 4.ª COLUNA:

a) Usam-se, raramente, com as das outras col. para dar realce ao pronome. As 3.as pp. não têm pron. pròpriamente pessoal (n. 76) separável do verbo:

ixé a-bebé: eu (é que) voei; *endé ere-bebé*: tu (é que) voaste; *îande îa-bebé*: nós (é que) voamos; *oré angaipab oré* (Ar. 38): nós somos pecadores

Nas mesmas condições são usados também *xe* e *nde*:

xe a-só, nde ere-îur: eu vou, tu ficas

b) *Ixé, endé* e *peẽ* se usam antes dos correspondentes da 3.ª col., também para realçar-lhes os vários sentidos:

ixé xe suí: de mim; *endé nde r-upi*: por ti; *peẽ pe pupé*: convosco; *ixé xe maenduar*: eu me lembrei; *peẽ pe maenduar*: vós vos lembrastes; *ixé xe só-reme*: se eu fôr

c) *Ixé* e *îandé* servem, facultativamente, quando separados do verbo por algum complemento da 2.ª p.

ixé oro-îuká: eu te mato; *ixé opo-îuká*: eu vos mato

276. A forma da 5.ª COLUNA: Não é mais do que um demonstrativo: aquêle mesmo, aquêles mesmos (n. 72).

a) Supre raramente o pron. da 3.ª p.:

aé o-só: aquêle (êle) (é que) foi, aquêles (é que) foram, etc.

b) Posposto, *aé* serve de sujeito a orações predicativas, com substantivo por complemento (n. 80).

c) É a única forma usada com as preposições átonas:

aé-pe: nêle, naquilo; então; lá

277. RESUMO: As formas da
1.ª COL. precedem os verbos. São prefixos. E pronomes agentes.
2.ª COL. precedem os verbos intransitivos, no gerúndio.
3.ª COL. precedem complementos predicativos, preposições, substantivos (como possessivos), verbos trans. (como obj. dir.). São pronomes pacientes.
4.ª COL. são enfáticas.
5.ª COL. são demonstrativos em função de pronomes pessoais.

EXERCÍCIOS

YBYRÁ: A árvore

278.

akã (*s*): galho
oba (*s*): fôlha
poty'-kytã: botão
aynha (*s*): caroço
potyra: flor (n. 167)
ara (*s*): espiga
aryba (*s*): cacho
opytá (*s*): tronco
apó-ok (*s*): arrancar (de raiz)
mo-ndok: quebrar
pakoba: pacova

279. *Ybytu o-s-apó-ok ybyrá, o-î-mo-ndok abé s-akã. — Marã-bae-pe ko ybyrá r-opytá? — S-eburusu-eté. — Marã-bae-pe s-oba? — I puku, s-oby abé-no. — Marã-bae-pe i pé? — S-yapûã ngatu — Marã-bae i potyra? — I îub, s-yapûã abé. — Marã-bae-pe i-î ybá? — S-é-katu, i porang abé i-î ybá-no. — Marã-pe ko ybyrá r-era? Mobyr--pe i-î ybá r-aynha? — A-r-ur nde-bo abati r-ara amó, pakoba r-aryba amó abé. E-î-kuá-meeng ixé-be ikó poty'-kytã.*

O JEQUITIBÁ

280.

chão: *yby*
jequitibá: *îykytybá*
derrubar: *mo-nquî*
levantar-se: *puam*, intr.
cessar: *pik*
quebrar: *mo-pen*
partir-se: *pen*, intr.
murchar: *nhynhyng*
estar sêco: *tining* (*xe*)
sacudir: *mo-susung*
continuar de pé: *am-îõ-te*
todo, todos, tudo: *opá-katu*
debalde: *tenhé*
apenas: *nhó-te*
com o tempo: *mbeqûé irã*
tempestade, ventania: *ybytu gûasu*, — *aiba*

281. Levantou-se a tempestade, derrubou tôdas as árvores e arrancou-as do chão. O jequitibá, sòmente, continuou de pé. A ventania quebrou os galhos das outras árvores (e) atirou-os (*o-itvk*) ao rio. Não atirou os troncos (*pass.*) apenas. Os galhos do jequitibá, a ventania os sacudiu debalde: não se partiram. O ventou levou as flores das outras árvores, espalhou os seus frutos e as suas fôlhas. O jequitibá mesmo continua de pé.

Cessou o vento. As outras árvores estão deitadas (*o-ub*) por terra (*yby-bo*). As [suas] fôlhas já murcharam. Estarão sêcas amanhã mesmo. Com o tempo as árvores morrerão (*s-eõ-û-ne*).

O jequitibá, sòmente, continua de pé!

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 10v-12v; 20-21; 28v-29; FIGUEIRA 10-11; 23; 37-39; 65-68; 80-85; MONTOYA 4-5; 11-12; 40-43; 45-50; RESTIVO 23-25; 28-29; 42-43; 82-83; 85-86; CAETANO 8-14; ADAM 21; 38-44; L. BARBOA 170; DALL'IGNA 62-63; 65.

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

282. Precisemos a nomenclatura adotada neste CURSO.

283. Quanto ao agente

O verbo é *ativo,* se o sujeito é o próprio agente; *passivo,* se é o paciente; *reflexivo,* se agente e paciente; *neutro* é o verbo que não conota pròpriamente uma ação mas um estado do sujeito.

Cpr. *îuká*: matar, *por*: pular, *nhan*: correr (ativos); *manó*: morrer, *ar*: cair, *syryk*: deslisar, *ikó-bé*: viver (neutros)

OBS. — Em tupi não há verbo passivo.

284. Quanto ao complemento

Intransitivo, se não exige complementos; *transitivo,* se exige objeto ou complemento direto; *relativo,* se exige complemento indireto (regido de preposição); *bi-transitivo,* se exige dois complementos diretos (não há o caso em tupi); *bi-relativo,* se exige dois complementos indiretos; *transitivo-relativo,* se exige um complemento direto, outro indireto; *intransitivado,* se um verbo transitivo leva objeto direto incorporado, o que o equipara gramaticalmente a intransitivo (n. 381); *retransitivado,* se de intransitivado se torna novamente transitivo, com novo objeto direto (n. 531); *predicativo,* quando não há pròpriamente verbo, mas apenas um predicado (geralmente nominal),

Curt Nimuendaju

que modifica o sujeito; *copulativo,* se há verbo de ligação com um predicado que modifica o sujeito:

nhan: correr, *manó*: morrer (intr.); *potar*: querer, *epîak*: ver (tr.); *maenduar* [*esé*]: lembrar-se de, *poir* [*suí*]: deixar de (rel.); *ieruré* [*esé*] e [*supé*]: pedir cousa a (bi-rel.); *meeng* [*supé*]: dar a (tr.-rel.); *mbaé-ú*: comer [cousa(s)], *y-ú*: beber água; *por-ú*: comer [gente], *akang-ok*: cortar *ou* arrancar cabeça(s) (intransitivado); (*i-*)*akang-ok*: arrancar a(s) cabeça(s) a *ou* de (retransitivado); *katu*: (ser) bom; *oby*: (ser) azul, (predicativos); *ikó*: estar (copulativo).

285. Cada verbo relativo pede a sua preposição (a mais comum é *esé*):

sykyîé [*suí*]: temer
gûarinî [*esé*]: guerrear
nheeng [*supé*]: falar com
maẽ [*esé*]: olhar para
îur [*suí*]: vir de
maenduar [*esé*]: lembrar-se de
nharõ [*esé*]: investir contra
gûasem [*supé*]: achar, chegar a
îar [*esé*]: estar pegado a
só [*-pe*]: ir a

o-sykyîé taîasu îagûara suí: o porco tem mêdo da onça

286. Certos verbos admitem diversas regências, mudando ou não de sentido:

puam (intr.): levantar-se, erguer-se || [*esé*]: colocar-se contra, assaltar, dar em cima de

esaraî (*s*) (*xe*) [*suí*]: esquecer (alguma cousa passada) || [*esé*]: esquecer de (trazer algum objeto)

ikó (intr., copul.): estar *oro-ikó-katu*: estamos bem || [*esé*] entender-se com, ter o que ver com: *nd' a-ikó-î nde r-esé*: não me entendo contigo; *nd-oro-ikó-î aîpó-bae r-esé* (AR. 81): não temos (nada) que ver com isso || [*upi*]: casar com: *nd' ere-ikó-î aîpó kunhã r-upi-ne*: não te cases com aquela mulher || [*supé*]: servir: *abá supé-pe oro-ikó-ne?*: a quem serviremos? || [*esé-katu*]: perseguir, estar de ponta com: *morubixaba o-ikó paîé r-esé-katu*: o cacique está de ponta com o feiticeiro || [*-ramo*]: estar como, ser: *xe sy-ramo ere-ikó*: estás como minha mãe; és minha mãe

nhe-ang-ú (tr.-rel.): recear || [*suí*] (pessoa): *a-nhe-ang-ú xe r-uba suí*: receio meu pai || [*esé*] (cousa): *a-nhe-ang-ú nde r-uba nheenga r-esé*: receio as palavras de teu pai

asy (*s*) (*xe*) (intr. ou rel. [*esé*]): doer a: *s-asy xe akanga* ou *s-asy xe akanga xe suí*: dói-me a cabeça || [*supé*]: pesar a: *s-asy xe r-uba supé*: pêsa disso a meu pai

nhe-ran: tr.-rel.: resistir a [*supé*]: (defendendo-se); || [*esé*]: (atacando)

por-epy-an: intr. *ou* tr.: contratar, resgatar: *a-só gûi-por-epy--an-a* (VLB. 163): vou contratar *ou* resgatar; *a-só apŷaba por-epy-ana* (ib.): vou contratar com os índios

pó-epyk (tr.: pessoa *ou* cousa): replicar, responder, retribuir, revidar: *a-î-pó-epyk i nheenga*: repliquei às suas palavras; *a-î-nheẽ'-pó-epyk* id.; *a-î-pó-epyk Kunhambeba*: repliquei a Cunhambeba

287. As regências tupi e portuguêsa nem sempre concordam:

mo-ngetá: tr.: falar com: *nd' oro-î-mo-ngetá-î nde r-aîxó*: não falamos com a tua sogra

mbo-é: tr.-rel.: ensinar (dir. de pessoa, ind. de cousa [*esé*]): *nda pe-î-mbo-é-î xe r-ayra abá nheenga r-esé*: não ensineis o tupi a meus filhos

ro-îyb: tr.-rel.: descer com, descarregar (dir. de c., ind. de p. [*supé*]; de animal ou cousa [*suí*]): *e-ro-îyb kumusi abá supé*: descarrega o pote ao índio; *e-ro-îyb kamusi mimbaba suí*: descarrega o pote ao animal

nhyrõ (*xe*): bi-rel.: perdoar (p. [*supé*] c. [*esé*]): *nde nhyrõ oré angaipaba r-esé oré-be*: perdoa-nos as nossas ruindades

îeruré: bi-rel.: pedir (p. [*supé*] c. [*esé*]): *oré sumarã supé-pe pe-îeruré y r-esé-ne?*: pedireis água aos nossos inimigos?

mondar, mundar: tr.-rel. [*esé*]: suspeitar mal de; tomar por, julgar que seja; ter ciúmes de: *a-î-mondar ahẽ xe itaîuba rí* (VLB 396): suspeito de fulano a respeito de meu dinheiro; *oro-mondar Pindobusu r-esé*: pensei que eras Pindobuçu

288. Certos verbos intransitivos em tupi são reflexivos em português: *noong* ajuntar-se, reunir-se. Com o prefixo *mo-* (n. 481), tornam-se transitivos: *mo-noong* ajuntar, reunir; e com *îe-* (n. 294), reflexivos: *îe-mo-noong* juntar-se, reunir-se. A diferença entre *noong* e *îe-mo-noong* é que o primeiro se diz das cousas que se reúnem naturalmente, sem responsabilidade consciente do sujeito (v. *neutros*): *y o-noong ypá'-pe*: as águas se reuniram na lagoa; *morubixab-etá o-îe-mo-noong okar-usu-pe*: reuniram-se muitos chefes no terreiro.

289. Quanto ao pronome sujeito

Há verbos de pronome *paciente* (n. 78), que levam sempre como sujeito um dos pronomes *xe, nde, i,* etc., e verbos de pronome ou prefixo *agente* (n. 112), que no indicativo, etc., levam os prefixos pessoais *a-, ere-, o-,* etc.

BIBLIOGRAFIA

FIGUEIRA 10-11; 22-23; 66-68; 85-92; MONTOYA 13; 45-48; 49; 82; RESTIVO 28-29; 42-43; 82; RESTIVO 28-29; 42-43; 82; 142; CAETANO 10; 14; 36; ADAM 38-40; 79-81.

PRONOMES OBJETIVOS

290. Quando o pronome pessoal é objeto direto, 1) vem logo antes do tema verbal, 2) determina a queda do pronome agente (exceto se o objeto direto é da 3.ª p.), 3) assume formas diversas, conforme a pessoa gramatical do sujeito:

291. QUADRO

OBJETO	S	U	J	E	I	T	O
	1a.s.	2a.s.	3a.s.	1a.i.	1a.e.	2a.pl.	3a.pl.
1a.s.	*îe*	*xe*	*ve*	—	—	*xe*	*xe*
2a.s.	*oro*	*îe*	*nde*	*oro*	*oro*	—	*nde*
3a.s.	*i, s, îo*	*i, s, îo*	*i, s, îo, îe*	*i, s, îo,*	*i, s, îo*	*i, s, îo*	*i, s, îo*
1a.i.	—	*îandé*	*îandé*	*îe*	—	*îandé*	*îandé*
1a.e.	—	*oré*	*oré*	—	*îe*	*oré*	*oré*
2a.pl.	*opo*	—	*pe*	*opo*	*opo*	*îe*	*pe*
3a.pl.	*i, s, îo*	*i, s, îo*	*i, s, îo*	*i, s, îo*	*i, s, îo*	*i, s, îo*	*i, s, îo, îe*

I após vogal torna-se *î* (n. 120).

292. *a-î-pysyk*: eu o seguro, eu os seguro; *ere-î-pysyk*: tu o *ou* os seguras; *o-î-pysyk*: êle o segura, êle os segura; êles o seguram, êles os seguram; *îa-î-pysyk, oro-î-pysyk*: nós o *ou* os seguramos; *pe-î-pysyk*: vós o *ou* os segurais; *oro-pysyk*: eu te seguro; nós te seguramos; *opo-pysyk*: eu vos seguro; nós vos seguramos; *xe pysyk*: êle me segura; êles me seguram; *nde pysyk*: êle te segura; êles te seguram; *îandé pysyk* ou *oré pysyk*: êle nos segura; êles nos seguram; *pe-pysyk*: êle vos segura; êles vos seguram

293. Quando o objeto é da 1.ª p. de qualquer número e o sujeito é da 2.ª p., depois do verbo vem o pronome sujeito *îepé* "tu" ou *peîepé* "vós":

xe pysyk îepé: tu me seguras; segura-me; *îandé* ou *oré pysyk îepé*: tu nos seguras; segura-nos; *xe pysyk peîepé*: vós me segurais; segurai-me; *îandé* ou *oré pysyk peîepé*: vós nos segurais; segurai-nos

294. O reflexivo é *îe-* para tôdas as pessoas (antes de nasal: *nhe-*):

a-îe-pysyk: eu me seguro
îa-îe-pysyk, oro-îe-pysyk: nós seguramos
ere-îe-pysyk: tu te seguras
pe-îe-pysyk: vós vos segurais
o-îe-pysyk: êle se segura
o-îe-pysyk: êles se seguram
e-nhe-nupã: açouta-te (tu)!
oro-nhe-nupã: nós nos açoutamos

295. Quando a ação recai sôbre os agentes recìprocamente: *îo-* (antes de nasal: *nho-*):

oro-îo-pysyk: nós nos seguramos (mùtuamente); *pe-îo-pysyk*. vós vos segurais; segurai-vos (mùtuamente); *o-nho-nupã*: êles se açoutam (mùtuamente); *pe-nho-nupã*: vós vos açoutais; açoutai-vos (mùtuamente)

296. *Oro-* e *opo-* só se empregam no indicativo, imperativo, optativo e permissivo, i. é, nos modos que levam prefixos agentes (*a-, ere-, o-*, etc.). Nos outros modos, usa-se de *nde* e *pe*: *o-î-potar gûá ixé nde îuká*: querem que eu te mate.

297. O verbo com o pronome objetivo pode ter futuro e forma negativa:

nd' a-î-pysyk-i: não o *ou* os segurei; *nd' a-î-pysyk-i xó-é-ne*: não o *ou* os segurarei; *nd' oro-pysyk-i*: não te segurei *ou* seguramos; *opo-pysyk-ne*: segurar-vos-ei, segurar-vos-emos; *nd' opo-pysyk-i xó-é-ne*: não vos segurarei; não vos seguraremos; *nda xe pysyk-i*: êle não me segura; êles não me seguram; *na nde pysyk-i xó-é-ne*: não te segurará *ou* segurarão; *nda xe pysyk-i îepé*: não me seguraste; *nd' îandé pysyk-i xó-é peîepé-ne*: não nos segurareis; *nd'oré pysyk-i*

xó-é peîepé-ne: não nos segurareis; *xe pysyk îepé*: segura-me tu; *oré pysyk umé îepé*: não nos segures; *ta xe pysyk umé peîepé-ne*: segurai-me, pois (fut.); *t' oré pysyk umé îepé-ne*: não nos segures, pois (fut.)

298. Quando o sujeito dessas orações é da 1.ª ou 2.ª pp., pode-se acrescentar *xe, nde, îandé, oré, peẽ* antes ou depois do verbo: *xe oro-pysyk* ou *oro-pysyk* ***ixé***: eu te segurei

299. O pronome objetivo da 3.ª p., amiúde, antes de vogal recebe um *î;* antes de nasal, *nh* (n. 34 s.):

apó: fazer	*a-î-î-apó*: eu o faço
ybõ: frechar	*ere-î-î-ybõ* ou *ere-î-nh-ybõ*: tu o frechas
amĩ: espremer	*o-î-nh-amĩ*: êle o espreme
apó: fazer	*i-î apó*: fazê-lo

300. O *î* ou *nh* assimilam por vêzes o primeiro *î:*

a-î-apó *ere-î-ybõ* *ere-nh-ybõ* *o-nh-amĩ*

301. Os verbos *irarõ* "irritar, atacar", *irumõ* "acrescentar, aumentar o número", *ytarõ* "fartar," e *ityk* "atirar, derribar, vencer" nunca levam o pronome *i* nos modos e tempos de pronome agente: *a-irumõ* "eu o ajunto", etc.

302. Os verbos formados com o prefixo *mo-* (n. 480) ou *mbo-* em geral levam o pronome objetivo da 3.ª p., mas podem dispensá-lo:

a-î-mo-sem, ere-î-mo-sem ou *a-mo-sem, ere-mo-sem,* etc.

Sôbre os pronomes objetivos dos verbos formados com o prefixo *ro-* ou *no-*, v. n. 503.

Sôbre *îuká* e outros começados por *î*, v. n. 127.

303. Os verbos cujo tema comece por *s,* mudam êsse *s* para *x,* ao contacto com o *i* (ou *î):*

suban: sugar

a-î-xuban: eu o suguei	*îa-î-xuban, oro-î-xuban*: nós o sugamos
ere-î-xuban: tu o sugaste	*pe-î-xuban*: vós o sugastes
o-î-xuban: êle o sugou	*o-î-xuban*: êles o sugaram
oro-suban: eu te suguei	*nde suban*: êle te sugou

304. Se a ação de um verbo subordinado recai sôbre o sujeito (da 3.ª p.) da oração principal, o pronome não é *i* mas *o*. Êste *o* chama-se *reflexivo* subordinado:

o-só o etã'-me, o enõî 'ré: foi para sua terra, depois que o chamaram; *o-pytá, o pysyk-eme*: fica, se o seguram; *kunhã o-só, moru-bixaba o mo-ndó-reme*: a mulher vai, se o maioral a mandar; *kunhã-muku o-só, ixé o mo-ndó-reme*: a moça vai, se eu a mandar

Se recai sôbre o próprio sujeito subordinado, o reflexivo é *îe-*:

kunhã-taî o-manó, nhe-nupã-neme: a moça morre, se se açoutar

EXERCÍCIOS

305.

nhyrõ (*xe*): perdoar
mo-yrõ: agastar
nda abá ruã: ninguém
pesẽ-ong: partir
aman, maman: enrolar, amarrar
porandub [*esé*]: perguntar
asy-ab: cortar
mbo-ir: partir
mo-nhyrõ: acalmar
apar (*î*): entortar
apar-ok (*î*): desentortar
soó: convidar (para festa, etc.)
mo-mbeú: contar
mo-morandub: avisar
okytá: esteio
ysypó: cipó
biã-é: pois se...
memé-t' ipó: quanto mais

306. **Biã**, posposto, subentende uma adversativa: *a-s-ausu' biã* "bem que eu o amava (mas nem por isso me correspondia)", *a-î-mo-nhang oka biã* "bem que fiz a casa (mas ignoro se a teu gôsto, *ou* se saiu bem; *ou*: mas caiu)". — No fut. não se usa *biã*, mas *îepé*, que serve também para todos os tempos: *a-só îepé-ne* "irei contudo (embora, sei, sem resultado)".

307. *A-î-maman okytá ysypó pupé* (VLB 209). *A-î-maman ysypó okytá pupé* (ib.) — *Abá-pe o-î-apar xe r-uuba? — Nda ixé ruã. E-porandub umé ixé-bo. — Abá-pe? e-î-mo-mbeú, neĩ! — E-nhã-bé, e-nhe-mo-yrõ umé. T' a-î-apar-ok, t' oro-mo-nhyrõ-ne. Mbaé r-esé-pe kó ybyrá r-akã? — Okytá rama r-esé. Nde r-ayra o-î-mo-pen xe gûyra-para, o-î-asy-ab xe r-uuba, o-î-pesẽ-ong abé-no. E-î-mbo-ir*

mandioka. Soó biã-é o ayra o-gûe-r-ekó katu, memé-t' ipó ixé xe r-ayra r-au-sup-a-ne (amarei). *Abá-pe xe ybõ? — Ixé, oro-ybõ. — Mbaé r-esé-pe ere-î-ybõ? — Ta nde abé oro-ybõ-ne. Mbaé r-esé-pe ere-îur* (vieste)*? Nda abá ruã oro-soó. — Oro-î-xoó. — Mbaé r-esé-pe nda xe mo-morandub-i peîepé? — Oré oro-mo-morandub. biã. Pe-soó. Pe-î-xoó. Oro-î-xoó. Oro-soó. Ia-î-xoó.*

308.

puxar (por corda): *samysyk*
escolher: *porab-ok, parab-ok*
espantar: *mo-ndyî, mo-sykyîé*
abrir: *pirar*
salvar: *pysyrõ*
laçar: *îur-ar*
alguém: *abá amó*
beliscar: *pixam*
escolher: *katu-ok*
ajudar: *pytybõ*
errar: *aby* (*î*)
tocar: *pokok* [*esé*]
apontar: *mo-in* [*supé*], tr.-rel.
caracará: *karakará*

309. Ajuda-me. Eu te escolho. Não o escolhas. Escolhi-o. Não vos mateis uns aos outros. Nós os salvamos. Eu te salvarei. Livra-me. Não me toques. Conheces minha mãe? Sim, conheço-a. E (*aé-pe*) tu conheces a minha (mãe)? Abre o teu arco. A onça me mordeu. Eu a lacei. Meus companheiros a seguraram. Eu a matei. Meus companheiros puxaram-na. Alguém tocou em mim. Não: ninguém te tocou. O caracará [é que] (*te*) te beliscou. Por que não frechastes a garça? Nós bem que apontamos a frecha para ela. Ela fugiu? Não. Espantaram-na? Não. Eu [é que] (a) errei.

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 37v-40; FIGUEIRA 87-89; MONTOYA 38-40; RESTIVO 74-78; CAETANO 39-40; ADAM 40; L. BARBOSA, *Jukâ* 74-77.

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

PRONOMES OBJETIVOS
(Continuação)

S-

310. O pronome objetivo da 3.ª p., antes de muitos verbos que começam por vogal, é *s-* (n. 121):

a-s-ausub: eu o *ou* os amo
ere-s-ausub: tu o *ou* os amas
o-s-ausub: êle o *ou* os ama
îa- ou *oro-s-ausub*: nós o *ou* os amamos
pe-s-ausub: vós o *ou* os amais
o-s-ausub: êles o *ou* os amam

311. Êsses verbos, quando o objeto é da 1.ª ou 2.ª p., recebem um *r-*:

xe r-ausub: êle me ama, êles me amam; *nde r-ausub*: êle te ama, êles te amam; *îandé* ou *oré r-ausub*: êle nos ama, êles nos amam; *pe r-ausub*: êle vos ama, êles vos amam; *xe r-ausub îepé*: tu me amas; ama-me tu; *oré r-ausub îepé*: tu nos amas; ama-nos tu; *xe* ou *oré r-ausub peîepé*: vós me *ou* nos amais; amai-me *ou* -nos; *xe nde r-ausuba*: amar-te eu

312. O mesmo sucede se o objeto fôr substantivo:

asé sy r-ausuba: amar a mãe da gente; *a-s-epîak morubixaba sumarã r-enõîa*: vi o chefe chamar o inimigo

313. Mas quando se conservam os prefixos agentes, desaparece o *r-*:

a-ybak-epîak: vi o céu

314. Precedidos de *oro-, opo-, îe-* ou *îo-,* os verbos não levam *r-:*

oro-ausub: amo-te; amamos-te; *opo-ausub*: amo-vos; amamo-vos; *a-îe-ausub*: amo-me; *ere-îe-ausub*: amas-te; *o-îe-ausub*: êle se ama; êles se amam (a si mesmo cada um); *o-îo-ausub*: êles se amam (recìprocamente); *nd'oro-îo-ausub-i*: não nos amamos (recìprocamente)

315. No infinito e nos demais modos que se conjugam com pronomes pacientes (n. 336), o pronome objetivo da 3.ª p. é *s-*. Cpr.:

quero que o vejas: *a-î-potar nde s-epîak-a;* quero ver-te: *a-î-potar nde r-epîak-a* ou *oro-epîá'-potar*: quero que vejas a meu pai: *a-î-potar xe r-uba nde s-epîak-a* ou *a-î-potar nde xe r-uba r-epîak-a.*

316. O reflexivo subordinado (n. 304) é *o,* mas antes de *u* é *og:*

kunhã o-manó, o-enõî-me: a mulher morreu, quando (outro) a chamou; *kunhã o-manó, s-enõî-me*: a mulher morreu, quando (ela) o chamou; *o-ú pirá, s-ekar-eme*: comerá peixe, se o procurar; *pirá o-nhe-mim, o ekar-eme*: o peixe se escondeu, quando o procuraram; *nde r-uba o-î-potar nde og-upir-a*: teu pai quer que o levantes (a êle); *nde r-uba o-î-potar nde s-upir-a*: teu pai quer que o levantes (a outro). Cpr.: *nde r-uba o-î-potar nde r-upira* ou *nde r-uba oro-upi'-potar;* teu pai quer levantar-te

îo- ou nho-

317. O pron. objetivo da 3.ª p. dos v. monossilábicos é *îo-* (antes de nasal, *nho-*):

a-îo-ok: eu o *ou* os tiro

ere-îo-sub: tu o *ou* os revistas

o-îo-rab: êle o *ou* os solta

nha-nho-mim: nós o *ou* os escondemos

oro-nho-tym: nós o *ou* os enterramos

pe-îo-pûaî: vós o *ou* os mandais

318. *îo-* desaparece quando o verbo perde os prefixos agentes:

opo-mim: eu vos escondo; nós vos escondemos; *nde mim*: êle te esconde; êles te escondem; *nd' oro-rab-i xó-é-ne*: não te soltarei

319. Neste caso, o pron. objetivo da 3.ª p. será sempre *i* e o reflexivo subordinado (n. 304) será *o:*

o-î-potar nde i mim-a: êle quer que o escondas (a outro)
o-î-potar nde o mim-a: êle quer que o escondas (a êle mesmo)

320. Se o verbo começa por *s*, muda-se êste *s* para *x*, depois de *i:*

o-î-potar nde i xok-a: êle quer que o piles (a outro)

321. O pronome *îo-* cai também quando o objeto está incorporado, seja substantivo, seja partícula:

a-akang-ok: arranquei uma cabeça; *oro-nho-nong*: nós nos colocamos; *e-nhe-mim*: esconde-te; *a-poro-rab*: desamarro (gente)

322. Nas 3.as pp., estando o prefixo agente, *îo-* é facultativo. Mais elegante é omiti-lo:

o-nho-mim ou *o-mim*: êle o *ou* os esconde; êles o *ou* os escondem

îo-s- ou nho-s-

323. Alguns verbos monossilábicos, começados por vogal, têm, além do pron. objetivo *s-* (n. 310), o pronome *îo-* (após nasal, *nho-*) (n. 317):

ORAL: *eî* lavar

a-îo-s-eî: eu o *ou* os lavo
îa- ou *oro-îo-s-eî*: nós o *ou* os lavamos
ere-îo-s-eî: tu o *ou* os lavas
pe-îo-s-eî: vós o *ou* os lavais
o-îo-s-eî: êle o *ou* os lava
o-îo-s-eî: êles o *ou* os lavam

NASAL: *ũî* escaldar

ere-nho-s-ũî: tu o, os escaldas
a-nho-s-ũî: eu o, os escaldo
o-nho-s-ũî: êle o, os escaldas
îa- ou *oro-nho-s-ũî*: nós o, os escaldamos
pe-nho-s-ũî: vós o, os escaldais
pe-nho-s-ũî: êles o, os escaldam

Observam-se a um tempo as regras referentes a *s-* e a *îo-*:

oro-eî: lavo-te; lavamos-te; *nde r-eî*: lava-te; lavam-te; *nde r-eî-a*: lavar-te; *o-îe-eî*: lava-se; lavam-se (refl.); *o-îo-eî*: lava-se; lavam-se (recípr.); *s-ũî-a*: queimá-lo; *îandé r-ũî*: queimou-nos; *xe r-ũî îepé*: queimaste-me; queima-me! *o-poro-ũî*: êle queima (gente); *îa-kaá-ũî*: queimamos fôlhas

324. Nos seguintes verbos o *s* pertence ao tema; portanto, nunca se muda para *r-* nem cai:

a-îo-sok: eu o pilo, chuço
a-îo-sub: eu o revisto
a-îo-syb: eu o limpo

325. Mas, ao contacto de *i*, converte-se em *x* (n. 19):

a-î-kuab pe i xyg-ûama: sei que o limpareis; *nd' a-î-potar-i nde i xok-a*: não quero que o piles

326. Eis a relação dos verbos que pedem *îo-* ou *nho-*:

îo-

îaî: escarnecer
ká: quebrar (cousa ôca)
kok: escorar; dirigir barco
ó: tapar
ok[1]: tirar; cortar
pé: esquentar; iluminar
pi: picar
pîar: cercar; defender
poî: alimentar
pûaî: mandar fazer
pûar: amarrar; enrolar
py: soprar; tocar instrumento de sôpro
pyk: apertar; tapar
rab: desatar, soltar
sok: chuçar; pilar, socar
sub: revistar; visitar
syb: limpar
tĩ: atar; armar (rêde)

nho-

gûang: tingir de urucu
man: enfeixar
mim: esconder
mong: grudar; lambusar
mun: cuspir
nong: pôr; colocar
nhang: juntar; entrouxar
pan: lavrar; bater
pem: trançar
pin: raspar; lavrar
pûan: passar à frente de
pun: ferir; avivar (ferida etc.)

îo-s-

eî: lavar
ab[2]: abrir; partir; cortar

nho-s-

en: esvaziar; derramar; despejar
ñî: escaldar; queimar

1. O verbo *ok* (*îo-*) "tirar", embora não tenha *s-*, recebe *r* nos mesmos casos que *eî* e *ñî*. Mas o *r* é facultativo:

nde r-ok ou *nde ok*: êle te tira; êles te tiram; *xe r-ok îepé* ou *xe ok îepé*: tira-me tu

NOTA. — Sôbre os verbos reversivos, formados de *ok*, v. n. 372.

2. *Ab* é defectivo, em tupi: só se usa com objeto incorporado ou na forma reflexiva (n. 897). Mas deve ter existido **a-îo-s-ab*, **ere-îo-s-ab*, etc., pois em guarani antigo se registrou *a-îo-h-a(b)*. MONTOYA, *Arte* 90; *Tesoro* 133v.; cfr. FIGUEIRA 136; VLB 166, 422.

OBS. — MONTOYA acrescenta cinco verbos: *gûa(r)* (*îo*) "pegar, apanhar, tomar"; *pîa(r)* (*io*); "desviar, apartar do caminho" "*kenda(b)* (*nho*) "fechar a porta"; *patî* (*nho*) "atar as extremidades"; *tanõ* (*nho*) "estrear". Mas 1. em tupi o verbo *ar* (n. 891) é que assume a forma *gûar*, e apenas quando precedido de *o*: *a-î-ar*, *ere-î-ar*, *o-gûar*, *oro-gûar*, *opo-gûar*. 2. da documentação tupi não consta o verbo *pîar* naquele sentido. Segundo MONTOYA, *Tesoro* 289/283, seria tanto transitivo como intransitivo. 3. a decomposição não é *nho-kendab* mas *nh'-okend-ab* "fechar a porta para si mesmo"; *nh(e)* é reflexivo. 4. a decomposição não é *nho-patî* mas *nh'-opá-tî* ou melhor *nh'-upá-tî* "atar a própria rêde (*upaba*)": *nh(e)* é reflexivo. 5. em tupi só se conhece a forma reflexiva *îe-tanong*.

EXERCÍCIOS

327.

pesẽ-bûera: pedaço
kamusi: pote
eîyî (*s*): afastar
ygasaba: talha (de fazer vinho)
aarõ (*s*): esperar
mo-pen: quebrar (vara, pau, etc.)

nharõ: intr.: avançar, ficar bravo
nong (nho): pôr
non'-gatu: sossegar
ká (îo): id. (c. arredondada, ôca, etc.)
apar-ar (xe): cair (do lugar)
tym (nho): plantar

328. Quando o sujeito e o objeto direto são da 3.ª p., o prefixo agente pode ser *îa-*: *îagûara sûasu o-îuká* ou *îa-îuká*: a onça matou o veado; *kag-ûara paîé nheenga nd' o-s-endub-i* ou *nd' îa-s-endub-i*: os bebedores de vinho não ouviram a palavra do pajé; *îagûara îasy o-ú* ou *îa-ú*: eclipsou-se a lua (lit.: a onça devorou a lua). — Embora raro, *îa-* ocorre sobretudo quando o sujeito é de menor valor que o objeto.

329. *Oro-aarõ. Xe r-aarõ îepé-ne? Nd' îandé r-aarõ-î xó-é-ne. Pe-s-aarõ-pe? Abá-pe xe r-aarõ? Opo-aarõ ixé. A-nhe-mim. Xe mim umé peîepé-ne. T' oré mim umé îepé-ne. Mboîa kunhã îa-î-xuú. Îagûara îasy îa-ú. Endé-pe ere-îo-ká kó ygasaba? Nda ixé ruã, nde syvra-te; o-pokok itá r-esé, i apar-ar ygasaba, o-îe-pesẽ-ong. E-s-eîvî pesẽ-bûera iké suí. Abá-pe o-î-mo-pen xe r-uuba? Nda abá ruã o-î-mo-pen. O-pen nhó-te. Ixé a-îo-ok îetyka; endé ere-nho-tym abati. Abá pirá o-î-vbõ; kunhã îetyka o-tym; kunumĩ o-s-arõ îetyka kamusi pupé. Îagûara oré r-aarõ, oré r-epenhan abé. Gûvrá xe r-e-mbi-ú îa-î-pixam. O-nharõ iã xe r-e-imbaba. E-nhã-bé. T' oro-î-monhyrõ-ne. Nda pe-nho-non'-gatu-î xó-é-ne: pe r-epenhan--ne. T' oro-epenhan îepé-ne, oro-î-mo-nhyrõ-ne. Mamó-pe ere-nho--nong xe ybá r-uru? A-nho-nong nde r-oka ar-pe* (em cima de). *Abá-pe nde r-upir? T' oro-s-eîyî oré r-oka y-embey'-pe.*

330.

furar: *mo-mbuk*
revistar, visitar: *sub (îo)*
vingar: *epvk (s)* [*esé*]
tapar: *ó (îo)*
ferir, picar: *kutuk*
chucar: *sok (îo)*
peneira: *urupema*
manar, entornar-se: *en, nhe-en*
entornar: *en (nho-s)*, tr.
borbotar: *bur, bubur*
apascentar: *mo-ngaru*
estar furado: *kûar (xe)*
desamarrar: *rab (îo)*
para onde?: *marã ngoty? mamó?*

331. Para onde levaste tua mãe? Não a levei. Ela é que me levou. Não te vejo; e tu me vês? Não. Não te vejo: ouço a tua voz. Onde deixaste teu arco? Deixei-o na canoa. Eu encontrei teu arco na canoa. Não me deixeis. Não nos firais. Êles se amam. Desamar-

rai-me. Salvai-me. Arrancai-me daqui. Não me visitaste. Nós também não te visitaremos. Alguém me chuçou. Não fui eu, senão teu sobrinho. Eu te deixarei aqui mesmo (*é*). Nós o levaremos. Para onde? Para o lado do mar. Fura ram a minha peneira. A minha talha também está furada: entorna o cauim. Eu taparei o buraco. Entornai na talha o cauim. Quem vingará os nossos parentes dos inimigos? Itá, tu me amas? Sim, Senhor meu, tu sabes tudo (*pab*); tu sabes que te amo. Apascenta as minhas criações.

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 37v-40; FIGUEIRA 87-89; MONTOYA 38-40; RESTIVO 74-78; CAETANO 39-40; ADAM 40; L. BARBOSA, *Juká* 74-77.

Preparação do cauim (THEVET)

INFINITIVO

332. bebé: voar

Positivo

pres.: *bebé*: voar
fut. : *bebé-rama*: haver de voar
pass.: *bebé-pûera*: ter voado
p.-f. : *bebé-ram-bûera*: haver tido de voar

Negativo

pres.: *bebé-eyma*: não voar
fut. : *bebé-ram-eyma* ou *bebé-eỹ'-gûama*: não haver de voar
pass.: *bebé-pûer-eyma* ou *bebé-eym-bûera*: não ter voado
p.-f. : *bebé-ram-bûer-eyma*: não haver tido de voar

333. maenduar: lembrar-se

Positivo

pres.: *maenduar-a*: lembrar-se
fut. : *maenduar-ama*: haver de se lembrar
pass.: *maenduar-ûera*: ter-se lembrado
p.-f. : *maenduar-am-bûera*: haver tido de se lembrar

Negativo

pres.: *maenduar-eyma*: não se lembrar
fut. : *maenduar-am-eyma* ou *maenduar-eỹ'-gûama*: não haver de se lembrar

pass.: *maenduar-ûer-eyma* ou *maenduar-eym-bûera*: não se ter lembrado
p.-f.: *maenduar-am-bûer-eyma*: não haver tido de se lembrar

334. Formação: — a) Toma-se o tema do verbo. Se êste termina em consoante, acrescenta-se *-a*. O mesmo se faz, se termina em ditongo decrescente:

só = *só*: ir — *ker* = *ker-a*: dormir
pab = *pab-a*: acabar — *kaî* = *kaî-a*: arder

b) Os infinitivos oxítonos seguem *bebé;* os paroxítonos, *maenduar*.
c) Os *tempos* se formam como com os substantivos, (n. 216).
d) O negativo se forma do tema com *eym* (seguido de *-a*). No passado e no futuro, *eym* pode ficar antes ou depois de *ram* e *pûer*.

335. Sintaxe: — O infinito nunca está só. Se é intransitivo, requer, antes, o sujeito; se é transitivo, requer também o objeto:

xe ker-a: dormir eu — *xe nde îuká*: matar-te eu
nde îuká: matar-te (êle) — *i îuká*: matá-lo (êle)

336. O infinitivo só admite pronomes pacientes. O pronome ou substantivo que precede um infinito intransitivo equivale ao sujeito; o que precede um transitivo é objeto direto. Havendo dois substantivos ou pronomes diversos, ou um substantivo e um pronome, o que estiver imediatamente antes do verbo transitivo é o objeto direto:

nde xe îuká: matares-me; *xe nde îuká*: eu matar-te; *xe îuká nde*: matares-me; *nde îuká ixé*: eu matar-te; *nde r-uba xe îuká* ou *xe îuká nde r-uba*: matar-me teu pai; *xe nde r-uba îuká* ou *nde r-uba îuká ixé*: eu matar a teu pai; *îagûara akuti îuká* ou *akuti îuká îagûara*: a onça matar a cutia

Assim, *xe r-ausub-a* deve-se traduzir "o amar-me (êle)" ou "amarem-me (êles)", nunca "amar eu" nem "o meu amar". Para isto há outra forma (n. 384).

O objeto pode-se afastar, contanto que o pronome fique em seu lugar:

nde r-uba xe i îuká: lit.: teu pai matá-lo eu; *akuti îagûara i îuká*: lit.: a cutia a onça matá-la

337. O infinito tem função de substantivo, e como tal poderá muitas vêzes ser traduzido. Podem regê-lo preposições e conjunções adverbiais:

xe ker-a: dormir eu, meu dormir, meu sono; *xe ker-pe*: no meu dormir, no meu sono; *xe nde r-ausub-a r-esé*: pelo meu amor a ti, por eu te amar; *xe r-ausub-a*: o amar-me, o amarem-me, o amor que me tem *ou* têm; *i é-reme*: no seu dizer, quando êle disse

Muitas vêzes se traduzirá por uma frase:

a-î-potar i pytá: quero que êle fique; *a-î-potar nde só-ram-a*: quero teu ir (fut.), quero que vás

O infinitivo pode ser sujeito ou complemento:

i porang s-epîak-a: é belo vê-lo; *ere-s-epîak-pe i xem-a?*: viste-o sair?

No passado e no futuro, mais empregado que o infinitivo é o sufixo *saba*. V. n. 810.

O infinito de verbos intransitivos ou intransitivados (n. 284) pode ter função de complemento atributivo:
abaré bebé: padre que voa
kunumĩ nhe-mbo-é (ANCH. 32): menino que aprende
abá kunumĩ-îuká (*ib.*): homem mata-meninos

VERBOS DE PREFIXOS *T-* E *S-*

338. **ausub-a**, tr., de pron. agente

xe r-ausub-a: amar-me, amarem-me	*s-ausub-a*: amá-lo ou -los; amarem-no, -nos

nde r-ausub-a: amar-te, amarem-te
îe-ausub-a: amar-se, amarem-se
o ausub-a: amá-lo, -los; amarem-no, -nos
îo-ausub-a: amarem-se (mùtuamente)

îandé ou *oré r-ausub-a*: amar-nos, amarem-nos
pe r-ausub-a: amar-vos, amarem-vos
poro-ausub-a: amar *ou* amarem (gente)
s-ausub-a; mbaé r-ausub-a: amar *ou* amarem (cousas, animais)
abá r-ausub-a: amar *ou* amarem ao índio

339. oby, neutro, predic., pron. pac.

xe r-oby: ser eu azul
nde r-oby: sêres tu azul
s-oby: ser êle azul
o oby: ser êle azul (refl. subord.)
t-oby: ser azul (gente)
pe r-oby: serdes azuis
îandé, oré r-oby: sermos azuis
s-oby: serem êles azuis
o oby: serem êles azuis (refl. sub.)
s-oby: ser azul (cousa)

t-esá r-oby: serem azuis os olhos

340. Alguns autores, em vez de *o*, escrevem *og, ogû, gû, go, ogo*: *og-oby, ogû-eõ, ogo-ausub-a, go-ausub-a*, etc.

341. OBRAS DE MISERICÓRDIA

P. Antônio de Araújo (1566-1632)

(adaptação ortográfica)

Catorze[1] asé abá r-ausub-á'-saba[2]

Sete[1] abá r-eté r-esé-ndûara[3] nã e-î[4]:

1 *Ambyasy-bora[5] poî-a[6]*. 2. *Useî-bora[7] mo-y-ú[8]*. 3. *I katu-pe ndûara[9] mo-aob-a[10]*. 4. *Mbaé-asy-bora[11] r-epîak-a*. 5. *Atara mo-mbytá*. 6. *I mo-mi-ausub-pyra[12] r-e-no-sem-a[13]*. 7. *T-eõ-bûera tym-a*.

Sete abá anga r-esé-ndûara nã ei:

1. *Abá supé r-ekó-katu-sag-ûama*[14] *mo-mbeú.* 2. *I tekó-kuab--eym-bae*[15] *mo-tekó-kuab-a*[16]. 3. *O-ikó-tebẽ-bae*[17] *mo-apysyk-a.* 4. *O-ikó-memûã-bae*[18] *r-e-no-nhen-a*[19]. 5. *Ogû-e-r-ekó-memûã-sara*[20] *supé nhirõ*[21]. 6. *Abá marã s-ekó-ag-ûer-ĩ*[22] *r-esé nhe-ran-eym-a.* 7. *O-ikó-bé-bae*[23] *r-esé, o-manó-bae-pûera*[24] *r-esé bé Tupã mo-ngetá.*

1 — Portuguesismo (n. 1093). 2 — misericórdia. 3 — referentes. 4 — assim rezam. 5 — famintos. 6 — dar de comer a. 7 — sedentos. 8 — dar de beber. 9 — nus. 10 — vestir. 11 — doentes. 12 — cativos. 13 — redimir. 14 — bom conselho. 15 — ignorantes. 16 — ensinar. 17 — aflitos. 18 — os que erram. 19 — corrigir. 20 — os que os injuriam. 21 — perdoar. 22 — fraquezas. 23 — os vivos. 24 — os mortos.

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 18v-19; 20; 26v-27v; FIGUEIRA 20-21; 31-32; 35; 48-51; 105-106; 155; MONTOYA 15-16; 24; RESTIVO 83-84; CAETANO 21-31; ADAM 66-71.

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

APÔSTO

342. É o substantivo que modifica outro substantivo, como complemento atributivo. Pospõe-se:

abá: homem	*soó*: bicho	*abá-soó*: homem-bicho
itá: pedra	*kurumĩ*: menino	*itá-kurumĩ*: pedra-menino
pó: mão	*pindá*: anzol	*pó-pindá*: mão-anzol

xe pó-pindá: sou mão-anzol (ladrão)

Alterações fonéticas, como no genitivo. Mas *t* e *s* prefixos mantêm-se:

îagûara: onça	*gûyrá*: pássaro	*îagûá'-gûyrá* ou *îagûara gûyrá*
abá: homem	*t-ayra*: filho	*abá t-ayra*: homem-filho
kunhã-taĩ: menina	*t-aîyra*: filha	*kunhã-taĩ t-aîyra*: menina-filha
Tupã: † Deus	*t-ayra*: filho	*Tupã T-ayra*: Deus Filho

Cpr. *Tupã R-ayra*: Filho de Deus

343. Por vêzes, o apôsto inclui a relação "o — de —", "o que tem":

yá: cabaça *anhur-ĩ*: colo *yá-anhur-ĩ*: cabaça de colo

abá muam-baba: o índio do assalto (p. ex. que estêve — sabes — no assalto); *abá tĩ-gûasu*: o índio do nariz grande; *kunhã ygasaba*: a mulher do pote (p. ex. que vimos com o pote); *ybyrá á*: árvore de fruta, que tem (dá) fruta; *kunhã men-eõ*: mulher viúva (lit. do marido morto); *pirá akã'-îuba*: peixe da cabeça amarela; *îagûá' pó-peba*: onça (ou cão) da mão chata (lontra); *ybyrá pó-gûasû*: árvore de fibra grossa; *aó' pó-anama*: roupa de fibra grossa (ao tacto)

Neste caso, perde o *t* ou *s*. Cpr.:

kunhã r-obá: o rosto da mulher
kunhã t-obá: a mulher-rosto, que é tôda rosto
kunhã-obá: a mulher do rosto (p. ex., do rosto de que falamos)
kunhã-obá-îuba: a mulher do rosto amareio

NOMES CLASSIFICATÓRIOS

344. Alguns substantivos tendem a perder a sua primitiva natureza, tornando-se prefixos classificatórios, com a função de conotar a forma ou aspecto de objetos ou ações.

Os principais são *pé, á, pó, py*, etc. Com um sentido muito amplo, por vêzes nem se traduzem.

345. **Pé**: "superfície, casca, casco; escama": *pé-ká*, abrir, romper (a parte de fora); *pé-ok*, descascar; *pé-pó*, asa (mão da casca?); *pé-syma*, liso, escorregadio (de superfície). V. *á-pé* (n. 349).

346. **Á** tem também uma função semelhante, por vêzes intraduzível. Do sentido de "grão, semente, fruto, cabeça" (que ainda conserva), parece ter-se originado a função de quase-prefixo na accepção de "arredondado": 1. *a-pi*, ferir a cabeça de; *a-pan*, não atingir em cheio a cabeça de; *a-pin*, rapar a cabeça de; *a-kok*, abraçar a cabeça de; *a-pyra*, ponta, ápice, cume, cabeça; *a-pyr-asab*, passar por cima; *a-pyr-amõ*, mergulhar (a cabeça de); *a-py'-rũ*, acrescentar; *a-py-tĩ*, atar as pontas a; *a-py-mim* (ou *a-pu-mim*), afundar, mergulhar; *a-py-pema* (ou *a-pi-pema*), espigão, ponta angulosa; *a-py-peba*, agachado, abaixado, etc. 2. *a-pytera*, centro (de cousa arredondada) (cfr. *pytera*, meio de c. extensa ou superfície); *a-syma*, cousa lisa e arredondada (cfr. *syma*, liso); *a-gûaá*, saliência arredondada (cfr. *gûaá*, saliência, reentrância, concavidade).

Assim *a-sura, a-sanga, a-pyra, a-îyka, a-pó-monga, a-pûã, a-peba*, etc. Nestes e noutros exemplos, patenteia-se a índole concreta e classificatória do idioma. Daí que muitos adjetivos só se possam traduzir por dois ou mais em português.

347. **Pó**: "grossura" [de objetos compridos (como árvores, fios, varas, tiras, homens, etc.)]: *aó pó-bebé*, pano fino; *ybyrá pó-gûasu*, árvore grossa; *ybyrá pó-tĩ*, árvore fina; *ybyrá pó-atá*, árvore direita, reta; *pó-peba*, largo (aplica-se a objetos compridos e largos, p. ex. fitas); *mboî' pir-ûé' pó-peba*, pele larga de cobra; *mo-pó-tĩ*, adelgaçar; *mo-pó-gûasu*, engrossar; *pó-ká*, torcer (c. comprida); *mo-pó-kyrĩrĩ*, torcer (até que se enrole); *pó-'ban*, fiar; *pó-mo-mbyk*, torcer (cordas, e s.); *pó-ungá*, adelgaçar, igualar o fio; *mo-pó-îo-ybyr*, dobrar o fio. Etc.

348. **Py**: "largura, fundura, capacidade, interior, vão, centro": *oka py-gûasu*, casa de grande largura, larga, ampla; *i py kó ygara*, tem largura, é larga esta

canoa; *y py* ou *t-y py,* fundura ou fundo do rio ou mar, rio fundo; *t-y py,* o rio é fundo; *py* ou *ipy,* o avêsso ou a parte interna; *a-î-py-eî nhaẽ,* lavei (a parte de dentro d) o prato; *a-î-py-pirar aîaká,* alarguei (o interior d) o cesto; *a-î-py-tybyr-ok,* espanei-o por dentro.

349. **A-pé:** "superfície; direito (contrário de "avêsso"); casco, casca [de cousa arredondada (como ôvo, noz, fruto duro)], escama; concha": *a-pé-aob,* forrar (por fora); *a-pé-ara,* superfície; *a-pe-kũ,* língua; *a-pé-pu,* som ôco; *a-pé-pûera,* crosta, concha, casca (sem conteúdo); *a-pé-ok,* descascar; *a-pé-rerá,* raso, tosado; *a-pé-uban,* forrar (por fora); *a-pé-bura* estufado; *a-pé-banga,* envolto, embuçado.

Sôbre **a-pá,** v. n. 666, 1107, 1108.

VERBO "TER"

350. Para traduzir o verbo "ter", junta-se simplesmente o sujeito, substantivo ou pronome, ao complemento. Os substantivos paroxítonos perdem o *a* final. Irregularidades, as mesmas que com os genitivos e possessivos:

xe kó: minha roça *ou* tenho roça
s-etymã: a perna dêle *ou* tem perna

Cpr. *nde r-uba*: teu pai — *nde r-ub*: tens pai
nde t-uba — ou — *t-uba nde*: és pai
abá r-ayra: o filho do índio — *abá t-ayr*: o índio tem filho
abá t-ayra — ou — *t-ayra abá*: o índio é filho
nde r-e-mi-r-ekó-pe? nde mẽ'-pe? (Ar. 220): tens mulher? tens marido?

351. Os nomes que começam pelo prefixo *poro-* não o mudam para *moro-* e não perdem o *a* final:

xe moro-mbo-é-sara ou *xe moro-mbo-é-sar* ou *moro-mbo-é-sara ixé*: sou mestre; *xé poro-mbo-é-sara*: tenho mestre

352. Negativo: *nda...-i* (não *nda...ruã*):

nda xe sy-î: não tenho mãe
na nde r-ayr-i xó-é-ne: não terás filho
nda t-ayr-i xó-é-ne: êle não terá filho
nd' i xý-î: ela não tem mãe
nda xe sy ruã: não sou mãe
na nde t-ayra ruã-î xó-é-ne: não serás filho
nda t-ayra ruã-î xó-é-ne: êle não será filho
nda sy ruã: ela não é mãe

nda s-ar-i abati ranhé (MONT., *Tes.* 133v.): o milho ainda não tem espiga

353. Há o verbo *r-ekó* "ter" (ou melhor "estar com"), mas não se aplica aos casos em que a posse é mais um estado natural ou permanente do sujeito·

tenho pé: *xe py* (não *a-r-ekó py*); não tenho filho: *nda xe membyr-i* (m.); êle tem muitos parentes: *i anam-etá;* não tenho cabelo: *nda xe ab-i;* êle tem o rosto risonho: *s-obá esãî;* não tens o rosto risonho: *na nde r-obá esãî;* a árvore teve (deu) flores, não teve (deu) frutos: *i potyr ybyrá, nd' i á-î;* a árvore não tem ponta: *nda s-akãpyr-i ybyrá;* as abelhas têm (dão) mel: *i t-yapir' eí'-r-uba;* esta fruta não tem caroço: *nda s-aynh-i kó ybá;* aquela árvore não dará (terá) frutos: *nd' i á-î xó-é aîpó ybyrá-ne;* os passarinhos não têm leite: *nd' i kamby-î gûyrá*

VERBOS PREDICATIVOS

(Continuação da Lição 8.ª)

354. Frases predicativas (de "ser" ou "estar"), que incluem genitivo ou possessivo no sujeito, podem-se verter tanto pelo processo de "ter" como de "ser" (como em português):

pikepé' tĩ s-un ou *s-un pikepé' tĩ*: o bico da rolinha é preto
pikepeba i tĩ un: a rolinha tem o bico preto

O segundo processo é mais usado e mais elegante:

tenho os olhos tortos, sou vesgo: *xe r-esá-bang;* o pescoço da garça é comprido (e) as pernas são amarelas: *gûyratinga i aîu' puku, s-etymã îub* (lit.: a garça tem o pescoço comprido (e) [tem] as pernas amarelas); minha cabeça está dolorida (dói-me a cabeça): *xe akang' asy* (lit.: tenho a cabeça dolorida); um ôlho meu é negro (e) o outro é azul: *xe r-esá amó un, xe r-esá amó oby* (lit.: tenho um ôlho negro e o outro azul).

Como se vê, o adjetivo, se é paroxítono, perde a vogal final. O substantivo paroxítono perde a última vogal diante de vogal, a última sílaba diante de consoante. Mas esta última não é norma absoluta.

355.

tukana: tucano
ûaîa (*s*): rabo
kaîá: cajá
sûasu-apara: veado (esp.)
atu-kupé: costas
kupé: costas
aka: chifre
kaba: gordura
banga: virado, torto
asyka: cortado, maneta
oby-una (*t*): azul-escuro
pysasu: novo
paraba, pará'-paraba: bicolor, multicor
piriana, piriã'-piriana: listado (ao comprido)
pinĩ-pinima: pintadinho, malhadinho
pitanga: pardo, avermelhado
aembé (*s*): áspero
ranhé: ainda

356. *Tukana s-etymã un, i pepó un, s-ûaî un, i atukupé r-ab oby-un, ipotiá r-á' îub, i tĩ îub, i ting abé; i akã' mirĩ, i tĩ mbuku, s-eburusu--eté-eté abé. Soó i py, ybyrá s-apó. Nda s-ar-i abati ranhé. Kaîá i-î ybotyr yapûan, i porang abé-no. Sûasu-apara i aka porang, i py poxy. Nde pó aembé. Marakaîá s-eté piriã-piriam. Xe aó' pysasú. Nde aó' pó-ĩ. I aó' pinĩ-pinim. Nd' i t-yapir-i-pe aîpó eir-uba? I kab xe r-e-imbaba taîasu. Anhé. Nd' i angaibar-i; i kyrá-te. Marakaîá i nambi asyk. Xe py bang. Nde par-ã. I asyk. Nde îybá apar. O-ká gûá nhaẽ-pepó. Nd' i nambi kûar-i kó ygara* (MONT. *Tes.* 173v). *Kó soó i kupé pará-parab, i py pitang.*

357.

casco: *pé, a-pé*
cágado da terra: *îaboti*
cágado dágua: *îurará*
liso: *syma, a-syma*
mole: *puba*
louro: *îuba*
queixo: *endybá* (*t*)
barba: *endybá-aba* (*t*)
cãs: *á'-tinga*
curto: *a-sanga, a-kytã, a-poaĩ*

358. O veado tem os cornos grandes e [tem] os pés pequenos. As aves têm penas; os peixes têm escamas. Tem caroço esta fruta? Não. Não tem caroço. Qual a árvore mais (*verta-se* "muito") bonita? Qual árvore tem a flor mais ("muito") bonita? É o pé de maracujá. As árvores não têm pés, mas (*-te*) raízes. A jaboticabeira não deu flor ainda. O cajá tem a casca grossa, a madeira mole, a flor branca, o fruto amarelo e o caroço grande. As plantas não têm alma? As mulheres não têm barba. Eu também não tenho barba; e tu? Eu tenho [barba]. De que jeito (*marã-bae*) tens a barba? Tenho a barba comprida, curta, grossa, negra, loura, branca. Eu tenho cãs. Meu cabelo é branco. Tenho os cabelos brancos. O homem tem os

pés; as aves têm os pés e as asas. Tua roupa está muito curta. Não tenho [roupa] comprida. O jurará não tem o casco liso. O jaboti tem o casco muito duro. Viste o homem da barba branca? Não. Vi a mulher da roupa azul.

BIBLIOGRAFIA

Apôsto — ANCHIETA 9-9v; L. BARBOSA 180; DALL'IGNA, *A Composição* 5-6.

Verbo "ter" — ANCHIETA 46-47; 47v-48; FIGUEIRA 38-39; 66-68; MONTOYA 49-50; RESTIVO 42-43; DALL'IGNA 63.

Verbos predicativos — ECKART, passim.

Os chefes fumam, reunidos em conselho (STADEN)

INFINITO OBJETIVO

359. O infinito pode ser complemento direto, indireto, ou circunstancial.

360. Quando objeto direto de um verbo da mesma pessoa, o infinito se coloca antes do tema daquele verbo:

a-karu-potar: quero comer; *ere-karu-potar*: queres comer; *e-karu-ypy!*: começa a comer!; *îa-karu-ypy*: começamos a comer; *nd' o-karu-potar-i xó-é-pe-ne?*: não quererá comer?; *nda pe-karu-ypy--potar-i xó-é-te-pe-ne?*: não quereréis, pois, começar a comer?

OBS.: Alguns verbos intransitivos ou intransitivados (n. 381) seguem processo análogo:

e-karu-îebyr! torna a comer!; *o-karu-îepotabé*: continuou a comer; *a-karu-poir*: cessei de falar

361. Se o infinito é v. predicativo, a conjugação se faz pelos pronomes pacientes:

xe maenduá'-potar: quero lembrar-me; *nde r-ory'-potar*: queres alegrar-te; *s-asy-poir*: deixou de doer; *nd' îandé r-ory-îe-byr-i xó-é--ne*: não nos tornaremos a alegrar; *nda pe r-esaraî-kuab-i-pe?*: não sabeis esquecer-vos?

362. Se o infinito é paroxítono, antes de consoante perde a última sílaba; antes de vogal perde a última vogal:

oké'-potar: êle quer dormir
o-ker-ypy: êle começou a dormir

363. Pode haver metaplasmos:

a-î-meen'-guab: sei dá-lo
a-î-meeẽ'-boir: parei de dá-lo

Mas igualmente comum é ficar imutável o infinito, principalmente se a justaposição é transitória:

misa r-enduba r-eîá (AR. 93): deixando de ouvir missa; *mbaé r-esé-pe i xó-û? S-eõ-bûera r-e-ro-îyp-a, i tyma motá* (*ib.*): para que foram? Para descerem o seu cadáver, por quererem enterrá-lo

364. Quando o infinito tem objeto direto, êste pode vir incorporado ou não, como nos modos finitos (n. 116). Mas não estando incorporado, antes do infinito deve ficar o pronome objetivo da 3.ª p.:

o-y-ú-poir: deixou de beber água; *ere-î-pó-kutu'-potar*: queres furar as mãos dêle; *ere-itá-kutu'-potar*: queres furar a pedra; *ere-î--kutu'-potar itá*: queres furar a pedra; *nd' a-kunhã-epîá'-potar-i*: não quero ver a mulher; *nd' a-s-epîá'-potar-i kunhã*: não quero ver a mulher; *nd' ere-abá-nupã-nupã-epîá'-potar-i-pe?* ou *nd' ere-î-nupã--nupã-epîá'-potar-i-pe abá?*: não queres ver açoutarem o índio?; *nd' îa-î-nheeng-endu'-potar-i* ou *nd' îa-s-endu'potar-i i nheenga*: não queremos ouvir a voz dêle; *pe-î-mo-nhan'-guab*: vós sabeis fazê-lo; *ybyrá a-î-pysy'-potar*: quero pegar um pau; *nd' a-soó-r-esá-epîá'-potar-i* ou *nd' a-s-epîá'-potar-i soó r-esá*: não quero ver os olhos do bicho

365. O objeto direto pode ser um pronome:

oro-epîá'-potar: quero ver-te; *nde r-enõî-îe-byr*: tornou a te chamar

366. Se o infinito tem complemento indireto, não há incorporação dêste:

a-sem-botar taba suí: quero sair da aldeia; *i maenduá'-poir xe r-esé*: deixou de se lembrar de mim; *nda xe maenduá'-potar-i oré r-etama r-esé*: não quero lembrar-me de nossa terra

367. Se o infinito é objeto direto de verbo de outra pessoa, não há incorporação:

a-î-potar nde só: quero tua ida, quero que vás; *morubixaba o-î-kuab i xó-rama*: o chefe sabe que êle irá; *o-î-potar xe nde îuká--rama*: êle quis que eu te matasse

368. Quando o infinito é complemento indireto, regido de preposição, não há incorporação:

o-îeruré nde pytá-rama r-esé: pediu que ficasses

Também o infinito pode ter complemento indireto:

a-î-kuab asé mbaé r-esé nde mondá-pûera: sei que roubaste as cousas da gente; *nd' a-î-potar-i taba suí nde sema*: não quero que saias da aldeia; *a-îeruré xe r-esé nde maenduar-eỹ'-gûama r-esé*: peço que não te lembres de mim; *a-îeruré-potar nde-bo mbaé amó r-esé*: quero pedir-te uma cousa

369. O infinito não incorporado pode ter também complementos:

a-î-potar nde i kuaba: quero que o saibas; *a-î-kuab nde i îuká--ram-bûera*: sei que o terias matado; *nda pe maenduar-i-pe xe i potar--eym-bûera r-esé?*: não vos lembrais de que eu não o queria?; *ere-î--kuab xe nde r-ausuba*: sabes que te amo; *ere-î-kuab xe nde r-ausug--ûera*: sabes que te amei *ou* amava; *ere-î-kuab xe s-ausub-am-bûera*: sabes que o amaria; *o-î-kuab xe s-ausub-am-bûer-eyma*: êle sabe que eu não o amaria (*relat.*); *o-î-kuab xe o ausub-am-bûer-eyma*: id. (*reflex.*, n. 316); *ere-î-kuab xe nde r-ausub-eỹ-gûama*: sabes que não te amarei; *a-îeruré nde-be taba suí nde sem-am-eyma r-esé*: peço-te que não saias da aldeia

370. A incorporação do infinito não é estritamente obrigatória. Encontram-se exemplos como êstes:

a-î-potar xe só: quero ir; *o-î-potar o só*: quer ir; *a-î-potar nde îuká*: quero matar-te

Tal construção, em geral rara, torna-se taxativa, quando a tradução portuguêsa pede "que":

a-î-kuab xe r-eõ: sei que morro; *a-î-kuab xe r-eõ-nam-eyma*: sei que não morrerei; *a-î-kuab xe nde sug-ûam-eyma*: sei que não te visitarei

Cpr. *xe r-eõ-guab*: sei morrer

371. Com muita freqüência, o infinito não incorporado é substituído pelo particípio verbal *saba* (n. 810).

VERBOS COMPOSTOS DE *OK*

372. Há um sem número de verbos formados de substantivo + *ok* "tirar" (n. 326): *pé-ok* tirar a casca ou escama, descascar, esfolar; *apé-ok* tirar a casca [grossa], descascar; *pir-ok* tirar a pele, esfolar; *aob-ok* tirar a roupa, despir; *er-ok* (*s*) tirar nome (pôr nome novo); *gûyr-ok* tirar a parte inferior; roçar por baixo; *por-ok* tirar o conteúdo, despejar, esvaziar; *obá-ok* (*s*) tirar as bordas, alargar; *aŷî-ok* (*s*) escaroçar; *tybyr-ok* espanar, escovar; *yîuî-ok* (*t*) escumar; *ar-ok* tirar a parte de cima, desgastar; *kamby-ok* ordenhar; *yé-ok* (*s*) estripar; *ekó-ab-ok* (*t*) tirar o modo de ser *ou* estar; mudar; despejar; *asoî-ab-ok* tirar a cobertura ou tampa, descobrir; *pesẽ-õ* ou *pesẽ-ong* (nasal. de *ok*) tirar pedaço, partir; *katu-ok* tirar o(s) melhor(es) ou bons, escolher, selecionar, etc. Na forma refl.: *î'-ekó-ab-ok* tornar-se *ou* ficar diferente *ou* mudado; *îe-aib-ok* tirar o luto; *î'-up-ab-ok* retirar *ou* levantar o pouso; partir de viagem, etc. — Com alguns adjetivos e verbos, *ok* parece ter uma função reversiva: *apar-ok* tirar o curvo *ou* curvatura; endireitar, retificar; *apẽ(g)-ok* tirar o torto; desentortar; *mamã-r-ok* desenrolar; *ubã-r-ok* desembrulhar; *parab-ok* escolher *ou* determinar entre vários; *îá'-ok* desprender-se, separar-se; *mo-îá'-ok* apartar; repartir; *okend-ab-ok* (*s*) abrir a porta. Cfr. *okend-ab* (*s*) fechar a porta.

EXERCÍCIOS

373.

mbaé aé?: qual outro?
opab: todos, tudo
taté: fora do destino
pirar: abrir (o arco)
mo-ndó: atirar
gûyr-pe: sob
ar-pe: sôbre
eym-e-bé: antes que
mo-ang: julgar
esaraî (*s*) (*xe*): esquecer (n. 286)

374. **Taté**, *taté-é, taté-nhé* (preposições); "fora do destino, ao contrário do que devia ser, não no objeto, errado": *gûyrá taté*: (a frecha deu) fora do passarinho; *xe r-uba taté a-î-meeng xe mbaé*: dei minhas cousas a outro que não meu pai (por êrro); *ahẽ mor-apiîr-ar-ûera taté-nhé ibŷá o-îuká* (VLB 265): mataram-no em lugar do assassino (por engano).

375. *Ere-s-epîak-pe xe gûyrapara? — Aan-i. Nd' a-s-epîak-i. — Ere-s-epîá'-potar-pe? — Pá. Mamó-pe ere-s-eîar? — Kunnambeba o-nho-nong itá ar-pe. — E-r-ur t' a-s-epîak-te. — Nd' a-r-ur-i xó-ne. — Mbaé r-esé-pe nd' ere-r-ur-i xó-é-ne? — E-r-ur mosapyr uuba abé. — Opab a-r-ur-ne. — Mbaé r-esé-pe ere-î-potar? — A-î-î-ybõ--botar pirá amó. — Mbaé pirá? — Iang-bae. — Mbaé-rama r-esé-pe ebo-kûeî pirá ere-î-î-ybõ-botar? — Xe r-e-mbi-ú-rama r-esé. — Mbaé*

bé-pe a-r-ur-ne? — Na mbaé bé ruã. — Marã? — Na mbaé bé ruã. E-î-pirar nde gûyrapara. E-î-mo-ndó uuba. — A-î-mo-ndõ umã uuba mosapyr. I-î ypy a-î-aby. I mokõîa a-î-mo-ndó pirá taté. I mosapyra o-gûe-ra-só ybytu. — Uuba nde i mo-ndó eym-e-bé, a-î-kuab umã nde i mo-ndó-katu-ram-eyma. — Ixé a-î-mo-ang xe i mo-ndó-katu-ram-bûera. Xe r-esaraî xe gûyrapara r-esé ybyrá gûyr-pe. — A-î-kuab peẽ xe r-eîar-am-eyma bé. — Nd' oré r-esaraî nde r-enõîa r-esé-ne. — Nd' opo-eîá'-potar-i. Nd' opo-eîar-i xó-é-ne. Xe r-ausub-pe îepé? — Pá. Ere-î-kuab, xe îar gûé, xe nde r-ausuba. T' oro-ausub aûîé-rama-nhé (para sempre). *Marã-pe nde r-era?*

Pesca à flecha e à mão (STADEN)

376.

voltar, tornar a: *îe-byr*
deixar de: *poir*
falar com: *mo-ngetá*, tr.
basta: *aûîé*
nada: *aan, aan-i, aan-gatu*
prometer: *mo-mbeú*
passear: *güatá*
de dia: *ar-bo*
de noite: *pytun-me*
alta noite: *pysaîé*

377. Queres ir a Acaraí? — Sim. Quero. Quero que vás comigo. — Tu queres ir comigo?! Que queres fazer lá? — Nada. Quero apenas passear. E tu? — Quero nadar. — Eu não sei nadar. — A que horas queres voltar? — Alta noite. E tu? — De dia. — Quem mais te prometeu ir? — Ninguém. — Por que não falaste com Timbeba? — Tornarei a falar com algumas pessoas! — Não. Basta! Para de falar (e) começa a andar! Eia, vamos! — Não. Não quero ir contigo. — Não deixes de ir!

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 27v; 52; FIGUEIRA 87; 157; MONTOYA 24; RESTIVO 51-52; 84; ADAM 66-67.

COLETIVOS

378. Os principais são *tyba* e *eyîa (t)*.

Tyba (n. 259) implica "abundância, lugar em que há muito". Muito usado com nomes de plantas e minerais:

takûá'-kysé: taquara (espécie)
arasá: araçá
itá: pedra
reri: ostra
mbaé: cousa
mbaé: cousa
takûar-eẽ: cana de açúcar

takûá'-kysé-tyba: taquaral
arasá-tyba: araçazal
itá-tyba: pedreira
reri-tyba: jazida de ostras
mbaé-tyba: terra fértil
mbaé-tyb-eyma: terra estéril
takûar-eẽ-ndyba: canavial

V. ainda n. 841 e s.

379. *Eyîa (t)* significa "multidão, bando, cardume", etc. Muito usado com nomes de animais. Segue *eté* (n. 238):

gûyrá r-eyîa: passarada
marakaîá r-eyîa: bando de gatos-do-mato
itá r-eyîa: multidão de pedras

PREFIXOS DE CLASSE

380. Todo verbo transitivo, que não tenha outro objeto direto, deve levar um dos prefixos de classe, que são regularmente *poro-* (classe superior) e *mbaé* (classe inferior).

Assim, uma frase portuguêsa como "eu mato" tem de ser traduzida em tupi ou por *a-poro-îuká* "eu mato (gente)" ou por *a-mbaé-îuká* "eu mato (ser inferior)".

381. Para efeitos gramaticais, o verbo com prefixo de classe é equiparado a intransitivo. O mesmo se dá quando o verbo leva pronome reflexivo ou objeto incorporado.

O verbo, claro está, perde os pronomes objetivos *i-, s-, îo-:*

a-î-pysyk: eu o seguro	*a-poro-pysyk*: seguro (gente) *a-mbaé-pysyk*: seguro (cousas)
a-s-epîak: eu o vejo	*a-poro-epîak*: vejo (gente) *a-mbaé-epîak*: vejo (cousas)
a-nho-tym: eu o enterro	*a-poro-tym*: enterro (gente) *a-mbaé-tym*: enterro (cousas)
a-î-kuab: eu o conheço	*a-poro-kuab*: conheço (gente) *a-mbaé-kuab*: conheço (cousas)

382. Os verbos com *poro-* e *mbaé* se conjugam às vêzes com pronomes pacientes. Incluem neste caso a idéia de hábito, estado permanente, potência, conhecimento:

a-poro-ausub: amo (gente)	*xe poro-ausub*: sei ou costumo amar
a-poro-îuká: mato (gente)	*xe poro-îuká*: sei ou costumo matar
a-mbaé-mo-asy: dói-me algo	*xe mbaé-mo-asy*: costuma doer-me algo

383. Aliás é que o que se dá com todos os verbos intransitivos:

a-nheng: falo, falei	*xe nheeng*: falo, sei *ou* costumo falar
a-ytab: nado, nadei	*xe ytab*: nado, sei *ou* costumo nadar

384. Como em tupi não há verbos transitivos sem objeto direto, é com *poro-* ou *mbaé* que se traduzirão frases como estas:

eu quero matar: *a-poro-îuká-potar;* êle quer que eu mate: *o-î-potar xe poro-îuká-rama*; eu sei cortar: *a-mbaé-mo-ndó-kuab* ou *a-î-kuab mbaé mo-ndoka*

poro-

385. Se o verbo começa por *r(o)-* ou *no-*, depois de *poro-* vem a sílaba *(gû)e-:*

a-poro-gûe-ra-só: levo gente, levo os outros; *ere-poro-gûe-ra-só*: levas gente, levas os outros; *o-poro-gûe-ra-só*: leva gente, leva os outros.

386. Às vêzes, antes de vogal *poro-* perde a última vogal; e, mais raramente, antes de consoante perde a última sílaba:

a-ú: eu o como	*a-por-u*: como gente (carne humana)
a-î-apiti: mato-o	*a-por-apiti*: mato gente, os outros
a-îo-sub: visito-o	*a-po'-sub*: visito gente, os outros
a-î-xuban: sugo-o	*a-pó-suban*: sugo gente, sugo os outros

387. Se o verbo se substantiva e não há possessivo antes, nem genitivo, *poro-* se torna *mboro-* ou *moro-:*

a-por-ausub: amo (gente)

xe por-ausubᵃ: eu amar, meu amar, meu amor (aos outros)
m(b)or-ausuᵇa: amar (gente); amor (aos outros), etc.

388. Dos verbos *abyky* manusear, *mo-nhang* fazer, e *pysyk* apanhar, formam-se *por-abyky* trabalhar, *poro-mo-nhang* gerar, e *poro-pysyk* apanhar (caça ou prêsa), que se aplicam também aos sêres inferiores.

389. *Poro-* se prefixa também a verbos intransitivos, no infinito, traduzindo-se como sujeito ou genitivo:

sema: sair	*moro-sema*: sair gente, saída (de gente)
esaraîa (t) (xe): esquecer-se	*moro-esaraîa*: esquecer-se (gente), esquecimento da gente

Sôbre *poro-* anteposto a substantivos, adjetivos, preposições, v. n. 861, 872.

mbaé

390. Os verbos começados pelos prefixos *r(o)-* ou *no-* interpõem *(gû)e-:*

a-ra-só: levo-o — *a-mbaé-e-ra-só*: levo cousas
a-no-sem: retiro-o — *a-mbaé-e-no-sem*: retiro cousas

391. O verbo pode substantivar-se. Neste caso, os verbos de pronome objetivo *s-* costumam levar *r-:*

a-s-endub: ouço-o — *mbaé r-enduba*: ouvir (cousas), o ouvido (sentido)
a-s-etun: sinto cheiro de — *mbaé r-etuna*: cheirar (cousas), o olfato
xe r-asy: dói-me — *mbaé asy* ou *mbaé r-asy*: doer, dor, doença

392. *Mbaé* tem largo campo de aplicação nas alcunhas:

mbaé tĩ-gûasu: narigudo; *mbaé akã'-beba*: cabeça chata; *mbaé embé-gûasu;* beiçudo; *mbaé mimbaba*: animal; *mbaé îuru-apẽ*: bôca-torta

BIBLIOGRAFIA

Coletivos — tyba: Figueira 76; Vlb 142; Montoya, *Tesoro* 387/381; Restivo 324; Caetano 76-77; Drumond, *Notas Gerais* 57-70; L. Barbosa, *Traduções* 30-31; **eyîa**: Figueira 5; Vlb 94; 124; 145; 304; Montoya, *Tesoro* 376/370; Adam 99.

Prefixos de classe — Anchieta 14v-15; 49v-50; 51-52; Figueira 86; 90; Vlb 282; 290; 321; Montoya 53-54; Id. *Tesoro* 318/312-319/313; Restivo 52-55; 277; Caetano 38; Adam 9; 22-27; L. Barbosa 173-174; Id. *Os Índices.*

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

GERÚNDIO

393. O gerúndio traduz as nossas formas verbais "matando, a matar, para matar".

DESINÊNCIA

TIPO I: Verbos de Pronome Agente

Forma Afirmativa

394. FINAL VOGAL ORAL: 1. Os verbos acabados em *á, é, ó,* recebem *-bo:*

îuká: matar	*îuká-bo*: matando
îe-peá: separar-se	*îe-peá-bo*: separando-se
mo-ndó: mandar	*mo-ndó-bo*: mandando
mbo-é: ensinar	*mbo-é-bo*: ensinando

395. *Exceções:* 1) Precedido de vogal, *ó* é substituído por *gû-á-bo*:

soó: convidar	*sogû-á-bo*: convidando

2) Precedido de *m* ou *n,* a terminação é *-mo:*

manó: morrer	*gûi-manó-mo*: morrendo (eu)

3) *Sykyîé* "ter mêdo de", *iké* "entrar" e seus compostos *mo-sykyîé* "assustar", *mo-ingé* "introduzir" e *ro-iké* "entrar com", fazem respectivamente:

sykyî-á-bo ou *sykyîé-bo, iké-á-bo, mo-sykyî-á-bo* ou *mo-sykyîé-bo, mo-ingé-á-bo* e *ro-iké-á-bo*

396. 2. Os verbos acabados em *i* ou *u* recebem *á-bo*, e o *i* ou *u* passam para *î* ou *û*:

apiti: matar (gente) — *apitî-á-bo*: matando (gente)
poru: usar — *porû-á-bo*: usando

397. *Exceções:* Não sendo precedido de consoante, *u* cede lugar a *gû-á-bo:*

ú: comer — *gû-á-bo*: comendo
suú: morder — *sugû-á-bo*: mordendo

398. 3. Os verbos acabados em *y* acrescentam *-bo* ou *á-bo;* neste caso, o *y* passa para *ŷ*:

apy: queimar — *apy-bo* ou *apŷ-á-bo*: queimando

399. *Exceções*: Alguns verbos acabados em mais de uma vogal oral, que não formem ditongo, podem fazer o gerúndio de outros modos:

aó: injuriar — *agû-á-bo* ou *aó-á-bo*: injuriando
îe-peé: esquentar-se — *îe-peé-á-bo, îe-peé-bo, îe-pegû-á-bo* ou *îe-peé-gû-á-bo*

Outros só podem receber *-bo*:

eé: impelir, limar — *eé-bo*: impelindo, limando
ó: tapar — *ó-bo*: tapando

400. FINAL VOGAL NASAL: 1. Os acabados em *ã, ẽ* ou *õ* acrescentam *-mo:*

nupã: açoutar — *nupã-mo*: açoutando

2. Os acabados em *ĩ, ũ* ou *ỹ* acrescentam *ã-mo:*

kytĩ: cortar — *kytî-ã-mo*: cortando

Nota — ADAM 63 opina que primitivamente o índice de gerúndio era *sabo* e *abo,* respectivamente para verbos terminados em vogal e em consoante. Pelo menos a última parte da afirmativa é aceitável: *abo,* em contacto com a vogal anterior, sofre-lhe ou causa-lhe alterações (contração, semiconsonantização).

Quer-nos parecer, aliás, que o gerúndio em *-bo* é o próprio nome verbal *(s)aba* (n. 798) regido de *-bo* (n. 643).

401. FINAL DITONGO NASAL OU ORAL: Recebem *-a:*

enõî: chamar	*enõî-a*: chamando
kaî: queimar	*kaî-a*: queimando

402. FINAL CONSOANTE: Acrescentam *-a:*

mo-nhang: fazer	*mo-nhang-a*: fazendo
pysyk: apanhar	*pysyk-a*: apanhando
sem: sair	*sem-a*: saindo

403. O *b* final muda-se em *p:*

ausub: amar	*ausup-a*: amando
gûeîyb: descer	*gûeîyp-a*: descendo

404. Os acabados em *r* perdem êsse *r,* e nada acrescentam:

potar: querer	*potá*: querendo
eîar: deixar	*eîá*: deixando
ausubar: compadecer-se	*ausubá*: compadecendo-se

Forma Negativa

405. Forma-se juntando *eym-a* ao tema do indicativo:

potar	*potá*: querendo	*potar-eym-a*: não querendo
ausub	*ausup-a*: amando	*ausub-eym-a*: não amando
îuká	*îuká-bo*: matando	*îuká-eym-a*: não matando

TIPO II: Verbos de Pronome Paciente

406. Se o tema do verbo acaba em vogal tônica, recebe *-ramo.* Se é nasal, *-namo.* Nos demais casos, *-amo.* No negativo, sempre *eym-amo:*

(*xe*) *katu-ramo*: sendo (eu) bom	(*xe*) *katu-eym-amo*: não sendo (eu) bom
(*xe*) *maenduar-amo*: lembrando-me	(*xe*) *maenduar-eym-amo*: não me lembrando
(*xe*) *r-atã-namo*: sendo (eu) duro	(*xe*) *r-atã-eym-amo*: não sendo (eu) duro

407. *Nota:* Os verbos modificados por partículas levam o sufixo do gerúndio após a partícula:

mo-ang-aub: fingir
aang-ypy: pronunciar a primeira vez
epîak-ukar: fazer ver

mo-ang-aup-a: fingindo
aang-ypŷ-á-bo: pronunciando a primeira vez
epîak-ukâ: fazendo ver

408. O gerúndio pode levar as partículas do futuro, condicional, etc.:

abá biã-é o ayra o-gûe-r-ekó-katu, memé-t' ipó Tupã, mbaé tetiruã îar-amo o-ikó-bae, asé r-ausubá-ne (AR. 22): pois se os homens tratam bem a seus filhos, quanto mais Deus, que é o senhor de tôdas as cousas, se compadecerá da gente

SUJEITO E COMPLEMENTOS

TIPO I: Verbos de Pronome Agente

§ 1.° Transitivos

409. Requerem o objeto direto (substantivo ou pronome) logo antes do tema. Os pronomes objetivos são *xe, nde,* etc., nunca porém *oro-, opo-.*

pysyk: apanhar

xe pysyk-a: apanhando-me (tu, vós, êle ou êles)
nde pysyk-a: apanhando-te (eu, nós, êle ou êles)
i pysyk-a: apanhando-o *ou* -os (eu, nós, tu, vós, êle ou êles)
o pysyk-a: apanhando-o *ou* -os (eu, nós, tu, vós êle ou êles) (refl. subord.)
îandé pysyk-a: apanhando-nos (êle ou êles)
oré pysyk-a: apanhando-nos (tu, vós, êle ou êles)
pe pysyk-a: apanhando-vos (eu, nós, êle ou êles)

Quando o objeto é substantivo e se acha distanciado do gerúndio, antes dêste deve ficar o pronome objetivo (n. 119):

comi, segurando o prato com minhas mãos: *a-karu, xe pó-pe nhaẽ pysyk-a* ou *a-karu, nhaẽ xe pó-pe i pysyk-a*

O gerúndio tende a ficar sempre no fim da frase.

410. Se o verbo é dos que têm *s-* como pronome objetivo da 3.ª p., o *s-* se conserva nas 3as. pp.; mas depois de substantivo ou pronome da 1.ª ou 2.ª pp., vem *r-*:

xe r-eõ-botar, xe sy r-epîak-a: quero morrer vendo minha mãe

epîak: ver

xe r-epîak-a: vendo-me
nde r-epîak-a: vendo-te
s-epîak-a: vendo-o *ou* -os
o epîak-a: vendo-o *ou* -os (refl.)
îandé ou *oré r-epîak-a*: vendo-nos
pe r-epîak-a: vendo-vos
s-epîak-a: vendo-o *ou* -os
o epîak-a: vendo-o *ou* -os (refl.)

411. Se o pronome objetivo é *îo-*, o verbo perde-o:

tym: enterrar

xe tym-a: enterrando-me
nde tym-a: enterrando-te
i tym-a: enterrando-o
o tym-a: enterrando-o
îandé, oré tym-a: enterrando-nos
pe tym-a: enterrando-vos
i tym-a: enterrando-os
o tym-a: enterrando-os

t' îa-só i xok-a: vamos pilá-lo
a-îur i-î ok-a: venho tirá-lo

412. Se o pronome objetivo é *îo-s-* (n. 323), segue-se *epîak*:

eî: lavar

xe r-eî-a: lavando-me
nde r-eî-a: lavando-te
îandé, oré r-eî-a: lavando-nos
pe r-eî-a: lavando-vos

s-eî-a: lavando-o
o eî-a: lavando-o (refl.)

s-eîa: lavando-os
o eî-a: lavando-os (refl.)

aoba r-eî-a: lavando a roupa
a-r-ur s-eî-a: trouxe-o para lavá-lo
a-îur nde r-oka: vim para tirar-te

413. Os verbos começados por *r(o)-* ou *no-* (n. 124) recebem na 3.ª p. a sílaba *s-e-*, e depois de substantivo ou de pronome da 1.ª ou 2.ª pp., *r-e-*:

ra-só: levar

xe r-e-ra-só-bo: levando-me
nde r-e-ra-só-bo: levando-te
s-e-ra-só-bo: levando-o
o e-ra-só-bo: levando-o (refl.)

îandé, oré r-e-ra-só-bo: levando-nos
pe r-e-ra-só-bo: levando-vos
s-e-ra-só-bo: levando-os
o e-ra-só-bo: levando-os (refl.)

o-ar ygasaba r-e-ra-só-bo: caiu levando a talha

Sôbre os verbos reflexivos, verbos com índices de classe, com objeto incorporado, v. n. 294, 417 e 418.

§ 2.° — Intransitivos e relativos

414. Requerem o prefixo sujeito antes do tema. Os prefixos são:

SING.	PL.
1a. p.: *gûi-*	1a. p. incl.: *îa-*; excl.: *oro-*
2a. p.: *e-*	2a. p.: *pe-*
3a. p.: *o-*	3a. p.: *o-*

pak: acordar

gûi-pak-a: acordando eu
e-pak-a: acordando tu
o-pak-a: acordando êle

îa-pak-a, oro-pak-a: acordando nós
pe-pak-a: acordando vós
o-pak-a: acordando êles

Os prefixos persistem, ainda que o sujeito esteja antes do verbo:

o-manó xe r-uba o-nheeng-a: meu pai morreu falando

415. O *s* inicial do verbo, depois de *gûi-*, se muda em *x* (n. 19):

gûi-xó-bo: indo eu — *gûi-xem-a*: saindo eu

416. Os verbos transitivos na forma reflexiva (n. 294) podem seguir o paradigma *pak*, mas podem também ficar invariáveis:

gûi-îe-îuká-bo: matando-me eu — *îa-* ou *oro-îe-îuká-bo*: matando-nos nós
e-îe-îuká-bo: matando-te tu — *pe-îe-îuká-bo*: matando-vos vós
o-îe-îuká-bo: matando-se êle — *o-îe-îuká-bo*: matando-se êles

ou, simplesmente, para tôdas as pessoas: *îe-îuká-bo*

417. Assim se podem conjugar também os verbos transitivos que levem os pronomes de classe *poro-* ou *mbaé*. Mas, se ficarem invariáveis, *poro-* se muda para *mboro-* ou *moro-* (n. 387):

gûi-poro-pysyk-a ou *m(b)oro-pysyk-a*: apanhando eu
e-poro-pysyk-a " " " tu
o-poro-pysyk-a " " " êle. Etc.

418. Os verbos de objeto incorporado (n. 116) podem seguir *pak* ou ficar invariáveis:

gûi-mimby-py-bo ou *mimby-py-bo*: tocando eu flauta
e-mimby-py-bo " " " tu "
o-mimby-py-bo " " " êle "

TIPO II: Verbos de Pronome Paciente

419. Requerem os pronomes pacientes:

SING.	PL.
1a. p.: *xe*	1a. p. incl.: *îandé*: excl.: *oré*
2a. p.: *nde*	2a. p.: *pe*
3a. p.: *o*	3a. p.: *o*

katu: (ser) bom

xe katu-ramo: sendo eu bom
nde katu-ramo: sendo tu bom
o katu-ramo: sendo êle bom
îandé, oré katu-ramo: sendo nós bons
pe katu-ramo: sendo vós bons
o katu-ramo: sendo êles bons

420. Os que na 3.ª p. têm *s* como pronome sujeito do indicativo, no gerúndio recebem um *g*, na mesma pessoa, após o *o*:

oby: (ser) verde

xe r-oby-ramo: sendo eu verde
nde r-oby-ramo: sendo tu verde
o(g)-oby-ramo: sendo êle verde
îandé, oré r-oby-ramo: sendo nós verdes
pe r-oby-ramo: sendo vós verdes
o(g)-oby-ramo: sendo êles verdes

421. Os substantivos, pronomes e advérbios, quando funcionam como complemento predicativo, seguem *katu* ou *maenduar*, mas não levam prefixos:

ixé-ramo: sendo eu
itá-ramo: sendo pedra
emonan-amo: sendo dessa forma
ixé-eym-amo: não sendo eu
itá-eym-amo: não sendo pedra
emonan-eym-amo: não sendo dessa forma

422. NOTA. — O gerúndio pode ter, incorporado, como objeto direto, outro verbo no infinito. Neste caso, a terminação dependerá do segundo verbo, e os prefixos e pronomes acompanharão a natureza do verbo que está no infinito:

i îuká-ypy-bo: começando a matá-lo; *xe s-epîá-îe-by*: tornando eu a vê-lo; *nde s-eî-îe-potá-bé-bo*: continuando tu a lavá-lo; *gûi-ké'--potá*: querendo eu dormir; *o-nheẽ'-nguap-a*: sabendo êle falar; *îandé r-esaraî-îe-by*: tornando-nos a esquecer

Gerúndios irregulares:

423. Desde já convém conhecer os seguintes:

ikó: estar

sg. *gûi-t-ekó-bo, e-ikó-bo, o-ikó-bo;*
pl. *îa-ikó-bo, oro-ikó-bo, pe-ikó-bo, o-ikó-bo.*

in: estar (parado)

sg. *gûi-t-en-a, e-in-a, o-in-a;*
pl. *îa-in-a oro-in-a, pe-in-a, o-in-a.*

îub: estar deitado

sg. *gûi-t-up-a, e-îup-a, o-up-a;*
pl. *îa-îup a, oro-îup-a, pe-îup-a, o-up-a.*

îur: vir

sg. *gûi-t-ú, e-îú, o-ú;*
pl. *îa-îú, oro-îú, pe-îú, o-ú.*

EXERCÍCIO

424. Conjugar no gerúndio os seguintes verbos:

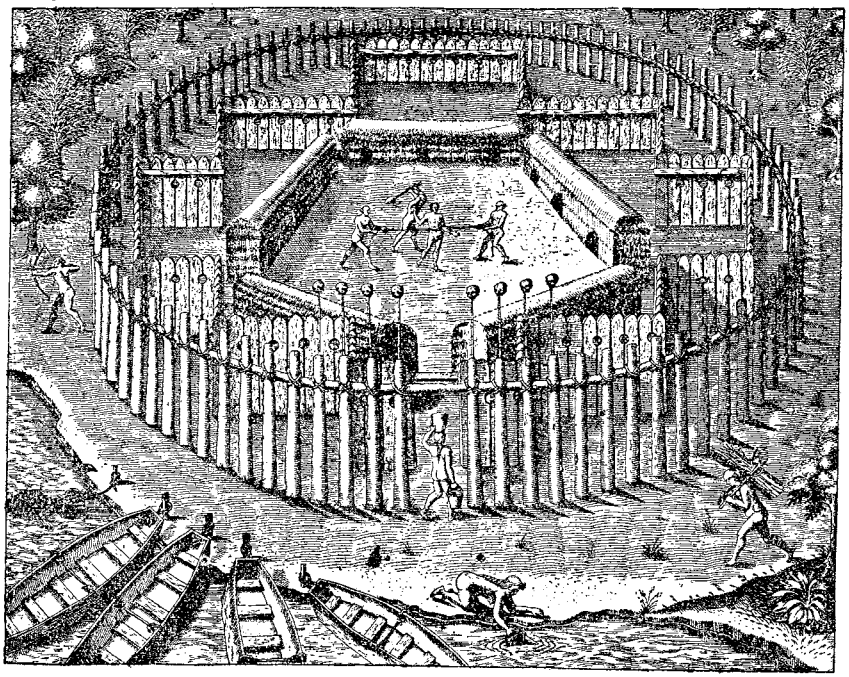
kûab: passar
epîak-ukar (s): mostrar
îe-byr: voltar
am: estar (de pé)
manó: morrer

esaraî (*s*) (*xe*): esquecer-se
ú: comer
só: ir
iké: entrar
mim (*îo*): esconder
sok (*îo*): pilar
suú: morder
asy (*s*) (*xe*): doer
sem: sair
eî (*îo-s*): lavar
epîak (*s*): ver
ybõ (*î*): flechar

mo-mbeú: narrar

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 19; 27-29v; FIGUEIRA 22-23; 33; 35; 52-53; 110-114; MONTOYA 16; 24-29; RESTIVO 85-86; 145-147; CAETANO 31-35; ADAM 58-65; DALL'IGNA, *Análise* 64-66.



Aldeia e cenas da vida tupi (DE BRY)

SINTAXE DO GERÚNDIO

425. O gerúndio tem, em tupi, várias funções correlatas: 1) gerúndio teleológico (causa final); 2) gerúndio simulfactivo (ação simultânea); 3) gerúndio conectivo ou seriativo (ação em série, pelo menos lógica):

1) *o-ur xe r-uba r-epîak-a*: veio para ver a meu pai
2) *o-ur o-poraseî-a*: veio dançando
3) *o-î-pysyk i îuká-bo*: apanhou-o (e) matou-o

O verbo só vai para o gerúndio quando tem o mesmo sujeito da oração principal:

indo (eu), avistei-o: *gûixó-bo, a-s-epîak*

Na frase "indo (êle), avistei-o", o verbo vai para o infinito, seguido da conjunção *-reme*: *i xó-reme, a-s-e-pîak*, i. é, "quando êle ia, avistei-o".

426. O gerúndio tem larga aplicação com os verbos de movimento:

vim para te ver: *a-îur nde r-epîak-a;* veio para te ver: *o-ur nde r-epîak-a*

Mas sendo distintos o sujeito da oração principal e o da subordinada, ter-se-á de recorrer ao verbal *saba* (n. 799), que aliás serve também para os casos em que o sujeito é o mesmo.

Locuções Gerundivas

427. As locuções "estou caminhando", "estou ensinando", etc. se traduzem:

a-gûatá gûi-t-ekó-bo, a-poro-mbo-é gûi-t-ekó-bo, etc.

Isto é, 1) o verbo que vai para o gerúndio é o auxiliar, 2) a ordem é inversa à portuguêsa. Literalmente: "eu caminho estando", etc.

428. Há várias traduções para "estar", conforme a posição:

am: estar de pé
îub: estar deitado
ikó: estar (em geral, especialmente com os verbos de movimento)
m: estar quieto, parado (p. ex. sentado)
kub: estar (só no plural)

a-manó gûi-t-up-a: estou (deitado) morrendo; *t' o-por-abyky o-in-a*: que êle esteja (continue) trabalhando; *oro-só oro-ikó-bo*: estamos indo; *pe-poro-epîak pe-am-a-pe?*: estais (de pé) olhando?

429. Em algumas locuções o gerúndio se verte pelo particípio passado português:

a-nhe-nong gûi-t-up-a: estou deitado; *a-gûapyk gûi-t-en-a*: estou sentado

430. Por vêzes se combinam dois dêsses verbos em uma locução. Um dêles desaparece na tradução:

mbaé r-esé-pe araîá pe-ikó tenhé pe-kup-a?: por que estais todo o dia ociosos?

431. Nas locuções, a negação modifica o primeiro verbo:

nd' a-gûatá-î gûi-t-ekó-bo: não estou andando; *nd' o-ker-i o-up-a*: êle não está dormindo; *nd' oro-arõ-î xó gûi-t-en-a-ne*: não te estarei esperando; *xe r-epîak umé e-îup-a*: não me estejas (deitado) olhando

432. Também os verbos de pronome paciente têm gerúndio perifrástico:

xe mbaé-asy gûi-t-ekó-bo: estou doente; *nde maenduar e-ikõ-bo*: estás-te lembrando

Sôbre as locuções de dois particípios presentes, v. n. 957.

433. Havendo dois verbos da mesma pessoa, coordenados em português, um dêles se pode traduzir pelo gerúndio:

o-î-pysyk gûyrá, i îuká-bo: segurou o pássaro e matou-o; *gûyrá pysyk-a, a-îuká*: segurei o pássaro e matei-o

Partículas que pedem gerúndio

434. Certas partículas levam o verbo ao gerúndio:

aé-î-bé: logo então

aé-î-bé o-ké: logo então dormiu

aûîé, rumby, erumby, erumby nhé, te, te-ne, te-ipó, koyté (esta posposta ao verbo), *te... koyté, rumby... koyté:* enfim, finalmente, senão quando; eis que, até que enfim:

te ixé gûi-xó-bo: eis que nisto eu me vou; *te-ne o-syk-a*: eis que chega; *rumby xe r-uba o-basem-a*: eis que chega meu pai; *aûîé o-manó-mo*: finalmente morreu; *rumby ahẽ o-ú koyté*: senão quando vem êle; *te ahẽ s-e-ra-só-bo koyté*: até que enfim êle o levou

Há também *koyte.*

emonã ou *emonan:* assim (raramente com gerúndio)

emonan i potá: assim o quis êle

îá, iîá, iîá îá-by, iîá muru, iîá îá-by mã, iîá-by anhé mã: ainda bem que

iîá mburu o-manó-mo; iîá mburu o-mbaé-asy-ramo (Ar. 102): ainda bem que morreu, ainda bem que adoeceu; *iîá-n' ahẽ* (Vlb 263): ainda bem por ti, por êle

memé, memé-te(-ne), memé-t' ipó: quanto mais, com maior razão

V. ex. n. 408.

neĩ ou *eneĩ* (sing.); *peĩ* ou *peneĩ* (pl.): eia, sus (só nas 2.as pp.):

neĩ i îuká-bo: eia, mata-o; *peĩ, i îuká-bo*: eia, matai-o

— Admite o permissivo, mas no sentido de concessão:
neĩ t' ere-îuká: mata-o pois (já que o pedes ou queres)

t' e-í tenhé umé: guarde-se de; trate de não... (só nas 3as. pp.):

t'e-í tenhé umé ahẽ o-nheeng-a ou *o-nheeng-aup-a* (VLB 254): trate êle de não falar

t'e-í-nhé, te-nhé: deixa, deixai (falando de 3as. pp.):

t'e-í-nhé o-ké: deixa-o que durma; *t' e-í nhé o-ikó-bo, o-up-a, o-in-a*: deixa-o estar, estar deitado, parado

— Com o permissivo, supõe que ainda não se esteja realizando a ação verbal: *te-nhé Cristãos Tupã-eté t' o-î-mo-eté, e-í o boîá-etá supé* (AR. 140): deixai que os cristãos honrem ao Deus verdadeiro — disse (Constantino) aos seus súditos

té-umé ou *eté-umé:* (sing.), *pe-té-umé* ou *pe-té-pe-umé* (pl.): guarda-te de; ... olha não... (só nas 2.as pp.):

té-umé s-e-ra-só-bo: não o leves, olha lá; *té-umé ang-iré emonan e-ikó-bo* (AR. 221): olha, doravante não faças mais assim; *té-umé e-só-bo*: guarda-te de ires; *pe-té-umé xe r-apirõ-mo* (AR. 88): não me lamenteis

Por vêzes *té-umé* é acompanhado da partícula *ké*, podendo o gerúndio levar ainda *nhandu* e *ruã* (n. 208):

té-umé ké gûyrá pysyk-a: guarda-te de apanhares o passarinho; *té-umé ké s-e-ra-sóbo nhandu ruã* (VLB 253): guarda-te de o levares

Igual sentido tem o imperativo negativo com aquelas partículas (n. 208).

435. Nota: Nem tôdas essas partículas exigem o gerúndio com a mesma obrigatoriedade. Encontram-se exemplos em contrário:

memé-t' ipó ixé a-î-mo-nhang-mo (FIG. 143): quanto mais eu faria isso

EXERCÍCIOS

436.

(*a*)*bé-rameĩ, rameĩ-bé*: parecer
îa-sûar(*-ĩ*) ou (*-eté mã*): parecer
maraar (*xe*): estar doente
îe-kuab: ser visível
mo-apẽ: entortar
apẽ-ok (*î*): desentortar
m(*b*)*o-sá-ká*: ferir os olhos a
anga: alma
penga: sobrinho (de m.)
obaîara (*t*): cunhado
gûariba: macaco (espécie)
rana: parecido com (n. 172)
gûarinî-ã-me: na guerra
sûer, sûé, só (suf.): por pouco que

437. **Bé-rameĩ, îá-sûar,** etc. nunca levam o prefixo verbal: *itá bé-rameĩ ixé-bo* (VLB 89): afigurou-se-me ser pedra.

Bé-rameĩ compõe-se de *rameĩ* "igual, semelhante, como": *i rameĩ* como êle, igual, semelhante a êle (em tamanho, qualidade, etc.); *aîpó rameĩ* como aquilo, daquela maneira. O mesmo significa *nungara*: *kó nungara* como isto, desta maneira; *i porang nungar-eyma* é belo sem igual; *o-mendar o nungara r-esé*: casou-se com uma igual a êle; *nd' i nungar-i*: não tem igual.

Com o gerúndio, *bé-rameĩ, nungara,* etc. equivalem a "como se": *gûi-îe-byr-eym-a bé-rameĩ, xe sy xe r-apirõ-pirõ-û*: como se eu não voltasse, minha mãe me chorava.

438. *Xe maraar-amo, xe r-esaraî mbaé ú suí. Mbaé-pe ere-î-apó e-in-a? Xe gûyrapar-ama a-î-apar gûi-t-ekó-bo. Nd' a-só-î nde r-arõ-mo. A-îur nde r-epîá-potá. Xe anama o-manó gûarinî-ã-me, o-îabab-eym-a. Ixé gûi-manó-potar-eym-a, a-îabab. Mbaé r-esé-pe ere-îabab e-ikó-bo? Té-umé ké e-îabap-a nhandu ruã. Nd' a-îabab-i gûi-t-ekó-bo. A-ker gûi-am-a. O-manó o-á. Mbaé-pe ere-ú e-in-a? A-pirá-ú gûi-t-en-a. Xe penga o-só s-obaîara r-e-ra-só-bo. Aûîé s-e-ra-só-bo. Îá s-e-ra-sóbo. Aé-pe gûi-xyk-a, a-manó-ne. S-oby ybaka. Nhũ s-oby. S-oby paranã abé. Mbaé r-esé-pe? Ikó-bae r-esé: moroby nhó-te nd' îandé mosá-ka-î, — bé-rameĩ ixé-bo. A-îur nde pytybõ-mo. Mbaé-pe ere-s-epîak e-ikó-bo? Gûariba bé-rameĩ ixé-bo. Umã-pe? O-îabab umã, rameĩ-bé. Ere-manó sûer-ĩ, xe sy gûé. O-îe-kuab-pe asé anga? Nd' o-îe-kuab-i. Marã-namo-pe? O eté-eym-amo. Ere-î-mo-apẽ xe r-uuba: a-î-apẽ-ok-ne.*

439.

acender: *mo-ndyk*
apagar: *m*(*b*)*o-gûeb,* tr.
apagar: *gûeb,* intr.
rir: *puká*
deitar-se: *nhe-nong*
recolher: *eyî-nhang* (*s*)

soprar: *peîu*
zombar: *mo-îaru*, tr.
falar mal de: *îuru-ar* (*xe*) [*esé*]
espalhar: *mo-sãî*
apanhar: *poó*
— quebrando o talo: *mo-ndok*
debulhar: *yky* (*î*)
despertar: *mo-mbak*
talo: *aîuru-py*
vagem: *opé* (*s*)
verde, novo: *kyra*
maduro: *tininga*
logo: *koriteĩ*
por si: *nhó-te*

440. Que estás fazendo? Estou desentortanto minhas flechas (*fut.*). Teu irmão que está fazendo? Está dormindo. Onde está dormindo? Queres que o desperte? Não. Deixa-o estar dormindo. Quase que morreu de cansado, e deitou-se querendo dormir. Agora, que estás comendo? Estou bebendo leite. Que outra cousa estás fazendo? Vim para te ajudar a acender o fogo. O fogo apagou. Eia, pois, acende-o. Quem o apagou? Parece-me que ninguém: apagou por si mesmo. Não: eu o soprei e apaguei. Que estás fazendo aí parado? Estou esperando o meu avô. Por que estão rindo aquêles homens? Estão zombando de nós. Guardem-se de falar de mim (VLB 284). Por que não foste ontem à roça? Ontem estava doente. Por que não vieste visitar-me com teu cunhado? Eu estava apanhando jaboticaba. Jaboticaba não tem talo? Tem [talo]. Que outra cousa apanhaste? Estive apanhando vagens de feijão. Estão verdes, ou já estão cheias? Já estão maduras. Traze-as para que as debulhemos. Já as debulhei com meu cunhado, e já espalhei os grãos no chão. Recolhe-os logo: vai chover de tarde. Dizes, como se eu não soubesse...

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 29v; 56-57v; FIGUEIRA 155; 158-164; MONTOYA 24-25; RESTIVO 85-90; 145-153; CAETANO 31-35; ADAM 58-65; L. BARBOSA, *Traduções* 31-32.

NOMES PRÓPRIOS

Antropônimos

441. Apenas nascida uma criança, o pai lhe dava um nome, ouvindo para isso o conselho da tribo.

Aos homens davam-se, amiúde, nomes de animais ferozes; às mulheres, nomes de pássaros, peixes ou frutas. Mas não era norma rigorosa: para ambos os sexos se escolhiam nomes de antepassados, e sobretudo alcunhas, tiradas de defeitos ou particularidades da criança.

Nomes de homens	Nomes de mulheres
Pindobusu	*Pirakãîuba*
Îagûanharõ	*Teberebé*
Taîaoba	*Kunhãgûasutenhé*
Îagûaraba	*Mairatá*

442. Cada inimigo que matassem, em batalha ou prisioneiro, os índios tomavam novo nome, à própria escolha.

Também os que ajudassem a matar ou a capturar em guerra. Condição principal: quebrar a cabeça do inimigo. Assim, tomavam nome, mesmo quando quebravam a cabeça de algum contrário que desenterrassem ao se apossarem de aldeia inimiga. A mulher só adquiria novo nome, se o marido matasse algum escravo.

Etnônimos

443. Tanto como nas línguas indo-européias, em tupi os nomes de povos e tribos têm origem muito remota e mostram-se por vêzes indecifráveis.

Eis alguns:

tamũîa	*temiminó*	*mbarakaîá*
tupi	*tupinakỹîa*	*tupinambá*
tobaîara	*tupinaé*	*kariîó*
gûaîtaká	*gûaîaná*	*tupiîó*
tapyyîa	*kaaeté*	*gûaîmuré*
ybyra(a)pûãîara	*kamusuîara*	*gûakaraîara*

karaiba: branco; europeu; estrangeiro; português
peró: português (alcunha)
maira: branco, estrangeiro; francês; inglês
aîuruîuba: francês, inglês (alcunha)
mboaba: português (alcunha)
kasiana: castelhano

No tupi primitivo, tanto *maira* como *karaiba* aplicam-se a sêres mais ou menos sobrenaturais. *Maira* (seguido ou não de epítetos, como *Monã, Atá, Sumé*) designa vários deuses da mitologia tupi. THEVET, *Cosmographie Universelle* 914, traduz por "transformador". Está ligado a uma noção de divindade portentosa, ao passo que *karaiba* qualifica os taumaturgos humanos. *Maira e karaiba* foram os nomes com que vieram a designar os estranhos e poderosos brancos aportados ao Brasil. Fenômeno geral entre os primitivos êsse de sobrenaturalizar o estrangeiro, sobretudo se mais civilizado. Posteriormente, *maira* (ou *mair* nos autores franceses) ficou reservado aos franceses, enquanto *karaiba* se generalizava em duas direções: 1) branco, europeu; português; 2) santo, batizado, bento, cristão.

Corriam também apôdos: *aîuruîuba,* usado no *Auto de S. Lourenço* e no VLB no sentido de "francês", mas que MARCGRAVE afirma aplicar-se também ao "inglês" e em geral ao estrangeiro de cabelos ruivos (*aîuru-îuba* "papagaio amarelo"). Apôdo também *peró* "português", generalização do antropônimo "Pero", popular na época. Tal como no México certos índios chamam a todos os brancos homens "José" e mulheres "Maria". Explica-se assim por que os tamoios, aliados dos franceses, chamavam a êstes *maira* (nome de respeito) e aos inimigos portuguêses *peró* (alcunha); ao passo que os temiminós chamavam aos portuguêses, seus aliados, *karaiba* (nome de respeito) e aos adversários franceses *aîuruîuba* (alcunha). Mais tarde, com o despertar do nacionalismo, surgiria outra alcunha para o português: *mboaba* "mão peluda".

Kasiana é adaptação tupi de "castelhano" (*S. Lour.* 860-863).

Topônimos

444. Os topônimos e outros nomes geográficos tupis têm a mais variada procedência: particularidades do lugar,

fauna ou flora locais, fatos acontecidos na região, cousas ali encontradas, etc.:

Ygûasu: rio grande (Rio da Prata; Rio Doce)
Paraupaba: rio das lagoas (apôsto) (em S. Paulo)
Iurumirĩ: bôca estreita (Rio dos Patos)
Itakûatiara: pedra escrita, pintada (Ilha da Cananéia)
Nhauuma: barro (Ilha de Vitória)
Akaray: rio, mar ou água dos carás (na baía do Rio)
Rerityba: jazida de ostras (aldeia no Espírito Santo

Era comum um nome geográfico estender-se para denominar outro: p. ex., o nome do rio passar para a aldeia construída ao lado. E vice-versa.

De tantos em tantos anos costumavam os índios transferir as aldeias, com todo o material. Mas conservavam sempre os mesmos nomes.

445. NOTA. — Nem sempre o conhecimento da língua bastará para "explicar o sentido" de todos os nomes geográficos de origem tupi. Muitos dêles foram adulterados pelos brancos. Outros, antigos, os mesmos índios já não os sabiam decompor. Antes de qualquer explicação — ainda que esta nalgum caso pareça óbvia — convém investigar quais as variantes populares e, principalmente, sob que formas aparece o nome nos mais antigos documentos. Note-se a pouca variedade silábica do tupi, que possibilita várias decomposições para a mesma palavra. Assim *Ypanema* poderia ser dividida de duas maneiras: *y-panema* "água (rio ou mar) estéril" ou *ypá'-nema* "lagoa fedorenta". O estudo filológico só terá valor, se aliado a uma simultânea pesquisa histórica e geográfica. — Sirva a observação de acautelar, não de esmorecer os curiosos, sôfregos de "etimologias". Pois o mais exímio latinista, só com os seus conhecimentos filológicos, não saberia dar razão de numerosos topônimos latinos, nem de muitos outros, românicos, de origem latina.

VOCATIVO

446. Diz-se estar no vocativo o nome com que chamamos a atenção de outrem.

447. Se é paroxítono, perde a última vogal. A consoante final, sendo *r* ou *b*, pode mudar-se para *t* ou *p*, respectivamente:

ayra	*xe r-ayr* ou *xe r-ayt*: ó meu filho
uba	*oré r-ub* ou *oré r-up*: ó nosso pai
Itaîyba	*Itaîyb* ou *Itaîyb*: ó Itajiba
morubixaba	*morubixab* ou *morubixap*: ó chefe

448. Pode aparecer a interjeição *gûé* ou *gûy* (as mulheres dizem *îií* ou *îó*):

xe r-ub gûé ou *gûy* (h.); *îó* ou *îií* (m.): ó meu pai
Itaîyb gûé ou *gûy* (h.); *îó* ou *îií* (m.): ó Itajiba

449. Os nomes de parentesco e semelhantes levam sempre possessivo. Excetuam-se certos vocativos de carinho, como:

paí: papai, senhor; *aí*: mamãe; *piá, piá-ĩ*: filho, filhinho; *aĩ, tapiá*: mano (h.); *peĩ, gûaûpira*: mana (h.); *aĩ, tapiá, tang*: mano (m.); *kyĩ, kynaĩ, naĩ, peĩ, gûaûpira, toĩ*: mana (m.); *itó, titó, gûaîtó*: sobrinha (h.); *taá, xe á* (h. e m.): senhor; *taûpé, miã* (h.); *tapé* (m.): senhora

450. NOTA. — Os índios chamavam de preferência pelo nome de parentesco ou de relação social; raramente pelo nome próprio.

EXERCÍCIOS

451.

no-sem: tr.-rel. [*suí*]: descarregar
îasuk: intr.: banhar-se
pytybõ: tr.-rel., indir. de c. no infin. (reg. ou não de *esé*) ou no ger.: ajudar
pu-mim, a-pu-mim: afundar
nh'-a-pu-mim: afogar-se, afundar-se
Karagûatagûasu, Ybyrapitanga: ns. prs.
ar: embarcar
amõ: molhar
bur: emergir
ygar-upaba: ancoradouro
(ygá-)pukuî: remar
(ygá-)pukuî-tara: remeiro
ygá-pukuî-taba: remo
kûab apûan: correr veloz
koromó: logo mais
epyî (s): aguar
ekyî (s): puxar

452. *Piá! Marã, paí? E-s-epyî xe r-e-mi-tyma. A-îasuk gûi-t-ekó-bo. Aé-pe nde, Karagûatagûasu? A-nhe-nong gûi-t-up-a. Ybyrapitang gûé! Marã? E-s-epyî xe r-e-mi-tyma. T'a-s-epyî koromó. Nd'*

ere-î-amõî xe mbaé! Xe r-ub îó! Mbaé, xe r-aîyt? Kurumĩ ***o-nh'-a-pu-mim****, o-bur-eym-a. Neĩ ygara r-ekyîa, t' ere-î-pysyrõ-ne. Nda xe pukuî. Marã? Nd' a-pukuî-kuab-i. E-s-enõî ygá-pukuî-tara, i xupé ygá-pukuî-taba meeng-a. Taá, mamó-pe ere-s-eîar xe ygara? A-î-pu-mim ygar-upaba suí, t' o-s-epîak umé t-obaîara-ne. Aé-pe nde ygara mamó-pe s-en-i* (está)*? A-s-ekyî yby-pe. Xe pytybõ peîepé y-pe s-e-ityk-a* (lançá-la)*. Pe-no-sem pe mbaé i xuí t' o-kûab apûan-gatu. E-nheeng-poir, e-á koyté! O-nhe-pu-mim ygara!!!*

Batalha naval (STADEN)

453.

ilha: *y-paũ*
terra (de origem): *aupaba*
caminho: *pé, pîara* (n. 252)
irmã mais moça (da m.): *py-kyyra*
tomar novo nome: *îe-er-ok*
mudar para: *sem* [*-pe*]
cabo: *apoã*
terra (residência): *etama (t)*
batalha: *mará-t-ekõ*
chamar-se: *er (s) (xe)*
ir à guerra: *só gûarinĩ-ramo*
e...?: *aé-pe...?*

454. Aonde foste, meu filho? Fui à guerra. Onde foi a batalha (pass.)? (Foi) em Itacuatiara. Mataste algum inimigo? Sim. Matei um. E tu? Eu não fui à guerra. Qual era o nome do inimigo? Maracajaguaçu. E não tomaste novo nome? Sim. Tomei. Qual é o teu nome? Caramuru. Belo nome. — De onde vens, mano? Venho de Sapopema. Por onde passaste? Passei por Piraguaçu. Onde é o caminho de Piraguaçu? É lá. A quem viste em Piraguaçu? Vi o Pindobuçu e o Cururupeba. — [Como se chama] (qual o nome d)aquela cidade? Acaraí. E qual é o nome daquela ilha e daquele cabo? O nome da ilha é Ipaũguaçu. O nome do cabo não sei. — Qual o nome de tua terra (de origem)? Itapemirim. E o teu lugar de residência? Reritiba. — Como se chama aquêle morro? Tinharé. — Quem nasceu em Aiuruoca? Eu (*biã*), [mas] mudei-me de lá para Piratininga. — Como se chama a irmã mais moça de Guarapiranga? Piracanjuba. E o irmão dela? Potim. Onde mora êle? [verta-se: onde é a sua residência?] Em Nhauúma.

BIBLIOGRAFIA

Antropônimos — STADEN 149-151; CRONISTAS, passim.
Etnônimos — CRONISTAS, passim; CARDIM 194-206; CAETANO, *Notas* 207-276.
Topônimos — CRONISTAS passim; SAMPAIO, passim.
Vocativo — ANCHIETA 9-9v; FIGUEIRA 9; MONTOYA 2-3; RESTIVO 13; DALL'IGNA, *Análise* 68.

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

VERBO *É* "DIZER"

455. E' irregular:

INDICAT.: *a-é, er-é, e-í; îa-é, oro-é, pe-î-é, e-í*: digo, dizes, etc.

NEGAT.: *nd' a-é-î, nd' er-é-î, nd' e-í; nd' îa-é-î, nd' oro-é-î, nda pe-î-é-î, nd' e-í*: não digo, não dizes, etc.

PERMIS.: *t' a-é, t' er-é, t' e-í; t' îa-é, t' oro-é, ta pe-î-é, t' eí*: diga, etc.

NEGAT.: *t' a-é umé, t' er-é umé, t' e-í umé*, etc.

IMPERAT.: *er-é; pe-î-é*: dize; dizei

NEGAT.: *er-é umé; pe-î-é umé*: não digas; não digais

INFIN.: *é*: dizer

NEGAT.: *é-eym-a*: não dizer

GER.: *gûi-î-á-bo, e-î-á-bo, o-î-á-bo; îa-î-á-bo, oro-î-á-bo, pe-î-á-bo, a-î-ábo*: dizendo eu, tu, êle, etc.

NEGAT.: *gûi-é-eym-a, e-é-eym-a, o-é-eym-a; îa-é-eym-a, oro-é--eym-a, pe-î-é-eym-a, o-é-eym-a*: não dizendo eu, tu, êle, etc.

456. Embora se conjugue como verbo intransitivo — sem pronome objetivo da 3.ª p. — exige sempre, antes do sujeito, o objeto direto ou pelo menos o demonstrativo *aîpó* "isso", "aquilo", "o":

aîpó e-í nde-be: isso te diz êle; *aîpó t' a-é*: di-lo-ei pois; *a-só, er-é*: dizes que vais (lit.: vou, dizes tu); *a-îuká-pe ká, a-é*: matá-lo-ei, disse (deliberei); *aîpó i é nd' a-î-kuab-i*: não sei que êle diga (disse-se) isso; *ere-manó-ne, a-é*: digo que morrerás; *ere-manó, aé-ne*: direi que morreste; *aîpó nd' a-é-î* ou mesmo *nd' aîpó nd' a-é-î*: não o digo

Idiotismos

457. Ao referir um período longo, repete-se *e-í* (diz, dizem, disse, disseram) após cada frase de sentido completo:

e-î-mondeb itangapema s-uru-pe, e-í; nd' ere-î-potar-i-p' iã xe r-uba r-e-mi-motara r-upi xe r-eõ?, e-í (Ar. 76): enfia a espada na sua bainha (disse); não queres que eu morra. segundo a vontade de meu pai? (disse)

pe-té-umé xe r-apirõ-mo, e-í; peẽ aé-eté pe-îe-apirõ, e-í; pe membyra-te pe-s-apirõ, e-í (Ar. 88): não me choreis (disse); chorai-vos a vós mesmas (disse); chorai antes a vossos filhos (disse)

Tupã r-esé tiruã kó nheenga r-e-ityk-i, e-í; pe-s-endu'-n' akó i nheenga poxy, e-í; Marã eté-î-p' ipó peẽ-mo?, e-í. Marã e-í-pe pe nheenga?, e-í; o aob-usu mo-ndoró'-ndorok-a o maramotar-amo (Ar. 79): eis que até contra Deus atira palavras (disse); vós mesmos ouvistes as suas más palavras (disse). Que vos parece? (disse). Que diz a vossa opinião? (disse, rasgando as suas vestes, enfurecendo-se)

Quem transmite um recado, repete ao destinatário a frase tal como a ouviu, juntando apenas: *e-í nde-be* "diz-te Fulano":

— Itajibá diz a Tinguaçu: "Dize a Caramuru que não venha": *T'o-ur umé Karamuru-ne — er-é i xupé* (lit.: Não venha Caramuru — dize-lhe)

— Tinguaçu diz a Caramuru: "Itajibá te manda dizer que não vás": *T'o-ur umé Karamuru-ne — e-í nde-be Itaîybá, — er-é i xupé* (lit.: Não venha Caramuru, diz-te Itajibá, dize-lhe)

Assim também se traduzem as palavras dos outros, mesmo quando referidas indiretamente:

não ouvi meu pai dizer que o chamasse: *xe r-enõî îepé, xe r-uba î-ag-ûera, nd' a-s-endub-i* (lit.: chama-me, dito de meu pai, não o ouvi)

Por vêzes *é* corresponde a "resolver, deliberar":

a-s-enõî, a-é ou *a-s-enõî-pe ká, a-é*: deliberei chamá-lo
t' oro-îuká-ne ká, e-í gûá: deliberaram matá-lo

458. O verbo *é* pode indicar a intenção ou o motivo, sobretudo no gerúndio. Explicando-se, p. ex., a uma pessoa o perigo de ir a tal lugar, ela responde:

aîpó gûi-î-á-bo, a-só-ne: por isso mesmo é que irei (lit.: isso dizendo, irei)

Neste sentido o gerúndio nega-se com *nda* e *ruã* (n. 184) e não com *eym-a:*

nda aîpó e-î-á-bo ruã, aîpó er-é: não o disseste com essa intenção (lit.: não dizendo isso, o disseste)

É muito usado com o permissivo:

t' i marangatu, gûi-î-á-bo, a-î-nupã: bati-lhe para que seja bom; *t' îa-î-pysyrõ, oro-î-ábo, îa-î-nupã*: batemos-lhe, no intuito de salvá-lo; *ta xe poî, nda gûi-î-á-bo ruã, a-îur*: não venho para que êles me dêem de comer (lit.: alimentem-me, não dizendo, venho)

Com advérbios dubitativos, traduz-se por "pensar, julgar que":

o-só ipó reá, gûi-î-á-bo angá', nd' oro-enõî: julgando que te tivesses ido, não te chamei; *xe mbaé serã, e-î-á-bo, ere-r-ur*: trouxeste-o, pensando que fôsse teu; *o-î-mo-mbab umã ipó reá, nda gûi-î-á-bo ruã, a-só xe r-e-mbi-apó r-epîak-a*: não fui ver minha obra, não julgando que (julgando que não) a tivessem destruído; *i angaturam ipó reá, nda gûi-î-á-b' eym-a ruã, nd' a-s-enõî*: não por o não julgar bom, o não chamei

459. Seguido de *aub* ou *angá,* significa "pensar erradamente":

o-só ipó, a-é aub-n' iã ixé (VLB 171): cuidei que êle tivesse ido; *nda xe r-epîak-i xó-é-ne, e-î-á-b' aup-a, ere-s-enõî*: supondo erradamente que êle não te veria, chamaste-o

V. ainda n. 572.

Verbo *é* "dizer", auxiliar

460. O verbo *é* pode juntar-se a outro verbo no gerúndio como auxiliar:

é s-epîak-a: vê-lo

a-é s-epîak-a: eu o vejo
er-é s-epîak-a: tu o vês
e-í s-epîak-a: êle o vê
îa-é ou *oro-é s-epîak-a*: nós o vemos
pe-î-é s-epîak-a: vós o vêdes
e-í s-epîak-a: êles o vêem

a-é nde r-epîak-a: eu te vejo; *nd' er-é-î s-epîak-a*: tu não o vês; *nd' a-é-î s-ausup-a*: não o amo; *nd' îa-é-î xó-é nde r-ausup-a-ne*: não te amaremos; *nda pe-î-é-î oré r-ausup-a*: vós não nos amais; *pe-î-é umé xe r-esé pe-îaseó-bo*: não choreis por mim

Usa-se essa perífrase, em geral, para exprimir as decisões do momento; prefere-se então *é* no permissivo:

a-é gûi-xó-bo ou melhor *t' a-é gûi-xó-bo*: vá eu

461. Como auxiliar, *é* junta-se também a outras partículas e palavras, formando locuções que levam o verbo ao gerúndio:

é katu: poder, ser bom para, saber

a-é katu: posso
er-é katu: podes
e-í ou *o-é katu*: pode
îa-é ou *oro-é katu*: podemos
pe-î-é ou melhor *pe-é katu*: podeis
e-í ou *o-é katu*: podem

a-é katu gûi-xó-bo: eu posso ir; *er-é katu e-ké*: podes dormir; *o-é* ou *e-í katu o-ygá-pukuî-a*: ele pode *ou* sabe remar; *e-í katu nde r-uba îuká-bo*: êle pode matar teu pai; *nd' oro-é-î oro-îe-by*: não podemos voltar; *nda pe-é-î xó t-obaîara îuká-bo-ne*: não podereis matar os inimigos

462. Com complemento regido de *r-esé, é katu* significa "saber fazer":

a-é katu ebouinga r-esé: sei fazer isso; *er-é katu s-esé*: sabes fazê-lo; *nd' e-í katu mbaé r-esé*: êle não sabe fazer nada

Outras partículas:

463. *byté(r)(-ĩ)*: ainda, continuar

oro-é byter i mo-nhang-a: ainda o estamos fazendo; *e-í byter i pysyk-a*: continuou segurando-o; *a-é bytęr aîpó gûi-î-á-bo*: ainda o digo; *nd' eré-î byter-i-pe e-îup-a?*: não continuas deitado?; *e-í byter-ĩ ahẽ xe amotar-eym-a* (VLB 339): êle continua a me odiar; *e-í byter o-mbaé-asy-ramo*: êle continua doente

é: tempo virá em que

e-í ahẽ i kuap-a-ne ou *e-í é ipó ahẽ i kuap-a-ne* (VLB 403): tempo há de vir em que o saberá

îé: ainda, continuar

a-é îé s-epîak-a: ainda continuo a vê-lo; *e-í îé o-ké*: êle continua dormindo

ké: (com v. neg.): não tivesse...

nd' er-é-î ké e-îaseó-bo...: não tivesses chorado... (e, p. ex., não te teriam desprezado)

memé-nhé: em tudo igual a *uman-ĩ*

nhé: já

er-é nhé e-só-bo: já vais; *t' e-í nhé o-ikó-bo, o-up-a, o-só-bo, o-in-a* (VLB 177): deixa-o já estar, jazer, ir, estar parado; *t' e(-í) nhé -n' o-ikó-bo ká* (VLB 177): (resolvo) que o deixem já ir; *e-í nhé-pe o-ikó-bo-ne?* (VLB 177): já ficará assim? já o deixarei estar?

teé: (com v. neg.): de propósito, por isso mesmo

nd' a-é-î teé gûi-îe-by: por isso mesmo voltei; *nd' e-í teé o-manó-mo*: por isso mesmo morreu; *nd' e-í teé o poxy-eym-amo, o angaturam-eté-ramo* (AR. 137): por isso mesmo ela foi bela, santíssima

464. *tenhé:* em vão, debalde, à toa, sem outro fim, falsamente

pe-î-é tenhé pe-îabap-a: fugistes à toa, sem necessidade; *e-í tenhé o-pytá-bo*: ficou em vão; *a-é tenhé nde nupã-mo-ne* (VLB 382): à toa te baterei; *er-é tenhé xe r-ausup-a*: debalde me amas; *oro-é tenhé oro-î-á-bo*: dissemo-lo à toa; de mentira; *t' e-í tenhé umé o-nheeng-a* (VLB 254): guarde-se êle de falar à toa; *t' e-í tenhé umé ahẽ aîpó o-î-á-bo* (*ib.* 306): guarde-se de dizer isso à toa, de gracejo; *e-í tenhé ipó o-î-á-bo*: êle disse isso por caçoada

465. *umã, umûã, ymã, ymûã:* já

a-é umã gûi-xó-bo (FIG. 160): já vou

uman-ĩ, umûan-ĩ, yman-ĩ, ymûan-ĩ: devagar, tardar, nunca acabar de fazer

a-é uman-ĩ gûi-gûatá-bo: levo tempo para andar; *e-í ymûan-ĩ ahẽ i mo-nhang-a* (VLB 347): não acaba nunca de o fazer

— Estando na forma negativa seja o verbo *é* seja o gerúndio, o sentido é o mesmo:

nd' a-é-î ymûan-ĩ i mo-nhang-a ou *a-é ymûan-ĩ i mo-nhang-eym-a* (VLB 401): tardo muito em o fazer

Para ANCHIETA, quando um dos verbos é negativo, o sentido é algo diverso: "não acabar de começar". Cpr.:

a-é uman-ĩ mbaé gû-á-bo (ANCH. 57v): detenho-me muito em comer
nd' a-é-î uman-ĩ mbaé gû-â-bo ou *a-é uman-ĩ mbaé û-eym-a* (*ib.*): ainda não acabo de começar a comer

466. *ranhé:* (com v. afirm.): primeiro, adiante

t' a-é-ne ranhé gûi-xó-bo: que eu vá (irei) primeiro

Só se usa na 1.ª p. s. Para as outras há circunlóquios:
neĩ nde ranhé e-só-bo ou *neĩ e-só-bo ranhé*; *peĩ peẽ ranhé pe-só-bo* ou *peĩ pe-só-bo ranhé; t' e-í nhé o-só-bo ranhé* ou *t' e-í nhé t'o-só*. Etc.

467. (com v. neg.): ainda (*ranhé* vai no fim)

Cpr. *nd' o-ur-i ranhé*: não veio ainda; *nda s-ar-i abati ranhé*: o milho ainda não tem espiga

nd' a-é-î nde r-epîak-a ranhé: ainda não o vi; *nd' a-é-î uman-ĩ mbaé gû-á-bo ranhé* (ANCH. 56v): ainda não acabei de começar a comer; *nda pe-é-î-pé pe maenduar-amo ranhé?*: ainda não vos lembrais?; *nd' e-í o-îyp-a ranhé*: ainda não está assado; *nd' e-í o ekó--rama r-upi o-ikó-bo ranhé ybá*: a fruta ainda não está como deve (lit.: segundo o seu futuro ser); *nd' er-é-î i kuap-a ranhé-pe?*: ainda não o conheces?; *nd' e-í nde pysyk-a ranhé-pe gûá?*: ainda não te prenderam?

468. Nas respostas, pode-se omitir o gerúndio, e mesmo *ranhé:*

ainda não o conheces?: *nd' er-é-î i kuap-a ranhé?;* ainda não: *nd' a-é-î i kuap-a ranhé* ou *nd' a-é-î ranhé* ou *nd' a-é-î i kuap-a* ou *nd' a-é-î* ou *aan ranhé*

469. Com *ranhé,* o verbo pode deixar de ir ao gerúndio:
não está ainda deitado: *nd' e-í o-up-a ranhé* ou *nd' e-í o-ub ranhé;* ainda não vos lembrais?: *nda pe-é-î-pe pe maenduar-amo ranhé?* ou *nda pe-é-î-pe pe-maenduar ranhé?*

470. *Ranhé,* claro ou subentendido, dá à frase, amiúde, o sentido de "ser cedo", "ser muito cedo":
t' îa-só-ne. Nd' e-í angá-î: vamos! É muito cedo; *Nd' e-í ara* (VLB 148): ainda resta grande parte do dia. É ainda cedo.

Modismos onomatopaicos

471. Certas partículas onomatopaicas, seguidas do verbo *é,* formam curiosos modismos:

ten: firme, fixo, encaixado

ten a-é, er-é, e-í, etc.: estou firme, estás firme, está firme, etc.
ten nd' a-é-î, nd' er-é-î, etc.: não estou firme, etc.; *ten a-î-mo-é* (ou *a-î-mo-ten*): eu o firmo, encaixo, etc.

tak, tatak: dar estalo, bater

tak e-í gûyrapara: o arco deu um estalo

tek: quebrar-se estalando, estalar

tek e-í ybyrá: a árvore estalou

tyk: serem muitos (só no pl.)

tyk oro-é, îa-é, pe-î-é, e-í: somos, sois, são muitos

ning, ning-ning: latejar

ning e-í xe akanga: minha cabeça está latejando

gûym: sair depressa, voando, zunindo

gûym a-é nhé ou *gûym a-é*: saí às pressas, voando

Verbo *é* impessoal

472. Os documentos tupis não no atestam, mas por analogia com o guarani concluímos que o verbo *é* devia ter também a função impessoal de "fazer":

roy e-í: faz frio (Cfr. MONT., *Voc.* 286); *îasy e-î*: faz lua ou luar (*id., Tes.* 185); *piryaî' e-í*: faz calor ou suor (*id., Voc.* 130); *aman' e-í* ou *amand-y e-í*: chove (*ib.* 355); *amã'-pytun' e-í*: está nublado (*ib.* 389); *y t-ypyak' e-í*: congelou-se a água (*ib.* 435); *t-ypyak' e-í kamby*: coalhou-se o leite (*ib.*); *pytu-y e-í*: faz ou deita vapor (*id., Tes.* 301v/295v)

É provável, pois, que houvesse em tupi construções como

kûarasy e-í: está fazendo sol

Mas o modismo é restrito aos fenômenos atmosféricos, astronômicos e semelhantes.

EXERCÍCIOS

473. Conjugar no indicativo, presente e futuro, afirmativo, negativo, interrogativo:

dizer	não dizer ainda
não o ver ainda	não ir ainda

474. Tinguaçu diz a Akangatã: *Akangatã, e-kûãî îakaré y-pe, o-manó xe sy, er-é Abatiuna supé.* Akangatã diz a Abatiúna: *O-manó xe sy, e-í nde-bo Tïgûasu, er-é i xupé.*

T' o-î-kuab, gûi-î-á-bo, a-é i xupé. A-s-epîak ipó xe r-ayra-ne, o-î-á-bo, Abatiuna kûesé Aîuruok-pe i xó-û (foi). *Aîpó xe é nd' a-î-kuab-i. O-só ipó, oro-î-á-bo, nd' oro-s-ekar-i. Xe îuká-ne, pe-î-á-bo, nda pe-ker-i. Nd' e-í o-pak-a ranhé, gûi-î-á-bo, nd' a-s-enõî. Nd' e-í o-manó-mo ranhé-pe t-obaîara? Nd' a-é katu-î i kuap-a ranhé. Nd' a-é katu-î gûi-xó-bo ranhé-pe? Nd' e-í ranhé. Xe r-ub gûé! oro-é katu-pe paranã-me ytap-a? Nda pe-é katu-î. Mbaé-pe e-í nhandé-be? Nda pe-é katu-î, e-í. Nd' oro-é katu-î oro-ké-pe? Aan-i. Mbaé-pe e-í? Aan-i, e-í. Mbaé e-î-á-bo-pe, aan-i er-é? T' o-manó umé-ne, gûi-î-á-bo, aan-i a-é. Nda aîpó e-î-á-bo ruã, aan-i er-é oré-bo. Mbaé-te-pe gûi-î-á-bo, aan-i a-é peẽ-mo? Ere-nhe-nong e-îup-a? Eẽ. A-nhe-nong gûi-t-up-a.*

aub

475. **auba:** falso, de mentira; mesquinho; **aub:** falsamente, mesquinhamente, sem resultado, fingidamente, de má vontade, mal, apenas, só:

abá auba: homem mesquinho, de burla; *mbaé kuap-ar-auba*: sábio fingido, de mentira, impostor; *ere-ker-aub*: finges que dormes; *nd' ere-ker-aub-i*: não finges que dormes; *a-é-aub*: pensei (← disse) errada *ou* falsamente; supus; imaginei

Repetido o verbo, fica mais claro o sentido de "fingir": *o-î-meẽ'-meeng-aub*: fingiu que o deu

476. Repetido *aub,* exprime-se "grande desejo":

a-îur-aú'-aub: desejo muito ir

477. *eym-aub* (com v. neg.): fingir que não:

nd' a-só-eym-aub-i: finjo *ou* faço que não vou

478. *mo-ang:* pensar, cuidar, imaginar, fingir, debalde:

a-só-mo-ang: cuido ir; *mbaé kuap-ara mo-anga*: sábio tido como tal

mo-ang-aub: fingir, fazer que, pensar erradamente:

a-só-mo-ang-aub: finjo que vou; *o-só ipó reá mo-ang-aup-a, aîpó a-é*: eu disse isso, pensando erradamente que tivesses ido

Cpr. também as frases:

xe r-epîak-aub îepé: finges que me vês; *nda xe r-epîak-aub îepé*: não finges que me vês; *nda xe r-epîak-eym-aub-i îepé*: finges que não me vês; *nda xe r-epîak-aub-eym-i îepé*: não finges que não me vês

Sôbre a locução *nda s-aub-i*, v. n. 576.

479. Posso dormir? Sim. Podes dormir. Que me disse êle? Disse-te que sim, que podes dormir. Podes vir tu também comigo? Posso. Vem, pois, comigo. Ainda não vou. Por que, pois, disseste que vinhas? Disse que ia, supondo erradamente que pudesse ir. Agora ainda não podes vir? Já vou. Finges que não queres vir... Traze também o teu amigo. Levá-lo-ei e deixá-lo-ei aí. Abatiúna ainda continua doente? Não. Êle está só deitado. Está fingindo que dorme. Ainda não se levantou? Levantou-se dormindo. Por que se levantou dormindo? Nem bem se tinha deitado... — A onça fingiu que morreu. — Não finjas que não me estás vendo. — Não finjas que não sabes fazer isso. — Não digas que não fingiste que não me vias. — Com que intenção fingiste que estavas dormindo?

BIBLIOGRAFIA

Verbo "dizer" — ANCHIETA 54-57; FIGUEIRA 54-56; 159-163; MONTOYA 55-59; RESTIVO 122-133; CAETANO 40; 78-79; ADAM 72-74; L. BARBOSA, *O Vocabulário* 17-18.

Modismos onomatopáicos — *gûym*: VLB 120; 302; *ning*: VLB 273; *tak*: VLB 204; *tek*: RESTIVO 126; *ten*: ANCHIETA 57; VLB 118, 204; 238; MONTOYA 58-59; ID. *Tesoro* 378v/372v; RESTIVO 126; *tyk*: ANCHIETA 57; VLB 264; 304; 395; 417; MONTOYA 390/384.

aub — ANCHIETA 35; FIGUEIRA 138-139; VLB 291; 237; 382; 414; passim.

VERBOS CAUSATIVOS

mo- ou mbo-

480. De verbos intransitivos ou intransitivados, de substantivos, adjetivos, partículas, etc., formam-se, com o auxílio dos prefixos *mo-* e *ro-*, muitos verbos transitivos. Há freqüentes metaplasmos (n. 28).

481. *M(b)o-* é prefixo *causativo*, usadíssimo:

só, ir: *mo-ndó*: mandar, tocar
sok, quebrar-se: *mo-ndok*, quebrar
îe-byr, voltar: *mo-îe-byr*, fazer voltar, devolver
maenduar, lembrar-se: *mo-maenduar*, fazer lembrar-se
ker, dormir: *mo-nger*, fazer dormir
gûeb, apagar-se: *mo-gûeb*, apagar
endy, aceso: *mo-endy*, acender, iluminar
sem, sair: *mo-sem*, tocar, despedir
pak, acordar: *mo-mbak*, despertar
abá, homem: *mo-abá*, fazer ser *ou* ter filho
ayra, filho: *mo-ayr*, fazer ser *ou* ter filho
ram-bûera, suf. pass.-fut.: *mo-ram-bûer*, frustrar
eté, muito, etc. (n. 171): *mo-eté*, honrar, engrandecer, estimar
îe-îuká, matar-se: *mo-îe-îuká*, fazer matar-se
îo-îab, igualarem-se: *mo-îo-îab*, fazer igualarem-se
por-ausub, amar: *mo-por-ausub*, fazer amar (gente)
mbaé-kuab, saber (as cousas): *mo-mbaé-kuab*, fazer saber (as cousas)

482. Antes de verbos intransitivos ativos, pode-se sempre verter por "fazer"; antes de intransitivos neutros, é mais adequado um transitivo:

ativos:	*syk*: chegar	*mo-syk*: fazer chegar
	îe-byr: voltar	*mo-îe-byr*: fazer voltar
neutros:	*akub*: ser quente	*mo-akub*: esquentar
	pab: acabar-se	*mo-mbab*: acabar, destruir

483. Prefixa-se também a substantivos modificados por complementos atributivos:

á'-îuba, cabelo louro

abá á'-îuba: homem de cabelo louro (n. 344)
abá i á'-îub: o homem tem o cabelo louro
a-î-mo-á'-îub abá: fiz o homem ter cabelo louro

pi'-roy: pele fresca

xe mo-pi'-roy: êle me refrescou a pele

pirá-kaẽ: peixe moqueado

a-î-mo-pirá-kaẽ ou *a-î-mo-kaẽ pirá* ou *a-î-mo-pirá mo-kaẽ*: moqueei o peixe

484. Entre o prefixo agente e o prefixo *mo-* ou *mbo-*, em geral vem o pronome oblíquo da 3.ª p. *i*, mas não é de rigor: *a-î-mo-sem* ou *a-mo-sem*. No tupi de São Vicente é menos usado. No guarani não se usa.

485. *Mbo-* é o mesmo que *mo-*, mas menos empregado. No dialeto tupi, ocorre especialmente antes de monossílabos e sons orais:

mbo-ur: fazer vir, *mbo-é*: ensinar; (mas *mo-in*: pôr, *mo-un*: pintar de preto).

Não ocasiona metaplasmos: cpr. *mo-mbab* e *mbo-pab,* etc. (n. 28, obs. 3).

486. Os verbos intransitivos de pronomes pacientes podem tomar o reflexivo *îe-*, e, novamente, o prefixo *mo-:*

akub: ser quente	*a-î-mo-akub*: esquento-o
a-îe-mo-akub: esquento-me	*a-î-mo-îe-mo-akub*: faço-o esquentar-se
a-îe-mo-pi'-roy: refresquei-me	*a-î-mo-îe-mo-pi'-roy*: faço-o refrescar-se

487. Antes de *mo-*, pode vir a partícula *poro-*:

a-poro-mbo-é: ensino (gente)
a-poro-mo-îe-mo-pï'-roy: faço com que se refresquem

Irregulares

488. *A-ytarõ* (n. 301) é transitivo, mas admite o prefixo *mo-*, sem alteração de sentido:

a-î-mo-ytarõ: farto-o

489. De *potar* "querer, desejar", forma-se *mo-mbotar* ou *mo-motar* "fazer-se cobiçar ou querer." O sujeito de "fazer" é o mesmo objeto de "querer" ou "cobiçar":

a-î-mo-mbotar xe r-uba: faço meu pai me querer, faço-me querer de meu pai; *xe mo-motar ahẽ aoba* (VLB 156): faz-me cobiça a roupa dêle; *a-nhe-mo-motar aîpó mbaé r-esé*: cobiço essa cousa

490. O causativo de *ikó* "estar" é *mo-ingó* "colocar, pôr"; de *iké* "entrar" é *mo-ingé* "introduzir"; de *îur* "vir" é *mbo-ur* "fazer vir"; de *atyrõ* "arranjado, enfeitado" é *mo-ngatyrõ* "arranjar, enfeitar", etc.

Manó "morrer" não admite o prefixo *mo-*.

491. Repetido *mo-* antes de *mo-sem* "fazer sair, tocar para fora", forma-se *mo-mo-sem* "acossar, correr atrás de".

492. Em alguns verbos de prefixo *mo-*, o segundo elemento na fase histórica da língua já não tinha uso em separado, tornando-se difícil conhecer o seu sentido próprio:

mo-nhang "fazer", *mo-ndeb* "enfiar, vestir", *mo-mbeú* "declarar, referir"

EXERCÍCIOS

493.

îasy-t-atá: estrêla
apysá: ouvido
kaûĩ: cauim
mo-îo-îab: igualar (2 ou mais cousas)
kaneõ: cansado

piruá: bôlha (da pele); empolado
piruá-pûera: calo; caloso
mo-mbeb: esmagar
nhe-mo-mbeb: esmagar-se, agachar-se
îá ou *îab*: igual, do tamanho de
o-îo-îab: iguais; igualmente
endy (*t*) (*xe*): estar aceso
î'-atá-py: fazer fogo (para si)
asẽ'-asema (*t*) (*t*): gritaria
atá-tinga (*t*): fumaça; (*xe*): fumegar
bé-nhé, bé-no: tornar a
ikó: eis que, aqui, agora, já (vis.)
ar-bo: encima de

494. *O-nhe-mo-pytun. Îasy-t-atá s-endy ybak-pe. — Îasy îá-ne kûarasy. Aan. Nd' o-îo-îab-i. — Ybytu o-î-mo-ỹ-roysang, kûarasy o-î-mo-aku' bé-nhé. — Xe îuru kaneõ xe r-asẽ-r-asem-amo. O-î-mo-kaneõ xe apysá nde r-asẽ-r-asema. Xe mo-apysá-kaneõ nde r-asẽ-r-asema. — A-î-mbo-ar t-atá. E-î-mo-endy t-atá ta s-atá-ting umé-ne. Mbaé r-esé-pe nd' ere-î-mo-endy-î nde aé-ne? T-atá e-í byter og-endy-ramo. Nd' er-é-î t-atá mo-endy-á-bo xe inĩ gûyr-pe ranhé-pe? Nd' a-é-î. Nd' a-é-î xe syk-a. — Ybytu t-atá o-î-mo-gûeb ikó. E-î'-atá-py bé-nhé. — Mbaé r-esé-pe ere-î-peîu t-atá? T' o-gûeb umé-ne, gûi-î-á-bo, a-î-peîu. — T-atá o-poro-apy. — Xe r-amyîa o-î-mo-mbeb t-obaîara akanga, i îuká-bo. — Paka o-nhe-mim ybyrá gûyr-pe, o-nhe-mo-mbep-a. — A-î-mo-nhe-mim xe r-aîyra. — Na nde îab-i ixé. O-îo-îab îandé. Oro-îo-ausub o-îo-îab. Ta pe-nho-mo-îo-îab-ne. — E-î-mo-ingó-katu xe inĩ t-atá ar-bo. — Ygá-pukuî-taba xe mo-pó-piruá o-ikó-bo. Ixé abé xe pó piruá-pûer'-n' ikó.*

495.

pedaço: *asyk-ûera*
bocado: *îuru*
acompanhamento: *tyra, s-é-bae*
fome: *ambyasy*
sêde: *ú-seîa*
ter sêde: *ú-seî* (*xe*)
querer comer *ou* beber: *ú-seî*, tr.
querer comer: *karu-seî*, intr.
arrancar (rebentando): *mo-ndorok*
engordar: *mo-ngyrá*, tr.
suor: *yaîa* (*t*)
suar: *yaî* (*t*) (*xe*)
responder: *é*
farto: *a-pysyka*
moqueado: *kaẽ, mo-kaẽ*
moquear: *mo-kaẽ*
enjoar: *mo-ting*
sujo: *kyá*
cru: *pyra*
antigo: *ymûana, umûana*
verde (não sêco): *ybyra*
fresco: *pysasu*
— [carne, fruta, etc.]: *ybyra*
não há: *nd' i por-i*

496. *S-é-bae* "acompanhamento", "condimento" que torna mais gostoso um alimento, p. ex., do pão: peixe, carne. *Tyra* "companheiro": *xe tyra ahẽ*: é meu companheiro; *xe tyr*: tenho companheiros. Aplicado a comidas, significa tanto o alimento principal como o acompanhamento: *Kaaoby o-î-meeng pirá ixé-be; endé koyr e-î-meeng ixé-be i tyr-ama*: Caobi me deu peixe; tu agora dá-me o acompanhamento (pão, farinha, etc.); *uí tyr-eyma r-esé a-karu*: como (só) farinha, sem acompanhamento (peixe, carne).

497. Para [me] emagrecer, cansei-me muito, arrancando mato. O sol me fez suar. Assim eu [me] emagrecerei logo. — Queres beber água? Não. Não tenho sêde. Tenho fome. Eu quero comer. Para que (n. 198) queres comer? Para [me] engordar, e para me tornar forte. Que queres comer? Queres carne crua? Quero carne moqueada. Moqueia-a, pois, para que (n. 198) a comamos. Não. Fala com meu irmão e pede-lhe que a moqueie para mim. Por que não a moqueias tu mesmo? Porque não sei fazer isso (n. 462). Já falei com êle, (mas) êle respondeu que não a moqueia. Por que não a quer moquear? Porque a carne está muito nojenta.

— Por que não comestes ainda os vossos prisioneiros? Nós os estamos engordando primeiro. Como queres comer a carne dêles? Quero que faças a carne moqueada. Não posso fazer a carne moqueada: não há lenha sêca: o sol secou só as folhas das árvores; a madeira ainda está muito verde. E as frutas, por que não as comes? Ainda não estão maduras. Por que não as apanhas para amadurecê-las? Elas estão ainda muito verdes. — Queres mais um pedaço ainda? Não. Comida eu ainda tenho; agora quero o acompanhamento [dela]. Dou-te dois bocados apenas. Tu me fazes (ficar com) [ter] os braços cansados! E tu, queres farinha? Não. Estou farto. E maracujás? Não. Êles me enjoam.

— Vim [para] conversar contigo. — Êle está conversando consigo mesmo. — Quem te sujou a cara? Minha cara não está suja! — Tua casa está velha. Eu a renovarei. Eu também era novo e [me] envelheci.

498. Indicar a composição dos verbos (excecionalmente vão sem divisão):

mosym: alisar — *mobok*: rachar — *mombaeú*: dar de comer a
mombub: amolecer — *mombuk*: rachar

mongaru: dar de comer a
moynysem: encher
mondyî: assustar
mombytá: fazer ficar
moatã: endurecer

499. Formar em tupi os seguintes verbos:

alongar, dilatar, deter, retardar; de *puku*
abalar, aluir; de *kué*
fazer ficar, deter, dar pouso a; de *pytá*
quebrar, partir; de *sok*

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 48-49; FIGUEIRA 91-92; MONTOYA 48-49; RESTIVO 59-61; CAETANO 37-38; 39; ADAM 47-48; L. BARBOSA 172; 184; DALL'IGNA, *Análise* 64-65.

Prisioneiros europeus conduzidos. Execução e consumação de uma vítima (DE BRY)

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

VERBOS CAUSATIVO-COMITATIVOS

ro- ou no-

500. Como *mo-*, forma verbos transitivos, mas tem de especial que 1) o sujeito também participa da *ação* do *objeto*, ou 2) pelo menos, entre o sujeito e o objeto há alguma conexão especial. Exs.:

1) *a-ro-îe-byr xe r-ayra*: fiz meu filho voltar comigo; trouxe meu filho
2) *a-ro-ker aoba*: durmo com roupa
   a-ro-manó t-ekó-katu: morro com virtude
   a-no-tĩ xe sy: envergonho-me de (com) minha mãe

Compare-se com o prefixo *mo-:*

a-î-mo-mbytá ygara: fiz parar a canoa (em que eu não ia)
a-ro-pytá ygara: fiz parar a canoa (em que eu ia); parei com a canoa
a-î-mo-ingé mimbaba: fiz entrarem as criações (tocando-as)
a-ro-iké xe mbaé: recolhi, levei comigo para dentro as minhas cousas

501. *No-* é variante de *ro-*, usada antes de nasais:

a-no-sem ou *a-ro-sem*: faço-o sair comigo, tiro-o, toco-o comigo

NOTA — A forma primitiva do prefixo devia ser *ero-* ou *eno-*. O *e* ficou em alguns casos (503-508). — Neste CURSO, descritivo, toma-se o *e* como accessório.

Irregularidades

502.

só: ir	*a-ra-só*: faço-o ir comigo; levo-o
îur: vir	*a-r-ur*: faço-o vir comigo; trago-o

ikó: estar — *a-r-ekó*: faço-o estar comigo; tenho-o
îub: estar deitado — *a-r-ub*: estou deitado com; deitei-o comigo
ro-bîar: crer em (não há o simples *bîar*)

503. Não se usa o pronome objetivo da 3.ª p. antes de *ro-* ou *no-* nos modos e tempos de prefixos agentes. Nas 3as. pp. e na 1a. excl. pl., insere-se *(gû)e-*:

a-ro-bebé, ere-ro-bebé, o-gûe-ro-bebé
îa-ro-bebé, oro-gûe-ro-bebé, pe-ro-bebé, o-gûe-ro-bebé

504. Nos mesmos modos e tempos, os pronomes objetivos da 1.ª e 2.ª pp. vão seguidos de *r-e-*:

xe r-e-r-ur: levou-me consigo — *nde r-e-r-ur*: levou-te consigo
pe r-e-r-ur: levou-vos — *îandé* ou *oré r-e-r-ur*: levou-nos
xe r-e-r-ur îepé: levaste-me — *xe r-e-r-ur peîepé*: levastes-me

505. Exceção: Depois de *oro-* e *opo-*, vem só *e-*:

oro-e-r-ur: eu te trouxe; nós te trouxemos
opo-e-r-ur: eu vos trouxe; nós vos trouxemos

506. Nas formas reflexivas e recíprocas (*îe-, nhe-; îo-, nho-*) e quando o verbo leva objeto direto incorporado ou as partículas *poro-* ou *mbaé* (n. 280), introduz-se um *e-* antes do prefixo *ro-* ou *no-*:

a-îe-e-ro-bak: eu me virei — *o-poro-e-r-ur*: êle trouxe (gente)
ere-mbaé-e-r-ekó: tu tens cousas — *oro-Tupã-e-ro-bîar*: nós confiamos em Deus

Alguns autores escrevem *gûe-*; p. ex., *o-poro-gûe-r-ur*.

507. Mas com o reflexivo *îe-*, o primeiro *e* pode desaparecer:

a-îe-e-ro-bak → *a-î'-e-ro-bak*

508. Nos modos de pronomes pacientes (n. 336), o prefixo *ro-* ou *no-*, precedido de objeto direto, recebe um *e-*, que varia desta sorte:

INFINITO: **e-ro-kera**

cl. sup.: *t-e-ro-ker-a*: dormir com (g.); fazer (g.) dormir com
cl. inf.: *s-e-ro-ker-a*: dormir com (c.); fazer (c.) dormir com

xe r-e-ro-ker-a:	1)	fazer-me dormir com;
	2)	dormir comigo
nde r-e-ro-ker-a:	1)	fazer-te dormir com;
	2)	dormir contigo
s-e-ro-ker-a:	1)	fazê-lo dormir com;
	2)	dormir com êle
o e-ro-ker-a:	1)	fazê-lo dormir com;
	2)	dormir com êle
îandé ou *oré r-e-ro-ker-a*:	1)	fazer-nos dormir com;
	2)	dormir conosco
pe r-e-ro-ker-a:	1)	fazer-vos dormir com;
	2)	dormir convosco
s-e-ro-ker-a:	1)	fazê-los dormir com;
	2)	dormir com êles
o e-ro-ker-a:	1)	fazê-los dormir com;
	2)	dormir com êles
mitanga r-e-ro-ker-a:	1)	fazer a criança dormir consigo;
	2)	dormir com a criança

nde xe r-e-ro-ker-a: tu me fazeres dormir contigo; dormires comigo; *paîé xe r-e-ro-ker-a*: fazer-me o pajé dormir consigo; dormir o pajé comigo; *ixé s-e-ro-ker-a*: eu fazê-lo dormir comigo; dormir eu com êle; *paîé s-e-ro-ker-a*: o pajé fazê-lo dormir consigo; o pajé dormir com êle; *Pindobusu nd' o-s-epîak-i paîé o e-ro-ker-a*: Pindobuçu não viu o pajé fazê-lo (a Pindobuçu) dormir consigo (com o pajé); Pindobuçu não viu o pajé dormir com êle (com Pindobuçu); *Pindobusu nd' o-s-epîak-i paîé s-e-ro-ker-a*: Pindobuçu não viu o pajé fazê-lo (p. ex., a Caobi) dormir consigo (com o pajé); Pindobuçu não viu o pajé dormir com êle (com Caobi)

509. O gerúndio segue o infinito, exceto na desinência.

510. Como *mo-*, o prefixo *ro-* ou *no-* não se antepõe a verbos transitivos. Se êstes, porém, estão na forma reflexiva, ou se levam as partículas *poro-* ou *mbaé* ou objeto incorporado, equiparam-se a intransitivos:

a-ro-por-ausub xe sy: fiz minha mãe amar (g.) comigo; *oro-e-ro--por-ausub*: eu te fiz amar (gente) comigo; *o-gûe-ro-îe-peá*: fê-los separarem-se com êle; *pe-ro-y-ú pe r-e-imbaba*: fazei as vossas criações beberem água convosco; bebei água com as vossas criações; *ere-ro--ybak-epîak-pe mitanga?*: fizeste a criança ver o céu contigo?

O prefixo *ro-* ou *no-* não é muito usado com substantivos, adjetivos, partículas e mesmo com os verbos de pronome paciente.

EXERCÍCIOS

511.

bak: intr. virar (de direção)
îe-reb: virar-se (rodando)
bur: surgir, emergir
tî [*suí*]: ter vergonha de
mo-tî: envergonhar
no-tî: envergonhar-se (com o ato) de
ro-yrõ: detestar
ro-îe-byr: voltar com
mo-ingé: recolher
ro-iké: recolher
ro-ar: irruir sôbre, arrebatar
ro-gueîyb, ro-îyb: fazer descer
mo-asy: arrepender-se de
amotar: tr. querer bem a
apyama: inclinado
kapiigûara: capivara
kaá-ysá, ka-ysá: cêrca de ramos

anama: raça
angaipap-aba: ruindade
obaké (*t*): diante de
Koema: n. pr.
kó ara puku-î: para sempre

512. *Ybytu o-bak paranã suí ybytyra r-esé, ygara r-e-ro-bak-a. — Koema o-gûe-ro-bak o ekó-pûera. — Nd' oro-gûe-r-ekó-î oré r-e-mbi--ú-rama. — O-bur kapiigûara. — Abá o-gûe-ro-bur kunumî r-eté--pûera. I akang' apyam. — Ybytu amana o-gûe-ra-só. — Xe r-ayr, t-obaîara r-obaké e-îasegû-á-bo, xe mo-tî îepé-ne. Na nde nhó-te ruã — e-í morubixaba — opá-katu Tupinambá-te kó ara puku-î o-gûe--no-tî nde rayra-ne. — Kunhã o-s-enõî t-ayra s-e-ro-ké. — Tagûató* (o gavião) *inambu o-gûe-ro-ar. — Marã-namo-pe nda pe-î-mo-ingé-î oré r-e-mbi-ar-ûera kaá-ysá-pe? Oro-gûe-ro-iké biã... Mamó-te-pe s-e-kó-û* (estão)*? O-îabab, ixé o e-ro-iké riré. Nd' o-îabab-i. Ogûe-*

-no-sem gûá. Nd' o-gûe-no-sem-i: o-îe-upir ybyrá-pe. E-î-mo-gûeîyb. Nd' o-gûeîy'-potar-i. E-îe-upir ybyrá-pe t' ere-ro-gûeîy'-te. — E-î-mo-îe-reb soó, t' ere-î-mo-kaẽ ngatu. E-î-mo-apyam! — Oré r-e-ro-yrõ-pe îepé? N' aan-i. Nd' opo-e-ro-yrõ angá-î. Opo-amotar. — Ere-î-mo-asy-pe nde angaipap-ag-ûera? A-î-mo-asy katu, s-e-ro--yrõ-mo, s-e-ro-îe-by'-potar-eym-à bé.

513.

chegar: *gûasem*
aportar: *îe-potar*
passar com: *ro-kûab*
passarem juntos: *îo-e-ro-kûab*
— sucessivos: *kûakaar, kûakeó*
— — com: *ro-kûakaar, ro-kûa-keó*
tocar em: *syk* ou *byk* [*esé*]
aproximar-se: *kakar,* intr.
juntar-se a: *ro-byk*
errar o caminho: *opar* (*s*) (*xe*)
acreditar: *ro-bîar*
desviar-se do caminho: *pîá,* intr.
desviar(-se com): *ro-pîá*
dirigir (barco): *kok* (*îo*)
saltar com: *ro-por*
passar (à frente de): *pûan* (*nho*)
recear por: *ro-nhe-ang-ú*
herdade: *kapŷaba*
festa (de comer e beber): *pepyka*
Ilha dos Frades: n. pr. *Gûenũ*

514. **Kakar** por si só significa "estar em vésperas de" (p. ex. ir, chegar).

515. Aproxima-se a festa do cauim. Aproxima-se também a minha ida. Estamo-nos aproximando da Ilha dos Frades. A canoa já aportou, já tocou em terra. Desembarquemos (e) retiremos os nossos objetos. Absolutamente não. Não é aqui a Ilha dos Frades. Erramos o caminho. Não dirigimos bem as nossas canoas (e) desviamo-las (*ger.*). Isso eu já tinha dito. Vós não acreditastes em mim... — Vistes passar por aqui outras canoas? Elas nos passaram à frente. Sim. Elas passaram por aqui com muitos homens. Passaram juntas? Não. Passaram sucessivamente. A primeira encalhou (*o-ar*) na margem do rio. Os homens saltaram com suas cousas. Receio por êles: os inimigos os matarão e comerão. — Fazei que se juntem as outras canoas, para (n. 198) aportarem na margem do rio. Que êles desçam com as suas canoas para aquela herdade. Ainda não chegaram.

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 48-49; FIGUEIRA 92; MONTOYA 48-49; RESTIVO 61-63; CAETANO 37-38; 39; ADAM 47-48; L. BARBOSA 172; 184.

VERBOS CAUSATIVOS

ukar

516. Posposta aos verbos transitivos, a partícula *ukar* tem o mesmo valor que o prefixo *mo-* com os não transitivos. Em geral supõe que o efeito se verifique, e traduz-se por "mandar, fazer, obrigar". A pessoa a quem se manda é regida pela preposição *supé:*

a-î-pysyk: segurei-o	*a-î-pysyk-ukar*: mandei segurá-lo
oro-pysyk: segurei-te	*oro-pysyk-ukar*: mandei segurar-te

nd' oro-pysyk-i: não te seguramos; *nd' oro-pysyk-ukar-i xó-é-ne*: não mandaremos segurarem-te; *xe îuká-ukar îepé Itaîyba supé*: mandaste que Itajiba me matasse; *ta xe îuká-ukar umé peîepé Itaîyba supé*: não mandeis que I. me mate; *gûariba ta pe-î-pysyk-ukar umé peîepé ixé-be-ne*: não me obrigueis a apanhar o macaco; *o-îuká-ukar ixé-be*: fizeram com que eu o matasse; *Po. aé emonã xe mo-ingó--ukar* (VLB 264): Pero me fêz fazer isso

517. Em alguns casos equivale a "deixar, permitir":

a-ra-só-ukar uuba: deixei-o levar as frechas; *yporu supé i mo--kanhem-ukar-eym-a* (AR. 237): não permitindo que o dilúvio os destruísse; *e-î-poru-ukar ixé-be nde gûyrapara*: deixa-me usar (empresta-me) teu arco; *o membyra Tupã, asé angaipaba r-esé asé-be i-nhe--mo-yrõ-bae, o-î-mo-nhyrõ, anhanga r-atá-pe asé mo-ndó-ukar-eym-a* (AR. 37): (Santa Maria) aplaca o seu filho Deus, agastado conosco pelos nossos pecados, não permitindo que êle nos mande para o inferno

518. *Ukar* é empregado também com os verbos intransitivados (n. 381):

o-por-ausub-ukar peẽ-me: êle vos manda que ameis; *a-îe-îuká--ukar Itaîyba supé*: mandei Itajiba matar-me; *nd' oro-ybak-epîak-ukar nde-be*: não mandamos que olhasses o céu

519. Observe-se a diferença que vai entre *mo-* e *ukar:*

a-îe-îuká-ukar Itaîyba supé: mandei I. matar-me; fiz-me matar por I.; *a-î-mo-îe-îuká Itaîyba*: fiz que I. se matasse

520. Aos verbos reflexivos *ukar* dá uma significação passiva:

ere-îe-pysyk-ukar nde r-uba supé: deixaste-te segurar pelo teu pai; *mará o-ikó-bo-pe asé anhanga suí i nhe-pysyrõ, ybak-pe o-îe-e--rasó-uká?* (Ar. 40): como é que a gente se livra do demônio, para se fazer levar (= ser levado) para o céu?; *nd' ere-îe-ausub-ar-i, xe r-esé e-îe-îuká-uká* (Ar. 316): não tiveste dó de ti mesmo, deixando-te matar por minha causa

521. *Ukar* precede tôdas as partículas que costumam seguir-se ao verbo:

nd' o-s-epîak-ukar-i: não mandou vê-lo; *nde îe-epîak-uká-saba*: lugar de sêres visto

522. Ocorre a partícula também com verbos transitivados por *mo-* ou *ro-*. Se o verbo ao qual se prefixou *mo-* não é ativo, *ukar* equivalerá a "fazer, mandar"; se é ativo, *ukar* não passará de partícula de realce:

NEUTROS

akub (*t*) (*xe*): ser quente	*mo-akub*: esquentar	*mo-akub-ukar*: mandar esquentar
pab: acabar-se	*mo-mbab*: acabar	*mo-mbab-ukar*: mandar acabar

ATIVOS

syk: chegar	*mo-ndyk*	ou	*mo-ndyk-ukar*:	fazer chegar
îe-byr: voltar	*mo-îe-byr*	ou	*mo-îe-byr-ukar*:	fazer voltar

Neste último caso, o complemento de pessoa dispensa *supé:*

oré mo-ar-ukar umé îepé tentação pupé (AR. 2): não nos faças (=deixes) cair na tentação

a-î-mo-îe-byr-ukar Pindobusu: mandei Pindobuçu voltar

523. NOTA — *Ukar* é sempre auxiliar. Para os outros casos, com o sentido de "mandar", há *pûaî* (*îo*), que também significa "governar, ordenar". A pessoa mandada fica de objeto direto; a cousa, de objeto indireto com *esé* ou *rí*:

a-îo-pûaî xe r-ayra: mando em meus filhos; *a-poro-pûaî*: eu mando; *xe îara é xe pûaî s-esé*: meu senhor é que mo mandou; *a-îo-pûaî amó abá pindoba r-esé* (VLB 206): mandei que uma pessoa me arranjasse (encomendei) palmas; *aé-pe mbaé aiba rí o-pûaî-me, marã?* (AR. 167): e que (fazer) quando êle ordena uma coisa má?

Mas conhecem-se exemplos também como êstes:

a-só uí pûaî-a: vou mandar fazer farinha; *a-pindó-pûaî*: encomendei palmas

EXERCÍCIOS

524.

mo-mboî: ameaçar	*îe-potá-bé-tá-bé*: continuar (muitas vêzes)
kuakub: ocultar	*Uubatyba*: n. pr. Ubatuba
mo-eẽ: temperar	*ateyma*: preguiçoso
r-ekó-ukar: entregar	*amé, n'amé*: ptc ser costume
r-ekó-memûã: maltratar	*erimã*: absolutamente não

525. *E-î-mo-endy t-atá. Nd' a-î-mo-endy-î xó-é-ne: e-î-mo-endy-ukar xe r-ayra supé-ne: i ateym-eté. — T-atá kaá o-mo-mbab. Ybytu o-î-mo-mbab-ukar kaá t-atá supé. — Nd' ere-î-kuakub-i nde r-e-mbi-ar-ûera... Xe r-ykeyra o-î-kuakub-ukar ixé-be. Nde abé ere-îe-kuakub-pe? Xe r-ybyra xe mo-îe-kuakub. — Ere-só-potar-pe oré r-e-mbi-ú-rama r-eká? Aan-i: a-s-ekar-ukar umã xe r-aîyra supé. — Uubatyba r-e-ro-kaká, "A-îur-ne ixé pe r-e-mbi-ú rama" — e-î-ukar gûá t-e-mbi-ara supé, s-e-r-ekó-uká aé riré kunhã-etá supé. Abá o-gûe-ra-só o ok-pe, i mo-îe-nong-a inĩ-me. O-îe-byr kunhã, i nupã,*

s-e-r-ekó-memûã îe-potá-bé-tá-bé, i ú-mo-mboî-a. — E-î-mo-eẽ-ukar soó nde r-e-mi-r-ekó supé. Erimã. Soó n' am' ixé nd' a-î-mo-eẽ-î. — Kó abá o e-mi-r-ekó nd' o-pûaî îepeaba r-esé.

526.

nascer (astro): *sem*
resplandecer: *endy-puk* (*t*) (*xe*)
dar à luz: *membyr-ar* (*xe*)
sentar-se: *gûapyk*
alegre: *oryba* (*t*)
buraco (no chão): *yby-kûara*
cachoeira: *ytu*
fresco: *roysanga*
mole: *membeka*
enfadado: *pûeraîa*
enfadonho: *poro-mo-pûeraîa*
onde?: *umã?, umá?, umẽ-me?*

527. A onça fêz a paca esconder-se no buraco. Onde? — A mulher, dando à luz, faz o marido deitar-se na rêde. — Deitei-me com meu arco. Fiz meu irmão deitar-se com o arco. Fi-lo beber água. — O doente mandou chamar os seus filhos. Mandou que se sentassem. Os filhos não o quiseram. O velho mandou que a mãe se sentasse com êles. — A lua, nascendo no céu, faz a cachoeira resplandecer. O sol, nascendo, nos alegra. — O cauim aquece o nosso corpo. A água refresca a gente. Também o vento refresca. — Fiz as velhas mastigarem (*suú-suú*) o cauim. Não mandaste também as moças mastigarem com elas? — Manda matar o prisioneiro. Não sei mandar. És muito mole. — O sol amoleceu a resina das árvores. — Estou enfadado de te ver! Não te enfadas de me enfadar? És enfadonho! — Hoje estou à toa (*nhó-te*). Mandai-me fazer alguma cousa.

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 49-49v; FIGUEIRA 146; MONTOYA 48-49; RESTIVO 64-66; CAETANO, *Vocabulário* 550-551; ADAM 50-51; L. BARBOSA 172.

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

OBJETO DIRETO INCORPORADO

528. Imediatamente antes do tema do verbo transitivo deve vir sempre o objeto direto. Se é substantivo, pode vir noutra parte da oração — e é o mais comum —, mas antes do tema deve ficar o pronome objetivo da 3.ª p. (*i-, s-, îo-*, n. 120-122), representando o substantivo:

não vos quero ver matar a meu filho: *nd' a-s-epîâ'-potar-i peẽ xe r-ayra îuká* ou *nd' a-s-epîâ'-potar-i xe r-ayra pe i îwká*

529. A incorporação do substantivo nunca é obrigatória. Raramente se dá quando é um polissílabo ou vem modificado por adjetivo ou complemento.

530. Com a incorporação, o verbo perde os pronomes objetivos. O objeto incorporado, paroxítono, perde a última vogal diante de vogal, e a última sílaba diante de consoante (n. 16).

531. Os verbos transitivos, com a incorporação, equiparam-se a intransitivos (n. 381). Mas podem tornar-se novamente transitivos e ter novo objeto direto. Chamemo-los verbos *retransitivados*.

O pronome objetivo da 3.ª p. será o mesmo que serviria de possessivo ao substantivo incorporado: *i, s, t* (n. 236 ss.).

kutuk: furar

a-î-kutuk: furo-o; *a-nambi-kutuk*: furo orelhas; *a-î-nambi-kutuk xe r-e-imbaba*: furo as orelhas à (da) minha criação; *oro-nambi-kutuk*: furo-te as orelhas; *a-t-esá-kutuk*: furo olhos (de gente);

a-s-esá-kutuk: furo olhos (de animal); *ou* furo os seus olhos (dêle); *a-s-esá-kutuk xe r-e-imbaba gûyrá*: furo os olhos a meus passarinhos; *oro-embé-kutuk*: furo-te os lábios; *xe-r-embé-kutuk*: furou-me os lábios

upir: erguer

a-s-upir: ergo-o; *a-mbaé-upir*: ergo uma cousa; *a-î-îybá-upir maraá-bora*: ergo os braços ao doente; *nde-îybá-upir*: levantou-te os braços

ok: cortar

a-îo-ok: corto-o; *a-akang-ok*: corto cabeças; *a-î-akang-ok mboîa*: corto a cabeça à (da) cobra; *a-s-apó-ok*: corto raízes; *ou* corto as raízes dela; *a-s-apó-ok ybyrá*: corto as raízes da árvore

mo-nhang: fazer

a-î-mo-nhang: faço-o; *a-kó-mo-nhang*: faço roça; *a-î-kó-mo-nhang xe r-uba*: faço a roça a (de) meu pai; *xe kó-mo-nhang*: fazem-me a roça; *oro-kó-mo-nhang*: faço-te a roça; *nde kó-mo-nhang*: fazem-te a roça; *ou* faz-te a roça; *a-ó'-mo-nhang*: faço casa; *a-îe-ó-mo-nhang* ou *a-î'-ó'-mo-nhang*: faço casa para mim mesmo; *a-s-ó'-mo-nhang*: faço a casa a (de) meu filho; *a-pé-mo-nhang*: faço caminho; *a-s-apé-mo-nhang amana*: faço o caminho à (da) chuva; *xe r-a-pé-mo-nhang peîepé*: fazei-me o caminho

meeng: dar

a-î-meeng: dou-o; *a-kó-meeng*: dou a roça; *a-î-kó-meeng xe r-uba*: dei a roça a meu pai; *oro-kó-meeng*: dei-te a roça; *a-t-ay'-meeng*: dei filhos; *a-t-ay'-meeng xe mena*: dei filhos a meu marido; *xe r-ay'-meeng*: deu-me filhos

532. Repetido o pronome antes do verbo *meeng* "dar" (e quiçá de algum mais), o sentido muda. Cpr.:

a-î-i-kó-meeng xe r-uba: dei a roça de meu pai (a outro); *a-î-t-ay'-meeng xe mena*: dei os filhos de meu marido (a outro)

533. Mas, em lugar de tôdas essas construções, mais comum é a analítica:

a-î-kutuk xe r-e-imbaba nambi; a-î-monhang xe r-uba kó; a-î-kutuk xe r-e-imbaba gûyrá r-esá; o-î-kutuk xe r-esá. Etc.

534. O substantivo se pode incorporar, sempre que corresponde ao nosso complemento restritivo:

cortei a raiz da árvore: *a-î-kytĩ ybyrá r-apó* ou *a-s-apó-kytĩ ybyrá*
viste o filho do chefe: *ere-s-epîak-pe morubixaba r-ayra?* ou *ere-t-ayr-epîak-pe morubixaba?*
não torceram o pescoço da maria-branca?: *nd' o-î-poká-î-pe gûyranheengetá aîura?* ou *nd' o-î-aîu'-poká-î-pe gûyranheengetá?*

535. Podem incorporar-se também os dois substantivos; o verbo se considerará intransitivo:

arrancai as penas da ema: *pe-îo-ok nhandu r-aba* ou *pe-s-ab-ok nhandu* ou *pe-nhandu-r-ab-ok*

536. Há casos esporádicos de incorporação de substantivo com adjetivo:

não comas frutas ácidas: *nd' ere-ybá-aî'-ú-î*

537. Não se incorporam determinativos (numerais, demonstrativos, etc.):

passei êste rio: *a-s-asab kó y* ou mesmo *kó a-y-asab*
passei dois rios: *a-s-asab y mokõî* ou mesmo *a-y-asab mokõî*

538. O verbo, intransitivado, torna-se novamente transitivo com *mo-* (n. 480):
a-y-ú: bebi água: ´

a-î-mbo-y-ú: fi-lo beber água; *a-î-mbo-y-ú xe membyra*: fiz meu filho beber água; *a-mitã'-mbo-y-ú*: fiz a criança beber água; *xe mbo-y-ú*: fêz-me beber água

539. Quando o objeto é modificado por um possessivo (em português) da mesma pessoa que o sujeito, pode-se incorporar o objeto, precedido de reflexivo *îe-* (*nhe-* antes de nasal):

a-nhe-embé-suú: mordo-me os (meus) lábios; *t-obaîara o-îe-ygar--ok*: os inimigos abandonaram as suas canoas; *a-só gûi-nhe-tung-ok-a*: vou tirar(-me) o bicho-do-pé; *e-îe-py-sá-pem-ok*: arranca a tua unha do pé

É freqüente essa construção, sobretudo quando o objeto direto é nome de uma parte do corpo ou de vestuário.

540. Parece haver, também no dialeto tupi, casos raríssimos de incorporação de complementos indiretos com preposição:

a-mbaé-r-esé-î'-e-r-ur-é: pedi (por) uma cousa

Sôbre o verbo no infinito incorporado, como objeto direto, v. n. 360 e ss.

SUJEITO INCORPORADO

541. Os verbos não transitivos admitem às vêzes a incorporação do sujeito.

Tanto os intransitivos de prefixo agente (*só* "ir", *puká* "rir"), como os de pronome paciente (*maenduar* "lembrar-se", *asy* "doer").

542. Incorporado, o sujeito liga-se diretamente ao tema verbal. É esta construção corrente, quando o sujeito é modificado por possessivo:

escorregou meu pé: *xe py o-syryk; o-syryk xe py; xe py-syryk* (mais us.)
perde-se-me o sangue: *xe r-ugûy o-kanhem* ou *xe r-ugûy-ka-nhem* (id.)
perde-se-lhe o sangue: *s-ugûy o-kanhem* ou *s-ugûy-kanhem* (id.)
secou a água (do rio, e s.): *t-y-pab*
e na 1.ª e 2.ª pp. *xe r-y-pab, nde r-y-pab*

543. Os substantivos paroxítonos perdem a última vogal antes de vogal, e a última sílaba diante de consoante:

caem-me os cabelos: *xe aba o-kuî* ou *xe á'-kuî*
caem-lhe as penas: *s-aba o-kuî* ou *s-á'-kuî*
caem-te as penas: *nde r-aba o-kuî* ou *nde r-á'-kuî*

544. Dão-se casos de incorporação nas frases que referem fenômenos naturais, atmosféricos ou outros, independentes da vontade do homem:

ysapy kuî: cai o orvalho
t-yaî syryk (MONT., *Tes.* 388/382): corre suor
ybytu peîu, îasy pirang-eme (*id.*, 185 ad.): quando a lua está vermelha, sopra vento
yboty' îab: abre-se a flor

545. O prefixo *mo-*, do sujeito e verbo incorporados, forma um novo verbo transitivo:

mo-ugûy-syryk: fazer escorrer sangue de *ou* a:
s-eté îá-katu-pe gûá i mo-peré'-pereb-i i mo-ugûy-syryk-a? (AR. 85): chagaram-lhe todo o corpo, fazendo escorrer dêle sangue?

EXERCÍCIOS

546.

petek: bater (com a palma da mão)
pan (*nho*): lavrar
py (*îo*): tocar (soprando)
peir: varrer
apîar (*s*): obedecer, cumprir
mo-maran: tr. desobedecer
ekó-mo-nhang (*t*): tr. e intr. fazer lei
ysy (*t*) (*xe*): estar em fila
rung: pôr, arranjar, armar
yty: cisco
ysy (*t*): fila
endy (*t*): saliva
endy-syryka: baba; (*xe*): babar
îu-atî-embó apynha: coroa de espinhos
mo-mbor: atirar
atûá-saba: † compadre

547. Rung só se emprega com o objeto incorporado: *a-mundé-rung*: armei o alçapão; *o-koty-rung s-esé*: armou cilada contra êle; *e-î-kó-rung nde mena*: faze a roça para teu marido; *oro-î-î-ypy-rung oré r-oka*: pusemos princípio (começamos) a nossa casa; *pe-ysy-rung kurumĩ*: ponde [em] fila (a)os meninos; *o-nharybobõ-rung*: faço ponte; *îa-t-up-á'-rung abati*: arranjamos (seu) lugar [para] o milho (p. ex., preparando a terra); *amandió'-rung*: preparo a mandioca (p. ex., pondo-a a curtir); *a-î-ty'-rung soó*: pus acompanhamento à carne; *îagûá'-pó-peba o-py-rung potĩ r-esé*: a lontra pisou no camarão. — Por vêzes equivale ao pref. *mo-*: *a-s-ysy-rung* ou *a-î-mo-ysy*: pu-los em fila.

548. *Mbaé r-esé-pe ere-nhe-nong e-îup-a? Er-é byter-pe nde mbaé--asy-ramo? Pá. A-é byter xe py-asy-ramo. Abá-te-pe o-mimby-py--ne? Mbaé-reme-pe? Kori-é, pytun-me. Xe r-ayra ipó-ne. Aan-i. Nd' i katu-î. I mbaé-asy abé o-up-a. Eneĩ, e-puam t' ere-só mimby--py-bo-ne. Aan-i. Mbaé r-esé-pe xe mo-maran îepé, xe nheeng'-apîar--eym-a? Nd' a-é katu-î. A-é byter xe py-asy-ramo. Xe r-ugûy-ka-nhem-eté. Mbaé r-esé-pe nd' ere-î-mbo-ur-i paîé ta nde py suban-ne? T' a-îe-py-suban ixé aé-ne. Na nde xe r-ekó-mo-nhang-i...! — T' îa-só mundé-rung-a. Pá. T'îa-só. Eneĩ rõ. Ta pe-îo-ysy-rung. E-î-î-yty-peir okara. Aûîé. Koyr, e-yty-mo-noong, i mo-mbó uká nde r-e-mi-r-ekó supé. — Mbaé-pe ere-î-apó e-ikó-bo? A-ybyrá-pan gûi--t-ekó-bo. Er-é katu-pe kó-bae r-esé? A-é katu. — Mbaé r-esé-pe nde r-endy-syryk-amo ere-ikó-bo? — "Mbaé-pe o-nong i akanga ar-bo? Îu-atĩ-embó apynha, akanga kutu'-kutuk-a* (para esfuracar), *s-asap-a. S-ugûy-syryk serã s-obá r-upi, i atu-kupé r-upi bé? S-ugûy--syryk"* (AR. 86). *A-t-ay'-nupã xe atûá'-saba.*

549.

afiado: *aembeé* (*s*)
afiar: *aembeé* (*s*)
cortar: *kytĩ, mo-ndok, ab, mo-gûaî*
raspar: *pin* (*nho*)
— a cabeça de: *á-pin* (*î*)
entrouxar: *nhang* (*nho*)
fazer feixe de: *man* (*nho*)
fechar a porta: *okendab* (*nh'*)
— a *ou* de: *okendab* (*s*)
suportar: *porará*
começar: *ypy, ypy-rung*
acabar: *mo-aûîé*
não há muito, há falta: *nd' i tyb-i*
francês: *maira*
feixe: *mana*
navalha (de cana, palha): *ma-rupá*
pestanas: *opé-aba* (*t*)
enquanto isso: *aé-reme-bé*

550. "Cortar" com faca, tesoura, serra: *kytĩ;* sem instrumento: *mo-ndok;* rasgando: *mo-ndorok*; raspando: *pin* (*nho*); com cunha, machado ou a golpes: *mo-gûaî* ou *ab*. Êste pròpriamente significa "abrir, rachar", e só se usa com o objeto incorporado ou com reflexivo: *a-ybyrá-ab*: corto, racho madeira; *ere-yby-ab*: abriste a terra; *o-asy-ab*: cortou um pedaço, partiu (intr.); *o-î-asy-ab*: id. (retr.).

551. "Começar a" (com infin.) em geral se traduz por *ypy*: *a-ker-ypy,* comecei a dormir. "Começar" (com substantivo), em geral *ypy-rung* ou *ypy-mo-in, ypy-mo-nhang.*

552. *Nh'-okend-ab* é reflexivo: fechar a porta da própria casa. *S-oken-dab* é transitivo: fechar a porta de. A mesma distinção se faz com *o-kendab-ok,* abrir a porta.

553. Faze um feixe de flores e traze-o para dar ao francês. — Afia a faca e corta aquela carne para tostá-la. Não. Manda outra pessoa afiá-la. Começa tu a afiá-la; eu [o] acabarei. Enquanto isso, comecemos a cortar lenha. Traze-me dois feixes de lenha. Não há muita carne. Põe a armadilha. — "Veio uma mulher (e) rapou minhas pestanas com uma navalha (e) queria raspar também a minha barba (mas) isso não quis suportar (e disse-lhes) [dizendo-lhes] que me matassem com [minha] barba e tudo" (STADEN, ad.) — Façamos uma aldeia para os nossos parentes. Sim. Ponhamo-nos em fila. Comecemos uma aldeia para nossos parentes. Trazei a madeira (que eu farei) [para que eu faça] as portas (da) [à] casa. — Fecha a porta. Agora abre-a. Por que abriste a porta da tua casa? E tu por que me fechaste a porta? — O marido entrouxou as suas cousas, a mulher dêle entrouxou seu cesto, indo-se embora.

BIBLIOGRAFIA

Objeto direto incorporado — ANCHIETA 8v-9; 50-51; FIGUEIRA 87-88; MONTOYA 53; RESTIVO 50-52; CAETANO 83; 86-88; L. BARBOSA 172; ID., *Juká* 74-76; DALL'IGNA, *A Composição* 8.

Sujeito incorporado — ANCHIETA 51; RESTIVO 51-52; CAETANO 83; L. BARBOSA 172.

CONJUGAÇÃO SUBORDINADA

554. O verbo da oração principal assume forma especial — derivada do infinito — quando precedido, no mesmo período, por advérbio, preposição, gerúndio ou conjunção subordinativa.

§ 1.º — VERBOS DE PREFIXOS AGENTES

555. Perdem os prefixos agentes. Se o verbo termina em consoante, junta-se-lhe *-i* (átono); se termina em vogal, junta-se *-îî;* se termina em ditongo, nada se acrescenta:

matou: *o-îuká*	*îuká-û*
despertou-o: *o-î-mo-mbak*	*i mo-mbak-i*
pegou fogo: *o-kaî*	*kaî*
tem vergonha: *o-tĩ*	*tĩ-û*

556. Se o verbo é transitivo, deve ser precedido pelo objeto direto (substantivo ou pronome); se é não transitivo, pelo sujeito:

dormindo, a mulher matou seu filho: *o-ké, kunhã o membyra îuká-û;* antes de nascer o sol, êle me acordou: *kûarasy sem' îanondé, xe mo-mbak-i;* de noite o mato pegou fogo: *pytun-me kaá kaî*

557. Os pronomes objetivos são os mesmos do infinito (n. 336 e 338); os verbos irregulares no infinito sofrem aqui as mesmas irregularidades:

erimbaé-pe i pysyk-i?: quando o capturaram?; *aé-î-bé i pysyk-i*: logo então o capturaram; *marã-namo-pe i îe-îuká-û?*: por que se mataram?; *nd' a-é roîá-î i é-û*: nem por isso eu o disse; *mbaé r-esé-pe xe r-ausub-i?*: por que me ama êle?; *mbaé-reme-pe xe r-ayra s-epîak-i?*: em que ocasião o viu meu filho?; *mbaé-reme-pe xe r-ayra r-epîak-i?*: em que ocasião êle viu meu filho?; *marã ngoty-pe xe r-e-ra-só-û*: para onde me levaram?; *taba suí s-e-no-sem-i*: tiraram-no da aldeia; *mamó-pe i tym-i?*: onde o enterraram?; *mamó-pe i xok-i?*: onde o pilaram?

Exemplos de intransitivos com o seu sujeito (substantivo ou pron.):

s-upi-bé xe ker-i: logo depois disso dormi; *mamó-pe s-eõ-û?*: onde morreu?; *mamó r-upi-pe i xó-û?*: por onde foi êle?; *okar-pe uuba ar-i*: caiu no terreiro a flecha

558. Pode haver infinito incorporado:

o-manó-bae-pûera suí s-ekó-bé-îe-byr-i (AR. 3): ressurgiu dos mortos; *xe r-ausu'-poir-eym-i*: não deixou de me amar

559. Quando o sujeito do v. não transitivo ou o objeto do v. transitivo se acham afastados, antes do verbo deve ficar o pronome correspondente:

koriteĩ kunhã pitanga mo-mbak-i ou *koriteĩ pitanga kunhã i mo-mbak-i*: a mulher despertou depressa a criança; *koriteĩ pitanga kunhã mo-mbak-i* ou *koriteĩ kunhã pitanga i mo-mbak-i*: a criança despertou depressa a mulher; *kaá r-upi abá gûatá-reme, mboîa i xuú-û* ou *abá kaá r-upi i gûatá-reme, mboîa i xuú-û*: passeando o índio pelo mato, a cobra mordeu-o; *kaá r-upi i gûatá-reme, mboîa abá suú-û*: id.; *ybaka r-esé gûi-maẽ-mo, îasy-t-atá-bebé xe s-epîak-i* ou *ybaka r-esé gûi-maẽ-mo, ixé îasy-t-atá-bebé r-epîak-i*: olhando para o céu, vi uma estrêla cadente; *marã ngoty-pe gûarini xe gûyrapara r-e-ra-só-û?*: para onde levou o guerreiro o meu arco?; *marã ngoty-pe xe gûyrapara gûarinĩ s-e-ra-só-û?*: id.; *og-ok-pe s-e-ra-só-û*: levou-o para sua casa; *pytun-me pitanga pak-i*: a criança acordou de noite

560. Não se usa da conjugação subordinada nas 2as. pp. Nas 1as. pp. é facultativa. Nas 3as. pp. é obrigatória:

eis que vou:	*kó a-só*	ou	*kó xe só-û*
eis que vais	*kó ere-só*		
eis que vai:			*kó i xó-û*
eis que vamos:	*kó îa-só*	ou	*kó îandé só-û*
" " (excl.)	*kó oro-só*	ou	*kó oré só-û*
eis que ides:	*kó pe-só*		
eis que vão:			*kó i xó-û*

nde îá-bé ixé i kuab-i (VLB 400) ou *nde îá-bé a-î-kuab*: eu o sei tanto como tu

561. Há exemplos em contrário:

s-upi nde r-ekó-reme..... anhanga r-atá-pe ere-só-û-ne (BET. 105-106): se viveres de acôrdo com (as leis dos teus avós)..., irás para o inferno

Mas o tupi do *Catecismo* de BETTENDORFF já está ligeiramente alterado. Apresenta construções como estas, incompatíveis com as normas de ANCHIETA e FIGUEIRA:

Aé-pe o-manó-û? O-manó-û (p. 46): e Êle morreu? Morreu;
Aé-pe Tupã o-manó-û? Na i tupã ruã o-manó, s-eté nhó o-manó-û (p. 47): e Deus morreu? Não morreu a sua divindade, mas só o corpo (dÊle), que tomou de Sua mãe

Êrro de BETTENDORFF? Evolução da língua? Não é improvável a segunda hipótese: nas pp. 46 e 47, BETTENDORFF segue de perto a ARAÚJO: se lhe faz essas alterações, deve ter tido motivos. — Em guarani, a conjugação subordinada, conquanto pouco desenvolvida, atingia também a 2.ª pessoa (Cfr. REST. 121-122).

562. Usa-se a conjugação subordinada ainda que haja outras palavras depois da preposição, gerúndio, etc. e antes do verbo. Mas se o sujeito está antes da preposição, gerúndio, etc., pode-se seguir a conjugação normal:

abá ybyrá pupé mboîa o-îuká: o índio matou a cobra com um pau; *pitanga koyr o-ker*: a criança agora dormiu; *abá-pe erimbaé aé pitanga r-eté-rama o-î-mo-nhang-i?* (AR. 53): quem fêz outrora o corpo daquela criança?

563. Vem também a conjugação subordinada, quando a preposição, gerúndio, etc., já expressos num período, se subentendem no seguinte:

aé-î-bé-pe t-obaîara nde r-uba îuká-û? — Pá. I îuká-û: logo então os inimigos mataram a teu pai? — Sim. Mataram-no

564. Na conjugação subordinada, o verbo transitivo se coloca regularmente depois dos complementos.

565. Forma negativa: Substitui-se o *-i* ou *-û* por *eym-i*, que se acrescenta também aos ditongos:

paranã r-esé o-maẽ-mo, paîé uuba r-epîak-eym-i ou *paranã r-esé o-maẽ-mo, uuba paîé s-epîak-eym-i*: estando a olhar para o mar, o pajé não viu a flecha; *marã-namo-pe i xó-eym-i?*: por que êle não foi?

566. Futuro: Acrescenta-se *-ne:*

îuká-û-ne, s-eõ-û-ne, îuká-eym-i-ne, s-eõ-eym-i-ne
ybaté koty s-e-ra-só-eym-i-ne: não o levará para cima

567. Notas: Caso o verbo esteja modificado por alguma partícula, o *-i* ou *-û* se colocam depois da partícula:

marã-namo-pe s-enõî-etá-û?: por que o chamaram muitas vêzes?; *îepé-mo xe só uman-i* (Anch. 24): ainda que eu já fôsse; *mamó-pe gûá s-e-ra-só-ukar-i?*: aonde o mandaram levar?; *mamó-pe s-e-ra-só-uká-îebyr-i?* (Ar. 84): aonde o mandaram levar de novo?

568. Nem todos os advérbios pedem conjugação subordinada. Alguns requerem o gerúndio (n. 434). Mas *emonan, aé-î-bé* e *aûîé* podem também servir-se da conjugação subordinada.

569. A conjugação subordinada não se estende ao permissivo, imperativo, gerúndio e infinito.

§ 2.º — VERBOS DE PRONOMES PACIENTES

570. Para Anchieta (40), conjugam-se como no respectivo gerúndio (n. 406 e 419):

nd' a-é roîá-î xe katu-ramo: nem por isso sou bom; *nd' a-é roîá-î xe katu-eym-amo*: nem por isso não sou bom

Anchieta só faz exceção para *eõ* (*s*) "morrer": *xe r-eõ, nde r-eõ, s-eõ*, etc., o qual na conjugação subordinada segue os verbos de pronome agente:

koyr s-eõ-û: morreu agora; *kori tuî-bae r-eõ-û-ne*: hoje o velho morrerá; *nd' a-é roîá-î xe r-eõ-eym-i*: nem por isso eu não morri

Para Figueira 94 ss., os verbos de pronome paciente seguem os de prefixo agente:

koyr kunhã-muku r-oryb-eym-i: agora a moça não está alegre; *koyr xe r-oryb-i*: agora estou alegre; *koyr s-oryb-eym-i*: agora não está alegre

Talvez as duas formas fôssem usuais. Mais ponderosa e antiga a informação de ANCHIETA, que é confirmada pelos exemplos de ARAÚJO.

EXERCÍCIOS

571.

nharõ: intr. estar bravo
mo-por: cumprir
nhe-mo-pytun: eclipsar-se
mo-asy: sentir
aîxé: tia (paterna)
syyra: tia (materna)
moro-pysyrõ-ana: † salvador
ekó-mo-nhang-aba (*t*): lei; † mandamento
e-mi-motara (*t*): desejo
kó-mo-n'-ipó: ou
tetiruã: todos
nhé: ptc afirmativa (n. 1088)
marã o-ikó-bo?: como? de que maneira?
umã?: onde está? que é de?

572. Para pedir ou dar o sentido ou a tradução de um têrmo, usa-se do verbo *é* "dizer", nos seguintes modismos:

marã o-î-á-bo-pe asé "Ygûasu" i é-û?: que quer dizer *"Ygûasu"?* (lit.: que dizendo, a gente diz *"Ygûasu"?*)

"Rio Grande" o-î-á-bo, asé "Ygûasu" i é-û ou melhor *"Rio Grande" o-î-á-bo*: quer dizer "Rio Grande" (lit.: dizendo ou significando "Rio Grande", a gente diz *"Ygûasu"*)

marã o-î-á-bo-pe, asé "chuva" i é-û?: como se diz "chuva"? que significa "chuva"? como se traduz "chuva"? (lit.: a gente diz "chuva" significando o quê?)

"amana" o-î-á-bo: diz-se *"amana"*; significa *"amana"*. Etc.

marã o-î-á-bo-pe, asé "eb-uã" i é-û? — "Ebo-kûeî" o-î-á-bo: que significa *"eb-uã"?* — Significa *"ebo-kûeî"*

573. O mesmo circumlóquio serve para pedir ou dar o sentido ou intenção de um ato, rito ou costume:

marã o-î-á-bo-pe, emonã s-ekó-û? — Ta xe îuká umé-ne, o-î-á-bo: com que intenção êle fêz isso? — Para que não o matassem

O verbo pode ir para outras pessoas, conforme o caso:

marã pe-î-á-bo-pe, morubixaba pe-î-é? — "Chefe" îa-î-a-bo: dizeis *"morubixaba"* dizendo (significando) o quê? que significa *"morubixaba"* (subentende-se: na vossa língua)? — Significa "chefe"

574. *Mamó-pe gûá nde syyra r-e-ra-só-û, i pysyk-iré? Ok-usu amó-pe s-e-ra-só-û, s-e-ro-iké-á-bo. Marã-namo-pe i pysyk-i? — "Marã o-î-á-bo-pe asé Jesus i é-û? Moro-pysyrõ-ana o-î-á-bo"* (AR. 17). *"Ma-*

rã e-í-pe amó-aé asé r-ekó-mo-nhang-aba? E-î-mo-eté nde r-uba, nde sy abé, e-í. Marã o-ikó-bo-pe asé aîpó-bae mo-por-i?" (AR. 100-101). *Xe aîxé r-eõ-nemo, xe tutyra oré mo-apysyk-eym-i. — Marã pe-î-á-bo-pe, "t-uba r-endyra" pe-î-é? "Aîxé" îa-î-á-bo. — Gûarinî-ã-me* (na guerra), *t-obaîara amó r-e-ro-ar-eme, abá i mo-ngyrá katu ranhé-û, s-eté r-e-mi-motara tetiruã meeng-a i xupé, "t' i kyrá katu" o-î-á-bo. I kyrá katu riré é, i îuká-û"* (*Conq. Esp.*, 109 ad.). — *Ybak-pe îagûara r-ekó-û* (há), *e-í abá; i nharõ-neme, îasy kó-ipó kûarasy ú-û, e-í. Aîpó r-esé îasy kó-mo-n' ipó kûarasy nhe-mo-pytun-eme, abá i mo-asy-eté-û, "Îagûara kûarasy îa-ú", o-î-á-b' aup-a. — O e-mi-motara r-upi nhé-pe, mbaé tetiruã porará-bo s-eõ motar-i, abá o e-ro-bîá potá? O e-mi-motara r-upi nhé.*

575.

adoecer: *mará-ar* (*xe*)	alma (separada): *ang-ûera*
esquentar: *pé* (*îo*)	forasteiro: *atara*
jejuar: *îe-kuakub* (lit. esconder-se)	borboleta: *panama*
mentir: *îuraragûaî* (*xe*)	cigarra: *îakyrana*
reconhecer: *kuab*	besouro: *unauna*
atacar: *epenhan* (*s*)	grilo: *gûyîu*

576. De *aub* (n. 475) com partículas negativas, forma-se a locução *n(d)-a-s--aub-i* "não sem razão, não é à toa que, é por isso que".

577. Quando o sol não esquenta a terra, não chove. — Maracanã, no mato, encontrou um machado. Não sabendo qual o seu dono, usou-o. Êle ficou alegre. Por que ficou alegre? Porque encontrou o machado, ficou alegre. — Pelo fato de suas mulheres darem à luz (*infin. com prepos. esé*), ou de seus filhos adoecerem, os índios jejuam. Também êles mesmos, quando adoecem, jejuam. Então ninguém fala com êles. Não sem razão êles jejuam, quando adoecem. — Como se diz "borboleta"? Diz-se *"panama"*. — Que quer dizer *"îakyrana"?* Quer dizer "grilo". Não. Por que mente teu companheiro? Êle não quer ensinar ao forasteiro a língua dos índios? *"Îakyrana"* não significa "grilo", senão (*-te*) cigarra. "Grilo" se diz *"gûyîu"*. E besouro? Diz-se *"unauna"*. — Quando os índios matam um inimigo, tomam novo nome. Com que intenção fazem isso? Para que (n. 572) fazem isso? Para que (n. 572) a alma do inimigo não os reconheça. — Quantas vêzes a onça te atacou? Uma só vez. De-

pois disso não me atacou mais. — Quando chega à taba um forasteiro, os índios lhe dizem: "Vieste?". O forasteiro responde: "Sim. Vim." Que significam essas palavras? (*trad. assim*: que dizendo, essas palavras dizem?)

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 39v-40; FIGUEIRA 94-98; RESTIVO 121-122; CAETANO 22; ID., *Cantos* passim; ADAM 45; L. BARBOSA 172; DALL'IGNA, *Análise* 70-71.

Guerrilhas às margens de um rio (STADEN)

REFLEXIVO E RECÍPROCO

578. Primeiras noções, v. 294 e 295.

O reflexivo é *îe-* ou *nhe-* e o recíproco é *îo-* ou *nho-* para tôdas as pessoas. Antepõem-se ao tema do verbo, que perde os pronomes objetivos:

a-î-pysyk: seguro-o	*a-îe-pysyk*: seguro-me
ere-s-ausub: tu o amas	*ere-îe-ausub*: tu te amas
o-s-ausub: êle o ama	*o-îe-ausub*: êle se ama
nha-nho-s-ũî: escaldamo-lo	*nha-nhe-ũî*: nós nos escaldamos
pe-s-e-kar: vós o procurais	*pe-îo-ekar*: vós vos procurais
o-îuká: êles o matam	*o-îe-îuká*: êles se matam (refl.)
oro-îo-pûaî: nós o mandamos	*oro-îo-pûaî*: nós nos mandamos (rec.)
o-îuká: êles o matam	*o-îo-îuká*: êles se matam (rec.)

Formam as vozes reflexiva e recíproca.

579. Nos verbos de prefixos *ro-* ou *no-*, introduz-se um *e-* antes daqueles prefixos:

a-îe-e-ra-só: eu me levei — *oro-îo-e-ra-só*: nós nos levamos

REFLEXIVO

§ 1.º — *Em oração principal*: îe- ou nhe-

580. *Îe-* pode vir antes do objeto direto incorporado, com o sentido de possessivo:

a-îe-py-kytĩ: cortei-me o pé (= o meu pé); *o-îe-py-kytĩ*: êle [se] cortou o pé (= seu pé); *nd' o-îe-py-kytĩ-î*: não [se] cortou o

pé; *e-îe-esá-ok*: arranca-te os olhos!; *pe-îo-esá-ok*: arrancai-vos os olhos (uns aos outros)

Tal construção se torna mais usual quando o objeto é parte integrante do sujeito ou está a êle muito unido: membro do corpo, veste, adôrno, etc.

581. Pode haver complemento indireto:

aé aé o-îe-îuru-meeng i amotar-eymb-ara supé: êle mesmo entregou sua bôca aos seus inimigos (i. é, falando dêles, deu ocasião a que fizessem o mesmo com êle)

582. Na 3a. p., *îe-* pode tomar um sentido passivo:

o-îe-epîá'-katu kó pîara: vê-se bem o caminho da roça; *nd' o-îe-ú-î soó kó ara*: não se come carne êste dia

Se o verbo é modificado por *ukar*, tem sentido passivo sempre (n. 520).

583. Em dados casos o *e* de *îe-* desaparece diante de vogal:

îe-apuapyk: encolher-se → *î'-apuapyk*
îe-ekyî: arrancar-se, expirar → *î'-ekyî*
îe-ekó-sub: obter, gozar → *î'-ekó-sub*

584. Como intransitivos (n. 381), os reflexivos admitem os prefixos *mo-* e *ro-*:

nhe-ang-ú: recear (lit. comer a própria alma)

ro-nhe-ang-ú: tr.: recear por — *oro-e-ro-nhe-ang-ú*: receio por ti

nhe-ang-epîak: mirar-se (lit. ver sua própria sombra ou reflexo)

mo-nhe-ang-epîak: fazer mirar-se — *a-î-mo-nhe-ang-epîak paranã-me*: fiz que êle se mirasse no mar

585. O reflexivo pode vir entre um possessivo e um substantivo verbal:

xe îe-ausuba: o (meu) amor a mim mesmo; *i îe-ausuba*: o seu amor a si mesmo; *o îe-ausuba*: o seu amor a si mesmo (suj. da oração); *îandé îe-ausuba*: nosso amor a nós mesmos (refl.); *îandé îo-ausuba*: nosso amor recíproco

§ 2.º — *Em oração subordinada*: o ou îe-, nhe-

586. Quando a ação de um verbo subordinado recai sôbre o sujeito da 3.ª p. da oração principal, o reflexivo é *o*, não *îe-* (n. 304):

xe r-ayra o-só-ne, morubixaba o mo-ndó-reme: meu filho irá, se o chefe o mandar

587. Mas se a ação do verbo subordinado recai sôbre o próprio sujeito da oração subordinada, o reflexivo é *îe-*, não *o:*

kûarasy ybytyra r-aky-pûer-i i nhe-mim-eme, îasy sem-i: quando o sol se escondeu detrás da montanha, a lua saiu

Também as preposições podem ter reflexivos. V. n. 623.

RECÍPROCO

588. Como o reflexivo, pode vir antes do objeto direto incorporado:

o-îo-py-kyîî: êles se cortaram os pés (uns aos outros); *oro-îo-esá-ok*: arrancamo-nos os olhos (uns aos outros); *ta pe-îo-esá-ok*: id.; *ta pe-îo-obá-petek umé-ne*: não vos esbofeteeis; *oro-îo-endybá-á'-pin oro-ikó-bo*: estamo-nos fazendo a barba (rec.)

589. O recíproco pode vir entre um possessivo e um substantivo verbal:

oré îo-ausuba: nosso amor mútuo; *oré îo-ausubá r-ésé*: por nosso mútuo amor

590. Realçando a ação recíproca, pode-se repetir *îo-* nos complementos:

oré îo-pó-pe oro-îo-kutuk: ferimo-nos mùtuamente com nossas mãos

591. *Îo-* às vêzes significa "comum", e, como qualificativo, modifica até substantivos:

îandé nho-mbaé: nossas cousas comuns; *pe nho-mbaé*: vossas cousas comuns; *nho-mbaé*: cousas comuns, de vários donos; *i îo-oka*: as casas comuns dêles; *atara o nho-mbaé o-s-ekar o-ikó-bo*: os viajantes estão procurando as suas cousas (dêles mesmos); *atara i nho-mbaé o-s-ekar o-ikó-bo*: os viajantes estão procurando suas cousas (de outros); *o-îo-e-r-ekó-bé-bae*: os que vivem em comum

592. Mas a 3.ª p. refl. (*o-îo-*) pode substituir tôdas as demais:

t' îa-ra-só nhandé nho-mbaé ou *t' îa-ra-só o nho-mbaé*: levemos nossas cousas

Não porém quando a pessoa do sujeito é diversa:

o-gûe-ra-só nhandé nho-mbaé (não *o nho-mbaé*): levou nossas cousas

593. Por vêzes *îo-* exprime uma relação entre dois sêres, tomados em conjunto, mas sem reciprocidade. V. exs. n. 629.

594. Em alguns casos, *îo-* parece significar "igual"; admite possessivos e preposições:

xe nhó r-e-mi-r-ekó: a mulher de meu igual ou semelhante
a-nheeng xe îo-upé: falei a um meu igual

Assim pode-se dizer de um índio que está em casa de outro índio:

o îo-ok-pe abá r-ekó-û: o índio está em casa de seu igual

Outro tanto não se diria se estivesse em casa de um branco, de uma mulher, de um contrário, etc.

595. Raramente, *îo-* equivale a "todos", "da gente", "nosso":

nho-taba: a aldeia da gente, de todos, nossa

596. Chega a corresponder a *poro-* (n. 380):

a-nho-mongetá nde r-esé-ne: pedirei por ti
o-î-porará nho-nupã: padeceram açoutes

597. Segundo FIGUEIRA, também os verbos que já têm *îo-* como pronome objetivo (n. 317) podem usar do recíproco:

oro-îo-rab: nós o desatamos; *ou* nós nos desatamos um ao outro

Mas ANCHIETA restringe o uso aos modos em que perdem o pronome objetivo *îo-*:

a-îo-poî: eu o alimentei

îo-poî-a: alimentando-se mùtuamente *ou*: alimentar-se mùtuamente

Também as preposições pòdem ter recíproco. V. n. 628.

EXERCÍCIOS

598.

eîyî (s): tr. mudar de lugar
î'-eîyî [-pe]: mudar para
sem [-pe]: mudar-se para
îe-akasó: intr. ir de mudança
îab: intr. abrir-se
mo-îab: abrir
î'-upiá-mo-mbor: pôr ôvo
î'-ub-mo-mbor: desovar
mo-î'-upiá-e-r-ub: pôr a chocar
mo-mbûerab: curar
ayty (s): ninho
upiá (s) ôvo
uba (s): ova
y apyra koty: rio acima

599. **Sem** e **îe-akasó** se dizem de mudanças para outras regiões; **î'-eîyî** de mudança de casa ou da posição em que ela estava.

600. **îab** se diz das cousas que se abrem naturalmente, como a flor, o ôvo; nos outros casos: *îe-ab*. Mas ocorre um verbo pelo outro.

601. *O-îab umã-pe marakuîá ybotyra? Nd' e-í o-îap-a ranhé. — Abá-pe o-s-ayty-mo-nhang gûyrá? Nda abá ruã: gûyrá o-îe-ayty-mo-nhang-é. S-upiá-etá-pe? S-etá nhé. O-îab uman-pe s-upiá? Nd' e-í uman-ĩ gûyrá o-î'-upiá-e-r-up-a... Abá-pe o-î-mo-îab s-upiá-ne? Gûyrá aé o-î-mo-îab-ne. Aan-i. S-upiá aé o-îab-é. Marã o-î-á-bo-pe, gûyrá îe-ayty-mo-nhang-i? T'a-îe-upiá-mo-mbor-ne, o-î-á-bo, i mo-nhang-i. Marã e-î-á-bo-pe, s-ayty nd' ere-no-sem-i? Gûyrá t' a-î-mo-î'-upiá-e-r-ub-ne, gûi-î-á-bo, ixé s-ayty-mo-mbab-eym-i. —*

Gûyrá o-îe-ayty-eîyî amó aé yvyrá-pe nhó-te, îe-akasó-eym-a. — Mbaé rama ri-pe gûyrá nhe-mo-nhang-i? Aé-pe pirá? — Abá-pe o-s-ekó-mo-nhang gûyrá, soó abé? Abá-pe asé r-ekó-mo-nhang abé? Asé r-amyîa asé r-ekó-mo-nhang. Marã-namo-pe asé r-ekó-mo--nhang-i? Asé o apîara potá. — Marã o-î-á-bo-pe, pirá sem-i y apyra koty? T' îa-î'-ub-mombor-ne, o-î-á-bo. — Roy mosapyr kó-ipó irundyk kûab 'iré (depois), *abá, o-ikó-bé-bae-pûera* (que moravam) *Itaty'-pe, o-sem amó-aé yby-pe, îe-akasó-bo. — Tupinambá marár-ar-eme, i îe-suban-ukar-i paîé supé, ta xe mo-mbûerab-ne, o-î-á-b'-aup-a.*

Festa, celebrada com cauim e dança (STADEN)

602.

tosse: *uú*
tossir: *uú (xe)*
espirrar: *atiam (xe)*
engasgar-se com: *pytym* (suj.: c.; obj.: p.)
assoar o nariz: *ambu'-ok*, tr.
assoar-se: *nhe-ambu-ok*
cuspir: *mun (nho)*, tr.
cuspir: *no-mun, nhe-no-mun*, intr.
respirar: *pytu (xe)*
rolar: *apá-îe-reb*
cair rolando: *aparâ'-îe-reb (xe)*
cair de sono: *ker-apar (xe)*
ofegar: *aybu (xe)*
— ao de leve: *ukuar (xe)*
estar são: *ikó-bé*
firmar-se em: *îe-pytá-sok [esé]*
preocupar-se: *nhe-ang-e-r-ekó*
dar atenção a: *îe-apysá-ká [esé]*
coçar: *eŷî (s)*
piscar: *nhe-mo-esá-bik*
— sem querer: *sá-pumî-pumim*, intr.
bocejar: *îe-îuru-pirar*
cochilar: *opé-by'-pé-byk (t) (xe)*
— cabeceando: *ker-ar, ker-apar-ar (xe)*
roncar (dormindo) — *ker-ambu (xe)*
suspirar: *nhe-ang-e-r-ur*
escorregar: *py-syryk (xe)*
tropeçar: *py-sakang (xe)*; *yby-api*, intr.
vergar-se: *aparar (xe)*
vomitar: *gûeen*
fumo: *petyma*
monco, moncoso: *ambuba*
barranco: *ybyama*
cansado, sem fôlego: *pytubara*
deparar-se a: *îe-sub [supé]*
deparar: *mo-îe-sub [supé]*

603. Quem é que está roncando? Não me dais atenção, ó meus filhos? Quem é que está roncando? — disse eu. É meu filho: está cochilando. Acorda-o para que assoe o nariz. Acorda, menino moncoso! Não. Deixa-o dormir. Ainda bem que está cochilando: êle está doente. Não o ouves ofegar? Êle se está coçando. As môscas não cessam de o picar e [não cessam de] o fazer piscar também. — O vento frio me faz tossir e o sol me faz espirrar. E o fumo não te faz espirrar? Sim, [me] faz espirrar. — Que vejo? Que foi o que cuspiste? Cuspiste [o teu próprio] sangue? Não te preocupes por mim: não estou doente (*nda xe maran-i*): estou são. Não te vi pois vomitar? — O menino não pode comer nem respirar: engasgou com a batata. Não foi com a batata: foi com a espinha de peixe. — Tu também estás cochilando e bocejando? Firma-te para que não tropeces e caias de sono. Meu filho, ontem, cochilando, escor-

regou e caiu rolando pelo barranco. — Achei um ninho. Quem te deparou? Ninguém. Deparou-se-me no caminho da roça. — Por que estás ofegando? Estás sem fôlego? Não estou ofegando: estou suspirando.

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 15v-17; 35-36; 49v; FIGUEIRA 80-84; MONTOYA 12-13; 40-43; RESTIVO 55-59; CAETANO 38; ADAM 45-47.

Homens dançando e cantando em tôrno de três *caraíbas*, que sopram fumo sôbre êles (DE BRY)

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

PREPOSIÇÕES
(Continuação)

I

PREPOSIÇÕES DE PREFIXOS T OU S

604. O *t-* e o *s-* móveis, que aparecem antes de muitas preposições, são prefixos, índices de classes (n. 846, 867).

605. **esé** (n. 139): "por (causa de)"

Segue *eté* (n. 238). Mas a 3a. p. refl. é irregular, e o índice da classe superior é *moro-* (e não *t-*):

Cl. sup: *moro-esé;* cl. inf.: *s-esé*

xe r-esé, nde r-esé, s-esé, o-îo-esé: por mim, por ti, por êle, por si *îandé* ou *oré r-esé, pe r-esé, s-esé, o-îo-esé*: por nós, vós, etc.

asé r-esé: pela gente *abá r-esé*: pelo índio

O comp. *esé-bé* (n. 144) segue *esé*.

606. **upi** (n. 135): "por" (lugar)

Segue *eté* (n. 238). Mas o índice da classe superior é *moro-* (e não *t-*):

Cl. sup.: *mor-upi;* cl. inf.: *s-upi*

xe r-upi, nde r-upi, s-upi, og-upi: por mim, por ti, por êle, por si

îandé ou *oré r-upi, pe r-upi, s-upi, og-upi*: por nós, por vós, por êles, etc.

asé r-upi: pela gente *kó r-upi*: pela roça

O comp. *upi-bé* segue *upi*.

607. **enondé**: "antes de"

Segue *eté* (n. 238).

Cl. sup.: *t-enondé;* cl. inf.: *s-enondé*

xe r-enondé, nde r-enondé, s-enondé, o-enondé: antes de mim, de ti, dêle, etc.

îandé ou *oré r-enondé, pe r-enondé, s-enondé, o enondé*: antes de nós, etc.

asé r-enondé: antes da gente *abá r-enondé*: antes do índio

608. **obaké**: "em frente de, diante de"

Segue *eté* (n. 238).

Cl. sup.: *t-obaké;* cl. inf.: *s-obaké*

xe r-obaké, nde r-obaké, s-obaké, o(g)-obaké: diante de mim, de ti, dêle, etc.

îandé ou *oré r-obaké, pe r-obaké, s-obaké, o(g)-obaké*: diante de nós, etc.

asé r-obaké: diante da gente *abá r-obaké*: diante do índio

II

PREPOSIÇÕES DE T INICIAL

609. Na preposição *taté,* e em seus compostos, o *t* inicial não é prefixo. É temático.

taté: "fora de (destino), ao contrário de, em vez de"

xe taté, nde taté, i taté, o taté, etc.: fora de mim, de ti, etc.

Os comp. *taté-é, taté-nhé* seguem *taté*:

ahẽ mor-apitî-ar-îuera taté-nhé anhé ibîá o-îuká (VLB 265): mataram-n em vez do assassino (por êrro)

III

PREPOSIÇÕES DE S INICIAL

610. Nas três preposições *sosé, suí, supé,* o *s-* inicial não é prefixo. São, portanto, preposições regulares. Mas depois de *i,* mudam o *s* em *x* (n. 19). A 3a. p. refl. tem formação especial:

611. **sosé:** "acima de, mais que, sôbre"

xe sosé, nde sosé, i xosé, o îo-sosé: sobre mim, sôbre ti, etc.
îandé ou *oré sosé, pe sosé, i xosé, o îo-sosé*: sôbre nós, sôbre vós, etc.

asé sosé: sôbre a gente *abá sosé*: sôbre o índio

612. **suí** (n. 134): "de" (procedência)

xe suí, nde suí, i xuí, o îo-suí ou *o îe-suí*: de mim, de ti, dêle, etc.
îandé ou *oré suí, pe suí, i xuí, o îo-suí* ou *o îe-suí*: de nós, de vós, etc.

asé suí: da gente *abá suí*: do índio

O comp. *suí-bé* (n. 648) segue *suí.*

613. **supé** (n. 136): "a, para" (dativo)

i xupé: a *ou* para êle, ela, êles ou elas
o îo-upé ou *o îe-upé*: a *ou* para si (refl.)
asé supé: a *ou* para a gente *abá supé*: a *ou* para o índio

Vê-se que primitivamente o *s* era prefixo.

614. Na 1.ª e 2.ª pp. do sing. e pl., serve a mesma forma do dativo (n. 203):

ixé-be, xe-be, ixé-bo, xe-bo: a mim, para mim
endé-be, nde-be, endé-bo, nde-bo: a ti, para ti
îandé-be, nhandé-be, îandé-bo, nhandé-bo, oré-be, oré-bo: a nós, para nós
peẽ-me ou *peẽ-mo*: a vós, para vós
asé-be, asé-bo ou *asé supé*: à gente, para a gente

615. Entretanto, um maioral de muita importância pode dizer *ixé supé*: construção majestática.

616. Em frases como a seguinte, *o îo-upé* equivale a "reciprocamente": *aé riré o îo-upé i nhyrõ o-î'-e-r-ekó-ab-amo, kûesé-nheym o-îo-amotar-eym' 'iré* (AR. 84): depois daquilo, êles se perdoaram mùtuamente, reconciliando-se, depois de se terem odiado (desde) muito tempo.

617. Precedida de *o-îe-, o-îo-* ou *moro-*, a preposição perde o *s*: *moro-upé* (AR. 3) ou *mor-upé*.

IV

PREPOSIÇÕES DE **R** INICIAL

618. São apenas *-ramo, rí* e *riré*. *Riré* e *-ramo* estão sujeitas a alterações fonéticas.

619. -ramo

Após consoante: *-amo;* (com queda do *a* final dos paroxítonos); após nasal: *-namo*.

1): "por, como, na dignidade de, segundo"; (às vêzes: prepos. de compl. pred.):

xe r-ub'-amo oro-gûe-r-ekó: tenho-te por meu pai; *a-ikó nde boîá-ramo*: estou como teu servo; sou teu escravo; *paîé-ramo a-ikó*: estou como pajé; sou pajé; *oro-mo-ingó tubixab-amo*: nós te constituímos (como) chefe; *abá-pe erimbaé Tupã o-î-mo-nhang ypy yby por-amo?* (AR. 47): a quem outrora criou Deus inicialmente como habitantes da terra?

2): "em" (têrmo de conversão):

y o-nhe-mo-nhang t-ugûy-ramo: a água se converteu em sangue (humano); *a-î-mo-nhang pirá kang-ûera pindá-ramo*: de uma espinha de peixe fiz um anzol; *panama o-nhe-mo-nhang gûyrá-ramo*: a borboleta se converteu em passarinho; *mbaé-pe o-î-mo-nhang s-etê-ramo?* (AR. 47): de que fêz seu corpo? (*lit.* que transformou em seu corpo?)

620. **rí**: "por (causa)"

Alterna-se no uso com *esé* (n. 605). É preferida dos pronomes da 1.ª e 2.ª pp.:

xe rí, nde rí, îandé rí, oré rí, pe rí: por mim, por ti, por êle, por si, etc.

Nunca se usa com pronomes da 3.ª p.

621. **riré** ou **roiré**: "depois de, depois que"

aîpó riré: depois disso
xe só riré: depois de eu ir, de minha ida, depois que eu fui

Precedido de paroxítono, *riré* perde o primeiro *r*: (*iré*); o paroxítono perde a vogal final:

xe reîar' 'iré: depois de me deixar; *ar' 'iré*: depois do dia; *kaá kaî pab' 'iré*: depois que o mato arder todo

Precedido de tritongo, *riré* perde a sílaba inicial; e o tritongo perde a vogal final:

kaîa: incendiar-se *kaî' 'ré*: depois de se incendiar

Roiré e *ré* são variantes de *riré*:
ybytu-gûasu ré: depois do furacão; *nde só roiré*: depois de tua ida
Riré-bé segue *riré*.

V

622. **pupé** (n. 138): "com, em, dentro de"

É regular. Mas nas 3as. pp. refl. tem mais duas formas:

xe pupé, nde pupé, i pupé, o pupé ou *o îo-pupé* ou *o îe-pupé*: em mim, etc.
îandé ou *oré pupé, pe pupé, i pupé, o pupé* ou *o îo-pupé* ou *o îe-pupé*

VI

PREPOSIÇÕES REFLEXIVAS E RECÍPROCAS

623. As preposições podem reger pronomes reflexivos e recíprocos.

Pelo seu próprio sentido, as que mais aparecem sob forma reflexiva ou recíproca são: *pupé, esé, suí, supé.*

Reflexivas

624. *xe îo-pupé; xe îo-esé; xe îo-suí; xe îo-upé*: em mim mesmo; por mim mesmo, etc.
nde îo-pupé; nde îo-esé; nde îo-suí; nde îo-upé: em ti mesmo, por ti m., etc.
o îo-pupé; o îo-esé; o îo-suí; o îo-upé: em si mesmo, por si mesmo, de si m., etc.
îandé îo-pupé; îandé îo-esé; îandé îo-suí; îandé îo-upé: em nós mesmos, etc.
oré îo-pupé; oré îo-esé; oré îo-suí; oré îo-upé: em nós mesmos, etc.
pe îo-pupé; pe îo-esé; pe îo-suí; pe îo-upé: em vós mesmos; por vós mesmos, etc.
o îo-pupé; o îo-esé; o îo-suí; o îo-upé: em si mesmos, por si mesmos, etc.

625. Troque-se *îo-* por *îe-*, e têm-se outras tantas formas equivalentes no uso e no sentido:

xe îe-pupé; xe îe-esé; xe îe-suí; xe îe-upé: em mim mesmo, por por mim mesmo, etc.

626. Mas tôdas as preposições (exceto *esé, sosé, supé*) podem formar as 3as. pp. refl. sem *îe-* nem *îo-* (e é o mais comum):

o pupé: em si mesmo, mesma, mesmos, mesmas
o(g)-obaké: diante de si mesmo, mesma, mesmos, mesmas
og-upi: por si mesmo, mesma, mesmos, mesmas

627. Usa-se da forma reflexiva, quando o complemento se refere ao próprio sujeito da frase (principal ou subordinada):

a-r-ur xe îo-upé (não *ixé-be*): trouxe-o para mim mesmo; *ere--r-ur nde îo-upé*: tu o trouxeste para ti mesmo; *a-î-potar nde xe îo-upé* (não *ixé-be*) *uuba meeng-a*: quero que me dês a flecha; *a-î-potar Tingusu o îo-esé uuba meeng-a Pindobusu supé*: quero que Tinguçu, por sua própria causa, dê a flecha a Pindobuçu

Recíprocas

628. Formam-se sempre com *îo-*:

nd' îa-îo-peá-potar-i îandé îo-suí: não queremos separar-nos uns dos outros; *o-py-rung o-îo-esé*: pisaram uns nos outros

Quando o sujeito é da mesma pessoa, a forma reflexiva da 3a. p. pode substituir tôdas as outras:

t' îa-îo-peá umé îandé îo-suí ou *t' îa-îo-peá umé o îo-suí*: não nos separemos uns dos outros

629. Nem sempre há verdadeira reciprocidade, mas apenas relação consecutiva entre dois ou mais sêres tomados como um todo (n. 593):

o-îo-akypûer-i (VLB 237): um atrás do outro

VII

DUAS PREPOSIÇÕES

630. Dão-se casos de junção de duas preposições:

kûeî-pe suí (VLB 180): de por aí; *marã ngoty suí?* (*ib.*): de que parte?; *mamó ngoty suí?* (*ib.*): id.

EXERCÍCIOS

631.

î'e-ro-bîar [*esé*]: confiar em
nhe-mo-motar [*esé*]: cobiçar
pûerab: sarar
arybé: cessar
poir [*suí*]: separar-se
pore-ausub-ok: tr. compadecer-se
arukanga: costela
n' aan-i: não
ekó-bîara (*t*): substituto
o-ypyra (*s*): zelador da casa
aûîé-rama-nhé: para sempre
îá-bé (com infin.): assim como de ausente
kuá: meio
amó-neme: algumas vêzes

632. *Atar-am-amo nhó, nda aûîé-rama-nhé tapiîar-amo ruã oro-ikó kó yby-pe. Îandé îo-esé nd' îa-î'-e-ro-bîar-i...— Nde îo-suí nde mbaé r-esé abá mo-ndarõ nde i potar-eym-a îá-bé, 'té-umé abá mbaé r-esé e-mo-ndarõ-mo, kó-ipó s-esé e-nhe-mo-motá* (AR. 239). — *Marã-pe nde amotar-eymb-ara r-ekó-û* (deve fazer), *o îo-upé nde nhyrõ-motá? — Mbaé-rama rí bé-pe gûá îandy nong-i asé r-esé? Asé pûerab-a potá, asé mbaé-asy arybé potá. Opûerá'-te-pe gûá o îo-esé i nong-eme îepi? O-pûerab amó-neme* (AR. 159-160 ad.). — *E-í katu-pe mena o e-mi-r-ekó suí o-poí? N' aan-i. Nd' e-í katu-î o îo-suí o-poí* (AR. 165 ad.). — *Marã-pe morubixaba asé r-e-r-ekó-û-ne? — O îo-upé asé î'-e-r-ur-é-reme, asé r-ausub-ar-i-ne, asé pore-ausub-ok-i-ne* (AR. 37 ad.). — *Marã-pe asé mo-nhang-i? Na mbaé ruã o-î-mo-nhang asé ang-amo, o nheenga pupé é i mo-nhang-i* (AR. 21). — *Kamusi kuá r-upi nhó-te kaûî r-en-i* (está) (VLB 291). — *Oro-eîar xe r-ekó-bîar-amo. — Na nde r-o-ypyr-i-pe? — Mbaé-pe Tupã o-î-mo-nhang îandé r-ub' ypy r-e-mi-r-ekó r-eté-ramo? I arukanga anhó* (AR. 48).

633.

converter-se: *nhe-mo-nhang*
linha de anzol: *pindá sama*
beija-flor: *gûaînumby*
substituto: *ekó-bîara* (*t*)
com: *esé-bé* (*s*) (n. 144)
é verdade: *s-upi*; *anhé*
predecessor: *enotara* (*t*)
o que está em busca de: *pîara*

634. **Enotara** (*t*): o que está ou vai à frente, antes, predecessor. Diz-se p. ex. do irmão mais velho, do mensageiro que precede um viajante, da comida com que se espera um hóspede, etc.: *kaûî xe r-enotara*: o cauim com que serei recebido; *nde r-enotar-ûera*: teu irmão mais velho. Aparece também com *moro-* (n. 387): *mor-enotara, mor-enotar-ûera*, etc.

635. **Pîara**: o que está em busca de:

a-s-epîak nde pîara: vi quem está em tua busca; *o-ur nde pîara* (VLB 267): veio o que está à tua procura; *marã e-î-pe Judeus, i pîar-etá, i xupé?*: que lhe disseram os Judeus, que estavam à sua procura?

Pîar-amo: em busca de; à cata de; buscar, trazer:

a-só ybyrá pîar-amo (VLB 147): vou em busca de lenha; *a-só itá pîar-amo* (VLB 266): vou catar pedras; *a-îur nde sy pîar-amo*: vim em busca de tua mãe; *nde pîar-amo i îe-byr-i*: voltou no teu encalço; *a-só y pîar-amo* (VLB 415): vou buscar água

636. **Ekó-bîar-amo** (*t*): em lugar de; como substituto de

637. O mensageiro que estava à minha procura já foi? Sim. O teu irmão o mandou antes dêle (*refl.*), como (n. 619) seu (*refl.*) substituto. Com êle foi também o viajante. Vós, também, ide uns com os outros. — O prisioneiro viu diante de si muitos inimigos. — Vieste? Sim. Venho em busca dágua. Meu principal me mandou também levar carne para êle. Não. Não é para êle que a pediu mas para dar aos viajantes que vieram à sua procura. — Pindobuçu não reconheceu depois daquilo a sua maldade? Reconheceu-o, quando eu olhei (*ixé maen-eme*) para êle. E quando lhe disseste (*nde é-reme*) "fizeste mal" (*ere-ikó memûã*), que te respondeu? Disse: é verdade: fiz mal. — A borboleta se converte em beija-flor? ou o beija-flor se converte em borboleta? — (De) que (*passado*) fizeste esta linha de anzol (fut. com *-ramo*)?

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 15v-16; 43-46; FIGUEIRA 80-83; 120-126; MONTOYA 70-76; RESTIVO 11-16; 117-120; CAETANO 64-69; ADAM 29-32.

PREPOSIÇÕES

638. **-i**: "em, a" (*locativa*)

Mais usada que *-pe* (n. 140) para indicar a parte do objeto:

aîé (*s*): corte, atalho

aîé-î (*s*): através de, de atravessado, de revés

Outros exs.:

am(b)y-î: ao lado, sob o braço
anhã-î: na ponta, no cabo
atuá-î: às costas, aos ombros
kuá-î: à cintura, pelo meio
puku-î: ao longo, durante
pytá-î: no calcanhar

639. Os paroxítonos perdem a última vogal, e, se terminam em *aîa, eîa,* etc., nada acrescentam:

aîur-i: no pescoço
apyr-i: na ponta ou cume
a-pyter-i: na parte superior, sôbre
ar-i: id.; encima de
aseî: às costas
gûyr-i: sob, debaixo de
pyr-i, ypyr-i: perto de, junto de
pyter-i: no meio, entre
eséî (*s*): em frente, diante de
obáî (*t*): id.
akypûer-i (*t*): atrás de
ybyr-i: ao longo de

São palavras formadas, respectivamente, dos substantivos: *aîura* pescoço, *apyra* ponta, cume, *a-pytera* vértice, parte superior ou alta, meio, centro, *ara* parte superior, *aseîa* costas, *gûyra* parte inferior, *pyra* ou *ypyra* parte próxima, *pytera* meio, *eseîa* (*s*) parte oposta, frente, *akypûera* (*t*) parte posterior, *obaîa* (*t*) parte oposta, frente, *ybyra* extensão.

640. A preposição *-i* só se usa com os substantivos acima mencionados. Alguns também admitem *-pe*, no mesmo sentido:

apyr-pe, apyter-pe, atuá-pe, gûyr-pe, kuá-pe, pytá-pe, akypûer-pe

641. A preposição *esé* substitui tanto *-i* como *-pe:*

aos ombros: *atuá-î, atuá-pe* ou *atuá r-esé*

642. 1. — *Gûyr-i* indica especialmente o "tamanho" (menor): *xe gûyr-i s-ekó-û*: está abaixo de mim (*tamanho*); *xe gûyr-pe s-ekó-û*: está debaixo de mim (*posição, lugar*).

2. — *Apyr-i* significa também "no ápice da cabeça" e "ao lado, junto, pegado, parede meia, vizinho": *xe apyr-i s-ekó-û*: está a meu lado, é meu vizinho; "atrás de" (na mesma canoa, ou à garupa no cavalo, às ancas):

nde apyr-i t-ur-i-ne: virá contigo, à garupa, etc.

3. — *Pyr-i* significa também "estar *ou* ter com" (pessoa): *a-só xe r-uba pyr-i*: fui ter com meu pai; *o-ur nde pyr-i*: veio estar contigo; *nde pyr-i t' a-pytá nde r-uuba r-e-r-ekó-bo* (REST. 298 ad.): quero ficar contigo para segurar tuas flechas.

4. — *Ybyr-i*, por si só, significa também "ao longo da costa": *ybyr-i t' îa-só*: vamos ao longo da costa. Pode-se referir tanto à terra como ao mar.

5. — O pronome *aé* "aquêle, êle" forma com a preposição *-i* e o advérbio *bé* a locução *aé-î-bé* "logo naquele ponto, momento, etc."

643. **-bo**: "por, em, a, de"

Metaplasmos: os mesmos de *-pe* (n. 142). Mas não se nasaliza.

Como *upi* (n. 135), indica extensão (no lugar ou no tempo), mas realça melhor a indeterminação ou pluralidade. Cpr.

kó-pe: na roça	*kó r-upi*: pela roça *kó r-upi*: por aqui (determ.)	*kó-bo*: pelas roças *kó-bo*: por aqui (indet.)
pytun-me: de noite (uma vez)		*pytun-bo*: pela noite, pelas noites, tôda noite

xe kupé-pe: em minhas costas, detrás de mim (num ponto)
xe kupé-bo: por detrás de mim (em vários pontos); onde não estou

xe pó gûyr-pe s-ekó-û: está debaixo de minha mão *ou* poder
xe pó gûyr-bo s-ekó-û: está (constantemente) debaixo de minha mão *ou* poder

644. 1. — *Ar-bo* "sôbre, por cima de, em cima de" é mais usado que *ar-pe*, mesmo no singular.
2. — Os nomes terminados no sufixo *aba* ou *saba* (n. 798) usam de *-bo* mesmo no sentido de singular:
tekó-kuap-aba "conhecimento": *tekó-kuap-á'-pe* ou *t-ekó-kuap-á'-bo*

Locuções

645. Com o possessivo reflexivo, *-bo* forma muitas locuções. Neste caso, pode nasalizar-se:

o aîur-bo: pelo pescoço
o atukupé (pyter')-bo: de, pelas costas
o endypyã-eyî-bo: de joelhos
o esá popy-bo: com o rabo do ôlho
o îepynã-eyî-bo: de joelhos
o obá-py-bo: de bruços
o pẽ-mo: de lado, de esquina
o puku-bo: ao comprido, ao longo, de comprido
o tĩ-apûã-mo: de ponta
o tĩ-apyr-bo: de ponta
o ybá-bo: de través, de atravessado
o ykẽ-bo: de lado, de esquina

Ocorrem alguns com o recíproco *îo-:*

o îo-pyter-bo: pelo meio

O possessivo é sempre o da 3.ª p.:

a-gûatá o pó-bo: ando de gatinhas; *o puku-bo taba mo-in-i*: assentou a aldeia de comprido; *o puku-bo taba r-en-i* (ANCH. 43): a aldeia está assentada de comprido

BÉ OU ABÉ

646. **Bé** ou **abé** "também, mais, ainda, outra vez, e" (n. 146). Tem função intensiva:

o-ikó-bé bé: vive ainda
neĩ bé: eia, outra vez!
emonan bé: assim também é
e-karu bé: come mais
i â-kyr s-aî bé ybá: a fruta está verde e ácida

647. Com o infinito, particípio *saba*, gerúndio, substantivo ou pronome, corresponde a "logo", "desde". Outros exs.:

aé-pûer' abé: logo *ou* desde então
xe r-ur-ag-ûer' abé: desde que vim
gûi-xó-bo bé: de caminho (indo)
gûi-t-ú abé: de caminho (indo)

648. Pospõe-se também a várias partículas, no sentido de "logo". Muitas vêzes, é simples reforço: *reme-bé* enquanto, desde que, logo quando; *eym-e-bé* antes que, logo sem; *ndí-bé* ou *esé-bé* (*s*) com; *îá-bé* como; *upi-bé* (*s*) logo depois que; conforme, perfeitamente; *riré-bé* logo em, logo depois que; *i-bé* ou *î-bé* logo em; *gûyr-i-bé* logo abaixo de; *aé-î-bé* logo naquilo, logo então; *akypuer-i-bé* ou *atuá-î-be* logo atrás; *kûesé-nhé'-ym-bé* desde antigamente, desde muito tempo; *koyr-bé* hoje em dia. Etc.

EXERCÍCIOS

649.

amõî oka: vizinhança (de casa)
îasy: ornato do peito, crescente
ké'-saba: lugar de dormir, rêde
mo-ndeb: pôr, vestir
por-upi, po-sé: ao longo de
amõî-ndaba ou *amũ-ndaba*: aldeia vizinha
ekó-potá'-saba (*t*): intenção
r-ekó: tratar
tĩ (*îo*): armar
ybyr-i: ao longo de

650. *Por-upi* e *po-sé* exigem complemento de *pessoa*. *Po-sé* supõe que quem está "ao longo" esteja na mesma rêde, etc. Assim também *ybyr-i*. *Por-upi* se diz do que está "ao longo", mas não na mesma rêde:

o sy po-sé pitanga r-ú-î (ANCH. 44): a criança está deitada com (ao longo de) sua mãe; *xe por-upi xe r-ayra nhe-nong-i*: meu filho deitou-se ao longo de mim

651. *A-îe-aó'-mo-ndeb o aûr-bo. Xe mo-ndeb îusana r-esé o aûr-bo. O-î-mo-ndeb îukyra abé xe îuru-pe. E-am xe r-eséî. O îo-apyr-i oré r-oka r-ú-î* (VLB 426). *Gûaîbĩ pytun-bo s-eõ-û. N'aan-i. O-ikó-bé bé. Pe r-ekó-potá-sá'-bo pe-r-ekó* (AR. 87 ad.). *A-ikó xe r-amyîa r-ekó-bo. Xe kupé-bo xe mo-mbeú-û. E-îo-tĩ nde ké-saba xe por-upi. Xe ybyr-i t-ú-î* (deitou-se), *o-ké. O îo-akypûer-i taba r-en-i* (está). *Soó amó ar-bo i ker-i, pytun-bo i gûatá-û, i karu-bé-î. Oré amõî ok-etá: nd' oré amundab-i. Mbaé r-esé-pe nd' ere-îe-îasy-mo-ndeb-i?*

652.

ponta, conclusão: *apyra*
cumieira da casa: *ok-apyra*
nascente do rio: *y-apyra*
ponta de galho: *akã-'pyra* (*s*)
armação da cumieira: *apyr-ytá*
Ilhéus: *Nhoesembé*
saltar: *por*
à vista de: *obá-bo* (*s*)
à flor dágua: *y apé ar-bo*
de dia: *ar-bo*

653. Por que não vestis roupa aos índios? Êles não se vestem [roupa]. — Os peixes passaram saltando à flor dágua, à vista de Ilhéus. — O macaco subiu na ponta do galho, não querendo mais descer. — Na conclusão de minha fala (*passado*), êle falou. — Onde está a nascente do rio? Está no meio daquelas montanhas. Por onde passa êle? Passa por aqui, por êstes campos. — A cumieira da casa caiu. Caiu de atravessado ou de ponta? Caiu de comprido. De dia ou de noite? De dia. Apanhai a armação e colocai-a ao longo da casa. — A mulher carregou o marido às ancas, para visitar o francês...

BIBLIOGRAFIA

Indefinidos — ANCHIETA 40-46; FIGUEIRA 120-126; MONTOYA 70-76; RESTIVO 11-16; CAETANO 64-69; ADAM 29-32; DLL'IGNA 71-73.

Bé ou abé — ANCHIETA 41v; 43v; 45v-46; FIGUEIRA 148; VLB 199; 184; 279; 400, 175; passim; MONTOYA 81; RESTIVO 217; 235-237; CAETANO 68.

INDEFINIDOS

654. **amó**: "algum, um, certo, outro, -a, -s, -as; vários, diversos, -as"

Pode preceder ou seguir o substantivo. É pronome e adjetivo:

amó amó: vários, diversos; *am(b)ó-aé*: outro, outros (e não êste nem êstes); *amó ahẽ, amó abá, abá abá*: alguém, certa pessoa, certas pessoas; *nda abá ruã, nda abá amó ruã, nda amó abá ruã*: ninguém; *amó... amó...*: um... outro...; alguns... outros...; *mbaé amó, amó mbaé*: alguma cousa, algo; *na mbaé ruã, na mbaé ruã, nda amó mbaé ruã*: nada; *oré amó*: alguns de nós

655. **îabiõ**: "cada, cada um, cada vez que, todos"

Pospõe-se ao substantivo. É pronome e adjetivo:

ara îabiõ: cada dia, todos os dias; *îandé îabió*: cada um de nós; *i îabiõ*: cada um dêles; *i é îabiõ*: cada vez que disseram *ou* dizem *ou* disserem

656. **mobyr** ou **mbobyr**: "alguns, poucos (4 a 6, mais ou menos); algumas vêzes"

Precede o substantivo. E' pronome e adjetivo:

mobyr mobyr: alguns; *nda mobyr ruã*: muitos (não poucos); *mobyr-îõ*: alguns, poucos (para FIGUEIRA: muitos); *mobyr-îõ-aub*: alguns, pouquinhos

OBS.: O interrogativo *mobyr-pe?* "quantos?" traduz-se ao pé da letra "(são) alguns?". A resposta *pá* "sim" significará que "são alguns ou vários", i, é, até 6 mais ou menos. A resposta *aan-i* "não" significará que "não são mais de dois".

657. **etá** (*s*): "muito, muitos, muitas vêzes"

Não sendo complemento predicativo, segue o substantivo. Pronome e adjetivo:

etá-etá (*s*), *etá-katu* (*s*), *etá-nhé* (*s*), *etá-katu-nhé* (*s*), *etá-té-katu-nhé* (*s*): muitos, muitíssimos

etá-pokanga (*s*): poucos, poucas vêzes (relativamente); escassos, raros

Etá, posposto, tende a substituir o plural (n. 47).

658. **anangatu**: "muitos"

Pospõe-se. É adjetivo. Muito pouco usado.

659. **opab** ou **opá**: "todo, -a, -os, -as, tudo"

Pode antepor-se ou pospor-se ao substantivo. É pronome e adjetivo:

opá soó ou *soó opá*: todos os bichos

660. Perdendo o *o*, pode sufixar-se ao verbo, como sujeito ou como objeto:

oro-î-mo-îaok-pab t-e-mbi-ú: repartimos tôda a comida; *oro-î--mo-îaok-pab*: repartimos tudo; *o-bobok-pab ygasaba*: racharam-se tôdas as talhas; *a-ra-só-pab* ou *opá a-ra-só*: levei todos

661. No gerúndio, pode ficar antes ou depois de *-bo*, mas sempre sob a forma *pá*:

o-ur pe îuká-bo pá ou *o-ur pe îuká-pá-bo*: vem para matar-vos todos

662. Quando *opab* vem antes do verbo, pede a conjugação subordinada. Mas entre *opab* e o verbo deve vir sempre o substantivo ou o pronome sujeitos:

opá kunumĩ r-eõ-û: morreram todos os meninos; *opá kaûĩ pab-i*: acabou-se todo o cauim; *opá ahẽ xe sub-i* (VLB 217): revistou-me todo; *pitanga opá pirá ú-û*: a criança comeu todo o peixe; *opá i pytá-û*

(nunca *opá pytá-û*): todos ficaram; *opá i ú-û* (nunca *opá ú-û*): comeram tudo; *opá t-eõ îandé mo-ndyk-i* (AR. 315): a morte a todos nos destrói

663. A partícula interrogativa segue-se sempre a *opab:*

opá-pe s-eõ-û?: morreram todos?; *opá-pe i îuká-û?* mataram a todos?

664. Há muitos compostos:

opá-katu, opab-ẽ, opab-ẽ-nhé, opab-ĩ, opab-ĩ-nhé, opab-ẽ-ngatu, opab-ĩ-ngatu

Todos têm o mesmo sentido e estão sujeitos às mesmas regras que *opab*:

opá-katu-pe asé abé asé pab-i-ne? (BETT. 58): e todos nós (a gente) havemos de acabar também?; *o-gûe-ro-yrõ-pá-katu abá o angaipag-ûera* (AR. 171): deve o homem detestar todos os seus pecados passados

665. OBS.: Para compreensão da sintaxe dêse indefinido, convém saber que é o próprio verbo *pab* "acabar", "estar concluído"; na 3.ª p.: *o-pab.*

666. Com o pref. *a-* (n. 349) e o indefinido *pá*, forma-se novo prefixo, *a-pá*, que figura em numerosas palavras com o sentido de "totalmente", "de tôdo": *apá-puba*: todo mole; *mo-apá-pub*: amolecer todo; convencer; *apá-kuî* (*xe*): desmoronar-se todo, derrocar, acabar-se todo; *mo-apá-kuî*: derriçar; *apá-sok*: socar, pilar, (formando uma massa compacta); *apá-îe-reb* (*xe*): revirar-se todo, revolutear, rolar; *apá-pûar*: dobrar todo; *apá-pûara*: dobra; *îe-apá-pûar*: dobrar-se todo, enroscar-se, enrolar-se, encolher-se todo; *apá-îé*: inclinado, tombado, debruçado, vergado, maduro, inchado (de maduro); *mo-apá-îé*: pôr a amadurecer; *apá-îugûá, apá-tynã, apá-xixã*: encaroçado, misturado, embrulhado; *apá-mo-nan*: misturar; *apá-r-ar* (*xe*): cair (o que está assentado ou pousado, como gente, ponte, casa, prato...); *apá-r-atã*: espêsso, hirto, duro; *apá-tuká*: apisoar, machucar, bater, lavar (roupa).

667. **tetiruã**: "qualquer, quaisquer, todos"

Pospõe-se. É adjetivo:

mbaé tetiruã: qualquer, quaisquer, tôdas as cousas; *opá-katu mbaé tetiruã sosé*: acima de tôdas e quaisquer cousas

668. **memé**: "mesmo, mesmos; todos da mesma maneira; também, juntos"

oîepé soó memé-pe?: é um mesmo bicho?; *marã e-í-pe aé-reme? Ia-îuká memé aîpó îara, — e-í; t' o-manó, — e-í* (AR. 79): que disseram então? Matemos, todos, aquêle que disse isso (disseram); morra! (disseram)

669. **oîepé**: "todos juntos, todos à uma, todos de uma vez"

Seus compostos: *oîepé-katu, oîepé-gûasu, oîepé-bo*: igual sentido; *oîepé-remõ, oîopó-remõ, oîepó-remõ*: todos os de uma espécie ou qualidade

670. **aan**: "nenhum, nada, ninguém"

Seus compostos: *aan-angá-î, aan-gatu-tenhé*. Igual sentido.

671. **mokonhó**: "poucos"

mokonhó-ĩ: pouquinhos; *mokonhó-ĩ-aub*: poucochinhos

672. **urusu (t)**: "muitos"

É irregular (n. 99). Além do sentido de "grande", "grosso", tem o de "muitos":

oré r-eburusu: somos muitos; *a-r-ur-usu* (ANCH. 13v): trago muito ou muitos; *a-îo-poî-usu* (*ib.*): dou muito de comer; *xe peû-usû* (*ib.*): tenho muito pus; *o-ur-usu* (*Tes.* 406/400): vêm muitos: *o-îabab-usu* (*ib.*): fogem muitos

673. **eyî (t)**: "muitos"

oré r-eyî: somos muitos
pe r-eyî: sois muitos
s-eyî: são muitos
s-eyî nhé: são muitos

EXERCÍCIOS

674.

mo-un: tingir de preto
mo-ting: tingir de branco
mo-ngatyrõ: enfeitar
îe-gûak: pintar-se, enfeitar-se
pitub: tingir (com urucu etc.)
pitu'-pirang: id.
etapurũ (*s*): pintar o rosto ao longo do cabelo, ou do cabelo à ponta do nariz (obj. d.: pessoa)
îuruũ: pintar o rosto, das orelhas aos cantos da cabeça

mo-ngy: untar (obj. dir.: a c. que se passa)
gûang (*nho*): tingir (com urucu)
ro-apá-r-ar: derrubar caindo
obá-gûang (*s*): pintar o rosto (com urucu)
îanypaba: jenipapo
tiruã: até mesmo
mará-t-ekó-ara: guerreiro

675. *T-obaîara amó asé i îuká îabiõ, asé îe-obá-gûang-i. Mará--t-ekó-ara o-îe-gûak. S-e-mi-r-ekó o-î-îanypá-mo-ngy. Kunhã opá-katu-pe îe-îanypá-mo-ngy-û? Kunhã pá-katu, kunhã-muku tiruã. Abá--pe o-î-mo-îe-gûak kunhã? I mena. Aé-pe kunhã-muku, marã? I xy o-î-mo-îe-gûak. — Mobyr-pe ere-îe-pitub? S-etá-katu-nhé. — Abá amó oro-mo-ngatyrõ. Aan-angá-î. Ixé é-te a-îe-etápurũ. Marã-na-mo-pe nd' ere-îe-îuruũ-ukar-i nde r-e-mi-r-e-kó supé? Nd' o-î-kuab-i. Opab-ẽ-nhé xe r-ayra i kuab-i. S-etá-pe nde r-ayra? Mobyr-îõ. — Mboîa o-îe-apá-pûar pé r-embey'-pe o-in-a* (*Tes.* 45 ad.). — *O-gûe--ro-apá-r-ar xe r-oka xe mbaé* (*Tes.* 46v ad.). — *Ybá o akã o-gûe-ro--apá-r-ar* (*ib.* ad.).

Uma mulher pinta o prisioneiro e a *ybyrapema*, enquanto as outras cantam em derredor (STADEN)

676.

arrancar plumas ou pêlos a: *aboó* (*s*)
depenar a asa a: *pepó-ok*
pelar a cabeça a: *aboó* (*s*), *á-pir-aboó* (*s*)
— a testa a: *obá-'boó* (*s*)
— — a si mesmo: *î'-obá-'boó*
emplumar a cabeça a: *gûaîay--mo-îar*
— o corpo: *á-mo-ngy* (*s*)
aparar: *etab* (*s*)
esfolar: *pir-ok*
aparar o cabelo a: *á-pir-etab*
colar: *mo-îar*
untar: *pixyb*
índio: *apŷaba*
criar: *mo-ngakuab*
canindé: *kanindé*
arara: *arara*
papo de tucano: *tukambira*
cera: *iraity*
rã: *îuí*
papagaio: *aîuru*
topête: *e-tobá-py-apûã* (*t*)
carapuça: *asoîaba, akang-aoba*
diadema: *akangitara*
rodela de penachos: *nhandu--aba, ar-asoî-aba*
manto: *asoî-aba, gûará-á'-buku*
bracelete: *aûana*
galinha: † *gûyrá-sapukaîa*
ema: *nhandu*
guedelha: *atybaîa*
guará: *gûará*
cercado: *okaîa* (*t*)

677. Os índios criam guarás em seus cercados. Depenam-nos, de suas penas (*pass.*) vermelhas fazendo (n. 619, 2) seus diademas e seus mantos. Criam também algumas araras e canindés. Arrancam--lhes as penas amarelas, fazendo delas suas carapuças. Das penas de ema fazem as rodelas de penachos. (De) que fazem os seus braceletes (*fut.*)? — Os guarás, canindés, araras, sendo raros (*tyb-eym-e*), criam também as galinhas brancas e outras aves; tingem as suas penas de vermelho, em lugar (n. 636) das penas vermelhas dos guarás. — Depenam também todo um papagaio, untam-no com sangue de rã. As penas novas que saem (*o-sem-bae*), tornam-se vermelhas. — Esfolam também o papo dos tucanos; colam a pele dêles nas faces, com cera. — Todos os guerreiros têm muitas penas de aves, estimando-as muito. — Os mantos têm muitas penas finíssimas. São feitos não com as penas de quaisquer aves, mas das mesmas. — Os índios arrancam todos os pêlos do corpo. Rapam a cabeça, aparando só o cabelo por baixo, deixando uma guedelha. Pelam[-se] a testa também. Alguns deixam um topête. Outros não. — Com mel ou com resina êles se emplumam. Emplumam também a cabeça com cera ou resina. — Os

guerreiros estão dansando todos juntos. Alguns poucos vestem [em si mesmos] mantos; alguns vestem carapuças; outros vestem braceletes; muitos vestem rodelas de penachos; todos vestem diademas. Cada um dêles traz o seu enfeite.

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 8v; 54; FIGUEIRA 4-5; MONTOYA 7; RESTIVO 21; ADAM 35-36.

SUBORDINATIVAS TEMPORAIS

678. As orações subordinadas adverbiais se vertem pelo infinitivo regido de conjunções ou preposições. Como o infinito equivale a substantivo (n. 337), as conjunções subordinativas funcionam como preposições.

Seria estrangeirismo abusar das orações subordinadas.

Os períodos devem ser breves, e de conexão mais lógica do que gramatical (como na conversa viva em qualquer língua).

679. **-reme:** "quando, se, porque, como"

Usadíssima. Serve para todos os tempos: "quando mato, matei, matar".

Precedida de nasal, é *-neme;* de consoante, *-eme;* de *m*, *-e* (também às vêzes *-eme*); de *b*, *-eme* (às vêzes *-me*, e então cai o *b*); de ditongo, *-me*. O infinito paroxítono perde o *a* final.

INFIN.	SUBORD. TEMPOR.
îuká	*xe i îuká-reme*: quando, se, porque, como eu mato, -ei, -ar
puká	*i puká-reme*: quando, se, porque, como êle ri, rir
nupã	*nde nupã-neme*: quando, etc. me bates, bateres, bateste

(*) ou pelo particípio *saba* (n. 810).

mim-a (nho)	*nde i mim-e*: quando, etc., o escondes, -este, -eres
epîak-a (s)	*oré r-epîak-eme*: quando, etc. êle nos vir, vê, viu
epîak-a (s)	*oré s-epîak-eme*: quando nós o vemos, vimos, virmos, etc.
enõî-a (s)	*pe r-enõî-me*: quando, se, etc., vos chama, -ar, -ou
ker-a	*xe ker-eme*: quando eu durmo, dormi, dormir, etc.
sem-a	*nde sem-e* ou *nde sem-eme*: quando, se, porque sais, etc.
endub-a (s)	*pe s-endub-eme* ou *pe s-endu-me*: quando o ouves, -iste, etc.
î'-ekyî-a	*î-ekyî-me*: quando, se eu morro, morri, morrer, etc.
useî-a	*xe useî-me*: quando, como, porque, se tenho sêde, etc.
por-ausub-a	*xe pore-ausu'-me* ou *xe pore-ausub-eme*: quando, porque, como, era, fui, sou, serei um coitado
ar-eté	*ar-eté-reme*: quando é dia grande (santo): nos dias santos
y	*y-reme*: porque é *ou* há água; quando, se, como há, houve, houver água
emonã	*emonã-neme*: quando, se, porque, como é, foi, será assim
nã	*nã-neme*: quando assim: a estas horas

680. Na forma negativa, basta substituir *-reme* por *eym-e*:

xe i îuká-reme:	*xe i îuká-eym-e*: se, quando, como não mato, -ei, -ar
nde i mim-e:	*nde i mim-eym-e*: quando, porque não o escondes, etc.
pe r-enõî-me	*pe r-enõî-eym-e*: quando, se êle não vos chama, etc.
	aan-eym-e: se não, do contrário

681. O verbo regido de *-reme* equivale ao gerúndio. É de rigor quando o sujeito da oração principal e o da subordinada são diversos. Quando são iguais, é facultativo, mas de escasso uso:

eu indo, ficarei: *gûi-xó-bo, a-pytá-ne* (ou *xe só-reme, a-pytá-ne*)
eu indo, êle não ficará: *xe só-reme, i pytá-eym-i-ne*

Sôbre as locuções compostas de dois particípios, v. n. 957.

682. **eym-e-bé, îanondé, enondé (t)**: "antes de, antes que"

Îanondé e *enondé (t)* supõem que a ação do verbo subordinado se verificará. *Eym-e-bé* serve para todos os casos:

antes que me batas, eu te mato: *nde xe nupã-eym-e-bé, oro-îukã*: antes que mo dissessem, já eu sabia: *xe îo-upé i é îanondé,* (ou *eym-ebé*) *a-î-kuab umã*; antes que lhe déssemos o arco, êle o levou: *o-gûe-ra-só gûyrapara, o îo-upé oré i meeng-eym-e-bé;* meu filho saiu antes de nós (que depois também saímos): *xe r-ayra o-sem oré r-enondé*

Eym-e-bé e *îanondé* elidem o *a* final dos paroxítonos:

taba kaî îanondé, abá i xuí i xem-i: antes que ardesse a aldeia, o índio saiu dela

683. Com o prefixo de classe, *enondé* equivale ao advérbio *ranhé* "antes", "primeiro", e prescinde do êxito ou não da ação verbal:

nde boîá o-só t-enondé ou *nde boîá o-só ranhé*: teu criado foi primeiro

684. **riré, roiré, iré, ré**: "depois de, depois que" (n. 621)

685. **eyma riré, eym-iré, eymb-iré** "depois de não, enquanto não"

xe pore-ausub-eté-katu, xe r-ub-eté r-apîar-eym-iré mã! (AR. 116): oh! que muito miserável fui, enquanto não obedecia a meu verdadeiro pai!

686. **abé, bé**: "logo que, logo depois de, assim que. apenas, desde que, ao mesmo tempo que"

i xó abé, a-îur-ne: assim que êle for, eu virei

Os paroxítonos perdem a última vogal:

aé-pûer' abé: desde então; *xe r-epîak' abé, i îabab-i*: apenas me viu, fugiu; *o syk' abé, s-eõ-û*: logo que chegou, morreu; *o pak' abé, s-esé i maenduar-i*: logo que acordou, lembrou-se dêle; *i pak' abé, tapyyîa i îuká-û*: logo que êle acordou, os tapuias o mataram; *s-ekobé r-apŷ-á-bo* (*S. Lour.* I, 635): queimando-o vivo (= enquanto viveu)

687. Com o mesmo sentido, junta-se ao gerúndio. Êste perde o *a* átono final, se o tem. Se termina em *-ba, abé* é que perde o *a* inicial:

gûi-xó-bo bé, a-s-epîak: logo em indo, eu o vi; *gûi-kuap' abé, ixé i îuká-û*: em passando, matei-o; *gûi-t-ú' abé, a-s-ekar nde pindá--ne*: logo que vier, procurarei teu anzol; *e-nheeng' abé, ere-ar*: em falando, caíste

688. **upi-bé (s):** "logo que, depois de, assim que, apenas; juntamente com" (n. 606)

xe nheenga r-upi-bé: logo depois que falei; *s-upi-bé s-eõ-û*: logo depois disso, morreu

689. **-reme-bé, puku-î:** "enquanto, durante o tempo que" (n. 638 e 648)

aé-reme-bé: enquanto isso; *ixé s-e-ra-só-reme-bé, e-putuú*: enquanto o levo, tu descansa!; *o mendar-ag-ûera r-ekó-bé-reme-bé, nd'e-í katu-î o-mendá amó-aé r-esé* (Ar. 278): enquanto viver seu espôso, não pode casar com outro; *ara-pukuî* ou *kó ara-puku-î* (Vlb 408): todo o dia; *ixé s-e-r-ekó puku-î, i ar-eym-i*: enquanto o tive comigo, não caiu; *abá îe-por-akar-a puku-î, kunhã kó-pir-i*: enquanto o homem pescava, a mulher roçava

690. Os negativos são *eym-e-bé* (n. 648) e *eym-a puku-î:* "enquanto não"

ebapó ta pe-ikó, pe-îe-byr-ag-ûama r-esé ixé nde mo-morandub--eym-a puku-î (Ar. 140): ficai lá, enquanto eu não te avisar para voltardes; *i kyr eym-e-bé, t' îa-mbaé-tym*: enquanto não chove, plantemos!

Eym-a puku-î é muito usado no sentido de "até que".

691. NOTA. — Em tupi não há tradução especial para "desde que" nem para "até que". O primeiro é substituído por "depois que" (*riré*), "logo que" (*abé*), "enquanto" (*-reme-bé* e *puku-î*); o segundo é suprido por "enquanto não" (*eym-e-bé* e *eym-a puku-î*). — No guarani são correntes *suí-bé* (desde que) e *-pe-bé* (até que).

692. **îá, îá-bé, îabiõ, îepi, memé**: "cada vez que, tôda vez que, sempre que"

nde só îabiõ, xe só-û-ne (VLB 367): quantas vêzes fores, irei; *ebo-uĩ-me s-en-a îá* (AR. 124): tôda vez que (enquanto) estiver lá; *xe r-obaitĩ îabiõ, xe r-e-r-ekó-aib-i*: sempre que me encontra, me injuria

O mesmo significam os compostos *îá-é, îá-bé-é, îabiõ-é, îabinhõ-é, memé-nhé, îepi-nhé, îepi memé, îepi memé-nhé, memé-nhé...îepi*: *memé-nhé xe ker-a îepi, marã-t-ekó r-esé xe posausub-i*: cada vez que durmo, sonho com a guerra

693. **îeperi-bé-ĩ**: "ainda bem não... e; mal..."

îeperi-bé-ĩ asé marã i é-û, o-nhe-mo-yrõ umûan (VLB 263): ainda bem a gente não disse alguma cousa, e já êle se zanga

EXERCÍCIOS

694.

tĩ: proa
mbaé: cousa, bicho (qualquer ser inferior ao homem)
penga: sobrinho, -a (de m.)
asoí (*î*): cobrir
er-ok (*s*): pôr nome (novo) em
emoèm (*s*) (*xe*): mentir
mo-mbukab: derramar
î'-e-ro-ky: inclinar-se
nhé: ptc afirmativa (n. 1058).

695. Não há em tupi o verbo "dever" na acepção de "ter obrigação de". O contexto indica quando há de figurar na tradução portuguêsa:

marã-pe asé r-ekó-û o nhe-mo-ngaraib' îanondé? (AR. 145 ad.): que se *deve* fazer, antes de ser batizado? (lit. que se *faz*...?): *o-î'-e-ro-ky-pe asé* JESUS *é-reme? O-î'-e-ro-ky* (AR. 17): a gente *deve* inclinar-se quando diz JESUS? *Deve* (lit. inclina-se); *o-nhé-mo serã i angaipá'-bae, "Oré r-ub" o-î-á-bo Tupã supé? O-nhé-mo anhé...* (AR. 21-22): *deveria* o pecador envergonhar-se a dizer "Padre Nosso" a Deus? Deveria (lit. envergonhar-se-ia)

696. Outras vêzes serve a partícula *amé* "costumar, ser costume".

697. *T-obaîara amó abá i îuká-reme, i î'-er-ok-i. Mi-ausuba amó îuká-reme, abá o e-mi-r-ekó r-er-ok-i-ne. — Ixé uí r-aang eym-e-bé, ere-î-mo-mbukab. — Nde penga nheenga îabiõ, s-e-moem-amo. — Tupinambá gûarinî-ramo só-reme, ygara tî-me maraká mo-ingo-û. — Îasy kûarasy asoí-reme, abá "Mbaé îasy o-ú" — i é-û. — Marã îá-bé-pe Tupã aîpó-bae r-e-rekó-û, i xupé o îe-epîak eym-e-bé? Anhang-amo nhé i mo-ndó-û* (Ar. 45). — *Marã îá-bé-pe erimbaé Tupã îandé r-ub ypy anga r-e-r-ekó-û* (fêz com) *i mo-nhang' abé?* (Ar. 48). — *Marã-pe asé r-ekó-û* (deve fazer), *Tupã r-e-mi-motara mo-por-ag-ûama r-esé* (para cumprir), *Tupã o pytybõ motá? O-pak' abé, s-esé o-maenduar-amo, i xupé o-î'-e-r-ur-é-bo-ne, "T' a-î-aby umé-ne kori nde nheenga" — o-î-á-bo* (Ar. 111-112). — *Marã e-í nhó-te-pe asé, mbaé mo-mbegû-á-bo? "Anhé, Anhé-té" — e-í nhó-te* (Ar. 99).

698.

beber cauim ou vinho: *kaú,* intr.
vestir: *aob,* tr.
enterrar: *atyb,* tr.
fazer roça: *kó-pir,* intr.
ir à caça: *só kaá-bo*
fazer festa: *nhe-mo-saraîa mo--nhang*
festa: *nhe-mo-saraîa*
todo o dia: *ara puku-î*

699. Quando a gente tem sêde, que deve beber? Água. E se não houver água, que? — Por que não se vestem os índios? — Onde pus meu arco? As crianças, vendo-o no chão, enterraram-no. — O dia todo os homens vestem [em si mesmos] os mantos de penas? Absolutamente não. Só quando vão à guerra ou quando fazem festa. — Quem deve trabalhar: o homem ou a mulher? Os brancos dizem (que é) o homem; nós dizemos (que é) a mulher. A mulher deve fazer a roça; o homem deve ir à guerra e (*abé*) à caça. E quem deve fazer a comida? — Quando o índio come, não bebe água. Quando bebe vinho, não come. Depois que come, é que bebe água. Enquanto come, não fala; só depois de comer. — Os brancos bebem comendo e comem falando (*amé*).

BIBLIOGRAFIA

Anchieta 26-27; 43v-46; 158; Figueira 20; 31; 47-48; 101-105; 125; 127-129; 155; 158; Montoya 22-23; 76-77; Restivo 39-42; 45-46; Caetano 35; 64-69; Adam 56-57.

PARTICÍPIO *-BAE*

700. Há vários sufixos de nomes verbais e particípios: *-bae, (s)ara, (s)aba, pyra, pora, bora, sûara, sûera, tyba,* e um prefixo: *t-e-mi-*.

Os principais são: *-bae, (s)ara* (ativos), *pyra, t-e-mi-* (passivos) e *(s)aba* (circunstancial). — Usaremos indistintamente as expressões "nomes verbais" e "particípios", de preferência a última.

Obs. — O *a* final é sufixo nominal: *(s)ar-a, (s)ab-a, pyr-a,* etc.

701.

	AFIRMAT.	NEGAT.
pres.	*-bae*	*eym-bae*
fut.	*-bae-rama*	*eym-bae-rama*
pass.	*-bae-pûera*	*eym-bae-pûera*
pass.-fut.	*-bae-ram-bûera*	*eym-bae-ram-bûera*
fut.-pass.	*-bae-pûer-ama*	*eym-bae-pûer-ama*

702. *-Bae* é particípio ativo. Indica o *agente* ou sujeito. Forma-se da 3.ª p. do indicativo de qualquer verbo. Traduz-se quase sempre pelo nosso relativo "que" (sujeito), e às vêzes pelos verbais terminados em "dor" "nte":

o-î-pysyk-bae: o que o apanha
o-îuká-bae: o que o mata
o-î-pysyrõ-bae: o que o salva
o-s-epîak-bae: o que o vê
o-îo-s-eî-bae: o que o lava
i maenduar-bae: o que se lembra
s-asy-bae: o que (lhe) dói: o que sente dor
i mbaé-bae: o que tem cousas: o rico
s-er-bae: o que tem (por) nome, chamado
t-ynysem-bae: o que está cheio

Se o verbo acaba em *b*, pode perder êsse *b*:

o-s-ausub-bae ou *o-s-ausu'-bae*: o que o ama
i angaipab-bae ou *i angaipá'-bae*: o que é mau; pecador

703. Forma os tempos como o substantivo (n. 216); no negativo, intercala *eym* depois do tema verbal.

704. Todos os verbos se podem servir de *-bae*. Os não-transitivos quase só se servem dêste particípio.

705. O prefixo verbal é sempre o da 3.ª p., ainda que o sujeito seja de outra pessoa:

o-só-bae ixé e não *a-só-bae ixé*: sou eu que vou
ixé, o-só-bae-pûera, nd' a-s-epîak-i: eu, que fui, não o vi

706. Assim os gramáticos tupis. Mas, pelo menos no guarani, a regra não parece ter sido absoluta. É o que diz RESTIVO 155 e o que se induz de alguns exemplos esparsos. As mais antigas fórmulas guaranis do Padre Nosso rezam *cre-ĩ-bae* "que estás".

707. O substantivo ou pronome correlativo pode prepor-se ou pospor-se ao particípio. De preferência se prepõe, quando o particípio é complemento predicativo:

pitanga, o-ar-bae-pûera, o-manó: a criança que nasceu, morreu
i marã-ar-bae abá melhor que *abá i marã-ar-bae*: o índio é que está doente

708. Nas orações predicativas, o particípio terá como advérbio negativo *nda... ruã* (n. 184). Cpr.:

o-manó-bae-pûera ixé: fui eu quem morreu
o-manó-eym-bae-pûera ixé: fui eu quem não morreu
nda o-manó-bae-pûera ruã ixẽ: não fui eu quem morreu
nda o-manó-eym-bae-pûera ruã ixé: não fui eu quem não morreu

709. O particípio *-bae* não admite objeto direto senão da 3.ª p. (substantivo ou pronome). Para a 2.ª ou 3.ª p. re-

Se o verbo acaba em *b*, pode perder êsse *b*:

o-s-ausub-bae ou *o-s-ausu'-bae*: o que o ama
i angaipab-bae ou *i angaipá'-bae*: o que é mau; pecador

703. Forma os tempos como o substantivo (n. 216); no negativo, intercala *eym* depois do tema verbal.

704. Todos os verbos se podem servir de *-bae*. Os não-transitivos quase só se servem dêste particípio.

705. O prefixo verbal é sempre o da 3.ª p., ainda que o sujeito seja de outra pessoa:

o-só-bae ixé e não *a-só-bae ixé*: sou eu que vou
ixé, o-só-bae-pûera, nd' a-s-epîak-i: eu, que fui, não o vi

706. Assim os gramáticos tupis. Mas, pelo menos no guarani, a regra não parece ter sido absoluta. É o que diz RESTIVO 155 e o que se induz de alguns exemplos esparsos. As mais antigas fórmulas guaranis do Padre Nosso rezam *ere-ĩ-bae* "que estás".

707. O substantivo ou pronome correlativo pode prepor-se ou pospor-se ao particípio. De preferência se prepõe, quando o particípio é complemento predicativo:

pitanga, o-ar-bae-pûera, o-manó: a criança que nasceu, morreu
i marán-ar-bae abá melhor que *abá i marán-ar-bae*: o índio é que está doente

708. Nas orações predicativas, o particípio terá como advérbio negativo *nda... ruã* (n. 184). Cpr.:

o-manó-bae-pûera ixé: fui eu quem morreu
o-manó-eym-bae-pûera ixé: fui eu quem não morreu
nda o-manó-bae-pûera ruã ixẽ: não fui eu quem morreu
nda o-manó-eym-bae-pûera ruã ixé: não fui eu quem não morreu

709. O particípio *-bae* não admite objeto direto senão da 3.ª p. (substantivo ou pronome). Para a 2.ª ou 3.ª p. re-

corre-se ao particípio *(s)ara*. Mas *-bae* não perde o prefixo verbal:

o que o ama: *o-s-ausu'-bae*
o que te ama: *nde r-ausup-ara*
aquêle que frechou o peixe: *pirá o-î-ybõ-bae-pûera*
o que vai atravessar o rio: *y-gûasu o-s-asá'-bae-rama*

710. Quando o particípio *-bae* está como predicativo, pode perder o prefixo verbal:

abá îaseó-bae nda abá ruã: o homem que chora, não é homem; *gûarinî membek-bae t-obaîara r-obaké i îabab-i*: o guerreiro (que é) mole diante do inimigo foge

711. *-Bae* se junta ainda a substantivos, pronomes, mas não leva prefixo verbal:

kó-bae kunhã: (a que é) esta mulher

712. Todos os demonstrativos podem receber o sufixo *-bae*, que lhes realça o sentido:

kó-bae, aîpó-bae, iang-bae, etc. (n. 71)

713. Havendo algum advérbio ou outra palavra que modifique o verbo, o adjetivo ou o substantivo, o sufixo de particípio fica para depois:

o-ur-'amó-bae: os que vieram neste instante
abá marangatu-bae: os que são homens bons
ybytyra, ybaté-eté-bae, o-nhe-mim ybytinga pyter-pe: as montanhas muito altas escondem-se em meio das nuvens

714. Muitos verbos de pronome agente têm duas formas no particípio: uma com o pronome *o*, outra com *i*. Divergem em que a primeira indica simples ato, ao passo que a segunda conota hábito, capacidade, conhecimento (n. 383):

abá o-nheeng-bae: o homem que falou, que fala (no momento)
abá i nheeng-bae: o homem que costuma falar, que sabe falar ou pode falar (que fala)
kunumĩ o-ytab-eym-bae: menino que não nada, que não nadou (que não está *ou* não estêve nadando)
kunumĩ i-î ytab-eym-bae: menino que não nada (que não sabe, não costuma, não pode nadar)

715. Assegura RESTIVO 155 que o sufixo *-bae* era muito usado na função de complemento objetivo, podendo então levar os prefixos verbais das três pessoas: *a-y-quaá'-bae* [tupi * *a-î-kuá'-bae*] "o que eu sei"; *a-mbo-é-bae* [tupi * *a-î-mbo-é-bae*] "aquêle que eu ensinei". Nos documentos tupis não parece haver nada de semelhante.

EXERCÍCIOS

716.

mor-e-r-ekó-ara: chefe
îaseó-papá'-saba: lamentos
kyreymbaba: valente
marã-ara: doente grave
mo-paũ: interromper
nhe-mo-sainan [*esé*]: preocupar-se com
pook: intr. parar de chorar
amó-me: algumas vêzes

717. *Mamó-pe Anás îandé îara r-e-ra-só-ukar-i? Mor-e-r-ekó-ara Kaifás s-er-bae supé* (AR. 78). — *Marã-pe gûá i marã-ar-bae r-e--r-ekó-û* (tratam)*? Nd' o-nhe-mo-sainan s-esé, — o-manó ipó-ne — o-î-á-bo. — Aé-pe s-eõ riré, marã? Gûaîbĩ, kunhã abé, o-s-apirõ. Tuîá-bae abé-pe o-s-apirõ tuîá-bae amó o-manó-bae-pûera? Tuîá-bae abé. — Amó-me kunhã o-îaseó-papá'-saba mo-paũ-û — "O-manó i kyreymbab-bae-pûera, o-ú-ukar-bae-pûera oré-be t-obaîar-etá!" — Mbaé abé-pe, o mendara reõ-neme, s-e-mi-r-ekó-bae-pûera i é-û?. "Xe r-e-mi-motar-ûera ymã! eh hé hé hé hé hé! eh hé hé hé hé hé!" — e-í. — Aîpó maira angaipaba, iké o-îe-potar-bae-pûera, ybytu-gûasu o-î-mbo-ur. — O-manó-bae-rama-pe opá îandé? O-manó-bae-rama. — O-manó-bae-ram-bûera-n' ikó t-e-mbi-ara. — Marã-pe pe-r-ekó atara pe r-oka o-iké-bae? Kunhã o-s-apirõ. Aé-pe abá? Kunhã pook-eme, abá, o-î-mo-mbytá-bae-pûera, i mo-ngetá-û, "Ere-îur-pe?" o-î-á-bo i xupé. — Abá, gûarinĩ-ramo i xó-eym-bae, nda tupinambá ruã.*

718.

bicho-preguiça: *ay*
alma (separada): *ang-ûera*
vagaroso: *mbegûé*
veloz: *kûab-apûana*

ser rico: *mbaé* ou *mbaé-etá* (*xe*)
além de: *amõ ngoty*
requeimar: *apy* (*s*)
rachar: *bobok*, intr.

719. Aquêle que come carne de bicho-preguiça, torna-se vagaroso. Aquêle que come carne de veado, torna-se veloz. Os índios não comem carne de veado, enquanto não lhes cortam as pernas. — Quem faz um vaso, deve requeimá-lo. De outra maneira (*marandé-é-reme*), o vaso racha. — Onde ficaram os viandantes que deviam vir? Os que deviam vir não vieram. Vieram os que não deviam vir. — As almas dos índios, que devoraram muitos inimigos, vão ter com (n. 642,3) as almas dos seus avós, além das grandes montanhas. Que fazem (*s-ekó-û*) todos os que lá estão? Dançam sòmente. — Aquêles que são ricos, dêem-me alguma cousa!

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 30-31; FIGUEIRA 115-117; MONTOYA 17; 30; 31; RESTIVO 92-94; 155-156; CAETANO 50-53; 55; 57; 58-60; ADAM 37-38; 65.

Grande festa de cauim (THEVET)

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

PARTICÍPIO *(S)ARA*

720.

	AFIRMAT.	NEGAT.	
pres.	*(s)ara*	*(s)ar-eyma*	ou *eymb-ara*
fut.	*(s)ar-ama*	*(s)ar-am-eyma*	" *eym-ar-ama*
pass.	*(s)ar-ûera*	*(s)ar-ûer-eyma*	" *eym-ar-ûera*
pass.-f.	*(s)ar-am-bûera*	*(s)ar-am-bûer-eyma*	" *eym-ar-am-bûera*
fut.-p.	*(s)ar-ûer-ama*	*(s)ar-ûer-am-eyma*	" *eym-ar-ûer-ama*

721. É particípio ativo, tal como *-bae*. Traduz-se como *-bae*.

722. *Sara* é particípio de verbos transitivos. Raras vêzes se encontra com outros verbos.

723. Ao contrário de *-bae,* não leva prefixo verbal. Por via de regra, sendo transitivo, exige a anteposição do objeto direto. Os pronomes objetivos são os mesmos do infinito (n. 336):

pindá mo-nhang-ara: o que faz anzóis, fazedor de anzóis; *i mo--nhang-ara*: o que o *ou* os faz *ou* fêz; os que o *ou* os fazem etc.; *o mo-nhang-ara*: id. (refl., n. 304); *s-apirõ-sara*: o que o pranteia; *xe r-apirõ-sara*: o que me pranteia; *t-eõ-bûera r-apirõ-sara*: o que pranteia os mortos; *xe pi-sara*: o que me pica *ou* picou; *xe pi-sar-ûera endé*: tu é que me picaste

724. Se o objeto direto é pessoa ou cousa indeterminada, deve-se recorrer a *poro- (moro-)* ou *mbaé* (n. 380):

nde poro-apirõ-sara: és carpideira; *moro-posanong-ara*: curador; *mo-e-r-ekó-ara*: guarda, protetor, encarregado; *mbaé mo-nhang-ara*: fazedor

725. Com verbos não transitivos, o particípio *(s)ara* não leva pronome algum. Mas o participio *sara* em tais verbos é excecional. Normalmente o próprio infinito dos verbos intransitivos serve de particípio ou adjetivo verbal (n. 731).

Sôbre o particípio *sara* como complemento predicativo, v. n. 86.

726. FORMAÇÃO. — Junta-se *(s)ara* ao tema do verbo.

îuká — *îuká-sara*: o que mata

Se o verbo termina em *k* ou *ng*, *(s)ara* perde o *s*:

pysyk — *pysyk-ara*: o que segura
mo-nhang — *mo-nhang-ara*: o que faz

Se termina em *m*, junta-se-lhe *b*, e cai o *s*:

tym — *tym-bara*: o que enterra

Se termina em *n*, ou em ditongo nasal, junta-se *d* ou *nd* e cai o *s*:

po-ban — *po-ban-dara*: fiador
enõî — *enõî-dara*: o que chama

Se termina em *b*, muda-se o *b* para *p*, e cai o *s*:

syb — *syp-ara*: limpador

727. Se termina em ditongo oral, acabado em *î*, junta-se-lhe *t*, e cai o *s*:

poî — *poî-tara*: o que dá alimento

Se termina em vogal oral ou nasal, ou em ditongo acabado em *û*, *sara* não sofre alteração:

kytĩ — *kytĩ-sara*: o que corta
mo-ngaraû — *mo-ngaraû-sara*: desconjuntador

Mas pode também perder o *s*, caso o verbo não acabe em *a*. O *i*, *u* e *y* finais passam para *î*, *û* e *ŷ*:

mo-ngaraû	*mo-ngaraû-sara* ou *mo-ngaraû-ara*
aby	*aby-sara* ou *abŷ-ara*: o que erra
îuká	*îuká-sara* (nunca *îuká-ara*): matador

Após nasal, *ara* pode mudar-se em *ana*:

pysyrõ	*pysyrõ-sara* ou *pysyrõ-ana*: salvador
arõ	*arõ-sara* ou *arõ-ana*: guarda

O futuro dêsses particípios pode ser *sar-ama*, *an-ama* ou *ar-ama*.

728. Se o verbo termina em *r*, cai o *r*:

potar	*potá'-sara*: o que quer

Pode também cair o *s* de *sara*, contanto que a última vogal de verbo não seja *a*. Mas é pouco comum:

mo-mbor	*mo-mbó'-sara* ou *mo-mbó'-ara*: atirador
potar	*potá'-sara* (nunca *potá'-ara*)

Os mesmos verbos terminados em *r* podem manter êsse *r*, em vez de *s*, no passado e no futuro:

pass.	*potá'-sar-îuera*	ou	*potar-îuera*		
fut.	*potá'-sar-ama*	"	*potar-ar-ama*		
pass.	*mo-mbó'-sar-îuera*	"	*mo-mbó'-ar-îuera*	ou	*mo-mbor-ar-îuera*
fut.	*mo-mbó'-sar-ama*	"	*mo-mbó'-ar-ama*	"	*mo-mbor-ar-ama*

729. Muitos verbos terminados em vogal tônica, não precedida de consoante, perdem essa vogal, e acrescentam *gûara*:

îe-peé: esquentar-se	*îe-pegû-ara*
soó: convidar (para festas)	*sogû-ara*
angaó: vituperar	*angagû-ara*
ú: comer	*gû-ara*
suú: morder	*sugû-ara*

Isto sobretudo quando a última vogal é *u* ou *o*.

730. FORMA NEGATIVA. — Obtém-se com a partícula *eym-(a)*, colocada antes ou depois da forma afirmativa.

Sôbre *nda- ruã* e *nda- -i*, v. n. 184, 185, 352. Cfr. n. 708.

731. SINTAXE. — O infinito dos verbos intransitivos ou intransitivados (n. 381) equivale aos particípios *sara* e *-bae*. Traduz-se como nome verbal, quase sempre:

kanhem: fugir; *kanhema* (infin. e partic.): fugitivo; *kanhem-bûera*: pass.; *kanhem-gûama*: fut.; *abá kanhema* ou *abá o-kanhem-bae;* ou *abá kanhemb-ara*: homem que foge; *abá mondá*: (homem) ladrão; *xe mondá*: sou ladrão; *abá por-ú*: índio comedor de gente; *abá yby-ú*: índio comedor de terra; *abá karu* ou *abá mbaé-ú*: comedor, guloso; *xe karu* ou *xe mbaé-ú*: sou comedor, sou guloso

732. O infinitivo-particípio aparece muito nas alcunhas:

mbaé mondá: ladrão (n. 392)

733. Com o verbo *ur* "vir" (n. 884), o particípio *sara* traduz os nossos circunlóquios "vir de (infin.)", "acabar de (infin.)":

mamó suí-pe ere-îur? Kó-pir-ar-ûera a-îur: de onde vens? Venho de roçar
mbaé-tym-ar-ûera a-îur: venho de plantar (acabo de plantar, fui plantar)
ybá poó-ar-ûera a-îur: vim de (fui) apanhar frutas

EXERCÍCIOS

734.

mo-sá-ká-'ra: homem hospitaleiro, fidalgo
îe-koty-á'-saba: amigo, camarada
karaiba: (homem) branco
amotar-eym-bara: inimigo
peró: português
nheenga: língua
akok: fazer [sal]
berab: intr. brilhar
karãî: tr. arranhar

735. **Peró** vem da palavra portuguêsa "Pero" (="Pedro").

A-î-mo-ngetá-potar karaiba amó, abá nheenga kuap-ara. — Abá-pe akûeî karaiba? Îukyr' akok-ar-ûera. — Ybyrá mo-ndo-sok-ar-ûera

ikó a-îur. Aé-pe endé, mamó suí-pe ere-îur? Ahẽ r-epîak-ar-ûera ikó a-îur. Pirá r-ekyî-ar-ûera a-îur. — Oré îe-koty-ú'-saba, oré amotar--eym-bar-ûera ymã. — Abá-pe nde karãî-dar-ûera r-ekó-û (estão)*? Aîpó mo-sá-ká-'ra r-ok-pe s-ekó-û* (estão). *— Mamó-pe xe r-obaitĩ--sar-am-bûera só-û? — S-esá-berab ikó paîé. S-obá-puká.*

736.

sobrinho: *membyr-aysé* (de m.)
peixe-boi: *gûaragûá*
empurrar: *mo-anhan*
derribar: *ityk* (n. 301)
atirar pedras (acertando): *api*
atirar (com flecha): *ybõ*
— (com arpão ou lança): *ku-tuk*
devorar gente: *por-ú*

737. Quem é que me viu? — Quem é que virá? — Sabes quem me empurrou? Eu é que te empurrei: quem te derribou, foi o teu camarada. — Quem é que matou o prisioneiro? Não o mataram ainda. Teu sobrinho é quem o matará. E quem é que o deveria matar? — Quais os que nos atiraram (pedras)? Quais os que [nos] erraram? Quais os que vieram de atirar flechas aos peixes? Êstes são os que deviam arpoar o peixe-boi. — Quais os que quiseram matar-me? Quais os que não quiseram matar-me? — São comedores de gente êstes índios? Não. São comedores de terra.

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 19; 28v-29; FIGUEIRA 116-120; MONTOYA 16; 25; 30-31; RESTIVO 90-92; CAETANO 50-57; 58-60; ADAM 58-65; L. BARBOSA 187.

PARTICÍPIOS *BORA* E *PORA*

738.

	PRES.	FUT.	PASS.
afirm.	*bora*	*bor-ama*	*bor-ûera*
	pora	*por-ama*	*por-ûera*
negat.	*bor-eyma*	*bor-am-eyma*	*bor-ûer-eyma*
	por-eyma	*por-am-eyma*	*por-ûer-eyma*

	PASS.-FUT.	FUT.-PASS.
afirm.	*bor-am-bûera*	*bor-ûer-ama*
	por-am-bûera	*por-ûer-ama*
negat.	*bor-am-bûer-eyma*	*bor-ûer-am-eyma*
	por-am-bûer-eyma	*por-ûer-am-eyma*

São particípios abundanciais, ativo (*bora*) e passivo (*pora*).

739. Alguns verbos intransitivos ou intransitivados (n. 381) podem formar um particípio com o sufixo *bora*, que indica o agente ou sujeito, conotando, porém, a continuidade de ação ou estado:

kanhem-bara: o que foge, fugitivo — *kanhem-bora*: fujão

740. *Bora* se sufixa também a substantivos e adjetivos, em sentido semelhante ao do sufixo "oso" português:

mor-ausuba: amor — *mor-ausu'-bora*: amoroso
amby-asy: fome — *amby-asy-bora*: faminto

mbaé-asy: doença
pore-ausuba: coitado

mbaé-asy-bora: doente
pore-ausu'-bora: coitado, desventurado

741. Dão-se vários metaplasmos:

mará-ara: doente
useîa: sêde
akuba: quente
pir-akuba: pele quente

mará-á'-bora: doente
useî-bora: sedento
aku'-bora: o que está com calor
pir-aku'-bora: id.

742. A falar com precisão, *bora* significa "o que tem", "o que está cheio de", "o continente", em oposição a *pora*, que significa "o que é tido", "o que está em", "o conteúdo", etc.:

ikó ara-pora: o que está neste mundo
roy-bora: o que tem frio
kamusi-pora: o conteúdo do pote
akang-asy-bora; o que tem dor de cabeça
xe îuru-pora: o que está em minha bôca
xe kó-bora: a extensão de minha roça
xe kó-bora-pora: o que está na (extensão da) minha roça

743. Também *pora* pode sofrer metaplasmos:

nhũ-pora ou *nhũ-bora*: o que está ou vive no campo

744. *Mas paranã-bora* não é o mesmo que *paranã-pora*. Êste se aplica a tudo o que esteja no mar; aquele só a sêres marinhos.

745. Por extensão, *pora* significa "conseqüência, resultado efeito, sinal":

itá-ngapema-pora ou *itá-ngapem-bora*: (ferida) feita pela espada; *py-pora* ou *py-por-ûera*: sinal dos pés, pegada; *kó taba xe nheẽ'-bora*: esta aldeia é resultado de minhas palavras (p. ex. porque foi feita por ordem minha); *pindá-pora*: efeito do anzol (p. ex. peixe apanhado com anzol); *xe îy-pora r' akó nde gûyrapara*: teu arco é efeito de meu machado; *xe îy-apara-pora pe-ú pe-ikó-bo*: estais comendo o resultado de minha foice (p. ex. o que foi plantado depois

que rocei o mato); *xe pó-pora ikó gûyrá*: êste passarinho foi pêgo com minha mão; *mamó-pe nde r-uu'-bora r-ekó-û?*: onde está o resultado de tuas flechas? (p. ex. os inimigos feridos)

Aplica-se com precisão aos ferimentos, sinais ou cicatrizes:

itá-pora ou *itá-por-ûera*: sinal de pedra ou de pedrada; *kysé-pora* ou *kysé-por-ûera*: facada, sinal de faca; *mina-pora* ou *mĩ-bora*: sinal de lança; *pó-apẽ-bora*: unhada, sinal de unhada; *ãĩ-bora* (*t*): dentada, sinal de dentada

746. *Pora* pode ser conjugado como verbo, com pronomes pacientes. Mas quase só aparece na 3.ª p.:

i por: há, está cheio de, é rico em, abunda em; *nd' i por-i* ou *i por-eym*: não há, está vazio, pobre, não contém nada; *nd' i por-i xe r-oka* ou *i por-eym xe r-oka*: minha casa está vazia; *t-e-mbi-ú amó por-eym-e, a-ú s-oó*: não havendo outra comida, comi carne; *t' i por aîpó îandé î'-e-r-ur-é-saba* (AR. 66): haja, realize-se, faça-se, cumpra-se êsse nosso pedido

747. Com o prefixo *mo-*, *pora* forma o verbo *mo-por* "encher, enriquecer, fazer que tenha efeito, realizar, cumprir, executar":
a-î-mo-por ygasaba: enchi a talha
a-nhe-mo-por: eu me enriqueci
nd' ere-î-mo-por-pe xe nde pûaî-taba?: não cumpres o que te mandei?
e-î-mo-por nde nheenga!: cumpre a tua palavra!

748. Tanto *bora* como *pora* podem levar o sufixo *-bae*, se assim o pedir o sentido:

i mbaé-bor-bae ixé: sou eu que sou rico

749. Na proporção em que *bora* e *pora* perdem a função clara de particulas, formando novas palavras, sofrem e ocasionam mais freqüentes metaplasmos.

EXERCÍCIOS

750.

ygé (*t*): barriga
nambi-pora: orelheira
ekó-aba (*t*): lugar de estar
pó-asá'-bora: sinal de pancada (com as mãos) ou de pedrada
îá: um pouco de

751. **îá** "um pouco de", "uma pouca de" (água, comida, etc.): *e-î-meeng y îá ixé-bo* "dá-me um pouco dágua"; *e-r-ur îá* "traze-me um pouco". — Seguido do gerúndio de "comer" (*gû-á-bo*), êste se modifica para *r-û-á-bo* ou *r-a-gû-ábo*: *e-kûãî y îá r-a-gû-á-bo* "vai beber um pouco dágua!"; *îor-í uí îá r-û-á-bo* "vem comer um pouco de farinha!".

752. *Abá-pe o-î-apó ybaka i pora abé? Tupã. "Mamó-pe Tupã r-ekó-û* (está)*? Ybak-pe, yby-pe, opá-katu mbaé mo-por-i"* (AR. 22). — *"Nd' asé r-etama ruã-te-pe ikó yby asé r-ekó-aba? N' aan-i. Ybaka-por-ama r-esé é Tupã asé mo-nhang-i; atar-amo é asé r-ekó-û* (estamos) *ikó yby pupé"* (AR. 23). — *Nda xe r-ygé-por-i. E-îor-í y îá r-a-gû-á-bo. A-ú y uman. Nd' a-é-î uí îá r-û-á-bo ranhé. — Marã-namo-pe nd' ere-î-mo-ndeb-i nambi-pora? Nda ixé ruã i nambi-por-bae, xe r-ybyra-te. — Mbaé-pe aîpó-bae? Mbó-asá'-bora.*

753.

febricitante: *akanundu'-bora*	ordem: *nheenga*
talha: *ygasaba*	encher: *mo-por*
doente: *marár-ara, marár-á'-bora*	facada: *kysé-pora*

754. Entre os tupinambás, *marár-ara* é o "doente grave, nas últimas".

755. Dá de comer àquêle faminto. Vai, dá-lhe (*permiss.*) um pouco de farinha. Quero também um pouco dágua. Não há. Bebe um pouco de cauim. Não. Estou febricitante. Estás doente? Que é isso no teu rosto? Foi uma facada. — Vai ao poço e enche uma talha. Já cumpriste minha ordem? — Que significa, na língua dos índios, *e-mi-ú-e-ro-kûab?* Significa "servir a comida a". E como se diz "dar de comer"? Diz-se *poî* ou *mo-ngaru* ou *mo-mbaé-ú*. E que significa *useî-bora mo-y-ú?* Significa "dar de beber aos que têm sêde". E como se diz "dar de comer aos que têm fome"? Diz-se *amby-asy-bora poî-a.*

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 31-32; FIGUEIRA 117; MONTOYA 30-31; RESTIVO 241; 278; 299; CAETANO 78; 62-63; L. BARBOSA 187.

PARTICÍPIO *PYRA*

756.

	PRES.	FUT.	PASS.
af.	*pyra*	*pyr-ama*	*pyr-ûera*
neg.	*pyr-eyma*	*pyr-am-eyma*	*pyr-ûer-eyma*

	PASS.-FUT.	FUT.-PASS.
af.	*pyr-am-bûera*	*pyr-ûer-ama*
neg.	*pyr-am-bûer-eyma*	*pyr-ûer-am-eyma*

757. É particípio passivo, de agente indeterminado. Indica o paciente da ação verbal. Traduz-se pelo nosso particípio passado. Só o podem ter os verbos transitivos.

758. FORMAÇÃO. — Junta-se ao tema do verbo, precedido do pronome objetivo da 3.ª p. (o mesmo do infinito):

i îuká-pyra: morto, matado
i xok-pyra: pilado
s-ausub-pyra: amado
s-e-r-ur-pyra: trazido

759. O verbo de final nasal nasaliza o sufixo, ocasionando metaplasmos:

i mo-sãî-byra: espalhado
pobã'-byra: fiado
i tym-byra: enterrado
mo-nhã'-byra: feito

Há também *mo-nhang-i-byra*, etc. (n. 20).

760. O negativo e os tempos se formam normalmente:

i îuká-pyr-eyma: não morto, o que não é morto
i îuká-pyr-ama: o que será morto
i îuká-pyr-am-eyma: o que não será morto
i îuká-pyr-ûera: o que foi morto
i îuká-pyr-ûer-eyma: o que não foi morto
i îuká-pyr-am-bûera: o que ia ser morto (e nãc o foi)
i îuká-pyr-am-bûer-eyma: o que não ia ser morto (e não o foi

i îuká-pyr-ûer-ama: o que deixará de ser morto
i îuká-pyr-ûer-am-eyma: o que não deixará de ser morto

761. O sufixo *pyra*, sobretudo no futuro, corresponde, por vêzes, às terminações portuguêsas "vel" ou "ndo". Traduz-se também com "deve" *(fut.)* e "devia" *(pass.-fut.)*:

s-ausub-pyr-ama o que é amável, o que deve ser amado

762. Quando complemento predicativo, êste particípio pode antepor-se ou pospor-se ao sujeito. Mas o pronome é sempre o da 3.ª p.:

i îuká pyr-ama ixé: eu é que devo ser morto; *i îuká-pyr-am-bûera endé*: tu é que devias ser morto

763. Como complemento predicativo, leva, na forma negativa, *nda...ruã* (n. 184):

nda i îuká-pyr-ûera ruã ixé ou *nda ixé ruã i îuká-pyr-ûera*: não sou eu que fui morto; *nda i îuká-pyr-ama ruã aîpó-bae*: não é êsse que deve ser morto

764. Como complemento atributivo, o particípio pode perder o pronome:

o-îabab t-obaîara i îuká-pyr-am-bûera ou *o-îabab t-obaîara îuká-pyr-am-bûera*: fugiu o inimigo que devia ser morto

765. Incluindo o sentido de "ter", nega-se com *nda* e *-i*. Forma que aparece por vêzes na 3.ª p. impessoal:

nd' i ú-pyr-i: não há (meio de) ser comido, não se acaba de comer

766. Com êste particípio se esclarece a dúvida que possa haver acêrca do paciente de uma frase:

kunhã mboîa o-îuká; kunhã i îuká-pyra

A 1.ª frase pode significar tanto "a cobra matou a mulher" como "a mulher matou a cobra"; a 2.ª frase esclarece: "a mulher é a que foi morta".

767. *Pyra* supre, em parte, a falta da voz passiva. Mas em geral não admite expresso o agente ou complemento de causa eficiente. Não se traduzirá com o particípio *pyra* uma frase como esta: "o homem morto por mim". Devendo-se exprimir o agente, usa-se o particípio *t-e-mi-* (n. 773). Excetua-se apenas o caso em que o agente seja o pronome *pab* ou um dos seus derivados, os quais podem ficar incorporados ao verbo, antes de *pyra*: *i kuá'-pab-ẽ-byra*: conhecido de todos.

Como *pyra* é particípio de objeto direto, para seu correto emprêgo importa conhecer bem a regência do verbo tupi, nem sempre igual à portuguêsa. Assim *i mbo-é-pyra* "o ensinado", *i pûaî-pyra* "o mandado" se referem sempre à *pessoa* que recebe o ensino ou a ordem, nunca à cousa que se ensina ou manda, pois *mbo-é* e *pûaî* exigem complemento direto de pessoa e indireto de cousa. O particípio de objeto indireto é *saba* (n. 798).

768. Com o verbo *ur* "vir" (n. 884), o particípio *pyra* traduz as nossas locuções "vir de ser (+ partic. passado)", "acabar de ser (+ partic. passado)": *a-ûur i mupã-byr-ûera*: venho de ser batido, açoutado

EXERCÍCIOS

769.

ybygûá: ventre (inferior)
uba: coxa
gûarakapá: escudo
mo-îe-gûak: enfeitar
mo-ruru: pôr de môlho
air (*s*): riscar, fazer incisões em

770. *Gûarinĩ-sara o-gûe-r-ekó o gûarakapá, o gûyrapara, og-uuba gûyrá pepó-pûera pupé i mo-îe-gûak-pyra. — I mo-ruru-pyra-p' ikó soó pir-ûera? Aan-i. I mo-ruru-pyr-eyma. I mo-ruru-pyr-ama. — Abá-pe i îuká-pyr-ama? Nda ixé ruã, endé-te i îuká-pyr-ama. O-îabab i îuká-pyr-am-bûera. Aan-i. Nd' o-îabab-i i îuká-pyr-am-bûera, i îuká-pyr-am-bûer-eyma-te. — Apŷaba o eté-pe s-air-pyra amé. Kunhã og-u'-pe, o ybygûá-pe, o ykê abé-pe nhó-te s-air-pyra. — Abá-pe s-air-pyr-ama? Apŷaba t-obaîara amó o-îuká-bae-pûera. I mo-mbeb--pyr-ûera-pe nde memby' tĩ?*

771.

colhêr: *yky*
coar: *mo-gûab*
esperar: *aarõ* ou *arõ* (*s*)
ralar: *eé* (*s*)
mondar: *kapir*
amassar: *aîuká*
escrever: *kûatiar*
esmagar: *kumirik*

772. Não será chorado aquêle que não chora os que morreram. — Onde as frutas colhidas estão (*r-ekó-û*)? — Arcos quebrados. Maracás furados. Milho espalhado. Mandioca ralada. Foram as cousas encontradas nas antigas aldeias. — Está coado êste caldo? — Quem é

esperado hoje aqui? Já foi visto aquêle que é esperado? Não é muito estimado quem não é muito esperado. — Não devia ser morto o filho do prisioneiro? E o filho da escrava? — Quem é que deve matar (o que matará) o prisioneiro? Não sou eu o que o deve matar. Não há quem o mate. O que o devia matar foi morto. — Não deve ser amassado o pão? — Que é o que foi esmagado? — Já vistes a pedra escrita?

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 19v; 32; FIGUEIRA 107-109; 116; MONTOYA 31; 43-45; RESTIVO 98-100; 158-160; CAETANO 50-60; ADAM 65; L. BARBOSA 187.

Preparação do cauim (STADEN)

PARTICÍPIO *MI-* OU *MBI-*

773. É particípio passivo, de agente expresso. Indica o objeto direto do verbo transitivo. Corresponde ao relativo "que" (objeto direto) ou ao particípio passado português.

774. Prefixa-se ao verbo na forma do infinito, despido de pronomes. Em geral, requer os prefixos de classe *t-e-* e *s-e-* (n. 236, 238):

AFIRMATIVO	NEGATIVO
t-e-mi-îuká: o que é morto	*t-e-mi-îuká-eyma*: o que não é morto
t-e-mi-îuká-pûera: o que foi morto	*t-e-mi-îuká-pûer-eyma*: o que não foi morto
t-e-mi-îuká-rama: o que será morto	*t-e-mi-îuká-ram-eyma*: o que não será morto
t-e-mi-îuká-ram-bûera: o que ia ser morto	*t-e-mi-îuká-ram-bûer-eyma*: o que não ia ser morto
t-e-mi-îuká-pûer-ama: o que terá sido morto	*t-e-mi-îuká-pûer-am-eyma*: o que não terá sido morto

mi-îuká: morto por

Cl. sup.: *t-e-mi-îuká*: morto (por g.)
Cl. inf.: *s-e-mi-îuká*: morto (por ser inf.)

xe r-e-mi-îuká: morto por mim
nde r-e-mi-îuká: morto por ti
s-e-mi-îuká: morto por êle
o e-mi-îuká: morto por êle (refl.)
abá r-e-mi-îuká: morto pelo índio
îandé ou *oré r-e-mi-îuká*: morto por nós
pe r-e-mi-îuká: morto por vós
s-e-mi-îuká: morto por êles
o e-mi-îuká: morto por êles (refl.)
asé r-e-mi-îuká: morto pela gente

A forma, é claro, vale para o feminino e plural:

xe r-e-mi-îuká: morto, morta, mortos, mortas por mim

Outros exs.:

nde r-e-mi-îuká-ram-eyma: o, a, os, as que não matarás, que não será morto (*ou* não serão mortos) por ti; *s-e-mi-mo-nhang-îera*: o que êle fêz, o feito por êle; *o e-mi-tym-am-bûera*: o que êle ia enterrar; *mboîa r-e-mi-xuí-pûera*: o que a cobra mordeu; mordido por cobra

775. Nisto se distingue *t-e-mi-* de *pyra:* em que requer o agente expresso, ou pelo menos o índice da classe.

Obs.: Uma mesma palavra não pode levar os dois afixos (*t-e-*)*mi-* e *pyra*. Parece lapso o único ex. em contrário, no rosto da 1.ª ed. do *Catecismo* de Araújo: *xe r-e-mi-pysyrõ-byra* "o(s) que eu salvei"

776. O substantivo ou pronome correlativo de "que" se antepõe:

o-manó gûyrá oré r-e-mbi-ar-ûera ou *gûyrá oré r-e-mbi-ar-ûera o-manó*: morreu o passarinho que apanhamos *ou* apanhado por nós; *xe kybyra o-s-epîak uuba kunumĩ r-e-mi-ekara*: meu irmão viu a flecha que os meninos procuram

777. Nas orações predicativas, o particípio de preferência vem depois, e na forma negativa pede *nda* e *ruã:*

a ti é que eu vejo: *nde xe r-e-mi-epîaka*; melhor: *xe r-e-mi-epîaka ndé;* a ti é que não vejo: *nde xe r-e-mi-epîak-eyma;* melhor:

xe r-e-mi-epîak-eyma nde; não é a ti que vejo: *na nde ruã xe r-e-mi-epîaka;* melhor: *xe r-e-mi-epîaka na nde ruã;* ou *ne nda xe r-e-mi-epîaka ruã;* melhor: *nda xe r-e-mi-epîaka ruã nde;* não é a ti que não vejo: trad. iguais às da frase anterior, substituído apenas *r-e-mi-epîaka* por *r-e-mi-epîak-eyma*

778. Há também a forma *(t-e-)mbi-*, que ocorre com muitos verbos monossilábicos ou começados por vogal. Nunca com verbos de inicial nasal:

(t-e-)mbi-ausuba ou *(t-e-)mi-ausuba*: amada (escrava)
(t-e-)mbi-ara ou *(t-e-)mi-ara*: apanhado (prisioneiro ou animal)
(t-e-)mbi-ú ou *(t-e-)mi-ú*: o que é comido (comida)
(t-e-)mbi-poîa ou *(t-e-)mi-poîa*: o que é sustentado
(t-e-)mi-nupã (não *t-e-mbi-nupã*): o que é batido, açoutado

779. Produzem-se vários metaplasmos (n. 28):

py: soprar	*mi-mby*: soprado; (flauta)
pûaî: mandar	*mi-mbûaîa*: mandado; (servo)
kaú: fazer papas	*mi-ngaú*: feito papas; (mingau)
typyrõ: ensopar	*mi-ndypyrõ*: ensopado; (pirão)
suú: morder	*mi-nduú*: mordido
potar: querer	*(t-e-)mi-motara* ou *(t-e-)mi-mbotara*: o que se quer
porará: sofrer	*(t-e-)mi-porará* ou *(t-e-)mi-mbo-rará*: o que se sofre

De *esyr* (*s*) "assar", *mi-xyra* "assado".

A palavra *mimbaba* "criação" (n. 254) é composta de *mi-*. O 2.º elemento é duvidoso: talvez algum verbo transitivo extinto.

780. Às vêzes o particípio se substantiva:

t-e-mi-r-ekó: a que é tida, possuída (a mulher)
(t-e-)mbi-ausuba: a amada (a escrava; por extensão: o escravo)
(t-e-)mbi-ara: o que é apanhado (em caça *ou* guerra) (animal *ou* prisioneiro)
(t-e-)mbi-ú: o que se come (a comida)

V. outros exs. n. 247.

OBS. — Como se vê, o prefixo *t-e-*, de cl. sup., tendia a desaparecer.

781. Os verbos formados com o prefixo *ro-* (n. 500) levam um *e* entre *t-e-mi-* e o tema:

t-e-mi-e-ro-îe-upira: levado de subida
xe r-e-mi-e-r-ur-am-bûera: aquêle que eu devia ter trazido
ikó-n' ikó pe r-e-mi-e-ro-pytá-rama: é com êste que ficareis

782. O verbo *r-ekó* "ter" segue essa regra; mas quando o particípio se substantiva no sentido de "espôsa", perde o *e:*

t-e-mi-e-r-ekó: o que é tido, possuído, o que está com (gente)
t-e-mi-r-ekó: espôsa
s-e-mi-e-r-ekó: o que êle tem
s-e-mi-r-ekó: a mulher dêle

783. A tendência é para desaparecerem os prefixos de classe dêsses particípios, especialmente quando substantivados:

mi-mby: o que é soprado (flauta)
mi-tyma: o que é plantado (horta)
marã-namo-pe asé "mi-ú" i é-û i xupé? (Ar. 27): por que a gente a chama "comida"?

784. Como atributivo, estreitamente ligado ao substantivo, o particípio pode também perder os prefixos *t-e-* e *s-e-:*

soó mi-mõîa: carne cozida

785. Precedido de genitivo ou possessivo, o particípio, mesmo substantivado, segue o paradigma *eté* (n. 238):

xe r-e-mi-mõîa: meu cozido — *kunhã r-e-mi-mõîa*: o cozido da índia
xe r-e-mi-mby: minha flauta — *abá r-e-mi-mby*: a flauta do índio

Mas v. n. 249.

786. O reflexivo *nhe-*, com os particípios substantivados, forma verbos reflexivos, dispensando o prefixo *mo-* (*nhe--mo-*, n. 486):

o-nhe-mi-mõî soó: coze-se a carne

787. Exemplos de MONTOYA e do *Vocabulário na Língua Brasílica* parecem indicar que do particípio se fizessem verbos intransitivos:
minby: intr. tocar (instrumento de sôpro)
mixyr: intr. ficar assado

788. Precedidos de pronome pessoal, os particípios podem incluir o sentido de "ter" (n. 350):

mbo-é: ensinar

(*t-e-*)*mi-mbo-é*: discípulo
xe r-e-mi-mbo-é: tenho discípulo (*e* meu discípulo)
nda xe r-e-mi-mbo-é-î: não tenho discipulo
s-e-mi-mbo-é-bae: os que têm discípulos
s-e-mi-mbo-é-bae-pûer-eyma: os que não tiveram discípulos

789. Precedidos de *mo-* ou *nhe-mo-*, tornam-se verbos transitivos ou reflexivos:

porará: sofrer

(*t-e-*)*mi-mborará*: o que se sofre, sofrimento
a-î-mo-e-mi-mborará: faço-o sofrer
a-nhe-mo-e-mi-mborará: causo-me sofrimento, faço-me sofrer
o-nhe-mo-e-mi-mborará-bae: os que se causam sofrimento
xe r-e-mi-mo-e-mi-mborará-pûera: aquêle que eu fiz sofrer

ausub: amar

(*t-e-*)*mi-ausuba*: escravo
mo-mi-ausub: escravizar, tomar cativo
i mo-mi-ausub-pyra: os cativos

790. O particípio *t-e-mi-* supre parcialmente a falta de voz passiva (n. 767).

791. Com a preposição *-ramo* (n. 619) e o particípio *t-e-mi-*, forma-se um modismo de largo emprêgo na língua, correspondente ao ablativo absoluto latino:

oré r-e-mi-endub'-amo, aîpó i é-û: isto êle disse, estando nós a ouvi-lo; *o-îe-pó-eî t-eyîa r-e-mi-epîak'-amo* (AR. 87): lavou as mãos à vista da multidão; *s-e-mi-epîak-pab-ẽ-namo-pe mbaé tetiruã kuá'-î?* (AR. 43): acontecem tôdas as cousas, [sendo] vistas por êle? (i. é: vê êle (Deus) tôdas as cousas que acontecem?)

792. Como *t-e-mi-* é particípio de objeto direto, para seu correto emprêgo é mister conhecer bem a regência do verbo tupi (n. 767).

793. No tupi colonial encontram-se inexatamente traduzidas, por vêzes, as palavras e frases formadas com *t-e-mi-*:

t-e-mi-mborará: sofrimento — *t-e-mi-mbotara*: vontade

A versão precisa é concreta, não abstrata; objetiva, não subjetiva:

"a cousa sofrida" — "a cousa desejada"

EXERCÍCIOS

794.

mo-syryk, mo-syryryk: fritar
esyr (s): assar (em brasa)
mi-xyr: intr. assar-se
mi-xyra: assado (subst. e particíp.)
mo-in: cozer
mi-mõîa: cozido
îyb: intr. estar cozido *ou* assado
mo-îyb: cozer, assar
pokek: embrulhar
typyrõ: tr. pôr de môlho, ensopar
atyb: cobrir

ama, n' ama, amé, n' amé: ser costume, uso

mo-kaẽ: tostar (à fumaça e ao fogo)
mbi-ar-yby: carne assada em covas
mo-e-mbi-ar-yby: assar carne em covas
kaú: tr. fazer papas de (*obj. dir.*: farinha)
pukuî: mexer
tuîuk: intr. apodrecer (carne, fruta, etc.)
îuk (xe): id. (madeira, corda, etc.)
îuky'-taîa: sal com pimenta
îukyr-apûã: bolota de sal
ybyra-pesẽ: colher de pau

795. *Abá o e-mi-ú-rama nd' o-î-mo-eẽ-î amé. Aé-pe karaiba? O-î-mo-eẽ amé. — Abá o-ú s-oó o e-mi-mo-kaẽ-bûera. Karaiba o-ú s-oó o e-mi-mo-syryryk-ûera. — Mbaé-pe s-é katu-eté: mi-ngaú, mi-ndypyrõ, s-oó mi-mõîa, s-oó i mo-kaẽ-byra, kó-n'ipó mi-xyra? S-oó*

mbi-ar-yby s-é katu-eté. Marã-ngatu-pe asé i mo-e-mbi-ar-yby-î? Asé yby kûar-pe i mo-in-i, kaá pupé i pokek-a, i atyp-a bé. — E-î-mo-îyb s-oó. O-îyb umã. — Nd' er-é-î-pe xe r-e-mbi-ú-rama mo-in-a ranhé? Nd' a-é-î. Nd' er-é-î-pe i mo-eẽ-mo ranhé? — S-é katu-pe t-e-mbi-ú xe r-e-mbi-apó-pûera? S-é katu-eté n'amé opá t-e-mbi-ú nde r-e-mbi--apó. — S-é katu serã îukyra t-e-mbi-ú r-esé i mo-nã'-byra? — Mamó--pe t-oó nde r-e-mi-xyr-am-bûera r-ekó-û (está)*? O-tuîuk. — E-î--meeng ixé-be ybyrá-pesẽ, t' a-î-pukuî uí. I îuk umã! — Mbaé-pe s-é katu-eté: îuky-taîa kó-ipó îukyr-apûã?*

796.

nascer [planta]: *enhũî* (*s*) (*xe*)
crescer: *kakuab*
deixar-se vencer por: *mo-e--mbi-ar-îar* [*esé*]
tocar: *abyky*, tr.; *pó-kok* [*esé*]
fazer bolir: *mo-kanãî*
levar de vencida: *nhe*(*-mo*)*-e--mbi-ar-îar* [*esé*]

797. Os índios não salgam a comida antes de a comerem, mas (*-te*) misturam o sal com a comida (*esé*) na [sua] bôca. — A chuva faz crescer o que plantamos. — Quando chove, as plantas nascem e crescem. Quando se arrancam (n. 582) (as plantas) [o que é plantado], elas logo murcham. — Nasceu a árvore que eu plantei. — Falhou o que eu queria fazer. — Estando nós a chamá-lo, passou e não parou (*ger. neg.*). — Misturastes os peixes que eu tinha separado? — Não toqueis naquilo que eu tocar. — Não façam bolir os filhotes do passarinho, que estão no ninho. — A quem é que eu devia ensinar a língua dos índios? Não é a mim. Quem é que me ensinará a língua dos brancos? — Onde estão os inimigos que escravizastes? — Como os levastes de vencida? Êles é que se deixaram vencer por nós.

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 13-14; 19v; 32; FIGUEIRA 115-116; MONTOYA 17-18; 32-33; RESTIVO 94-98; 156-158; CAETANO 50-60; ADAM 65; L. BARBOSA 186.

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

PARTICÍPIO *(S)ABA*

798.

	AFIRM.	NEGAT.	
pres.	*(s)aba*	*(s)ab-eyma*	ou *eymb-aba*
fut.	*(s)ag-ûama*	*(s)ag-ûam-eyma*	" *eym-ag-ûama*
pass.	*(s)ag-ûera*	*(s)ag-ûer-eyma*	" *eym-ag-ûera*
pass.-fut.	*(s)ab-am-bûera*	*(s)ab-am-bûer-eyma*	" *eym-ab-am-bûera*
fut.-pass.	*(s)ag-ûer-ama*	*(s)ag-ûer-am-eyma*	" *eym-ag-ûer-ama*

799. NOÇÃO GERAL. — *(S)aba* forma nomes verbais, substantivos e particípios, que indicam as *circunstancias* do processo verbal ou o próprio *processo verbal* abstrato:

îuká-saba:

1) o lugar, tempo, ocasião, modo, meio, instrumento, companheiro, causa, motivo, fim, efeito, poder de matar
2) a ação de matar, o matar, a matança

gûatá-saba:

1) o lugar, tempo, meio, companheiro, etc. de passear
2) o passear, o passeio

Pelo contexto se induz o sentido em cada caso.

800. FORMAÇÃO — Sufixa-se *saba* ao tema de qualquer verbo; às vêzes, de substantivos, adjetivos, pronomes, até de advérbios.

801. Segue as mesmas regras fonéticas que *(s)ara* (n. 726):

pysyk-aba, tymb-aba, poban-daba, syp-aba, poî-taba, kytĩ-saba, mo-ngaraû-saba ou *mo-ngaraû-aba, abŷ-aba*

802. Mas *(s)aba* pode perder o *s* depois de qualquer vogal; depois de *a* e *e*, pode perder tôda a sílaba *sa*:

aby-saba	ou	*abŷ-aba*	*sykyîé-saba*	ou	*t-ekó-bé-'ba*
îuká-saba	ou	*îuká-'ba*	*t-ekó-bé-saba*	ou	*sykyîé-ba*

803. E se a vogal é nasal, *-ba* se nasaliza em *-ma:*

nupã-saba	ou	*nupã-'ma*	*arõ-saba*	ou	*arõ-ama*
mo-paũ-saba	ou	*mo-paũ-'ma*	*apytĩ-saba*	ou	*apytĩ-ama*
gûarinĩ-saba	ou	*gûarinî-ama*	*t-ekó-tebẽ-saba*	ou	*t-ekó-tebẽ-'ma*

804. Depois de *á*, a sílaba *sa* ou cai inteira, ou permanece inteira:

îuká-saba ou *îuká-'ba* (nunca *îuká-aba*)

805. Mas no passado e no futuro de qualquer verbo, é comum cair só o *s:*

îuká-ag-ûama	e	*îuká-ag-ûera*	*kytî-ag-ûama* e *kytî-ag-ûera*

No futuro, a partícula pode nazalizar-se: *ãg-ûama.* Nos documentos encontra-se *angoama, aõama,* etc.

806. No futuro dos verbos terminados em consoante, há muitas contrações:

epîak-ag-ûama, epîak-ûama; mo-nhang-ag-ûama, mo-nhang-a-ûama, mo-nhang-ûama. Etc.

807. Encontram-se exemplos de verbos que diante de *(s)aba* sofrem apócope da vogal tônica:

sykyîé-saba, sykyîé-'ba ou *sykyî'-aba* (Ar. 316)

808. SUJEITO E OBJETO DIRETO. — Como o infinito, *(s)aba* requer geralmente a anteposição do sujeito, se o verbo não é transitivo. Sendo transitivo, exige antes do tema o objeto direto ou pelo menos o índice de classe (n. 380):

nhandé nheeng-aba: nosso modo, meio, tempo, etc. de falar; nossa fala

xe r-ausup-aba: o modo, etc. de me amar; amarem-me; o amor que me têm

xe por-ausup-aba: o modo como amo, o amor que tenho; meu amor *ou* amar

mor-ausup-aba: o amor, o amar (aos outros)

nho-mo-noong-aba: reunião, conselho (da tribo)

809. TRADUÇÃO. — Conforme o caso, *(s)aba* se traduzirá por um substantivo, pelo infinito ou por uma oração:

nd' a-s-epîak-i i tynb-aba: não vi o seu entêrro, *ou* enterrarem-no; não vi o lugar em que *ou* o modo como o enterraram, etc., *nd' o-î-potar-i asé o epîak-aba*: não quer que a gente o veja; *xe îe-por-aká-saba r-upi i kûab-i, xe r-enõî-eym-a*: passou por onde eu pescava, e não me chamou; *nd' a-î-kuab-i i karu-sag-ûera*: não sei quando *ou* onde, como, com quem, com que, para que, êle comeu; *nde r-epîak-ag-ûama nhó-te r-esé xe îe-byr-i*: voltei sòmente para te ver; *a-î-mo-ang nde xe kuab-ag-ûam-eyma*: cuido que não me reconhecerás; *kó-bae nde só-sab-am-bûera*: esta é a ocasião em que devias ter ido; *nhandé pysyrõ ybyrá suí i gûeîyp-ag-ûera*: desceu da árvore para salvar-nos (lit. salvar-nos foi a causa de ter êle descido...)

810. Dos exemplos se infere que *(s)aba* pode substituir o infinito, sobretudo no passado e no futuro, em que o infinito não é quase usado (n. 337).

Os verbos oxítonos quase não se empregam no futuro do infinito:

eu o vi matar o papagaio: *a-s-epîak aîuru îuká-pûera* ou *îuká-sag-ûera*, quero que não o mates: *a-î-potar nde i îuká-ram-eym-a*; melhor: *îuká-sag-ûam-eym-a*

811. SINTAXE. — Assim como *t-e-mi-* e *pyra* indicam o objeto direto e se traduzem por "que", *(s)aba* pode indicar o objeto direto ou os complementos circunstanciais, e traduz-se por "que", regido de preposição:

ara i xó-saba: o dia em que êle vai; *t-obaîara o-îuká xe r-ayra, îagûara nde i pysyk-ag-ûera*: os inimigos mataram a meu filho, com o qual apanhaste a onça

812. *(S)aba* é o particípio próprio dos verbos que têm objeto regido de preposição. Para seu correto emprêgo é mister conhecer bem a regência do verbo em tupi, nem sempre igual à do português:

sem [*suí*]: *o-kaî taba oré sem-ag-ûera*: a taba de que saímos, pegou fogo

mendar [*esé*]: *aé nde mendá'-sab-am-bûera*: é com êle que devias ter-te casado

maenduar [*esé*]: *maenduá'-saba*: o de que (a gente) se lembra; lembrança
cre-kuab-pe xe maenduá'-saba?: sabes de que me lembro?

maẽ [*esé*]: *t' a-î-kuá'-meeng nde-bo xe maẽ-saba-ne*: mostrar-te-ei o que estou olhando

813. Os verbos que têm complemento direto e indireto, exigem o complemento direto antes do particípio:

meeng [*supé*]: *abá peẽ inĩ meeng-ag-ûera o-y-asab* ou *abá inĩ pe i meeng-ag-ûera o-y-asab*: o homem a quem destes a rêde, atravessou o rio

mbo-é [*esé*]: *oré r-amũî-etá nd' o-î-kuab-i pe oré mbo-é--saba*: nossos antepassados não conheceram o que nos ensinais

814. Os verbos que têm dois complementos indiretos, podem levar o particípio *(s)aba* em qualquer dêles, conforme o sentido:

porandub [*esé*] e [*supé*]:

nd' a-î-kuab-i kunumĩ morubixaba supé kunhã porandup-ag-ûera ou *nd' a-î-kuab-i kunumĩ kunhã morubixaba supé i porandup-ag-ûera*: não conheço o menino pelo qual a mulher perguntou ao chefe; *nd' a-î-kuab-i morubixaba, kunumĩ r-esé kunhã porandup-ag-ûera* ou *nd' a-î-kuab-i morubixaba kunhã kunumĩ r-esé i parandup-ag-ûera*: não conheço o chefe ao qual a mulher perguntou pelo menino

815. Também os verbos retransitivados (n. 531) usam do particípio *(s)aba*, para se referirem ao substantivo incorporado, e não ao novo objeto direto. Cpr. as frases:

o-kó-meeng Itaîyba supé: deu roça a Itajiba; *o-î-kó-meeng Itaîyba*: deu roça a Itajiba (obj. dir. em tupi: Itajiba); *xe kó-meeng*: deu-me roça (obj. dir.: *xe*); *Itaîyba kó-meeng-aba*: a que é dada por roça a Itajiba; *xe kó-meeng-aba*: a que me é dada por roça

O objeto direto dessas frases *é Itaîyba* e *xe*. Donde os particípios:

i kó-meẽ'-byr-a: a quem é dada roça; *xe r-e-mi-kó-meeng-a*: a quem dei roça

816. Com verbos não-transitivos, o particípio *saba* pode implicar tradução passiva: *maenduá'-saba* cousa lembrada; *t-e-saraî-taba* cousa esquecida (pela gente).

817. O substantivo a que se refere o particípio pode estar regido de preposição: esta se coloca após o particípio. Cpr.:

nd' a-î-kuab-i i xó-sag-ûama: não conheço o lugar *a* que êle irá; *a-ikó-bé i xó-sag-ûã-me*: vivi *no* lugar *ao* qual êle irá; *o-manó abá nde r-uuba nde i meeng-ag-ûera*: morreu o homem *ao* qual deste tuas flechas; *e-î-meeng kó gûyrapara abá nde r-uuba nde i meeng-ag-ûera supé*: dá êste arco *ao* homem *ao* qual deste tuas flechas; *xe r-esaraî nde maenduá'-sag-ûera r-esé paîé supé xe porandub-am-bûera r-esé*: esqueci-me de perguntar ao pajé pelo homem do qual te lembraste

PARTICÍPIO *SABA* PREPOSICIONADO

818. As preposições e outras partículas delimitam o sentido, de si vago, do particípio:

819. **esé** ou **rí** (n. 605): "por, para":

xe porandup-ag-ûama r-esé nde-be, a-îur: vim para te perguntar; *nde î'-e-r-ur-é-ag-ûera r-esé xe îo-upé, aîpó a-é*: digo-o, porque mo pediste

820. **-pe** (n. 140)

1. — "em, a" (locativa):

muamb-á'-pe: no assalto, no lugar da batalha, etc.; *abá amó o anam-bûera o-tym amé s-ok-ûer-pe*; *abá amó, o-nho-tym-bae okar-pe, i tymb-ag-ûer-pe tapyî-ĩ mo-nhang-i amé*: uns índios enterram seus parentes em suas (dos parentes) antigas casas; outros, que os enterram fora, constròem uma pequena choupana no lugar em que os enterraram

2. — Corresponde às vêzes ao gerúndio, ou ao infinito seguido de *-reme:*

xe nde r-enõî-dá'-pe (ou *r-enõî-me*), *t' ere-só-ne*: quando eu te chamar, vás!; *xe nde r-epîak-á'-pe* (ou *r-epîak-a*), *t' oro-enõî-ne*: vendo-te, eu te chamarei

3. — "porque, por":

xe mará-ar-ag-ûé'-pe, xe pytá-û: fiquei porque estava doente; *endé xe sy r-ausup-á'-pe*: pelo amor que tens a minha mãe

4. — "com, -mente":

koriteĩ-sá'-pe: apressadamente, com pressa

5. — Seguido de *umã:* "já está em (tempo)":

karu-sá'-pe umã: já é (está na) hora de comer; *ybá ú-sá'-pe umã*: já está em tempo de se comer a fruta; *muamb-á'-pe xe só-sá'-pe umã*: já está em tempo de eu ir à batalha

Com *nd' a-é-î... ranhé* (n. 467):

nd' e-í t-e-mbi-ara r-eõ-sá'-pe ranhé: ainda não é hora de morrer o prisioneiro; *nd' er-é-î nde mendá'-sá'-pe ranhé*: ainda não estás em tempo de casar

821. **-ramo** (n. 619): "como, na qualidade de, segundo":

t' a-nheeng xe nheeng-ab'-amo: falarei segundo o meu modo de falar

822. *(S)aba* aparece também junto a substantivos, pronomes, advérbios e até frases:

kaá mboî-etá-saba r-upi a-gûatá: passei por um mato em que há muita cobra; *nde-sá'-pe xe r-uba r-eõ-û*: no lugar em que estás, meu pai morreu

823. FORMA NEGATIVA. — Quando o particípio é complemento predicativo, o advérbio negativo é *nda...ruã* (n. 184):

nda xe porandup-ag-ûera ruã: não é aquêle pelo qual perguntei; *ou* a quem perguntei

824. Incluindo o sentido de "ter", nega-se com *nda... -i* (n. 352):

nda xe porandup-ag-ûer-i: não tenho pelo que perguntar; a quem perguntar; *nd' i porandup-ag-ûer-i*: não tem pelo que perguntar; a quem perguntar; *nda xe s-ausup-ab-i*: não tenho como amá-lo; *nda xe r-ausup-ab-i*: não há meio de êle me amar

825. É muito usado sobretudo na 3.ª p. impessoal negativa:

nd' i papá-sab-i: não há (modo de) contá-los; não têm conta; *nd' i gû-ab-i*: não há (modo de) comê-los, de acabar de comê-los

826. SUBSTANTIVOS ABSTRATOS. — No tupi colonial, principalmente literário, delineava-se a tendência para dar accepção abstrata às palavras formadas com *(s)aba*:

porang-aba: beleza
î'-e-ro-bîá'-saba: confiança
syk-aba: chegada
maenduá'-saba: lembrança
mo-asyp-aba: contrição
mor-ausup-aba: amor

A tendência se acentuou mais no guarani antigo e no tupi moderno.

827. (*S*)*aba* forma também ordinais: *i mo-sapy'-saba* (AR., 1.ª ed., 154v.): o terceiro dêles

EXERCÍCIOS

828.

nhãîa: fonte, ponto de beber água
y-ekó-aba: regato
syk: chegar; juntar-se
y-tororoma: bica dágua
tatobapy: entrada da aldeia, primeiras casas
pé-ypy: id., antes das primeiras casas

829. **Tatobapy** segue *taba* (n. 259); **pé-ypy** segue *pé* (n. 252).

830. *Pindá mo-nhang-aba. — Pirá syk-aba. — Sorok-aba. — Paranã epîak-aba. — Kaá asap-aba. — Mbaé nhãî-pe nhandé nho-obaitî-ag--ûama? Aîpó y-ekó-aba nde nhe-mo-akym-ag-ûer-pe. — I katu-pe y-tororoma nde y gû-aba? — Ere-kûab-pe umã taba oré só-sag-ûama r-upi? A-kûab umã s-apé-ypy, i tatobapy r-upi abé. — Nd' e-í karu--sá'-pe-pe ranhé? Nd' e-í ranhé. — Abá-pe nde r-e-mi-kó-meeng-a? Pindobusu. — Na Pindobusu ruã i kó-meen'-byr-am-bûera. Marã--namo-pe? — Mbaé-pe Pindobusu kó meeng-ag-ûera? Aîpó-bae pe r-e-mi-asag-ûera. — "Marã-pe i mo-ngaraib-pyra r-enõî-dab-eté?"* (AR. 16). — *"S-etá-pe erimbaé aîpó î-ara? S-etá: n' i papá'-sab-i îandé-be"* (AR. 45). — *Xe r-ayt, a-î-mo-ang nde r-eõ-ag-ûama koyte.*

831.

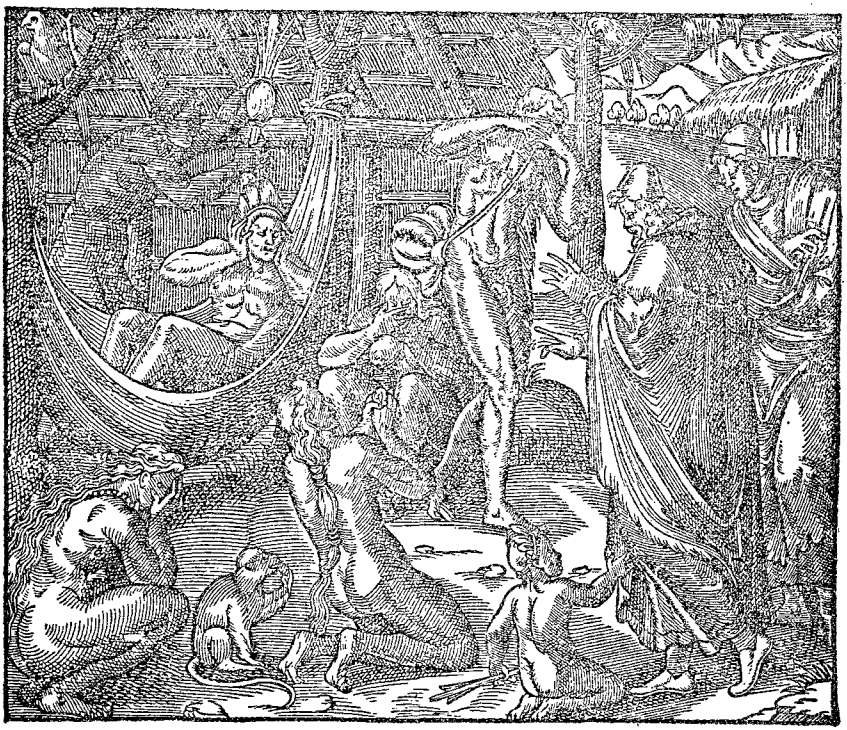
trôco, paga: *ekobîara* (*t*)
Estrêla dalva: *Pirapanema, îasy-t-atá-gûasu, îaguara*
Plêiades, Setestrelo: *Seixu*
baía, enseada: *kuá*
Via-Láctea: *Tapiirapé*
Angra dos Reis: *Okarusu*
ser fundo: *ypy* (*t*) (*xe*) (n. 241)

832. É funda a enseada pela qual passaram as jangadas? — O branco em que bateste chamou os seus companheiros para te matar na casa em que dormes. — Como se chama aquela estrêla, perto da qual passou a lua? É a Estrêla-dalva? Não. Ela não tem nome. E como se

chama aquela multidão de estrêlas? Chama-se Via-Láctea. — Por que dissestes que a chuva vai chegar? Porque (*-reme*) já apareceu (*o-îe-kuab*) no céu o Setestrelo. — Conheces a aldeia para a qual estás olhando? Conheço. É Angra dos Reis. — Já sabes o nome daquela estrêla pela qual me perguntaste? — Dou-te esta rêde em (como) paga (trôco) da que me deste e que me furtaram.

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 19; 28v-29; 32v-33; 42v; 48; FIGUEIRA 116-120; MONTOYA 16; 18; 25; 33-34; RESTIVO 100-109; 161-169; CAETANO 50-57; 58-60; ADAM 58-65; L. BARBOSA 188.



Saudação lacrimosa (THEVET)

PARTICÍPIO *SÛARA*

833.

AFIRM.

pres.	*sûara*	
fut.	*sûar-ama*	ou *sar-ama*
pass.	*sûar-ûera*	" *sar-ûera*
pass.-fut.	*sûar-am-bûera*	" *sar-am-bûera*
fut.-pass.	*sûar-ûer-ama*	" *sar-ûer-ama*

NEGAT.

pres.	*sûar-eyma*	
fut.	*sûar-am-eyma*	ou *sar-am-eyma*
pass.	*sûar-ûer-eyma*	" *sar-ûer-eyma*
pass.-fut.	*sûar-am-bûer-eyma*	" *sar-am-bûer-eyma*
fut.-pass.	*sûar-ûer-am-eyma*	" *sar-ûer-am-eyma*

834. Em geral significa "o que costuma ser", "o que costuma estar".

Sufixa-se a complementos circunstanciais, isto é, a substantivos, pronomes, infinitos preposicionados, ou a advérbios e locuções adverbiais.

835. Assume também a forma *ndûara,* que chega a ser mais usada que *sûara,* sobretudo quando precede nasal. Depois de *i,* em geral se converte em *xûara.* Depois de consoante, *ixûara.* Depois de *y* e mesmo de *i,* torna-se *gûara.*

maraká pupé-sûara ou *ndûara*: o que está dentro do chocalho
t-enondé-sûara (ANCH. 10): o que está (*ou* vai) à frente

ara îabiõ-ndûara: (o que é) de cada dia, quotidiano
îepi-ndûara: (o que é) de sempre
erimbaé-ndar-ûera: o que foi de antigamente, antigo, antiquado
kori-ndûara: (cousa) de hoje, hodierno
kûesé-ndar-ûera: cousa de ontem
oirã-ndar-ama: cousa de (para) amanhã
nã-ndûara: o que é assim
iké-ndûara n' ikó: êste é daqui
ybak-i-gûara ou *ybak-y-gûara*: o que está no céu

Nos documentos aparecem as formas *soara, ndoara, xoara, goara*, etc; mas *o* tem aí um som surdo como na antiga grafia portuguêsa "agoa" (água).

836. São as seguintes as partículas a que mais de freqüente se sufixa:

-pe: o que está em, o que mora em; o que é de (*lugar, nação*, etc.):

yby-pe-sûara ou *ndûara*: o que está na terra, terreno; *paranã-me-ndûara*: o que está no mar, marítimo; *nhũ-me-ndûara*: o que mora no campo; *ybak-pe-sûara* ou *ndûara*: o que está no céu, celeste; *xe r-etã'-me-ndûara*: o que está na (*ou* é da) minha terra; *pó-pe-sûara*: o que está nas mãos: armas; *tĩ-me-ndûara* (ANCH., *ib.*): o da frente ou dianteira

pupé: o que está dentro de

y pupé-sûara ou *ndûara*: o que está dentro dágua; *karamemûã-me-ndûara*: o que está dentro da caixa

supé: o que é para, o que se destina a, útil para

Mboîoby supé-ndar-ama: o que se destina a Mboiobi; *mbaé ixé-be-sûara*: cousa (que é) (útil) para mim; *i xupé-sar-ûera ixé*: fui útil a êle

-bo: o que está por, o que anda por, o que é por (de)

kaá-bo-ndûara: (animal) que anda pelos matos, montês; *ar'-bo-ndûara*: o que é de cada dia, quotidiano; *yby-bo-ndûara*: o que anda pelo chão

-i: o que está em (*sítio*)

t-aky-pûer-i-xûara ou *gûara*: o que está atrás de (gente); *xe ybyr-i-xûara*: o que está ao longo de minha pessoa

esé ou **rí:** o que é referente, pertencente, tocante a; o que é de

xe r-esé ndûara ou *ixûara*: o que se refere a mim; *Pindobusu r-esé ndar-ama* ou *ixûar-ama*: o que está destinado a Pindobuçu; *xe r-esé-ndûara ebokûeîa* (VLB 339 ad.): isso está destinado a mim

Aparece também a forma *esé-indûara*.

-ramo: o que é para (que seja). Muito usado no futuro:

e-ra-só kó pirá kang-ûera nde pindá-ramo-ndar-ama: leva esta espinha de peixe, para (que seja) teu anzol

-reme: o que é de *ou* para quando, o que se refere ao tempo em que:

xe só-reme-ndûara: tocante ao tempo de eu vir; *xe só-reme-ndar--ûera*: tocante ao tempo em que fui; *xe só-reme-ndar-ama*: tocante ao tempo em que irei; para quando eu fôr

upi: o que está por, segundo, conforme, de acôrdo

s-upi-ndûara: o que está de acôrdo, o que é verdadeiro

837. Para exprimir nacionalidade, o sufixo se apresenta amiúde sob a forma *gûara* ou *qûana*, precedido da preposição *-i*, que muitas vêzes se elide se vem depois de *y*:

tatobapy-gûara: natural ou morador da fronteira; *kaá-î-gûana*: o que mora no mato, natural do mato; *nhũ-î-gûana*: o que mora no campo, natural do campo; *Pakatá y-gûara*: natural ou morador de Porto-Seguro; *ybytyr-i-gûara* ou *ybytyr-i-gûana*: morador ou natural da serra; *ybak-i-gûara*: o que mora no céu, celestial; *mamó-î-gûara*: morador de outra parte, forasteiro

— No caso, há certa indecisão entre *-i* e *y*, nos autores.

PARTICÍPIO *SÛERA*

838. Significa "aquêle que costuma", "que freqüentemente".

Só se usa com os verbos não transitivos. Exige os pronomes pacientes. Precedido de nasal: *ndûera;* de consoante: *ixûera:*

atá-sûera: andejo; *nheeng-ixûera*: falador; *îabab-ixûera*: fujão; *nheeng-atã-ndûera*: o que costuma falar aos gritos; *i po-sub-ixûer*: êle é amigo de fazer visitas; *nde nhe-mo-yrõ-ndûer*: és rabugento, zangado

839. A partícula *îá* ou *îaby* dá aos verbos não transitivos igual sentido:

o-îabab îá ou *îaby*: tem por costume fugir; *a-kanhem îá* ou *îaby*: tenho por hábito sumir *ou* fugir; *xe poro-îuká îá* ou *îaby*: estou habituado a matar (gente)

Pode-se acrescentá-la a *sûera:*

i nhe-mo-yrõ-ndûer îá: é rabugento, está sempre zangado; *nde î'-epyk-ixûer îaby*: és vingativo

840. O mesmo sufixo *sûera* tem também o sentido de "quase que", "por pouco que". Neste sentido não forma nomes verbais, mas pode modificar até verbos transitivos:

a-manó-sûer: por pouco que morri; *oro-îuká-sûer*: por pouco te matei

PARTICÍPIO *TYBA*

841. O sufixo *tyba,* modificando os verbais formados de *(s)ara, (s)aba* e *(t-e-)mi-,* junta-lhes a idéia mais acentuada de "hábito, constância, continuação, freqüência":

moro-îu'-byk-ara: o que enforca, enforcador.
moro-îu'-byk-á'-tyba: o que costuma enforcar, algoz
xe r-ekó-aba: lugar em que estou, meu lugar
xe r-ekó-á'-tyba: lugar em que costumo estar
xe só-aba: lugar ao qual vou
xe só-á'-tyba: lugar ao qual costumo ir
îe-por-aká'-saba: lugar ou tempo de pescar
îe-por-aká'-sá'-tyba: lugar ou tempo em que se costuma pescar
up-aba (*t*): lugar de (a g.) se deitar
xe r-up-á'-tyba: lugar em que costumo deitar-me
xe r-e-mbi-ú: minha comida, o que eu como
xe r-e-mbi-ú-tyba: o que costumo comer
xe r-e-mi-mborará: o que eu sofro
xe r-e-mi-mborará-tyba: o que costumo sofrer
yg-asap-aba: lugar de atravessar o rio
yg-asap-á'-tyba: lugar em que se costuma atravessar o rio; passagem do rio

842. *Tyba* pode-se conjugar como verbo: "haver, estar, abundar": *i tyb*: há, está, há abundância; *nd' i tyb-i*: não há, não está, há falta, há pouco; *e-í katu, Abaré tyb-eym-e é* (Ar. 147): pode (outra pessoa, batizar), se é que não há padre

Há também o verbo derivado *mo-tyb* "fazer caso *ou* muito de"

EXERCÍCIOS

843.

paí: padre
mamó-î-gûara?: morador de onde?
posanga: remédio
pepyra: festim

844. *Mamó-î-gûara-pe nde? Pakatá y-gûara. — Mamó-pe nde r-ekó-á'-tyba? Nde só-á'-ty'-pe. — Kó mbaé iké-ndûara. Aîpó-bae aé-pe-sûara. Na iké-ndûara ruã-n' ikó, aé-pe-ndûara-te. — O-ká gûá kûeî kamusi. Mbaé-pe i por-am-bûera? Y nhó-te. — Mbaé r-esé-pe nd' ere-ú-î pirá? Nda xe r-e-mbi-ú-tyba ruã. — Abá supé-ndar-ama-pe aîpó posanga? Na nde-bo-ndar-ama ruã, mbaé--asy'-bor-ûera-ndûara-te. — E-î-meeng ixé-bo kaûî îá. Nd' i tyb-i. Na kori-ndar-ama ruã kaûî pepyra, oirã-ndar-ama-te. Aé-pe aîpó*

kamusi-pora, marã? Aîpó-bae oré t-oba-îara îuká-reme-ndar-ama nhó-te. — Nde nhe-mo-yrõ-ndûer-eté! — Mamó-pe ere-só? A-só gûarinĩ-ramo. "Paí, marã-pe gûarinĩ-me na nde pó-pe-sûar-i?" (CARDIM 339).

845.

fazer caso: *mo-tyb*
por isso: *nd' e-í teé* (n. 463)
resto: *kurub-í*
que ocasião?: *mbaé-reme?*

846. A nossa comida de cada dia dai hoje a nós. — Dai-me um pouco de papas. Não. As papas não são para hoje. São para que ocasião? São para quando acabarem as danças. — Qual é o prato em que costumas pôr de môlho o pão? É o de cá? Não. O de lá. Qual é o em que costumas comer? — Que é o que costumas comer? Só o resto? — Como se chama a ilha em que costumavas pescar? Tepotiguaçu. Que significa Tepotiguaçu? Lá há muito peixe? Há. Por isso não se faz muito caso dêles. Quem é o moço com quem costumavas pescar naquela ilha? Era Pindobuçu. Por que não é êle com quem costumas pescar agora? Êle é muito falador e rabugento. — És morador de onde? De Pacatá? Não. De Ibitirapuã. Por isso és falador. Não são faladores os moradores de Ibitirapuã? Sim. São faladores, mas só dizem o que é verdadeiro. — Aquêle bicho é da terra ou dágua? É do mar.

BIBLIOGRAFIA

sûara — ANCHIETA 10-11; FIGUEIRA 139; MONTOYA, *Tesoro* 128v-130; RESTIVO 13-15; 153-155; CAETANO 61-62; ADAM 71-72; L. BARBOSA 188.

sûera — ANCHIETA 51v; FIGUEIRA 139-140; MONTOYA, *Tesoro* 113-113v; RESTIVO 69; CAETANO 63; L. BARBOSA 188.

tyba — FIGUEIRA 76; VLB 97; 142; 160; 259; 340; MONTOYA, *Tesoro* 382/383; RESTIVO 324; CAETANO 76-77; DRUMOND, *Notas Gerais* 57-70; L. BARBOSA 189; ID. *Traduções* 30-31.

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

LIÇÃO 47.ª

ÍNDICES DE CLASSES

847. PALAVRAS ABSOLUTAS, E RELATIVAS. — Palavras absolutas são aquelas que por si sós têm sentido perfeito, p. ex. "homem", "sol", "morrer". Relativas são as que exigem outra palavra para completar-lhes o sentido: objeto direto, complemento terminativo ou outro complemento.

848. Em tupi são palavras essencialmente relativas, entre outras, os nomes de partes do corpo, de parentesco, e semelhantes. Também os verbos transitivos e relativos.

849. FORMA ABSOLUTA. — Nesta gramática diz-se estar na forma absoluta a palavra que não é modificada nem por possessivo, nem por outro complemento.

Muitos autores dizem estar na forma *absoluta* certas palavras precedidas do prefixo *t-*: *t-oó, t-ugûy, t-akuba,* etc. Nomenclatura inaceitável: *t-oó, t-ugûy,* etc. são formas *relativas* aos sêres humanos, em geral (n. 236). A forma absoluta é *oó, ugûy,* etc.

850. Em tupi as palavras relativas nunca podem ficar na forma absoluta dentro de uma frase. Se não estiver determinado o indivíduo a que se referem, devem ser indicada ao menos a *classe* a que êle pertence: superior ou inferior.

851. CLASSES SUPERIOR E INFERIOR. — O tupi distingue gramaticalmente duas classes de sêres:

Cl. sup.: homens, espíritos
Cl. inf.: animais, vegetais, sêres inorgânicos

852. ÍNDICES DE CLASSES. — Além dos pronomes *individuais* (*xe, nde, i, etc.*), há na língua os índices de *classe*:

CL. SUPERIOR	CL. INFERIOR
moro-	*mbaé*
t-	*s-*

A frase portuguêsa "vejo olnos", na qual não está determinado qual o indivíduo possuidor dos olhos (não se diz se é *êle, tu,* ou *eu*), em tupi se verterá de dois modos, conforme os olhos se refiram a pessoas ou a sêres inferiores:

a-s-epîák t-esá: vejo olhos (de gente)
a-s-epîak s-esá: vejo olhos (de animal)

Nunca se poderá dizer na forma absoluta: *a-s-epîak esá.*

OBS. 1. — A forma primitiva deve ter sido *te-* e *se-*.

OBS. 2. — *T-, s-, moro* e *mbaé* poder-se-iam chamar também pronomes pessoais indefinidos, sendo *t-* e *moro-* humanos, *s-* e *mbaé* não-humanos, com o sentido (não a função) dos nossos "alguém" e "algo": *t-esá*: olho(s) de alguém; *s-esá* olho(s) de algo; *moro-tî*: nariz de alguém; *mbaé-tî* nariz (ou bico) de algo; *moro-ausub-a* amar a alguém; *mbaé-kuab-a* saber algo.

ANTES DE SUBSTANTIVOS

§ 1.º — PREFIXOS DE CLASSE t- E s-

853. Com os substantivos que têm *s-* ou *t-* como possessivos da 3.ª p. (n. 238 e 240), o prefixo da classe superior é em geral *t-*, e o da inferior, *s-*:

t-ugûy: sangue (de gente)	*s-ugûy*: sangue (de animal)
t-umby: cadeiras (de g.)	*s-umby*: cadeiras (de animal)
t-embé: beiço (de g.)	*s-embé*: beiço (de an.), borda (de rio, etc.)
t-erapûana: fama (de g.)	*s-erapûana*: fama (de ser inf.)
t-akuba: calor (de g.)	*s-akuba*: calor (de ser infer.)

t-aîyba: queixo (de g.)	*s-aîyba*: queixada (de animal)
t-anh-apûã: prêsas (de g.)	*s-anh-apûã*: prêsas (de an.)
t-ysy: fila (de g.)	*s-ysy*: fila (de animais, árvores, etc.)

854. *S-* pode, pois, exercer duas funções distintas: 1) a de possessivo individual da 3.ª p. (n. 238); 2) a de índice da classe superior.

A frase *a-s-epîak s-esá* pode significar "vejo olhos (de animal)" e também "vejo os olhos dêle".

855. Nos nomes que seguem *ayra* (n. 240), é *t-* e não *s-* o índice de ambas as classes, como é também o possessivo da 3.ª p.

856. Nos que seguem *atuuba* (n. 242), o índice da cl. inferior pode ser tanto *t-* como *s-*, de preferência *s-*.

Sôbre os substantivos da 3.ª e 4.ª classes, v. n. 246 e 250-257.

857. Certos substantivos não têm índice da classe superior: são nomes que por sua própria natureza só se referem a sêres inferiores:

s-apó: 1) raiz dêle	2) raiz (de vegetal ou de outra cousa)
s-ûaîa: 1) rabo dêle	2) rabo (de animal, etc.)
s-akã: 1) galho dêle	2) galho (de árvore, etc.)

Mas empregados em sentido figurado, com referência ao homem, levam o *t-*. MONTOYA no *Tesoro* arrola as palavras *tugûaî* "cauda" e *tacang* "galho". Mas o mesmo autor fala de "cauda" no sentido figurado de "acompanhamento", p. ex., de filhos.

858. EXCEÇÃO. — *S-aba* significa "pêlo" tanto de gente como de animais.

859. OBS. — Os substantivos de que se trata neste § 1.º, nunca se empregam na forma absoluta. Ainda quando incorporados, devem levar algum determinante ou índice de classe:

a-t-ugûy-ú-potar: quero beber sangue (de g.); *a-s-ugûy-ú-potar*: id. (de animal); quero beber o sangue dêle, -a, -es, -as; *a-îe-ugûy-ú--potar*: quero beber meu próprio sangue; *a-îo-py t-atá* ou *a-t-atá-py*: sopro fogo (de g.); chego *ou* faço fogo (de g.); *a-s-atá-py*: tr. sopro fogo a, chego ou faço fogo para; *a-s-atá-py nde r-e-mi-xira*: chego fogo a teu assado; *a-îe-atá-py* ou *a-î'-atá-py*: sopro ou faço fogo para mim; *e-s-atá-py nde r-e-mi-mõîa* (VLB 118): atiça o fogo a teu cozido

§ 2.º — PREFIXOS DE CLASSE moro- E mbaé

860. Os outros substantivos, isto é, os que têm *i* como possessivo da 3.ª p., não levam índice da classe superior, mas subentende-se que se refiram a esta classe, desde que não se achem precedidos do possuidor ou da palavra *mbaé*, que é o índice geral da classe inferior:

kang-ûera: osso, ossada (subentende-se: de gente); *ay kang-ûera*: ossada de bicho-preguiça; *mbaé kang-ûera*: ossada (de animal ou animais)

861. Correspondente a *mbaé*, há para a classe superior o prefixo *moro-* ou *mboro-* (n. 380), que se aplica a *qualquer* substantivo relativo, mesmo aos que têm *s-* como possessivo da 3.ª p., como *eté* (n. 238):

moro-tĩ: nariz (de gente): *mbaé tĩ*: nariz (de animal); *moro--boîá* ou *boîá*: súdito (de gente); *moro-îara* ou *îara*: senhor (de gente); *mbaé îara*: senhor (de cousas); *anama* ou *moro-anama*: parente (de gente); *mbaé anama*: parente (de animais); *mor-ekobîara* ou *t-ekobîara*: substituto (de gente); *mbaé r-ekobîara* ou *s-ekobîara*: substituto (de cousas)

Mas *moro-* é pouco usado, a não ser com os mesmos nomes que poderiam levar *t-*.

862. SUBSTANTIVOS COMEÇADOS POR p. — Referindo-se à classe superior, trocam o *p* para *mb* ou mesmo *m:*

py: pé

xe py, nde py, i py, etc.: meu pé, teu pé, seu pé, etc.
abá py: pé do índio
mby: pé (de gente)

A mesma cousa vale dos adjetivos substantivados:

panema: imprestável	*manema*: (homem) poltrão
poranga: belo	*moranga*: beleza (de gente)

Referindo-se à classe inferior, devem ser precedidos do possuidor (substantivo ou possessivo) ou do índice da classe inferior, *mbaé:*

îagûara py: pé de onça
i py: o pé dela
mbaé py: pé (de animal ou de outra cousa)

863. OBSERVAÇÃO. — Os possessivos individuais se aplicam indiferentemente a qualquer classe de sêres, superior ou inferior:

a-î-kutuk s-esá: furei os olhos dêle (do homem, do jaguar, etc.)

ANTES DE ADJETIVOS, VERBOS E PREPOSIÇÕES

§ 1.º — PREFIXOS DE CLASSE t- E s-

864. Não só os substantivos, mas tôdas as palavras relativas, que têm como complemento da 3.ª p. os pronomes *t-* ou *s-*, são susceptíveis de levar os índices de classes: adjetivos, verbos transitivos, preposições.

865. Com *verbos transitivos*, *t-* e *s-* funcionam como objeto direto. Só se dá o caso no infinito, gerúndio e formas derivadas. Só nos verbos que têm *s-* como pronome objetivo da 3.ª p. (n. 310), no v. irregular *ityk* (n. 922) e nos compostos de *ro-* ou *no-* (n. 508, 509, 413):

t-ausub-a: amar (g.)	*s-ausub-a*: amar (cousa)
t-ausup-a: amando (g.)	*s-ausup-a*: amando (cousa)
t-e-ityk-a: atirar, -ndo (g.)	*s-e-ityk-a*: atirar, -ndo (cousa)
t-e-no-sem-a: retirar, -ndo (g.)	*s-e-no-sem-a*: retirar, -ndo (cousa)

Mas para a classe superior é mais comum o prefixo *moro-*, sobretudo com os transitivos regulares:

mor-ausub-a: amar (g.); *mor-e-no-sem-a*: retirar (g.), etc.

866. Com *adjetivos*, verbos *predicativos* e verbos *intransitivos*, *t-* e *s-* funcionam como sujeito. Só se dá o caso no infinito e derivados. Os verbos intransitivos, no caso, são todos irregulares:

t-oby: azul (g.); ser azul (g.)	*s-oby*: azul (c.); ser azul (c.)
t-e-iké: entrar (g.)	*s-e-iké*: entrar (c.)
t-ekó: estar (g).	*s-ekó*: estar (c.)
t-en-a: estar parado (g.)	*s-en-a*: estar parado (c.)
t-eõ: morrer (g.)	*s-eõ*: morrer (c.)

867. Com *preposições*, *t-* e *s-* funcionam como complemento:

t-akypûer-i: atrás de (g.)	*s-akypûer-i*: atrás de (c.)
t-enondé: antes de (g.)	*s-enondé*: antes de (c.)

868. Algumas preposições, para a classe superior, preferem *moro-*:

moro-esé: por (g.)	*s-esé*: por (c.)
moro-upi: por, segundo (g.)	*s-upi*: por, segundo (c.)

869. *S-* pode pois exercer duas funções: 1) a de pronome da 3.ª p.; 2) a de pronome ou índice da classe inferior:

s-ausub-a:	1) amá-lo	2) amar (cousas)
s-oby:	1) êle é azul	2) (cousa) azul; ser (cousa) azul
s-ekó:	1) estar êle	2) estar (cousa)
s-akypûer-i:	1) atrás dêle	2) atrás de (cousa)

870. Em alguns verbos irregulares o próprio *t-* é o pronome sujeito da 3.ª p. do infinito; ou, se o verbo é transitivo, *t-*

é o pronome objetivo da 3.ª p. do infinito, gerúndio e formas derivadas:

intr.: *t-uba* (n. 885): 1) estar êle deitado; 2) estar deitado (g.); 3) id. (c.)
tr.: *t-ara* (n. 921): 1) tomá-lo; 2) tomar (g.); 3) tomar (c.)
t-á (n. 891): 1) tomando-o; 2) tomando (g.); 3) tomando (c.)

871. Todos êsses adjetivos, verbos intransitivos, transitivos, preposições, devem vir acompanhados respectivamente do seu sujeito, objeto direto ou têrmo regido, ainda que estejam incorporados.

§ 2.º — Prefixos de classe moro- e mbaé

872. *Moro-* e *mbaé* são os índices de classe que se empregam com os verbos, adjetivos e preposições não incluídos no parágrafo anterior. Servem aliás também para todos (n. 380):

moro-pysyk-a: tr. apanhar (gente)	*mbaé pysyk-a*: apanhar (cousa)
moro-sem-a: intr. sair	*mbaé sem-a*: sair (cousa)
moro-ausub-a: tr. amar (aos outros)	*mbaé ausub-a*: amar as cousas
moro-esaraî: intr. esquecer-se (g.)	*mbaé-asy*: doer (cousa)

873. Ao contrário de *t-* e *s-*, os índices *moro-* e *mbaé* se usam também fora do infinito, do gerúndio e dos derivados. Mas neste caso, *moro-* assume a forma *poro-*:

a-poro-pysyk *a-poro-ausub*

874. *Moro-* é usado com os nomes de côr, substantivando-os:

tinga: branco	*moro-tinga*: o branco, a côr branca (de g.); ser branco (g.)
îuba: amarelo	*moro-îuba*: amarelo, a côr amarela (de g.), etc
oby: azul, verde	*mor-oby*: o azul, a côr azul, etc.
una: preto	*moro-una*: o preto, a côr preta, etc.

Êstes nomes de côres parece terem sido empregados também com relação a sêres inferiores. Mas é escusado anotar que não se diz *xe moro-ting* nem *nde mor-oby*, etc., mas *xe ting, nde r-oby*, etc: sou branco, és azul, etc.

EXERCÍCIOS

875. *Kaîî*

aîpi y: cauim (feito) de aipim
akaîu y: cauim de caju
kagû-aba: vasilha de beber cauim
unguá obaîara ou *obaîxûara*: mão de pilão
tepiti: prensa (de espremer)
sabeypor: intr. embebedar-se
poraseî: dançar
paresar [*supé*]: convidar (por mensageiro)
meen'-gaú: tr. dar de beber vinho a
so'-sok: socar
mo-in: tr. cozinhar
mo-pupur: ferver
en (*nho-s*): despejar
apó (*î*): fazer
suú-suú: tr. mastigar

876. *Marã ngatu-pe pe-î-apó kaûî? Kunhã o-îo-sok akaîu unguá pupé, o-ty-amî o pó pupé, kó-ipó tepiti pupé, ty-pûera ygasaba pupé s-en-a. Mbaé-pe kaûî só'-sok-aba? Unguá obaîara. — Marã ngatu--eté-pe o-î-apó amé gûá aîpi y? O-î-pé-ok gûá aîpi, o-î-mo-in; aé riré kunhã-muku poranga i xuú-suú-û, ygasaba y r-esé t-ynysem-bae pupé i mun-a. Kunhã o-î-mo-nan abati r-esé, i mo-in îe-by, i mo-pupu' nhaẽ pupé. O-nho-s-en ty-pûera ygasaba i kuá r-upi i aty-pyr-ûera pupé, ygasaba asoî-á-bo, s-eîá nhó-te mokõî ara aé-pe. — Marã-eté-í-pe kaûî gû-aba? O-kaú îanondé, abá pysaré o-poraseî, o-nheengá'. Koem-e o-kaú ypy, o-nheengá', o-poraseî abé. Kunhã-muku o-î-meen'--gaú. Abá kaú-reme-bé, i karu-eym-i. O-kaú-kaú o-ar eym-a puku-î, o-sabeypó'. — Tá'-pe-sûara nhó-te-pe i kaú-û? N' aan-i. O-î-xoó amundaba pora abé, i xupé o-paresá'. — Kurumî, pitanga abé serã o-kaú? N' aan-angá-î: abá nhó-te, o-mendá riré. Aé-pe kunhã-taî? N' aan-i-bé.*

plantação de milho: *abati*
furar: *mo-bok*
ter nojo de: *îe-gûaru* [*suí*]
mensageiro: *paresara*
vomitar: *gûeen*, intr.
—: *mo-îe-byr*, tr.
arrotar; *eû* (*xe*)
— fétido: *eû rem* (*xe*)

877. Em que ocasiões fazeis cauim? Quando nasce uma criança, antes e depois de uma guerra, quando matamos algum prisioneiro, quando vamos trabalhar na plantação de milho do chefe. Em que ocasião mais? Quando furamos o lábio inferior de um rapaz. De que maneira bebeis o cauim? Vestimos [em nós] o manto de penas e o diadema. Por que é que muitos vomitam? Vomitam o cauim porque têm nojo dêle? Porque as moças o mastigaram, misturando-o com a sua saliva? Não absolutamente. Porque os outros estão arrotando fétido. Qual é a vasilha de beber cauim? É uma cabaça ou cuia. O mensageiro está bêbado? Não. O cauim ainda não está azêdo...

Fases do sacrifício de um prisioneiro (STADEN)

878. AO SANTO ANJO DA GUARDA

P. Cristóvão Valente (1566-1627)

(adaptação ortográfica)

ESTRIBILHO

Pe-îor-í, apŷab-etá,
Oîepé t' îa-î-mo-eté
Îandé Karaí-bebé.

Tupã r-obaké e-ikó-bo,
Xe suí nd' ere-syryk-i[2],
Na xe mo-pyá-tytyk-i
Anhanga xe r-apekó-bo[3].
Nd' e-í teé moxy[4] *o-só-bo*[5]
O atá-pe xe r-eîá,
Nde pó gûyr-pe xe mo-ingó-bo.

COPLA

Xe r-arõ-ana ybak-y-gûara,
Karaí-bebé poranga,
E-î-mbo-é katu xe anga,
T' o-î-kuab ybaka pîara.
Xe r-uba, xe r-e-r-ekó-ara
Nde r-esé nhó t' a-gûatá.
E-î-peá xe r-aang-ara[1].

Xe irũ-namo memé
Nde ã'-me xe r-ausub-á'-bo[6]
Nd' a-é-î katu-î nhe-mo-ngyá-bo
T-ekó angaipaba pupé:
Nd' o-tĩ-î serã[7] *asé*
Marã[8] *o-ikó-bo*[9] *ara îá*
O arõ-ana r-obaké.

Araújo, *Catecismo* (ed. 1898), *V-*Vv.

1 — tentador, † demônio. 2 — Imperat. negat.: não te afastes.. 3 — visitando-me, procurando-me, quando me procurar. 4 — Imprecação: maldito! 5 — Ger., exigido por *nd' e-í teé* (n. 463). 6 — Ger. de *ausub-ar* (*s*). Mais regular seria *r-ausub-á* (n. 404). De acôrdo com as gramáticas, aqui não seria o caso de gerúndio, visto como o sujeito da oração principal é de outra pessoa (n. 425). 7 — Com verbo negat., *serã* equivale a "certamente, sem dúvida", e o verbo em port. passa para a forma afirmat.: "a gente se envergonha sem dúvida". 8 — Alguma cousa, nada. Pode-se entender também como "o mal". 9 — fazendo. Dando aos três últimos versos a forma interr., seria possível outra trad.: "não se envergonha a gente acaso, fazendo algo (o mal) diante de seu guarda?".

BIBLIOGRAFIA

Anchieta 14v-15; 49v-50; 51-52; Figueira 86; 90; Vlb 282; 290; 321; Montoya 53-54; Id. *Tesoro* 318/312-319/313; Restivo 52-55; 277; Caetano 38; Adam 9; 22-27; L. Barbosa 173-174; Id. *Os Índices.*

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

VERBOS IRREGULARES

879. Já foram estudados os verbos começados por *s* (n. 303), por *î* (n. 127) e as irregularidades aparentes dos pronomes objetivos (n. 299 ss).

Dos verbos que se seguem, indica-se apenas o que têm de irregular.

880. O gerúndio, os particípios, as formas da conjugação subordinada que levam índices de classe, sofrem as mesmas alterações do infinito.

881. **É**: "dizer"

Trans., mas sem pron. obj. quando leva pref. ag.

INDIC., PERMISS., IMPERAT., INFIN., GER.: v. n. 455.

PARTICÍPIOS: *î-ara* ou *e-î-ara; î-aba* ou *é-saba; e-î-bae*

Não tem os partícipios *t-e-mi-* e *pyra*. Substitui-os *î-aba*, que significa: 1) o que êle diz; 2) o dito, chamado, que tem por nome.

CONJUG. SUBORD.: *xe é-û, nde é-û, i é-û*, etc.

AFIXOS: admite *mbo-* e *ukar;* não, porém, *poro-*.

Apesar de trans., conjuga-se como intr.: os prefixos e pronomes que o precedem, imediatamente, são subjetivos: *gûi-î-á-bo*: "dizendo eu", *i é* "dizer êle".

882. **Só**: "ir"

Só é irreg. no imperat. (n. 195).

883. **Ú**: "comer"

Trans., mas sem pron. obj. quando leva pref. ag. No mais, regular.

Compostos. *Ú-seî* "querer comer" (n. 897, 2) admite pron. obj.: *a-î-ú-seî úi* "quero comer farinha".

884. **îur**: "vir" (radical **ur**)

INDIC.: *a-îur, ere-îur, o-ur, îa-îur, oro-îur, pe-îur, o-ur*

IMPERAT.: 2.ª p. s.: *e-îor, e-îor-í, îor-í;* 2.ª pl.: *pe-îor, pe-îor-í*

INFIN.: *xe r-ur-a, nde r-ur-a, t-ur-a* (também refl.). Etc.
Cl. sup. e inf.: *t-ur-a*

CONJUG. SUBORD.: *xe r-ur-i, nde r-ur-i, t-ur-i,* etc.

GERÚNDIO: *gûi-t-ú, e-îú, o-ú; îa-îú, oro-îú, pe-îú, o-ú*

PARTICÍPIOS: *o-ur-bae; t-u-sara; t-u-saba* (fut.: *t-u-sag-ûama* ou *t-ur-ag-ûama;* pass.: *t-u-sag-ûera* ou *t-ur-ag-ûera*)

Compostos. O comp. *r-ur* (*ro-ur*) "trazer" faz no imperat. *e-r-ur* ou *e-r-ur-í*; *pe-r-ur* ou *pe-r-ur-í.*

885. **îub**: "estar deitado" (radical **ub**)

INDIC.: *a-îub, ere-îub, o-ub; îa-îub, oro-îub, pe-îub, o-ub*

IMPERAT.: *e-îub; pe-îub*

INFIN.: *xe r-ub-a, nde r-ub-a, t-ub-a, og-ub-a* ou *g-ub-a.* Etc.
Cl. sup. e inf.: *t-ub-a*
Com *-reme*: *xe r-u'-me, nde r-u'-me, t-u'-me, og-u'-me* ou *g-u'-me*
Cl. sup. e inf.: *t-u'-me*

CONJUG. SUBORD.: *xe r-ub-i* ou *xe r-ú-î, nde r-ub-i* ou *nde r-ú'-î, t-ub-i* ou *t-ú-î.* Etc.

GERÚNDIO: *gûi-t-up-a, e-îup-a, o-up-a; îa-îup-a, oro-îup-a, pe-îup-a, o-up-a*

PARTICÍPIOS: *o-ú-bae; t-up-ara* (raro); *t-up-aba*

Compostos. Os comp. *mo-ub* "colocar deitado" e *ro-ub* ou *r-ub* "deitar-se com" são regulares. *îub-ĩ* "estar deitado quieto", *îub-é* "estar vivo" e "estar deitado acordado, sem se mexer", *îub-îõ-te* id., *îu'-katu* "acomodar-se, deitar-se bem" e outros compostos por sufixação seguem a *îub* nas modificações da 1.ª sílaba.

886. Ikó: "estar", "fazer"

INFIN.: *xe r-ekó, nde r-ekó, s-ekó, o ekó.* Etc.
Cl. sup.: *t-ekó;* inf.: *s-ekó*
CONJUG. SUB.: *xe r-ekó-û, nde r-ekó-û, s-ekó-û.* Etc.
GERÚNDIO: *gûi-t-ekó-bo, e-ikó-bo, o-ikó-bo; îa-ikó-bo, oro-ikó-bo, pe-ikó-bo, o-ikó-bo*
PARTICÍPIOS: *o-ikó-bae; t-ekó-ara; t-ekó-aba*

Compostos. Os compostos de sufixos, como *ikó-bé* "viver" e *ikó-tebẽ* "estar aflito, necessitado", seguem *ikó. R-ekó* (de *ro+ikó*) "estar com, ter, fazer com, tratar" segue os compostos com *ro-* (n. 503). *Mo-ingó* "colocar" só é irregular na sua formação.

887. O verbo *ikó* significa "fazer" em frases como:

a-ikó emonã, ixé aé emonã a-ikó, emonã a-ikó, a-ikó marã (VLB 232): fiz isso; *nd' a-ikó marã* (*ib.*): não fiz nada; *marã nde ipó ere-ikó* (*ib.*): alguma cousa deves ter feito; *xe r-uba r-upi emonã a-ikó* (*id.* 388): faço-o, imitando a meu pai; *marã-pe s-ekó-û?*: que fêz êle?; *Pero aé emonã xe mo-ingó-ukar* (VLB 264): Pedro mesmo me fêz fazer isso

888. Levando complemento regido da preposição *-ramo*, corresponde a "ser":

ere-ikó oré morubixab'-amo-ne: serás nosso maioral; *marã-na-mo-pe asé s-ausub-i? — Og-ub-eté-ramo, o mo-nhang-ar'-amo, o pysy-rõ-an'-amo s-ekó-reme* (AR. 95): por que deve a gente amá-lo (a Deus)? Porque Êle é (por ser Êle) o pai verdadeiro, o criador, o salvador da gente

889. In: "estar sentado, estar quieto"

INFIN.: *xe r-en-a, nde r-en-a, s-en-a, o en-a.* Etc.
Cl. sup.: *t-en-a;* inf.: *s-en-a*

CONJUG. SUB.: *xe r-en-i, nde r-en-i, s-en-i* ou *nen-i*. Etc.

GERÚNDIO: *gûi-t-en-a, e-in-a, o-in-a; îa-in-a, oro-in-a, pe-in-a, o-in-a*

PARTICÍPIOS: *o-in-bae; t-en-dara; t-en-daba*

Compostos. Os compostos *in-î* "estar sentado, quieto", *in-îõ-te* "id., sem se bolir", *ind-é* "estar à parte", *in-bé* ou *im-bé* "estar" e na 3.ª p. "haver", têm a 1.ª sílaba como *in*. *No-in* é regular. *Mo-in* só é irregular no particípio *(te-)mi-*: *(te-)mi-mõ-î-a*.

890. Iké: "entrar"

INFIN.: *xe r-e-iké, nde r-e-iké, s-e-iké, o e-iké*. Etc.
Cl. sup.: *t-e-iké;* inf.: *s-e-iké*

CONJUG. SUB.: *xe r-e-iké-û, nde r-e-iké-û, s-e-iké-û*. Etc.

GERÚNDIO: *gûi-t-e-iké-bo* ou *gûi-'ké-bo, e-iké-bo, o-iké-bo; îa-iké-bo, oro-iké-bo, pe-iké-bo, o-iké-bo*
ou *gûi-'ké-á-bo, e-iké-á-bo, o-iké-á-bo; îa-iké-á-bo,* etc.

PARTICÍPIOS: *o-iké-bae; t-e-iké-sara* ou *t-e-iké-ara; t-e-iké-saba* ou *t-e-iké-aba*

Compostos. Mo-ingé só é irregular na formação. *Ro-iké* é regular.

891. Ar: "tomar, pegar, apanhar"

INDIC.: *a-î-ar, ere-î-ar, o-gû-ar; îa-î-ar, oro-gû-ar, pe-î-ar, o-gû-ar*
xe r-ar: êle me toma, êles me tomam; tu me tomas, vós me tomais
nde r-ar: êle te toma; êles te tomam
oro-gû-ar: eu te tomo, nós te tomamos
opo-gû-ar: eu vos tomo; nós vos tomamos

INFIN.: *xe r-ar-a, nde r-ar-a, t-ar-a, o ar-a*. Etc.
Cl. sup. e inf.: *t-ar-a*

CONJUG. SUB.: *xe r-ar-i, nde r-ar-i, t-ar-i*. Etc.

GERÚNDIO: *xe r-á, nde r-á, t-á; îandé r-á, oré r-á, pe r-á, t-á*
Cl. sup. e inf.: *t-á*

PARTICÍPIOS: *o-gû-ar-bae; t-a-sara; t-a-saba; t-ar-(i)-pyra; t-e-mbi-ara* ou *t-e-mi-î-ara*

OBS. — *Gû* vem sempre depois de *o* átono; não é prefixo objetivo, mas ligação eufônica entre *o* e a vogal seguinte. Cfr. *o-gû-eté* (n. 238), *o-gû-e-ro-bebé* (n. 503), *o-poro-gû-e-r-ur* (n. 506).

Não se confunda êste verbo com *îar* "estar unido, aderir", relativo [*esé*], regular.

892. Ityk: "atirar, jogar fora, derrubar, vencer"

INDIC.: *a-ityk, ere-ityk, o-ityk; îa-ityk, oro-ityk, pe-ityk, o-ityk*

xe (ou *nde, îandé, oré, pe*) *r-e-ityk*: joga-me (-te, -nos, -vos)
oro-ityk: jogo-te; jogamos-te; *opo-ityk*: jogo-vos; jogamos-vos
a-îe-ityk: jogo-me, etc.
a-itá-ityk: jogo pedra

INFIN.: *xe r-e-ityk-a, nde r-e-ityk-a, s-e-ityk-a, o e-ityk-a.* Etc.
Cl. sup.: *t-e-ityk-a;* inf.: *s-e-ityk-a*

CONJUG. SUB.: *xe r-e-ityk-i, nde r-e-ityk-i, s-e-ityk-i.* Etc.

GERÚNDIO: *xe r-e-ityk-a, nde r-e-ityk-a, s-e-ityk-a.* Etc.
Cl. sup.: *t-e-ityk-a;* inf.: *s-e-ityk-a*

PARTICÍPIOS: *o-ityk-bae; t-e-ityk-ara; t-e-ityk-aba; t-e-ityk-pyra; t-e-mi-e-ityk-a*

893. Poti: "defecar"

INDIC.: Regular. Mas a 3.ª p. pode ser *o-poti* ou *o-gûe-poti*

INFIN.: *xe r-e-poti, nde r-e-poti, s-e-poti, o e-poti.* Etc.
Cl. sup.: *t-e-poti,* inf.: *s-e-poti*

CONJUG. SUB.: *xe r-e-poti-û, nde r-e-poti-û, s-e-poti-û.* Etc.

GERÚNDIO: *gûi-potî-á-bo e-potî-á-bo, o-e-potî-á-bo; îa-potî-á-bo, oro-potî-á-bo, pe-potî-á-bo, o-e-potî-á-bo*

PARTICÍPIOS: *o-poti-bae; potî-ara* (cl. inf.: *s-e-potî-ara*); *potî-aba* (cl. inf.: *s-e-potî-aba*)

894. Pynõ: "emitir ventosidade"

INDIC.: Regular. Mas a 3.ª p. pode ser *o-pynõ* ou *o-gûe-pynõ*

INFIN.: *xe r-e-pynõ, nde r-e-pynõ, s-e-pynõ, o e-pynõ.* Etc.
Cl. sup.: *t-e-pynõ;* inf.: *s-e-pynõ*

CONJUG. SUB.: *xe r-e-pynõ-û, nde r-e-pynõ-û, s-e-pynõ-û.* Etc.

GERÚNDIO: *gûi-pynõ-mo, e-pynõ-mo, o-e-pynõ-mo îa-pynõ-mo, oro-pynõ-mo, pe-pynõ-mo, o-e-pynõ-mo*

PARTICÍPIOS: *o-pynõ-bae; pynõ-sara* (cl. inf. *s-e-pynõ-sara*), *pynõ-saba* (cl. inf. *s-e-pynõ-saba*)

895. **Manó**: "morrer"

INDIC. IMPERAT., GERÚNDIO: regulares

INFIN.: *xe r-eõ, nde r-eõ, s-eõ, o eõ; îandé r-eõ, oré r-eõ.* Etc.

Cl. sup.: *t-eõ;* inf.: *s-eõ*

CONJUG. SUB.: *xe r-eõ-û, nde r-eõ-û, s-eõ-û.* Etc.

PARTICÍPIOS: *o-manó-bae; t-eõ-saba* ou *t-egû-ama*

Quando o infinito está incorporado ao gerúndio, assume a forma regular: *ere-ú-pe yby kó-ipó mbaé aiba t-egû-ama, e-manó-potá?* (AR. 229): comeste terra ou veneno mortal, querendo morrer?

896. **Nomun**: "cuspir"

Intr. Só aparentemente irregular.

É o próprio verbo transitivo *mun* (*nho*) "cuspir", com o objeto direto (*no* ← (*te*)*ndy* "saliva") incorporado: "cuspir saliva".

Há também *nhe-nomun* "cuspir (a própria saliva)".

VERBOS DEFECTIVOS

897. 1. **Ab**: "abrir, cortar"

Trans. Era originalmente *îo-s-ab* (n. 326). No tupi histórico é defectivo. Só se emprega, quando leva substantivo ou pronome reflexivo incorporados:

yby-ab: abrir a terra, cavar

yb-ab: cortar as vergônteas, podar

ybyrá-ab: cortar madeira

îe-ab ou *î'-ab*: abrir-se, rachar

morubixaba ybyrá-gûy-pe ahẽ só-û ybyrá-ap-a (VLB 422): êle foi à coutada d' El Rei, para cortar madeira

2. **Seî**: "ter vontade de", "querer"

Trans. Só se usa com objeto incorporado:

a-y-ú-seî: quero beber água; *ere-mbaé-ú-seî*: estás com vontade de comer; *o-karu-seî*: id.; *pitanga o-kamb-ú-seî*: a criança quer mamar; *a-î-ú-seî soó*: quero comer carne; *xe ú-seî* ← **y-seî*: estou com sêde

Aplica-se, pròpriamente, aos apetites fisiológicos. Mas, em sentido figurado, a quaisquer desejos: *xe Tupã r-ekó a-î-ú-seî* (ANCH., *Poesias Tupis* 21): "eu desejo (*lit.* tenho fome da) a lei de Deus".

3. **Rung**: v. n. 547.

VERBOS EXCLUSIVOS DO PLURAL

898. Alguns só se empregam no plural:

kub ou *kub-é*: "estar":

îa-kub, oro-kub, pe-kub, o-kub; îa-kub-é, etc.

îe-oî: "ir-se, partir, passar" (só no refl. pl.)

EXERCÍCIOS

889.

îu-atî: espinho
epy (*t*): preço
Tupã r-oka: templo
Reritýba: n. pr. de aldeia
pik: calar
obaîxûar (*s*): contradizer
îe-aîu'-byk: refl. enforcar-se
am: estar de pé

900. Vários verbos traduzem "estar". Os principais são: *ikó, in, îub, am.* *Am* significa "estar (de pé)". *In* "estar (sentado ou de qualquer forma quieto no lugar)". *Îub* "estar (deitado)". *Ikó* significa, em geral, "estar", e é particularmente usado com verbos de movimento. Usam-se *am, in, îub,* mesmo que acaso em português não se exprima "de pé", "sentado", "deitado": "estou doente" traduz-se *xe mbaé-asy gûi-t-up-a* (desde que o sujeito esteja realmente na cama); "estou rezando": *a-tupã-mo-ngetá gûi-t-en-a* (se está ajoelhado ou sentado); "estou-te esperando": *oro-arõ gûi-am-a* (se está de pé). — Às vêzes juntam-se dois verbos com o sentido de "estar": *iké oro-ikó oro--kup-a*: "aqui estamos". — Há também os derivados *mo-ingó* colocar (geral), *mo-am* colocar de pé, *mo-in* colocar sentado ou quieto, *mo-ub* colocar deitado, *r-ekó* estar com *ou* ter (geral), *ro-am* id. cousa que está de pé, *no-in* id. cousa que está quieta, *ro-ub* ou *r-ub* id. cousa que está deitada; *ro-kub* id. (geral, plural).

901. *Gûi-t-ú. T-á. Nde r-á. O á. E-in-a. T-en-a. E-îup-a. Nen-i. Xe r-ekó. Xe r-e-r-ekó. S-e-r-ekó. S-e-r-ekó-bo. S-e-r-ekó-û. O-ikó--bo. O-ú. T-ara. — Xe kutuk îu-atî. Ning-ning e-í xe py. E-îo-ok*

îu-atĩ nde py suí. Ten e-í! — Marã-pe nde r-e-mi-ausuba r-ekó-û? Xe r-e-mi-ausuba o-nhe-nomun nde îara r-obá r-esé. Marã-pe xe îara s-e-r-ekó-û aé-reme? "O-pik o-am-a, i nheeng obaîxûar-eym-a" (AR. 78 ad.). — *"Marã-pe Iudas r-ekó-û aé-reme? Aîpó o îo-upé é abé, o îara r-epy-pûera r-e-ityk-i Tupã r-ok-pe: aûîé o-só-bo, o-îe-aîu'-byk-a, — n' i nhyrõ-î xó-é Tupã ixé-bo-ne — o-î-á-bo".* (AR. 81). — *Mamó-pe ere-ikó aé-reme? Taba "Reritýba" î-á'-pe.*

902.

costume: *ekó (t)*
tambor: *gûarará*
aljava: *uub-uru*
bracelete: *nhaã*
bastão de ritmo: *yba*
tocar, bater: *mo-pu,* tr.

903. Estando eu sentado, tu (estando) deitado, e êles (estando) de pé, o branco entrou, tomou a aljava e atirou-a fora, com as frechas. A aljava, caindo no chão, deu um estalo (n. 471). As frechas quebraram-se. E eram muitas. — Que fêz êle depois disso? Quando viu que nós íamos para o lado dêle, para apanhá-lo, saiu voando (n. 471). E que fizestes vós? Não fizemos nada. — Quando o branco entra em nossa casa, nós não nos sentamos. É o nosso costume. — Quem é aquêle que apanhou o meu bracelete? — Por que atiraram fora a minha pedra de beiço? — Sabes tocar tambor, (estando) deitado? Não. Sei tocar (estando) sentado ou (estando) de pé. — Por que não trouxeram êles o meu bastão de ritmo? Quem é que o trará?

904. AO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DA EUCARISTIA

P. CRISTÓVÃO VALENTE (1566-1627)

(adaptação ortográfica)

ESTRIBILHO

Myîapé ybak-y-gûara,
Apŷá'-bebé[1] r-e-mbi-ú,
Xe anga r-ekó puku.

COPLA

Xe amby-asy posanga,
Xe r-ekó-tebẽ r-upi-ara[2]*,*
E-s-epîak xe mará-ara[3]*,*
T' ere-s-ausub-ar xe anga,
Îor-i, xe r-ekó-mo-nhang-a[4]*,*

Xe anga taygayba[5]*,*
Xe anga î'-e-ro-bîá'-saba,
Yby-pora mo-esãî-baba[6]*,*
Ybaka-pora r-oryba,
More-ausub-ara yba[7]*,*

Nde angaturama rí[8]*,*
E-îor-i xe pore-ausub-ok-a,
E-î-py-tybyr-ok[9] *xe r-oka,*
Nde pytá-saba îepi,
T' a-gûatá nhó nde r-upi,

I angaturam-bae supé
Myîapé t-ekó-bé îara;
I poxy-bae, t-á'-sara[10]*,*
T-eõ o-gû-ar[11] *o îo-upé*[12]*.*
Oîepé mbi-ú pupé
Pe-s-epîak t-ekó paraba![13]

ARAÚJO, *Catecismo* (ed. 1898), pp. *Vv-*VI

1 — homem que voa, † anjo. 2 — inimigo, afugentador. 3 — doença, fraqueza. 4 — governar-me, tomar conta de mim. 5 — fortaleza. Pròpriamente: forte, valente. Como subst. abstrato, o uso é forçado. 6 — causa de alegria, alegria. Melhor seria *mo-esãî-daba*: 7 — arrimo dos infelizes. 8 — pela tua bondade. *Melhor*: por sêres bondosa. 9 — limpa (imperat.) por dentro. 10 — os maus que o recebem. 11 — tomam. 12 — para si mesmos. 13 — vêde (que) diversidade!

BIBLIOGRAFIA

Verbos irregulares — ANCHIETA 54v-58v; FIGUEIRA 53-64; MONTOYA 55-68; RESTIVO 122-139; CAETANO 40-43; 78-80; ADAM 72-79; DALL'IGNA 66-67.

Verbos defectivos — MONTOYA 68-69; RESTIVO 139-141.

Verbos exclusivos do plural — MONTOYA 68; RESTIVO 139-140; ADAM 79.

PRONOMES RELATIVOS

905. Não há pronomes relativos. As frases que os incluem, em português, se vertem pelos particípios, de acôrdo com a função sintática.

906. **que; o ou a qual; os ou as quais; o ou a que; aquêle, -a que,** etc.

Sendo SUJ.: *-bae* ou *sara*
" SUJ.: de v. passivo: *pyra* ou *m(b)i-*
" OBJ. DIR.: *m(b)i-* ou *pyra*
" COMP. REL. ou CIRCUNSTANCIAL: *saba*

907. **quem**

Como "que", "o qual", etc., anteposto *abá* ao particípio:

Sendo SUB.: *nd' a-î-kuab-i abá o-manó-bae-pûera*: não conheço quem morreu
" OBJ. DIR.: *nd' a-î-kuab-i abá s-e-mi-îuká-pûera*: não sei a quem matou
" OBJ. IND.: *nd' a-î-kuab-i abá i mendá'-sag-ûera*: não sei quem casou

908. cujo, -a, -os, -as; do qual, da qual, dos quais, das quais

Sujeito

-Bae, precedido do suj. com o possessivo, e do obj. dir., caso haja:

nd' ere-î-kuab-i-pe abá i kó o-kaî-bae-pûera?: não conheces o índio cuja roça pegou fogo? (lit. o índio que sua roça pegou fogo); *abá, s-e-mi-r-ekó i membyr-ar-bae-pûera, o-nhe-nong o-up-a o inĩ-me--ne*: o índio, cuja mulher deu à luz, ficará deitado em sua rêde; *kunhã i mena mi-ausuba o-îuká-bae-pûera, o-îɛ-er-ok*: a mulher, cujo marido matou um escravo, toma novo nome

909. Com verbo *passivo: pyra,* precedido do sujeito com possessivo:

abá i îybá kutuk-pyr-ûera o pûerab umã (REST. 188 ad.): já sarou o índio cujo braço foi sangrado

Se o verbo passivo tem complemento de causa eficiente, verte-se como ativo

910. Conforme o sentido, em vez de *-bae,* pode vir *sara,* ou *pora, bora, sûara, sûera:*

a-s-epîak kunhã i membyra kunumĩ îuká-sar-ûera: vi a mulher cujo filho matou *ou* matava meninos

911. Sendo o verbo predicativo, com um substantivo por complemento, a construção é:

o-manó gûaîbĩ morubixaba i mena-bae: morreu a velha cuja marido é chefe

Mas sendo adjetivo, o complemento fica logo antes de *-bae*:

gûyrá s'á' porang-eté-bae, nd' i nheeng-î: os pássaros cuja plumagem é muito bonita, não sabem cantar

912. Quando o complemento é um particípio, em geral se omite *-bae:*

kunhã i mena îuká-pyr-am-bûera o-îabab: fugiu a mulher cujo marido devia ser morto; *mamó-pe gûá kunhã-taĩ i îybá îagûara r-e-mbi-ú-pûera s-eîar-i?* ou *mamó-pe gûá kunhã-taĩ i îybá îagûara r-e-mbi-ú-pûera s-eîar-i?*: onde deixaram a menina cujo braço foi devorado pela onça?

913. Com os verbos intransitivos, encontra-se a construção:

i memby'-kambu-bae (*nd' o-î-aby-î Tupã nheenga, o-îe-kuakub-eym-a*) (AR. 117): aquelas cujos filhos estão mamando (não desobedecem à lei de Deus, não jejuando); *kunhã i men-eõ-bae-pûera o-mendar t-ykeyra r-esé-ne*: a mulher cujo marido morreu, deve-se casar com o irmão mais velho dêle

Objeto direto

914. *(T-c-)mi-*, com o objeto direto incorporado ao verbo:

o-manó îagûara oré r-e-mi-îybá-ybõ-bûera: morreu a onça cujo braço flechamos; *a-s-epîak tukana nde r-ybyra r-e-mi-ayr-ar-ûera*: vi o tucano cujos filhotes teu irmão apanhou

Aparecem também construções como esta:

o-manó îagûara i îybá oré r-e-mi-î-ybõ-bûera ou *r-e-mi-î-ybõ-bae-pûera*

Complemento relativo ou circunstancial

915. *Saba*, precedido do sujeito com possessivo ou genitivo:

Pindobusu o-î-kuá'-meeng ixé-be gûaîbĩ i membyra o mendá'-sag-úera: Pindobuçu mostrou-me a velha com cuja filha se casou; *abá, o oka gûatá-sara r-e-iké-ag-ûera, "Ere-îur-pe?" e-í i xupé-ne*: o índio em cuja casa entrar um viandante, dir-lhe-á "Vieste?"

916. *Observação*: Como se vê, nas frases de "que", "cujo", etc., há casos do possessivo *i* em lugar de *o*, referindo-se embora ao sujeito da oração principal. Ainda que anormal (n. 61), tal sintaxe se explica por certa independência (se não gramatical, pelo menos de sentido) dêsse gênero de frases.

EXERCÍCIOS

917.

kurupysayba: árvore (espécie)
amyniîu: algodão
poó: colhêr (obj.: a fôlha *ou* a árvore)
mbo-ar: apanhar
îugûá: visgo (para caçar passarinhos)
aé (-n') ipó... -reme: se por acaso

918. *O-manó ybyrá s-oba nde r-e-mi-poó-pûera. — Nda s-asy-î-pe nde pó nde ybá poó-sag-ûera? — Nd' ere-ityk-i xó-é-pe kurupysayba i îugûá nde gûyrá mbo-á'-sag-ûera-ne? Nd' a-ityk-i, i kutuk-a nhó-te. — Mbaé gûyrá-pe nde r-e-mi-mbo-ar-ûera? — Abá, o oka gûatá-sara r-e-iké-ag-ûera, "Ere-îur-pe?" — e-í i xupé-ne. Gûatá-sara "Pá. A-îur" — abá s-oka o e-iké-ag-ûera supé e-í abé-ne. — Marã-pe aîpó kaá s-aynha abá r-e-mi-apó mi-ngaú-ramo r-era? Amyniîu. — E-s--enõî gûaîbî t-aîyra s-e-mi-îuká-pûera; aé ipó s-ekó-eym-e* (VLB 214), *e-s-enõî t-ayra. — Kunhã i men-eõ-bae kybyra o-mendar i membyra r-esé-ne. — "Kunhã, i memby' îuká-pyr-ûera, o-îaseó nhó-te o-in-a"* (REST. 188 ad.) — *Mbaé kunhã-muku nde mendá'-sag-ûama?*

919.

ferrão; dente de cobra: *popîaba*
filhote: *ayra (t)* (n. 43)
andorinha: *taperá*
cocar: *akangitara*
mundo: *ara*
envenenar: *mo-popîab*
pear: *mo-puku-sam, puku-sã'--mo-in*
soltar; desatar: *samb-ok*
apanhar (com a mão): *ar* (n. 891)

920. As almas vêm aquilo que nós vemos? Que é o que nós vemos? Nós vemos tudo aquilo que tem corpo. O que não tem corpo não vemos. — Quem é que fêz os nossos olhos, com os quais nós vemos o mundo? — Morreu o guará, de cujas penas fiz o cocar com que me viste. — Mostra-me a [tua] perna [em] que a cobra te envenenou. — Soltaste o passarinho cujos filhotes apanhastes? (Foi) aquela andorinha cujas penas te mostrei. — Em quem bateste? — O prisioneiro. com o qual vieste do combate, é que foi morto.

A GUERRA

921.

amarrar: *apy-tĩ*
dar combate a: *pó-kok* [*esé*]
cercar: *aman*
cercar, sitiar: *pîar* (*îo*)
dividir-se em bandos: *îe-peá--peá*
encurralar: *mo-îar*
esperar no caminho: *apé-arõ* (*s*)
fazer fortificações: *ybyrá-mo--nhang*
guerrear: *ikó marana rí*
fazer destruição (de g.): *poro--mo-mbab*
mandar recado que se juntem (para guerra): *amanaîé* [*supé*]
matar muita gente: *por-apiti*
pegar: *îe-potar*
tomar cativo: *pysyk*
queimar: *mo-ndyk*
quebrar a cabeça a: *akan'-gá* (*nh*)
pelas costas: *kupé koty, kupé-bo*
recuar (resistindo): *syry'-syryk*
id. (em fuga): *syî*
resistir (na defensiva): *nhe--ran* [*supé*]
id. (na ofensiva): *nhe-ran* [*esé*]
simular fuga: *ro-nhan*, tr.
tomar a dianteira: *enondé-ar* (*s*)
id.: *okesym* (*s*)
render-se: *aûîé* (*xe*) [*supé*]
vencer: *mo-aûîé, ityk*
atacar pela retaguarda: *kupé-ab*
batalha, combate: *mará-mo--nhanga, îo-gûe-r-ekó*
cêrca (dos sitiantes): *ka-ysá*
estacada (defesa): *ybyrá*
id. (a de fora): *ybyrá pó-kanga*
id. (a de dentro): *ybyrá patagûí*
flecha incendiária: *atá-uuba* (*t*)
lugar do assalto: *muamb-aba*
terreiro: *okar-usu*

922. **Ityk** só se diz de grandes vitórias.

923. De manhã avistamos os inimigos. [Mas] antes que chegássemos à sua taba, chamada (n. 881) Itacuatiara, êles (se) fizeram fortificações, escondendo-se detrás das estacadas. Nós cercamos a taba com uma cêrca de ramos. Êles mandaram recado a seus parentes residentes em Guacarioca para que se juntassem contra (*rí*) nós. Vieram e quiseram atacar-nos (*biã*), mas nós nos dividimos em bandos, armando-lhes uma cilada: enquanto alguns de nós simulavam fugi-los, outros (de nós), que os esperavam no caminho, os atacaram pelas costas. [Êles] quiseram recuar (*biã*), nós os encurralamos. Não nos resistiram [e] se renderam. Nós os vencemos.

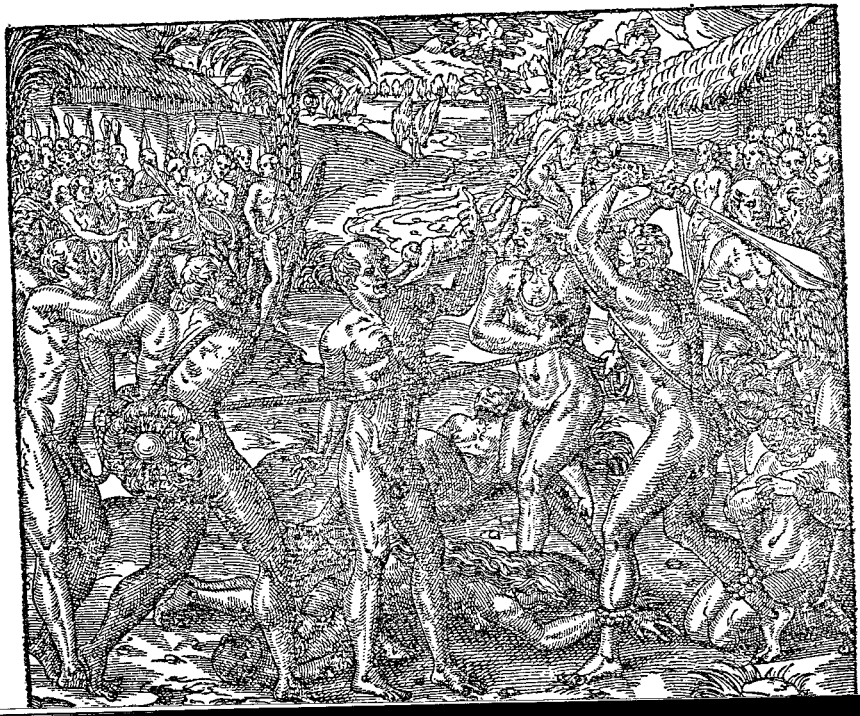
Voltamos então para ajudar os outros a atacar a taba.

Os inimigos esconderam-se dentro de suas casas. Quisemos queimar uns galhos de árvores (*biã*) para que (n. 458) a fumaça os obrigasse a sair, [mas] estando verde a lenha, o fogo não pegou. Então atirámos flechas incendiárias contra as (suas) casas. O fogo pegou, queimando tudo. Os inimigos saíram para o terreiro. Nós tornamos a dar-lhes combate. [Êles] quiseram fugir (*biã*), [mas] nós lhes tomamos a dianteira.

Então fizemos [uma] destruição, matando muita gente, e quebrando-lhes a cabeça com o tacape. Os outros, que não matamos, nós os tomamos cativos, amarramo-los e trouxemo-los para a nossa taba, depois de termos quebrado a cabeça a todos os cadáveres que deixamos no lugar do assalto.

BIBLIOGRAFIA

RESTIVO 187-191; CAETANO 88; ADAM 37-38. — V. Biliografia das Lições 40.ª a 46.ª



Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

REDUPLICAÇÃO

924. As sílabas tônica e pré-tônica de uma palavra, repetidas, dão a idéia de *plural* (se a palavra é substantivo ou pronome), de *superlativo* (se é adjetivo ou advérbio) ou de *continuidade* ou *duração* (se é verbo):

abá abá: multidão de homens
nhandu-etá-etá: muitas emas, muitíssimas emas
mbegûé mbegûé: muito devagar, devagarinho
o-puká-puká: riu-se muito, demoradamente, ficou rindo

Cpr.:

a-s-obá-petek: esbofeteei-o
a-s-obá-peté'-petek: estive-o esbofeteando
a-î-nupã: bati-lhe
a-î-nupã-nupã: estive-lhe batendo, demorei-me batendo-lhe

A língua popular traduz literalmente, e melhor:

abá-abá: homens, homens; *nhandu-etá-etá*: muitas, muitas emas; *o-puká-puká*: riu, riu; *a-î-nupã-nupã*: bati, bati nêle

Quase sempre os verbos assim reduplicados se podem traduzir por uma locução composta de "ficar", "ir" ou "andar" + participio presente: *o-nheẽ'-nheeng* "ficou falando".

925. Se a palavra termina em ditongo ou tritongo, perde no primeiro elemento as vogais átonas; se termina em sílaba átona, perde tôda a sílaba (e repetem-se a penúltima e a antepenúltima); se termina em consoante, costuma também perder a consoante:

ybyty'-bytyra: serranias, outeiros
o-sapukâ'-pukaî: grita contìnuamente
o-sapukâ'-pukaî-a: gritando contìnuamente
o-papá'-papar: estiveram contando

Se o verbo é monossilábico, repete-se também a última sílaba do pronome que o precede:

xe pó' xe poî: ficaram-me dando de comer demoradamente
ere-só re-só: ficas indo, demoras-te indo

Não se repetem as outras partículas (futuro, gerúndio, etc.):

oré-îu' 'ré-îur-eme: quando ficarmos vindo
nhandé mĩ' 'ndé mim-ne: ir-nos-ão escondendo

926. Às vêzes repete-se apenas a última sílaba não átona do verbo. E' o que se chama reduplicação *monossilábica*, em oposição à anterior, que é *dissilábica*. Exprime-se então a ação muito reiterada, uma atrás da outra. Cpr.:

oro-sẽ' ro-sem: ficamos saindo
oro-sẽ-sem: saímos sucessivamente, um após outro
a-îuru-py'-ru-pyk pitanga: tapei a bôca da criança (para não chorar)
a-îuru-py'-pyk mará-á'-bora: tapei a bôca do doente (dando-lhe comida)

"Tapar a bôca à criança" supõe certa continuidade ou duração (enquanto a criança tenta chorar). Ao passo que "dar de comer ao doente" implica repetição ou divisão (bocado a bocado).

927. Não se repetem os metaplasmos da primeira sílaba, provenientes de sua posição:

mo-ndyk (comp. de *mo*+*syk*): fazer chegar
mo-ndy'-syk: fazer chegar uns após outros
mo-ndok (comp. de *mo*+*sok*): cortar
mo-ndó'-sok: retalhar

928. Há tendência para a desnasalação do primeiro elemento, quando apocopado:

sa-sãî (em vez de *sã-sãî*), *su-sung* (em vez de *sũ-sung*), *pi-pin* (em vez de *pĩ-pin*)

929. Embora nem sempre a distinção entre os dois casos seja clara, pode-se dizer que, em geral, a iteração das duas sílabas indica a *continuidade* ou *duração* de um ato, ao passo que a reduplicação da sílaba final conota a *multidão* de agentes ou pacientes, ou a *subdivisão* do processo verbal:

o-sẽ o-sem: êles não param de sair, ficam saindo

o-sẽ'-sem: saem muitos; é um contínuo sai-sai

o-î-nupã-nupã: estiveram-lhe batendo *ou* espancando-o

o-i-nupã-pã: bateram em muita gente, a torto e a direito; deram muita pancada

tasyba sẽ'-sem-eme-bé o kûara suí, sabiá i mo-kõ'-kong-i: à medida que as formigas iam saindo do (seu) formigueiro, o sabiá as foi engolindo

abá s-aynha o-î-mo-sã'-mo-sãî; s-akypûer-i aûuru i mo-kõ'-kong-i: o índio ia espalhando as sementes; por trás dêle o papagaio as foi engolindo

sukuriîu o-îuká sûasu, i mo-kõ'-mo-kong-a: a sucuri matou o veado, e o ficou devorando

sabiá arabé pá-katu mo-kõ'-kong-i: o sabiá engoliu tôdas as baratas (uma a uma)

koem-e ixé îepeaba mo-ndok-i: cortei a lenha de manhã

koema abé ixé îepeaba mo-ndok-i: desde manhã estou cortando lenha

e-î-mo-ndó'-sok îepeaba!: retalha a lenha!

Usando da nomenclatura moderna: a reduplicação da sílaba final exprime o aspecto *iterativo*, e a reduplicação das duas últimas sílabas exprime o aspecto *durativo* da ação verbal.

Biblioteca Pública Pelotense

930. Tanto a reduplicação monossilábica como a dissilábica, no verbo, dão o sentido de processos que não se efetua(m) em um só momento ou lugar.

Mas a reduplicação dissilábica implica ação ou ações *prolongadas(s)*, ao passo que a monossilábica diz respeito a ação ou ações *inextensa(s)* ou *discreta(s)*, no tempo ou no espaço.

Durativo e iterativo são ambas formas *imperfectivas*: denotam ações ou estados em via de se perfazerem ou realizarem. O que explica também certa função *depreciativa*. São inúmeras as abonações de formas reduplicadas para designar ações fracassadas ou erradas (mesmo moralmente):

meẽ'-meena: entregar, por êrro, uma cousa a quem não é o dono (VLB 315); *r-ekó-r-ekó*: dizer e desdizer (VLB 193); *mo-mbeú--mbeú*: tornar público o que é secreto (VLB 357); etc.

Outras vêzes as formas reduplicadas ostentam um caráter *intensivo* ou *superlativo*.

Nenhuma contradição com a função anterior. A linguagem tem dêsses contra-sensos (o nosso diminutivo tanto significa *pequenez*, como *carinho* e *desprêzo*).

Em oposição às formas imperfectivas (durativo e iterativo), há a forma *perfectiva* — o verbo não reduplicado — que denota um processo ou estado não extenso nem subdividido, nem em vias de realização, mas visto como um todo completo ou perfeito, seja no passado, no presente ou no futuro.

Observe-se que tanto a forma perfectiva como as imperfectivas são de per si indiferentes à noção de tempo relativo (n. 113). As partículas temporais se lhes agregam acidentalmente. O tempo, em lídimo tupi, é categoria mais nominal do que verbal.

931. Pode-se dar uma combinação *iterativo-durativa:*

sok: intr. quebrar-se
só'-sok: iterat. quebrar-se em vários pedaços, espedaçar-se
mo-ndok: tr. quebrar

mo-ndo-sok: iter. quebrar em vários pedaços, espedaçar
mo-ndó'-mo-ndok: dur. ficar quebrando
mo-ndo-só-ndo-sok: iter.-dur. ficar quebrando em vários pedaços

932. Note-se que, não havendo nas línguas neolatinas processo regular para exprimir os *aspectos*, muitas vêzes a tradução não leva em conta êsses matizes do tupi:

Kó ara pupé pe-puká-puká
Aé-reme pe-r-asẽ-r-asem (*Crest.* 147 corrig. e ad.):
"Neste mundo rides (lit. ficais rindo)
"Então (no outro mundo) chorareis (lit. ficareis chorando)"

Por isso mesmo, na versão para o tupi, é mister não esquecer a reduplicação, tôda vez que a ação fôr *contínua* ou *repetida*, ainda mesmo que em português êsses aspectos não sejam gramaticalmente expressos.

933. 1. O adjetivo ou verbo predicativo segue os verbos, no que se refere à reduplicação. Prevalece a função intensiva, superlativa ou plural não já da ação mas do *estado*:

pinima: pintado; *pinĩ-pinima*: todo pintado, muito pintado, cheio de pintas; *xe paî*: estou carregado; *xe pá' xe paî*: estou sobrecarregado; *mirĩ*: miúdo; *mirĩ-mirĩ* (VLB 297): muitas cousas miúdas

2. O nome verbal segue o verbo. O adjetivo nominal acompanha a natureza dos substantivos. Nestes, a reduplicação conota sempre certa multiplicidade ou mesmo pluralidade.

A monossilábica dá idéia de distribuição ou multiplicação; a dissilábica, de extensão ou difusão (no espaço ou no tempo). A monossilábica serve a uma modalidade de coletivo ou plural discreto, i. é, a uma multidão de sêres *subdivididos*, que conservam entre si alguma relação de unidade — como as estrêlas de uma constelação ou as pintas de um animal. Já a reduplicação dissilábica serve melhor para exprimir o coletivo ou plural de cousas extensas ou *contínuas* — como as listas na pele de um animal, as fibras de uma madeira, etc.:

mytá: estrado; *mytá-mytá*: escada (conjunto de várias estrados ou degraus); *mutuka*: mutuca; *mutu-mutuka*: broca, pua

Vê-se, pois, que nem sempre a reduplicação no substantivo corresponde ao nosso plural.

3. Há casos de reduplicação mono-dissilábica com nomes; cpr.

tinga: branco, brancura
ti-tinga: mancha branca; impigem
titĩ-titinga: muitas *ou* várias manchas *ou* impigens

Ti-tinga já implica certa pluralidade (a dos inúmeros pontinhos que formam uma mancha). *Titĩ-titinga* acrescenta o conceito de pluralidade ou multiplicidade das manchas difundidas ou estendidas pelo corpo.

4. A reduplicação dissilábica dos numerais forma os distributivos, ou melhor, o plural dos números:

mokõî: dois; *mokõ'-mokõî*: dois a dois, i. é, vários grupos de dois

5. Algo semelhante se dá com os recíprocos. Já incluindo êles a noção de pelo menos dois sêres (*um* ao *outro*, etc.), a reduplicação vem acrescentar a idéia de plural, de "vários" *um ao outro*, etc.

E como o prefixo *îo* não supõe necessàriamente reciprocidade (n. 629), a reduplicação de elemento a que se afixe *îo-* pode significar uma série (ou *plural*) de sêres ligados, seja recíproca seja consecutivamente:

recíproca: $1 \rightleftarrows 2 \quad 3 \rightleftarrows 4 \quad 5 \rightleftarrows 6 \quad 7 \rightleftarrows 8 \quad 9 \rightleftarrows 10$

consecutiva: $1 \rightarrow 2 \rightarrow 3 \rightarrow 4 \rightarrow 5 \rightarrow 6 \rightarrow 7 \rightarrow 8 \rightarrow 9 \rightarrow 10$

Nas partículas (advérbios, preposições, etc.) prevalece a reduplicação dissilábica. A função não difere muito das dos verbos e nomes: além do conceito de repetição-distribuição (redpl. de 1 sílaba), continuação, duração ou extensão (redpl. 2 sílabas), tendência para o superlativo ou intensivo e para o depreciativo ou pejorativo:

o-îo-akypûer-i: um atrás do outro (2)
o-îo-akypûé'-kypûer-i (VLB 257): uns atrás dos outros (mais de 2, p. ex. em fila)
o-îo-ybyr-i a-î-mo-in (VLB 352): prendo-os (2) um junto ao outro
o-îo-yby'-ybyr-i a-î-mo-in (*id., ib.*): prendo-os (mais de 2) um junto ao outro (p. ex., em corrente)

o-îo-upé (VLB 257): um ao outro
o-îo-upé-upé (*id., ib.*): um ao outro, e o outro ao outro, etc.
a-mo-îo-akypûer xe nheenga (*id., ib.*): repeti minhas palavras (1 vez)
a-mo-îo-akypûé'-kypûer xe nheenga (*id., ib.*): repeti minhas palavras (mais de 1 vez)

6. Há casos de reduplicação de sufixos, como *-bae, sara, saba, pûera,* etc.

7. Nos seguintes pronomes e interrogativos, a reduplicação exprime o plural:

amó amó: alguns
abá abá-pe?: quais as pessoas?
mbaé mbaé-pe?: quais as cousas?
marã marã-pe?: quais as cousas?
mbaé mbaé-reme-pe?: em que ocasiões?
mbaé mbaé-p' iã t-eõ suí nhe-ang-û-aba? (AR. 158): quais (as cousas que são) os motivos de se recear a morte?

934. OBS.: Certos verbos, primitivamente iterativos, perderam a forma simples. São vocábulos que indicam ações extensas, não porém contínuas e iguais, senão compostas de partes repetidas: *bebé* "voar", *papar* "contar", *pepek* "bater asas, revoar" e "cordear as velas" (VLB 371), *pupur* "ferver", *ryryî* "tremer", *tytyk* "palpitar", *ruru* "estar inchado, embebido, prenhe"; etc.

935. Vai certa divergência nos antigos gramáticos quanto à reduplicação monossilábica. ANCHIETA parece supor que o processo é aplicável a quaisquer verbos. MONTOYA e RESTIVO afirmam que só uns poucos verbos (uma meia dúzia) conhecem o processo, que aliás êstes autores não distinguem funcionalmente da reduplicação dissilábica.

Curioso que os verbos que servem de exemplos a ANCHIETA, ao VOCABULÁRIO NA LÍNGUA BRASÍLICA, etc. sejam quase os mesmos de MONTOYA e RESTIVO. Tudo indica as seguintes soluções: 1. Em numerosos verbos, não há reduplicação monossilábica, porque o sentido não se presta a iterações: "querer", "dormir", etc. 2. Noutros, iterativos por natureza, como "voar", "contar", etc. (n. 934), extinguiu-se, por inútil, a forma não iterativa. O iterativo já era, pois, um processo decadente na língua. Conservava-se em alguns poucos verbos, cujo sentido mais se prestava.

EXERCÍCIOS

936.

paũ, nho-paũ: intervalo
paũ-paũ: às vêzes, a intervalos
mo-paũ, mo-nho-paũ: fazer de vez em quando
ro-byk: tr. chegar-se a
îá'-îab: gretar-se todo

py-koẽ, py-gûaîa: côncavo
mo-py-koẽ: tornar côncavo
pekãî: cutucar (às escondidas)
endy-îab (*s*) (*xe*): luzir
endy-îa'-îab (*s*) (*xe*): reluzir (estrêlas, águas, fogos, etc.)
endy (*s*) *endy* (*s*) *-îab* (*xe*): reluzir (fogo, estrêla, etc.)

937. *A-î-mo-paũ-paũ nhó-te Tupã ok-pe xe r-e-iké* (VLB 266) — *"A-iké paũ-paũ nhó-te Tupã ok-pe"* (ib.). — *"Nde-be oro-sapuká'--pukaî"* (AR. 2) — *"Kó ara pupé pe-puká-puká; aé-reme pe-r-asẽ'--r-asem"* (*Crest.* 147 corrig. e ad.) — *Xe s-ekyî-me, pirá r-endy--r-endy-îab-amo". — Mondá'-sara gûyrapara r-e-ro-by'-ro-byk-eme é. abá amó morubixaba pekã'-pekãî. O-sapuká'-pukaî, oré r-enõ'-r-enõî-a. Oro-sẽ-sem oré r-oka suí mondá'-sara mo-mo-sem-a. — Pe-î-mo-py--koẽ-koẽ ikó ybyrá pesẽ-bûera. O-îá'-îá'-pab!... — Pe-no-sẽ-sem ui nhaẽ suí, aîpó pitanga îuru-py'-pyk-a. — "Marã-pe asé r-ekó-û karuk-eme o-ker îanondé? Marã marã-p' akó îeí xe r-ekó-û? — e-î"* (AR. 112). — *"Abá abá-pe asé r-esé Tupã mo-ngetá-sar-amo s-ekó-û?"* (AR. 18).

EXERCÍCIOS

938.

confessar-se: *nhe-mo-mbeú*
frechar dois de uma vez: *mo--îe-kan*
atirar (flecha) acertando: *ybô*
beliscar: *mo-tyk*
repetir (uma vez): *mo-îo-aky-pûer*
id. (mais vêzes): *mo-îo-aky-pûé'-kypûer*

fazer cócegas em: *pokixyk*, tr.
apressadamente: *anhé*
apressar: *mo-anhé*
soluçar: *îe-kok* (*xe*)
toma!: *kó!*
com fôrça: *atã*
se não, do contrário: *aan-eym-e*
brayateiro: *apepu*

939. Em que ocasiões a gente se deve (n. 695) confessar? Quais as cousas que a gente contará, confessando-se? A gente não deve ficar

repetindo sempre as mesmas palavras. — Um peixe beliscou o anzol. Não foi só um, mas um cardume que estêve beliscando. Deixe-os ficar beliscando ainda. Êles estão repetindo, uns atrás dos outros. Dois peixes grandes estão beliscando também, com fôrça, o meu anzol. Dêem-me o arco que os frecharei de uma só vez. Toma! És um bravateiro! — Não me estejas fazendo cócegas, do contrário não atirarei. Eu não atiro, porque estou soluçando. Erraste, porque atiraste apressadamente. Tu é que me ficaste apressando.

940. SUCESSOS EM CASA DE CAIFÁS

P. Antônio de Araújo (1566-1632)

(adaptação ortográfica)

Mamó-pe Anás îandé îara r-e-ra-só-ukar-i? — Mor-e-r-ekó-ara[1] *Caifás s-er-bae supé. Marã e-í-pe Judeus i xupé i mo-mbegû-á-bo*[2]*? — O-nheeng-mo-nhã-mo-nhang*[3] *tenhé o-e-moem-amo, i îuká-uká'--potá nhé. Marã-pe îandé îara r-ekó-û aé-reme? — O-pik o-am-a*[4]*, i nheeng-obaîxûar-eym-a. Marã e-í-pe Caifás i xupé o-porandup-a? — Tupã-eté r-esé a-porandub endé-bo, e-í, e-î-mo-mbeú katu Tupã R-ayr-amo nde r-ekó, oré-bo, e-í. Marã e-í-pe îandé îara i xupé? — Nde é aîpó er-é, e-í; anhé-'té, pe-s-epîak irã Tupã T-uba é-katu-aba koty xe gûapyk-a xe r-en-a-ne, e-í; yby-tinga ar-bo xe r-ur-a abé-ne, e-í. Marã e-í-pe Caifás Judeus-etá supé, îandé îara aîpó é-reme? — Tupã r-esé tiruã kó nheenga r-e-ityk-i, e-í; pe-s-endu'-n' akó i nheenga poxy, e-í. Marã-eté-î-p'-ipó peẽ-mo? e-í. Marã e-í-pe pe nheenga? e-í; o aob-usu mo-ndo-ró'-ndo-rok-a, o marã-motar-amo. Marã e-í-pe Judeus aé-reme? — Îa-îuká memé aîpó î-ara, e-í; t' o-manó, e-í. Marã îabé-pe marana rí t-ekó-ara*[5] *s-e-r-ekó-û aé-reme? — O-î-xã-misyk*[6] *s-e-ro-am-a i aî-aî-a*[7]*, s-obá r-esé o-nhe-no-mũ-no-mun-a, aoba ibĩ*[8] *pupé s-obá uban-a, s-obá peté'-petek-a, i aypy atyká-tyká-bo*[9]*, "e-î-kuá r-aú*[10] *nde rí o-pó-ar-bae", o-î-á-bo i xupé.*

Catecismo (ed. 1898), pp. 78-79.

1 — chefe, príncipe. 2 — para acusá-lo. 3 — ficam discursando. 4 — estêve calado. 5 — guerreiros, † soldados. 6 — amarraram-no. De *sam-bisyk*, aliás, mais correto *sam-bysyk* (de *sama* "corda" e *pysyk* "apanhar").

7 — ficando a escarnecê-lo. De *îaî* (*îo*), durat. Mais correto seria *i îá' i îaî-a*. 8 — *aoba ybî* (melhor que *ibî*) : véu. 9 — a esmurrar-lhe o cacho do pescoço. 10 — ptc. que denota desprêzo ou enfado.

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 52v-53v; VLB 208; 220; 280-281; 300; 401; 406; 412; 413; — 86; 151; 249; 257; 262; 352; 361; 410; passim; MONTOYA 51-52; RESTIVO 72-74; L. BARBOSA 168-169; 171; DALL'IGNA, *A Reduplicação;* ID., *Análise* 69-70.

O corpo do prisioneiro é moqueado (STADEN)

CONDICIONAL

941. Forma-se do indicativo, acrescentando-lhe *-mo*. Na forma negativa, intercala-se *xó-é* ou *xó* (n. 186). A partícula interrogativa *-pe* antepõe-se a *-mo:*

a-î-pysyk-mo: eu o apanharia; *nd' îandé maenduar-i xó-é-mo*: não nos lembraríamos; *nd' oro-pysyk-i xó-pe-mo?*: não te apanharíamos?

O sufixo pode ser reduplicado:

a-îuká-mo-mo ou *a-îuká-mo*

942. Havendo na frase algum advérbio, deve-se repetir depois dêle o sufixo *-mo*. Mas pode-se também omitir o que estiver por último:

eu iria hoje: *a-só-mo kori-mo* ou *a-só-mo kori; kori-mo a-só-mo* ou *kori-mo a-só*

943. As partículas estreitamente unidas ao verbo colocam-se antes de *-mo:*

nda emonan-i xó-é-te-pe-mo?: não seria, pois, assim?

Mas vêem-se exemplos como:

marã-mo-te-pe raú? ou *marã-mo-te-pe?*: como pois havia de ser?

944. O próprio infinito, acompanhado de *-reme* (n. 679) ou *riré* (n. 684), pode receber o sufixo *-mo*.

Ao infinito regido pela conjunção *-reme,* o sufixo *-mo* dá o sentido do nosso subjuntivo imperfeito ou futuro ("matasse" ou "matar").

945. Os pronomes objetivos são os mesmos do infinito (n. 336). É de largo uso a conjugação subordinada (n. 554):

xe s-epîak-eme-mo, a-îuká-mo: se eu o visse (*fut.*), matá-lo-ia; ou: se eu o visse (*pass.*), tê-lo-ia matado; *i kuab-eme-mo, s-eõ-û-mo*: se êle o soubesse, morreria; *nde só-reme-mo, s-eõ-eym-i-mo*: se fôsses, êle não morreria; *nde só-eym-e-mo, s-eõ-û-mo*: se não tivesses ido, êle teria morrido: *emonã-neme-mo*: se fôsse assim; *emonã-eym-e-mo*: se não fôsse assim

946. *Riré-mo* corresponde a "se tivesse"; negat.: *eym--iré-mo* "se não tivesse":

nde kirirî riré-mo, nde r-epîak-eym-i xó-mo: se te tivesses calado, êle não te teria visto; *nde puká-eym-iré-mo, nd' oro-endub-i xó-é-mo*: se não tivesses rido, êle não te teria ouvido

947. Para exprimir o passado, tem freqüente emprêgo a partícula *beé* ou *meé:*

nde xe r-enõî-eme-mo, oro-endu' beé-mo: se me tivesses chamado, eu te teria ouvido; *nde só-reme-mo, nd' a-pytá-î xó-é beé-mo*: se tivesses ido, eu não teria ficado; *xe îe-byr-eym-e-mo, i pytá beé eym-i-mo*: se eu não voltasse, êle não teria ficado

Beé-mo ou *meé-mo* ocorrem particularmente nas respostas indiretas:

nde r-oka ar-pe uuba ar-i: caiu uma flecha em cima de tua casa
nd' a-s-epîak-i xó-é meé-mo?: não a teria visto (se tivesse caído)?
o-îuká gûá nde r-ykeyra: mataram a teu irmão
i marangatú meé-mo: tivesse êle sido bom (e não o matariam)

Beé-mo ou *meé-mo* fica sempre depois do primeiro elemento da frase, e não admite outro *-mo* no período:

o-pytá meé-mo iké ou *iké meé-mo i pytá-û*: êle teria ficado aqui.

Às vêzes junta-se a *mbaé,* sem diferença de sentido:
mbaé meé-mo a-só: eu teria ido; *mbaé meé-mo iké i pytá-û*: êle teria ficado aqui

948. Com o mesmo sentido, em lugar ou antes de *beé,* pode-se empregar o advérbio *umã* ou *ymã*:

nde só-reme-mo, a-îe-byr umã-mo ou *a-îe-byr umã beé-mo*: quando fôsses, já eu teria voltado

949. O condicional, acompanhado de *-ne,* implica a idéia de obrigação:

ere-só-mo-ne kori(*-mo*) ou *kori-mo-ne ere-só*(*-mo*): deverias ir hoje

Neste caso, aparece com freqüência a partícula de realce *-te:*

ere-só-te-mo-ne kori: tu é que deverias ir hoje; *kori-te-mo-ne ere-só*: hoje é que deverias ir; *ahẽ ranhé-te-mo-n' o-só-mo* (VLB 327): êle é que deveria ter ido primeiro

950. Assim também *beé* (ou *meé*), seguido de *-mo* ou *-te-mo,* pode equivaler a "deveria ter":

i xupé beé-te-mo aîpó er-é: a êle é que o deverias ter dito

951. Às vêzes tem valor de argumento:

nda xe r-ausub-i, xe poî beé-mo: não me ama, (pois) deveria ter-me dado de comer (i. é, do contrário, ter-me-ia dado de comer); *nda xe r-ayra ruã endé, nd' ere-îaseó-î xó-é beé-mo*: não és meu filho, (pois) não deverias ter chorado (i. é, se o fôsses, não chorarias); *nd' -a-gûasem angá-î ã marã birĩ ikó abá r-ekó-pûera amõ supé, e-i; Herodes meé-mo ikó o-î-meeng t-eõ supé, i angaipaba kuap-a, e-i* (AR. 84): eis que não encontro sequer a menor falta na vida passada dêste homem — disse; (do contrário) Herodes, conhecendo os crimes dêle, o teria condenado à morte — disse

952. Havendo dois verbos no condicional, um subordinado ao outro, pode-se omitir um dos sufixos *-mo:*

xe îo-upé nde i é-reme-mo, oro-pytybõ(-mo) ou *xe îo-upé nde i é-reme(-mo), oro-pytybõ*: se me dissesses, eu te ajudaria

953. Mas *beé* exige sempre *-mo:*

xe îo-upé nde i é-reme, oro-pytybõ meé-mo ou *xe îo-upé nde i é-reme-mo, oro-pytybõ*: se me dissesses, eu te teria ajudado

954. É de muito uso no condicional, sobretudo no passado, a partícula afirmativa *raé* (n. 1043):

mbaé meé-mo xe r-enõî raé: devias ter-me chamado; *nde maenduar umã beé-mo raé*: já devias ter-te lembrado; *nd' a-î-kuab-i, aé beé-mo raé*: não o sei, (pois do contrário) tê-lo-ia dito; *nde só-reme--mo, nd' ere-s-epîak-i xó-é meé-mo raé*: se fôsses, não os terias visto

955. A partícula *-mo* aparece também modificando o gerúndio, quando a oração principal está no condicional:

nd' o-î-porará-î xó-é-pe-mo asé t-eõ, kó-ipó mbaé amó ikó ara pupé o-ikó-bo-mo? N' aan-i xó-é-mo (Ar. 51): não sofreria a gente a morte, ou outras cousas, (estando) neste mundo? Não; *a-manó, kó-ipó xe marã-ar-mo, i ú-eym-a-mo* (Ar. 118): eu morreria, ou adoeceria, não a comendo [carne]; *o-tî nhé-mo anhé, o tekó-kuab--amo é-mo* (Ar. 22): deviam envergonhar-se certamente, se é que entendessem

956. EXORTAÇÃO ANTES DA ABSOLVIÇÃO

P. Antônio de Araújo (1566-1632)

(adaptação ortográfica)

Ere-î-kuá' katu ipó nde angaipaba, Tupã suí nde sykyîé-eym-a, nde i mo-abá-eté-eym-a[1], *anhanga r-atá suí nde nhe-ang-ú-eym-a. Tupã r-esá-pe katu nde angaipaba r-ekó-û. Emonã té-katu-eté-pe nde nhe-mo-mbeú îabiõ, abaré*[2] *supé "Tupã nheenga r-upi katu a-ikó ang--iré-ne" nde é-ag-ûera nd' ere-î-mo-por-i? Erimbaé-pe aîpó nde î-aba*

ere-î-mopó'-ne? Nd' ere-î-kuab-i-pe Tupã îandé r-ub-ypy oîepé nhó[3] *s-ekó-aba suí i mo-sem-ag-ûera, s-esé îandé r-esé bé t-eõ, opá-katu ikó ara pupé îandé r-e-mi-mborará-tyba abé s-e-ityk-ag-ûera?*

Oîepé nhó ngatu erimbaé karaí-bebé[4] *Tupã nheenga aby-û biã*[5]*, s-esé nhó Tupã i mo-ingó-û anhang'-amo t-atá-pe s-e-ityk-a. Nd' ere--sykyîé-î ipó*[6] *Tupã suí: e-sykyî-á-bo-mo*[7]*, ere-ikó katu-mo, i nheenga ere-s-apîá'-katu-mo. Anhanga suí é ere-sykyîé; nd' er-é-î teé*[8] *i nheenga ere-s-apîá-bo; s-e-mi-motara r-upi ere-ikó s-atá-pe nde só îanondé. Iang nde angaipaba kuap-a, a-nh-andub anhanga r-atá-pe nde só potar-a. Na nde angaipab-i xó-é-mo, ybak-pe e-só-potá-mo: na s-aub-i*[9] *nde r-ekó poxy nde r-ekó-reme, nde r-esé Tupã î'-epyk-eym-e*[10]*; aîpó kuap-a-mo, ere-î-mo-ram-bûé*[11]*; Tupã nheenga aby ram-bûera-mo, nd' ere-irumõ'-rumõ-î xó-é-mo nde angaipaba-mo, nde nhe-ang-û-aba bé irumõ-mo. Nd' a-î-kuab-i xe angaipaba xe nhe-mo-mbegû-á'-pe xe r-e-mi-mo-mbeú-pûera r-esé ixé-bo Tupã nhyrõ-ag-ûera, e-î-á-bo-mo, nd' ere-ro-îe-byr-i xó-é-mo. Oîepé nhó Tupã nheeng-aby roiré abiã*[12] *abá o-nhe-ang-ú-eté, s-e-ro-îe-byr-eym-a, memé-t'-ipó o angaipaba irumõ-sara o-nhe-ang-ú-eté-û-mo.*

Catecismo (ed. 1898), pp. 247-248

1 — de *mo-abá-eté* "honrar". 2 — † padre. 3 — uma só vez. 4 — os anjos. 5 — n. 306. 6 — certamente. 7 — se o temesses. Ger. seguido de *-mo* (n. 955). No original vem *ecykyábomo*, ao que parece, êrro. 8 — por isso mesmo (n. 463). 9 — não sem razão. 10 — Devia ser *î'-epyk-eym-i*. 11 — impedirias. 12 — se... (quanto mais).

LOCUÇÕES GERUNDIVAS

957. As locuções compostas de dois particípios presentes traduzem-se levando os dois verbos ao infinito (em ordem inversa à do português), e, no fim, acrescentando *-reme*. Sendo paroxítono, o primeiro verbo perde a última sílaba, ou, se termina em ditongo, a última vogal:

xe ker xe r-u'-me, xe nupã-û: estando eu dormindo, êle me bateu; *nde s-arõ nde r-en-eme, nd' oro-enõî-botar-i*: estando tu esperando-o, não te quis chamar; *xe mbaé ú xe r-en-eme, xe îá' xe îáî o-ikó-bo*: estando eu comendo, êle ficou a me escarnecer

958. Mas se o sujeito da oração subordinada fôr o mesmo da principal, a locução se poderá traduzir de dois outros modos: 1) com dois gerúndios (mais usado); 2) com o 1.º verbo no infinito, regido de *-reme,* e o 2.º no gerúndio:

levantei-me, (estando) dormindo: *gûi-ké gûi-t-up-a, xe puam-i* ou *xe ker-eme gûi-t-up-a, xe puam-i*

cpr. *xe ké' xe r-u'-me, xe puam-i*

GERÚNDIO EXPLETIVO

959. Por vêzes aparecem locuções verbais em que o gerúndio é mero expletivo, nem sempre traduzível em português. Dá-se isso com o gerúndio dos verbos que significam "estar" (n. 900):

s-ygé-pe o eté-rama Tupã t-ar-i i puk-eym-e nhé o-á' o-up-a (ANCH. *Poesias Tupis 27*): no ventre dela Deus tomou o seu (futuro) corpo, (estando) nascendo sem que ela se corrompesse

960. Locuções semelhantes se fazem com os mesmos verbos no gerúndio, quando compostos com os prefixos *ro-* ou *no-, mo-* ou *mbo-* (n. 480):

o-kaî o-up-a aûîé-rama-nhé o ekó-bé r-e-r-ekó-bo (AR. 248): estão ardendo, eternamente vivendo (conservando a sua vida): ardem sempre vivos; *o-py-rung nde akanga r-esé, i mo-mbep-a muru nde r-e-r-ekó-bo* (NIC. apud REST. 151 ad.): pisou tua cabeça, esmagando-a (maldita!); *o é-katu-aba koty o-î-mo-gûapyk i mo-in-a* (REST. 151 ad.): fê-lo assentar (colocando-o) à sua direita

EXERCICIOS

961.

abaré: padre	*ang-iré*: doravante
Tupã: Deus	*oîepé-ĩ*: um só

962. *I nhyrõ nhé-pe-mo îandé îara i xupé, "Nde nhyrõ ixé-bo o-îo-upé i é-reme-mo? I nhyrõ nhé-mo* (AR. 81). — *Ere-î-aby-eti Tupã nheenga, nde angaipaba kuakup-a, anhanga supé e-nhe-meeng-*

-eté-bo. Té-umé ang-iré emo-nã e-ikó-bo. Abaré Tupã r-ekó-bîara supé é asé nhe-mo-mbeú: nd' e-í katu-î oîepé-ĩ tiruã Tupã nheeng-aby-ag--ûera o îo-upé i mo-mbeú-pyr-ûera mo-mbegû-á-bo abá supé: abá o îuká potar-eme tiruã n' o-î-mo-mbeú-î xó-é-mo: o-î-porará-mo t-eõ i mo-mbeú pousup-a-mo (Ar. 221 ad.). — *Na nde angaipab-i xó-é--mo, ybak-pe e-só-potá'-mo* (Ar. 248).

963.

estar acomodado: *îu'-katu*, intr. como pois havia de ser?: *marã--te-pe-mo?, marã-mo-te-pe?*

964. Estando eu acomodado, êle ficou (n. 932) me chamando. Se êle soubesse que estavas acomodado, não te teria ficado chamando. — Se fôsses tupinambá, não terias chorado. — Por que (n. 573) não comeis carne, depois que nasce um vosso filho? Ficaríamos doentes — dizendo — não a comemos. — O velho guerreiro, estando morrendo, mandou chamar os seus filhos, e lhes disse: eu não vos teria chamado, se não soubesse que vou morrer.

965. SUCESSOS EM CASA DE CAIFÁS

P. Antônio de Araújo (1566-1632)
(continuação da p. 327)

Opab-e-nné serã erimbaé aé-pe t-ekó-ara îî-aó î-aó-û, s-obá peté--petek-a? — Opab-ẽ-nhé, pysaré s-e-r-ekó memûã bé r-e-ro-koema[2]*. O-iké umã-pe*[3] *São Pedro Caifás r-ok-pé aé-reme? — O-iké umã. Marã-pe s-ekó-û? — T-eyî-pe*[4] *nhé i gûapyk-i, t-atá ipy-pe o-îe-pe--gû-á-bo. Marã e-í-pe gûá i xupé, — Jesus boîá ã ikó, e-í. Mboby--pe aîpó i é-û i xupé? — Mokõî. Marã e-í-pe São Pedro? — Nd' a-î-kuab-i aé abá, e-í, Tupã r-esé o-î-á-bo tenhé*[5]*, o e-moem-amo, Tupã r-era r-enõî-a. O-î-aby-eté katu serã Tupã nheenga, aîpó o-î-á-bo? — O-î-aby-eté katu. Nd' o-î-kuab-i-pe aîpó roiré o angai--paba? — O-î-kuab, o îo-esé Îandé Îara maẽ-neme. Marã s-ekó*[6] *r-esé--bé-pe i kuab-i? — Gûyrá sapukaîa r-esé bé. Marã îabé-pe? — Îandé Îara nheeng-ûera r-esé bé o-maenduar-amo. Marã e-í-pe umã Îandé Îara i xupé? — Mosapyr ipó*[7] *xe boîá-ramo nde r-ekó ere-î-kuakub, mokõî gûyrá sapukaî eym-e-bé-ne, e-í. Marã-pe São Pedro r-ekó-û, o angaipaba kuab' 'iré? — O-sem okar-pe o-îaseó--asy-katû-á-bo*[8]*. Aé-pe Judeus n' o-ikó-tebẽ-î, Judeus supé o îara*

meeng-ag-ûera r-esé? — O-ikó-tebẽ. Marã-pe s-ekó-û t-ekó-tebẽ suí? — O-î-meeng îe-by' s-epy-pûera morubixab-etá i îar-ûera supé. — "A-î-aby-eté ikó Tupã nheenga, xe îara angaturam-eté meeng-a", o-î-á-bo. Marã e-í-pe Judeus i xupé? — Nd' oro-ikó-î[9] aîpó-bae r-esé, e-í; nde aé ipó emo-nã ere-ikó[9], e-í; ere-î-kuá' ranhé meé-mo[10] emo-nã nde r-ekó-rama, e-í. Marã-pe Judas r-ekó-û aé-reme? — Aîpó o îo-upé é abé, o îara r-epy-pûera r-e-ityk-i Tupã r-ok-pe: aûîé o-só-bo o-îe-aîu'-byk-a, "n' i nhyrõ-î xó-é Tupã ixé-bo-ne", o-î-á-bo. I kuá-pok serã moxy o-î-atimung-a? — I kuá-pok. Opá-katu serã s-ygé-apûã[11] kuî-amo i kuá soró'-saba r-upi? — Opá-katu. Aé-pe i anga, mamó-pe i xó-û? — Anhanga r-atá-pe. I nhyrõ nhé-pe-mo Îandé îara i xupé, "Nde nhyrõ ixé-bo" o îo-upé i é-reme-mo? — I nhyrõ nhé-mo.

Catecismo (ed. 1898), pp. 79-81.

1 — De *aó* "injuriar". 2 — v. n. 960. 3 — já havia entrado...? 4 — diante de todos, pùblicamente. 5 — jurando falso, por Deus. 6 — por que acontecimento...? 7 — v. n. 1046. 8 — para chorar sentidamente. 9 — v. n. 286. 10 — v. n. 950. 11 — intestinos.

BIBLIOGRAFIA

Condicional — ANCHIETA 18v; 22; 23v-24; 25-25v; 26; FIGUEIRA 18-19; 29-30; 45-46; MONTOYA 14; 22-23; RESTIVO 39-42; 120-121; CAETANO 19; ADAM 57.

Locuções gerundivas — ANCHIETA 26v; RESTIVO 87-88.

Gerúndio expletivo — RESTIVO 148-151.

OPTATIVO

966. Forma-se do indicativo, seguido de uma das partículas: *-mo mã, -te-mo mã, meĩ mã, beĩ mã, meĩ-mo mã, beĩ-mo mã*. No negativo, intercala-se *xó-é* ou *xó* (n. 186).

-Mo mã e *-te-mo mã* servem para todos os tempos: as outras apenas no passado.

967. *Mã* é mais uma interjeição de desejo ou dor: "ah!". Junta-se amiúde ao vocativo:

xe r-ayr mã!, xe r-ayr-ĩ mã!: ah meu filho! ah meu filhinho!

É separável, e ocupa o último lugar na frase:

a-s-epîak-mo xe r-ayra mã!: oxalá eu veja a meu filho (lit. ah se visse...); *nda xe r-epîak-i xó-é meĩ-mo xe r-ayra mã!*: oxalá meu filho não me visse!; *i katu meĩ-mo xe r-ayra mã!*: oxalá meu filho fôsse bom!; *a-só-te-mo kori ahẽ irũ-mo mã!* (VLB 362): quem me dera ir hoje com êle!

Algumas vêzes se omite *mã*:
anhé-te-mo: oxalá fôsse assim
anhé-te-mo-ne: oxalá seja assim

968. Por sua vez, as partículas *-mo, -te-mo, meĩ, meĩ-mo* se pospõem sempre ao primeiro elemento independente da frase:

ixé meĩ-mo nd' a-îabab-i xó-é kaá-pe mã!: oxalá eu não tivesse fugido para o mato!; *koriteĩ-mo Tingusu o kó suí îe-byr-i mã!*: oxalá Tinguçu volte logo da roça

969. Segundo ANCHIETA, o optativo nunca é empregado com as 2as. pp., mesmo que elas sejam objeto direto. Substituem-se pela 3.ª p., expresso ou subentendido o nome da 2.ª p. com que se fala. Assim, falando com Pindobuçu: oxalá eu te ouvisse!: *a-s-endu'-te-mo mã!* ou *a-s-endu'-te-mo Pindobusu mã!* (lit. ah se eu o ouvisse!, ou a Pindoboçu!); oxalá me tivesses visto!: *xe r-epîak meĩ mã!* ou *xe r-epîak meĩ Pindobusu mã!* (ah se êle me visse!; se Pindoboçu me visse!)

Mas encontram-se exemplos em contrário nos outros gramáticos e no próprio ANCHIETA.

970. *-Mo mã, -te-mo mã,* etc. podem modificar advérbios:

emonã-te-mo mã!: oxalá fôsse assim!; *aîé* ou *anhé-te-mo mã!*: oxalá fôsse verdade!; *anhé-te-mo t-ur-i mã!* (VLB 320): assim êle viesse!

971. Muito usado, para exprimir o nosso futuro do optativo, é *marã îasûara-mo* "oxalá", seguido de verbo, e, facultativamente, de uma das partículas *mã, -te-mo mã, -mo-ne mã, -te-mo, -mo, -mo-ne*:

marã îasûara-mo a-só ou *xe só-û*: oxalá eu vá

Mas pode aparecer também no passado:

marã îasûara-mo-te-mo abaré xe apiramõ-neme xe angaipab-eym-e-bé, xe r-eõ mã! (AR. 249): oxalá eu tivesse morrido antes de pecar, quando o sacerdote me batizou!

972. Com o verbo *oryb (s) (xe)* "alegrar-se, folgar", e o superlativo *eté*, a frase que leva a intejeição *mã*, fica com o sentido de "Oh quanto folgo!, folgo muito!":

xe r-oryb-eté nde r-ur-a r-esé mã: folgo muito com tua vinda!

Igual sentido tem qualquer verbo seguido de *eté-ĩ* e *mã:*

o-ur-eté-ĩ xe r-uba mã! (VLB 314): quanto me alegro com a vinda de meu pai!

973. Sentido oposto traz *'té-katu-nhé-'té... mã* ou *'té-katu-nhé-'té-ĩ... mã!*: *o-manó 'té-katu-nhé-'té xe r-uba mã!*: quanto me pesa a morte de meu pai! *'té-katu-nhé-'té kó ahẽ mã!*: oh como é enfadonho êste homem!

974. *Mã*, precedido de *'té-ĩ*, exprime espanto:

'té-ĩ pirá mã!: oh que peixe! (grande, bravo, etc.), oh quanto peixe!
'té-ĩ kó ahẽ mã!: oh que homem êste! (enfadonho, *ou* grande, etc.).

975. A interjeição *tó!* expressa também espanto pelo tamanho de alguma cousa ou pessoa. Mas, explicada, atribui-se a tudo:

tó! 'té-ĩ kó pirá r-ekó mã! (VLB 318): oh que quantidade de peixes!

EXERCÍCIOS

976. *Marã e-í-pe asé o pyá-pe, ybaka r-esé o-maẽ'-mo-ne? "Ybak--pe é Tupã xe r-ub-eté r-ekó-û mã!" e-í-ne; "A-só-te-mo xe r-uba pyr-i, xe r-etam-eté-pe mã!" e-í-ne. N' asé r-etama ruã-te-pe ikó yby asé r-ekó-aba? N' aan-i, ybaka-por-ama r-esé é Tupã asé mo--nhang-i: atar-amo é asé r-ekó-û ikó yby pupé* (AR. 23). — *Tó! 'té-ĩ aîpó gûyrá r-ekó mã! — Tó! 'té-ĩ ygara mã! Maira ygar-usu-n' iã. Na nde r-oryb-eté-î t-ur-a r-esé? Xe r-oryb-eté mã! — I pore--ausub-ĩ mã!*

977.

navio: *ygar-usu*
estar, ficar saudoso: *karuk-asy* (*xe*)
só falta: *eyma nhó* (após infinitivo)
regressar (indo): *só* (*gûi*)*-îe--by'*
regressar (vindo): *îur* (*gûi*)*--îe-by'*
ter saudades de: *epîak-aub* (*s*)

978. Oh quanto folgo com a chegada dos portuguêses! — Oh quanta gente! — Como são enfadonhos êsses portuguêses! Êles regressarão dentro de pouco às suas terras! Oxalá eu fôsse com êles! Não terias saudades de tua terra. Eu não ficaria saudoso. Oxalá fôsses para lá: então quererias regressar, e não poderias. — Eu irei. Queres ir. Falta só ires. Eis que vou. Finges apenas que vais (*biã*), mas não vais. — Oh que enormidade de canoa! É o navio em que chegarão os portuguêses.

979. DANÇA DE DEZ MENINOS

P. JOSÉ DE ANCHIETA S. J. (1534-1597)

(adaptação ortográfica)

1.º

Xe r-etama mo-oryp-a,
ere-îu', xe r-ub gûé.
Xe abé nde r-obaké
a-îu' gûi-îe-mbo-ry'-mbo-ryp-a.

2.º

Kó xe anama r-ur-i pá
nde r-a-pé-pe nde r-epîak-a.
Xe abé xe mo-îe-guak-a,
nde mo-ory' katu potá'.

3.º

Tapyyî' pepyra gû-á-bo,
xe r-amũîa poraseî.
Xe Tupã r-ekó a-î-useî,
xe r-uba r-ekó peá-bo.

4.º

Xe r-uba xe mo-nhang-ara
nde r-ausu' xe irũ-mo bé.
Endé-te[1] *xe r-ub-eté,*
Paí Îesu r-ekobîara.

5.º

Koy' kó taba r-e-r-up-a[2]*,*
oro-ikó-katu bé-ĩ.
S-era-pûan[3] *Gûaraparĩ,*[4]
Tupã oka r-e-ro-kup-a.

6.º

Gûaraparĩ, s-er' umûana,
oro-ityk-potá' i xuí.
Santa Maria koy'
i porang, i mo-era-pûan-a.

7.º

Tupã sy mor-ausub-ara
oré anga o-î-pysyrõ.
Nde abé ere-î-pytybõ,
oré anga mbo-é-sara.

8.º

Pecado amotar-eym-a[5]*,*
a-s-ausu' Paí Îesu,
ta xe pytybõ ngatu,
o pyá pupé xe mim-a.

9.º

E-s-eîyî-ukar-umé
iké suí xe r-etama,
t' o-ikó pab-ẽ xe anama
Tupana r-ekó r-esé.

10.º

Îor-í, Paí Marasá[6]*,*
ikó taba mo-ngatû-á-bo[7]*,*
Paí Îesu mo-ngetá-bo[8]*,*
i xupé s-ausub-ukú.

Poesias tupis, pp. 21-23.

1 — mas. 2 — *r-ub* (de *ro*+*ub*): a) deitar-se com; b) ter *ou* estar com cousa que jaz *ou* está deitada. Aqui, no sentido b). 3 — é famosa. 4 — n. pr. de aldeia. 5 — odiando. 6 — Padre Marçal. 7 — abençoar; também: melhorar. 8 — rezar a.

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 18; 21; 24-24v; FIGUEIRA 16-17; 27-29; 34; 41-44; MONTOYA 14; 22; RESTIVO 38-39; CAETANO 19; ADAM 57-58.

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

ORAÇÕES SUBORDINADAS

980. CONCESSIVAS

îepé, aûîé-é, aûîé-bé, aûîé-bé-é, aûîé-bé-te, aûîé-bé-ramo(-te), ti-ruã-mo — "ainda que, embora, pôsto que, apesar de (que), mesmo que, ainda quando, por mais que"

V. exs. n. 1050.

981. FINAIS

"para que, afim de que"

Traduzem-se, conforme o caso, pelo *permissivo,* seguido ou não de *-te* (n. 198); pelo verbo "dizer", no *gerúndio* (n. 458); pelo particípio *saba* (n. 799). — Quando o sujeito é o mesmo da oração principal: *gerúndio* (n. 393, 425).

982. CONDICIONAIS

"se, caso, dado que, caso que": *-me* (n. 679)

983. "como se":

îaramé, îaramé-'té, îasûara-mo-n' aé, îasûara-mo-n' aé-mo, îasûá'-mo-n' aé, serã-mo-n' aé, serã-mo-n' aé-mo:

i kyreymbab îaramé, "Mbaé membeka" i é-û ixé-be: como se êle fôsse valente, chamou-me mole; *o-só ipó-ne reá gûi-î-á-bo-mo-n' aé* (VLB 268 corr.): como se eu pensasse que êle podia ir

No futuro, acrescente-se *ram* ao verbo: *ram îaramé;* etc.:

ixé t-obaîara îuká-ram îasûara-mo-n' aé, ybyrá-pema xé-be i meeng-i: como se eu é que tivesse de matar o inimigo, deu-me a mim o tacape

No negativo: *eym îaramé,* etc., e também: *eym-eté, eym-eté-m' aé:*

xe kyreymbab eym serã-mo-n' aé, ahẽ xe kurá'-kurab-i: como se eu não fôsse valente, êle me fica chamando nomes injuriosos; *xe pó--ekyî ybyrá-pema r-esé, ixé t-obaîara îuká-ram eym-eté*: arrebatou-me das mãos o tacape, como se eu não tivesse de matar o inimigo; *emonan eym-eté-mo*: como se não fôsse assim

984. "não fôsse...; se não fôsse..."

...îá-by mã!, îaby-no mã!; aé, aé-no, aé ipó-mã, aé ipó-no mã!:

o-só é ahẽ îaby-no mã! (VLB 389): não fôsse fulano ter ido...! *ahẽ r-ur-a aé ipó-no mã!*: não fôsse ter êle vindo...!

CAUSAIS

985. "porque, visto que, pois que, já que, uma vez que, desde que, como":

-reme (n. 679) ou *pé* (n. 1012), *esé* (n. 605) ou *-pe* (n. 140).

Estas duas últimas regendo ou não a partícula *saba* (n. 819, 820).

986. MODAIS

"como, assim como, qual", etc.:

îá, îá-bé, îá-bé-nhé, îa-katu(-nhé), îá-katu-'té-nhé:

ere-s-ausu'-pe nde r-apixara nde îe-ausub-a îa-bé? (AR. 244): amas a teu próximo como te amas?

987. LOCAIS

"onde": particípio *saba* (n. 799):

nd' a-î-kuab-i s-ekó-aba: não sei onde está

OBSERVAÇÃO

Em geral, as conjunções subordinativas finais, causais, modais, locais, temporais, podem ser vertidas pela partícula *saba* (n. 799):

nd' a-î-kuab-i i xó-saba: não sei para que, por que, como, aonde, quando êle foi

EXERCÍCIOS

ÎE-POR-AKÃ'-SABA

988.

îe-por-akã'-saba: caçada
soó: caça
soó aiba: animal que não se come
yeẽ: fojo
mundé-gûasu: armadilha para onças
potãîa: pinguelo (de corda)
poẽ: id. (de esteira)
etymã-kang-upî-ara (*t*): id. (de vara)
nong (*nho*) ou *upir* (*s*): armar
gûyapi tenhé: cair, sem apanhar
potãî'-mo-in: armar
mundé-rung: intr. fazer armadilha
mytá, mytá-îura, okaî' (*t*) *ybaté*: casinha na árvore (para esconder-se)
boîá: servo
ar: intr. cair (armadilha *ou* caça)
kaá mo-mbyrõ: caçar, cercando, com muita gente
kaá mo-ndó: fazer caçada
kaá-bo ikó ou *só*: caçar
soó r-esé ikó: caçar
mo-potãî-îar: tr. armar, para que não caia
mo-potãî-gûé: id., para que caia
mo-gûyapi: tr. desarmar

989. *Marã-namo-pe pe-î-apó aîpó yeẽ? Oro-î-apó, îagûara xe boîá r-ayra gû-ar-ûera mbo-á'-sag-ûama r-esé. O-ar umã-pe? Nd' e-í ranhé. — Peẽ mundé-gûasu nong-eme, îagûara ar-i-ne. Oro-nho-nong îepé, o-gûyapi tenhé. Pe-s-upir bé-nhé. Ixé mundé r-upi'-r-upir ram îarameté... Emonan-eme é, pe-î-mo-gûyapi bé-nhé.*

Nota: Com auxílio do vocabulário acima, formar outras frases.

Pesca à flecha e com rêde, em barragem (STADEN)

A PESCA

990.

pesca: *îe-por-aká'-saba*
barragem: *pari*
cardume: *eyîa* (*s*)
vara de pescar: *pindá-yba*
isca: *potaba*
barbasco: *timbó-gûasu, timbó--pirîana*
entorpecente vegetal: *tingy*
covo: *îekeá, îekeí*
parati (peixe): *parati*
linha de anzol: *pindá sama*
arisco: *esá-eté* (*t*)
pescar, caçar para (outro): *por-akar,* tr.
id. (para si): *îe-por-akar*
pescar com anzol: *pindá-e-ityk,* intr.
estar à tôa: *ikó nhó-te*
embarbascar (peixe *ou* rio): *tingy-îar,* tr.
ficar tonto: *gûaîu*
atirar-se a: *nhe-mo-mbor* [*-pe*]
pôr: *mo-in*
dar um puxão: *mo-syk,* tr.

991. Vamos pescar! Não quereis também pescar para mim, já que estais à toa? Como se não estivéssemos pescando para nós mesmos... — Atirai a rêde ao mar, para apanharmos aquêle cardume de peixes. Nós não a trouxemos. E por que não a trouxestes? Para que to dissemos?!... Como se eu tivesse de [ficar sabendo] (saber)... Como se fôsses apanhar muito peixe... — Dai-me pois a vara e a isca, já que não trouxestes a rêde. Eu vou pescar no pari, porque (*-reme,* no fim da frase), por mais que lanço o anzol, os peixes não beliscam. Mesmo que não belisquem, deves de vez em quando dar um puxão na vara: há peixes que não beliscam. Os peixes daqui são muito ariscos. Vamos entontecê-los com entorpecentes, para apanhá-los com a (nossa) mão? — Já cortei o barbasco. Atiremo-nos à água, porque os peixes já estão tontos. — E tu que estás fazendo? Estou pondo covos para (*ger.*) apanhar paratis.

992. CANTIGA A NOSSA SENHORA

P. José de Anchieta (1534-1597)

(adaptação ortográfica)

1. *Îandé kanhem' 'iré îandé r-ausup-a,*
Tupã amó kunhã ngatu mo-nhang-i,
abá sosé pab-ẽ i mo-morang-i[1],
t-ekó katu[2] *r-esé i mo-î'-ekó-sup-a*[3].

5. *"Xe sy-ramo ngatu[4] t' o-ikó" — o-î-á-bo[5],*
amó kunhã suí i mo-ingó-é-bo[6],
s-ausub-a r-e-r-ekó-bo[7], i mo-eté-bo,
i angaturã'[8] ngatu mo-eburusû-á-bó[9].

9. *Santa Maria s-era, anhang-upîara,*
Tupã r-endab-eté, Tupã r-aîyra,
Tupã sy-rama rí i mo-nhang-byra,
t-eõ r-upîara nhé, t-ekó-bé îara.

13. *S-ygé-pe o eté-raina Tupã t-ar-i.*
I puk-eym-e[10] nhé o-á' o-up-a[11].
Îandé pore-ausub-ok-a, îandé sup-a,
pitang-amo ngatu s-ekó-potar-i.

17. *Maria, Tupã sy, moro-ityk-ara[12],*
anhanga sumarã, i xykysyîé-'ba[13],
îandé maran' irũ, îandé abaité-'ba[14],
t-ekó katu r-esé îandé mo-ingó-ara.

21. *T' îa-s-ausu' pab-ẽ Santa Maria,*
îandé pyá pupé s-ekó mo-ndep-a.
T' o-pó-ar anhanga rí, muru[15] mo-mbep-a[16],
s-ekó poxy suí îandé r-eîyî-a.

Poesias tupis, pp. 26-27.

1 — embelezou-a, adornou-a. 2 — virtudes. 3 — concedendo (obj. dir. de p., ind. de c.). 4 — realmente. 5 — dizendo (i. é: formando intenção, n. 458). 6 — fazendo-a diferente, separando-a. 7 — tendo-lhe amor. Ger. expl. n. 960. 8 — bondade, santidade. Abstrato, por influência port. (n. 1093). 9 — engrandecendo. 10 — sem que ela se corrompesse. 11 — nasceu. Ger. expl. (n. 959). 12 — vencedora, vitoriosa. 13 — receio, motivo de receio. De *kysyîé* há, por metátese, a var. *sykyîé*. Aqui, insòlitamente, juntam-se as duas var.: *sykysyîé*, no verbal *saba* (n. 802). 14 — Parece part. *saba* de *abaité*: causa de nossa coragem ou temibilidade. 15 — o maldito (n. 1049). 16 — esmagando.

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 23v-24; 26-26v; 27v; FIGUEIRA 148-149; 162-163; MONTOYA 81-82; passim; CAETANO 89.

ADVÉRBIOS

993. Dispensa-se uma resenha de todos os advérbios. Apresentam-se aqui as observações necessárias para o seu correto emprêgo.

SINTAXE

Em que casos os advérbios exijam o gerúndio ou a conjugação subordinada, v. nn. 434, 554, 568.

ADVÉRBIOS DE MODO

994. Todo adjetivo, verbo intransitivo ou intransitivado, pode fazer de advérbio de *modo*, pospondo-se a verbo, adjetivo ou advérbio:

puku: longo	*ikó-bé puku*: viver longamente
atã: forte	*ar atã*: segurar com fôrça
py-atã: forte	*pysyk py-atã*: segurar com firmeza
katu: bom	*ikó katu*: viver bem
	mo-mbeú katu: louvar (declarar bem)
poxy: feio, torpe	*ikó poxy*: viver mal

Podem-se dar metaplasmos:

epîak + *katu* = *epîâ' katu*
mo-nhang + *memûã* = *mo-nhan' memûã*
atã + *katu* = *atã ngatu*

Os prefixos de classe, é claro, não aparecem:

anhé (*t*): apressado — *anhé*: apressadamente

Cai o *a* final átono:

poranga: bonito — *nheẽ' porang*: falar bonito
nhe-mim-a: esconder-se — *nhe-mim*: às escondidas
îe-aseî-a: encolerizar-se — *nheeng îe-aseî*: falar com indignação
angaturama: bom — *r-ekó angaturam*: tratar bem

995. ADVÉRBIOS DEMONSTRATIVOS

Os adjetivos ou pronomes demonstrativos funcionam também como advérbios demonstrativos (de lugar ou de tempo) (n. 75):

kó s-ekó-û: ei-lo, aqui está (*vis.*); *kó t-ú'-î*: ei-lo, aqui está deitado (*vis.*); *aîpó i xó-û* ou *t-ur-i*: ei-lo aí vai *ou* vem (*invis.*); *o-só uĩ*: eis que vão (*vis.*); *ebokûé* ou *ebokûeî i xó-û*: ei-lo que lá vai (*vis.*); *ebokûé xe so-û* ou *a-só*: eis que aí vou, eis lá vou (*vis.*); *ebokûé-'té-ĩ t-ur-i*: eis que vem aí pertinho (*vis.*).

Distinguem-se exatamente como os demonstrativos (n. 69).

Para maior realce, às vêzes repetem-se os demonstrativos:

kó-eté-ĩ t-ur-i kó (VLB 198): ei-lo que vem aqui pertinho

996. ADVÉRBIOS NUMERAIS

Os adjetivos ou pronomes numerais servem de advérbios numerais (n. 215), mas antepõem-se ao verbo:

oîepé i îe-byr-i: voltou uma vez
mosapyr i nhe-á-pu-mim-i: mergulhou três vêzes

997. ADVÉRBIOS DE TEMPO

INTERROGATIVOS

erimbaé?: quando?

mbaé-reme?: em que ocasião *ou* hora?

AFIRMATIVOS

arakaé, erimbaé, kûesé-nheym: *akûé-me*: antigamente, em tempo passado
kûesé: ontem; há poucos dias
îeí, oîeí, îeí-îé, îeí-bé, oîeí-bé: hoje (passado)
ramó: agora de pouco, recentemente
umã, umûã, ymã, ymûã: já (passado)
koyr, koy': agora, hoje
koy'-te: já, finalmente
kori: hoje (fut.), mais logo, depois
oirã, oirandé: amanhã
kori koem-e: amanhã de manhã
irã, mirã, karamosé, erimbaé, amó-neme: futuramente
bi-pe, ambi-pe: em alguma ocasião, algum dia (fut.)
koromó: daqui a pouco, logo logo
apyr-ĩ: daqui a pouco, logo logo
koriteĩ: logo, depressa, ligeiro
taûîé, kûeî-eté: logo
aûîé-rama, aûîé-rama-nhé: sempre, para sempre

998. ADVÉRBIOS DE LUGAR

INTERROGATIVOS

umá?, umá-me?, mamó?: onde?

manõî?: donde?

AFIRMATIVOS

ké, iké: aqui
eb-apó: lá
mõ: acolá
kybõ: para cá
apûé, apûé-katu: longe
amõ: para lá
bi-pe: algures
ebo-kûé: por aí, por lá
eb-anõî: daí
anõî: de lá
ybaté: em cima, no alto

999. Certos pronomes demonstrativos, regidos de preposição, equivalem a advérbios:

aîpó-pe: ali, lá
aîpó suí: dali, de lá
aé-pe: lá
euĩ-me ou *ebouĩ-me* ou *uĩ-me*: aí, lá
akûeî-pe: aí, lá, no lugar de que falamos
kûé koty: para a outra banda
kûeî-bo: por alguma parte
kûé-pe: em *ou* a alguma parte

1000. Obs.: Conforme a posição na frase, o mesmo elemento pode ter diversas funções:

i îuká-py' katu: o morto (que era) bom
i îuká-katu-pyra: o (que foi) bem morto
xe r-e-mi-mbo-é-pûé' katu: o bom que eu ensinei
xe r-e-mi-mbo-é-katu-pûera: o que eu ensinei bem

EXERCÍCIOS

1001.

manh-ana (de *maẽ-ana*): vigia, espia
nheeng apûã: falar aos brados
nheẽ' ngatu: falar bem
matu-eté: muito
sãî: apenas
apẽ: torto
pyy'-pyyî: depressa
pysaré: durante tôda a noite
nheẽ'-bik: parar de falar
aûîé-nhé: inconsideradamente

1002. *Oro-ikó Tupã r-ok-pe. Iké nd' îa-é-î katu îa-nheeng-a. Îa-é katupe îa-nheen' mbegûé? Aan-i. — Kó mitanga o-nheeng apûã o-in-a. E-î-mo-nheẽ'-bik. — Abá-pe akó abá oîeí Tupã r-ok-pe o-nheẽ' ngatu-bae-pûera? Abaré r' akó, nda paîé ruã: paîé nd' i nheẽ ngatu-î. Mbaé-pe i nheenga? O-î-mo-mbeú-mbeú porang Tupã sy angaturama, o nheẽ' ngatu-ramo. Kori-pe i nheeng îebyr-i-ne? N' aan-i, kori koem-e-te. — Abá i nheeng ara puku-î, pysaré; karaiba nd' i nheẽ' mbuku-î. Maira i nheẽ' sãî. Peró i nheeng aûîé nhé. — Pysaîé xe pak-i, nde nheeng atã r-endup-a. — Ere-î-kuab-pe oré nheenga? Aan-i. Pe nheẽ' mbyy'-mbyyî. — Pysaré ebapó manh-ana in apẽ-î.*

1003.

resíduo do caldo de mandioca: *typy-oka*
grelha: *mo-kaẽ ytá*
ralo: *ybesẽ*
sêco, enxuto: *kaẽ*
pôr de môlho: *mo-mbub*
apodrecer: *pub* (*xe*)
defumar: *mo-kaẽ*
joeirar: *mo-gûab*
fazer bolotas de: *mo-apûam*, tr.
ralar: *kyty*

1004. Que estiveste fazendo aqui ontem? Não estivemos aqui, senão lá. Em que ocasião estivestes lá? Estivemos tôda a noite fazendo farinha. Como fazeis farinha? A farinha branca (*uí tinga*) fazemos assim: ralamos a mandioca, espremo-la na prensa; (do) seu pó fazemos bolotas, assamo-las em panelas ou em pratos de barro. Outras vêzes misturamos *typyoka* com essa farinha, e assim fazemos a farinha dura (*uí atã*), que levamos à guerra. Também pomos a raiz de môlho. Quando apodrece, descascamo-la, deixamo-la defumar em grelhas. Esta é a mandioca *karimã*. Pilando-a, fazemos a farinha *karimã*, e desta (n. 619,2) fazemos o *mi-ngaú*. A gente pode também espremer a mandioca podre (*mandió-puba*), cozê-la: assim a gente faz o *mbeîu*. O *mbeîu* a gente faz também da mandioca fresca, depois de ralá-la. E a peneira que eu vi hoje lá, para que é? É para joeirar a farinha podre. Como se chama a farinha crua? Chama-se *typy r-aty*. Como se diz "caldo de mandioca crua coalhado"? Diz-se também *typy-aka*. E "farinha do caldo de mandioca"? *Typy-ok' uí* ou *typy-ak' uí*. Como se chama a farinha de mandioca, que se espreme com as mãos e que não se joeira com a peneira? Chama-se farinha *tina* ou *mixá-kuruba*. Conheces mais alguma farinha? Sim. Conheço também a farinha *esá-kûá'-tinga*.

1005. EXORTAÇÃO ANTES DA ABSOLVIÇÃO

P. Antonio de Araújo (1566-1632)

(continuação da p. 333)

Nde îuru-pe nhó-te serã[1], *"A-ikó katu ang-iré-ne" — er-é e-nhe--mo-mbegû-á-bo îepi, na nde pyá-pe ruã: o pyá-pe katu aîpó é-î-ara o-î-mo-por aîpó o é-ag-ûera. Anhanga r-atá-pe koyr o-ikó-bae, aé-pe o-só îanondé, "A-só-potar ybak-pe" e-í biã*[2]*; "Nd' a-só-potar-i anhanga r-atá-pe" e-í biã. I pupé nhé*[3] *aé-pe koyr r-ekó-û, o-kaî o-up-a*[5] *aûîé-rama-nhé o ekó-bé r-e-r-ekó-bo*[6]*, o îuru nhó-te aîpó o é-ag-ûe-ra r-epy-ramo.*

Nde maenduá' katu[7] *Tupã r-e-mi-mo-nhang-ûer'-amo nde r-ekó*[8] *r-esé, nde r-esé Tupã T-ayra nhe-mo-kunumĩ-ag-ûera*[9] *r-esé, nde anga r-epy*[10]*-ramo og-ugûy té-katu*[11] *meeng-ag-îera r-esé. Nde maenduar nde r-esé ybyrá îo-asaba*[12] *pupé i mo-îar*[13]*-pyr-amo, nde r-esé s-eõ--agûera r-esé.*

Tupã nheenga aby-reme, anhanga supé ere-nhe-meeng-eté, s-e--mi-ausub'-amo e-nhe-mo-ingó-bo: s-ausup-a nhé[14]*, i mo-eté-bo nhé;*

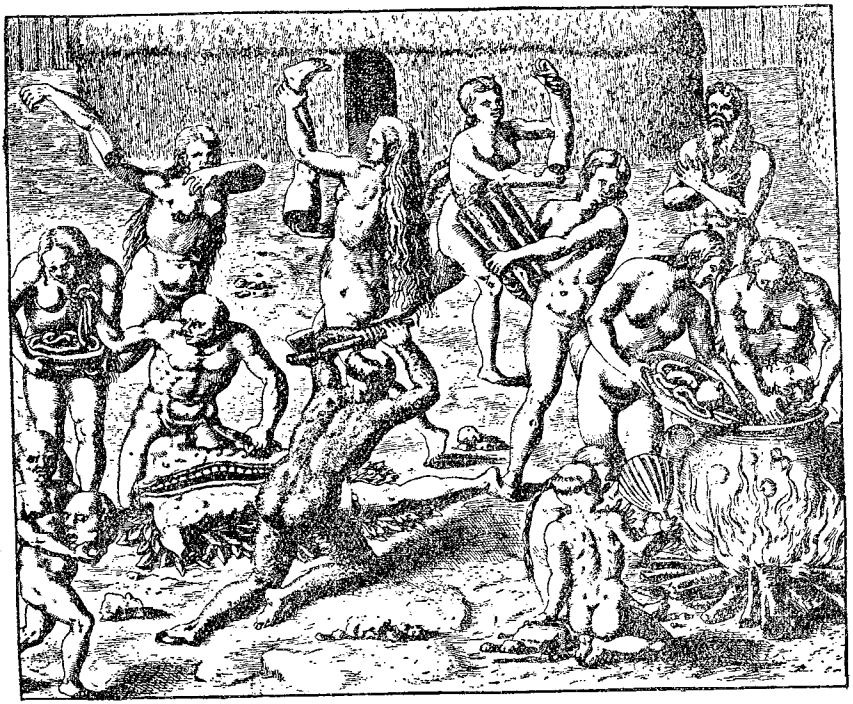
Tupã nde mo-nhang-ara, nde pysyrõ-ana r-e-ro-yrõ-mo, i mo-eté--eym-a, Tupã nde r-ausub-a suí[15] *e-îe-peá-bo. Na s-aub-i*[16]*, iké xe r-obaké nde r-ur eym-e-bé, nde îuká-eym-i, nde r-esé o-î'-epyk-a: o angaturam'-amo*[17] *é nde nhe-no-nhen-a*[18] *r-arõ-mo é.*

Catecismo (ed. 1898), pp. 248-249.

1 — n. 1045. 2 — bem que (n. 306). 3 — n. 1058. 4 — estão. 5 — estão ardendo. 6 — sempre vivos (n. 960). 7 — imperat. 8 — sêres tu. 9 — ter-se feito menino. 10 — preço, resgate. 11 — todo. 12 — cruz. 13 — pregar. 14 — (n. 1058). 15 — do amor de Deus para contigo. 16 — não sem razão (n. 576). 17 — por ser bondoso 18 — corrigires-te.

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 2; 39-40; 57-58; FIGUEIRA 126-144; MONTOYA 76-80; RESTIVO 327-330; CAETANO 69-74; ADAM 32-35.



Preparação do repasto sacrifical (DE BRY)

CONJUGAÇÃO NEGATIVA
(Síntese)

1006. Acrescenta-se ao:

INDICAT.: *nda — -i* ou *nda — ruã* (n. 183 e 184)
INDICAT. FUT., CONDICION., OPTAT.: *nda — -i xó-é* ou *nda — ruã-î xó-é* (n. 186)
IMPERAT., PERMISS.: — *umé* (n. 193)
INFIN. (n. 344), GER. (n. 405), CONJ. SUBORD. (n. 565), PARTICÍPIOS: — *eym-* (n. 701, 730, 738, 760, 773, 798, 833)

1007. **ruã**

Ruã serve também para negar frases inteiras e membros da oração; às vêzes, prescinde de *nda*:

na mbaé-ú-potá ruã, a-îur: venho não com intenção de comer; *nda xe r-uba supé ruã ere-î-meeng*: não foi a meu pai que o deste; *xe r-esé-bé ruã t-ur-i*: não foi comigo que êle veio; *nda xe é-reme ruã, nde abé er-é-ne*: não porque eu o disse, tu também o dirás

Nas frases interrogativas, sem *nda,* toma accepção dubitativa:

aûîé ruã-pe? aûîé ruã-te-pe? aûîé ruã-pe é?: não basta? não parece que chega?; *o-só ruã-pe é?* (h.); *o-só ruã-pe rí?* (m.) (VLB 255): é certo *ou* será certo que êle foi? êle não foi?; *kó abá boîá ruã-te-p' ikó nde?* (AR. 77): pois não és discípulo dêste homem?

1008. **eym-**

Como sufixo de substantivos, *eym-* (n. 334) corresponde a "sem", "falta de":

t-ekó-eté-eym-a: falta de valentia (covardia); *mbaé-eym-a*: falta de bens (pobreza); *pab-eym-a*: sem fim, infinito; *t-er-eym-a*: sem nome; *t-ub-eym-a*: sem pai, órfão de pai; *sy-eym-a*: sem mãe, órfão de mãe

1009. Qualquer, verbo, mesmo no indicativo, condicional e optativo, pode-se negar com *eym* em lugar de *nda — -i*, etc.:

a-îuká-eym, ere-îuká-eym, etc.: não mato, não matas, etc.

Mas é esta forma de raro uso, a não ser com os verbos de pronome paciente:

xe katu-eym, nde katu-eym, etc.: não sou bom, não és bom, etc.: *xe ytab-eym, nde ytab-eym*, etc.: não sei nadar, não sabes nadar, etc. (n. 383)

1010. **nda — eym-i**

Juntando as duas partículas negativas *nda* e *eym-i*, resulta uma afirmação elegante:

nd' a-î-potar-eym-i: não deixo de o querer, quero-o; *nda pe maenduar-eym-i s-esé*: não deixastes de vos lembrar dêle: *nd' oro-endub-eym-i-xó-é-ne*: não deixarei de te ouvir; *e-î-meeng-eym umé i xupé-ne*: não deixes de lho dar; *nd' îî ytab-eym-i*: êle não deixa de saber nadar: sabe nadar: *nda xe r-endub-eym-i xó-é meĩ-mo xe r-aîyra mã*: oxalá minha filha não tivesse deixado de me ouvir

1011. **nda — eym- ruã**

No gerúndio, infinito e conjugação subordinada, a negação dupla é *nda — eym- ruã*:

nda s-epîak-eym-a ruã, ixé s-enõî: não deixando de o ver, eu o chamei; *nda i xó-eym-e ruã, nde s-epîak-eym-i-ne*: não porque êle

deixou de vir, não o verás; *nda i xó-reme ruã, na nde s-epîak-eym-i-ne ruã*: não porque êle vai, não deixarás de vê-lo; *nda gûi-xó-eym-a ruã, a-s-epîak*: não porque não fui, eu o vi

1012. OBS. Junto a verbo negativo, a partícula *pé* ou *pé-é* (após nasal *bé*) supre a conjunção *-reme*. O verbo perde a consoante final oral. A pospositiva negativa é *-i*, não *ruã:*

nda xe só pé-î: não porque eu vá; *nda xe r-epîá' pé-î*: não porque êle me veja; *nda i tym bé-î*: não porque o enterraram; *na xe s-epîak-eym bé-î*: não porque não o visses; *aîpó nda xe é pé-é-î*: não porque eu dissesse isso; *nda xe sem bé-î, nd' oro-epîak-i xó-é-ne*: não porque não saio, é que não hei de te ver

EXERCÍCIOS

1013.

ara: entendimento

î'-ekó-ab-ok: alterar-se

mo-ngaú: tr. dar a beber vinho a

eym (*s*): id.

1014. *Mbaé-pe pe-s-ekar? — e-í; nda s-e-mi-ekar-a kuab-eym-a ruã* (AR. 75). — *O-î-aby-pe abá Tupã nheenga s-oó gû-á-bo s-oó gû-ab-eym-a pupé, o e-mi-ú-rama r-esé o-ikó-tebẽ-bo nhé? Nd' o-î-aby-î, "A-manó, kó-ipó xe marã-ar-mo i ú-eym-amo" — o-î-á-bo é. Marã o-ikó-bo bé-pe abá aîpó-bae o-î-aby? S-oó gû-ab-eym-a pupé abá supé s-oó ú-uká. Marã o-ikó-bo bé-pe? O îá nhó-te mbaé ú-eym-a, o-sabeipor-amo, sabeipora suí ara mo-kanhem-a, abá mo-ngagû-á-bo, kó-ipó s-eym-a, i mo-sabeipó', kó-ipó "t' o-sabeipó" o-î-á-bo nhó-te tiruã. O îá nhó-te kagû--ara-pe, marã? Nd' o-î-aby-î Tupã nheenga* (AR. 118). — *Marã e-í-pe amó-aé Tupã asé r-ekó-mo-nhang-aba? "Anhé-'té" er-é tenhé umé, Tupã r-era r-enõî-a, e-í. Abá-pe aîpó-bae o-î-aby? I por-eym-bae, kó-ipó o e-mi-nguá-katu-eym-a o-î-mo-mbeú-bae, "Emonã kó, Tupã r-esé" — o-î-á-bo tenhé* (AR. 98). *Mbaé katu mo-nhang--ag-ûama r-esé Tupã r-enõî-dara, na i mo-pó'-potá ruã, marã-pe? O-î-aby bé* (AR. 99). — *O-î'-ekó-ab-ok-bae-rama-pe t-ekó puku ybak--pe s-e-mi-e-r-ekó-rama? Nd' o-î'-ekó-ab-ok-bae-rama ruã* (AR. 63).

1015.

deve ser; será certo que?: *ruã-pe?* — oxalá não fôsse...!: *nda... (-eté)-ĩ mã!*

1016. Quantos guerreiros vieram? Não são poucos (*mobyr*). Será assim? É certo isso? Quem é aquêle que vem à frente dos outros? Deve ser teu pai. Oxalá não fôsse meu pai. Não vais encontrá-los? Não por que veio meu pai, irei encontrá-los. Não és bom filho, pois não vais (n. 951). Tu também vais? Não porque vais, deixarei eu de ir. — De que fêz Deus antigamente êste mundo? De nada (lit.: não de cousa). De nada o céu e a terra Êle fêz? De nada. (Cfr. AR. 43).

1017. DANÇA DA PROCISSÃO

P. JOSÉ DE ANCHIETA (1534-1597)

(adaptação ortográfica)

1. *Kó oro-ikó oro-nhe-mbo-'ryp-a*
nde ara mo-morang-á'-pe.
T-o-ú', nde îe-'-r-ur-é-sá-pe,
Tupã oré mo-oryp-a,
o-pytá-bo oré pyá-pe.

6. *Oro-î'-e-ro-bîá' nde rí,*
S. Lourenço angaturama,
e-s-arõ oré retama
oré sumarã suí.

10. *T-oro-ityk oré poxy,*
paîé r-e-ro-bîar-eyma,
moraseîa, mbyryryma,[1]
caraí-monhanga[2] *ndí.*

14. *Tupã r-e-ro-bîá' katu*
nde pyá suí nd-o-ir-i:
t-oro-gûe-ro-bîá' nde pyr-i
îandé rub-eté Jesus.

18. *Oré anga t-o-îo-su',*
s-ekó poxy mo-sa-sãî-a,
Nde abé i-mo-esãî-a,
Jesu irũ-mo t-ere-îu'.

22. *T-ynysem Tupã r-ausuba*
nde nhyã-me erimbaé.
E-maẽ oré r-esé,
t-oro-s-ausu' îandé r-uba
îandé mo-nhang-ar-eté.

27. *Ere-s-apîá' îandé îara,*
i nheenga mo-pó' pá.
E-îor-í oré r-ausub-á',
t-oro-î-mo-morang ko ara,
nde r-ekó poranga r-á'.

32. *S-upi-bé ere-mo-mbûeîrá'*
maraa-bora, s-obá-'sap-a:
nde r-ayra i maraá',
anhanga r-ekó potá:
e-îor-í-no i-mo-mbûeî-rap-a.

37. *Îandé Îara mo-mbegû-á-*
-bo,
t-eõ ere-î-porará,
t-oré-py-atã angá
mbaé-asy porará-bo
Tupana r-esé nde îá.

42. *O-sykyîé nde suí*
anhanga, nde mo-abaeté-
-bo.
E-îor-í imo-sykyîé-bo,
t-o-ikó umé oka r-upi
oré anga mo-ngué-bo.

47. *Tupã mo-mburî-ar-eté*
t-atá pupé nde r-esyr-i,
opá nde r-eté r-air-i
itá-tîãîa pupé.

51. *T-oro-îaseó memé,*
Paí Tupã r-epîak-aup-a.
T-o-ur kó ara pupé
oré anga mo-akup-a.

55. *O-ryryî, nde îuká ré,*
Tupã sumarã r-eyîa.
E-îor-í oré r-ekyî-a,
t-oro-ikó nde ipy-pe nhé,
oré sumarã mo-ndyî-a.

60. *Nde îuká-sar-ûera o-só*
o-kaî-a anhanga r-atá-pe.
Endé Tupã r-oryp-á-pe
aîîé-rama nhé ere-ikó.

64. *Nde îabé t-oro-s-ausu'*
Paí Tupã oré nhyã-me,
t-oro-gûe-r-ekó s-etã-me
nde pyr-i t-ekó puku.

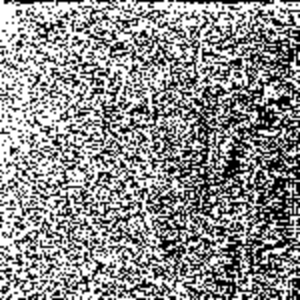
68. *Oré r-e-r-ekó-ar-eté,*
nde pó-pe oré anga r-u-î.
Oro-byá[3] *nde r-esé.*
Oré r-ausubá' îepé,
oré r-ekó-bé puku-î.

Auto de S. Lourenço, p. 89-92

1 — duvidosa palavra, quanto ao sentido. Parece indicar algum uso supersticioso relacionado com "girar" ou com "mover-se velozmente", senão com o uso do "catavento". Cfr. MONTOYA, *Tesoro* 299/293: *Pyryrĩ;* RESTIVO, *Vocabulário* 535: "Veloz"; VLB 425 "Uentoinha". 2 — ceremônias de "santidade". Cfr. VLB 385. 3 — *byar*, intr. acomodar-se; ficar; permanecer; estar bem. Cfr. MONTOYA, *Tesoro* 79v; VLB 288.

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 17v-20; 22-23v; 26v-30v; 34-35v; 39v-40; 46-48; FIGUEIRA 23-35; 36-53; 100; 105-106; 108; 113; 114; 143; MONTOYA 13-18; 21; 43-44; 46-48; 49-50; RESTIVO 45-47; 86; 92; 93; 95; 99; 104-105; 108; 141; 160; 163-169; 211-213; CAETANO 15-16; 18; 19; 25-26; 31; 35; 46; 48; 50; 51; 58; ADAM 51; passim; TOVAR 125-126.



CATEGORIAS VERBAIS
(Síntese)

PESSOAS

1018. Há diferenciação de 6 pessoas: 1.ª, 2.ª s., 2.ª pl., 3.ª, 1.ª s. + 2.ª (s. ou pl.) (+ 3.ª), 1.ª s. + 3.ª.

Na 3.ª p., não se distingue o singular do plural. Em alguns casos, opõem-se a 3.ª reflexiva e a não-reflexiva (n. 304).

MODOS

1019. Exprimem morfològicamente as diferentes atitudes de quem fala, diante da ação ou estado referidos.

Há os seguintes: *indicativo, imperativo, permissivo, infinito, gerúndio, particípios, condicional* e *optativo.*

O infinito e os particípios (exceto *-bae*) são formas nominais.

Ademais dêsses, a língua tupi conhece outros modos, como o negativo, o interrogativo, o dubitativo, o potencial (n. 1028). Também certas partículas têm função modal: *raé* dá um sentido de *quotativo*, i. é, de afirmativa baseada apenas em informação (n. 1043); *reá* (h.) e *reĩ* (m.), de *opinativo* (n. 1044); *anga(b)*, de *exortativo* (n. 459); etc.

1020. Não há subjuntivo. Conforme o caso, supre-se com os outros modos:

oxalá êle venha!: *o-ur-te-mo mã!* (optat.)
oxalá êle tivesse vindo!: *o-ur meĩ mã!* (optat.)
quando êle vier: *t-ur-eme* (infin.)
se viesses: *nde r-ur-eme-mo* (condicion.)
se tivesses vindo: *nde r-ur' iré-mo* (condicion.)
quero que me mates: *a-î-potar nde xe îuká* (infin.)
quero que me mates: *a-î-potar nde xe îuká-sag-ûama* (particípio)
êle manda que vás: *e-kûãî!* — *e-í nde-be* (imperat.)

que êle vá: *t' o-só* (permiss.)
deixa que êle vá: *t' e-í nhé o-só-bo* (gerúndio, n. 434)
não venhas: *e-îor umé* (imperat.)
disse para que o ouvísseis: *peẽ s-endup-ag-ûama-n' ikó a-é* (partic.)

As conjunções que em português levam o verbo para o subjuntivo presente, pedem indicativo em tupi. As que levam o verbo para o subjuntivo imperfeito, pedem condicional:

ainda que eu vá: *aûîé-bé-te a-só*
ainda que eu fôsse: *aûîé-bé-te-mo a-só*
ainda que me bata, eu falarei assim mesmo: *aûîé-bé-te xe nupã-û, a-nheeng-ĩ*
ainda que me batesse, eu falaria assim mesmo: *aûîé-bé-te-mo xe nupã-û, a-nheeng-ĩ-mo* (VLB 93)
por mais que o chame, não me ouve: *a-s-enõî îepé, xe r-endub--eym-i*
por mais que o ficasse chamando, não me ouviu: *a-s-enõ'-s-enõî îepé-mo, xe r-endub-eym-i*

Em lugar de *aûîé-bé*, vem também *aûîé-é, aûîé-bé-é, aûîé-bé-ramo, aûîé-bé--ramo-te, tiruã-mo.*

TEMPOS

1021. O tempo não é expresso gramaticalmente no verbo tupi (n. 113).

Em lugar do *tempo* ou *ocasião*, relativos, em que se verifica o processo verbal (antes, depois ou durante o tempo em que se *f a l a*), o tupi procura descrever o *a s p e c t o* ou maneira da ação: se é instantânea ou prolongada; repetida, subdividida, ou contínua (n. 920 s).

O tempo pode ser indicado através de partículas independentes, como *koyr* agora, *oîeí* hoje (pass.), *kori* hoje (fut.), *kûesé* ontem, *oirandé* amanhã, *irã* futuramente, *erimbaé* ou *arakaé* antigamente, *umã* já, etc.

NOTA. Para uma comparação com nossas línguas, deve-se lembrar que mesmo nestas a distinção gramatical (presente, passado, futuro) nem

sempre é objetiva. O futuro só existe na língua literária: "eu vou=irei"; "domingo te pago=pagarei". Ainda: "vai chover"; "hei-de voltar"; "vou trazer". Cfr. a origem do futuro nas línguas neolatinas, anglo-germânicas, no latim, etc. O presente e o passado são empregados para um acontecimento futuro: "quando ela vier, eu sigo", "quando êle voltar, eu já fui". Por outro lado, o presente pode implicar noções diferentes da de tempo: "êste avião voa 800 kms. por hora", i. é, tem capacidade para isso (ainda que nunca o tenha feito, e mesmo que no momento presente esteja parado); "a terra gira em derredor do sol"; "aquêle menino nada", i. é, sabe nadar; "aquela moça não dança", i. é, não sabe dançar *ou* não usa dançar. O mesmo se diga dos outros tempos gramaticais: "êste novo tipo de avião voará 1.000 kms. horários"; "por esta rua passava bonde". Nas duas frases "Galileu afirmou que a terra roda em derredor do sol" e "Galileu afirmou que a terra rodava em derredor do sol", *roda* e *rodava* significam absolutamente a mesma cousa. Apenas *rodava,* da oração subordinada, obedece a uma espécie de concordância com o tempo gramatical da oração superordinada ou principal.

1022. Na maioria dos casos, o indicativo dos verbos de prefixo agente (*a-, ere-, o-,* etc.) corresponde ao passado real, que se exprime em nossas línguas ora pelo passado ora pelo presente gramaticais:

o-pak soó: o bicho acorda *ou melhor* acordou
o-manó xe sy: morreu minha mãe

O nosso presente gramatical é uma abstração, com pouca realidade objetiva. Se o acontecimento se está realizando no momento presente, temos ou o aspecto durativo ou o iterativo. P. ex.: "Pedro dorme", i. é, "está dormindo" — um processo que vem do passado, cobre o momento presente e perde-se no futuro. Se o acontecimento já está realizado, temos o passado.

1023. O indicativo traduz também o nosso futuro. Mas quando êste envolve intenção ou *resolução* de quem fala, traduz-se pelo permissivo (n. 197). Quando denota *expectativa* de quem fala, pede *-ne* (n. 113).

Em tupi, o futuro é mais um modo do que tempo, no verbo.

1024. O indicativo dos verbos predicativos (de *xe, nde, i,* etc.) afirma uma equação, indiferente de per si à noção de tempo.

Mesmo quando, na maioria dos casos, se traduz por nosso presente, reflete não o momento presente absoluto, mas resultante de um passado remoto ou imediato:

paîé i marangatu: o feiticeiro é bom (já o era antes, tanto assim que justifica a afirmação presente).

As precisões ficam a cargo das partículas temporais (n. 1021), resolutivas ou espectativas (n. 1023).

1025. A noção de processo habitual, costumeiro, exprime-se com partículas como *îá, îaby* (n. 382) ou pela conjugação com prefixos pacientes (*xe, nde, i,* etc.), aplicável a quaisquer verbos.

Apenas, os verbos transitivos devem levar *poro-* ou *mbaé* (n. 382).

Encontram-se, porém, exemplos como

abá o-gûatá o-py-bo: o homem anda com os (seus) pés
aîpó-bae te-ne nd' o-î-aby-î mboîa (Ar. 241): êsses não diferem da (parecem-se à) cobra

1026. A capacidade física, intelectual ou moral (modo *potencial*) traduz-se também pela conjugação predicativa (n. 383) ou por locuções em que entra o verbo *é* (n. 461-462).

1027. A própria conjugação perifrástica, normalmente, não se refere à ação presente em particular, mas à ação prolongada ou contínua, em qualquer tempo, conotada a posição do sujeito (n. 900):

o-nheeng o-in-a: estêve, -ava, -á, -ará (parado) falando
o-nheeng o-up-a: estêve, -ava, -á, -ará (deitado) falando
o-nheeng o-am-a: estêve, -ava, -á -ará (de pé) falando
o-nheeng o-ikó-bo: estêve, -ava, -á, -ará falando
o-nheeng o-kup-a: estiveram, -avam, -ão, -arão falando

Pelo contexto, pelos advérbios temporais que acompanham, se depreenderá a que tempo diz relação.

1028. Nos documentos ocorre amiúde o advérbio *irã* "futuramente, tempo virá, algum dia":

e-î-asoîab-ok nde karamemûã t' a-s-epîak ne mbaé. A-nhe-mo--sainan; a-s-epîak-ukar irã nde-be. Nd' a-r-ur-i xó-p' irã mbaé nde-be?: (LÉRY 24 ad.): abre a tua caixa, para que eu veja os teus objetos. Estou ocupado; algum dia tos mostrarei. Pois eu não te trarei presentes qualquer dia?; *a-r-ut irã, xe r-ekó aîîé riré* (*id.* 38 ad.): eu os trarei quando os meus negócios estiverem concluídos; *a-só irã-ne* (*id.* 42 ad.): irei qualquer dia

1029. Nos documentos coloniais nota-se a tendência (européia) de dar o sentido de presente à forma geral. Para reforçar a noção de *passado,* aparece às vêzes *erimbaé* "antigamente" ou *umã* "já":

mamó-pe erimbaé t-eyî katu pab-ẽ Îandé Îara r-e-ra-só-û Kaifás r-oka suí i xem' iré? (AR. 82): aonde a multidão levou a N. S., depois que Êle saiu da casa de Caifás?

ASPECTOS

1030. Os verbos apresentam-se ora sob a forma perfectiva ora sob a forma imperfectiva.

A primeira exprime um processo realizado ("perfectum") e visto como um todo ou unidade indivisa e inextensa (seja no presente, no passado ou no futuro). A segunda exprime um processo em vias de realização (no presente, no passado ou no futuro) e que se estende ou subdivide no tempo ou no espaço.

A forma perfectiva pode ser atual ou habitual. A atual é expressa pela forma comum do verbo. Sôbre a habitual, v. n. 1925.

As principais modalidades de formas imperfectivas, em tupi, são o iterativo, o durativo e o iterativo-durativo, que se obtêm pela reduplicação (n. 924).

OBS. A língua tupi conhece outros aspectos, obtidos pela adição de sufixos, como *bé* (continuativo ou permansivo), *bé-nhé* (repetitivo), *îá(-by)* ou *amé* (habitudinal), *apyr-ĩ* ou *sûer(-ĩ)* (iminentivo), *katu* ou *eté* (intensivo), *pyyî* (freqüentativo), *ĩ* ou *(te-)nhé* (remissivo ou distensivo), *é* (restritivo), *bîar* (morosivo-progressivo), etc. Como em tôdas as línguas, há circunlóquios para

expressar aspectos: *puká-ypy, puká-îepotabé, puká-îebyr, puká-pik*: começar a, continuar a, tornar a, parar de rir, Etc.

VOZES

1031. Além das vozes *ativa, reflexiva* e *recíproca* (n. 578), há a voz causativa e a causativo-comitativa. A *causativa* indica que o sujeito causa uma ação (ou estado) a um objeto, e obtém-se com o acréscimo do prefixo *mo-* ou *mbo-* (n. 196) aos verbos não-transitivos (e nomes) e do sufixo *ukar* (n. 516) aos verbos transitivos. A voz *causativo-comitativa* acrescenta que o sujeito participa de certo modo do efeito que causou, e obtém-se com o prefixo *ro-* ou *no-* (n. 500).

O verbo pode estar simultâneamente em várias vozes. Mas os morfemas *îe-* e *îo-* por um lado e *mo-* e *ro-* por outro são incompatíveis entre si.

1032. Não há *conjugação passiva*. Há os particípios passivos *pyra* e *t-e-mi-*. O primeiro não se usa quando vem expresso o agente (n. 767):

i îuká-pyra: o (que é) morto; *xe r-e-mi-îuká*: o (que é) morto por mim; *i îuká-pyr-ama endé*: tu és o (que será) morto; *xe r-e-mi-îuká-rama endé*: tu és o (que será) morto por mim

1033. Nos documentos figura também um circunlóquio: o verbo *ikó* precedido do particípio *pyra* (raramente *t-e-mi-*), modificado pela preposição *-ramo:*

i îuká-pyr-amo ere-ikó: foste morto; *xe r-e-mi-îuká-pyr-amo ere-ikó*: foste morto por mim; *i mo-mbeú-katu-pyr-amo ere-ikó kunhã suí; i mo-mbeú-katu-pyra bé nde membyra Jesus* (Ar. 2): és bendita acima das mulheres; bendito também o teu filho Jesus

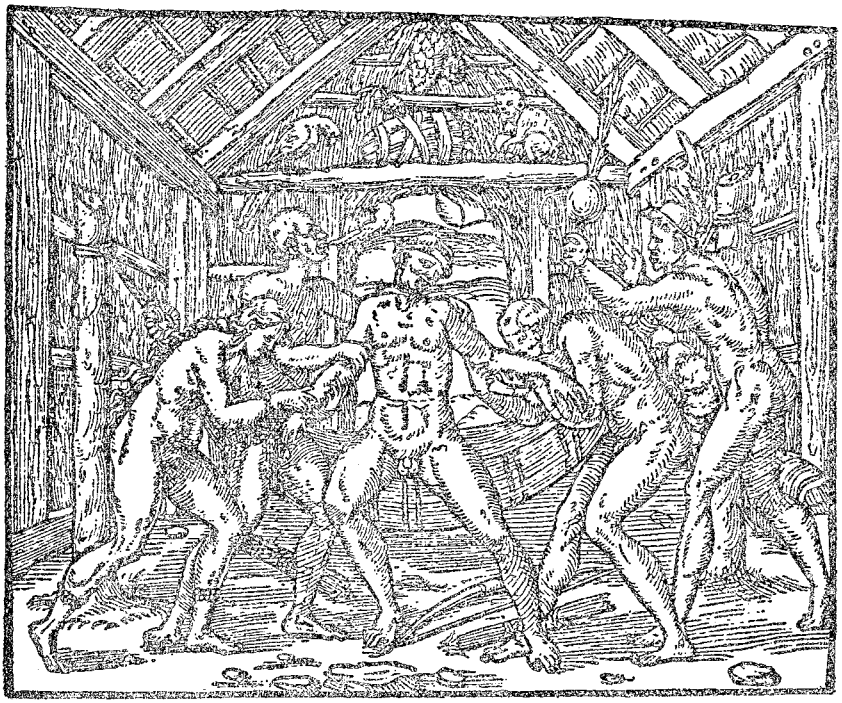
EXERCÍCIOS

1034.

posanga: remédio
atá-'pynha (*t*): carvão, brasa
— *o-ikó-bé-bae*: brasa
— *o-gûé'-bae*: carvão
ekó-aba é ou *nhé* (*s*) (*xe*): ser costume
posanong: curar
mo-timbor: defumar
mo-gûaî: ferir
suban: chupar, sugar
pyter: chupar

1035. **Suban** só se diz de "chupar" os doentes, para curá-los.

1036. *Paîé poro-posanong-ar-amo nhe-mo-ingó-û. Mbaé-asy-bora peîu atã riré, i mo-tiinbor-i. O-î-xuban mbaé-asy-bora r-eté, i xuí mbaé asy r-e-no-sem-a mo-ang-aup-a. Aîpó riré, o îo-îuru suí t-atá-'pynha ogûé'-bae-pûera, kó-ipó pirá kang-ûera, o e-mi-mima, r-e-ityk-i, i mun-a, "Ang-bae a-no-sem nde r-eté suí" — o-î-á-bo mará-á'-bora supé, o îuraragûaî-amo. — Mará-á'-bora, o asy suí s-asẽ-s-asem-e "I anga s-asẽ-s-asem o-ikó-bo" — abá i é-û. — Kunhã, mará-á'-bora mo-mbûerá'-potá', i îwru-pe amyniîu r-e-nimbó mo-ndeb-i, i xuban-a, "T' oro-mo-mbûerab-ne" — o-î-á-b'-aup-a. — Nda abá ruã mará-á'--bora mo-ngetá-û. Marã-pe emonã s-ekó-û? S-ekó-aba é. — Abá amó, o-î-mo-gûaî-bae-pûera, o-î-xubã-xuban i pûerab eym-e-bé-ne.*



Tratamento de um doente (THEVET)

1037.

febre: *akuba* (*t*)
disenteria: *eikûar-ugûy* (*t*)
corrução (doença): *ygé-aíba* (*t*)
tosse maligna: *uú asy*
morador da aldeia: *tapiîara*
agasalhar bem (o hóspede): *îe-mbo-ryryî* [*esé*]
espantar, expulsar: *mo-ndyî*
(para) longe: *mamó*

1038. Como vai o doente? Tem melhorado? — O pajé o estêve sugando tôda a noite para curá-lo. — E o doente sarou? — Ainda não. — Que é o que o pajé, sugando-o, tirou do corpo dêle? — Um carvão. — E que disse o pajé, depois de ter ficado a sugá-lo? — Disse que êle sararia. — Quais as doenças que o pajé costuma curar aqui? — Febres, disenterias, corruções, tosses malignas. — E o carvão está de verdade no corpo dos doentes? — Não. É o pajé que finge tirá-lo. — E ainda que o carvão estivesse no corpo do doente, poderia o pajé tirá-lo? — Que mais costuma o pajé fazer com os doentes? — Êle fica defumando-os.

1039. A NOSSA SENHORA

QUANDO SUA IMAGEM FOI LEVADA A RERITIBA

P. JOSÉ DE ANCHIETA (1534-1597)

(adaptação ortográfica)

E-îor-í, Virgem Maria,
Tupã sy, kó taba sup-a,
mamó anhanga mo-ndyî-a,
t' e-í-katu nde r-ausup-a
nde r-esé o-îe-mbo-ryryî-a.

E-î-peá pá maraara:
t-akuba, t-eikûar-ugûy,
t-ygé-aiba, uú asy
t' o-îe-ro-bîá' t-apiîara
Tupã nde membyra rí.

Poesias tupis, p. 33.

1040. DO JUÍZO UNIVERSAL

P. ANTÔNIO DE ARAÚJO (1566-1632)

(adaptação ortográfica)

O-ur bé-pe irã Jesus Cristo ybaka suí-ne? — O-ur bé-ne. Mbaé-reme-pe t-ur-i? — Yby kaî pab 'iré-ne. Aé-pe opá irã mbaé

kaî-ne? — Opab-ẽ-nhé. O-kûab-é-pe[1] irã soó, gûyrá, pirá, kaá, oka, kó-ipó mbaé amó-ne? — N' aan-i xó-é-ne. Opá-katu-pe asé abé asé pab-i-ne? — Opá-katu. O-ikó-bé îe-byr-pe asé aé riré-ne? — O-ikó-bé îe-byr-ne. Marã îabé-pe? — O-iké îe-by' asé anga asé r-eõ-bûera pupé, i mo-ingó-bé-bo-ne. Abá-pe îandé r-enõî-ne? — Karaí-bebé. Aú-nhé-nhé-pe[2] irã i nheenga r-upi asé r-eõ-bûera puam pab-i-ne? — Aú-nhé-nhé. Opá-katu-pe abá ang-ûera r-ur-i ybaka suí, Purgatório suí, anhanga r-atá suí, ogû-eté-pûera mo-ingó-bé-bo-ne? — Opá t-ur-i-ne. I poran' gatu-pe i angaturam-bae r-eté-ne? — I poran' gatu, kûarasy o-berap-a-ne. Emonã abé-pe i angaipá'-bae r-eté-ne? — N' aan-i: i poxy katu-ne. Umã-me-pe asé nhe-ynhang-i[3], îandé îara Jesus Cristo r-ur-eme-ne? — "Josafá" ybyty-gûaîa s-er-bae-pe. Marã-pe îandé îara r-ur-i-ne? — Ybytinga ar-bo. Abá-pe irũ-namo t-ur-i-ne? — Opá-katu ybaka-pora r-ur-i-ne. I abaeté[4] katu-pe irã i angaipá'-bae supé o-ú'-ne? — I abaeté katu-ne. O-s-epîak-pe irã i angaipá'-bae i tupã[5] t-ur-eme--ne? — N' aan-i; s-eté anhó o-s-epîak-ne. S-eté beraba[6] tiruã-pe nd' o-s-epîak-i xó-é-ne? — Nd' o-s-epîak-i xó-é-ne, i abaeté[7] anhó o-s-epîak-ne. S-oryb-eté-pe i angaturam-bae s-epîak-a-ne? -- S-oryb-eté-ne.

Catecismo (ed. 1898), pp. 60-62.

1 — escaparão? 2 — imediatamente. 3 — se juntará. Melhor: *nhe--ynhang-i*. 4 — terrível. Melhor *abaí'-té* (de *abaíba* + *eté*). 5 — divindade. No tupi colonial, *Tupã* significa "Deus". Aqui está em sentido forçado: "natureza divina". 6 — o resplendor do seu corpo. 7 — o seu terror.

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA 17v; 21-22; passim; FIGUEIRA 101-116; passim; MONTOYA 18; passim; RESTIVO 30-47; passim; CAETANO 14-19; 19-27; 31; 35; 46-50; 50-58; ADAM 51-58; DALL'IGNA, *Análise* 67, ID. *A Categoria* 50-53.

PARTÍCULAS

1041. A frase tupi se caracteriza pela abundância de partículas. Idioma concreto, o tupi procura com as partículas exprimir os pormenores tanto das ações e estados descritos na frase, como dos sentimentos com que a pessoa, que fala, acompanha a sua fala ou elocução: enfado, desgôsto, raiva, desprêzo, carinho, louvor, saudade, dúvida, interrogação, certeza, meia certeza, opinião baseada em informação de outrem, etc. Grande número de partículas têm essa função, por vêzes intraduzível noutra língua: expressões da *linguagem afetiva.*

INTERROGATIVAS

1042. **-Pe, serã, hẽ** (n. 157) indicam que a pessoa que fala está perguntando. Normalmente não se traduzem.

AFIRMATIVAS

Algumas já foram indicadas, n. 103.

1043. **Raé**, usadíssima, parece servir para afirmar a conclusão daquilo que se ouviu, sem maior responsabilidade de quem fala. Equivale a "de maneira que"; outras vêzes não se traduz:

o-só raé: de maneira que foi; diz que foi; *aé gû-e-mi-tyma aysó pyter-pe bé-pe Tupã amó ybá t-ekó-bé îara moam-i? Emo-nã raé* (Ar. 49): colocou Deus também no meio daquele seu formoso jardim um fruta, senhora da vida? (Diz que) assim foi

O mesmo sentido tem nas interrogações:

o-só-te-pe raé é? (ANCH. 36): de maneira que êle foi? então êle foi?

Por vêzes *raé* é substituída ou acompanhada por *i é*, que mais claramente exprime a palavra de terceiros (i. é: dito dêle ou dêles):

emonã i é ou *emonã raé* ou *emonã i é raé*: assim dizem que é

1044. **Reá** (de h.) e **reĩ** (de m.) são afirmativas sentenciosas, principalmente para os casos em que não há *certeza absoluta*. Com freqüência vêm acompanhadas de *ipó* ou *serã*, dubitativas. Correspondem às vêzes a "deve ser", "há de ser":

Îandé Îara Iesus Cristo r-eõ-ag-ûera: s-esé ipó Tupã xe r-ausub-ar-i reá (AR. 31): a morte de N. S. J. C.: por ela Deus se há de compadecer de mim; *o-s-apîá' katu, "Xe r-e-r-ekó-ar-ĩ aé xe mena, xe r-uba r-ekobîara aé reĩ" o-î-á-bo* (AR. 167): (a espôsa) deve obedecer a seu marido, pensando "Meu marido deve de ser meu guarda querido (*ĩ* diminutivo de afeto), o substituto de meu pai"

DUBITATIVAS

1045. São principalmente **serã** e **ipó** ou **n'ipó** "talvez", "quiçá", "provàvelmente", "por ventura":

ké suí serã i asab-i (sic) *Índia Tapyî' tinga r-etã'-me* (AR. 138): daqui êle passou para as Índias, a terra dos Tapuitingas; *o-só ipó reá* (VLB 190): deve ter ido; *bi-p' eté-ĩ ipó ahẽ r-ekó-û* (VLB 339 corr.): deve de estar por aí pertinho; *aé ipó* (ou *n' ipó*) *s-ekó-eym-e* (VLB 214): e no caso que não esteja; *aé-n' ipó* ou *aé-n'ip' aé* ou *aé-n' ipó... raé* ou *aé serã-ne* ou *aé serã-ne... raé*: e parece que... (narração); *aé-n' ipó N. pó-ar-i s-esé raé* (VLB 214): e parece que N. deu nêle

Às vêzes juntam-se as duas:

aé serã-n' ipó... raé (*ib.*): e parece que...; *ogû-ausu' katu-ag-ûera r-epy-ramo Tupã ipó serã s-e-ra-só-û s-eté r-e-sé-bé ybak-pe*

(Ar. 139) : Deus, em prêmio do grande amor que (S. João) lhe teve, provàvelmente o levou com seu corpo para o céu

1046. O sentido principal de *ipó* é afirmativo: "certamente", "de verdade". Evolui para dubitativo, como, no português, "certamente". Exs. como afirmativa:

a-só ipó (Fig. 121): vou, resolutamente; *"a-î'-epyk ipó serã s-esé-ne" — er-é-pe?* (Ar. 229): disseste: "hei de me vingar dêle de verdade"?

1047. *Serã,* com verbo negativo, toma sentido contrário: "sem dúvida", "certamente" (e o verbo se traduz na forma afirmativa):

nd' o-tĩ-î serã asé — a gente se envergonha, sem dúvida,
marã o-ikó-bo ara îá — de fazer isso cada dia
c arõ-ana r-obaké — diante de seu (anjo da) guarda

(Valente, *Poema* III)

nd' o-manó serã-î xó-é-ne (Mont. *Tes.* 154): morrerá, sem dúvida

DEPRECIATIVAS

1048. **Raú** conota enfado, desgôsto:

marã-mo-te-pe raú?: pois como havia de ser?; *e-î-kuá' raú nde rí o-pó-ar-bae* (Ar. 79): adivinha quem te bateu

1049. **Muru** ou **mburu** e **moxy** implicam raiva, maldição:

t'ere-só muru!: vai-te (com os diabos!)

Muru pode ser até substantivo:

t'îa-s-ausu' pab-ẽ Santa Maria, — amemos todos a Santa Maria,
îandé pyá pupé s-ekó mo--ndep-a, — introduzindo sua lei em nosso coração,

t'o-pó-ar anhanga rí, muru mo-mbep-a,
s-ekó poxy suí îandé r-eîyî-a.

[para] que ela vença o demônio, esmagando o maldito, desviando-nos de sua má lei.

(ANCH., *Poesias* 27)

1050. Às vêzes, na paradoxal linguagem afetiva, podem tomar tonalidade de carinho ou louvor:

e-î-meeng raú xe-be: dá-mo, pela tua vida!; *"pe-îó pab-ẽ!" — e-i xe sy muru angaba*: "vinde todos" — disse a boa de minha mãe

DELIBERATIVAS

1051. Sôbre **ká, ky, pá,** v. n. 199.

OUTRAS PARTÍCULAS

1052. **Nhandu** (ou **îandu**) corresponde ao nosso "já, como de costume":

o-ikó-potar s-esé nhandu (AR. 240): já está a querer pecar com ela (subent.: como tem o costume de fazer); *irõ nhandu* ou *irõ nhandu hẽ* ou *irõ nhandu gûé* (VLB 258): já começa! (repreensão)

Ocorre com freqüência no imperativo, com o sentido de "já" (n. 208). Não se usa com verbo negativo.

1053. **Amé** ou **-n' amé** ou **-n' ak' amé**: "ser costume", "costumar":

nã-neme amé anhanga îe-îuká-'ib-eté-û moro-esé, abá ogû-e-ro--bîá'-potá' (AR. 316): nessa ocasião o demônio costuma esforçar-se muito com a gente, desejando que o homem creia nêle

É especialmente empregado quando corresponde ao nosso imperfeito:

a-só amé îepi (VLB 394): eu costumava ir sempre; *marã er-é-p' amé e-poro-mbo-é-bo?* (AR. 77 corr.): que costumavas dizer, quando ensinavas?

1054. Toma por vêzes a accepção de "dever":

Tupã é-n' am' asé o-î-mo-eté (VLB 167) : é a Deus que se costuma adorar (i. é, que se deve adorar) ; *marã e-í-p' amé asé abaré "hóstia" r-upir-eme?* (AR. 153) : que se costuma (deve) dizer quando o padre ergue a hóstia?

1055. Com *amé* se formam curiosas locuções irônicas:

mbaé kuap-ara aé amé ahẽ! (VLB 359) : que fulano para saber! (i. é, que não sabe nada) ; *mbaé angaba aé amé!* (VLB 85, 268) : isso falta ora!; *mbaé angaba aé amé y!* (VLB 85) : oh cousa (ou lugar) para ter água (i. é, em que não há água nenhuma) ; *y angaba aé amé ebokûé y-paũ!* (*ib.*) : oh ilha para ter água!

1056. *Angaba* pode estar no diminutivo *angab-ĩ-me é,* e então se encarece ainda mais a *falta:*

ybyrá angá'-pe é amé ou *ybyrá angab-ĩ-me é amé* (VLB 268) : oh lugar para ter paus (i. é, que não tem pau algum)

1057. **Irõ:** "portanto". Muito empregado, com várias accepções:

irõ ou *irõ hẽ* (VLB 316) : veja só (bem eu o disse) ; *irõ* (*ib.*) : olhe bem, preste atenção (e mais tarde verá que tive razão) ; *irõ bé, irõ nhandu* (*S. Lour.* 75) : veja, outra vez já começa!; *irõ, irõ-no, irõ nhandu* (VLB 316) : olhe isto, olhe o que já está fazendo (zanga ou queixa) ; *neĩ rõ* ou *neĩ-ne rõ* (VLB 197) : eia pois (já que o quer)

1058. **Nhé.** Usadíssima. Às vêzes significa "à toa", "sem mais", "sem razão especial", "por fazer", etc. Na maioria dos casos, dispensa tradução: vem apenas reforçar o sentido de determinada palavra ou partícula. É muito corrente após o gerúndio, conjunções, advérbios, preposições, ou em frases predicativas:

îa-î-peá nhé aîpó-bae, amó r-esé i mo-mondá (AR. 281) : êsses nós os separamos, fazendo-os casar com outros; *Tupã nheenga aby--reme, anhanga supé ere-nhe-meeng-eté, s-e-mi-ausub'-amo e-nhe-mo-*

-ingó-bo: *s-ausup-a nhé, i mo-eté-bo nhé...* (Ar. 249): faltando aos mandamentos de Deus, tu te entregaste inteiramente ao demônio, transformando-te em seu escravo: amando-o, estimando-o...; *i nhyrõ nhé-mo* (Ar. 81): perdoaria sem mais; *iké nhé pe-ikó xe r-arõ-mo* (Ar. 72): ficai aqui esperando-me; *i angaturam-eté nhé Santa Maria* (Ar. 64): é santíssima Nossa Senhora; *s-ekó-aba nhé* (Vlb 167, 420, 308; Ar. 42): é seu natural; foi sempre assim; *nhusana abŷ-ar-eyma nhé serã "tentação"...?* (Ar. 29): é acaso a tentação semelhante a um laço?

1059. Muitas vêzes se alterna no uso com *é* (n. 204-205): *gûatá é* ou *gûatá nhé* (Vlb 102): andar a pé

1060. Aé...: "e..."

No tupi não há coordenativa para ligar frases ou membros de orações (n. 145). Mas aparece *aé* abrindo períodos que tenham alguma conexão com os anteriores. Corresponde a "e...":

aé ipó s-ekó-eym-e... (Vlb 214): e, caso êle não esteja...; *aé-n' ipó N. pó-ar-i s-esé raé* (*ib.*): e parece que N. deu nêle

Mais freqüente nas interrogações:

aé-pe...?: e porventura...?; *aé-pe marã?, aé-te-pe marã?*: e que há com isso?; *aé-pe marã ere-ikó s-esé?* (Vlb 214): e que tens com isso?; *aé-te-pe?, ae-te-pe ahẽ?, aé-te-p' ahẽ r-ekó-û?* (Vlb 159): e como está êle (ou fulano)?; *aé-te-pe nde?* (*ib.*): e tu (que dizes)? qual é o teu parecer?; *aé-te-pe nde nheenga?* (*ib.*): idem; *aé-mo-p'* (ou *serã*) *ixé s-e-ra-só-aub-i?* (Vlb 348): e por que haveria eu de o levar?; *"xe porang-eté-te-mo mã! aé-mo abá xe potar-i reĩ!" — er-é-pe?* (Ar. 235): "oxalá eu fôsse muito bonita, (e) os homens me cobiçassem!" — disseste (pensaste) isso?

GRUPOS DE PARTÍCULAS

1061. As partículas, tão abundantes na língua, juntam-se às vêzes em grupos. Nem sempre é fácil separá-las, principalmente nos antigos documentos, que as unem quase sempre numa só palavra. Alguns exs., separados já os elementos:

1062. aan:

aan-i, n' aan-i, aan iã, aan nhé, aan-i reá, aan-i reĩ ou *rĩ, aan-i r' akó, aan ipó, aan ipó biã, aan umé, aan ymé, aan ymé-ne, aan-i xó-é-ne, aan-i xó-é ipó-ne, aan-i xó-é koy-te-ne, aan-de, aan angá'-î, aan gatu tenhé, aan-angá-î katu tenhé, aan-eym-e, aan-eym-e é*

1063. anhé ou aîé:

anhé kó, anhé r'akó, anhé-n' akó, anhé-'té, anhé katu, anhé 'té katu, anhé 'té katu nhé, anhé 'té 'té katu nhé, anhé raú-pe, manhé raú-pe, anhé raú-pe é, anhé raú-pe rí, anhé-te-mo, anhé ipó, anhé-p' anhé?, anhé?, anhé ruã-p' anhé?, anhé r' akó reá, anhé reá, anhé r' akó reĩ, anhé reĩ

1064. aûîé:

aûîé ã, aûîé uĩ, aûîé ranhé, aûîé katu, aûîé katu nhé, aûîé katu 'té nhé, aûîé ipó, aûîé katu 'té nhé ipó ou *-n' ipó, aûîé-rama, aûîé-rama-nhé, aûîé nhé, aûîé é, aûîé é-mo, aûîé-bé-te, aûîé-bé--ramo, aûîé-bé-ramo-te, aûîé-bé-te-mo, aûîé-'té, aûîé-'té-pe é, aûîé-'té-ramo, aûîé-'té-ramo-pe é*

1065. nã:

nã-te, nã-te-ne, nã ndé, nã ndé-te, nã ndé-te-ne, nã-bo, nã-mo, nõ-mo, nã-mo nho-te, nã-mo nho-t' awb, nã-ĩ, nã-ĩ bé-ĩ, nã-ĩ bé-ĩ nhó te, nã-ĩ bé-ĩ nhó-t' aub, nã-neme, nã nhó, nã nhó ranhé

1066. marã:

marã-pe?, marã-te-pe?, marã-te-pe-mo?, marã-mo-pe?, marã--mo-te-pe?, marã-mo-te-pe raú?, marã-te-pe-ne?, marã-te-p' iã-ne?, marã-namo-pe?, marã serã?, marã ngatu-pe?, marã ngatu-eté-pe?, marã îabé-pe?, marã ngoty-pe?, marã ngoty suí-pe?, marã hẽ?, marã-p' ipó?, marã eté-í-pe?, marã té-ĩ-pe?, marã-neme-pe?, marã-neme-te-pe?, marã-mo-pe?, marã-pe-mo?

— *marã ndé, marã ngatu, marã ngatu-eté, marã îasûara-mo, marã îasûara-mo-mo, marã îasûara-mo mã, marã îasûara-mo--te-mo mã, marã îasûara-mo-ne mã, marã îasûara-mo-te-mo*

1067. -te

-te-ne, -te-n'akó, -te-n' anhé, -te-n'ipó, -te-mo, -te-mo mã, -te-mo-ne, -te-mo-ne-mo

A LINGUAGEM DOS HOMENS E A DAS MULHERES

1068. Já nos referimos à existência de palavras que são empregadas só pelos homens, ao lado de outras que o são só pelas mulheres.

Cabe aqui uma resenha dessas partículas e interjeições:

pá: sim (só de h.) (n. 44)
aan: não (h. e m.) (n. 44)
reá: part. afirm. (h.) (n. 1074)
rá: em verdade (afetiva) (h.)
eẽ (h. e principalmente m.)
eam, eama, eamaẽ (só de m.)
reĩ (m.)
raré (m.)

e-ra-só ké raré! (VLB 316): olha, te digo, que o leves

é: deve de ser (afirm. duv.) (h.)
rí (m.)

abá-p' akó é? (VLB 319): quem seria aquêle?
a-só-p' ixé-ne rí? (VLB 319): não sei se me vá
emonã ruã-pe é (VLB 190): assim deve de ser

akaî: oh!; ai! (dó, dor, mêdo, zombaria) (h.)
aké, aky (m.)
kué, ahẽ: oh! upa! (espanto) (h.)
îó (m.)
gûí, gûé, gûey: ó (vocat., n. 448) (h.)
îú ou *îó* (m.)
hẽ!: olá! oh! (só de h. para h.)
hẽ gûé ou *hẽ gûí*: oh!, olá (h.)
(não tem correspondente para m.)
îú ou *îó* (m.)

ahẽ! ou *gûé* / *segûé, ti, eti* } veja isso! (espanto ou zombaria) (h.) *eá* (m.)

apá gûé ou *apá gûí*: ui! (coitado!) (h.) { *eá!* (escárneo) / *eumaẽ!* (dó) } (m.)

akãy!: oh! (dó ou dor) (m.) *eumaẽ! amaẽ îú!* (m.)

agïy!: oh! (perda, esquecimento) (h.) *amaẽ îú!* (m.)

Acrescentem-se *pá* (h.) e *maẽ* (m.) (VLB 175), cujo sentido não é claro.

1069. DO JUÍZO UNIVERSAL

P. ANTÔNIO DE ARAÚJO (1566-1632)

(continuação da p. 366)

Mbaé mo-nhang-a-pe îandé îara r-ú' îe-byr-i[1] *ybaka suí-ne? — O-ikó-bé-bae, o-manó-bae-pûera pab-ẽ r-ekó mo-ndyk-a*[2]*. O-î-peá-pe i angaipá-bae i angaturam-bae suí-ne? — O-î-peá-ne. Marã ngoty-pe i angaturam-bae mo-in-i-ne? — O é-katu-aba koty*[3]*. Aé-pe i angaipá--bae mamó goty-pe? — O asu goty*[4] *. Marã-pe irã i angaturam-bae r-e-r-ekó-û-ne*[5]*? — Ybak-pe s-e-ra-só-û-ne. Marã-pe s-ekó-û*[6] *ybak--pe-ne? — Tupã o-s-epîak-ne. Mbaé eté-pe Tupã r-epîak-a? — Mbaé eté aé anhó opá-katu i potar-pyra sosé. O-î'-ekó-ab-ok-bae-rama-pe*[7] *t-ekó-puku*[8] *ybak-pe s-e-mi-e-r-ekó-rama? — Nd' o-î'-ekó-ab-ok-bae--rama ruã*[9]*. O-î-kuá' katu-pe i î'-ekó-ab-ok-eym-ag-ûama*[10]*? — O-î--kuá' katu. O-î-porará abé-pe mbaé amó, ebo-uĩ-me o-ikó-bo-ne? — N' aan-i xó-é-ne. Aé-pe irã i angaipá-bae marã s-e-r-ekó-û-ne? — Anhanga r-atá-pe i mo-ndó-û-ne. O-sem bé-pe irã ebouinga suí-ne? — Nd' o-sem-i xó-é-ne. Aûîé-rama-nhé-pe s-ekó-û t-atá porará-bo--ne? — Aûîé-rama-nhé. Mbaé s-asy-eté aé-pe t-ekó-ara supé opá-katu s-e-mi-porará sosé? — Aûîé-rama-nhé Tupã o mo-nhang-ara r-epîak--eym-ag-ûama.*

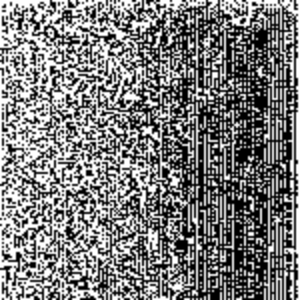
Catecismo (ed. 1898), pp. 62-63

1 — tornará a vir. Conjug. subord. 2 — para julgar. 3 — à sua direita. 4 — à sua esquerda. 5 — que fará com os eleitos? 6 — que farão no céu? 7 — é mutável? ou: fica diferente? 8 — vida eterna. 9 — não é mutável. 10 — que não se mudará?

BIBLIOGRAFIA

Partículas — ANCHIETA 54; 57v; FIGUEIRA 126-137; 144; MONTOYA 19-20; RESTIVO 31-32; 202-327; L. BARBOSA, *Traduções* 42.

Linguagem dos homens e das mulheres — ANCHIETA 14v; FIGUEIRA 9; 133-134; 139; MONTOYA 78; 80-81; RESTIVO 216-327; L. BARBOSA 168.



PERÍODOS

1070. Na conversa viva, deviam predominar as frases curtas, sem coordenação nem subordinação gramaticais, mas prêsas entre si pela repetição ou suposição de um elemento comum.

1071. Era também bastante empregada a subordinação; principalmente o gerúndio, as orações temporais, além das frases particip. (*-bae*). Coordenação quase não existia.

1072. No tupi escrito pelos missionários, e mais ainda no guarani, os períodos são calcados nos moldes europeus: longos, tecidos de frases coordenadas e subordinadas.

1073. Como não nos foi conservada nenhuma narração espontânea em tupi, não estamos em condições de precisar qual seria a técnica do discurso, devendo contentar-nos com vagas alusões dos autores antigos e com a analogia dos codialetos vivos.

AFIRMATIVAS INDIRETAS (*)

1074. Os índios apreciavam e empregavam largamente o processo de afirmar perguntando. Isso principalmente nas respostas (Cfr. no espanhol *"como no?"* = sim). Subentendia-se ligeira repreensão ou admiração pela pergunta.

(*) A maioria dos exemplos que se seguem, são tirados de RESTIVO (Suplemento, Cap. IX, "De las oraciones enfáticas"), com adaptações ao dialeto tupi.

nd' o-ur-i xe r-ybyra. — *O-ú'-te-mo-p' aé?*: meu irmão não veio. — Pois êle tinha de vir? (subent.: não); *karaiba nd' o-gûe-r-ur-i-pe o e-mbi-ar-ûera?* — *Nd' o-gûe-r-ur-i xó-é-te-mo-p' aé?*: o branco não trouxe o que caçou? — Pois êle não tinha de trazer? (subent.: é claro que trouxe); *ere-î-pytybõ-p' ikó marã-á'-bora?* — *A-s-epîak tenhé--mo-p'iã?*: socorreste a êste enfêrmo? — (Acaso) eu o veria debalde?; *abá é-te-mo-p' aé?*: pois quem outro havia de ser?; *nda xe kysé-î xó-é-te-mo-pe?*: pois eu não havia de ter faca?; *nda xe kysé ruã-î xó-é-te-mo-pe?*: pois não havia de ser minha faca?

Às vêzes a resposta é a repetição da pergunta:
erimbaé-pe? — *Erimbaé-pe?*: quando? — Quando? (i. é: tão pouco eu sei quando)

1075. Havendo dois verbos, um no gerúndio (ou no infinito com *-reme*) outro no condicional, a tradução inclui a locução "como se":

xe mbo-é-reme-mo-p' aé, a-î-kuab? ou *xe mbo-é-te-mo-p' aé, a-î--kuab?*: como se mo houvessem ensinado, eu o havia de saber?; *xe mbo-é-eym-e-mo-p' aé, nd' a-î-kuab-i?*: como se não mo tivessem ensinado, eu não havia de o saber?; *pe r-ausub-eym-e-te-mo-p' ipó, ixé pe r-epîak-aub-eym-i?*: como se não vos amasse, não havia de desejar ver-vos?; *marã nde r-ekó-eym-e-p' aé, Paí nde nupã-ukar-eym-i raé?* ou *marã nde r-ekó-eym-e-mo-p' aé, Paí nde nupã-ukar-eym-i raé?*: como se não tivesses feito nada, havia o Padre de mandar bater-te?

O segundo verbo pode estar subentendido:

roy-eỹ'-te-mo-p' aé?: como se não estivesse fazendo frio (não havia de me aquecer ou abrigar)?

1076. O verbo *é*, "dizer", entra em numerosas dessas respostas interrogativas:

Tupã nhandé r-ausub: *e-î tenhé-*(n. 463)*-te-mo-p' akó og-ugûy marangatu nhandé r-esé i mo-mbuká-bo raé?*: iDeus nos ama: à toa havia de derramar seu sangue por nós?; *"xe amotar-eymb-ara anhanga"* — *nd' er-é-î-te-p' iã, i nheeng' apîá tenhé* ou *"nda xe amotar--eymb-ara ruã anhanga"* — *er-é-te-p' iã, i nheeng' apîá' tenhé?*: como se o demônio não fôsse teu inimigo, obedeces às suas ordens? (lit.:

não dizes "o demônio é meu inimigo", obedecendo às suas ordens? *ou*: dizes "o demônio não é meu inimigo", obedecendo às suas ordens?); *"xe r-ayra ikó" — nd' er-é-î-te-p' iã, s-ausub-eym-a?* ou *"nda xe r-ayra ruã ikó" — er-é-te-p'iã, s-ausub-eym-a?*: como se não fôsse teu filho, não o amas?

1077. O verbo *é* às vêzes se coloca no gerúndio:

emonã aîpó gûi-î-á-bo-mo-p' ixé?: havia eu de entender que isso era assim?; *mbaé poran' gatu-eté gûi-î-á-bo-mo-p' iã, xe nhe-mo-ndyî tenhé gûi-t-ekó-bo?*: como se eu pensasse que era uma coisa muito bonita, havia de me admirar à toa?; *"t' i marangatu" gûi-î-á-bo-mo-p' ixé, Tupã nheeng-ûera r-esé opo-mbo-é-mbo-é-aub gûi-t-ekó-bo raé?*: como se eu esperasse que viésseis a ser bons, havia de vos estar a ensinar as palavras de Deus?; *"koromó t' a-basem" — nda o-î-á-bo ruã — ahẽ r-anhé r-anhé o-ikóbo*: êle está todo apressado, como se fôsse chegar logo (*lit.*: não dizendo "chegarei logo": sabendo que não chegará logo. *Subentende-se*: faz mal em se apressar, pois não chegará mesmo logo); *"koromó t' a-basem" — o-î-á-bo-mo-p' aé — ahẽ r-anhé r-anhé o-ikó-bo*: havia êle de se apressar, como se fôsse chegar logo? (como se soubesse que ia chegar logo? *Subent.*: faz bem em não se apressar, pois bem sabe que não chegará logo); *"t' a-r-ekó mbaé" — e-î-á-bo ruã-pe — nde kaneõ tenhé e-ikó-bo raé*: estás-te cansando à toa, como se fôsses conseguir alguma cousa (*lit.*: não dizendo "terei a cousa": sabendo que não terás...); *"nda xe amotar-eymb-ara ruã-n' ikó anhanga" — e-î-á-bo ruã-p' iã — ere-î-nheeng-apîá' tenhé?*: como se o demônio não fôsse teu inimigo, cumpres as suas palavras?; *"nda xe amotar-eymb-ara ruã -n'ikó anhanga" — e-î-á-bo-te-mo-p' aé, ere-î-nheeng-apîá' tenhé?*: como se o demônio não fôsse teu inimigo, havias de cumprir as suas palavras?; *"mbaé abŷ-ara nhe-mo-nhanga ixé" — e-î-á-bo ruã-pe — mbaé ere-î-mo-ndó îepé?*: como se fôsses filho de mau atirador, deixas escapar a caça?; *"a-s-epîak" — e-î-á-bo ruã-te-pe — aîpó er-é ixé-be?* ou *nde s-epîak iré-mo-p' aé, aîpó er-é ixé-be?*: como se o tivesses visto, dizes-me isto?; *"xe r-ayra ikó" — e-î-á-bo-mo-p' iã — ere-î-mo-ngaru?*: como se dissesses "é meu filho", havias de dar-lhe de comer?; *"nda xe r-ayra ruã ikó" — e-î-á-bo-p'iã — nd' ere-î-mo-ngaru-î xó-é?*: como se dissesses "não é meu filho", não lhe havias de dar de comer?; *"nda xe amotar-eymb-ara ruã ikó" — e-î-á-bo-mo-p' iã — nd' ere-s-ausub-i xó-é?*: como se dissesses "é meu inimigo", não o havias de amar?;

"nda xe mo-mbor-i xó-é anhanga r-atá-pe-ne Tupã" — *e-î-á-bo ruã--pe* — *ere-î-mo-maran tenhé katu asé r-ekó-mo-nhang-aba e-ikó-bo raé?*: não dizendo "não me atirará Deus ao inferno" (sabendo que não me atirará), estás desobedecendo aos mandamentos?; *"ar-eté--gûasu-n' ikó"* — *e-î-á-bo ruã-pe* — *nd' ere-porabyky-potar-i?*: sabendo que não é dia de festa, não queres trabalhar?; *"nda xe sy ruã ikó"* — *e-î-á-bo ruã-pe* — *i nheenga nd' ere-s-apîar-i?*: sabendo que é tua mãe (não dizendo "não é minha mãe"), não obedeces às suas ordens?

1078. Do cotejo dêsses exemplos conclui-se que, quando há uma repreensão, o verbo *é* fica no gerúndio negativo (*gûi-î-á-bo ruã, e-î-á-bo ruã*); caso contrário, leva o sufixo do condicional *-mo*.

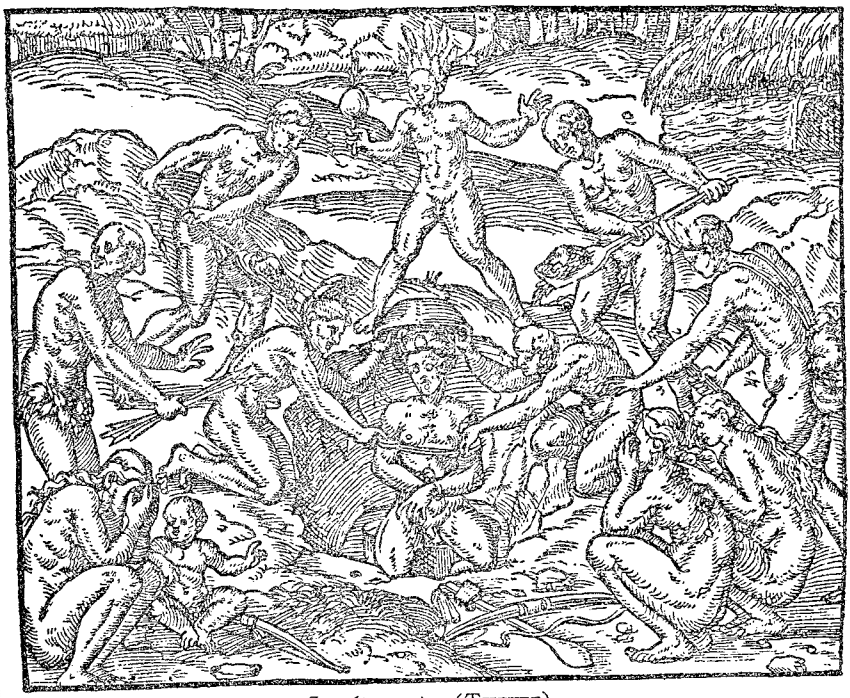
1079. Mas pode-se dar também um torneio mais simples às frases:

"nda xe mo-mbor-i xó-é anhanga r-atá-pe-ne Tupã" — *e-î-á-bo-p' iã* — *ere-î-mo-maran tenhé katu asé rekó-mo-nhang-aba ere-ikó-bo raé?*: entendes que Deus não te atirará ao inferno, para estares a desobedecer aos seus mandamentos? (*Subent.*: bem sabes que atirará); *"ar-eté-gûasu-n' ikó"* — *e-î-á-bo-p' iã* — *nda pe-porabyky-î?*: entendes que é dia de festa, para não trabalhares? (sabes que não); *"nda xe sy ruã ikó"* — *e-î-á-bo-p' iã* — *i nheenga nd' ere-s-apîar-i?*: entendes que ela não é tua mãe, para desobedeceres às suas ordens? (bem sabes que o é)

1080. De acôrdo com a regra geral (n. 681), em lugar do gerúndio pode também estar o infinito seguido de *-reme*:

gûi-î-á-bo	ou	*xe é-reme*
e-î-á-bo	ou	*nde é-reme*
o-î-á-bo	ou	*i é-reme*. Etc.

"xe r-e-mi-tym-bûera r' akó" *xe é-reme ruã-te-pe*, *"na nde r-e-mi-tym-bûera ruã" er-é ixé-be;* ou *"xe r-e-mi-tym-bûera r-akó" xe é-reme-mo-p'aé*, *"na nde r-e-mi-tym-bûera ruã" er-é ixé-be*: dizes--me "não é o que semeaste", como se eu tivesse dito "é o que eu semeei"



Sepultamento (THEVET)

1081. EXORTAÇÃO ANTES DA ABSOLVIÇÃO

P. ANTÔNIO DE ARAÚJO (1566-1632)

(continuação da p. 352)

Emonã-namo Tupã nheenga abŷ-ag-ûera kuap-a, nde r-e-mi-mo--mbeú-pûera, nde r-esaraî-ag-ûera abé, opab-ẽ-nhé i mo-asy-pyra, s-e-ro-yrõ-byra sosé, i mo-asŷ-á-bo, s-e-ro-yrõ-mo, eneĩ e-îasegû-á-bo, nde pore-ausuba r-apirõ-mo. "A-só-mo ixé aé-pe, Tupã xe pysyrõ--eym-e-mo reá" — e-î-á-bo. "Marã îasûara-mo-te-mo abaré xe apir--amõ-neme, xe angaipab eym-e-bé, xe r-eõ mã!" — e-î-á-bo, nde anga mo-aky', nde r-esá-y-ramo, Tupã mo-î'-e-ro-kûap-a, anhanga suí, s-atá suí bé e-nhe-ang-û-á-bo.

Eneĩ, anhanga mo-sem-a koy-te, nde angaipaba mo-asŷ-á-bo, s-e-ro-yrõ-mo, aûîé-rama-nhé s-e-ro-îe-by'-potar-eym-a; emonã o-ikó-

-bo é, asé s-e-ityk-i reá. O koty suí mbaé poxy r-e-ityk 'iré abá, nd' o-gûe-ro-îe-byr-i o koty-pe, i mo-sãî-a, i mo-nem-botar-eym-a. T'i a-pysyk nde anga, Tupã o ausub-á' riré. Tupã anhó t' o-ikó i por-amo ang-iré. Nde r-ekó memûã-ag-ûera r-epy-meen'-gatu roiré, t' ere-î'--ekó-sub-eté t-ekó poranga r-esé.

Catecismo (ed. 1898), pp. 249-250

1 — miséria. 2 — chorando. 3 — aplacando. 4 — abrandando. 5 — temendo. 6 — espalhando. 7 — virtude.

BIBLIOGRAFIA

Períodos — CAETANO 84-90.
Afirmativas indiretas — RESTIVO 191-202; 207-211.

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

LIÇÃO 59.ª

O TUPI COLONIAL

1082. Ao contacto com o português, o tupi sofreu várias alterações.

1083. Algumas palavras introduziram-se na língua, ou pelo menos nos sermões e outros escritos tupis. Quase sempre nomes de sêres ou cousas sagradas, ou conceitos de ordem moral cristã, que não tinham fácil tradução em tupi:

Santa Cruz, Espírito Santo, Ave Maria, Santa Igreja Católica, Santos, Missa, Páscoa, Apóstolos, Cristãos, Santíssima Trindade, Endoenças, Sepulcro, Santíssimo Sacramento, Amém, tentação, graça, mirra, Judeus, rei, ladainhas, sacramentos, etc. (Todos do *Catecismo de* ARAÚJO).

Assim também os nomes de dias da semana, de meses, de números, etc.

1084. Na maioria dos casos, porém, traduziam-se os novos conceitos por palavras tupis, que tivessem com êles alguma semelhança, embora vaga. Estendia-se-lhes apenas a significação:

Tupã: gênio do trovão e do raio = Deus

Tupã-r-ar: tomar a Deus: comungar
Tupã-mo-ngetá: falar com Deus: rezar
Tupã sy: mãe de Deus: Nossa Senhora
Tupã r-era r-enõî: chamar o nome de Deus: jurar

Tupana (← *Tupã-ara*) : dia de Deus: dia santo
Tupã (*r-*)*oka*: casa de Deus: igreja

ybaka: céu (firmamento) = céu (dos eleitos), paraíso
ybaka-pora: morador do céu
ybak-y-gûara: celestial

Maira: personagem mitológica = branco; francês
abaré: = padre
abaré-gûasu: bispo
nhe-mo-abaré: ordenar-se

ybyrá îo-asaba: paus cruzados = cruz
yby a-pytera: centro da terra = infernos, limbo
mo-nhang: fazer = criar
moro-pysyrõ-ana: salvador = Salvador
ekó-mo-nhang-aba (*t*): regra de vida = mandamento
apixara (*t*): semelhante (*adj.*) = próximo (*adj.* e *subst.*)
karaiba: grande pajé; taumaturgo = estrangeiro, (ser sobrenatural); branco; cristão, santificado, santo, bento
y karaiba: água benta
nhandy karaiba: santos óleos
nhe-mo-ngaraib: batizar-se
nhe-mo-ngaraiba: batismo

nhe-m(*b*)*o-îasuk*: lavar-se, banhar-se = batizar-se
nhe-m(*b*)*o-îasuka*: batismo

nhe-mo-mbeú: declarar-se = confessar-se; confissão (do fiel)
mo-nhe-mo-mbeú: confissão (ato sacerdotal); confessar

mend-ar: tomar marido = casar-se
mend-ara: matrimônio

Anhanga: gênio mau das matas = diabo
anhanga r-atá: fogo do diabo: inferno

Îurupari: gênio mau das matas (mais conhecido no Norte) = diabo
obá-'sab (*s*): atravessar o rosto a = benzer

î'-obá-'sab: benzer-se

marana rí t-ekó-ara: guerreiro = soldado
misa mo-nhang: = dizer missa
angaipaba; *angaipap-aba*: ruindade = pecado

ekó-angaipab-ypy (*t*): pecado original

oryba (*t*): alegria = felicidade celestial

oryp-á'-pe (*t*): no céu

ekó-katu (*t*): vida boa, honesta = virtude
mi-tyma: plantação, horta = Hôrto
îe-kuakub: ocultar-se, recolher-se para o jejum (à moda indígena) = jejuar

itá: pedra = ferro = metal

itaîuba: pedra amarela = ouro = moeda = dinheiro
itaîutinga: ouro branco = prata
itaîunema: ouro (ou moeda) fedorento = cobre

itaîyka: pedra rija (mas maleável) = estanho
itamembeka: pedra mole = esponja = chumbo
itanema: pedra fedorenta = cobre

1085. Algumas palavras, ficando substancialmente idênticas, vestiam porém o sentido europeu ou cristão:

anga: alma = alma
ro-bîar: acreditar em = crer, ter Fé em
î'-e-ro-bîar: confiar em = ter Esperança
epy (*t*): trôco, revide = preço, paga, valor

1086. Por vêzes tornou-se necessário um rodeio para traduzir o conceito europeu:

asé sybá-pe abaré-gûasu nhandy karaiba nong-a: pôr o Bispo na fronte da gente o óleo santo = crismar; crisma

asé r-eõ îanondé nhandy karaiba r-ar-a: tomar os santos óleos antes de morrer = (receber a) extrema-unção

1087. Algumas palavras portuguêsas, aceitas pelo tupi, sofreram adaptações fonéticas:

†	*peró* (⟵ Pero)	=	português
†	*pereru* (⟵ ferreiro)	=	ferreiro
†	*kabaru* (⟵ cavalo)	=	cavalo
†	*sapatu* (⟵ sapato)	=	sapato
†	*kabará* (⟵ cabra)	=	cabra
†	*kurusu* (⟵ cruz)	=	cruz
†	*kasiana* (⟵ castelhano)	=	espanhol
†	*saraûaia* (⟵ salvage)	=	selvagem
†	*kamarara* (⟵ camarada)	=	amigo
†	*Rorẽ* (⟵ Lourenço)	=	Lourenço

1088. Apesar de contrariada, uma tendência incoercível fazia com que os europeus forçassem um tanto a índole da língua, para adaptá-la aos conceitos e processos gramaticais latinos e neolatinos:

1089. O indefinido *(s)etá* evolui pouco a pouco para morfema de *plural* (n. 47). Chega-se a encontrá-lo junto de palavras portuguêsas já no plural:

Santos etá (Ar. 18): os Santos

1090. *O comparativo,* conceito gramaticalmente inexistente em tupi, desenvolve-se à custa de vários recursos (n. 173).

1091. A partícula de *superlativo, eté,* vem esclarecer confusões, nascidas após o contacto com as línguas

européias. Certos objetos, e principalmente certos animais domésticos desconhecidos aos índios, tinham sido batizados com nomes de sêres semelhantes:

vinho: *kaûĩ* (cauim)
cão: *îagûara* (onça)
boi: *tapiira* (anta)

1092. Para voltar ao primitivo sentido, serviram-se então os índios da partícula *eté:*

kaûĩ-eté: cauim
îagûar-eté: onça
tapiir-eté: anta

1093. Para exprimir *numerais* superiores a "três", ora se adotavam as palavras portuguêsas, ora se recorria a vários circunlóquios (n. 212):

xe pó, xe py, abá pó i py ara o membyr-ar-a kûab' 'iré... (Ar. 121): quarenta dias depois que passou o seu parto...

1094. Às vêzes juntavam o circunlóquio e a palavra portuguêsa correspondente:

mokõĩ o îo-irundyk oito ara syk-eme... (Ar. 120): quando chegaram os oito dias...; *xe pó, xe py, amó abá pó, i py abé, quarenta ara Îandé Îara Jesus Cristo r-ekó-û kó ara pupé gû-ekó-bé îe-byr' 'iré* (Ar. 127): quarenta dias ficou N. S. J. C. neste mundo, depois que ressurgiu

1095. Não havendo *nomes abstratos* de qualidades (n. 48), os missionários procuravam imprimir tal accepção primeiro a adjetivos, ao infinito, a substantivos, posteriormente ao particípio *saba* (n. 825):

taigaiba: ágil, vivo	=	agilidade, viveza
kunusãîa: modesto	=	modéstia
mor-ausub-ara: benigno	=	benignidade

moranga: formoso	=	formosura
angaturama: bom, afável, virtuoso	=	bondade, afabilidade, virtude
osanga (*t*) : paciente	=	paciência
Tupã: Deus	=	divindade
îo-ausuba: amarem-se mùtuamente	=	concórdia, amizade
mbaé-ú-eté-eté: comer demais	=	gula
angaipap-aba: modo de ser mau	=	ruindade
mbaé poxy: cousa feia	=	desonestidade

Não é de crer que tais inovações tivessem penetrado profundamente na língua viva. Exceto a nova função de *saba,* que vingou, domina as obras do século XVIII e persiste no tupi moderno do Amazonas.

1096. No domínio da *fonética,* acentuava-se lentamente a evolução de *y* para *u* ou *i,* que devia provir já do tupi pré-colonial. Etc.

1097. Quanto aos *tempos, modos e vozes* verbais, pronunciava-se a tendência para enquadrá-los nas fôrmas neolatinas, em substituição ao conceito de aspecto (n. 1021).

1098. Os *índices de classe* em geral não haviam sido compreendidos pelos europeus. Daí a crescente confusão no seu uso. As alternâncias *t-atá, r-atá,* etc., parece terem sido tomadas posteriormente como meros fenômenos fonéticos ou mesmo flexionais.

1099. A *conjugação subordinada,* após uma fase de confusão, da qual já é testemunha o *Catecismo* de BETTENDORFF, desapareceu totalmente da língua, apesar de ter persistido mais tempo que no guarani.

1100. Dia a dia, o tupi foi perdendo a sua índole *incorporativa.*

1101. Os *períodos,* sob a influência européia, tornaram-se mais complicados, cheios de orações incidentes e subordinadas, em desacôrdo com a tendência indígena (n. 1070).

1102. Em compensação, foram rareando mais e mais as *partículas,* tão abundantes na língua primitiva (n. 1041).

1103. BREVE INSTRUÇÃO PARA O BATISMO

DE UM ÍNDIO PAGÃO EM CASO DE SUPREMA NECESSIDADE

P. João Felipe Bettendorff (1625-1698)

(adaptação ortográfica)

Xe r-ayt, kó nde r-amyîa r-ekó-pûera r-upi nde r-ekó n' i katu-î; s-upi nde r-ekó-reme, ere-mo-kanhẽ-ne[1]*, anhanga r-atá-pe ere-só-û--ne*[2]*, aûîé-rama-nhé bé Tupã nde r-epîak-i*[3] *xó-é-ne. Emonã-namo xe mbo-é-saba r-upi e-ikó, e-ro-bîar katu xe nheenga, t' ere-ikó Tupã r-ayr-amo, t' ere-só ybak-pe Tupã r-oryba r-epîak-a. Ere-ikó-potar--pe aîpó xe nheenga r-upi? — A-î-potar.*

Mosapyr mbaé pupé nhó-te aîpó-bae r-u-î: Tupã r-e-ro-bîá' pupé, Tupã r-esé î'-e-ro-bîá pupé, Tupã r-ausuba pupé, Tupã nheenga r-upi t-ekó-potara pupé, nhe-mo-îasuka pupé bé. Ere-î-potar-pe aîpó mosapyr mbaé? — A-î-potar katu.

Nde r-e-mi-e-ro-bîar-ama koyr t' a-s-aang[4] *nde-bo-ne. Tupã îandé îara opá-katu mbaé tetiruã mo-nhang-ara. Tupã oîepé nhó, abá--ramo o-ikó-bo mosapyr abá, Tupã T-uba, Tupã T-ayra, Tupã Espírito Santo, mosapyr abá o-ikó-é, oîepé Tupã memé. Ere-ro-bîar-pe aîpó-bae Tupã r-e-mi-mo-mbeú-ag-ûer-amo s-ekó-reme*[5]*, opab-ĩ-nhé i mo-ngaraib-pyra angaturam-etá nhe-inhanga*[6]*, Santa Madre Igreja Católica î-aba, asé mbo-é-sag-ûer-amo s-ekó-reme?*[7] *— A-ro-bîar-eté.*

Tupã T-ayra îandé r-esé apŷab-amo asé îabé o-nhe-mo-nhang[8]*, îandé r-esé-bé ybyrá îo-asaba r-esé i mo-îar-pyr-amo, i îuká-pyr-amo*

s-ekó-û, îandé angaipaba r-epy-meenga potá, ybak-pe îandé r-e-ra-só potá-bé-no. Ere-ro-bîá'-pe aîpó-bae Tupã r-e-mi-mo-mbeú-ag-ûer-amo s-ekó-reme? — A-ro-bîar-eté.

Asé anga n' o-manó-bé-e[9] *ruã. Ikó ara pab-me*[10] *opab-ĩ-nhé asé r-e-kó-bé-îe-byr-ne*[11]: *aé-reme Îandé Îara Tupã opab-ĩ-nhé asé îabiõ r-ekó-ag-ûera r-upi s-epy-meeng-ne*[12]: *i angaturam-bae o-só-û*[13] *ybak--pe Tupana*[14] *pyr-i, aûîé-rama-nhé t-ekó-katu r-esé o-î'-ekó-sup-a, o anga, ogû-eté pupé-bé-ne. I angaipá'-bae anhanga r-atá-pe i xó-û*[15] *aûîé-rama-nhé opab-ĩ-nhé t-ekó-aiba porará-bo o anga, ogû-eté pupé--bé-ne. Ere-ro-bîá'-pe aîpó-bae Tupã r-e-mi-mo-mbeú-ag-ûer-amo s-ekó-reme*[16]*? — A-ro-bîar-eté katu.*

Ere-îe-ro-bîar-pe Tupã por-ausub-ar-eté r-esé, Îandé Îara Jesus Cristo r-eõ-ag-ûera r-esé bé, opab-ĩ-nhé nde r-ekó-angaipag-ûera nhi-rõ-ag-ûama, nde ybak-pe só-ag-ûama bé? — A-îe-ro-bîar-eté.

Ere-s-ausú'-pe Tupã nde Îar-eté-ramo, nde pysyrõ-an-eté-ramo, nde r-ub-eté-ramo bé, opá-katu mbaé tetiruã sosé i angaturam-eté r-esé é? — A-s-ausub xe pyá-pe katu.

Xe r-ayt, Tupã r-ausup-ar-eté o-î-mo-îe-kuab-ukar o Tupã r-au-suba, Tupã asé r-ekó-mo-nhang-aba r-upi o-ikó-bo.

Tupã nheenga nde r-e-mi-por-ama[17] *nã e-í*[18]:

1. *T' ere-î-mo-eté oîepé Tupã.* 2. *Anhé-'té er-é tenhé umé Tupã r-era r-enõîa.* 3. *T' ere-mo-eté*[19] *ar-eté.* 4. *T' ere-mo-eté nde r-uba nde sy abé.* 5. *T' ere-por-apiti umé.* 6. *T' ere-poro-potar umé.* 7. *T' ere-mo-ndarõ umé.* 8. *Nde r-ɛ-moem umé abá r-esé.* 9. *T' ere-nhe-mo-motor umé nde r-apixara r-e-mi-r-ekó r-esé* (se fôr mulher, diga: *nde r-apixara mena r-esé*). 10. *T' ere-nhe-mo-motar umé abá mbaé r-esé.*

Ere-ikó-potar-pe aîpó Tupã asé r-ekó-mo-nhang-aba r-upi, nde r-ekó-bé îá-katu? — A-ikó-potar katu s-upi.

Nhe-mo-ngaraiba r-esé t' oro-mbo-é-ne koy'-té[20]. *Kó nhe-mo--ngaraiba Tupana r-ayr-amo asé mo-ingó-û, ybaka r-okendab-ok asé-bo. Îandé angaipaba, îandé anga kyá-saba. Emo-nã-namo nd' e-i katu-î asé Tupã r-ayr-amo o-ikó-bo, Tupã ok-pe*[21] *o-iké-bo o anga r-eî eym--e-bé. Nhe-mo-ngaraiba y karaiba pupé asé nhe-mo-îasyk-a*[22]*, asé anga o-îo-s-eî,* ***o-î-mo-îasyk*** *i kyîá*[23] *ok-a. Ere-î-potar-pe xe nde mo-ngaraiba, y karaiba pupé nde mo-îasyk-a, t' ere-ikó Tupã r-ayr--amo* (se fôr mulher, dirá: *r-aîyr-amo*), *t' ere-iké Tupã ok-pe? — A-î-potar-eté.*

Nde nhe-mo-ngaraiba eym-e-bé, t' ere-î-mo-nhirõ gatu Tupã nde îo-upé, i angaturam-eté r-esé nde r-ekó-angaipag-ûera mo-asŷ-á-bo, nde pyá suí katu s-e-ro-yrõ-mo, s-e-ro-îe-by'-potar-eym-a bé. Ere-î--mo-asy-pab-ẽ-pe nde r-amyîa r-ekó r-upi nde r-ekó-pûera? ere-mo--asy'-pe, ere-ro-yrõ-pe opab-ĩ-nhé nde r-ekó-angaipag-ûera Tupã r-esé, s-e-ro-îe-by'-potar-eym-a aûîé-rama-nhé? — A-î-mo-asy-eté xe pyá suí katu, s-e-ro-îe-by'-potar-eym-a aûîé-rama-nhé.

Ixé oro-mo-îasyk, T-uba, T-ayra, Espírito Santo r-era pupé. Ere-î-potar katu-pe ixé nde mo-îasyk-a, Tupana r-ayr-amo nde mo-ingó-ag-ûama rí? — A-î-potar katu.

Compêndio, pp. 105-115

NOTA — BETTENDORFF não dominava com perfeição a língua. Algumas de suas construções devem ser levadas à conta de êrros e não à da evolução do tupi. 1 — Devia estar *ere-kanhẽ-ne* "tu te perderás", *mo-kanhẽ* seria trans.: "deitarás a perder", "perderás". 2 — n. 561. 3 — Devia estar *nd' ere-s--cpîak-i xó-é-ne*. 4 — recitarei. 5 — A conjunção *-reme* não tem cabimento, e perturba o sentido. 6 — união, comunhão. 7 — v. nota 5. 8 — v. n. 562. 9 — Devia estar *i* (em nossa ortografia î). 10 — Mais comum: *pá'-pe*. 11 — Devia ser: *r-ekó-bé-îe-byr-i-ne*, na conj. sub. 12 — Devia ser: *s-epy-meeng-i-ne*. 13 — Devia ser: *o-só;* v. n. 561. 14 — Deve ter sido esta a forma primitiva tupi: *Tupana*. Por que prevaleceu *Tupã?* Talvez por influência do guarani (ou do tupi de S. Vicente). Palavra capital na catequese, não é de admirar que se tenha uniformizado. 15 — v. n. 562. 16 — v. nota 5. 17 — Devia ser *re-mi-mo-por-ama*. 18 — assim dizem, rezam. 19 — v. n. 484. 20 — Aparecem ambas as formas: *koy'-te* e *koy'-té;* v. n. 16. 21 — No texto está: *pu*, em vez de *pe*: êrro tipográfico. 22 — No mesmo texto figuram as duas var.: *îasyk* e *îasuk*. 23 — Devia estar: *kyá*.

1104. CANTIGAS, OU VERSOS

AUTOR DESCONHECIDO

(adaptação ortográfica)

1. *Pe-îor-i Tupã pyr-i,*
Pabinhé angaipá'-bora.
Pe-ikó ymé îabá'-bora
Tupã suí.

5. *Pe pyá pe-mo-kuí*[1]
Îandé îara r-obaké[2]
I pyá-pe pe-iké
Aé pe-s-ausub.

9. *Tenhé*[3] *pe-î-kuakub*
Pe angaipag-ûera:
S' etá abá o-kanhẽ gûe-
ra[4]
T' atá -pe o-kaî.

13. *Tenhé pe-mo-saraî*[5],
Pe nhe-mo-mbeú remé[6].
Pe-îe-reragûáî[7] *ymé*
Pe Paí[8] *supé.*

17. *Nheenga s'upi*[9] *pupé*
Îurupari[10] *pe-mo-sem*
S'endaba n' o-î-gûa-
sem[11]
Pe pyá-pe.

21. *Uĩm-aé*[12] *o-só ybak-pe.*
O-nhe-mo-mbeú katu
O-î-mbo-asy[13] *bé katu*
Aûîé-rama nhé.

FERREIRA FRANÇA, *Crestomatia*, p. 146

NOTA — Esta poesia, mais recente, já documenta a fase de decadência do tupi.

1 — humilhai. 2 — Na *Crestomatia* vem *tobaké*, evidente engano. 3 — Não oculteis. O verbo deveria ir para o gerúndio (n. 434). 4 — "Muitos homens se perderam". O suf. de passado junto ao verbo no indicat. é insólito. 5. — Não vejo usado senão o refl. *nhe-mo-saraî*, com duas accepções "brincar" e "esquecer-se". Qualquer das duas caberia no contexto. A existir *mo-saraî*, a trad. só pode ser "Não os (pecados) esqueçais". 6 — Aqui *remé* oxítono, para rimar. Em geral é átono. 7 — corr. de *îuraragûaî*. 8 — "pai, padre, Padre". Há dúvida sôbre se é palavra de origem tupi. 9 — de acôrdo com a verdade, verdadeiro. 10 — Nome de gênio malfazejo das matas, aplicado mais tarde ao diabo. 11 — *gûasem* era verbo relativo, regido de *supé*. Mas AR. 82 e aqui, figura como transit. Além disso, devia estar *n' o-î-gûasem-i*. 12 — aquêles. 13 — Na *Crestomatia*, por êrro vem *oimoeçybê*.

BIBLIOGRAFIA

BETTENDORFF passim; ECKART passim; ANÔNIMO, *Dicionário Português e Brasiliano*, passim; ARRONCHE: passim; FERREIRA FRANÇA passim; BARBOSA RODRIGUES X-XV; ID. *Vocabulário* passim; SAMPAIO 23-25; 59-167.

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

1105. Em tupi, como na maioria das línguas, a palavra pode ser um aglomerado de dois ou mais elementos semânticos.

Assim, na frase portuguêsa "Os bois pastavam calmamente naqueles altíssimos planaltos", discernimos desde logo os seguintes elementos de sentido próprio: *o, -s, boi, -s, past-, -av-, -am, calm-, -a, -mente, n-, aquel-, -e, -s, alt-, -íssim-, -o, -s, plan-, alt-, -o, -s* — cada qual com seu valor semântico.

Chamam-se morfemas os últimos elementos de sentido próprio — embora nem sempre de uso autônomo — que integram palavras e frases.

RADICAIS E AFIXOS

1106. Os morfemas dividem-se em radicais e afixos (prefixos e sufixos).

O radical denomina um ser (nome) ou um processo (verbo). Os afixos 1.º) acrescentam precisões de gênero, número, grau, tempo, modo, pessoa, caso, etc., 2.º) formam novos temas de verbos e nomes.

Há ainda as partículas independentes, com função semelhante à 1.ª dos afixos.

1107. I. Os afixos dividem-se em derivacionais e paradigmáticos.

Os derivacionais criam novos temas de nomes (port. *joga-dor, notá-vel*) ou de verbos (port. *util-izar, a-correr*). Os paradigmáticos precisam relações gramaticais, formando os paradigmas nominais e verbais (port. *jog-o, jog-as, jog-a; branc-o, branc-a, branc-os, branc-as*).

Os derivacionais dizem respeito a conceitos concretos do âmbito da palavra. Os paradigmáticos referem-se a conceitos de relação do âmbito da oração.

II. Os sufixos podem ser mediais e finais.

Os mediais supõem sempre algum sufixo posterior. São indicados, aqui, com um travessão oblíquo: *eym/, pûer/, ram/, (s)ab/, (s)ar/, tyb/, sûar/, sûer/, por/, bor/,* etc. Os finais nunca antecedem os mediais, e podem concluir palavras: *-a, -i, -û, -ne, -mo, -pe, -te,* etc.

III. Há 4 tipos de afixos derivacionais em tupi.

1) os nominais, que de nomes formam nomes: pref. *á, apá, apé, pó, py,* etc., suf. *ĩ, gûasu* ou *usu, eté, tyb,* etc. 2) os nominais, que de nomes formam verbos: pref. *mo-, ro-*. 3) os verbais, que de verbos formam nomes: pref. *mbi-,* suf. *sar/, sab/, -bae, sûar/, sûer/, por/, bor/.* 4) os verbais, que de verbos formam verbos: pref. *mo-, ro-,* suf. *ukar* e a reduplicação.

Paradigmáticos são, além dos afixos pessoais, os afixos verbais de modo (*ta-, -mo*), de tempo (*-ne*), de negação (*nda-, -i*), de interrogação (*-pe?*), de ilação (*-te*), de conexão (*-no*), de subordinação (*-i, -û*), e os nominais de tempo (*ram/, pûer/*), de negação (*eym/*), de número (*etá*), de abundância (*tyb/*).

1108. A distinção verbo-nome não é nítida, pois todo nome pode tornar-se verbo predicativo, e todo verbo no infinitivo é verdadeiro nome. Os mesmos morfemas parece terem dois "status": o verbal e o nominal.

Alguns afixos estão no limite entre afixos e radicais, p. ex. *á, apá, apé, pó, py, etá*: são quase-afixos. Caso especial é o sufixo nominal, ou melhor nominalizante, *-a,* não-vocativo, sempre final, e que só aparece junto a temas terminados em consoante ou semivogal.

1109. Em alguns casos, a palavra consta de um só morfema, que é o mesmo *radical,* p. ex., em port., *boi.*

Não confundir radical (o elemento principal, quando isolado de todos os afixos) com *tema.* Êste pode constar de afixos. Na frase-palavra *nd' ere-nhe-mo-akub-i-pe?* "não te aqueceste?", o radical é *akub,* mas o tema verbal inclui um afixo causativo: *mo-akub.*

1110. Morfema independente é aquêle que pode ter uso autônomo. Caso contrário é dependente.

Assim, na frase *mobyr pirá-pe ere-s-epîak paranã-me koyr?* "quantos peixes viste hoje no mar?", são independentes *mobyr, pirá, epîak, paranã, koyr;* dependentes, *-pe, ere-, s-, -me.*

Obs. 1. — A distinção concide em parte com a anterior (radical e afixo). Mas há alguns radicais que são sempre dependentes, p. ex. *eng, bîar,* que só se usam nos derivados *nhe-eng, mo-nhang* e *ro-bîar.* (Cpr. port. *-ceb-* de conceber, receber, perceber, etc.). 2. — Um morfema independente pode ser etimològicamente composto: *mendy* "sogra" (de *men-* e *sy*: "mãe do marido"). 3. — Alguns morfemas independentes exigem a presença de outro morfema (p. ex. o verbo transitivo exige o objeto direto).

1111. Tanto radical como tema não têm uso senão com algum afixo ou com outro morfema (em composição ou incorporação):

ab "cabelo" e *mo-nhang* "fazer" (temas) pedem sempre outro elemento: *ab-a* "cabelo" (nome), *á'-ting-a* "cabelo branco", *mo--nhang-a* "fazer" (infinito), *a-î-mo-nhang* "faço-o", etc.

Excetuam-se as palavras-morfemas (n. 1109).

1112. A ordem de seqüência dos afixos, ainda mais que a das palavras, tem função gramatical, obedecendo a normas precisas.

Assim, dos prefixos verbais, o negativo *nda* e o permissivo *ta* (que são mùtuamente exclusivos) ocupam a posição 1; os subjetivos *a-, ere-, o-* (com v. não-predicativos) ou *xe nde, i,* etc. (com v. predicativos) ocupam a posição *2*; os objetivos *xe, nde, i, s-, o, îo-s-, oré, îandé, pe, îe-, oro-, opo-, poro-, mbaé, t(e)-,* a posição 3. Segue-se o tema, i. é, o radical precedido e seguido dos afixos temáticos (como *mo-, ro-, ukar, eym*) ou do objeto ou adjetivo incorporados. Vêm em continuação os sufixos negativo *-i* ou subordinado *-û* ou *-i* na posição 1; o ilativo *-te* na posição 2; o interrogativo *-pe* na posição 3; o condicional *-mo* na posição 4; o conectivo *-no* na posição 5; o futuro *-ne* na posição 6.

Dos prefixos nominais, os possessivos e *t(e)-, s(e)-, poro-, mbaé, îe-* (mùtuamente exclusivos) ocupam a posição 1; *mbi-* a posição 2. Após o radical, com os prefixos e sufixos temáticos primários, os sufixos *(s)ab/,*

(s)ar/, pyr/, -bae/, por/, bor/, sûer/, na posição 1; *tyb/* na posição 2; *ram/, pûer/* na posição 3; *-a* na posição 4 (sempre final). O suf. negativo *eym/* pode vir antes ou depois de qualquer sufixo (exceto *-a,* que é sempre final).

É claro que nem todos os afixos são simultâneos. Esta, porém, é a ordem em que êles se dispõem. V., p. ex.:

verbais: *nd' ere-îe-pó-mo-pi'-roy-potar-i-te-pe?*
nominais: *xe îe-por-aká'-sa'-tyg-ûam-eym-a*

1113. É importante conhecer não apenas a ordem de colocação dos morfemas, senão também a ordem de tempo com que se organizam, i. é, os "imediatos constituintes" da palavra.

Assim, na palavra *mo-nhang-ara* "criador", há três morfemas: um radical *nhang* e dois afixos *mo-* e *-ara.* Mas *-ara* afixou-se a *mo-nhang,* e não *mo-* a *nhang-ara,* nem *-ara* a *nhang.* Em resumo, os sufixos de nomes verbais pressupõem o verbo já com os afixos temáticos. — A reduplicação monossilábica é anterior à prefixação de *mo-* ou *ro-;* a dissilábica é posterior. A ordem não é *sok, mo-ndok, mo-ndo'-sok,* mas *sok, so'-sok, mo-ndo'-sok, mo-ndo'-só'-ndo'-sok.* Só assim se explica por que é *mo-ndo'-sok* e não *mo-ndo'-ndok.*

TIPOS DE PALAVRAS

1114. Quanto à sua estrutura, encontramos 4 tipos de palavras em tupi:

A. — Palavras Primárias

1. *Palavras-morfemas.* Consistem em um só morfema: *y, á, pirá* (cpr. port. sol, homem, azul)
2. *Palavras derivadas primárias.* Contêm mais de um elemento dependente: *ro-bîar, mo-nhang* (cpr. port. re-ceb-er, per-ceb-er)

B. — Palavras Secundárias

3. *Palavras derivadas secundárias.* Contêm um elemento independente e outro(s) dependente(s): *îuká-sara, a-î-pysyk* (cpr. port. dorm-i, velh-inh-o)
4. *Palavras compostas.* Contêm mais de um elemento independente: *mbaé-t-atá, gûyrá-îagûara* (cpr. port. ponta-pé, couve-flor)

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

1115. Podem-se reunir as palavras tupis em duas classes morfológicas: variáveis e invariáveis, subdivididas as primeiras em nomes (denominações de sêres ou qualidades) e verbos (denominações de processos ou equações).

Não se incluem os afixos, pois não formam palavras à parte, antes integram nomes e verbos. A presença ou não de determinados afixos é que precisa se tal palavra é nome ou verbo.

1116. O nome compreende o substantivo (portanto também o infinito e os verbais), o adjetivo, o pronome independente, os numerais, indefinidos, demonstrativos e interrogativos.

São susceptíveis de morfemas de tempo, de negação, de número ou aspecto (reduplicação), de vocativo e de referência (possuidor, sujeito, objeto). Os demonstrativos podem levar ou não afixo de invisibilidade (*a-*). Os pronomes independentes, os indefinidos e os interrogativos não levam muitos afixos, e são quase invariáveis. Os numerais e os demonstrativos podem levar ou não o sufixo *-a,* conforme a função.

Os verbos dividem-se gramaticalmente em transitivos e não-transitivos (os predicativos não são verdadeiros verbos).

Recebem afixos de pessoa (sujeito, objeto), de negação, de aspecto, de modo, de voz, e ocasionalmente de tempo.

As partículas dividem-se em 1) independentes, p. ex. os advérbios de tempo, lugar, etc.: *koyr* "hoje"; *iké* "aqui"; 2) partículas-sentenças: *pá* "sim"; 3) temáticas, p. ex. *é, ĩ*: *semb-é* "sair à parte"; *epîak-ĩ* "fazer vista grossa"; 4) coordenativas, raras: p. ex. *aé* "e..." (n. 1060); 5) preposições-conjunções subordinativas, p. ex. *-pe, -reme;* 5) interjeições e partículas afetivas: p. ex. *îu!, té!, muru!, moxy!.*

Tôdas as palavras, incluídas as partículas, são capazes de reduplicação.

Como a língua tupi exprime algumas relações sintáticas por meio de afixos paradigmáticos — p. ex. o objeto direto no verbo (*a-î-pysyk t-obaîara* "apanhei-o o inimigo") — pode-se chamar língua flexiva, embora de tipo diferente das clássicas.

1117. O nome termina sempre em vogal. Quando o tema termina em consoante ou semivogal, toma o sufixo *-a*. O verbo finito pode terminar em consoante, semivogal ou vogal tônica, não em vogal átona. O mesmo vale das partículas independentes, demonstrativos, indefinidos e numerais. Mas os ordinais e os demonstrativos, desacompanhados (êstes) de substantivos, levam *-a* após consoante final: *kûeî-a, ang-a, mokõî-a, mosapyr-a,* etc.

DIVISÃO DAS PALAVRAS

1118. Pela própria índole fonética e sintática da língua, os pronomes e as numerosas partículas tendem a reunir-se estreitamente ao verbo, formando densos complexos. Daí se origina a maior indecisão e dificuldade para a escrita.

Devem-se separar totalmente, unir de todo, ou ligar pon hífens êsses numerosos elementos, alguns átonos, outros tônicos, alguns monossilábicos, outros polissilábicos? Depois de muito estudo, decidimo-nos por uma solução prática *eclética*. Com algumas incoerências, inevitáveis.

1119. Usa-se o hífen:

depois de

prefixos agentes: *a-, ere-, o-, îa-, oro-, pe-, gûi-, e-*
prefixos objetivos *oro-, opo-, i-, s-, îo-, nho-, î-, nh-*
reflexivos: *îe-, îo-, nhe-, nho-*
causativos: *mo-, mbo-, r(o)-, no-*
prefixos de classe: *poro-, por-, po-, m(b)oro-, m(b)or-, m(b)o-*
prefixos de classe, possessivos e pronomes pessoais: *t(e)-* e *s(e)-*
partícula *r-*
sílaba *(gû)e-*, que precede às vêzes certos nomes e os verbos começados por *r(o)-* e *no-* (n. 502-505).
possessivos *og-, ogû-, gû-*
prefixo passivo *mi-* ou *mbi-*
objeto direto ou sujeito incorporados: *a-y-ú, xe py-syryk*

antes de

sufixos *(s)ar, (s)ab, pyr, tyb, por, bor, (s)ûar, (s)ûer*
sufixos negativos: *eym* e *-i*

todos os sufixos, partículas e preposições átonas: *-pe, -be, -i, -û, -mo, -no, -te, -a,* etc.
sufixos de tempo: *(p)ûer, ram, (p)ûer-am, ram-bûer*
partículas que se unem mais intimamente ao verbo, substantivo, etc.: *etá, bé, é, ĩ, í, nhé*
apôsto: *jagûa'-gûyrá*

entre

os dois ou mais elementos que entram em composição ou incorporação, desde que ainda conservem alguma autonomia semântica.

1120. Pode-se deixar de separar os elementos com hífen, quando da composição nasce um terceiro vocábulo com significado próprio: *marangatu, angaturama, mendy, posé, porupi,* etc.

APÓSTROFE

1121. O apóstrofe serve para indicar apócopes e aféreses.

É excusado, porém, assinalar a queda do *a* final de substantivos, adjetivos e infinitos: o fenômeno é por demais comum e normal. Cfr. n. 16 OBS.

POSIÇÃO, COMPOSIÇÃO, DERIVAÇÃO

1122. *Posição* ou *ordem* é o processo gramatical segundo o qual cada morfema, palavra, membro da oração ou oração deve (ou pode) ocupar determinado lugar relativo dentro do período, para desempenhar dada função.

1123. *Justaposição* é o processo pelo qual se colocam em seqüência imediata, sem pausa, dois ou mais morfemas, para exprimirem um ou mais conceitos gramaticais:

morubixaba py: o pé do chefe
ypeka tĩ: o bico do pato
xe r-ayra r-ura: a vinda de meu filho
nheeng-a kuab-a: saber falar

1124. *Incorporação* é uma justaposição íntima de dois elementos não-dependentes, que conservam cada qual o seu

sentido próprio, perdendo, porém, o primeiro — quando o tem — o sufixo *-a* (nominal ou infinitivo), ou, diante de consoante, a última sílaba átona:

á'-tinga: cãs (*aba* + *tinga*)
pirá-ú: comer peixe (*pirá* + *ú*)
pirá-sem-a: sair peixe (*pirá* + *sem*)
á'-kuî-a: cair cabelo (*aba* + *kuî*)
ang-epîak-a: ver a imagem ou reflexo (*anga* + *epîak*)
nheẽ'-nguab-a: saber falar

1125. *Composição* é uma justaposição ainda mais íntima de dois elementos não-dependentes, da qual resulta um terceiro elemento não-dependente, de sentido próprio, que se comporta na frase como elemento simples:

eir-uba: abelha (*eira* mel + *uba* pai)
men-dy: sogra do homem (*mena* marido + *sy* mãe)
îur-ar: laçar (*îura* pescoço + *ar* prender)
petymb-ú: fumar (*petyma* fumo + *ú* comer)
u'-katu: acomodar-se (*ub* jazer + *katu* bem)

Nem sempre será fácil distinguir os casos de composição e de incorporação.

1126. *Derivação* é o processo pelo qual da justaposição de dois ou mais morfemas, um radical, o(s) outro(s) afixo(s), se forma uma terceira palavra independente, relacionada pelo sentido com o elemento independente formador:

mo-nhang: fazer	*ara*: suf.	*mo-nhang-ara*: o que faz
syk: chegar	*aba*: suf.	*syk-aba*: lugar de chegar
syk-aba: v. supra	*tyba*: suf.	*syk-a'-tyba*: lugar em que é costume chegar
ú: comer	*mbi-*: pref.	*mbi-ú*: comida

1127. *Derivação gramatical* ou *inflexão,* ao contrário da anterior, que é lexeológica, é o processo pelo qual a um morfema independente se junta outro dependente para precisar relações gramaticais.

Assim, em *ere-s-epîak-ne* "tu o verás", o morfema independente *epîak* exprime o processo de "ver". O prefixo *ere-* indica que o agente é o interlocutor; *s-* declara que o objeto do processo é da 3.ª p.; o sufixo *-ne* precisa que o processo se há de verificar no futuro.

Obs. Por vêzes, mesmo neste Curso, dá-se à derivação e à incorporação o nome genérico de composição.

1128. Composição, incorporação e derivação lexeológica supõem pelo menos um elemento (o primeiro) nominal (inclusive o infinitivo). O segundo elemento pode ser substantivo, adjetivo ou verbo.

O primeiro elemento perde sempre o sufixo nominal *-a*, quando o tem, e também a consoante final diante de consoante ou semivogal. O segundo elemento perde todos os prefixos que não pertençam ao tema. Verificam-se metaplasmos.

1129. Damos a seguir os casos mais comuns de justaposição, incorporação e composição.

1130. SUBSTANTIVO + SUBSTANTIVO

I. — Determinante + determinado

1. Complemento restritivo + elemento principal

abati uí: farinha (*feita*) de milho
itá y: água (*tirada*) da pedra
(t)-esá y: água (*que sai*) dos olhos
itá nhaẽ: prato (*feito*) de pedra

2. Complemento possessivo + elemento principal

paîé pó: mão do pajé
gûyrá pepó: asa do passarinho
abá gûyrapara: arco do índio

3. Complemento relativo + elemento principal

paîé sy: mãe do pajé

4. COMPLEMENTO SUBJETIVO + ELEMENTO PRINCIPAL

paîé sem-a: a saída do pajé

OBS. Os prefixos pessoais podem substituir o nome nos casos 2, 3, 4:
xe pó: minha mão (mão de mim)
nde sy: tua mãe (mãe de ti)
i xem-a: sua saída (saída dêle)

II. — Determinado + determinante

ELEMENTO PRINCIPAL + COMPLEMENTO ATRIBUTIVO

1. APÔSTO (o...que é...)

abá-soó: homem-bicho (o homem que é bicho)
gûyrá-îagûara: pássaro-onça (pássaro que é também onça)

2. COMPLEMENTO DE REFERÊNCIA (o...do...; o...que tem...)

abá-pereba: o índio da chaga (aquele índio que tem chaga)
ybyrá-á: árvore que tem (ou dá) fruta

1131. SUBSTANTIVO + ADJETIVO OU VERBO INTRANSITIVO

ELEMENTO PRINCIPAL + COMPLEMENTO ATRIBUTIVO

1. ADJETIVO OU VERBO PREDICATIVO

pirá tinga: peixe branco
pir' akuba: pele quente
kaá apûã: mato redondo
pirá kaẽ: peixe tostado

2. VERBO INTRANSITIVO

pirá sununga: peixe barulhento
itá syryka: pedra escorregadia
ybyrá kera: árvore que dorme
kaá îkobé: planta viva
abaré bebé: padre voador
itá manó: pedra morta

1132. ADJETIVO OU VERBO + ADVÉRBIO

1. ADJETIVO

poxy katu: muito nojento
poxy aiba: feio

2. VERBO

mo-mbeú katu: louvar
manó memûã: morrer de repente
u' katu: acomodar-se bem
r-ekó aib: desfeitear

1133. SUBSTANTIVO (OU PRONOME) + VERBO

1. TRANSITIVO

pirá ú: comer peixe
y ú: beber água
xe pysyk: apanhou-me
mbaé pysyk: segurar (as) cousas
îur-ar: prender o pescoço = laçar
i pysyk-a: apanhá-lo (infin.)

2. INTRANSITIVO

pirá sem-a: sair peixe
xe só: ir eu (infin.)
á' kuî-a: cair cabelo
i xem-a: sair êle (infin.)

1134. COMPLEMENTO + PREPOSIÇÃO (OU CONJUNÇÃO)

1. SUBSTANTIVO

y-pe: no rio
y suí: do rio (procedência)
paîé r-esé: por causa do pajé
morubixaba supé: ao chefe
nhũ r-upi: pelo rio
ar-eté-reme: se (*ou* quando) fôr dia festivo

2. PRONOME

xe-be: a mim
xe suí: de mim
nde r-esé: por tua causa
nde-be: a ti
i xupé: a êle
ixé-reme: se (*ou* quando) fôr eu

3. INFINITO

só r-esé: por causa de ir
só suí: para não ir
só suí-bé: desde a ida
só-reme: se (*ou* quando) fôr

1135. Em geral, há *incorporação* 1) do complemento atributivo ao substantivo, 2) do objeto direto ao verbo, 3) do advérbio de modo ao adjetivo ou verbo, 4) raramente, do sujeito ao verbo intransitivo.

É normal a simples justaposição 1) do complemento restritivo e semelhantes (n. 154), 2) da preposição ao complemento.

Pode dar-se *composição* 1) do complemento restritivo, 2) atributivo, 3) do objeto direto, 4) do advérbio de modo.

1136. Entre a composição e a incorporação não há diferença de forma, senão apenas semântica. O composto é um terceiro vocábulo, e não apenas um conjunto de dois.

1137. Diferença material pode haver entre a justaposição de um lado e a incorporação e composição de outro, quando a) o primeiro elemento é dos que pedem o sufixo nominal *a-*; b) o segundo elemento é dos que levam os prefixos *t-*, *s-*, *r-*. Na justaposição, o *-a* do 1.º elemento permanece, e o 2.º elemento assume *r-*. Na incorporação e composição, *-a* e *r-* desaparecem:

nheeng-a r-endub-a (justap.); *nheeng-endub-a* (incorp.): ouvir falar (infin.)

t-atá r-endy (justap.); *t-atá-endy* (compos.): chama do fogo

men-a sy (justap.); *men-dy* (compos.): sogra do homem (mãe do marido)

1139. Só o complemento apositivo conserva o *t-* ou *s-*. Mas o complemento de referência perde-o: *ybá s-oó*: fruta-carne (de animal); *ybá t-oó*: fruta-carne (de gente); *Tupã T-ayra*: Deus-Filho; *mbaé-t-atá*: cousa-fogo (de gente); *itá-s-upiá*: pedra-ôvo; cpr. *kunhã r-obá*: rosto de mulher (justapos.); *kunhã-t-obá*: mulher-rosto (incorpor., atribut.); *kunhã-obá*: a mulher do rosto (incorpor., referência).

1139. Ademais, na simples justaposição não costuma dar-se a nasalização do 2.º elemento pelo 1.º.

EXPRESSÕES CONCRETAS

1140. Os fenômenos psíquicos, estados dalma, qualidades ou hábitos dos sêres vivos costumam ser expressos concretamente pela descrição das resultâncias perceptíveis nas partes ou órgãos do corpo: — olhos, rosto, ouvidos, bôca, língua, coração, pés, mãos, cabelos, pele, etc.:

esá-kaneõ (*t*)	olhos cansados = preocupado
pyá-gûapyka	coração assentado = sossegado
îuru-puk-ĩ	bôca aberta = espantado
pir-atã	pele dura = firme, resistente
obá-îuba (*t*)	rosto amarelo = medroso
ab-ebó	cabelo eriçado = apressado
apysá-byra	ouvido erecto = atento
nambi-bebé	orelha que voa = veloz
pó-îababa	mão fugidia = ligeiro
py-atã	pé duro = forte, animoso

1141. As locuções tendem a estereotipar-se, perdendo-se a consciência nítida dos seus elementos componentes:

xe pó py-atã: tenho o braço forte (*lit.* tenho o braço pé-duro)
ar' obá-kyá: dia encoberto (*lit.* dia rosto-sujo)
esá-kanga (*t*): olhos(s) claro(s) (*lit.* olho(s) *ou* vista sêca) = claro, ralo, espaçado, transparente, reluzente:

> *y esá-kanga*: água *ou* rio claro; *kaá esá-kanga*: mato ralo *ou* claro; *ab' esá-kanga*: cabelo ralo; *abá ab' esá-kanga*: homem do cabelo ralo; *aó' pó-esá-kanga*: pano (de fibra) ralo (-a); *pytun' esá-kanga*: noite clara; *pyá esá-kanga*: coração claro *ou* aberto; *mo-y-esá-kang*: clarear a água; *por-abyky esá-kang*: trabalhar a intervalos; *nhe-mo-pyá-esá-kang*: declarar-se; *xe r-esá esá-kang*: tenho os olhos claros

esá-(a-)gûaá (*t*): olho(s) saliente(s) ou saltado(s) (*lit.* olhos cheios, bojudos ou fechados v. n. 346):

> *nhe-mbo-esá-'gûaá*: fechar os olhos; *gûyrá r-upiá sá-'gûaá umã*: já está cheio (vivo) o ôvo do passarinho

1142. De todos os nomes de órgãos, o que forma locuções em maior número, é *(e)sá* (*t*), irregular (n. 217):

esá-gûyryba (*t*): olho(s) (= vista) baralhado(s) = tonto
xe r-esá gûyryb: estou com vertigem

esá-banga (*t*): olhos(s) torto(s), vesgo(s) = tôrvo, odioso
xe r-esá-gûyryb: eu olho com ódio, torvamente

esá-kuí (*t*): olho(s) buliçoso(s) = preocupado, preparado, apercebido
xe r-esá-kuí gûi-t-ekó-bo: estou prevenido

esá-eté (*t*): olho(s) de verdade = arisco; esperto; leviano (no olhar)

esá-etá (*t*): olho(s) muito(s) = atento, cuidadoso, solícito

esá-puku (*t*): olho(s) comprido(s), longo(s) = preocupado, cuidadoso
xe r-esá-puku s-esé: cuido muito dêle

esá-tinga (*t*): olho(s) branco(s) = desfalecido
xe r-esá-ting ambyasy suí: estou desfalecido de fome

esá-una (*t*): olho(s) negro(s) = reanimado
a-nhe-mbo-esá-un nde r-epîak-a: voltei a mim quando te vi

pirá-r-esá: olho(s) de peixe = desfalecido, desmaiado
xe pirá-r-esá: estou desmaiado

1143. Algumas palavras são certamente compostas de *(e)sá*, mas o 2.º elemento é de origem ou sentido incertos ou ignotos:

esaraîa (*t*): esquecido; esquecimento; esquecer-se
nhe-mo-saraî; brincar, jogar (distrair-se, fazer-se esquecido)

esãîa (*t*): alegre, alegria; alegrar-se
mo-esãî: alegrar

sapukaîa: grito, gritar
xe r-esá-pukaîa: meu grito
a-sapukaî: eu grito

sabeypora: embriagado; embriagar-se
a-sabeypor: eu estou embriagado

(*e*)*sapyá* (*t*): presteza; de repente; (*s*) apanhar de surpresa
xe r-esapyá ahẽ (VLB 184): êle tomou-me de surpresa
a-nhe-mbo-esapyá gûi-t-e-iké-bo: entrei de repente
o-îe-esapyá xe r-e-mi-tyma: saiu-me antes de tempo minha plantação
e-ra-só (*s*)*sapyá* (VLB 114): leva-o depressa

esainana (*t*): preocupado, desassossegado, inquieto; leviano, dissoluto
nhe-mo-sainana [*esé*]: preocupar-se com; prover-se de; preparar

1144. O VOCABULÁRIO NA LÍNGUA BRASÍLICA registra muitos compostos de (*e*)*sá*: *sá-inana, sá-kuí, sá-pyá, esá-bika, esá-py-só, esá-etá, esá-kanga, esá-korõîa, esá-kuruba, esá-kytã, esá-kûar-asy, esá-kûá'-tinga, sá-raîa, esá-eté, esá-kué*[*-kué*], *esá-gûyryba, esãîa, esangá, esá-ekó-ab-oka, esá-pé, esá-kûá-rorẽ, esá-kûá'-só, esá-pytumbyka, esá-kûar-umbyka, esá-gûyr-umbyka, esá-'ynh-usu, esá-rorẽ, esá-banga, esá-pitanga, esá-tinga, esá-îuba, esaba, esá-'tyká, esá-aruã-aiba, esá-tyba, esá-kûara,* etc., além de inúmeros derivados.

1145. Tanto no VOCABULÁRIO NA LÍNGUA BRASÍLICA como no *Tesoro* de MONTOYA vêm arrolados inúmeros compostos dêsse tipo:

îuru-mbegûé: bôca vagarosa = lento na fala; *îuru-piru*: bôca sêca = cansado de repetir; *îuru-kyrá*: bôca gorda = mentiroso, loroteiro; *îuru-t-atá*: bôca fogo = violento na fala; *îuru-taté*: bôca errada = palavra *ou* comida errada; *nheẽ'-kyrá*: palavra gorda = mentiroso, loroteiro; *pir-anama*: pele grossa = firme, obstinado; *pir-yaîa*: pele suada = suado; *pi'-roy*: pele fresca = fresco; descansado, aliviado; *pó-pindá*: mão anzol = ladrão; *pó-etá*: muitas mãos = atarefado, trabalhador; *apysá-anama*: ouvido-grosso = mouco; *nambi-îo-obaké*: orelhas uma diante da outra = aturdido; *obá-îuba* (*t*): rosto amarelo = pálido, medroso; (*xe*): empalidecer; *obá-'sy* (*t*) ou *esá-kûar-asy* (*t*): rosto *ou* olhos dolentes = carrancudo; *obá-puká* (*t*): rosto risonho = risonho, alegre; *pyá-beraba*: coração reverberante = conturbado; alvoroçado; *pyá-saingó*: entranhas dependuradas = faminto; *ãî-bi'-ryryîa*: gengivas trêmulas = risonho; *putu-ú*: engolir a respiração = descansar; *putu-pab*:

acabar-se a respiração = maravilhar-se; preocupar-se com; cuidar de. Etc.

Ver *esá* olho(s), *apysá* ouvido, *nambi* orelha, *îuru* bôca, *ãîa* dente(s), (*apé-*)*kũ* língua, *obá* rosto, *tĩ* nariz, *aîura* pescoço, *pó* mão, *py* pé, *pyá* coração, entranhas, *îybá* braço, *nheenga* fala, etc.

1146. Dêstes e de outros exemplos infere-se que o nome da parte do corpo exprime também o sentido interior, a faculdade ou qualidade respectiva, bem como o seu exercício:

îuru bôca = palavra; apetite; *esá* olho(s) = vista; vigilância; *apysá* ouvido = atenção; *pó* mão = poder; *îybá* braço = fôrça; *py* pé = estabilidade, firmeza, resistência; *obá* rosto = expressão. Etc.

1147. Algumas palavras, aparentemente simples, são compostas dêsses nomes de partes do corpo ou semelhantes. Oblitera-se-lhes o sentido primitivo, e tomam uma função de quase-prefixos classificadores:

pixyb: esfregar, untar; comp. de *pira* pele e *syb* limpar
piroy: fresco; comp. de *pira* pele e *roy* fresco, frio
piryaîa: suor, suar; comp. de *pira* pele e *yaîa* suado
pipoká: beliscar; comp. de *pira* pele e *poká* torcer (n. 347)
pipomonga: pegajoso, viscoso; comp. de *pira* pele e *pomonga* viscoso
pirakubora: quente [ser vivo]; comp. de *pira* pele e *akubora* quente
piringa: estremecer, arrepiar; comp. de *pira* pele e *ninga* latejar
pitinga: mancha branca da pele; comp. de *pira* pele e *tinga* branco

Obs. — Parecem compostas de *pira* outras palavras, cujo último elemento, entretanto, é de origem duvidosa, tendo perdido sua função de morfema independente:

pixam beliscar; *pixé* chamusco; *pitub* untar (com azeite, urucu, etc.); *pitanga* avermelhado; *piriana* listado (ao comprido); *piranga* vermelho; *pinima* pintado, malhado. Etc.

1148. DOS OUATRO NOVÍSSIMOS DO HOMEM (*)

P. ANTÔNIO DE ARAÚJO (1566-1632)

Nde maenduar ndereco cîcagoâma, nde recô paba goâma
"Nde maenduar nde r-ekó syk-ag-ûama[1], nde r-ekó pab-ag-ûama
recérâ eîcô amô Tupã boya; ynheenga mombegoâra, yandêbe,
r-esé rá[2]" — e-í kó[3] amó Tupã boiá, i nheenga mo-mbegû-ara, îandé-be,
opabinhè abà motecôcuâba potà: yãde monhemoçacoipotà: yande
o-pab-î-nhé abá mo-t-ekó-kuab-a potá, îandé mo-nhe-mo-sá-kuí potá[4], îandé
nhemoçainãnamota, yande anga recôrâmarecè yande putupãba
nhe-mo-sá-inan-a motá[5], îandé anga r-ekó-rama r-esé îandé putu-pab-a
potà. Oyoirondic tecô cícâba yyepí.
potá[7]. O-îo-irundyk t-ekó syk-aba. Iî ypy:

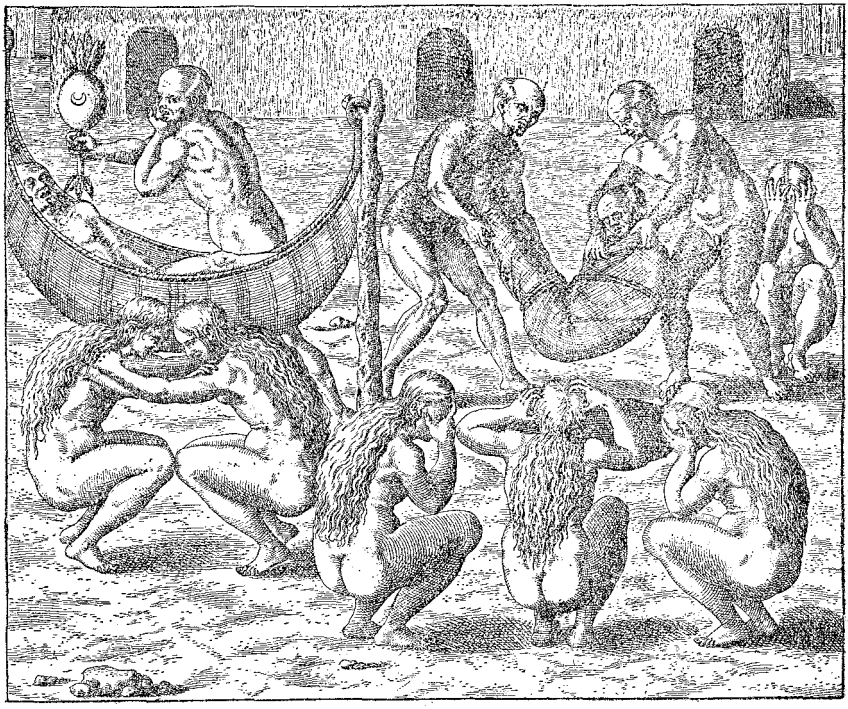
1. *Teõ, teõ roire ymocõya.*
   T-eõ. T-eõ roiré, i mo-kõî-a:
2. *Tupã acè recômonhangába.*
   Tupã asé r-ekó mo-nhang-aba.
3. *Anhanga ratà, ŷmoçapîçàba.*
   Anhanga r-atá: i mo-sapy'-saba[7].
4. *Ogorîpâpe Tupã acêbe tecôbe opabaêrameîma meenga,*
   Og-oryp-á-pe Tupã asé-be t-ekó-bé o-pa'-bae-ram-eym-a meeng-a:
   yxicàba.
   i xyk-aba[8].

Tecôbè yandebe Tûpã remimeenga cîcâbê, teõ yandè moauieò,
T-ekó-bé îandé-be Tupã r-emi-meeng-a syk-abé, t-eõ îandé mo-aûié-û,
acè iucâbo, acè mocanhema yande anga yandê retê çuî yxemebê
asé îuká-bo, asé mo-kanhem-a. Îandé anga îandé r-eté suí i xem-e-bé,
Tûpã cecô monhang-i, coipo Anhanga ratâpe, tecocatû abi-
Tupã s-ekó-mo-nhang-i, ko-ipó Anhanga r-atá-pe, t-ekó-katu aby-
repîramo ymondôbo auyeramanhé; coipo onheenga r-upí cecô
r-epy-ramo, i mo-ndó-bo aûié-rama-nhé, kó-ipó o-nheenga r-upi s-ekó-
agoera repîramo igbacupe ogorîpápe, tatâpe tecô angaipâba
-ag-ûera r-epy-ramo ybak-(u-)pe og-oryp-á'-pe t-atá-pe t-ekó angaipaba
repì mondícápe cecô cic-irè, ymoingou.
r-epy mo-ndyk-á'-pe s-ekó syk iré, i mo-ingó-û.

Catecismo (1.ª ed.), pp. 154-154 v.

(*) No intúito de familiarizar o leitor com os antigos textos tupis, apresentaremos alguns na grafia original. O desta Lição vai acompanhado da transcrição no sistema dêste CURSO. — Para a tradução, consultar nosso *Pequeno Vocabulário Tupi-Português* (Livraria São José, 1951), advertida a diferença de ortografia.

1. *syk* "chegar; bastar", *syk-aba* "chegada limite; fim", *syk-ag-ûama* "futuro fim". 2. *rá* ptc afetiva "em verdade" (de h.) (n. 1068). 3. Cfr. *S. Lour.* 61v, *a-é kó.* 4. "querendo fazer com que nos preparemos". Sôbre *sá-kuí,* v. n. 1142. 5. "desejando que nos alertemos". Sôbre *sá-inan,* v. n. 1143. 6. "querendo que cuidemos do futuro (ser) de nossa alma". Sôbre *putu-pab* ← *pytu-pab,* v. n. 1145 e VLB 89, 109, 356, 395; AR. 227; 1.ª ed. 69; *S. Lour.* 66v. 7. *i mosapy'-saba* "o terceiro dêles" (n. 827). 8. "o fim (*ou* o último) dêles".



Sepultamento (DE BRY)

FONOLOGIA

1149. Sendo o tupi antigo língua morta e o seu estudo documental e filológico, para conhecer-lhe a estrutura fonética devemos basear-nos nas informações dos antigos gramáticos. Infelizmente estas não são completas quanto a vários pormenores. O estudo da fonologia tupi não é mais nem menos seguro que o das línguas clássicas.

Pouco nos pode valer o conhecimento dos co-dialetos vivos, que seguiram seu próprio caminho evolutivo. Menos ainda o estudo dos dialetos civilizados do Amazonas e do Prata, que sofreram forte impacto do bilingüismo português ou espanhol. O *b* medial guarani, p. ex., não é oclusivo mas fricativo, tal como no espanhol. Influência do castelhano, ou fenômeno primitivo e independente?

A exposição que se segue, fruto de estudos textuais e consultas, é passível de correções ou de dúvidas quanto a alguns pontos.

VOGAIS

i y u
e o
a

1150 E as correspondentes nasalizadas: *ã, ẽ, ĩ, õ, ũ, ỹ.*

1151. Dividem-se as vogais 1) de acôrdo com a zona de *articulação,* em pré-palatais, (*i, e*), média (*a*) e pós-palatais (*o, u, y*); 2) de acôrdo com o grau de *abertura* da bôca, em abertas (*a, e, o*) e fechadas (*i, u, y*), ou em abertas

(*a*), meio abertas (*e, o*) e fechadas (*i, u, y*); 3) de acôrdo com a disposição dos *lábios*, em arredondadas (*o, u*) e não arredondadas (*a, e, i, y*).

Não há diferença entre vogais longas e breves, excetuado, é claro, o caso de ênfase.

1152. As vogais têm o som que nos alfabetos fonéticos se costuma representar pelos respectivos caracteres. *A* é como o de "*ca*co"; *é* e *o* como os de "*mé*sa" e "*mó*ça", algo menos fechados (e não como os de "*vé*la" e "*mo*la").

1153. Os antigos gramáticos esforçam-se por descrever o som do *y*.

ANCHIETA diz que "se pronuncia áspero com a garganta". FIGUEIRA explica que "é como entre *u* e *i*... e forma-se na garganta como *ig*". Para ARAÚJO (1.ª ed., 1618), "se pronuncia com um som grosso ou áspero no céu da bôca, como se depois dêle estivera *g*". BARTOLOMEU de LEÃO (2.ª ed., 1686) esclarece: "voz gutural, que se forma na garganta, dobrada a língua com a ponta inclinada abaixo e lançado o hábito oprimido na garganta, com um som misto e confuso entre *i* e *u* e que, não sendo *i* nem *u*, envolve a ambos". MONTOYA: "pronunciação gutural, que se forma *in* gutture, contraindo a língua para dentro". RESTIVO: "gutural que se há de pronunciar no vão (*gueco*) da bôca, onde se pronuncia o jota [castelhano], contraindo um pouco a língua para dentro". — Também os autores modernos traçam diretivas práticas. Demos o exemplo de COUTO de MAGALHÃES: "Para pronunciá-lo, abra-se a bôca, encolha-se a língua, contraiam-se os lábios, e pronuncie-se o *i* na garganta, e será o som".

1154. Dessas descrições empíricas, bem como da observação dos dialetos vivos, conclui-se que *y* é vogal faucal, i. é, articulada na zona laríngea, 2) que se pronuncia com os lábios contraídos (como para *i*, e não arredondados como para *u*), 3) com a língua recuada (como para *u*) e a sua base erguida em direção ao véu do palato. Portanto, vogal pós-palatal, não arredondada, alta, i. é, fechada.

CABALLERO 147-148 tentou uma análise experimental do *y*.

1155. O som do *y* conserva-se inalterado no guarani moderno, sendo fácil aprendê-lo de um paraguaio ou correntino. Fonema igual há em outras línguas americanas (como o kiriri) e, se não igual, assaz parecido, no turco, mongol, etc.

Em tupi tem sido grafado de inúmeras maneiras: *i* (sem ou com um ponto em baixo), *ig* (sem ou com ponto sob o *i*), *ih, u, i, ĭ, ï, y, hy*, etc. Após a indecisão do século XVI, criou-se a tradição do *y*, por iniciativa feliz de Figueira (1621). Nos estudos especializados para lingüistas, prevalece *ĭ*.

1156. Tôdas as vogais podem ser iniciais, mediais ou finais. As vogais não só predominam sôbre as consoantes, como têm mais possibilidades de colocação e de agrupamentos.

SEMIVOGAIS

î ŷ û

1157. As três vogais fechadas *i, u, y,* (que se articulam com o dorso da língua elevado em direção ao céu da bôca) podem fàcilmente perder a silabicidade, dando origem às chamadas semivogais *î, û, ŷ.*

A rigor, são consoantes fricativas. O caráter consonantal é mais nítido nos ditongos crescentes. Mas podem juntar-se a outra consoante. P. ex., *t' îa-só* "vamos!", *nd' îa-só-î* "não vamos".

Há, porém, casos em contrário: 1) Em ditongo crescente predominar o caráter vocálico (*t' îa-só,* com apócope do *a* de *ta,* como nas iniciais vocálicas *t' a-só, t' ere-só,* etc., e não como na inicial consonantal *ta pe-só*). 2) Em ditongo decrescente predominar o caráter consonantal (*sy-syî,* redupl., com apócope do *î,* tal como das finais consonantais: *pa-par*).

Por tudo isso, é interessante dar um tratamento à parte às semivogais.

CONSOANTES

1158.

	Bilabiais	Linguo--alveolares	Linguo--prépalatais	Velares	Faucais
Oclusivas					
surdas	*p*	*t*		*k*	*ʔ*
sonoras	(*b*)	(*d*)		(*g*)	
nasais	*m*	*n*	*nh*	**n*	
pré-nasalizadas	*mb*	*nd*		**ng*	
Contínuas surdas		*s*	*x*		*h*
sonoras	**b*			**g*	
Vibrantes		*r*			
Semivogais			*î*	*û*	*ŷ*

1159. ʔ é a oclusão glotal. Não se costuma escrever, mas precedia quase tôda vogal que não se seguisse a outra consoante. Nunca é final de sílaba, nem inicial de palavra.

Obs. A julgar pelo guarani moderno, não haveria oclusão glotal após prefixos proclíticos, como *mo-, ro-, poro-, îe-, îo-, mbi-, xe, nde, i, a-*, etc., a menos que o tema seja monossilábico e, portanto, tônico (*mbi-ú, mbo-é, îe-ab, xe ab-a*, com oclusão). Nem em compostos de final tônica + inicial não-tônica, como *t-atá-upaba, t-atá-endy, t-esá-eté*, etc. Nem em algumas palavras avulsas, como *eira, t-esá-y, aiba*, etc.

1160. *P, t, k* vêm tanto em princípio como em fim de sílaba. Mas *p* e *t* só excecionalmente no fim.

1161. *B, d, g* são oclusivas quando precedidas de nasal, nos grupos *mb, nd, *ng*.

Não ocorre *d* fora de *nd*. *B* figura tanto medial como final de palavra, e também inicial de sílaba. Como medial, é consoante fricativa; talvez também como final. Não há *b, d, g* iniciais de palavras, após pausa: os casos aparentemente contrários ou são simplificação gráfica (*baé* = *mbaé; de* = *nde, gatu* = *ngatu*) ou são partículas ou temas verbais, que na língua viva supõem outros elementos antepostos. Na escrita tradicional, não se costumam distinguir as fricativas das correspondentes oclusivas. *G* medial é variante (fricativa) de ʔ : *ygara* ou *yʔara*. *G* oclusiva, só no grupo **ng*.

1162. **N* é o velar, que não se costuma distinguir, na escrita, do *n* alveolar. Cpr. espanhol "cinco" (velar) e "cinta" (alveolar). Só aparece no grupo **ng*.

1163. **Ng* final de radical (p. ex. em *mo-nhang-a, ang-a, ang-ekó, pomong-a*) parece ser o mesmo **n* velar. Pronuncie-se *mo-nhaŋ-a, aŋ-a, aŋ-ekó, pomoŋ-a*.

Cpr. inglês *king*, alemão *gesungen*. Da falta de conhecimento e transcrição exata dêsse som em português e espanhol, vem a diferente grafia, p. ex., das palavras *aŋé* (*t*) "pressa, apressado" e *r-aŋé* "antes, primeiro; ainda", que os espanhois escreveram *angẽ, rangẽ*, os portugueses *anhé, ranhé*.

1164. *Mb* e *nd* podem ser iniciais ou mediais de palavra; nunca finais. **Ng* pode ser medial e final, nunca inicial (às exceções aparentes, como *ngatu*, são casos de incorporação ou composição).

Divergem os autores quanto à caracterização de *mb, nd, *ng*. Para alguns, são grupos de sons: *m+b, n+d, *n+g*. Para outros, são sons simples, monofonemas: *b, d, g* pré-nasalizados. A rigor, devia-se escrever *ᵐb, ⁿd,*

˜g: ˜ba?e', ˜de', ˜gatu', ẽde', porã'ga, mẽdu'ba, kãby', kã'ga, mõba'ka, rã--bûe'ra, etc.

1165. *Nh* é fonema simples, como em português: inicial e medial.

1166. *S* é o mesmo *s* português da pronúncia padrão, p. ex. de "*s*abado", e não o *s* palatal, final de sílaba (p. ex. de "as*pas*", na pronúncia portuguêsa ou carioca). Pode ser inicial ou medial, nunca final. *X* é som secundário, resultante de palatização de *s* pelo *i*. Pode ser inicial e medial, nunca final.

1167. *H* só ocorre em três ou quatro palavras. Pode ser inicial ou medial.

Em guarani substitui quase todos os *s* tupis.

1168. *R* é alveolar, como o nosso *r* "brando" de "ca*r*a". Pode ser inicial, medial ou final. Junto a nasal, pode nasalizar-se.

1169. Em resumo, as consoantes que podem começar sílaba ou palavra são:

*p, t, k, ?, m, n, *n, nh, mb, *ng, s, x, h, r, î, û, ŷ*

As que podem ser mediais de palavra (iniciais de sílaba medial ou final):

*p, t, k, ?; b, *b, *g; m, n, nh, *n; mb, nd, *ng; s, x, h; r; î, û, ŷ*

As que podem ser finais de palavras:

*k; b; m, n, *ng; r; î, û* (excecionalmente: *p, t*)

1170. Tanto o nome e o verbo como as partículas independentes podem começar por vogal ou por consoante (ou semivogal).

Os verbos transitivos começam ou por vogal ou por uma das seguintes consoantes:

p	*t*	*k*	*?*	*m*	*n*	*nh*	*s*	*r*	*î*	*û*
poî	*tym*	*ká*	*?ok*	*mun*	*nong*	*nhang*	*syb*	*rab*	*îaî*	*(g)ûang*

Os verbos intransitivos começam ou por vogal ou por uma das seguintes consoantes:

p	*t*	*k*	*?*	*m*	*b*	*nh*	*s*	*r*	*nd*	*î*	*û*
pak	*tuî*	*kaî*	*?ar*	*mỹî*	*bak*	*nharõ*	*syî*	*ryryî*	*nduruk*	*îaseó*	*(g)ûeb*

Nos modos finitos, o verbo pode terminar em vogal tônica ou em uma das seguintes consoantes:

k	*b*	*m*	*n*	*ng*	*r*	*î*	*û*
pok	*kub*	*am*	*mun*	*mong*	*ir*	*pûaî*	*mo-ngaraû*

excecionalmente *t* (var. de *r*) *ut* = *ur*

Nos modos não finitos (inclusive gerúndio, particípio), pode acabar em vogal tônica ou átona, nunca em consoante ou semivogal.

As partículas independentes terminam ou em vogal tônica ou em consoante ou semivogal.

O tema tanto nominal como verbal termina ou em vogal tônica ou em consoante ou semivogal.

1171. Em pausa, as consoantes costumam cair. Não, porém, as semivogais nem as velares *k* e *ng*.

O mesmo se passa na incorporação e composição. Em incorporação, é esporádica a persistência das velares. Na reduplicação, caem as semivogais.

SÍLABA

1172. Os únicos fonemas silábicos, em tupi, são as vogais. Tôda sílaba contém alguma vogal. A sílaba tupi pode ser dos seguintes tipos (V=vogal; C=consoante; S=semivogal):

V	VC	CV	CVC	VS	SV	SVC	CSV	CVS
a	*ab*	*ba*	*bab*	*aî*	*îa*	*îab*	*bîa*	*baî*

SVS	CSVC	CSVS
îaî	*bîab*	*bîaî*

1173. Não há casos de CC. *Mb, nd, ng*, para alguns estudiosos, são fonemas simples. A única exceção seria a das semivogais, se consideradas consoantes: *t' îa-nhan* "corramos"; *nd' îa-nhan-i* "não corremos".

1174. A palavra tupi pode constar de uma ou mais sílabas. Também os temas.

Os monossilábicos são, via de regra, irredutíveis. Quanto aos polissílabos, em alguns casos podem-se isolar os seus elementos componentes:

tema + afixo; subst. + subst.; subst. + adjet.; subst. + verbo; verbo + advérbio; tema + reduplicação; etc.

1175. Grande número de verbos são compostos de verbos monossilábicos, sejam intransitivos como *am, ar, in, bak, bok, bur, byr, byk, ir*, etc., sejam transitivos como *é, ú, ar, ab, ó, ok, rung*, etc. (cfr. n. 326).

1176. Em outros casos, a identificação já não é fácil. Mas na medida em que progride a análise lingüística, revelam-se elementos mais simples.

Apenas um exemplo. O verbo *rõ*, extinto na língua, mas que deixou inúmeros compostos, como *apirõ, arõ[1], arõ[2] (s), asyrõ (t), atyrõ, égûyrõ (t), ekobiarõ (s), irarõ, mo-mbyrõ, mo-ngatyrõ, mo-yrõ, nharõ, nhyrõ, pîarõ, poro-yrõ, pysyrõ, ro-yrõ, tyarõ, typyrõ,* etc.

1177. Apesar dos casos impenetráveis, tem algum fundamento a impressão de que o tupi se compõe de raízes monossilábicas.

ACENTO TÔNICO

1178. A língua tupi conhece o acento tônico ou de intensidade. Os temas são oxítonos. As palavras podem ser paroxítonas, proparoxítonas, etc., quando se agregam ao tema afixos ou partículas enclíticas.

É o caso dos nomes (substantivos, adjetivos, infinitos, demonstrativos, numerais) terminados em consoante ou semivogal, os quais recebem o sufixo nominal *-a*. E dos sufixos *-i, -û, -ne, -mo, -te, -pe, -no,* das preposições-conjunções *-pe, -i, -bo, -reme,* etc. Há também alguns afixos enclíticos, como os prefixos e pronomes pessoais (em função de possessivos ou de objeto direto, etc.)

Em composição, incorporação, derivação, há acentos subtônicos, que recaem sôbre a sílaba tônica do 1.º elemento componente.

ACENTO MUSICAL

1179. Não se conhece o tom ou altura, como fonema primário.

ANCHIETA 35v informa que havia diferença de tom na interrogação. Não esclarece qual fôsse nem nos adianta nada sôbre a pausa final (.), a medial (,), a exclamação (*!*), os dois tipos de interrogação (*?* e *¿*) (n. 160 OBS.).

PROCESSOS FONOLÓGICOS

1180. Foram estudados sob o título de Metaplasmos (Lição 3.ª).

1181. São os seguintes os principais contactos possíveis (em composição, incorporação e derivação), com as respectivas modificações:

CONTACTOS	MODIFICAÇÕES	EXEMPLOS	
C + V	silabação:	*a-s-ausub abá*	(pron. **asausu-babá*)
V oral + C	(não há)	*a-îuká paîé*	(inalterados)
V nasal + C	nasalação:	*nhũ-bûera*	(de *nhũ+pûera*)
V *i* + C *s*	palatização:	*i-xupé*	(de *i+supé*)
C + C	1) inserção de V:	*ybak-(y-)pe*	(de *ybak+pe*)
	2) apócope:	*a-s-ausu' Tupã*	(de *a-s-ausub+Tupã*)
	3) assimilação:	*s-o'-beba*	(de *s-ob+peba*)
V + V	1) oclusão glotal:	*gûyrá-ʔĩ*	(de *gûyrá+ĩ*)
	2) apócope:	*t' a-só*	(de *ta+a-só*)
	3) semivocalização	*pŷ-ara*	(de *py+ara*)
		a-î-pysyk	(de *a+i+pysyk*)

1182. Resta esclarecer melhor os contactos de V+V (n. 17).

Para os diferentes efeitos — oclusão glotal, apócope e ditongação — entram em linha de conta: 1.º) a tonicidade ou não de ambas as vogais, 2.º) o seu grau de abertura. Os princípios mais gerais são:

1183. I. — Quando a 2.ª vogal é tônica: hiato (e oclusão glotal):

a-ir, a-ú, e-í, i á, xe aba, nde ú, a-ar, o-ir, a-é, a-ir, itá-oka, etc.

Exceções: 1. *Er-é* ← **ere-é; î'-ab* ← *îe-ab; *î'-ar* ← **îe-ar; î'-ub* ← *îe-ub,* etc.

2. No gerúndio, ante a desinência *abo* (n. 394-400), procedem diferentemente as vogais abertas e as fechadas. Estas (*i, u, y*) se semivocalizam; aquelas (*a, e, o*) elidem o *a* inicial do sufixo:

Abertas	Fechadas
îuká + abo = îuká-bo	*apiti + abo = apitî-abo*
mbo-é + abo = mbo-é-bo	*mo-pu + abo = mo-pû-abo*
mo-ndó + abo = mo-ndó-bo	*apy + abo = apŷ-abo*

A semivocalização pode dar-se também nos verbais (*s*)*ara* e (*s*)*aba*:

apiti-sara, apiti-saba	ou	*apitî-ara, apitî-aba*
mo-pu-sara, mo-pu-saba	ou	*mo-pû-ara, mo-pû-aba*
py-sara, py-saba	ou	*pŷ-ara, pŷ-aba*

4. Nos contactos *i* + *i*, *y* + *y*, *y* + *i*, *i* + *y*, pode-se inserir um *î*:
akuti + *y* = *akuti-î-y* rio da cotia
siri + *y* = *siri-î-y* rio do siri

1184. II. — Quando nem a 1.ª nem a 2.ª vogais são tônicas:

A) — Se ambas são abertas (*a, e, o*): apócope da 1.ª.

Quando a 1.ª vogal é *a*, a apócope é obrigatória; quando é *e* ou *o*, facultativa e pouco usual. Exceto se as duas vogais são iguais (*e* + *e*; *o* + *o*): neste caso, é mais freqüente a apócope.

a + *a* = *a*: *ta* + *a-só* = *t' a-só* que eu vá
a + *e* = *e*: *ta* + *ere-só* = *t' ere-só* que tu vás
a + *o* = *o*: *ta* + *o-só* = *t' o-só* que êle vá
e + *a* = *a*: *îe* + *akasó* = *î'-akasó* partir
e + *e* = *e*: *îe* + *ekyî* = *î'-ekyî* expirar
e + *o* = *o*: *îe* + *obá-'sab* = *î'-obá-'sab* benzer-se
o + *a* = *a*: *poro* + *abyky* = *por-abyky* trabalhar
o + *e* = *e*: *poro* + *enõî* = *por-enõî* chamar (gente)
o + *o* = *o*: *moro* + *oby* = *mor-oby* azul

Obs. —Quando a 1.ª vogal é *e* ou *o* (média), pode haver apócope com qualquer vogal seguinte: *î'-upiá-mo-mbor*: pôr ôvo

Exceções. — Os prefixos e pronomes pessoais *a-, ere-, o-, xe, nde, i,* etc. e os prefixos *mo-, ro-, îo-* não sofrem apócope.

Casos como *er-é, m'-oryb, r-ekó, r-ub, r-ur,* não há muitos.

B) — Se a 2.ª vogal é *i*: semivocalização:

a + *i* = *aî*: *a-î-pysyk* eu o apanhei
e + *i* = *eî*: *e-î-pysyk* apanha-o tu
o + *i* = *oî*: *o-î-pysyk* êle o apanha

Obs. — Como não há temas acabados em vogal átona, nem prefixos terminados em *u* ou *y*, faltam as combinações *u* + *i*, *y* + *i*, etc.

C) — Se a 1.ª vogal é *i*, pode inserir-se um *î* antes da 2.ª vogal, mormente quando esta é *i* ou *y*:

i + *a* = *îa*: *îî-apó* fazê-lo; *îî aeté* é finíssimo; *mbi-î-ara* ou *mbi-ara* caçado

i + *i* = *îi*: *îî inî* sua rêde

i + *y* = *îy*: *îî-ybõ* frechá-lo; *îî ypy* seu princípio; *mbi-î-ybõ* frechado

O î pode-se nasalizar, antes de nasal:
i-î-ybõ ou *i-nh-ybõ*

Obs. — Não há prefixos terminados em outras vogais fechadas (*u, y*), nem temas acabados em vogal átona.

D) — Se a 2.ª vogal é *y*, e em todos os demais casos, há sempre hiato:

a + *y* = *ay*: *a-y-ú* bebo água, etc.

Exceção. — O caso C).

1185. III. — Quando só a 1.ª vogal é tônica:

A) — Em geral não há hiato:

t-atá-endy chama
pindá-e-îtyka pescar
t-atá-uru candieiro
pyá-upiara fel

B) — Quando as duas vogais são iguais, pode haver aférese da 2.ª:

obá + *asab* = *obá-'sab* benzer

Obs. — Quando a *o* ou *u* se justapõe *a* ou *e* (tônicos ou não), pode inserir-se um *û* ou *gû* eufônico:

o-gû-ar: êle o toma
o eté ou *ogû-eté*: seu corpo
poro-gû-e-ra-só: levar
pûar ou *pugûar*: atar; enrolar

1186. MONÓLOGO DE GUAIXARÁ (DIABO)

E A SAUDAÇÃO LACRIMOSA

P. José de Anchieta (1534-1597)

GUAIXARÁ

1. *Xe moajù marãgatu*
xemoirõetecatuabo
aipo tecopicaçu.
aba çerã ogoeru
xe retama momoxiabo?

6. *Xe anho*
co taba pupe aico
çerecoaramo uitecobo,
xereco rupi imoingobo,
que çuj aço mamo
amo taba rapecobo.

12. *Aba çerã xe yabe?*
Yxe çerobiaripira,
xe anhanguçu mixira
Guaixara çeribae
quepe imoerapoanimbira

17. *Xe reco iporang ete,*
naipotari aba çeitica,
naipotari aba imõbica,
aipotacatu tenhe
opabĩ taba mondica.

22. *Bae ete caugoaçu*
caõy moyebiyebira,
aipo çauçucatupira,
aipo anhe yamõbeu,
aipo imomorangimbira.

27. *Çerapoan co moçacara*
ycaõyguaçubae,
caõy mboapiarete
ae maramonhangara
marana pota meme

32. *Moraceyae ycatu*
yeguaca, yemopirãga
çamõgi, yetimãguanga,
yemouna, petimbu,
caraimonha monhanga.

37. *Yemoirõ, morapiti,*
you, tapuija rara,
aguaça, moropotara
manhana, çiguaragi
naipotari aba çejara.

42. *Angari*
ayoçub aba coti,
taxererobiar, uijabo.
Outenhe xe peabo
abare yaba cori
Tupã reco mombeguabo.

48. *Oicobe*
xepitiboanamete
xe piri mara tecoara
xe irunamo ocaibae
tubixacatu Aimbire
apiaba moangaipapara.

Senta-se numa cadeira, e vem uma velha a chorá-lo, e êle ajuda-a, como fazem os índios, e ela, depois de o chorar, achando-se enganada, diz:

VELHA

54. *Ju, Anhanga pico ri!*
xe moajute inema mã
xe menduera ipo reĩ
Piracaẽ amirĩ
aeco ixupe biã.

Fala com êle:

59. *De poxi uĩ, dereuixo*
cori xereminduune,
xenho aupacatune
queiçebe naco airumo,
taçone gui, tacaune.

E foge.

O Auto de São Lourenço, pp. 22-26.

De acôrdo com a reprodução fotográfica, fazem-se aqui ligeiras modificações à edição diplomática do Museu Paulista: *tecopiçaçu*, *queiçebe*, e outras, mais insignificantes, de acentuação e pontuação.

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

LIÇÃO 62.ª

NOMENCLATURA DE PARENTESCOS

1187. Para os povos naturais, o parentesco baseia-se não apenas nos laços de sangue, mas também na função social. A nomenclatura reflete essa maneira de ver. Levam o mesmo nome todos os parentes que ocupam a mesma posição relativa. É o que se chama parentesco classificatório. A nomenclatura depende, em grande parte, da organização social de cada povo.

Os tupis observavam a descendência patrilinear. O seu sistema de parentesco era bilateral, i. é, implicava relações simétricas de ambos os lados, paterno e materno. De acôrdo com o esquema de LOWIE, era um sistema bifurcado misto, pois identificava metade da linha colateral com a linha reta: o irmão do pai tem o mesmo nome (e função social) que o pai; enquanto que o irmão da mãe tem nome (e função) diverso. A irmã da mãe tem o mesmo nome que a mãe, diverso do nome da irmã do pai. O irmão do pai chama a seus sobrinhos "filhos" (como o pai). A irmã da mãe chama a seus sobrinhos "filhos" (como a mãe). Etc.

LOWIE 84 distingue quatro sistemas de parentesco, conforme os nomes que se dão ao pai, ao irmão do pai e ao irmão da mãe: 1.º) *Sistema de geração*: os três têm o mesmo nome de "pai"; 2.º) *Sistema bufurcado misto*: os dois primeiros têm o nome de "pai": o terceiro tem nome diferente; 3.º) *Sistema bifurcado colateral*: cada um dos três tem nome diferente; 4.º) *Sistema linear*: os dois últimos têm o mesmo nome, diferente do de "pai".

Em geral, têm igual classificação os parentes da mesma geração e sexo, que desempenham ou possam vir a desempenhar igual função.

1188. São os seguintes os elementos de classificação: 1.º) sexo do *ego;* 2.º) sexo do parente; 3.º) sexo do pa-

Biblioteca Pública Municipal de Ponta Grossa

rente intermediário; 4.º) geração do parente; 5.º) idade do parente em relação à do *ego*.

1.º) Sexo do *ego*:

O homem chama ao neto e à neta *emi-minó;* a mulher chama aos mesmos *emi-arirõ*. O homem chama a seu filho *ayra* e à sua filha *aîyra;* a mulher chama a ambos *membyra*. O homem chama a seu irmão mais velho *ykeyra* e ao mais moço *ybyra;* a mulher chama a ambos *kybyra*. O homem chama à sua irmã, tanto a mais velha como a mais moça, *endyra;* a mulher chama à mais velha *ykera,* à mais moça *pykyyra*. Etc.

Obs. — Na linha reta ascendente, não há diferenciação baseada no sexo do *ego*.

2.º) Sexo do parente:

O homem chama seu filho *ayra* e à sua filha *aîyra* (mas a mulher chama *membyra* tanto ao filho como à filha). Tanto o homem como a mulher chamam a seu pai *uba* e à sua mãe *sy*. O homem e a mulher chamam a seu avô *amũîa* e à sua avó *aryîa* (mas o avô chama tanto ao neto como à neta *emi-minó,* e a avó chama tanto ao neto como à neta *emi-arirõ*). Etc.

3.º) Sexo do parente intermediário:

O homem e a mulher chamam ao irmão ou primo de seu pai com o mesmo nome de pai *uba;* e à irmã ou prima de sua mãe com o mesmo nome de mãe *sy* (ou *syyra*). Vice-versa, o homem chama ao filho ou filha de seu irmão com o mesmo nome de filho ou filha *ayra* ou *aîyra*. Ao passo que tanto o homem como a mulher chamam à irmã de seu pai *aîxé* e ao irmão de sua mãe *tutyra*. Igualmente, o homem chama ao primo mais moço (filho do irmão do pai) com o mesmo nome de irmão mais moço *ybyra;* ao primo mais velho (filho do irmão do pai) com o mesmo nome de irmão mais velho *ykeyra;* à prima (filha do irmão do pai) com o mesmo nome de irmã *endyra*. Assim também, a mulher chama a seu primo (filho do irmão do pai) com o mesmo nome de irmão *kybyra;* à prima de mais idade com o nome de irmã mais velha *ykera,* e à de menor idade com o mesmo nome de irmã mais moça *pykyyra*. A no-

menclatura diferirá se o primo ou prima forem filhos da irmã da mãe, da irmã do pai, ou do irmão da mãe.

Obs. — 1) Parentesco paralelo é aquêle em que entram em jôgo dois irmãos do mesmo sexo. Irmãos paralelos são dois ou mais irmãos (varões) ou duas ou mais irmãs. Tios paralelos são o tio paterno e a tia materna. Primos paralelos são os filhos de dois irmãos homens ou de duas irmãs. Quando os irmãos são de sexo diferente, há parentesco cruzado; p. ex. tio materno: tia paterna; primo (ou prima) filho (ou filha) do irmão da mãe ou da irmã do pai. — Os Tupis distinguiam o parentesco paralelo do cruzado. Não se pode contestar, porém, que davam certa ênfase ao parentesco paralelo com intermediário masculino, — de acôrdo com a sua concepção de que só o homem era verdadeiro progenitor, e não a mulher, mero receptáculo do gérmen masculino. Essa distinção é importante no casamento. O tio paterno (*uba*) substitui o irmão falecido, casando-se com a viúva. Em nenhuma hipótese se casa com a filha de seu irmão, a que também chama "filha" *aîyra*. Já o tio materno (*tutyra*) é o candidato natural à filha de sua irmã ou prima (*îetipera*), podendo inclusive dispor dela e cedê-la a outrem. E deve ser ouvido a respeito de seu casamento. Em caso de orfandade, tem o dever de desposá-la. Em segundo plano, vêm os seus irmãos mais moços, os filhos dêstes e os outros parentes cruzados.

2) Tio paralelo = pai; tia p. = mãe; sobrinho p. = filho; sobrinha p. = filha; primo p. = irmão; prima p. = irmã.

4.º) Geração do parente:

O homem chama *ayra* a seu filho, ao filho do irmão e ao filho do primo (êste, filho do tio paterno), e *aîyra* à sua filha, à filha de seu irmão e ao filho do primo (êste, filho do tio paterno); a mulher chama *membyra* ao seu filho ou sua filha e ao filho ou filha de sua irmã ou de sua prima. O homem e a mulher chamam *uba* a seu pai e ao irmão ou primo do pai, e *sy* à sua mãe e à irmã ou prima da mãe. O homem chama *emi-minó* a seu neto ou neta e aos netos ou netas de seu irmão ou primo. A mulher chama *emi-arirõ* a seu neto ou neta e aos netos ou netas de sua irmã ou prima. O homem e a mulher chama *aryîa* à sua avó (paterna) e à irmã ou prima tanto do avô como da avó.

5.º) Idade do parente, em relação à do *ego*:

O homem chama *ykeyra* a seu irmão ou primo (filho do tio paterno) mais velhos que êle: *ybyra* ao irmão ou primo (filho do tio paterno) mais moços que êle; *endyra* à irmã ou prima (filha do tio paterno). A mulher chama *kybyra* a seu irmão ou primo (filho do tio paterno): *ykera* à sua irmã ou prima de maior idade que ela; *pykyyra* à sua irmã ou prima de menos idade que ela; *pykyyra* à sua irmã ou prima de menos idade que ela.

Obs. — Dentro do respectivo sexo, havia uma geração entre a do *ego* e a dos pais, e mais uma entre a do *ego* e a dos filhos, i. é, a geração dos irmãos mais velhos (para o homem) ou das irmãs mais velhas (para a mulher) e a geração dos irmãos mais moços (para o homem) ou das irmãs mais moças (para a mulher). Não havia diferenciação lingüística, baseada na idade, quando os irmãos eram de sexo diferente. O que se explica: o comportamento de qualquer irmão para com a irmã (e vice-versa) era o mesmo, independentemente da idade. Todos os irmãos tinham grande autoridade sôbre as irmãs.

TÊRMOS GERAIS DE PARENTESCO

1189.

anama[1]: parente, parentela; parcialidade; nação, raça
mũ[2]: aliado; amigo; parente; nação, raça
maranungara: parente; parentela
amŷî-pagûama (*t*): avós; antepassados
aysé (*t*): parente *ou* estirpe do sexo masculino (da mulher)
atuasaba[3]: aliado, sócio; compadre
(*îe-*)*kotyasaba*[4]: amigo

1. *anama*. — Em guar., há também *amó* "parente próximo" (Montoya, *Tesoro* 32v). Falta documentação para o tupi. 2. *mũ*. — "aliança; aliado; amizade, amigo; contrato; trato; troca; sócio". A princípio aplicar-se-ia ao parente por adoção ou aliança (costume tupi), estendendo-se depois a todo parentesco. — *Mũ* deve ter sido v. trans. "aliar, contratar; pactuar", pois subsiste o reflexivo *nhe-mũ* "aliar-se; fazer pazes; fazer troca, comprar, vender", etc: *a-nhe-mũ nde aoba r-esé-ne* (Montoya, *Tesoro* 230): darei outra cousa em troca de tua roupa; *a-nhe-mũ s-esé* (*ib.*): faço troca com êle. Há também o substantivo *nhe-mũ* "aliança; pazes". O verbo *mondar* ou melhor *mundar* "furtar" é composto de *mũ* + *ar*, lit. "tomar ou retirar o trato". Também *mundar* "suspeitar; ter ciúme de". — Montoya, *Catecismo* 320, define *mũ* "pariente lejano, y amigo, com quién trata y conversa". 3. *atuasaba* e (*îe-*)*kotyasaba*. — Léry 258 acentua a distinção entre *atuasaba* e *kotyasaba*. O primeiro "significa perfeita aliança... tanto que os haveres... são comuns. Todavia não podem haver a filha nem a irmã dos seus aliados. Não assim o outro têrmo, maneira delicada de chamar alguém por outro nome...". Mas Évreux 142, 242 diz positivamente que *atuasaba* é o "compadre" ou "aliado por hospitalidade" com direito à filha da casa. Era chamado também *ayra* "filho" ou *aîybéna* "genro". O que acolhia um hóspede chamava-se *mosakara*.

CONSANGÜINIDADE

1190.

EGO HOMEM	*EGO* HOMEM OU MULHER	*EGO* MULHER
	amũîa[1] (*t*): avô (paterno e materno); irmão ou primo do avô ou da avó *aryîa*: avó (paterna e materna); irmã ou prima da avó ou do avô	
	uba[2] (*t*): pai; irmão do pai; primo paterno do pai *sy*[3]: mãe (; irmã ou prima da mãe).	
	tutyra: irmão da mãe; primo da mãe; primo (filho do irmão da mãe) *aîxé*: irmã do pai; prima do pai *syyra*: irmã do pai; prima do pai	
ykeyra (*t*): irmão; filho do irmão do pai; filho do irmão (todos mais velhos que o *ego*)		*ykera* (*t*): irmã, filha da irmã da mãe; filha da irmã (tôdas mais velhas que o *ego*)
endyra (*t*): irmã; prima		*kybyra*[5] e[6]: irmão; primo
ybyra[6] (*t*): irmão; filho do irmão do pai	*asykûera*[4]: irmão ou irmã	*pykyyra*: irmã; filha da irmã da mãe; filha

EGO HOMEM (todos mais moços que o *ego*)	*EGO* MULHER da irmã (tôdas mais moças que o *ego*)
ayra (*t*): filho; filho do irmão; filho do primo p. paterno *aîyra* (*t*): filha; filha do irmão; filha do primo p. paterno	*membyra*[8]: filho, filha; filho, filha da irmã; filho, filha da prima p. materna
iyra[7]: filho da irmã; filho da irmã ou do irmão do pai; filho da prima; filho da avó *îetipera*: filha da irmã; filha da prima; filha da tia	*penga*: filho ou filha do irmão; filho ou filha do primo
e-mi-minõ[9] (*t*): neto, neta; neto ou neta do irmão ou irmã e do primo ou prima	*e-mi-arirõ*[9] (*t*): neto, neta; neto, neta do irmão ou irmã e do primo ou prima

OBSERVAÇÕES

Não há designação para primos cruzados. Os paralelos se confundem com os irmãos (por vêzes, com os sobrinhos). O parentesco paralelo é mais preciso, sobretudo o masculino. O parentesco cruzado, especialmente com intermediário feminino, imediato do *ego*, nem sempre é claro. Nesta obra, "primo" ou "prima" entendem-se paralelos, salvo indicação contrária.

1. ou *amyîa* (*t*). Em guarani, para o irmão ou primo do pai reserva-se *ubyra* (*t*), correlato de *syyra*. 3. Os autores não estendem *sy* à irmã e à prima da mãe. Mas RESTIVO, *Frases* 597, registra o uso. Entende-se melhor, assim, o paralelismo com *uba*. 4. *Lit.* "o que foi pedaço". Aplica-se aos verdadeiros irmãos, de ambos os sexos. 5. Quando o irmão é casado, pode-se dizer *ukeí-mena*, lit. "marido da cunhada". 6. *yby-kyra* (*t*), "irmão caçula (do homem)"; *kyby-kyra* "irmão caçula (da mulher)". 7. *Iyra* (n. 253) engloba vários graus de parentesco cruzado do homem: sobrinho, tio, primo. Usa-se também para enteado do homem. 8. O VLB e o *Catecismo* de ARAÚJO dão *membyr-aysé* para sobrinho (filho da irmã ou prima) da mulher, e *memby-kunhã* para a sobrinha correspondente. Mas MONTOYA, *Tesoro* 219-220, traduz também como "filho" e "filha". 9. *e-mi-minõ* e *e-mi-arirõ* originam-se de particípios passivos (n. 773). Donde **minõ* e **arirõ* devem representar verbos alterados. Desde logo, compostos de *rõ* ou *nõ(ng)*, que figuram em numerosos verbos transitivos (n. 1176). É interessante aproximar, por um lado, *menõ* "fornicar" e *ar* "nascer" (p. ex. *membyr-ar* "dar à luz"), por outro, *amyîa* (*minõ*, aliás *mînõ*) e *aryîa* (*arirõ*).

AFINIDADE

1191.

EGO HOMEM	*EGO* HOMEM OU MULHER	*EGO* MULHER
atuuba[1] (*t*): pai da espôsa; irmão do pai da espôsa; primo do pai da espôsa		*menduba*[2]: pai do espôso; irmão do pai do espôso; primo do pai do espôso
aîxó (*t*): mãe da espôsa; irmã da mãe da espôsa; prima da mãe da espôsa		*mendy*[3]: mãe do espôso; irmã da mãe do espôso; prima da mãe do espôso
e-mi-reko[4] (*t*): espôsa	*mɛengaba*: espôso, espôsa	
aty[5] (*t*): espôsa		*mena*: espôso
gûaîmĩ[6]: espôsa		
	tutyra: espôso da irmã do pai ou da prima do pai	
	aîxé: espôsa do irmão do pai ou do primo do pai	
obaîara[7] (*t*): irmão ou primo da espôsa		*yké-mena* (*t*): espôso da irmã ou prima ou sobrinha mais velhas que o *ego*
ykyyr-aty (*t*): espôsa do irmão ou primo ou sobrinho paternos mais velhos que o *ego*		*pykyy-mena*: espôso da irmã ou prima ou sobrinha mais moças que o *ego*
ybyr-aty (*t*): espôsa do irmão ou primo ou sobrinho paternos mais moços que o *ego*		*ukeí*: espôsa do irmão; ou do filho do irmão da mãe; espôsa do irmão do marido
e-mi-rekó-ykera (*t*): irmã ou prima ou sobrinha mais velhas da espôsa		*men-ykeyra*: irmão ou primo (filho do irmão) mais velhos do espôso

EGO HOMEM	*EGO* MULHER
e-mi-rekó-pykyyra (*t*): irmã ou prima ou sobrinha mais moças da espôsa	*men-ybyra*: irmão ou primo (filho do irmão do pai) mais moços do espôso
aîy-bena[8] (*t*): espôso da filha ou da sobrinha paterna ou da filha do primo (filho do tio paterno)	*peuma*: espôso da filha; ou da filha da irmã; ou da filha da prima
ayr-aty[9] (*t*): espôsa do filho ou do sobrinho paterno ou do primo (filho do tio paterno)	*membyr-aty*: espôsa do filho; ou do filho da irmã; ou do filho da prima
iyr-aty: espôsa do filho da irmã; espôsa do filho da irmã ou do irmão do pai; espôsa do filho da prima; espôsa do filho da avó	*peng-aty*: espôsa do filho do irmão; ou do filho do primo
îetipé mena: espôso da filha da irmã; ou da filha da prima; ou da filha da tia	

1. Composto de *aty* (*t*) e *uba* (*t*) "pai da espôsa", com assimilação do *y*. 2. Composto de *men*(*a*) e *uba* (*t*) "pai do marido". 3. Composto de *men*(*a*) e *sy* "mãe do marido". 4. Etimològicamente, "a que é possuída" (n. 782). 5. No tupi histórico, parece que só se empregava em composição. Mas devia ser a forma primitiva para "espôsa", suplantada pelo circunlóquio *e-mi-r-ekó*. No dialeto tapirapé, ainda é corrente *che-ranty* "minha espôsa". 6. lit. "velha", forma afetivo-jocosa: *xe gûaîmî* "minha velha". 7. Em alguns lugares "espôso da irmã ou prima". Em São Vicente "espôso da irmã ou prima (tanto do homem como da mulher)". 8. ou *aîy-mena* "marido da filha (do h.)". 9. ou *ay-taty*.

VOCATIVO

1192. Além dos nomes descritivos de parentesco, há algumas formas vocativas, especialmente para os graus mais próximos:

EGO HOMEM	*EGO* HOMEM OU MULHER	*EGO* MULHER
	paí[1]: ó meu pai!, papai!; senhor!	
	aí[2]: ó minha mãe!, mamãe!; senhora!	
	piá[8]: ó filho!	
xe á[4]: mano!	*aĩ*[5], *taá*[6], *tapiá*[7]: mano!	*tang*[8], *gûaîá*: mano!
miã: mana!	*peĩ*, *gûaûpira*[9]: mana!	*kyĩ*[10], *kynaĩ*, *naĩ*, *toĩ*, *taûpé*[11]: mana!
itó, *titó*, *gûaîtó*[12]: sobrinha!		
xe á[5]: senhor!	*taá*[6]: senhor!	
taûpé[11], *miã*: senhora!		*tapé*[11]: senhora!

Com exceção de *xe á*, todos dispensam o possessivo. Alguns são também descritivos.

1. *paí*: atribui-se a homens de respeito: principais, feiticeiros, sacerdotes, parentes mais velhos, etc. É também descritivo: *paí abaré* "padre". 2. *aí*: atribui-se à senhora mais velha que o *ego*. Também descritivo: *aí aryîa* "avó", *aí syyra* "tia materna". — No guar, *h-aí*. 3. *piá*: os documentos não registram a forma correspondente para "filha". 4. *xe á*: também reverencial, como *taá*: "senhor!" Talvez se reservasse aos irmãos mais velhos. — *Lit.*: "minha glande". 5. *aĩ*: deve ser o mesmo que *gûaĩ* de MONTOYA "pintadinho, lindinho", que se aplica às pessoas mais jovens, sem restrição de sexo. 6. *taá*: v. 4. 7. *tapiá*: em guar., há *t-api* "irmão mais moço ou filho (da m.)", descritivo. 8. *tang*: a forma descritiva é *tanga*, que de "tenro, delicado, macio" tirou também "criança". V. MONTOYA, *Tesoro* 354/348. Cfr. *pi-tanga* "criança", *lit.* "pele delicada". Em guar., é mais usual o diminutivo *tang-ĩ*. 9. *gûaûpira*: ANCHIETA relaciona ao *ego* homem; VLB ao *ego* mulher. 10. *kyĩ*: há dúvida se seria *kyĩ* ou *kyỹ*, forma abonada por VLB 286, ao passo que ANCHIETA 14v parece favorecer a primeira. Ambos os autores são imprecisos na ortografia. — De *kyra* "novo, imaturo,

verde", temos *kyra* "gente nova, criança, garoto" (VLB 403). Em composição com *aĩ* e nasalizado: *kyn-aĩ;* por aférese *n-aĩ*. *Ky-ĩ* seria diminutivo. Hipóteses, que não explicam por que êsses têrmos se reservam ao *ego* mulher. 11. *taûpé, tapé*: ANCHIETA distingue "senhora" *taûpé* (ego h.) e *tapé* (ego m.). VLB ignora *tapé*: refere-se a *taûpé* no sentido de "mana" e de "senhora". 12. *itó, titó, gûaitó*: não sabemos se se aplicavam à sobrinha paterna. Não é provável.

1193. Os nomes de parentesco, em geral arcaicos, são de difícil decomposição, mesmo porque aludem a conceitos sociais que não nos foram transmitidos com suficiente clareza.

1194. Observe-se que alguns dêles apresentam flagrantes relações com nomes de partes do corpo humano.

GABRIEL SOARES 370 já anotara que, para os tupis, o filho sai "dos lombos do pai". *Asyk-ûera* "irmão, irmã" literalmente significa "o que foi pedaço". *Xe á* "minha glande" em sentido figurado é "meu irmão" (CASTILHO 27; VLB 287; cfr. MARCGRAVE 277). MONTOYA, entre outras traduções para "parente" serve-se de derivados de *î'-aok* "separar-se, dividir-se": *xe i î'-aok-ag-ûera* (*Tes.* 182v. ad.): "eu sou parente dêle"; *xe r-u' î'-aok-ag-ûé' nde* (ib.): "és meu parente próximo, por parte de meu pai". Cfr. ib. 401v./395v. LÉRY informa que havia o costume delicado do chamar os outros por nomes como "minha perna", "meus olhos", "minha orelha", etc. *Xenambi,* lit. "minha orelha" era o nome do filho de um principal de Tapuitapera, — refere EVREUX 349.

Algumas semelhanças expressivas:

Uba "pai" e *uba* "coxa" (além de *uba* "ova"; cfr. *up-iá* "ôvo"). *Sy* "mãe e "raiz", "princípio". *Ayra* "filho" e "sêmen". *Ykê-yra* "irmão ou primo mais velho", *ykera* (← *ykê-yra?*) "irmã ou prima mais velhas" e *ykê* "lado", "costado" (Cfr. *ukeí* "cunhada"). *Ybyra* "irmão mais moço" e *yby* "barriga". *Aîyra* (← *aîy'-yra?*) "filha" e *aîy(ka)* "veia", "nervo". *Endyra* "irmã" e *endy* "saliva".

Algumas aproximações são susceptíveis de dúvidas (como a de *aîyra*), mas deve-se atentar para o conjunto dos fatos.

1195. Uma análise etimológica anotará a freqüência do elemento *yra*:

ayra, aîyra, membyra, ykeyra, ybyra, endyra, kybyra, pykyyra — em guarani *kypyy(ra)* — *tutyra, syyra, ubyra, iyra,* além de *ykera, îetipera,* que bem podem provir de *ykeyra, îetipeyra.*

O elemento *yra* é nítido nos casos de *sy-yra* e *ub-yra*. Quase isolado, figura em *iyra*, nome vago de vários parentescos cruzados do homem: tio, sobrinho, primo. O *i* inicial poderia ser o prefixo da 3.ª p. — que de fato não se repete antes de *iyra* (n. 253) — não fôsse a existência das formas *xe r-iyra, nde r-iyra*, etc. A solução talvez dependa do modo de encarar a origem do *r-*. Se é vestígio de uma preposição, como *ri* (n. 238 Obs.), temos *xe ri yra*, "minha parte", "meu parente", lit. "parte referente a mim" (há exemplos de línguas que pedem o possessivo regido de preposição).

Tem-se a impressão que *yra* devia significar algo como "parte, porção, fragmento, complemento, acompanhamento", etc.:

xe sy-yra "parte ou pedaço de minha mãe" (=tia); *xe r-yké-yra* "parte do meu lado" (=irmão, etc. mais velhos). *Ayra*, além de "sêmen" e "filho", significa "cousa pequena ou tenra" (MONTOYA, *Tes.* 351/345; VLB 297, 344). *Membyra*, apesar de certa dificuldade fonética, deve provir de *men(a)* e *yra* "parte do marido", consoante o conceito tupi de que só o pai tem parte efetiva no filho. Mais incerta é a decomposição de *ayra*. Sem querer lembrar *á* "glande" — pois *á* não leva prefixos de classe — observe-se que todos os nomes de partes sexuais, tanto do homem como da mulher, começam por *a-* e levam prefixo de classe, excetuados precisamente os compostos de *á*.

Assim, *iyra* seria a "parte" ou "parente" no seu sentido mais vago e distante — coincidindo exatamente com o parentesco cruzado, o menos importante — em confronto com os parentescos mais próximos, relacionados com as partes do corpo.

IMPEDIMENTOS MATRIMONIAIS (*)

P. ANTÔNIO DE ARAÚJO (1566-1632)

1196.

Conserva-se a ortografia e a pontuação original. Tanto esta como a acentuação são, por vêzes, duvidosas. A tradução é de ARAÚJO, atualizadas apenas a ortografia e a pontuação.

1. Abarê morececoâramo, ymoingopîra, amô abâ abè mocoï robaquê omendâreimbaè: nomendarî. Icatûbê abâ omẽdà amoaê Abarê robaquê, Abarè ogoerecoâra remimotâra rupi.

Não ficarão casados os que se receberam diante do clérigo que não era seu pastor; com licença dêste, podem casar diante de outro.

2. Goêmimotareimâgâtû ojucá çuî, coipo âbâ ogoerecô memoã etè çuî onheangoâbo omendarîbaê: coipo ogûba, ocí, omuêtê[1] ogoere-

*) V. nota à p. 408.

coâra goêmimotareîma rupî omomendarucareme. Nomendari: emonã tecô aroêra[2], yaipeâ.

O que casa com mêdo da morte ou de algum grave e ruim tratamento, ou contra sua vontade, por fazer a do pai, mãe ou parente, que o faz casar, não fica casado: há-se de apartar.

3. Cunhã rerôyabapara ceminotareíma rupi, cecè mendà potânhè, ndeicatui cecè omendâ, mimbâpe cerecô pucui, coipo ceroyebîreîma pucuî.

O que furtou alguma mulher, contra a sua vontade, com intenção de casar com ela, não pode com ela casar, enquanto assim a tiver e a não restituir.

4. Omendaragoêra recôberemebè, ndeicatui omendà amoaè recè coepe ceõ agoêrarerapoâneme Abarè cerecoâra aé tececocuab.

Nenhum dos casados pode tornar a casar, enquanto o outro for vivo; correndo fama de sua morte, o cura fará seu ofício.

5. Oaîîra, coipo omembira goêmimonhanga recê, abâ nomendari, goêmiminõ coipo goemiarirõ amõ yeapîcárecê ndeicatui abá omendà.

O pai ou mãe carnal não pode casar com algum filho ou filha, neto ou neta, ou descendente seu.

6. Oendîra, oquîbîra, oacîcoera recè ndeicatui abâ omendâ: çaruâbibê[3] oendîra[4], oquibîra[5], oacîcoera remimonhanga recè abà mendâra, oyô irunundic[6] yeapicâ cicâpe.

Não pode uma pessoa casar com seu irmão, nem com algum descendente no quarto grau.

7. Ndeicatubei tîbîra, tîquera piquîîra poromonhanga oyoaîra, oyo aîîra recê omendâ: anga poromonhanga abè oyoirundîc[7] yeapîcâ cîcâpe, ndeicatûbei omendà, oyo êcê.

Não podem casar os primos ou primas com irmão (*sic*) filhos de irmãos ou irmãs, até o quarto grau.

8. Oporôerocbaêpoêra ndeicatui omendà goêmierôcoera recè, oatoâcaba y xi, coipo Tûba recébè.

O que batizou não pode casar com o por êle batizado, nem com seu pai ou mãe.

9. Abarê, coipo amô abâ pîri morerocaroêra, ndeicâtui omendâ goemierocoêra recê, Tûba, coipo y xî recê tiruã ndeicatui.

O padrinho ou madrinha da pia não pode casar com seu afilhado ou afilhada, nem com seu pai e mãe.

10. Ocîbâpe yandî caraiba raçâra reraçoâra ndeicatûi cecè omendà. Tûba yxirecé tiruã.

O padrinho da crisma não pode casar com a sua afilhada, nem com seu pai nem mãe.

11. Tiaiucá xemena, coipo xeremirecò, coipo tiaiûcaûcar, àereme tiamendar yande yoêcè, êyara omêna, coipo goemirecô iucareme, coipo ynheengarupi amô abà yiucâroirè, ndeicatuí oyoêcé omendà: noicô yxoè yepè, oyoêcè, aypo tecô angoama[8] recè onhemong-età eímebe, coipo aéroirè.

Os que se concertaram para matar ou mandar matar a mulher ou marido de um dêles mesmos, seguindo-se a morte, não podem casar um com o outro, ainda que não houvesse cópula precedente ou subseqüente ao tal concêrto.

12. Mendâra ymongaraibipíreíma tiajucá xeména, coipó, xeremireco coipo tiaiucaûcar; aereme tanhemongaraibucáne, nde recè xemendà yanonde ymongaraibípíra çupeê, jára[9] ndeicatui cecè omendà, yiucâpiroeramo cecôroire, ndoi coixoè yepè oyoécé aypo tecô agoáma recè onhemong-età eímebè, coipo aè roirè.

O mesmo impedimento para com o gentio ou gentia, infiel, que, por se converter e casar com algum fiel, se concertou com êle para a morte do marido ou mulher, seguindo-se a tal morte, não poderão casar um com o outro, ainda que não houvesse cópula, etc.

13. Omêna, coipo goêmirecô jucâçara coipo yjucáucâçata[10], tamendáne nderecè, oyo ocè obîc-baê çupè opîapenhote tiruã èjara, ymomburuâba yiucâpîroêramo cecôroirê, ndeicatuî oyoêcê omendâ. Ndoicuabixoê yepè cecè obîcbaè poeta[11], coipo oyoecè tecoároéra, omena, coipo goémirecô jucàçaroêramo, coipo jucà vcaçaroeramo cecô.

O casado que matou ou fêz matar a mulher ou marido, para se casar com o que foi seu cúmplice no adultério, não pode casar com êle, ainda que o tal cúmplice não soubesse nem desse consentimento para a tal morte.

14. Mendâra oyo êcê obîcbaè poêra çupê xemena, coipo xeremirecò reõre, tiàmendar yande yoêcê, eibaê, ceõnhe roirè, ndeicatui cecè omenda.

O casado que, depois do adultério, prometeu ao cúmplice de casar com êle depois da morte de seu marido ou mulher, não pode casar com o tal cúmplice.

15. Mendâra omendâçâba recê oicôeîmebe; y xui amô recè omendâ ymendâ yebîra na mendàra ruã; ymẽda mocõya, recé ibîc--ire ê: omanôtenhemo y mẽdâripîagoêra, ndeicatui omendâ omendâ mocoĩ agoéra recè.

O casado que, antes de consumar o matrimônio, se casou e consumou com outra, nem ainda depois da morte da primeira pode casar com a segunda.

16. Omendá tenhẽ reroc-îpîra[12] ceroc-ipîreîma recè: ymenda rirê y aipeânhẽ cenonhenetebo, emonã cecô agoêra recè.

Em vão é o casamento do cristão com o que não o é: hão de ser apartados, e o cristão castigado.

17. Oyoêcê omendaragoâma recè nhemong-etâçara Tupã, coipo oanga, coipo Cruz, coipo anhete renõya ndeicâtui aêroiré amô aè recè omendâ, nobîc-ixoêyepe oyo écé.

Os que prometeram ou juraram de casar um com o outro, não podem casar com outro.

18. Omeengabetê reõneme abâ ndeicatui omendâ yacîcoêraamo recè.

Nenhum dos esposados pode casar com o irmão ou irmã carnal do espôso ou espôsa que morreu.

19. Mendâra oyoêcé obîc eîmebè, amô reõ neme, opîtâbaè ndeicatui omendâ omendaçâbambira acicoêra amô rece: oyoêce obîc-irê, amô reõneme ndeicatuî opitâbaè poêra mûetê[13], taîra, taîîra, cemiârirõ, ceminminó, yeâpîcâ oyoirundîc cicâpe.

Morto um dos casados, antes do matrimônio consumado, não pode o outro casar com nenhum dos irmãos ou irmãs do morto; se depois do matrimônio consumado, não pode casar com o parente do morto dentro do quarto grau.

20. Morôpotâraritecôara, ndeicatui omendà, oyoêcê obîc-ibae poêra acicoêra recê; coipo yacîcoêra remimonhanga recè, coipo îûba, y xî recè.

Nenhum dos fornicantes pode casar com os parentes do outro nos primeiros dois graus: convém a saber, com o pai e mãe, irmão ou irmã do outro.

21. Omeengabetê pîquîîra, coipo tîquera, coipo y xí, recè obic-baé neicatui omendâ o meẽgabeté recè tiruã, coipo y xî, y piquîîra, tîquera recè, temiarirõ coipo temimino yeapîcabaêrecè oyoirundic cicâpe.

O desposado que dormiu com a irmã ou mãe de sua espôsa, não pode casar nem com a espôsa nem com a mãe ou irmã ou parenta no quarto grau.

22. Mbiauçubeíma mbiauçubetê rece omendaribaè, miauçûbei-ma cô oyâbaûpa nomẽdari, yaipeânhè aypobaè amô recè ymômendà.

O fôrro que casa com a escrava, ou viceversa, cuidando que é fôrra, não fica casado; apartamos aos tais, e casamo-los com outras.

23. Ogoereíma pupe oyabè cereîma recè omẽdârirè abà amô reõ eíma pucui ndeicatui amoaêrecè omendà Tupã ocupe tirwã.

O que, sendo gentio, casou com outro tal, não pode casar com outro enquanto um dêles fôr vivo.

24. Apîâba cunhã recè oêcô oçaãg yepêbaè ndeicatuí omendà omẽdà rirè, oyepeanhe.

O impotente não pode casar; se casar, há-se de apartar.

Catecismo (1.ª ed.), pp. 128-131v.

A 2.ª ed. (1686), além do progresso da ortografia, da pontuação e da divisão das palavras, e do acréscimo de um impedimento (o de idade), apresenta as seguintes alterações textuais (pp. 277-281):

1. oanameté. 2. tecoâra. 3. Iäbäibibé. 4. okybyra. 5. oëndyra. 6. oioïrundyc. 7. oieïrundyc. 8. ägoâma. 9. çupé eiâra. 10. iïucaïcaçara. 11. poera. 12. cerokipyra. 13. anámeté.

BIBLIOGRAFIA

ANCHIETA, *Cartas* 448-456; ARAÚJO 267-274; ID., 1.ª ed. 113-117; THEVET, *La Cosmographie* 129-130 (1.ª ed., 932-932v); SOARES DE SOUSA 367-368; 374-375; EVREUX 139-143; MARCGRAVE 276; MONTOYA, *Catecismo* 318-329; GARCIA 179-189; DRUMOND, *Designativos* 328-354; PHILIPSON 7-31; ID., *O parentesco* 7-17; WAGLEY e GALVÃO 1-24; ID., *O parentesco* 305-308; FERNANDES 129-220.

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

LIÇÃO 63.ª

LÍNGUA E CULTURA TUPIS

1197. Restaria passar em revista todo o vasto campo da cultura material e não material dos índios tupis, tal como se reflete na sua língua.

O assunto pertence mais à etnografia do que à lingüística, e fica reservado para um *Manual de estudos tupis*, que abrangerá tudo o que se sabe sôbre aquêles índios, desde a antropologia física, a cultura, a língua, os dialetos, a história, a distribuição geográfica, a sua expansão pré e pós-colombiana, até as vicissitudes do seu contacto racial, cultural e lingüístico com os povos sobrevindos de além-mar.

1198. É óbvio que, povo de cultura tão profundamente diversa, o seu vocabulário não encontra fácil equivalência no nosso.

Os dicionários podem dizer que *anga* significa "alma". Mas o conceito de "alma" difere do de *anga* tanto em compreensão como em extensão. Nós atribuímos à "alma" notas características (p. ex. a imaterialidade) que não cabem no conceito indígena de *anga*. Por outro lado, um índio, animista, falará na *anga* do vento. Etc. — Diga-se outro tanto de cousas como *ybaka* "céu", *îasy* "lua", *ara* "dia", "tempo", *manó* "morrer", etc.

1199. No terreno social, já vimos como o parentesco obedece a princípios totalmente diversos dos nossos.

Se, p. ex., a palavra *uba* (*t*) denomina tanto o "pai" como o "irmão do pai", é claro que ela não tem correspondente preciso em português. Do mesmo modo, "filho" não tem equivalente em tupi, desde que por um lado *ayra* (*t*) significa também "filho do irmão = sobrinho paterno" e por outro lado não abrange o filho pela parte materna.

1200. A comparação fica facilitada pelo fato de que grande número de conceitos culturais nossos não eram conhecidos dos tupis.

Povo de comércio rudimentar, baseado na troca, não desenvolveu a arte de contar, e muito menos a respectiva nomenclatura lingüística, que mal chegava a 4. Ignorava verdadeiras medidas, pesos e moedas. Incipiente noção de "paga" *epy* (*t*), ou melhor "troca", "resgate", que ainda distava do conceito de "preço" ou "valor".

Ao procurarmos traduzir um nome ou uma frase para o tupi (é o que se pede a cada passo de quem estuda a língua), a preocupação inicial deve ser a de verificar se o povo que falou tupi teve conhecimento dos elementos culturais que desejamos traduzir. Seria um contra-senso verter para o tupi nomes de cousas inteiramente ignoradas por aquêles índios, como "rádio", "automóvel", "bom dia", "viva!", etc.

"Campo de aviação" por exemplo, não tem tradução em tupi, pois os índios tupis não conheceram o "avião". Mas, não se pode encontrar uma tradução para "avião", suponhamos: *ygá'-bebé* "canoa-voadora"? A expressão é compreensível e talvez os índios a viessem a usar, se tivessem tido conhecimento do avião. Como também poderiam traduzir de outra forma, p. ex., *gûyrá-gûasu* "pássaro-grande", ou adaptar a palavra portuguêsa. O certo é que essas expressões, no sentido que se lhes dá, não são tupi. Podem divertir, mas carecem de valor lingüístico. Estudar tupi é investigar a língua que os índios realmente falaram e não excogitar como a falariam hoje. Proceder de outro modo é falar português... com palavras tupis.

SÊRES DELIMITADOS E INDELIMITADOS

1201. Além dessas divergências, mais culturais, há inúmeras outras que, embora de cunho lingüístico, são condicionadas por uma tradição conceptual própria. Assinalamos aqui apenas algumas.

As línguas ocidentais costumam distinguir lingüìsticamente duas espécies de nomes: 1.º) nomes de sêres delimitados ou indivíduos (p. ex., homem, céu, arco, etc.); 2.º) nomes de massas ou sêres indelimitados (p. ex., água, carne, farinha, ar, madeira, cabelo), cujas partes podem verificar também a natureza do todo.

Para individuar ou delimitar êstes últimos nomes, nossas línguas recorrem a locuções em que entra um nome de cousa limitada (p. ex. copo, porção, feixe, litro, grão, fio, etc.), ligado ao nome da "massa" pela preposição "de":

"copo dágua", "feixe de lenha", "um pouco de ar", etc. Se a "massa" se compõe de unidade indivisíveis como tais (p. ex. feijão, integrado por grãos; cabelo, integrado por fios, etc.), o primeiro têrmo dessas locuções será o nome da unidade (grão de feijão; fio de cabelo). Se a "massa" é homogênea (água, carne, ar, etc.), o primeiro têrmo pode ser um nome de "parte" ou "continente" ou "medida" e a massa figurará como "todo" ou como "conteúdo": "pedaço de carne", "punhado de farinha", "litro de leite", etc. Por um processo análogo, formam-se expressões como: "um pouco de espaço", "um metro de largura", "um instante de tempo", etc.

Em tupi, como em geral nas línguas indígenas, os nomes de "massas" significavam também, de per si, as partes delimitadas, sem necessidade de recorrer àquelas locuções formais. *Y* significa "água" em concreto, tanto a "fonte", como o "rio", a "lagoa", o "mar" e a "vazilha dágua". *Abati* tanto significa "milho" como "grão de milho". *Aba* tanto abrange "cabelo", i. é, "cabeleira", como "fio de cabelo". *Uí* "farinha" e "grão de farinha". Ignoram-se expressões como "copo dágua", "vazilha de farinha", etc.

Existiriam expressões como "pedaço da carne", "feixe de lenha", "cesto de frutas", "grão de milho", no seu sentido literal e descritivo, não como partitivos.

TEMPO E ESPAÇO

1202. Nossas línguas costumam objetivar e substantivar noções mais ou menos abstratas ou acidentais como tempo, espaço, distância, direção, fôrça, inércia, tamanho, época, etc., equiparando-as gramaticalmente aos outros nomes de sêres concretos ou independentes. Nomes como "primavera" podem ser sujeito e objeto de afirmação. Dizemos: "a primavera chegou", "aprecio o verão", "o inverno é frio", como diríamos "o barco chegou", "aprecio o orador", "o gêlo é frio". Dizemos: "a distorsão da lâmina causou a ruptura da alça", como quem diria "o boi derribou o toureiro". Contamos meses e anos, dias e horas, metros e léguas, como se fôssem sêres indivíduos. O tempo e o espaço nos aparecem lingüísticamente como uma "massa" indelimitada, que preenche o vácuo do nada anterior e posterior ao movimento e para lá da última realidade material; massa que se compõe de dias, horas, metros, quilômetros.

1203. Em tupi, a palavra *ara* abarca confusamente nossas noções de "tempo, temporada, quadra, dia; sol; luz (solar); mundo, espaço; entendimento, juízo".

Ara é o tempo-espaço real, não parecendo estender-se ao imaginário. Aplica-se também às partes ou delimitações do tempo-espaço

"massa", como "temporada" ("tempo das águas", etc.), "dia", "panorama", etc. O "tempo-espaço" não é, porém, segmentado em anos, horas, metros, etc.

1204. A noção de "ano" não é nativa.

Os missionários aproveitaram-se de conceitos conexos, como a volta do "inverno" ou "frio" *roy* (tupi meridional e guarani), a colheita do "caju" *akaîu* (tupi setentrional), o aparecimento das "Plêiades", *Seixu* (tupi meridional e setentrional). É claro, porém, que os índios não tinham noção do ano solar. Conheciam os fenômenos periódicos do ano, como as estações, as quadras de plantio e colheita, mas não seccionavam o tempo à base delas.

HANS STADEN 102, 157 refere-se duas vêzes a *pirá-kaẽ* "peixe-sêco", i. é, à época da seca do peixe, quando o *parati*, saindo do mar, sobe os rios para a desova, o que acontece no fim do inverno. O acontecimento é esperado com preparativos vários e marca o tempo de expedições de pesca e guerra.

OBS. Vê-se que, para os tupis, o tempo está concretizado em acontecimentos, à diferença dos nossos hábitos de regular os acontecimentos e agenda por uma prévia divisão do tempo.

O *Dicionário Brasiliano e Português* 158 informa:

"*Acajú-royg* — o ano. Como esta árvore só dá uma vez fruto ao ano, contra o costume das outras que dão sempre ou repetem, moveu os índios a contarem a sua idade pelos caroços que todos os anos se colhem e guardam, com muito cuidado, em um pequeno cesto feito para êste fim, onde cada ano lancam uma castanha. Também contam o ano pela constelacão das Plêiades. Veja-se a palavra Ceixù. Como talvez os de agora não contem a sua idade com os caroços, bem será que se fale em pretérito."

Mas a informação, já de si duvidosa, reflete influência européia, visível no cuidado de "contar os anos de vida".

1205. A idéia de "mês" tinha um sucedâneo muito próximo em *îasy* "lua".

A peridiocidade rigorosa das fases lunares não podia passar despercebida. Entretanto, nenhum nome corresponde à nossa "semana", seja como parte do mês, seja como conjunto de sete dias.

1206. *Ara* "dia" não abrangia a noite, mas apenas o lapso de tempo entre o nascer e o pôr do sol.

Ara também significava "sol" (VLB 203), tanto quanto *kó-ara* ou *kûara* "êste dia" (VLB 305, 346). A seqüência de accepções parece ser: dia, luz (do dia), sol, tempo, mundo (visível à luz do dia), espaço; luz mental (com que vejo ou entendo o mundo), juízo, entendimento.

A noção indígena de "mundo" era modesta, de acôrdo com a limitação dos seus conhecimentos geográficos. Mas os documentos afirmam que os tupis tinham grande conhecimento do sertão e até avançadas noções corográficas. — Existem os nomes do "oriente" *kûara(sy) semb-aba,* e do "poente" *kûara(sy) r-e-iké-aba.* Não há os conceitos de "norte" e "sul".

1207. É inútil acrescentar que não se distinguiam segmentos menores de tempo, como "hora", "minuto", etc.

Assinalavam-se certas fases características do dia ou da noite, como a manhã, a tarde, o meio-dia, etc., baseando-se nos fenômenos visíveis, tal como ficou dito do ano. Mas essas fases não dividiam o dia em partes; apenas acentuavam os seus momentos mais perspícuos.

1208. Pode-se dizer que o tupi não objetiva tanto o tempo, quanto as cousas no tempo.

O tempo, é mais adjuntivo do que substantivo. Exprime-se menos por nomes do que por partículas "temporais" ou por sufixos adjuntivos, como *saba* (n. 799). O mesmo vale do espaço e lugar, que figuram de preferência como "locativos".

1209. Não parece que em legítimo tupi se concretizassem nomes de lugar a ponto de usá-los como sujeito e objeto de oração. Frases como "Reritiba é formosa", "Gosto de Reritiba", não são de feitio nativo. Os nomes de lugares aparecem também, mais como adjuntivos: "Estou em Reritiba", "Vou para Piratininga", "Venho de Jaguari", etc.

1210. Pelo seu próprio sentido, correspondente a "em", "a", "para", a preposição *-pe* acompanha freqüentemente os topônimos. O que contribuiu para

que fôsse tomada como parte dêles pelos colonos. Eis por que inúmeros nomes geográficos brasileiros a trazem incorporada: *Acarape, Araçuaípe, Aratuípe, Cauípe, Cotegipe, Guararape, Iguaguaçupe, Iguape, Inhambupe, Itaipé, Itapagipe, Jacuípe, Jaguaripe, Mamanguape, Manguape, Mapendipe, Maracaípe, Maragogipe, Maranguape, Meguaípe, Meruípe, Mucuripe, Sergipe, Suaçupe,* etc., além dos casos em que houve abrandamento do *p*: *Beberibe, Camaragibe, Capiberibe, Jaguaribe, Peruíbe, Piragibe, Pirangibe,* etc.

1211. Para referir as cousas no tempo, à falta de maior precisão lingüística, deviam servir aos tupis os mesmos recursos usados pelos atuais tapirapés, que falam um co-dialeto puro:

"Como não sòmente as computações, mas também as denominações diretas do tempo nunca deixam de ser abstratas, convém à mentalidade dos Tapirapé usar, principalmente, designações indiretas baseando em fenômenos concretos a indicação de têrmos passados e futuros. Assim marcam o tempo do dia, estendendo a mão em direção à posição que o sol ocupava ou ocupará no momento em questão [...] Se acontecimentos se deram há semanas ou meses, os tapirapé os determinam cronològicamente, demonstrando com a mão o grau do desenvolvimento de certas plantas nas épocas em questão, por exemplo, a altura do milho ou da cana de açúcar. Tendo passado já anos, o narrador tapirapé estende a mão na altura que certa pessoa tinha alcançado naquele tempo, sendo esta pessoa, em geral, o próprio narrador, quando sua idade o habilita para tal demonstração. Se êle tem cêrca de cinqüenta anos, tendo deixado de crescer, por isso, há decênios, mas queira indicar um têrmo passado há cinco anos, servir-lhe-á uma criança de cinco anos para cima." (Baldus 93).

Para caracterizar a imprecisão lingüística do tempo em tupi, baste lembrar que as palavras *kûesé* "ontem" e *oirandé* "amanhã" podem ser empregadas vagamente no sentido de "há tempo" e "futuramente". Há, em câmbio, a distinção entre *oîeí* "hoje (passado)" e *kori* ou *kuri* "hoje (futuro)". Mas êste aparece na locução *kori koẽ-me* "amanhã de manhã", lit. "hoje (futuro) de manhã".

BIBLIOGRAFIA

Baldus 87-94; Nida passim; Hoijer 554-573.

EDIÇÕES CITADAS (*)

ABBEVILLE (CLAUDE D') *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e Terras Circunvizinhas; em que se trata das singularidades admiráveis e dos costumes estranhos dos índios habitantes do país.* Trad. de Sérgio Milliet; intr. e notas de Rodolfo Garcia, Liv. Martins (S. Paulo, 1945).

ADAM (LUCIEN) — *Matériaux pour servir à l'établissement d'une grammaire ocmparée des dialectes de la famille tupi.* Bibliothèque Linguistique américaine, tome XVIII. J. Maisonneuve, Libraire-Éditeur (Paris, 1896).

ALMEIDA NOGUEIRA (BATISTA CAETANO) — *Esbôço gramatical do Abáñeê ou língua guarani, chamada também no Brasil língua tupi ou língua geral, pròpriamente Abañeenga.* Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. VI, pp. 1-90 (Rio de Janeiro, 1879).

— *Apontamentos sôbre o Abañeênga, também chamado guarani ou tupi ou Língua Geral dos Brasis. Primeiro Opúsculo: Prolegômeno. Ortografia e prosódia. Metaplasmos. Advertência com um extrato de Laet. In* Ensaios de Ciência. Março, F. I. Brow & Evaristo, Editôres (Rio de Janeiro, 1876).

— *Idem. Segundo Opúsculo: O Diálogo de Léry. Nota preliminar. O diálogo. Explanações. In* Ensaios de Ciência. Julho. F. II. Brown & Evaristo, Editôres (Rio de Janeiro, 1876).

(*) No corpo da obra ou na bibliografia de cada Lição, citado algum autor sem indicação da obra, entenda-se ser a que vem em primeiro lugar nesta lista.

— *Vocabulário das palavras guaranis usadas pelo tradutor da "Conquista Espiritual" do Padre A. Ruiz de Montoya.* Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. VII (Rio de Janeiro, 1879).

— *Cantos do Padre Anchieta.* Reprodução acompanhada de um prefácio de Basílio de Magalhães, sócio do Instituto. *In* Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vol. 138 (Rio de Janeiro, 1920), pp. 561-608.

— *Notas* a CARDIM, q. v.

— *Manuscrito guarani da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sôbre a primitiva catequese dos índios das missões,* composto em castelhano pelo P. Antônio Ruiz Montoya, vertido para o guarani por outro padre jesuíta, e agora publicado com a tradução portuguêsa, notas, e um esbôço gramatical do abáñeê. Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. VI (Rio de Janeiro, 1879).

ANCHIETA (JOSEPH DE) — *Arte de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil.* Ed. fac-simil. da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Imprensa Nacional (Rio de Janeiro, 1933).

— *Auto representado na festa de São Lourenço.* Peça trilíngüe do séc. XVI, transcrita, comentada e traduzida, na parte tupi, por M. de L. de Paula Martins. Museu Paulista. Documentação Lingüística, 1. Boletim I. Ano I (São Paulo, 1948).

— *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões.* Publicação da Academia Brasileira de Letras. Livraria Civilização Brasileira, S. A. (Rio de Janeiro, 1933).

— *Poesias Tupis.* Vide PAULA MARTINS.

ANÔNIMO — *Vocabulário na Língua Brasílica.* Manuscrito português-tupi do século XVII coordenado e prefaciado por Plínio Ayrosa. Coleção do Departamento de Cultura, vol. XX (São Paulo, 1938).

ARAÚJO (ANTÔNIO DE) — *Catecismo Brasílico da Doutrina Cristã.* Ed. fac-similar de Júlio Platzmann. B. G. Teubner (Leipzig, 1898).

— *Catecismo na Língua Brasílica.* Reprodução fac-similar da 1.ª edição (1618), com apresentação pelo Pe. A. Lemos Barbosa. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Rio, 1952).

ARRONCHES (JOÃO DE) — *O Caderno da Língua* ou Vocabulário Português-Tupi. Notas e comentários à margem de um manuscrito do século XVIII por Plínio Ayrosa. Imprensa Oficial do Estado (São Paulo, 1935).

BALDUS (HERBERT) — *O conceito do tempo entre os índios do Brasil. In* Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, vol. LXXXI (São Paulo, 1949), pp. 87-94.

BARBOSA RODRIGUES (JOÃO) — *Poranduba Amazonense* (Kochiymauára porandúb). *In* Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. XIV (1886-1887) fascículo n.º 2 (Rio de Janeiro, 1890).

— *Vocabulário indígena comparado, para mostrar a adulteração da língua.* (Complemento do Poranduba amazonense). *In* Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. XV, 2.º fascículo (Rio de Janeiro, 1892).

BETTENDORFF (JOÃO FELIPE) — *Compêndio da Doutrina Cristã na língua portuguêsa e brasílica.* Miguel Deslandes (Lisboa, 1678).

CABALLERO (R. V.) — *Contribution a la connaissance de la phonétique guarani. In* Revue de Phonétique, t. I, fasc. 2 (Paris, 1911), pp. 138-162.

CARDIM (FERNÃO) — *Tratados da terra e gênte do Brasil.* J. Leite & Cia. (Rio de Janeiro, 1925).

CASTILHO (PERO DE) — *Os Nomes das partes do corpo humano pela língua do Brasil.* Edição de Plínio Ayrosa. Revista dos Tribunais (São Paulo, 1937).

DALL' IGNA RODRIGUES (ARION) — *Análise morfológica de um texto tupi. In* Logos, ano VII, n.º 15. Tip. João Haupt & Cia. Ltda. (Curitiba, 1952), pp. 55-57.

— *Diferenças Fonéticas entre o tupi e o guarani. In* Arquivos do Museu Paranaense, vol. IV (Curitiba, 1945), pp. 333-354.

— *A categoria da voz em Tupi. In* Logos, ano II, n.º 6 (Curitiba, 1947), pp. 50-53.

— *A reduplicação em Tupi. In* Gazeta do Povo (Curitiba, 31-III-1950).

— *Esbôço de uma Introdução ao estudo da Língua Tupi. In* Logos, ano VI, n.º 13 (Curitiba, 1951), pp. 43-58.

— *A composição em Tupi. In* Logos, ano VI, n.º 14 (Curitiba, 1951), pp. 63-70.

DRUMOND (CARLOS) — *Notas gerais sôbre a ocorrência da partícula tyb, do tupi-guarani, na toponímia brasileira. In* Boletim XLVI da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (São Paulo, 1944), pp. 55-76.

— *Designativos de parentesco em língua Tupi. In* Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. LXIV (Rio, 1942), pp. 179-189.

ECKART (ANSELMO) — *Specimen linguae brasilicae vulgaris.* Ed. Júlio Platzmann. B. G. Teubner (Leipzig, 1890).

EDELWEISS (FREDERICO G.) — *Tupis e Guaranis.* Estudos de etnonímia e lingüística. Publicações do Museu da Bahia — n.º 7 (Bahia, 1947).

EVREUX (IVES D') — *Viagem ao Norte do Brasil.* Tradução do Dr. César Augusto Marques (Rio de Janeiro, 1929).

FERNANDES (FLORESTAN) — *A organização social dos Tupinambá.* Instituto Progresso Editorial (São Paulo, 1948).

FERREIRA FRANÇA (ERNESTO) — *Crestomatia da Língua Brasílica* (Leipzig, 1859).

FIGUEIRA (LUÍS) — *Arte de gramática da língua brasílica.* Miguel Deslandes (Lisboa, 1687). Ed. de Julio Platzmann, sob o título: *Gramática da língua do Brasil.* B. G. Teubner (Leipzig, 1878).

— *Arte da língua brasílica.* Manuel da Silva (Lisboa, 1621).

HOIJER (HARRY) — *The Relation of Language to Culture. In* Anthropology Today (Chicago, 1953), pp. 554-573.

LEMOS BARBOSA (A.) — *Pequeno Vocabulário Tupi-Português.* Livraria São José (Rio, 1951).

— *Jukâ — o paradigma da conjugação tupi.* Estudo etimológico-gramatical. *In* Revista Filológica, ano II, n.º 12 (Rio, 1941), pp. 74-84.

— *Os índices de classe no tupi. In* O Estado de S. Paulo (25-VIII-40).

— *Nova categoria gramatical tupi. In* Verbum, t. IV, fasc. 2, junho (Rio, 1947), pp. 67-74.

— *Traduções de poesias tupis.* — *In* Revista do Arquivo Municipal, vol. 128 (São Paulo, 1949), pp. 27-44.

— *O "Vocabulário na Língua Brasílica".* Ministério da Educação e Saúde. Serviço de Documentação. Imprensa Nacional (Rio, 1948).

LÉRY (JEAN DE) — *Viagem à terra do Brasil.* Biblioteca Histórica Brasileira, VII, Livraria Martins (São Paulo, 1941).

LOWIE (ROBERT H.) — *Relationship terms. In* Encyclopaedia Britannica. 14.ª ed., vol. XIX, p. 84 ss.

MARCGRAVE (JORGE) — *História Natural do Brasil.* Tradução de Mons. Dr. José Procópio de Magalhães. Imprensa Oficial do Estado (São Paulo, 1942).

MARTÍNEZ (T. ALFREDO) — *Orígenes y leyes del lenguaje aplicadas al idioma guarani.* Imprenta de Coni Hermanos (Buenos Aires, 1916).

MONTOYA (*Antonio Ruiz de*) — *Arte de la lengua guarani, ó más bién tupi.* (Viena — Paris, 1876).

— *Vocabulario de la lengua guarani* (Viena-Paris, 1876).

— *Tesoro de la lengua guarani* (Viena-Paris, 1876).

— *Catecismo de la lengua guarani.* Ed. de Júlio Platzmann. B. G. Teubner (Leipzig, 1876).

— *Manuscrito guarani da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sôbre a primitiva catequese dos índios das Missões,*

vertido para guarani por outro padre jesuíta, e agora publicado com a tradução portuguêsa, notas e um esbôço gramatical do "Abañeẽ". Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. VI (Rio de Janeiro, 1879).

MORÍNIGO (MARCOS A.) — *Hispanismos en el guaraní.* Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires. Instituto de Filología. Colección de Estudios Indigenistas. I. (Buenos Aires, 1931).

NIDA (EUGENE A.) — *Bible translating* (N. York, 1947).

PAULA MARTINS (M. DE L.) — *Poesias Tupis* (Século XVI). Boletim LI da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de S. Paulo. Etnografia e Língua Tupi-Guarani. N.º 3 (São Paulo, 1941).

PHILIPSON (J) — *Nota sôbre a interpretação sociológica de alguns designativos de parentesco do tupi-guarani.* Boletim LVI da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Etnografia e Língua Tupi-Guarani. N.º 9 (São Paulo, 1946).

— *"O parentesco tupi-guarani".* Boletim LXIII da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Etnografia e Língua Tupi-Guarani, N.º 11 (São Paulo, 1946).

RESTIVO (PAULO) — *Arte de la lengua guarani.* E. de C. F. Seybold. Guilherme Kohlhammer (Stuttgard, 1892).

— *Vocabulario de la lengua guarani.* Ed. de C. F. Seybold. Guilherme Kohlhammer (Stuttgard, 1892).

— *Breve Noticia de la lengua guarani.* Ed. de C. F. Seybold. Guilherme Kohlhammer (Stuttgard, 1890).

— *Frases selectas, y modos de hablar escogidos y usados en la lengua guãrãnĩ. Sacados del Tesoro escondido que compuso el venerable Padre Antonio Ruiz de nuestra Compañia de Iesus para consuelo y alivio de los fervorosos misioneros principiantes en la dicha lengua* (1687) [Manuscrito, 633 pp. em 2 colunas].

SAMPAIO (TEODORO) — *O Tupi na Geografia Nacional.* 3.ª ed. *In* Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, n.º 54 (Bahia, 1928), pp. 1-400.

SOARES DE SOUSA (GABRIEL) — *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. 3.ª ed. Companhia Editôra Nacional (São Paulo, 1938).

STADEN (HANS) — *Viagem ao Brasil*. Versão do texto de Marpurgo, de 1557. Publicações da Academia Brasileira. Oficina Industrial Gráfica (Rio de Janeiro, 1930).

THEVET (ANDRÉ) — *Singularidades da França Antártica*. Prefácio, tradução e notas do Prof. Estêvão Pinto. Companhia Editôra Nacional (São Paulo, 1944).

— *La Cosmographie Universelle*. Pierre l'Huillier (Paris, 1575), tomo II. In *Les Français en Amérique pendant la deuxième moitié du XVIe. siècle. Le Brésil et les brésiliens*. Choix de textes et notes par Suzanne Lussagnet. Introduction par Ch.-A. Julien. Presses Universitaires de France (Paris, 1953).

TOVAR (ANTONIO) — *Ensayo de caracterización de la lengua guaraní*. *In* Anales del Instituto de Lingüística, tomo IV. Universidad Nacional de Cuyo. Facultad de Filosofia y Letras (Mendoza, 1950), pp. 114-126.

UPSON CLARK (CHARLES) — *Jesuit letters to Hervás on american languages and customs*. *In* Journal de la Société des Américanistes de Paris, t. XXIX (nouvelle série) (Paris, 1937), pp. 97 e ss.

VALENTE (CRISTÓVÃO) — *Poemas Brasílicos*. In *Catecismo Brasílico da Doutrina Cristã* de Antônio de Araújo, q. v.

YAPUGUAY (NICOLAS) — *Sermones y exemplos en lengua guarani*. Con dirección de un religioso de la Compañia de Jesus. Ed. fac-similar (Buenos Aires, 1953).

WAGLEY (CHARLES) e GALVÃO (EDUARDO) — *O parentesco tupi-guarani*[1]. Boletim do Museu Nacional. Antropologia. N. 6 (Rio, 1946).

— *O parentesco tupi-guarani*[2]. *In* Sociologia, vol. VIII, n.º 4 (São Paulo, 1946), pp. 305-308.

OBS. — 1. A resenha bibliográfica inclui apenas as obras citadas ou indicadas no CURSO. De acôrdo com a advertência do prefácio, tomamos como norma citar tão só as fontes primárias de documentação antiga e, entre os

modernos, apenas os autores que apresentem alguma interpretação gramatical própria, de real valor. Mas a inclusão de uma obra não implica em aceitação de tôdas as idéias defendidas pelo seu autor.

2. Na escolha das edições, demos preferência às de mais fácil consulta, embora reconhecendo que nem sempre são as melhores.

3. Atualizamos a ortografia dos títulos.

4. Quem desejar mais amplas informações bibliográficas, poderá consultar, entre outros, os seguintes trabalhos:

AYROSA (PLÍNIO) — *Apontamentos para a bibliografia da língua tupi-guarani.* Boletim XXXIII da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (São Paulo, 1943).

CASTRO (EUGÊNIO DE) — *Relação Bibliográfica de Lingüística Americana.* Fasc. 1.º, 1 — Ameríndia (1a. série). Publ. do Instituto Cairú. Ministério da Educação e Saúde (Rio de Janeiro, 1937).

DALL'IGNA RODRIGUES (ARION) — *Esbôço... Análise morfológica,* v. supra.

EDELWEISS (FREDERICO G.) — *Bibliografia Crítica. In* Tupis e Guaranis, q. v.

FURLONG (GUILLERMO) — *La imprenta en Las Reducciones del Paraguay 1700-1727... In* História y Bibliografia de las primeras imprentas rioplatenses, tomo I. Editorial Guarania (Buenos Aires, 1953).

LEITE (SERAFIM) — *História da Companhia de Jesus no Brasil.* 10 tomos (Lisboa-Rio, 1938-1950).

LEMOS BARBOSA (A.) — *Ara poru. In* Província de São Pedro, n. 9. Editôra Globo (Porto Alegre, 1947), p. 39-42.

LOUKOTKA (CESTMIR) — *Les langues de la Famille Tupi-guarani.* Boletim CIV da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (São Paulo, 1950).

MAGALHÃES (BASÍLIO DE) — *"Curso de Tupi Antigo".* Prefácio à obra do Padre Antônio Lemos Barbosa. *In* Jornal do Comércio (16-II-1947).

MASON (J. ALDEN) — *The Languages of South American Indians. In* Handbook of South American Indians. Smithsonian

Institution. Bureau of american ethnology. Bulletin 143. Vol. 6 (Washington, 1950), pp. 241-243.

MEDINA (J. T.) — *Bibliografia de la lengua guaraní* (Buenos Aires, 1930).

MITRE (BARTOLOMÉ) — *Catálogo razonado de la sección — Lenguas Americanas.* Museo Mitre (Buenos Aires, 1909-1910).

— *Lenguas Americanas. Catálogo ilustrado de la Sección X de la Biblioteca.* Museo Mitre (Buenos Aires, 1912).

PEDRO II (DOM) — *Qualques notes sur la langue tupi.* Apresentação e notas de A. Lemos Barbosa. *In* Anuário do Museu Imperial, VI (Petrópolis, 1945), pp. 169-188.

RIVET (PAUL) — *Langues de l' Amérique du Sud et des Antilles. In* Les langues du Monde, par un groupe de linguistes (Paris, 1924), pp. 687-693.

RIVET (P.) et LOUKOTKA (C.) — *Langues de l' Amérique du Sud et des Antilles. In* Les langues du Monde, par un groupe de linguistes. Nouvelle édition. C N R S (Paris, 1952), pp. 1143-1148.

VALE CABRAL (ALFREDO DO) — *Bibliografia da língua tupi ou guarani, também chamada língua geral do Brasil. In* Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. VIII (Rio de Janeiro, 1880), pp. 143-214.

Os estudos mais recentes, naturalmente, completam aos anteriores.

VALE CABRAL e MITRE são de primordial importância no que se refere a obras antigas, impressas ou inéditas. PEDRO II traz também informações interessantes, sobretudo para a bibliografia. O mais completo é AYROSA. Não inclui, porém, inéditos nem artigos de jornais, e é menos coerente na crítica; p. ex., faz muitas restrições a LUCIEN ADAM, ao passo que cobre de elogios autores fantasiosos como MANUEL DOMÍNGUEZ e literatos como LEOPOLDO A. BENÍTEZ, etc. Precisamente o que recomenda as breves monografias de EDELWEISS e DALL'IGNA: o juízo crítico sereno e seguro. SERAFIM LEITE é exaustivo no que se relacione com os antigos autores jesuítas do Brasil. O mesmo se diga de FURLONG para a bi-

bliografia das Reduções. As referências de LOUKOTKA, MASON e RIVET visam mais à classificação lingüística, pelo que insistem nos dialetos menos conhecidos. BASÍLIO DE MAGALHÃES faz sucinto apanhado da bibliografia dos dialetos tupi, guarani e nheengatu. O artigo de LEMOS BARBOSA passa em revista a antiga literatura guarani das Missões. EUGÊNIO DE CASTRO colige informações de várias fontes, sem apresentar nenhuma contribuição pessoal.

Consumação da vítima (STADEN)

INDICE DOS ASSUNTOS

ablativo absoluto 791
absolutos — v. palavras; formas
abstratos 48; 1095
acabar de 733, 768
ação contínua 932
— repetida 932
acento 12
— agudo 14
— musical 1179
— subtônico 1178
— tônico 1178
adjetivo 79, 49, 156
— qualificativos 49
— substantivados 48
advérbio 993
— de lugar 998
— de modo 994
— demonstrativos 75, 995
— de tempo 997
— numerais 215, 996
— que pedem gerúndio ou conjugação subordinada 434, 554, 568
afetiva — v. linguagem
afirmativa — v. partículas
afirmativas indiretas 1074
afixos 1106
— derivacionais 1107
— exclusivos entre si 1112
— nominais 1107, II
— verbais 1107, II
— paradigmáticos 1107
v. posição
ainda 467
alcunhas 392
alfabeto 1
andar + part. presente 924
animais — v. nomes
ano 1204
antropônimos 441
apócope 38, 49, 1181
— da vogal tônica 807
apôsto 342, 1130 II 1
apóstrofe 9, 1121
artigo 41 obs.
aspecto 113, 932, 1021, 1030
assimilação 300, 1181
— regressiva 28 obs. 3
ativo — v. verbo; particípio
atual — v. forma
aumentativo 99
cardinais 212
carijó 39
carinho 449
caso 41
categorias verbais 1018
classes 380
— superior 380, 851
— inferior 380, 851
classificação das palavras 1115
— dos verbos 282
classificatório — v. prefixos; nomes; parentesco
coletivos 933
coletivos 378
com 144
começar 551
comércio 1200
complemento 118
— apositivo 1130 II 1
— atributivo 1130 II, 1131
— de referência 1130 II 2
— possessivo 1130 I 2
— predicativo 184, 196
— relativo 1130 I 3
— restritivo 62, 63, 154, 534, 1130 I 1
— subjetivo 1130 I 4
— terminativo — v. restritivo
composição 15, 155, 1125, 1147
comparativo 173, 1090
comum 591
concretismo 349, 1140

condicional 941
conjugação 111
— de pronomes pacientes 78
— de prefixos agentes 112
— de verbos intrans. por pron. pacientes 382, 383
— negativa 183, 1006
— perifrástica 1027
— subordinada 554, 662, 945
conjunções coordenativas 145, 1060
— subordinativas 678
consecução 593, 629
consecutivos 933 5
consoantes 2, 1158
— finais 39, 158, 1169, 1171
— homorgânicas 24
contactos fonéticos 1181
contar 1200
continuativo 1030
continuidade 924
coordenação 1071
cortar 550
costumar 696
côres — v. nomes
criações — v. nomes
de (restritivo) 62
deixar 517
deliberar 457
deliberativo 113
demonstrativos 69
depreciativo 930
desejo 952
desnasalação 32, 928
derivação 15, 1126
— gramatical 1127
determinante + determinado 1130 I
determinado + determinante 1130 II
devér 695, 761, 950, 1054
dia 1206
diminutivo 102
distensivo 1030
distributivo 933 — v. numerais
ditongos 5, 6
divisão 926
— das palavras 1118
dizer 455, 981
dubitativo 158
duração 924
durativo 929, 1030
e 145
enclíticos 13
ênclise 15
espaço 1202
estar 428, 900, 959
estrutura das palavras 1105
etimologias de topônimos 445
— de nomes de parentesco 1193
etnônimos 443
exclamação 1179
exclusivo 38, 59
exortativo 1019
expectativa 1023
faculdades 1146
fazer 887
— (causativo) 482, 516
— (impessoal) 472
fenômenos atmosféricos etc. 472, 544
ficar + part. pres. 924
fingir 475
fonética — v. fonologia
fonologia 1096, 1149 — v. contactos; processos
forma absoluta 849
— atual 1030
— habitual 1030
— imperfectiva 930, 1030
— perfectiva 930, 1030
freqüentativo 1030
frutas — v. nomes
futuro, no nome 216
— no verbo 113, 197, 1023
futuro-passado 216, 223
gênero 41, 42
genitivo 152
— irregulares 236
gerúndio 147, 393, 425, 647, 981
— conectivo ou seriativo 425
— dos verbos reflexivos 416
— dos de objeto incorporado 418
— dos de prefixo *ro-* ou *no-* 509
— exigido por partículas 434
— expletivo 959
— irregular 423
— + *(a)bé* 687
— + condicional 955
— + *pá* 661
— simulfactivo 425
— teleológico 425
funções do — 425
sintaxe do — 425

v. locuções
graus do adjetivo 171
— substantivo 99
guarani 26, 39, 484, 561, 691, 706, 827, 1099, 1204
habitudinal 1025, 1030
hiato 7
hífen 10, 1119
homorgânicas 24
idiotismos de *é* "dizer" 457
igual 594
igualdade 176
iminentivo 1030
imperativo 193
— irregulares 195
imperfectivo — v. forma
inclusivo 58, 59
incorporação 15, 541, 1100, 1124
— do objeto 116, 313, 321, 528
— do sujeito 541
indefinidos 654, 852 obs 2
indeterminação 643
indicativo 113, 1022
índices de classe 236, 604, 847, 852, 1098
inferioridade 175
infinitivo — v. infinito
infinito 315, 332, 647
— dos verbos de pref. *t-* ou *s-* 338
— dos verbos de pref. *ro-* ou *no-* 508
— em função de complemento atributivo 337
— em função de substantivo 337
— incorporado 360
— negativo 334 d)
— objetivo 359
— = particípio 731
— regido 678
— substantivado 48
tempos do — 334 c)
síntaxe do — 335
inflexão 1127
inserção de vogal 1181
intensivo 646, 930, 1030
interjeições 1116
interrogação 1179
tipos de — 160 obs., 1179
interrogativos 157, 656, 663
iterativo 929, 1030
iterativo-durativo 931, 1030
julgar que 458
justaposição 1123
leitura 1
língua e cultura tupis 1197
linguagem afetiva 1041
— de cada sexo 44, 1068
— de maiorais 615
locativo 638
— em topônimos 1210
locuções de *-bo* 645
— de dois part. pres. port. 957
— gerundivas 427, 957
maioral — v. linguagem
majestático — v. maioral
mandar 516, 523
— *fazer* 516, 523
mar 107
massas 1201
matérias anorgânicas — v. nomes
medidas 1200
mês 1205
metaplasmos 15, 49, 155
metátese 40
modismos onomatopaicos 471
modos do verbo 1097, 1019
moedas 1200
morfema 1105
— dependentes 1110
— independentes 1110
morosivo-progressivo 1030
mundo 1206
nacionalidade 837
nasalação — v. nasalização
nasalização 2, 28-30, 1181
neologismos 1083, 1084, 1087
norte 1206
Norte 39
nomes 1115
— classificatórios 344
— de animais 42, 261
— de animais caçados ou pescados 267
— de criações 267
— de côres 874
— de frutas 261
— de lugar — v. topônimos
— de matérias anorgânicas 261
— de parentesco 449
— de plantas 261
— de profissões 86, 185

— de qualidades 48
— próprios 441
— verbais 185, 700, 799
numerais 212, 1093
— cardinais 212
— distributivos 214, 933 4
— ordinais 213, 827
v. advérbios
número 41, 46
números 212
objeto direto 115
— incorporado 116, 313, 321, 506, 528
— indireto 118
obrigação 949
obrigar 516
oclusão glotal 7, 1181
onomatopéias 471
opinativo 1019
optativo 966
orações — v. ordem
— adverbiais 678
— causais 985
— concessivas 980
— condicionais 982
— finais 981
— integrantes dubitativas 982
— locais 987
— modais 986
— subordinadas 980
ordem 1122
— das orações 115
— de posição dos afixos 1112
— de tempo dos afixos 1113
ordinais 213, 827
órgãos do corpo 226
oriente 1206
palatização 19, 1181
palavra 1105
— absolutas 847
— compostas 1114, 1147
— derivadas 1114
— invariáveis 1115
— primárias 1114
— relativas 847
— secundárias 1114
— variáveis 1115
palavras-morfemas 1109, 1111
v. classificação; divisão; tipos
parentesco 42, 449, 848, 1187
— classificatório 1187
— cruzado 1188
— paralelo 1188
— vocativo 1192
paroxítonos 16
partes do corpo 226, 848, 1140
— do discurso 48
particípios 700
— ativos 702, 720
— abundanciais 738
— circunstanciais 799
— passivos 756, 773, 1031
v. tempos
partículas 1041, 1102
— afetivas 1116
— afirmativas 103, 1043
— coordenativas 1116
— deliberativas 1051
— depreciativas 1048
— dubitativas 1045
— expletivas 103
— independentes 1106, 1116
— interrogativas 1042
— temáticas 1116
— que exigem gerúndio 434
grupos de — 1061
partículas-sentenças 1116
passado, no nome 216
— no verbo 1022
passado-futuro 216, 223
passivo 582
v. verbo; particípio
pausa 26 obs.
— final 1179
— medial 1179
pensar 458
— *erradamente* 459
perfectivo — v. forma
períodos 1070, 1101
permansivo 1030
permissivo 113, 196, 981
permitir 517
pesos 1200
pessoas gramaticais 1018
plantas — v. nomes
— de subjetividade 153
plural 46-47; 643; 657; 924; 933; 1089
poder 461
poente 1206

posse 152
— de relação 153
— de subjetividade 153
— integrante ou natural 153, 353
portuguesismos 1083, 1087, 1088
posição 1122
possessivos 58, 580
— irregulares 236
— reflexivo ou recorrente 58, 60
— relativo 58, 60
potencial 1026
prêço 1200
predicativos — v. verbos
prefixos 1106
— agentes 111; v. verbos
— classificatórios 344
— de classe 380
preposições 133, 604, 638
— com índice de classe 604
— de *t* inicial 609
— de *s* inicial 610
— de *r* inicial 618
— exigidas por verbos 285
— recíprocas 623, 628
— reflexivas 623, 624
duas — 630
preposições-conjunções subord. 678, 1116
presente, no verbo 113
processos fonéticos 1180
profissões — v. nomes
pronomes 76, 271
— demonstrativos 71
— indefinidos 654, 852 obs 2
— objetivos 119, 290, 310
— oblíquos indiretos 203
— pacientes 111
— pessoais 76, 271
— relativos 905
propósito 952
proximidade 69
próclise 15
propósito 952
qualidades — v. nomes
qualificativos 49
quase-afixos 1108
querer 360, 897 n. 2
querer dizer 572
quotativo 1019
radical 1106
realce 103
recado 457
recíproco 295, 506, 578, 588, 933 n. 5
— preposicionado 623, 628
reduplicação 924
— dissilábica 926
— monossilábica 926
— mono-dissilábica 933
referência 457
reflexivo 58, 60, 294, 304, 578, 580
— na função de possessivo 580
— preposicionado 623, 624
— subordinado 304, 316
regência verbal 284-288
relativo 58, 60, 230
v. pronomes
remissivo 1030
resolução 1023
resolver 457
repetição 926
repetitivo 1030
resgate 1200
restritivo 1030
reversivos — v. verbos
rio 107
saber 461
— *fazer* 462
saudação lacrimosa 1186
semivocalização 1181
semivogais 5, 1157
sentido interior 1146
ser 88, 274, 354, 888
sêres delimitados 1201
— indelimitados 1201
sexo 42
— do *ego* 43
— do parente intermediário 43
v. linguagem
significar 572
sílaba 1172
silabação 1181
singular 46
status nominal 1108
— verbal 1108
subjuntivo 1019
subordinação 1071
subordinativo 238 obs.
subordinativas — v. conjunções
— temporais 678

substantivo 41
— abstratos 48, 826, 1095
sufixos 1106
— finais 1107 II
— mediais 1107 II
— nominais 1107 III, 1108
— verbais 1107 III
sujeito 115
— de menor valor 328
— incorporado 541
sul 1206
superioridade 174
superlativo 171, 924, 930, 1091
— relativo 177
tamôios 37, 38
tema 1109
tempo 1202
— do nome 216
— dos particípios 703
— do verbo 113, 1021, 1097
— do verbo nas línguas ocidentais 1021
— relativo 113, 930
ter 274, 350, 354
terminativo — v. complemento
tipos de interrogação 160 obs
— de palavras 1114
tom 1179
— da interrogação 160
topônimos 444, 1209
etimologias de — 445
tradução para o tupi 1201
tritongos 5
troca 1200
tupi colonial 826, 1029, 1072, 1082
— de Bettendorff 561
— de São Vicente 484
— literário 826, 1072
— meridional 26, 1204
— moderno 826
— pré-colonial 33
— setentrional 26, 1204
tupinambás 754
tupis 39
valor 1200
velares 26
verbais 86, 87, 700
verbos 78, 111, 1108, 1116
— ativos 283, 522
— auxiliar *é* 460, 1026
— bi-transitivos 284
— causativos 480, 516
— causativo-comitativos 500
— compostos de *ok* 372
— copulativos 284
— de objeto incorporado 116, 313, 321, 418
— de prefixos agentes 111, 289, 394, 409
— de pronomes pacientes 111, 289, 406, 419
— de regência especial 287, 288
— de regência múltipla 286
— defectivos 897
— impessoais 472
— intransitivados 284, 381, 531
— intransitivos 284
— irregulares 879
— monossilábicos 122, 317, 1176
— neutros 283, 522
— passivos 283
— plurais 898
— predicativos 78, 184, 284, 354
— reflexivos 283, 416, 520
— retransitivados 284, 531
— reversivos 372
— transitivo-relativos 284
classificação dos — 282
verbo-nome 1108
vir de 733, 768
visibilidade 69
vocativo 446
— de carinho 449
— de parentesco 1192
vogais 4, 1150
— finais átonas 8
vozes 1031, 1097
— causativa 1031
— passiva 767, 790, 1032
— recíproca 1031
— reflexiva 1031

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

ÍNDICE DE PALAVRAS E AFIXOS TUPIS

Consignam-se aqui apenas as palavras, afixos e locuções que tenham sido estudados no CURSO. Para os demais vocábulos, o leitor poderá recorrer às listas que precedem os exercícios. Ou também ao nosso *Pequeno Vocabulário Tupi-Português,* desde que se tenha presente a diferença de grafia.

Dos nomes e verbos, registra-se não apenas o tema, senão também o sufixo nominal (e infinitivo) *-a,* quando o têm. O leitor não ignora em que casos êsse *-a* persiste ou desaparece.

Entre parênteses figuram os elementos ocasionais da palavra ou locução. Assim, *xó(-é)-ne* significa que ocorrem as duas formas *xó-é-ne* e *xó-ne.*

Entre colchetes vêm os pronomes objetivos menos usuais [*îo-, s-*] e os prefixos de classe [*t, s*]. Quando a palavra admite os dois prefixos, vem apenas *t.* Quando admite apenas o de cl. inferior, vem *s.* Levam dois *tt* as que têm o mesmo *t* como índice de ambas as classes (V. Lição 17.ª).

Quando duas ou mais palavras ou afixos são inteiramente homófonos, acrescenta-se breve diferenciação em português.

O asterisco designa as palavras de origem portuguêsa, bem como as formas duvidosas em grafia antiga.

Os afixos átonos são precedidos do hífen. Posposto, o hífen indica que o afixo ou tema nunca está em posição final de palavra mas supõe outro elemento ou sufixo.

A referência é aos números marginais. O estudioso deve consultar também os números seguintes ao indicado. Quando o assunto é tratado em várias lições, grifam-se as indicações mais importantes.

Segue-se esta ordem:

a b (d) e g h i î k m mb n nd ng nh o p r s t u û x y ŷ

a- pref. subj. 112, 271
a- quase-pref. 344, *346,* 66, 1107, 1108
a- invis. 70
-a nomin. 13, 16 obs, 41, 1108, 1116, 1117
-a ger. 13, *402*
á 166, 167, 344, *346,* 449, 1192 v. *xe á*
á tomando 891
ã 69
aan(-i) 44, 190, 670, 1062, 1068
ab-a v. *(s)ab-a*
ab-a 326, 550, *ab-a* vb 897 n. 2
ab-a sb 256, 858, 1140, 1201
ab-a vb 326, 550, 897 n. 2
abá 654, 907
abá? 161, 933 n. 7
abá abá? 933 n. 7
abaité 1040
abaré 1084
abati 1201
abé 146, 646, 686, 691
abé-rameĩ 436
á-bo 396, 400
abyky 388
aé pron. e dem. 38, 69, 72, 76, 104, 271
aé mesmo 73, 77, 204
aé v. *aé-no*

aé e 1060
aé ipó-no (mã) 984
aé-î-bé 434, 568, 642, 648
aé-no 984
aé-pe 188
aeté 35, 88
ag- 798, 805
agûaá 346
agû-á-bo 399
ag-ûam-a 805
ã(g)-ûam-a 805
agûy 1068
ag-ûer-a 805
ahẽ dem. 72, 76
ahẽ intj. 45, 1068
aí 449
aĩ 449, 1192
aib-a 93
aî-a [*t*] 262
ãî-a [*t*] 1145
ãî-bir-a [*t*] 1145
aîé ptc 190, 192, 1063
aîé [*s*] 638
aîé-î [*s*] 638
a-îpó 69, 456
a-îub-a 483
a-îur-a 1145
aîuruûub-a 443
aîxé 1190, 1191
aîxó [*t*] 243, 1191
aîy-ben-a [*t, t*] 1191
a-îyk-a 346
a-îyr-a [*t, t*] 241, 1190
ak' v. *akó*
akã [*s*] 17
ak' aé 38, 104
akaî 1068
akaîu 1204
akan'-gá 28 b)
akang-ok-a 284
aké 1068
akó 38, 69, 104
a-kok-a 346
a-kûé(î)(-a) 69
aky 1068
akypûer-a [*t*] 639, 648
am-a fut. 221
am-a 803 v. *(s)ab-a*
am-a costume 794
am-a vb 428, 900
amaẽ îú 1068
amand-y 22
amá-tiri 32
amé 524, 695, 794, 1030, 1053
amũ 36
-amo 13, *619*
-amo ger. 13, *406,* 570
amó 654
amõ 131
amó abá 150
amó amó 129, 933 n. 7
amuî-a [*t, t*] 241, 1190
amyî-a [*t, t*] v. *amuî-a*
amyî-pagûam-a [*t, t*] 1189
ã mbó 212
am(b)y-î 638
an-a 727
anam-a 1189
anan-gatu 638
ang-a sb 64, 142, 1198
ang-a vb 69
angá v. *angab-a*
angab-a 207, 459, 1019, 1056
ungab-a 207, 1056
angaipab-a 1084
angá-î 190
anhang-a 1084
anhé 190, 192, 1063
aó 399
aõa 72, 76
aõama 805
aob-a 49
a-pá- 349, 666, 1107, 1108
apá (*gûé* ou *gûí*) 1068
a-pan-a 346
a-pé- 349, 1107, 1108
a-pé-aoba 349
a-pé-ar-a 349
a-peb-a 346
a-pé-bang-a 349
a-pé-bur-a 349
a-pé-kũ 349, 1145
a-pé-ok-a 349, 372
a-pé-pu 349
a-pé-pûer-a 349
a-pé-rerá 349
a-pé-uban-a 349
a-pi 346
a-pin-a 346
apiti 386

apixar-a [*t*] 1084
apó vb 35, 299
apó [*s*] sb 245
a-pomong-a 346
a-pu-mim-a v. *a-py-mim-a*
a-pûã 97, 346
apûã [*s*] 179
apûé-katu 188
apy [*s*] 398
a-py-mim-a 346
a-py-peb-a 109, 346
a-py-pem-a 109, 346
a-pyr-a 346, 639
a-pyr-i 639, 642
apyr-ĩ 1030
a-py'-rũ 346
apysá 1140
a-pysyk-a 32
a-pyter-a 346, 639
a-pyter-i 639
a-py'-tĩ 346
apŷab-a 42
ar-a dia 1203, 1206
ar-a parte sup. 639
ar-a suf. 726 v. *(s)ar*
ar-a tomar 326 n. 2, *891*
ar-i 639
ar(i)-bo 644
arõ 28 e)
ar-ok-a 372
aryî-a 1190
a-sang-a 346
asé 58, 64, 76
asé-î 639
asoî-ab-ok-a 372
a-sur-a 346
asy [*s*] 95, 286
asyk-ûer-a 1190
a-sym-a 346
asŷ-ab-a 550
atuá-î 638
atuá-î-bé 649
atuasab-a 1189
atu-ub-a [*t, s*] 43, 242, 1191
aty [*t*] 1191
atyrõ 490, 1176
aub-a 459, 475
ausub-a [*s*] 21 e) 310, 338
ausup- [*s*] 21 e)
aûîé 168, 210, 434, 568, 1064
aûîé-bé-(-é)(-te)(-ramo)(-te) 980, 1020
aûîé-bé-te(-mo) 1020
aûîé-é 980
aûîé-nhé 1001
aûîé-parab-a 165
ayr-a [*t, t*] 43, 240, 1190, 1199
ayr-aty [*t, t*] 1191
ayr-ĩ [*t, t*] 102
aysé [*t*] 1189
ayt [*t, t*] 37
ay-taty [*t, t*] 1191 n. 9
-'b-a 802
bab-a 801
-bae 13, 71, *700,* 906, 1107
bar-a 726
-be 13, 203, 614
bé 146, 174, *646,* 686, 691, 1012
bebé 112, 183, 193, 196, 332, *934*
beé 947
beé(-te)-mo 947, 950
bé-ĩ 174, 967
bé-no 146, 493
bé-nhé 24, 493, 1030
bé-rameĩ 436
biã 306
bîar 1030
bîar-a 1110 obs 1
-bo locat. 13, 203, 394, *643,* 836
-bo ger. 400
-bo (=*-be*) 13, 614
bor-a 700, *738,* 910, 1107
bor-bae 748
bûer-a 217
byté(r)(-ĩ) 463
dab-a 801
dar-a 726
der-a 221
dûer-a 221, 838
e- pref. subj. 193, 271, 414
-e- 125, 390, *413, 501,* 505, 506, 579
-e 13, 679
é mesmo 77, 204
é virá tempo 463
é deve de ser 1068
é dizer 126, *455,* 881, 1076
ẽ [*s*] 165
eá 1068
eam(a)(ẽ) 190, 1068
eb-anôî(-a) 70

eb-apó 70, 161
eb(o)- 70
ebo-kûe(i)(-a) 69
eb(o)-uĩ(ng)(-a) 69
eb-urusu [*s*] 99
eé [*s*] 399
eẽ sim 44, 1068
egû-am-a [*t*] 895
eg-uĩ 69
e-í 455
e-í-bae 881
eî-a [*îo-s-*] 323, 326, 412
e-î-á-bo 455, 881
eîar-a [*s*] 114
e-î-ar-a 881
e-îor(-í) 195, 884
e-îú 423, 884
e-îup-a 423, 885
ekar-a [*s*] 37, 103
ekat [*s*] 37
é katu 461
ekó [*t*] 886
ekó-ab-ok [*s*] 372
ekó-bé [*t*] 886
ekó-bîar-amo [*t*] 636
ekó-katu [*t*] 1084
ekó-kuab-a [*t*] 260
ekó-mo-nhang-a [*s*] 546
ekó-tebẽ [*t*] 886
ekyî-a [*s*] 232
-eme 13, *679*
e-mi- [*t*] v. *mi-*
e-mi-arirõ [*t*] 1190
e-mi-ausub-a [*t*] 248
e-mi-e-no- [*t*] 781
e-mi-e-r-ekó [*t*] 780, 782
e-mi-e-ro- [*t*] 781
e-mi-minõ [*t*] 1190
e-mi-r-ekó [*t*] 780, 782, 1190
e-mi-uru [*t*] 255
emo- 70
e-mo-em-a [*t*] 248
emo-nã(n) 70, 434, 568
e-mbi- [*t*] v. *mbi-*
e-m(b)etar-a [*t*] 248
e-m(b)i-(î)- [*t*] 248, 891
e-m(b)i-ú [*t*] 248
en-a [*t*] 889
ẽn-a [*nho-s-*] 326
eneĩ 434
en-i
eno- 501
enõî-a [*s*] 114
enondé [*t*] 607, 682
enotar-a [*t*] 634
endé 76, 82
endub-a [*s*] 114
endyr-a [*t*] 1190
*eng-a** 1110 obs 1
eõ [*t*] 217, 570, 895
epîak-a [*s*] 114, 284, 410, 460
ep-uru [*s*] 255
e-pynõ [*t*] 894
er-a suf. 221
er-a [*t*] 138
ere- 112, 271
er-é 455
erika 72, 76
erimã 190
erimbaé 1029
ero- 501
er-ok-a [*s*] 372
erumby 434
esá [*t*] 257, 1140
esab-a [*t*] 1144
esá-'gûaá [*t*] 1141
esá-etá [*t*] 1142
esá-eté [*t*] 1142
esá-inan-a [*t*] 1143
esãî-a [*t*] 1143
esá-kang-a [*t*] 1141
esá-kuí [*t*] 1142
esá-ngá [*t*] 1144
esá-puku [*t*] 1142
esá-pyá [*t*] 1143
esá-pysó [*t*] 1144
esá-raî-a [*t*] 286, 1143
esá-raî-tab-a [*t*] 816
esá-ting-a [*t*] 1142
esá-un-a [*t*] 1142
esé [*s*] *139*, 144, 462, *605*, 620, 641, 819, 836, 868, 985
esé-bé [*s*] 140, 605, 648
esé-î [*s*] 638, 639
etá [*s*] *47*, 50, *657*, 1089, 1107, 1108
etá-etá [*s*] 657
etá-eté [*s*] 657
etá-pokang-a [*s*] 657
etã-('té-) (-katu)-nhé [*s*] 657

eté suf. 171, 174, 1091, 1107
eté [*t*] 238
eté-eté 171
eté-ĩ 972
eté-katu(-nhé) 171
eté-umé 434
eti 1068
etun-a [*s*] 165
e-tymã [*t*] 248
e-uũ 69
cumaẽ 1068
é-û 881
eyî-a [*t*] 379, 673
eyî-nhé [*s*] 673
eym-a *225, 334,* 405, 798, 1006, *1008,* 1107
eym-amo 406
eym-a nhó 977
eym-a puku-î 690, 691
eym-a riré 685
eym-aub-a 478
eym-e 680
eym-e-bé 648, 682, 690, 691
eym-eté(-m' aé) 982
eym-i 565
eym-iré 685
eym-iré-mo 946
eym-bab-a 798
eym-bae 701
eym-bar-a 720
eymb-iré 685
eym-îaramé 982
g- 238, 340
*go-** 238, 340
*goar-a** 835
g-u'-me 885
gû- 238, 340, 503, 506, 891
gûá 129
gûaá 346
gû-á-bo 397
gûaîá 1192
gûaîbĩ 1191
gûaîtó 449, 1192
gûaká 42
gûam-a 220
gûan-a 837
gûang-a [*nho-*] 326
gûar 326 n 2, 891
gûar-a 835
gû-ar-a 86, 729
gûarinĩ 67, 285
gûasem-a 148, 285
gûasu 100, 1107
gûaûpir-a 449, 1192
(gû)e- 124, 385, 503, 506
gûé 448, 1068
gûer-a 222
gûey 1068
gûi- 271, 414
gûí v. *gûy*
gûi-î-á-bo 455, 881
gûi-ké(-á)-bo 890
gûi-t-ekó-bo 423
gûi-t-e-iké-bo 890
gûi-t-en-a 423
gûi-t-ú 423, 884
gûi-t-up-a 423, 885
gûy 448
gûym 471
gûyr-a 639
gûyr-i 178, 639, 642
gûyr-i-bé 178, 648
gûyr-i-gûan-a 179
gûyr-ok-a 372
hẽ! 45, 159, 1068
hẽ? 157, 1042
hẽ *(gûé* ou *gûi)* 32, 1068
i(-) pron. e pref. *58,* 76, 120, 200, *271, 291,* 319, 484, 916
-i prep. *638,* 836
-i neg. 13, *183,* 1006, 1107
-i conjug. sub. *555,* 1107
-i = î 28, 112, 120, 127, 183, 484
-i- 20, 113
-í dimin. v. *-ĩ*
-ĩ dimin. 102, 1107
-ĩ suf. verbal 205
-ĩ (*-eté mã*) 436, 437
iã 38, 69, 104
iang 69
-i-bé 648
ĩ-bé 889
i é 881, 1043
*ig** 3
i-î- 34, 36, 62, 299
iîá v. *îá*
iké 150, 395, 480, 890
ikó dem. 38, 69, 104, 493
ikó vb 284, *286,* 428, 886-888, 900, 1033

ikó-bé 283, 188, 886
ikó marã 887
ikó... -ramo 887
ikó-tebẽ 886
im-bé v. *ĩ-bé*
in 423, 428, 889, 900
in-bé 889
inimbó 247
in-îõ-te 889
ind-é 889
i-nh- 299
ipó 38, 982, 1044
ipy 348
irã 1028
irarõ 301
iré 621, 684
irõ 1057
irũ 62, 144
irũ-(na)mo 140, 144
irumõ 301
irun-dyk 212
isiĩ [*s*] 102
itá 1084
itó 449, 1192
ityk 301, 865, 892, 922
ixé 82, 271
iyr-a 253, 1190
iyr-aty 1191
-î- pref. pessoal 35, 36, 120, 290, 484
-î prep. 638, 836
-î neg. 183
-î- eufônico 34-36, 1183 exc. 4
î'- 507
îa- pref. 1.ª pl. 28 obs 3, 112, 271, 414
îa- pref. 3.ª p. 328
îá como 176, 382, 692, 986, 1025
îá ainda bem 434
îá um pouco de 751
îá costumar 839, 1030
îab-a 600, 897 n. 2
î-ab-a 897
îa-bé(-nhé) 176, 648, 692, 986
îabiõ 655, 692
îa-by 382, 839, 1025, 1030
îa-by(-no) mã 984
îaî-a [*îo-*] 326
îa-îá-bo 881
îa-îú 423, 884
îa-îup-a 423, 885
îa-katu(-'té)(-nhé) 176, 986
îanondé 682
îandé 18, 58, 59, 76, 271, 291, 419
îandu v. *nhandu*
îá'-ok-a 372
î'-ar-a 285
î-ar-a 881
îaramé(-'té) 982
îa-sûá(r-a)(-mo-n' aé)(-mo) 982
îasuk-a 1084
îasy 1205
-î-bé 648
îe- 28 obs 3, 288, 291, *294,* 314, 539, *578,* 625
îé 463
îe-ab-a 600, 897 n. 2
îe-aib-ok-a 372
î(e)-akasó 599
îe-byr-a 360 obs, 1030
îeí 150
î'-eîyî-a 599
î'-ekó-ab-ok-a 372
(îe-)koty-á-sab-a 1189
îe-kuakub-a 1084
îe-mo- 486
îé-mo-noong-a 288
î'-e-no- 506
îe-oî-a 898
îepé ainda que 306, 980
îepé pron. 293
îepé-mo 1020
îe-peé 399
îeperi-bé-ĩ 693
îepi 692
îe-potá-bé 360 obs, 1030
î'-e-ro- 506
î'-e-r-ur-é 284, 287
îe-tanong-a 326 n. 2
îetiper-a 1190
îe-upé 625
îe-upir-a 150
îo- recípr. *295,* 314, *558,* 624
îo- pron. obj. 28 obs 3, *122,* 291, *317,* 323, 411, 578, 629
îó 448, 1068
îo-asab-a 1084
îo-ausub-a 48
îor 195, 884
îor-í 195, 884
îo-s- 323, 326, 412

îo-upé 624
îú ptc 448, 1068
îú ger. 423, 884
î-ub 423, 428, 885, 900
î-ub-é 881
î-ub-ĩ 881
î-ub-îõ-te 881
îuká 36, 127, 283
î-u'-katu 881
î-up- 423, 885
î-up-ab-ok-a 372
î-ur 37, 195, 285, 423, 490, 884
îuru 1140
îurupari 1084
î-ut 37
îybá 1145
ká ptc 199, 1051
ká [*îo-*] 326
*kabará** 1087
*kabaru** 1087
kaẽ 483
kagû-ar-a 79
kaî-a 114, 334
kakar-a 514
*kamarar-a** 1087
kamb-y 21 c)
karaib-a 443, 1084
*kasian-a** 443, 1087
katu 92, 171, 284, 419, 1030
ké 208, 434, 463
ker-a 114, 334
kó 69, 210
kó-ipó 190
kõî-a 179
kok-a [*îo-*] 326
ko-n'ipó 190
kori 150, 1192
koromó 210
koty 137
koty-á'-sab-a 1189
koty-rung-a 547
koyr-i-bé 648
koyté 434
kuab-a 23
kuá-beeng-a 23
kuá-meeng-a 23
kub-a 428, 898
kub-é 898
kué 499
kuî-a 247
kuîá 247
kunumĩ 83
kunduru 42
kunhã 42
kupy-îur-ar-a 40
kuri 1192
kuri-'té-ĩ 206
kurumĩ 83
*kurusu** 1087
kutuk-a 531
kûá 195, 882
kûab-a 148
kûa-gûasu 106
kûãî 195, 882
kûar-a 106, 1206
kûarasy 129, 1206
kûé(î)(-a) 69
kûé(î)-bo 999
kûé(î)-pé 999
kûesé 150, 1192
kûesé-nhé-'ym-bé 648
ky 199, 1051
kyá 92
kybõ 131
kybyr-a 1190
kyĩ 1192
kynaĩ 1192
kyr-a 165, 1190 n. 6
kysyîé 40
kytĩ 400, 550
-'ma 803
mã 967
maẽ ptc 1068
maẽ vb 285
maenduar-a 95, 183, 193, 196, 284, 333, 816
main-an-a 210
mair-a 443, 1084
mamã-r-ok-a 372
mamó 161
man-a [*nho-*] 326
manem-a 862
manó 283, 395, 490, 895
manhan-a 1101
marã 162, 1066
marã? 162
marán-á'-bor-a 92
mará-ar-a 754
marã-bae? 161
marã îa-sûar-a-mo? 971

marã marã? 933 n. 7
marã mo-nhang-a 144
maran-a 155
marã-namo? 161
maran-a rí t-ekó-ar-a 1084
marã-neme? 161
maranungar-a 1189
marã ngatu 161
marã o-î-á-bo-pe? 572
marã-t-ekó 32
matu-eté 78
-me prep. 13, 140, 614
-me 679 v. *-reme*
meé(-mo) 947
meé-te-mo 950
meeng-a 284, 531
meeng-ab-a 1191
meĩ(-mo) (mã) 967
memé 434, 668, 692
memé-nhé 463
memé-te(-ne) 434
memé-t'ipó 434
membyr-a 42, 43, 1190, 1195
membyr-aty 1191
men-a 1191
men-ybyr-a 1191
men-ykeyr-a 1191
mend-ar-a 1084
mend-ub-a 43, 1191
mendy 43, 1191
mi- 28 obs, 773, 1032
miã 449, 1192
mi-apé 247
mi-ar-a 247, 779
mi-ausub-a 247, 780
mi-e- 781
mi-îuká 774
mim-a [*nho-*] 317, 326
mi-mo-e-mi- 789
mi-mõî-a 247, 784
mi-mbab-a 254, 267
mi-m(b)otar-a 779
mi-mbûaî-a 247, 779
mi-mby 249, 799, 783
mi-nduú 779
mi-ngaú 246, 779
mi-pan-a 28 obs 1
mirĩ 102
mi-tym-a 28 obs 1, 247, 783, 1084
mi-ú v. ***mbi-ú***
mi-uru 255
mi-xir-a v. ***mi-xyr-a***
mi-xyr-a 247
mo- 28 obs 3, 288, 302, *480*, 500, 519, 538, 545, 584, 960, 1107 III, 1031, 1112, 1113
-mo condic. 13, *941*, 1107
-mo optat. 13, *966*
-mo prep. 13, 203, 614
-mo ger. 400
-mo var. de *-ramo* 202
mo-á'-îub-a 483
mo-am-a 900
mo-ang-a 478
mo-ang-aub-a 478
mo-bok-a 478
mobyr 656
mobyr? 232, 656
mobyr-îõ 656
mo-em-a 247, 248, 852 obs 1
mo-e-m(b)i- 789
mo-e-mbi-ar-(i-)îar-a 796
mo-gûaî-a 550
mo-in-a 206, 900
mo-ingé 395, 490
mo-ingó 490, 887, 900
mo-îá'-ok-a 372
mo-îe- 486
mo-îe-mo- 486
mo-îepé 212
mo-kaẽ 483
mo-kõî(-a) 65, 212
mo-kong-a 28 obs 1
mo-kõ-nhó 671
mo-kuí 28 obs 3
mo-mi- 798
-mo mã 967
-mo-mo 941, 966
mo-mo-sem-a 491
mo-motar-a 489
mo-mbab-a 481
mo-mbaé-ú 498
mo-mbak-a 481
mo-mbeú 492, 1084
mo-mbor-a 150
mo-mbotar-a 489
mo-mbub-a 498
mo-mbuk-a 498
mo-mbûer-a 231
mo-mbytá 498

-mo-ne' 949
mo-noong-a 288
-mo-ndar-a 287
mo-ndeb-a 492
mo-ndok-a 481, 550, 927
mo-ndó'-mo-ndok-a 931
mo-ndorok-a 550
mo-ndó'-sok-a 927
mo-ndó'-só'-ndó'-sok-a 931
mo-ndyî-a 498
mo-ndy'-syk-a 927
mo-ndyk-a 927
mo-ng-a [*nho-*] 326
mo-ngaru 498
mo-ngatyrõ 490
mo-nger-a 481
mo-ngetá 287
mo-nguí 28 obs 3
mo-nguî-a 129
mo-nhang-a 388, 492, 531, 1084
mo-nhe- v. *mo-îe-*
mo-nhe-ang-epîak-a 584
mo-nhe-'rundyk-a 212
mo-pirá-kaẽ 483
mo-pi'-roy 483
mo-pó-gûasu 347
mo-pó-ĩ 347
mo-pó-îo-ybyr-a 347
mo-pó-kyryrĩ 347
mo-por-a 747
mo-pym-a 28 obs 1
mor- v. *moro-*
mo-ram-bûer-a 231
morang-a 862
mor-aseî-a 232
moro- 87, 351, *387, 724, 852,* 860, 872, 1107
moro-esé 605, 868
moro-upi 868
mor-ubixab-a 67
mor-upi 606
mo-sãî-a 28 obs 1
mosakar-a 1189
mo-sam-a 28 obs 1
mo-sapyr(-a) 37, 65, 212
mo-sapyt 37, 212
mo-sa-sãî-a 32
mo-su-sung-a 32
mo-sykyîé 395
mo-ting-a 28 obs 1
mo-tyb-a 842
mo-ub-a 885, 900
moxy 1049
mo-ytarõ 488
mũ 1189
mun-a [*nho-*] 326
mundar-a 287, 1189
mundé-rung-a 547
muru 1049
muru angab-a 207
myîapé 247
mymbab-a v. *mi-mbab-a*
(m)bab-a 801
mbaé 163, 380, 390, 417, 724, 852, *947*
mbaé? 161
mbaé-e-ro- 506
mbaé mbaé? 933 n. 7
mbaé-reme? 161
mbaé r-esé? 161
(m)bar-a 284
mbegûé 179
mbetar-a 248, 852 obs 1
mbi- 28 obs, *773,* 1031, 1107
mbi-ar-a 247, 267, 779
mbi-ausub-a 248, 779
mbi-ú 247, 779
mbo- 302, *480,* 485, 960
mbó 21, 212
mbo-ab-a 443
mbobyr 656 v. *mobyr*
mbo-é 287, 788, 881
mbo-kuí 28 obs 3
mboro- 87, 387 v. *moro-*
mbo-ur-a 490
mbo-y-ú 538
mburu v. *muru*
mby 852
mbyá 21
-n' 104 v. *-ne*
n' 183
na 183
nã 212, 1065
n'aé 38, 104
naĩ 1192
n'ak'amé 1068
n' akó 38, 104
n'am-a 217, 794
n'amé 524, 794, 1053
-namo 28 e), 406, 619

nambi 53, 1140
-ne afirm. *103,* 198, 199
-ne fut. 13, 38, *113,* 146, 193, 408, 566, 1107
neĩ 434
neĩ bé 210
-neme 28 e) v. *-reme*
n' iã 38, 104
n'ikó 38, 104
nimbó 247
ning 471
ning-ning 471
n'ip'aé 104
n'ipó 38, 104, 292, 1045
no- 28 obs 3, 30, 124, *500,* 579, 865, 1107 III, 1112, 1113
-no 146, 1107
no-in-a 900
no-mun-a 896
nong-a [*nho-*] 326
no-nhe- 584
no-sem-a 124, 501
no-tĩ 30
nungar-a 437
nupã 400
nd' 183 v. *nda*
nda 183, 1006, 1107
(n)dab-a 800, 801
nd' a-é-î teé 463, 845
nd' a-é roîá-î 570
nda... eym-i 1010
nda... eym-... ruã 1011
nda... -i 183, 1006
(n)dar-a 726
nda ...ruã 184, 1006
nda s-aub-i 576
nde 58, 76, 271, 419
ndí 144
ndi-bé 144, 648
nd' i por-i 495, 746
nd' i tyb-i 549, 842
(n)dûar-a 835
(n)dûer-a 838
ngatu 28 b)
ngoty 137
-nh- 36, 299
nha- 28 obs 3, 112, 271
nhaẽ 56, 150, 247
nhãî-a 142
nhan-a 114, 283
nhandé 28 58, 291
nhand-é 22
nhandu 208, 434, 1052
nhang-a [*nho-*] 326
nhang-a 1110 obs 1
nharõ 285
nhauum-a 21 c), 247
nhe- 28 obs 3, 294, 539, 578, 786
nhé 205, 463, 1030, 1058
nhe-ang-epîak-a 584
nhe-ang-ú 286, 584
nheeng-a 114, 285, 1145
nheeng-eym-a 131
nheeng-ú 131
nhe-mi- 786
nhe-mo-e-mi- 789
nhe(-mo)-e-mbi-ar(-i)-îar-a 796
nhe-mo-m(b)i- 786
nhe-mo-saraî-a 786
nhe-mo-yrõ 48
nhe-mũ 1189
nhe-no-mun-a 896
nhe-ran-a 286
nhe-ran-eym-a 92
nho- pron. obj. 28 obs 3, *122, 317,* 326
nho- refl. 295, 578
nhó 190
nh'-okendab-a 326 n. 2, 552
nho-s- 323, 326, 412
nhó-te 190
nhũ 65, 217
nh'-upá'-tĩ 326 n. 2
nhyã 65
nhyrõ 287
o- pref. vb 112, 271, 340, 414, 419
o refl. 58, 60, 238, 316, 319, 586, 916
ó [*îo-*] 326, 399
obá [*t*] 1140
obáî(-a) [*t*] 639
obá-îar-a [*t*] 129, 1191
obáké [*t*] 608
obá-ok-a [*s*] 372
obá-'sab-a [*s*] 17, 1084
oby [*t*] 50, 89, 183, 284, 339, 420
*ogo-** 238, 240
og(û)- 238, 240, 316, 420
o-gûe-pynõ 894
og-u'-me 885
oirã 150

oirandé 1211
oî-a 898
o-î-á-bo 455, 881
oîeí 150, 1211
oîepé 65, 212, 215, 669
o-îe-irundyk(-a) 212
o-îo- 592
o-îo-irundyk(-a) 212
o-îo-upé 916
o-îo-upé-upé 933
ok-a casa 21 c), 250
ok-a [*îo-*] 317, 326, 372, 441, 531
oken-a 250
okend-ab-a 250, 372, 552
okend-ab-ok-a 372, 552
o-nho- 592
oó [*t*] 97, 1201
o-pá(b) 664
o-pab-ẽ(-nhé)(-ngatu) 664
o-pab-ĩ(-nhé)(-ngatu) 664
o-pá-katu 179
o-pá kó mbó 212
opo- 291, 296, 314, 409, 505
oré 58, 76, 271, 291. 419
oro- subj. 112, 271, 291, 296, 314, 414
oro- obj. 409, 505
oro-î-á-bo 455, 881
oro-îú 423, 884
oryb-a [*t*] 1084
oryb-eté ... mã [*s*] 972
osang-a [*t*] 48
o-ú 423, 884
o-up-a 423, 885
p' 38
pá sim 44, 656, 1068
pá determ. 199, 1051
pá(b) 334, 660, 665
pab-a 114
pab-ẽ (-gatu) v. *pá(b)*
p' aé 38
paí 449, 1192
pak-a 114, 414
p'akó 38
pan-a [*nho-*] 326
panakũ 247
panem-a 49, 54
papar-a 934
pará 107
parab-ok-a 372
paranã 53, 107
par-ĩ 129
pe- pref. vb 112, 193, 271, 291, 414, 419
-pe determ. 199
-pe locat. 13, 38, *140,* 203, 640, 643, 820, 836, 985
-pe poss. 29, *58*, 239, 271
-pe? 157, 663, 941, 1042, 1107
pé ptc 985, 1012
pé [*îo-*] 326
pé casca 161, 167, 344, 345
pé caminho 252
*-pe-bé** 691
pé-é 1012
peẽ 76, 82
peĩ vb 434, 449
peĩ vocat. 1192
pe-î-á-bo 455, 881
pe-î-é 455
peîepé 293
pe-îor(-i) 195, 884
pe-îú 423, 884
pe-ká 345
pem-a [*nho-*] 326
peneĩ 434
peng-a 1190
peng-aty 1191
pé-ok-a 345, 372
pepek-a 934
pé-pó 152, 345
*pereru** 1087
*peró** 443, 735, 1087
pesẽ-õ(ng-a) 372
pé-sym-a 345
pe-té(-pe)-umé 434
peum-a 1191
pé-ypy 829
pi [*îo-*] 234, 326
piá 206, 449, 1192
p' iã 38
piá-ĩ 449
pik-a 1030
p' ikó 38
pin-a [*îo-*] 326, 550, 928
pinim-a 56, 1148
pipin-a 928
p' ipó 38
pi-pó-ká 1147
pi-pó-mong-a 1147

pir-a 1140, 1147
pirá-kaé 483
pir-aku'-bor-a 1147
pirang-a 114, 1148
pirá r-esá 1142
pirian-á 1148
pi'-ring-a 1147
pir-ok-a 372
pi'-roy 483, 1147
pir-yaî-a 1147
pitang-a 102, 1148
pi-ting-a 1147
pitub-a 1148
pixam-a 1148
pixé 1148
pi-xyb-a 1147
pîar-a [*îo-*] 326
piar-a 252, 635
pîar-amo 635
po'- 386 v. *poro-*
pó mão 1107, 1140
pó quase-pref. 344, 347
pó-ã 65
pó-atá 347
pó-'ban-a 347
pó-bebé 347
pó-epyk-a 286
pó-gûasu 347
po-î 347
pó-ir-a 284
poî-a [*îo-*] 326
pó-ká 347
pó-mo-mbyk-a 347
pó-mong-a 56
pó-peb-a 347
popor-a 134
por- 283, 386
por-a 700, *738,* 910, 1107
por-abyky 139, 388
por-apîti 386
por-bae 748
por-andub-a 161
por-ausub-a 783
por-epy-an-a 286
poro- 87, 351, *380, 385,* 417, 487, 596, 724, 873
poro-(gû)e-no- 506
poru(gû)e-ro- 506
por-ok-a 372
poro-mo- 487
poro-mo-îe- 487
poro-mo-îe-mo- 487
poro-mo-nhang-a 388
poro-pysyk-a 388
por-ú 284, 386
por-upi 650
po'-sé 650
po'-sub-a 386
po'-suban-a 386
potar-a 120, 284, 489
poti 893
potyr-a 165, 167
pó-ungá 347
poxy 93
puam-a 206, 286
puku 53, 638
puku-î 638, 689, 691
pun-a [*nho-*] 326
pupé 138, 662, 836
pupur-a 934
putu 1145
putu-ẽ 33
putu-ur-a 33, 193
pûaî-a [*îo-*] 317, 326, 523
pûan-a [*nho-*] 326
pûar-a [*îo-*] 326
pûer-a 216, 334, 1107
pûer-am-a 223
py [*îo-*] 326
py pé 344, 1107, 1140
py fundo 348
pyá 21, 1140, 1144
py-eî-a 348
py-gûasu 348
pyk-a [*îo-*] 326
pyku-îur-ar-a 40
py-kûab-a 232
pykyyr-a 1190
pynõ 894
py-pirar-a 348
pyr-a sb 639
pyr-a suf. *756,* 906, 1032
pyr-i 639, 642
py-rung-a 547
pyryb(-ĩ) ou *(-îõ-te)* 174
py-sã 41
py-sá-pem-a 32, 41
pysyk-a 193, 196, 292, 388, 409
pyter-a 346, 639
pytu v. *putu*

py-tybyr-ok-a 348
r- v. *r-(o)*
r- 89, 238, 239, 311
rá 38, 103, 208, 1068
r-á 89
rab-a [*îo-*] 317, 326
r' aé 38, 104, 954, 1019, 1043
r'ak'aé 38, 104
r'akó 38, 104
ram-a 216, 334, 1107
rameĩ 437
rameĩ-bé 436
ram îaramé 982
-ramo prep. 13, *619,* 791, 821, 836, 1033
-ramo ger. 13, *406,* 570
ram-bûer-a 223, 230
ran-a 10, 172
ranhé 210, 466, 683, 820
r-ar-a 891
raré 208, 1068
r-ar-i 891
ra-só 129, 413, 502
r-aú 192, 1048
r-e- 504 v. *r-*
ré 621, 684
reá 44, 191, 1019, 1044, 1068
reĩ 44, 191, 1019, 1044, 1068
r-e-ityk(-a) 892
r-ekó ter *124, 353, 502,* 782, 886, 900
r-ekó v. *ekó*
rem-a 31, 114
-remé 13, *679,* 836, 957, 985, 1012
-reme-bé 648, 689, 691
-reme-mo 944
r-esé v. *esé*
ri prep. *139,* 238 obs, *620,* 819, 936
ri ptc 1068
riré 621, 684, 691
riré-bé 621, 648
riré-mo 944
r(o)- 28 obs 3, 30, 124, 385, 390, 413, *500,* 579, 584, 781, 865, 960, 1031, 1107 III, 1112, 1113
rõ 199
*rõ** 1176
ro-am-a 900
rob-a 96
ro-bak-a 137
ro-bîar-a 502
ro-iké 500
roiré 621, 684
ro-îe- 584
ro-îyb-a 287
ro-kub-a 900
ro-nhe- 584
ro-nhe-ang-ú 584
ro-pytá 500
*rorẽ** 1087
ro-sem-a 501
ro-tĩ 30
ro-ub-a 885, 900
ro-ur-a 884
roy 56, 1204
ruã 184, 434, 1007
ruã? 1015
r-ub-a 502, 885, 900
r-u'-î 885
r-u'-me 885
rumby 434
rung-a 547, 897
r-upi v. *upi*
r-ur-a 502, 884
r-ur-i 884
r-ur-í 884
ruru 934
ryryî-a 934
s- pron. e pref. 89, 121, 238, 271, 291, 310, 854, 869
s- pref. de cl. *236,* 338, 342, 343, 604, *852,* 869
sá 257, 852 obs 1
(s)ab-a suf. 337, 371, 400, 426, 647, 700, *798,* 858, 906, 981, 987, 1095, 1107
sabeypor-a 1143
*sabo** 400
(s)ag- 798
(s)ag-ûam-a 805
(s)ag-ûer-a 805
saî 928
sam-a 62, 264
*sapatu** 1087
(s)á'-pe 820
(s)á'-pe ranhé 820
(s)á'-pe umã 820 n. 5
sapukaî-a 1143
sapyá 1143
(s)ar-a 86, 709, *720,* 906, 1107
sar-a = *sûar-a* 833, 1107

*saraûaî-a** 1087
sasãî-a 928
(s)á'-tyb-a 841
s-e- 774, 853
sé! 188
sé-gûé 1068
seixu 1204
seî-a 897 n. 2
sem-a 114, 263, 599
s-e-m(b)i- 700, 773
serã 1044, *1045,* 1047
serã? 157, 160, 1042
serã-mo-n' aé(-mo) 982
s-e-ro- 508
s-esé v. *esé*
só 114, 195, 285, 334, 882
sok-a [*îo-*] 320, 324, 326, 411
soó 85, 395
sosé 174, 611
sub-a [*îo-*] 317, 324, 326
suban-a 303, 1035
sugû-á-bo 397
sugûaraîy 264
suí 134, 174, 610, 612
*suí-bé** 691
sumarã 264
supé 136, 203, 516, 613, 836
s-upi 188, 606, 868 v. *upi*
s-upi-katu 188
susuá 264
susung-a 928
suú 234, 397
sûar-a 700, 833, 910, 1107
sûé(r) 436
sûer-a 700, 838, 910, 1107
sûer(-ã) 1030
sy 62, 264, 1190
syb-a [*îo-*] 325, 326
syî-a 498
syk-a 28 d), 263
sykyîé 40, 285, 395
sym-a 51, 90, 346
syryk-a 28 d), 283
sy-yr-a 264, 1190
t' v. *ta*
t- pref. de cl. *236,* 338, 342, 343, 604, *852*
t- pron. 240, 855, 870
ta 196, 200, 1067
tá 891
taá 499, 1192
tab-a suf. 801
t' aé 38
tagûaib-a 259
tak 471
t'akó 38
taigaib-a 51, 90
taî-a 262
taîaob-a 260
takûar-a 260
tang 1192
tapé 449, 1192
taper-a 259
tapiá 449, 1192
tapuî-a 259
tapyî-a 259
tapyyî-a 259
t-ar-a 891
tar-a suf. 727
t-ar-i 891
tatak-a sb 259
tatak-a vb 52, 259, 263, 471
taté 258, 374, 609
taté-é 374, 609
taté-nhé 374, 609
tatobapy 829
taty 1191
taûpé 449, 1192
t-e- 774, 853
-te 13, 38, 158
-té mas 13, 188
-te para que 13, 198, 981
-te é que 13, 38, 949, 1067
té 434
tebir-a 259
teé 463
'té-ĩ... mã 974
t' e-í nhé 434
té-ipó 434
t' e-í tenhé umé 434
tek 471
'té-katu (nhé)(-'té)(-ĩ) 171, 973
tekó-araib-a 259
tekó-araí'-bor-a 259
tekó-kuab-a 258, 260
-te-mo 967
-te-mo mã 967
-te-mo-né 949, 967
t-e-m(b)i- 773, 906
ten 471

te-ne 434
te-nhé 434, 464, 1030
tenhéa 259, 260
t-e-no- 508
t-e-ro- 508
tetiruã 667
té-umé 434
ti 1068
tĩ [*îo-*] 326
tĩ 65, 150, 259, 1145
t' ikó 38
tining-a 51, 56, 90
ting-a branco 51, 90, 262
ting-a enjoativo 51, 90, 262
t' ipó 38
tiruã 232
tiruã-mo 980, 1020
titó 449, 1192
t' îá 201
tó 975
toĩ 449, 1192
tubyr-a 259
t-ú-î 885
tuî-bae 51, 90
tuîá-bae 51, 90, 259
tunhá-bae 51, 90, 259
tupã 32, 259, 1084
tupã mo-ngetá 1084
tupan-a 1084
tupã r-ar-a 1084
tupã sy 1084
t-ur-a 884
t-ur-i 884
tutuk-a 52, 259
tutyr-a 258, 1190
ty 259
tyarõ 52, 165, 1176
tyb-a 259, *378*, 700, *841*, 1107
tybyr-a v. *tubyr-a*
tybyr-ok-a 372
tybytab-a 259
tyk 471
tykyr-a 28 c), 259, 263
tym-a [*nho-*] 326, 411
tymã 247, 248, 852 obs 1
typyrõ 28 c), 1176
tyr-a 259, 456
tyrá 259
ty'-rung-a 547
tytuk-a 52, 259, 934
ro-otar-a 562
ú comer 126, 397, 883
ú ger. 423
ub-a [*t, t*] sb 21 d), 43, 241, 1190, 1199
ub-a [*t, t*] vb 885
ubã-r-ok-a 372
ub-i [*t*] 885
ubixab-a [*t*] 106, 242
ub-yr-a 1190 n. 2
ugûaî-a [*t*] 245
ú-î [*t*] 885
uí 154, 1201
uĩ 69
ũî-a [*nho-s-*] 323, 326
ukar-a 516, 582, 1031, 1107
ukeí 1191
umã 169, 465, 948, 1029
umá? 32
umã? 32
umã-bae? 163
ú'-me 885
umé 193, 196, 1006
umûã 33, 465
umûan-ĩ 465
up vb 423, 885
up vocat. 21 d), 446
u'-pá'-rung-a 547
upé 613, 624, 625
upi [*s*] 135, 606, 836
upi-bé [*s*] 606, 648, 688
upir-a 531
ur-a [*t*] 884
ur-i 884
uru [*s*] 255
ur-usu [*t*] 91, 99, 672
u'-sab-a [*t*] 884
u'-sar-a [*t*] 884
ú-seî-a 897 n. 2
usu 100, 1107
uub-a v. *uyb-a*
uyb-a 122, 206, 251
-û 13, 555, 1107
ûam-a 218
ûer-a 218
-x- 200
xam-a 62
xe 58, 76, 271, 419
xe á 449, 1192
xe pó 212
xe pó xe py 212

x'iá 201
xó v. *xó-é-ne*
xó(-é)-ne 186, 941, 966
xok-a 320
xuban-a 19, 303
xuí 19 v. *suí*
xupé 19
xy 19, 62
y fonema 4, 33, 1096, 1109
y água 49, 107, 241, 1201
y [*t, t*] 241
y-aiba 241 obs 3
yapir-a [*t*] 244
yb-a 166
ybá 166
ybak-a 1084
ybaté 148
ybõ 34, 36
ybotyr-a 167
ybyr-a 639
ybyr-a [*t, t*] 241, 1190
ybyrá 56, 166
ybyr-aty 119
ybyr-i 639, 642
ybytyr-a 241 obs 4
y-ekó-ab-a 81
ygapem-a 3, 129
ygapenung-a 3, 241
ygapó 3
ygá-pukuî-a 3
ygar-a 3, 59
yg 3
y(g)é 3
y-gûasu 107
y-katu 241 obs 3
yker-a [*t, t*] 241, 1190
ykeyr-a [*t, t*] 40, 241, 1190
yku [*t, t*] 241
ykyyr-a v. *ykeyr-a*
ymã 169, 464, 948
yman-i 465
ymé 194
ymûã 33, 465
ymûan-i 465
ynysem-a [*t, t*] 56, 91
ypé 167
ypek-a 46
ypy 34, 213, 551
ypy [*t, t*] fundo 241, 348
ypyr-a 639
ypyr-i 639
ypy-rung-a 547
ytab-a 114
ytarõ 301, 488, 1176
y-ú 284
ŷ fonema 5, 1157

ÍNDICE DAS GRAVURAS

Aldeia tupi, com suas casas, praça e dupla cêrca — STADEN ..... capa
Família tupi — LÉRY 8
Dança dos caraíbas — DE BRY 26
Acampamento de expedição guerreira — DE BRY 70
Fabricação do fogo — STADEN 77
Ataque a uma aldeia, e sua defesa — DE BRY 90
Colheita da mandioca — STADEN 97
Guerreiros, adornados e armados — STADEN 106
Preparação do cauim — THEVET 136
Reunião do conselho — STADEN 147
Pesca à flecha e à mão — STADEN 152
Aldeia e cenas da vida tupi — DE BRY 167
Batalha naval — STADEN 178
Prisioneiros conduzidos. Execução e consumação — DE BRY 195
Guerrilhas às margens de um rio — STADEN 218
Grande festa. Cauim e dança — STADEN 224
Pinta-se o prisioneiro e a *ybyrapema* — STADEN 245
Grande festa. Cauim e dança — THEVET 258
Preparação do cauim — STADEN 271
Saudação lacrimosa — THEVET 287
Fases de um sacrifício de prisioneiro — STADEN 302
Sacrifício de um prisioneiro — THEVET 318
Pesca à flecha e com rêde, em barragem — STADEN 344
Preparação do repasto sacrifical — DE BRY 352
Tratamento de um doente — THEVET 364
Sepultamento — DE BRY 409
Sepultamento — THEVET 380
O corpo do prisioneiro é moqueado — STADEN 328
Consumação da vítima — STADEN 451

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org

ÍNDICE GERAL

PREFÁCIO 9
ABREVIATURAS 25

Lição 1.ª § 1-11

Leitura 27

Lição 2.ª § 12-14

Acento 33

Lição 3.ª § 15-40

Metaplasmos 35

Lição 4.ª § 41-48

Substantivos 43
Gêneros 43
Números 43
Substantivos abstratos 46

Lição 5.ª § 49-57

Qualificativos 47

Lição 6.ª § 58-68

Possessivos 50

Lição 7.ª § 69-77

Demonstrativos 54
Pronomes pessoais 58

Lição 8.ª § 78-98

Verbos predicativos 60

Lição 9.ª § 99-100

Graus do substantivo 62
Partículas expletivas 63

Lição 10.ª § 111-132

Verbos 65
Ordem das orações simples .. 66
Pronomes objetivos 68

Lição 11.ª § 133-151

Preposições 72
Conectivos 75

Lição 12.ª § 125-170

Genitivo 78
Interrogativos 79

Lição 13.ª § 171-182

Graus do adjetivo 83

Lição 14.ª § 183-192

Conjugação negativa 87

Lição 15.ª § 193-211

Imperativo 91
Permissivo 92
Pronomes oblíquos indiretos 94
É ou *aé* 94
Nhé e *ĩ* 95

Lição 16.ª § 212-235

Numerais 99
Tempos do substantivo 100

Lição 17.ª § 236-270

Genitivos e possessivos irregulares 107
T ou *s* iniciais temáticos .. 112

Lição 18.ª § 271-281

Pronomes pessoais 117

Lição 19.ª § 282-289

Classificação dos verbos .. 121

Lição 20.ª § 290-309

Pronomes objetivos 125

Lição 21.ª § 310-331

Pronomes objetivos 130

Lição 22.ª § 332-341

Infinitivo 137
ARAÚJO — *Obras de Misericórdia* 140

Lição 23.ª § 342-358
Apôsto 142
Nomes classificatórios 143
Verbo "ter" 144
Verbos predicativos 145

Lição 24.ª § 359-377
Infinitivo objetivo 148
Verbos compostos de *ok* .. 151

Lição 25.ª § 378-392
Coletivos 154
Prefixos de classe 154

Lição 26.ª § 393-424
Gerúndio 158

Lição 27.ª § 425-440
Sintaxe do gerúndio 168

Lição 28.ª § 441-454
Nomes próprios 174
Vocativo 176

Lição 29.ª § 455-479
Verbo *é* "dizer" 180
Aub 188

Lição 30.ª § 480-499
Verbos causativos (*mo-* ou *mbo-*) 190

Lição 31.ª § 500-515
Verbos causativos-comitativos (*ro-* ou *no-*) 196

Lição 32.ª § 516-527
Verbos causativos (*ukar*) .. 201

Lição 33.ª § 528-553
Objeto direto incorporado .. 205
Sujeito incorporado 208

Lição 34.ª § 554-577
Conjugação subordinada 212

Lição 35.ª § 578-603
Reflexivo e recíproco 219

Lição 36.ª § 604-637
Preposições 227

Lição 37.ª § 638-653
Preposições 236
Bé ou *abé* 238

Lição 38.ª § 654-677
Indefinidos 241

Lição 39.ª § 678-699
Subordinativas temporais .. 248

Lição 40.ª § 700-719
Particípio *-bae* 254

Lição 41.ª § 720-737
Particípio (*s*)*ara* 259

Lição 42.ª § 738-755
Particípios *bora* e *pora* 264

Lição 43.ª § 756-772
Particípios *pyra* 268

Lição 44.ª § 773-797
Particípio *mi-* ou *mbi-* 272

Lição 45.ª § 798-832
Particípio (*s*)*aba* 279

Lição 46.ª § 833-846
Particípio *sûara* 288
Particípio *sûera* 291
Particípio *tyba* 291

Lição 47.ª § 847-878
Índices de classes 294
VALENTE — Ao Anjo *Guarda* 303

Lição 48.ª § 879-904
Verbos irregulares 304
Verbos defectivos 309
Verbos exclusivos do plural 310
VALENTE — *Ao SSmo. Sacramento* 311

Lição 49.ª § 905-923
Pronomes relativos 313

Lição 50.ª § 924-940
Reduplicação 319
ARAÚJO — *Em casa de Caifás* 327

Lição 51.ª § 941-965
Condicional .....—..... 329
ARAÚJO — *Antes da absolvição* 332
Locuções gerundivas 333
Gerúndio expletivo 334
ARAÚJO — *Em casa de Caifás* (cont.) 335

Lição 52.ª § 966-979
Optativo 337
ANCHIETA — *Dança de dez meninos* 340

Lição 53.ª § 980-992
Orações subordinadas 341
ANCHIETA — *A Nossa Senhora* 345

Lição 54.ª § 993-1005
Advérbios 347
ARAÚJO — *Antes da absolvição* (cont.) .. 351

Lição 55.ª § 1006-1017
Conjugação negativa 353
ANCHIETA — *Dança da procissão* 356

Lição 56.ª § 1018-1040
Categorias verbais 358
ANCHIETA — *A Nossa Senhora* (em Reritiba) 365
ARAÚJO — *O Juízo Universal* 365

Lição 57.ª § 1041-1069
Partículas 367
A linguagem dos homens e a das mulheres 374
ARAÚJO — *O Juízo Universal* (cont.) .. 375

Lição 58.ª § 1070-1081
Períodos 376
Afirmativas indiretas 376
ARAÚJO — *Antes da absolvição* (cont.) .. 380

Lição 59.ª § 1082-1104
O tupi colonial 382
BETTENDORFF — *Instrução para o batismo* 388
AUTOR DESCONHECIDO — *Cantigas* 390

Lição 60.ª § 1105-1148
Estrutura das palavras 392
Classificação das palavras 396
Divisão das palavras 397
Posição, composição, derivação 398
Expressões concretas 404
ARAÚJO — *Novíssimos do homem* 407

Lição 61.ª § 1149-1186
Fonologia 410
ANCHIETA — *Monólogo de Guaixará* 419

Lição 62.ª § 1187-1196
Nomenclatura de parentescos 421
ARAÚJO — *Impedimentos matrimoniais* .. 431

Lição 63.ª § 1197-1211
Língua e cultura tupis 436
EDIÇÕES CITADAS 442
ÍNDICE DE ASSUNTOS 452
ÍNDICE DE PALAVRAS E AFIXOS TUPIS 458
ÍNDICE DAS GRAVURAS 475
ÍNDICE GERAL 477

★

ÊSTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DA EMPRÊSA GRÁFICA DA "REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA., À RUA CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO PAULO, EM 1956.

★